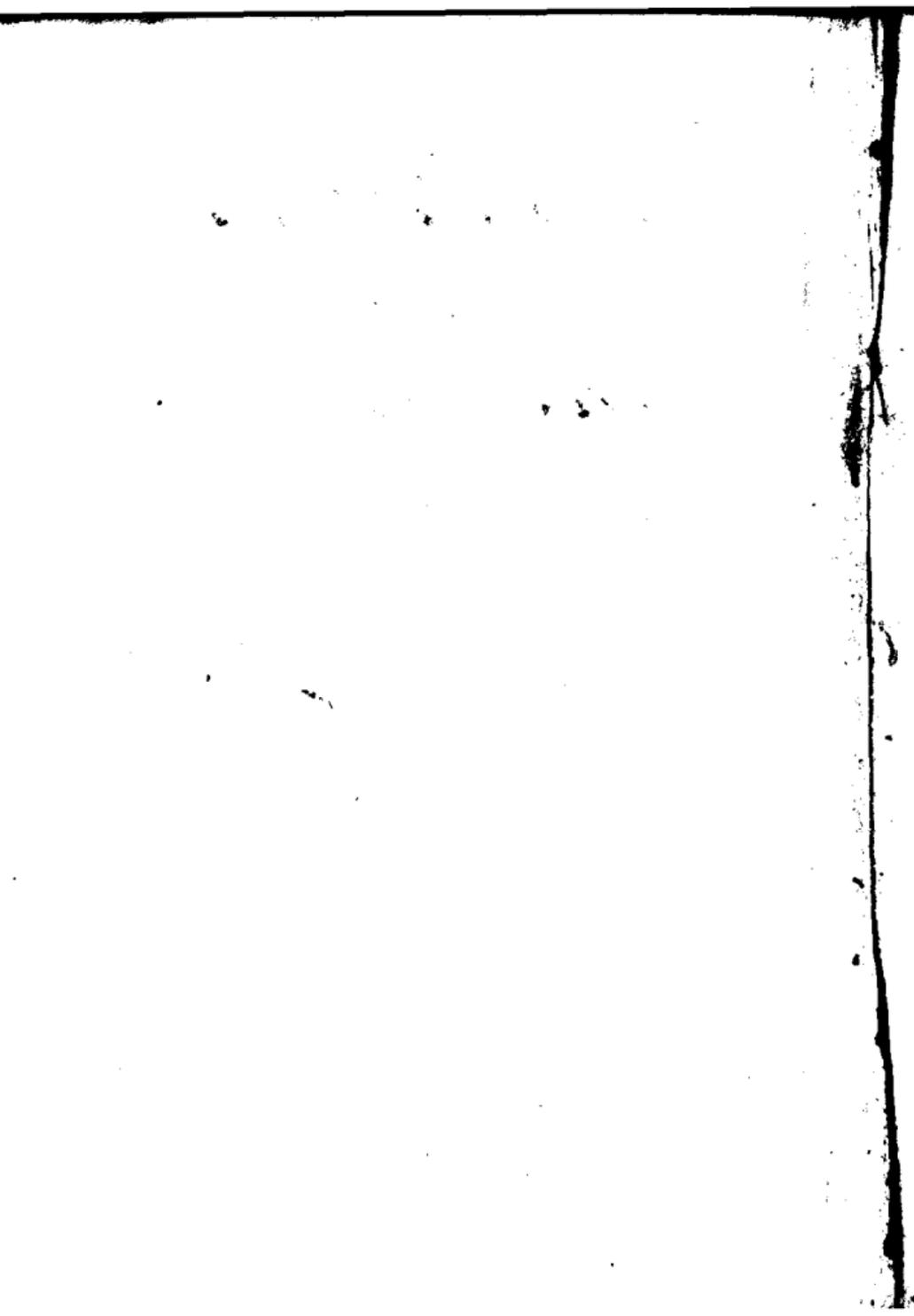


Thesouro
de
Merinas.

Tomo 1.^o
(partes 1.^a e 2.^a)

Nota - Vide frontispicio
Tomo 1.^o



ILL.^{ma} E EXC.^{ma} SENHORA.

A Estimação, que o Público faz dos Dialogos de Madama Leprince, e a utilidade; que me persuadi faria á mocidade Portugueza, que ignora o idioma, em que elles se compuzerão, se os vertesse na nossa lingua; me movérão a fazer esta traducção, que tomo a liberdade de offerer a V. EXCELLENCIA. Não duvidaria eu da sua boa acceitação, se me pudesse capacitar que ella havia de merecer a V. EXCELLENCIA o mesmo apuro, que lhe deve o Original; mas como não fiz mais do que pôr os mesmos pensamentos de Leprince em outra lin-

gua, e me esforcei para fazello com toda aquella energia que pude, espero que não seja a diversidade do idioma a que faça para com V. EXCELLENCIA menos preciosa a traducção. ✧

Antes sendo V. EXCELLENCIA a primeira, que mais se interessa, e deseja ver nas primeiras idades aquella ingenua, e nobre educação, que deve acompanhar os seus innocentes costumes, e que he capaz de fazer-lhes perder, logo depois das mantilhas, todas as más inclinações, e dirigillas de tal modo, que a Patria se glorée de havellas produzido no seu gremio;

facilmente me convengo de que este meu trabalho haja de merecer a sua condescendencia, e approvação. Eu não vejo, e V. EXCELLENCIA não achará inverosimil este meu principio, que até agora apparecesse no nosso Continente alguma Obra Portugueza, que haja de supprir a falta destes Dialogos de Madama Leprince, e que seja mais propria para por ella aprenderem os meninos a ler, tanto pelo interesse da materia, como pelo seu agradavel, e pela simplicidade do estilo. †

Nem necessito trazer prolixas provas

para estabelecer o que affirmo ; pois quando eu não fallasse a huma Pessoa , que tendo hum tão distincto conhecimento , tanto da lingua Franceza , como da Portugueza , se acha ha muito tempo prevenida do que diz Leprince , como V. EXCELLENCIA , não tinha mais que mostrar-lhe o projecto da Obra , para convencella da que digo. Por isso he que , sem algum receia , me posso já chamar ditoso , por ter dedicado a V. EXCELLENCIA este Thesouro de Meninas ; e além de me persuadir que a mesma Authora me invejaria a sorte , tambem me-

posso prometter os felices effeitos , que
erão de ser proveitoso aos meus innocen-
tes , e ainda tenros patricios. †

Sim , **EXCELLENTISSIMA SE-
NHORA** , esta verdade cada vez mais
se me confirma , quando ólho para as sin-
gulares virtudes de **V. EXCELLEN-
CIA** ; quando vejo que , sendo **V. EX-
CELLENCIA** o esplendor da Alema-
nha pela nobreza , e gloria immortal da
sua antiga Familia , não deslustra , antes
confirma estas superiores qualidades , que
tanto fazem que os homens se esqueção
de si proprios. E sem ser a humanidade

a única, sendo a maior de suas virtudes; eu me recreio de ver a V. EXCELLEN-
CIA na grandeza, e no poder, sempre
com agradável semblante para todos,
sem pôr outra differença entre grandes,
e pequenos mais do que aquella, que pre-
screve a ordem, e a decorosa urbanidade.

E não he este hum forte motivo, pa-
ra que eu haja de ter favoravel, e espe-
rar receba este meu fraco monumento de
obsequio, e gratidão, aquella que tão bem
sabe observar a virtude da benevolencia?
Isso seria, EXCELLENTISSIMA
SENHORA, querer desmentir o Públi-

co, que a altas vozes confessa tanto agrado, tanta humanidade, da qual eu não menos participo, e tenha hum ardente desejo de mostrar que sou,

EXCELLENTISSIMA SENHORA,

DE V. EXCELLENCIA

Capellão, e servo obsequioso

Joaquim Ignacio de Frias.



PROLOGO

DO TRADUCTOR.

O Conhecimento , que tem todas as pessoas , que cuidão na educação da mocidade , de que huma Obra , que se encaminhasse a inspirar a virtude , e a esclarecer o espirito da gente moça , seria a mais util , que se pudesse fazer para bem do Estado , e para dar-lhe , em huma tenra idade , Cidadãos illustres , he que me obrigou a fazer a traducção deste pequeno livro. Muitas cousas me occorrêrão , e serão capazes de frustrar o meu intento , se me não instigasse o amor da minha Patria e dos meus pequenos , e innocentes concidadãos , a dar-lhes na propria lingua o que foi feito para utilidade de outra Nação , que não mendiga tanto este soccorro como a nossa ; porque o ver a pouca estimação , que entre nós tem as traducções das linguas vulgares , e ainda das mortas ; a displicencia , com que as olhão aquelles ,

misturado sempre o util com o agradável.

Isto he o que ella fez com muito acerto; pois entrelaçando os contos mo-raes com a Historia Sagrada, a Fabula, e a Geografia, veio por este meio a entreter as suas discipulas, a fazellas dóceis, obedientes, virtuosas; a dar-lhes hum glorioso desejo de saber, e a instruilas. Todos sabem quanto os contos e Fadas, ou Magicas, encantão os meninos, de sorte que se em hum dia todo os quizerem ter prezos, não he preciso mais do que dizer-lhes, que se lhes quer repetir hum conto. Eu bem sei que o uso destes podia ser nocivo, se Madama Leprince não ensinasse a suas discipulas, e por consequencia aos que quizerem aproveitar-se deste trabalho, a differença que ha do conto á Fabula, e desta á Historia; com o que ficão os meninos capacitados que hum conto he huma cousa fingida, para entreter a gente moça, sem que lhes possa sobrevir o mesmo damno, que dos contos das Amas, que só servem de pertur-

bar-lhes a imaginação, e fazer-lhes conceber medo de cousas, que de si são indifferentes.

Não he sómente o fruto, que se tira destes contos, o de engodar os meninos com o seu agradavel, mas de lhes fazer crear horror ao vicio, e áquellas accções, que nelles se lhes fizer olhar como más, e aos mesmos sujeitos, que as commetterão, fazendo-lhes ao mesmo tempo amar a virtude, perder os máos hábitos, e despir os prejuizos, que bebêrão com o leite. As mesmas reflexões lhes faz Leprince fazer sobre a Fabula, e a Historia; introduzindo, sempre que acha occasião, nos seus Dialogos a Moral mais pura, e a Dialectica mais regular. Neste pequeno livro achão os meninos os mais sólidos principios para viverem christã, e civilmente, sem hypocrisia, e fanatismo. Aprendem nelle a conhecer a Deos, e os seus attributos; o amor, que lhe devem, e ao proximo; a obediencia, e respeito aos Pais, Reis, e Superiores; as relativas obrigações, que prescreve o Direito Natural, tanto

para com os que lhes são superiores ; como para com os que lhes estão sujeitos ; e isto não com razões metafysicas, mas por factos certos, e tirados da Historia Sagrada. Ensina este precioso livro aos meninos a darem liberdade aos seus discursos, e a reflectir rectamente ; e como nós naquellas idades fazemos mil perguntas, nascidas da nossa admiração, estas mesmas se achão nestes Dialogos com aquella simplicidade, e singeleza, que produz o pouco uso do Mundo ; e como Madama Leprince sabia que hum menino póde saber muito, se se lhe responde a tempo, e sabiamente, não deixa alguma pergunta sem a resposta natural, e clara.

He superfluo prolongar mais o discurso, para mostrar a utilidade desta Obra: basta dizer-se que he hum livro o mais proprio, que se tem feito para as primeiras Escolas ; e ainda que haja outros muitos para o mesmo fim, não contém os principios, que neste se achão ; porque ha huns, que só tratão dos principios da nossa Religião ; outros,

que contém alguns factos da Historia Antiga ; outros da Sagrada ; porém nenhum , que ao mesmo tempo inclua a Historia da nossa crença , e a analyse , a fabula , e a Geografia ; misturando-lhe , além dos contos Moraes , vária noticia da antiguidade , e o conhecimento de muitos phenomenos ; e causas fysicas ; que tire os prejuizos da infancia , que faça discurrir livremente os meninos ; que lhes interne mais no coração o amor da Divindade ; o aborrecimento ao vicio , o respeito dos Pais , e Superiores , a humanidade para com os subalternos ; e que em fim mais ensine aos meninos a serem Cidadãos honrados , e Christãos esclarecidos , e perfectos ; e aos Pais , Amas , e Mestres o verdadeiro segredo da educação , mostrando-lhes em que consiste a ternura , e indulgencia dos filhos , alumnos , e discipulos .

E não he este hum livro , que a utilidade pública estava pedindo se vertesse em Portuguez , para proveito daquelles , que não sabem a liugua Franzeza , ou pela pouca idade , ou por fak-

ta de applicação, e meios? Por ventura, em hum povo, que a malicia, e a ignorancia tinhão tyrannizado, de que (graças a Deos, e a nosso amado Rei) estamos livres, não serão novos a maior parte dos conhecimentos, que este livro encerra, não só aos meninos, mas aos mancebos, pais de familias, e ainda aos mesmos velhos? Eu deixo este ponto a decidir ao verdadeiro patriota; e que, fazendo uso da razão, considere attentamente os nossos costumes, os nossos livros, os nossos prejuizos até agora; e depois em lugar da censurar o meu trabalho, me dará os agradecimentos.

P E S S O A S,

QUE FALLÃO NESTES DIALOGOS.

BONNA , *aia de Sensata.*

SENSATA , *de idade de doze annos.*

ESPIRITUOSA , *da mesma idade.*

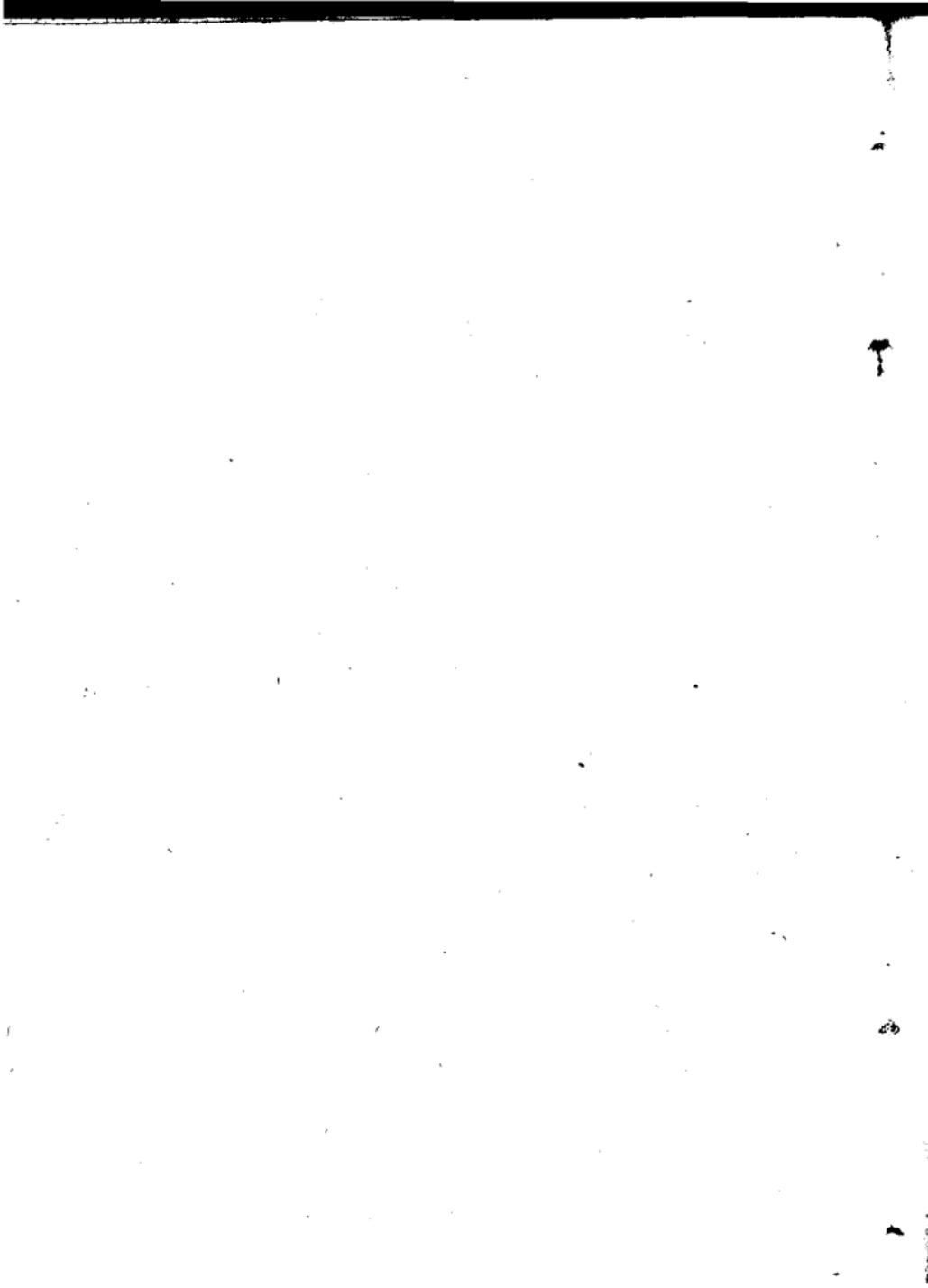
MARY , *de cinco annos.*

CARLOTA . *de sete annos.*

MOLLY , *dos mesmos.*

BABIOLLA , *de dez annos.*

ALTIVA , *de treze annos.*



THE SOURO
DE
MENINAS.

P A R T E I.

D I A L O G O I.

Babiolla entrando em casa de Sensata.

Bom dia , minha menina , mal sabeis quão satisfeita estou de poder passar a tarde comvosco ; disserão-me que vos veio de París huma linda boneca ; se assim he , vede quanto nos divertiremos com ella.

SENSATA.

Certamente , amiga , e alegro-me de ter cousa , que vos dê gosto ; mas vou ver quem bate , e julgo ha de ser a nossa amiga Espirituosa , que me mandou dizer vinha tomar o chá comigo.

ESPIRITUOSA.

Bom dia , Senhoras , eu... Mas que vejo ! Sensata ainda brincando com bonecas ! He galante ; (ri-se) suppunha-vos mais ajuizada : vós com doze annos brincando com bonecas !

BABIOLLA.

Pois que , menina , he máo brincar na idade de doze annos ? Parece-me que , ainda não ha muito , vi em vossa casa bastantes bonecas.

ESPIRITUOSA.

Ha mais de seis mezes que eu queimei todas essas cousas , e disse a meu pai que me desse o dinheiro , que havia de empregar nestas ninharias , para comprar livros , e pagar a Mestres de todas as Artes.

BABIOLLA.

Eu não sigo o vosso gosto; e se fosse senhora da minha vontade, o dinheiro, que havia de dar cada mez ao Mestre da Geografia, o empregaria nas mais lindas cousas, que houvesse; pois estas me entreterião mais do que o Mestre que me aborrece por morte; e assim que o vejo, principia a abrir-se-me a boca: queixa-se elle disto a minha mãe; e como ella me reprehende; fico aborrecendo ainda mais o Mestre, e a Geografia.

ESPIRITUOSA.

Isso he porque vós não gostais de ler a Historia.

BABIOLLA.

Certamente, menina, ainda que necessito lê-la, porque meu pai o quer; mas em eu sendo maior, e que possa fazer o que eu quizer, eu vos prometto que nunca mais lêa.

ESPIRITUOSA.

Então ficareis toda a vida humanesca, e nunca sereis estimada; e já

que fallámos nisto , quero dizer-vos o que me fez desgostar das bonecas. No tempo que estivemos este Verão no campo , vinhão a nossa casa muitas Senhoras , e entre estas duas de tal sorte feias , que mettião medo. Meu pai com tudo , quando ellas chegavão , ficava contente , e lhes dizia que erão amaveis ; o que me admirava , por me parecer que , para ser amavel , era preciso ser formosa. Admirava-me ainda mais de ver que , quando vinha a Senhora Angelica , que vós conheceis , e que he bella , dizia elle que a não podia soffrer , porque (dizia meu pai) era huma estatua , hum automato , que não tinha alma ; o que eu não podia perceber. Hum dia porém , que as duas feias estavão só comigo , lhes perguntei que differença havia dellas á Senhora Angelica ? Muita , minha menina , responderão ellas ; pois ella he linda , e nós somos feias. Está muito bem isto , lhes disse eu ; porém meu pai diz que vós sois amaveis , e ella não ; mas sim que he huma estatua ,

hum automato, Eu não sei que cousa he automato, e cuidava que huma estatua era de pedra, ou de páo; e parecia-me, além disto, que ninguem podia viver sem alma. Rirão-se então ellas, e disserão-me depois que huma mulber era amavel, se tinha juizo; e que lhe chamavão nescia, huma estatua, ou automato, porque hum automato quer dizer huma máquina, que se move, e faz varias acções, ainda que não seja mais do que huma estatua feita de páo, sem alma, e sem discurso; e que da mesma sorte fallayão as mulheres nescias, andavão, e fazião tudo sem discorrer, como hum automato. Pois, Senhoras, para que eu aprenda a discorrer, lhes disse eu, vos peço me ensineis o que devo obrar, porque não quero ser hum automato. Dizei-me de que modo adquiristes vós essa viveza, que vos faz amaveis, não obstante o vosso rosto? Adquirimo-la com os livros, responderão ellas, entregando-nos á sua lição, quando eramos moças. Depois que ouyi isto, logo desprezei tudo, e fiz

por adquirir juizo, o que consegui, segundo dizem; e porque o quero augmentar, por isso não estou ociosa.

BABIOLLA.

Ora dizei-me, e de que serve ter esperteza?

ESPIRITUOSA.

Para mil cousas. Olhai, o anno passado não gostava eu da assembléa de meu pai, na qual me tratavão ainda como menina; mas agora já me agrada, pois todos fallão comigo, e todos gostão de me ouvir, dizendo a cada instante que eu tenho huma memoria de Anjo. O outro dia, estando em casa do Senhor F. que a tem ornada de muitos quadros, encontrei algumas Senhoras, que perguntavão o que elles continhão; eu me ri disto; e o Senhor da casa sabendo que eu tinha lido as Metamorfoses, me perguntou se eu sabia os assumptos destes quadros, por cujo motivo eu lhos expliquei, e elle ficou admirado, ficando-me, além disto, o gosto de ser louvada, e também o de zombar.

das ignorantes, e rir-me das tolices, que dizem a cada instante; o que me entretém mais do que huma boneca.

BABIOLLA.

f

Tendes razão, menina; porém eu quero antes ser ignorante, do que maliciosa; e se a esperteza não serve senão para zombar das outras, não a quero ter. Que dizeis vós, Sensata; pois como também estudais muito, julgo que será para zombar daquellas, que, como eu, não tem habilidade?

SENSATA.

Não, menina, eu estudo, porque isto me occupa, e me instrue, e espero que este exercicio me faça prudente, quando tiver mais annos.

ESPIRITUOSA.

Se o estudo vos diverte, para que tendes ainda bonecas.

SENSATA.

Para desfadardas minhas amigas, pois recebo contentamento, quando lhes dou gosto.

BABIOLLA.

Estou-vos muito obrigada , menina, conservai a vossa boneca para mim ; pois quando eu estiver enfadada de brincar , estudarei comvosco , e aprenderei a ser tão quieta , como vós sois.

SENSATA.

Se vós quizerdes , podemos ir ao quarto da Senhora Bonna , minha aia , que nos espera para tomarmos o chá com ella. †

DIALOGO II.

Entre Espirituosa , e Sensata.

ESPIRITUOSA.

ESTOU muito enfadada , minha amiga, e venho contar-vos a causa da minha mágoa.

SENSATA.

Que tendes , menina ? Quem vos

vir com olhos molhados dirá que chorastes.

ESPIRITUOSA.

Toda esta manhã tendo chorado, e ainda não estou satisfeita. Julgo que vos lembrareis ainda de dizer-vos o outro dia que me applicava muito para ter discrição, e ser louvada; mas agora já não quero ler, quero queimar os meus livros, e as minhas cartas de Geografia.

SENSATA.

Não façais tal, dai-mas antes. Mas dissei-me: Porque lhes tomastes aborrecimento?

ESPIRITUOSA.

Eu vos conto o que me succedeo esta manhã, e vereis se tenho razão de estar apaixonada contra a minha esper-teza, e contra os livros, que ma adquirirão. ✕

O Senhor F. e seu irmão vierão almoçar a nossa casa; e estando elles na sala esperando por meu pai, que estava lendo as cartas do correio, me avisarão disto. Tanto que eu soube que o

Senhor F. tinha chegado, não pude deixar de vir fallar-lhe, gostando muito da sua companhia, por me dizer sempre que sou amavel, espiituosa, esperta, e outras cousas galantes; mas vindo eu já perto da porta, percebi que elle fallava de mim, e por isso me puz a escutar. Oh traidor! Ah! minha amiga... eu não posso deixar ainda de chorar, quando considero o que dizia de mim. Dizer que eu tenho máo genio; que sou huma fraca figura, e que serei a peste da sociedade! Chamar-me a peste, minha amiga, he o mais injurioso nome, que me podia dar. Dizia tambem que eu tenho soberba, como Lucifer; que sou chocarreira, e zombadora; que sería melhor que eu fosse bem ignorante, do que querer instruir-me, porque isto me arruinará mais, augmentando a minha vaidade. Depois disto fallou tambem de vós, e disse: Ella he bem estimavel, falla pouco; mas tudo o que diz he a tempo: e eu daria tudo o que possuo, se tivesse huma filha do seu genio. Ainda queria dizer mais; mas sentindo

vir meu pai, se calou, e eu me recolhi ao meu quarto para chorar. Chamáram-me para o almoço; mas só por não ver aquelle vil homem, que falla de hum modo, e julga de outro, disse que estava indisposta. Depois de jantar pedi licença a minha mãe para vir ver-vos, e contar-vos tudo isto, e perguntar-vos o que fazeis para ter viveza, sem ser huma peste, huma soberba.

SENSATA.

Confesso-vos, amiga, que não sei o que vos diga: eu só creio que se sou comedida, o devo á minha aia. Ella me diz todos os dias que ha duas sortes de esperteza: huma, que só serve para nos fazerinos aborrecer, e desprezar de todos; e outra, que nos faz amaveis, dóceis, virtuosas, e que obriga a dizer, a quem nos conhece, bem de nós; e todas as vezes que ella me presente alguma leviandade, logo me reprehende.

ESPIRITUOSA.

Visto isto tenho máo genio ; que vos parece ? Não me respondeis ? Não temais que eu me agaste , porque o meu affecto tudo vos permite.

SENSATA.

Já que assim o quereis , eu vós digo o que julgo : Vós na verdade não tendes muito bom genio ; mas como ninguem vos advertio ainda disto , tendes desculpa , e estou certa que vos emendareis , tanto que vos disserem de que modo deveis obrar.

ESPIRITUOSA.

A vossa bondade he que me desculpa , e confesso que tendes razão. Estou resolúta a emendar-me ; mas receio que o não possa conseguir : se vós quizesseis pedir á vossa aia que me ensinasse o que devo fazer , ficar-vos-hia muito obrigada.

SENSATA.

Estou certa que ella o fará com muito gosto , porque nunca se alegra

mais, do que quando acha meninas de distincção, que tem vontade de serem applicadas, e virtuosas. Já ella convidou algumas minhas amigas para virem passar a tarde comigo tres vezes na semana, para nos instruirmos ao mesmo tempo, que nos divertimos: se vós quizerdes tambem ser da nossa sociedade, eu lhe fallarei nisso.

ESPIRITUOSA.

Com muito gosto: e não tendes mais que avisar-me do dia, que quereis começar, que eu serei das primeiras.

 D I A L O G O III.

*Entre Madama Bonna , Sensata ,
Espirituosa , Mary , Carlotta ,
e Molly.*

PRIMEIRO DIA.

MARY.

BOM dia , Senhora Bonna ; Sensata me disse que vós sabieis contos muito lindos ; e como eu gósto delles em extremo , venho pedir-vos me conteis hum.

BONNA.

Sim , menina , eu sei galantes contos , e lindas historias , e estou prompta para contar-vos quantos quizerdes.

MARY.

E que differença ha de conto a historia ?

BONNA.

Muita, menina, porque historia he huma cousa verdadeira; e conto he huma cousa falsa, que se escreve, ou conta para entreter, e divertir a gente moça.

MARY.

Logo os que escrevem esses contos, como dizem cousas falsas, são mentirosos?

BONNA.

Não, menina, porque mentir he querer enganar; e como elles advertem que são contos, não querem enganar a ninguém.

MARY.

Peço-vos pois me digais hum conto, e huma historia, para que julgue qual he mais agradável.

BONNA.

De boa vontade vos darei a ler huma historia, para que a aprendais de cor, e vos contarei hum lindo conto.

CARLOTTA.

E eu, Senhora Bonna, hei de ficar sem ter nada?

BONNA.

Não, minhas filhas, eu darei a cada huma de vós a sua historia, como se fosseis já mulheres; mas quero dizer antes a Mary o conto, que lhe prometti: ora ouvi.

Conto do Principe Amado.

Houve em outro tempo hum Rei tão humano, que seus vassallos lhe chamavão Rei bom. Hum dia, que elle andava á caça, hum coelho branco, perseguido dos cães, se lhe veio metter nas mãos. Afagou-o o Rei, e disse: Já que elle buscou a minha protecção, não quero que o offendão; e levando-o elle mesmo para o Palaeio, o mandou metter em hum pequeno viveiro, e dar-lhe gostosas hervas a comer. Depois de se retirar só para a sua camara, lhe appa-

receo huma formosa dama, a qual posto que não trouxesse vestidos bordados de ouro, e prata, erão as suas roupas brancas como a neve, e em lugar de toucado tinha na cabeça huma coroa de brancas rosas. Admirou-se o bom Rei de ver esta dama, por não saber como alli tinha entrado com a porta fechada. Fallou-lhe ella, e disse: Eu sou a Magica, chamada Candida, que andando naquella mata, no tempo que vós caçaveis, quiz saber se ereis bom, como todos dizião; e por isso tomei a fórma de pequeno coelho, e me acolhi ás vossas mãos, sabendo que aquelles, que se compadecem das feras, tem ainda mais commiseração dos homens; porque se vós me negasseis o vosso asylo, julgar-vos-hia máo. Agora venho agradecer-vos o bem, que me fizestes, e segurar-vos que sempre me tereis favoravel: pedi tudo o que quizerdes, pois prometto de vo-lo conceder.

Respondeo-lhe então o Rei: So-

nhora , visto que sois huma Magica , deveis já saber aquillo , que desejo. Eu não tenho senão hum unico filho , que estimo muito , e por isso lhe chamão o Principe Amado ; se acaso me viveis em alguma obrigação , espero lhe sejais propicia. Com todo o gosto , responde a Magica : e como eu posso fazer o vosso filho o mais bello Principe que houver , o mais rico , e o mais poderoso , podeis escolher destas tres cousas a que quizerdes. Não appetço nada disso para meu filho , disse o Rei , e só sim vos ficarei obrigado , se o fizerdes o melhor de todos os Principes ; pois de que lhe serviria ser formoso , rico , e possuir todos os Reinos do mundo , se fosse máo ? Vós não ignorais que elle seria infeliz , sendo só a virtude a que póde fazer a qualquer ditoso. Tendes razão , lhe disse a Magica ; mas eu não tenho poder para fazer o Principe Amado homem virtuoso contra sua vontade ; he preciso que elle faça por si mesmo para o ser. O que eu posso fa-

zer he dar-lhe bons conselhos , reprehendello de suas faltas , e castigallo , se não quizer emendar-se , e castigar-se a si proprio.

Ficou o bom Rei muito contente com esta promessa , e morreo pouco depois. Chorou muito o Principe Amado a morte de seu pai , porque o amava verdadeiramente ; e daria todos os seus dominios , e thesouros , se pudesse salvar-lhe a vida , e se estas cousas fossem capazes de fazer mudar a ordem da natureza. Dous dias depois da morte do Rei estando o Principe deitado , lhe appareceo Candida , e lhe disse : Eu prometti a vosso pai ser vossa conductora ; e para cumprir a minha palavra , venho trazer-vos hum presente. Dizendo isto , metteo no dedo de Amado hum pequeno anel de ouro , e lhe disse : Guardai bem este anel , que he mais precioso do que hum diamante : cada vez que commetterdes alguma acção má , picar-vos-ha elle no dedo ; e se não obstante esta picada continuardes a obrar mal ,

perdereis a minha amizade, e me tornarei vossa inimiga. Proferindo estas palavras, desapareceu Candida, e deixou o Principe todo attonito. Conservou-se este algum tempo tão moderado, que o anel não teve occasião de picallo; e isto o trazia tão satisfeito, que lhe accrescentarão ao nome de Amado o de Feliz. Passado algum tempo, foi o Principe á caça; e não apanhando cousa alguma, ficou desgostoso, e pareceo-lhe logo que o anel lhe picava o dedo; mas como não foi grande a picada, não fez muito caso della. Entrando na sua camara, huma sua cadellinha, chamada Bibe, veio festejallo saltando; e como vinha enfadado, lhe disse: Vai-te daqui, pois não estou de humor para receber os teus afagos. A pobre cadellinha, que o não entendia, continuou a puxar-lhe pelo vestido, para que elle ao menos a quizesse ver; mas o Principe, cheio de impaciencia, lhe deo hum grande pontapé. No mesmo instante o picou o anel, como se

fosse hum alfinete , com o que ficou atemorizado , e se assentou vergonhoso a hum canto do seu quarto. Dizia elle consigo : Eu supponho que a Magica zomba de mim ; que mal fiz eu em dar hum pontapé em hum animal , que me importunava ? então de que me serve ser senhor de hum grande Imperio , se não hei de ter a liberdade de dar em hum cão ? ✕

Eu não zombo , disse huma voz , respondendo ao pensamento do Principe, vós tendes commettido tres erros em lugar de hum. Apaixonastes-vos por não quererdes ficar mal succedido , cuidando que as feras , e os homens serão feitos para vos obedecer : encolerizastes-vos , e nisto obrastes mal , e depois fostes cruel para com hum fraco animal , que não merecia ser maltratado. Sei que sois superior a hum cão ; mas se fosse justo , e permittido que os Grandes pudessem maltratar tudo o que lhes he inferior , a cada instante poderia eu castigar-vos , e matar-vos ,

visto que huma Magica tem mais poder do que hum homem. A consideração de ser senhor de hum vasto Imperio não permite que cada hum faça o mal que quer, mas que obre todo o bem que pôde. Confessou então Amado o seu delicto, e prometteo emendar-se ; mas não cumprio a sua palavra. Tinha elle sido educado por huma nescia ama , que o tinha arruinado, sendo ainda pequeno. Esta, se elle cubiçava qualquer coisa, vendo-o chorar , enraivar-se , e bater o pé, se a não conseguia, logo lha dava, e veio deste modo a fazer-se teimoso. Dizia-lhe ella tambem a cada instante que havia de vir a ser Rei , e que os Reis vivião muito felices, porque todos lhe devião obedecer, e respeitar, e que ninguem os podia impedir de fazerem o que quizessem. Tanto que Amado cresceo , e teve uso de razão, conheceo claramente que não havia coisa mais indigna do que ser altivo, soberbo, e pertinaz ; e ainda que fizesse alguns esforços para se emendar , como

tinha adquirido inclinação para estes vícios, e o máo habito custa a destruir, não pôde corrigir-se. Não procedia isto do seu máo interior, pois que elle chorava com pezar de commetter algum defeito, e dizia: Eu sou bem infeliz, tendo que combater todos os dias contra a minha cólera, e soberba: se me tivessem corrigido, quando era pequeno, não encontraria agora tanta resistencia. Com tudo o anel o picava amiudadas vezes, humas das quaes elle se comedia, e outras continuava o que tinha apprehendido; e o que era mais singular, he, que o anel o não picava senão levemente por hum defeito leve; e sendo grave, lhe chegava a sahir o sangue. Impacientou-o isto por fim; e querendo ser máo á sua vontade, lançou o anel fóra do dedo. Tanto que se vio livre daquellas picadas, julgou-se o mais feliz de todos os homens; e entregando-se a todas as desordens, que lhe vinhão á imaginação, fez-se tão pessimo, que nem o podia soffrer.

Hum dia, que Amado sahio a passeio, vio huma moça tão formosa, que determinou tomalla para esposa. Chamava-se esta Zellia, e era tão modesta, como bella. Julgou o Principe que ella se acharia ditosa, se fosse huma grande Rainha; mas esta moça lhe respondeo com bastante liberdade: Senhor, eu não sou mais do que huma humilde pastora, e sem riquezas, e a pezar de tudo isto não me resolvo a desposar-vos. O Principe hum pouco irado lhe perguntou: Acaso vos desagrado? Não, meu Principe, respondeo Zellia, eu vos acho, como sois na realidade, isto he, bem parecido; mas de que me serviria essa belleza, os vossos thesouros, os ricos vestidos, os coches magnificos, que vós me dareis, se as más acções, que vos visse obrar todos os dias, me obrigassem a desprezar-vos, e aborrecer-vos? Irou-se então muito o Principe contra Zellia, e mandou a seus officiaes que a levassem por força ao seu Palacio. Esteve Amado todo o dia apaixonado.

nado pelo desprezo , com que Zellia o tratára ; mas como elle lhe queria bem, não podia resolver-se a maltrata-la. Entre os validos do Principe entrava hum seu Collaço , (*) com quem elle tinha estreita amizade. Este homem , tendo inclinações tão indignas , como o seu nascimento , lisongeava as paixões de seu amo , e lhe dava perniciosos conselhos ; e reparando que Amado estava tão triste , lhe perguntou a causa da sua mágoa. Respondeo-lhe este que não podia supportar o desprezo de Zellia ; e como era preciso ser virtuoso para lhe agradar , estava resolutto a corrigir os seus defeitos. Disse-lhe então aquelle máo homem : Vós tendes muita bondade em querer amofinar-vos por huma humilde moça , que , se eu estivesse no vosso lugar , obrigaria a obedecer-me. Lembrai-vos que sois Rei , e he vergonhoso sujeitar-vos ao capricho de huma

(*) Collaço quer dizer irmão de leite.

pastora, que se julgaria ditosa de entrar no numero de vossas escravas. Dai-lhe só de comer pão, e agoa, mettei-a em huma prizão; e se perseverar em não querer desposar-vos, mandai-a pôr a tormentos até que morra, ensinando a assim ás mais a ceder á vossa vontade. Ficai sem crédito, se se souber que huma humilde moça vos desobedece, e todos os vossos vassallos se esquecerão que só nascêrão para vos servir. A este discurso disse Amado: E não ficarei sem honra, mandando matar huma innocente, pois que Zellia não tem culpa? Não he innocente quem não quer executar a vossa vontade, respondeo o confidente; e ainda na supposição de que vós fizesseis huma injustiça, he melhor que disso vos accusem, do que dar exemplo de que algumas vezes he licito faltar-vos ao respeito, e desobedecer-vos. Fallou o Cortezão á vontade de Amado; e fez-lhe tanta impressão o receio de ver diminuir a sua authoridade, que lhe suffocou o bom pensamento,

denou ao seu Collaço , que mandasse buscar prezo o seu aio , como se fosse hum criminoso. Depois que o Principe deo estas ordens , se recolheo ao seu quarto , no qual , apenas tinha entrado , sentio tremer a terra , soar hum trovão , e lhe appareceo Candida. Prometti a vosso pai , lhe diz ella com hum voz sevéra , de vos dar conselhos , e punir-vos , se recusasseis tomallos : tendes desprezado estes conselhos , não conservais de homem mais do que a figura , tornando-vos os vossos vicios em hum monstro , horror do Ceo , e da terra , pelo que he tempo de cumprir a minha promessa , castigando-vos ; e como vós tendes adoptado os costumes dos brutos , condemno-vos a ficar como elles. Tendes-vos feito semelhante ao leão pela cólera , ao lobo pela golodice , á serpente , despedaçando aquelle , que tinha sido vosso segundo pai , ao touro pela vossa ferocidade ; e por isso mostrarei na vossa nova figura as feições de todos estes animaes. Apenas a Magica

proferio estas palavras , se tornou o Principe tal como ella o tinha dito. Apareceo-lhe a cabeça de leão , as pontas de touro , os pés de lobo , a cauda de vibora ; e ao mesmo tempo se achou em hum grande bosque ao pé de huma fonte , na qual vio a sua horrivel figura , e ouviu huma voz , que lhe dizia : Vê attentamente o estado , a que te reduziste por teus crimes , ficando a tua alma mil vezes mais medonha do que o teu corpo. Conheceo Amado a voz de Candida ; e enfurecido , se virou para trás querendo lançar-se sobre ella , se fosse possível ; mas foi em vão , por não ver alguma pessoa ; e a mesma voz lhe disse : Eu zombo da tua fraqueza , e da tua raiva : eu vou confundir o teu orgulho , submettendo-te ao poder de teus proprios vassallos.

Julgou Amado que desviando-se da fonte acharia remedio a seus males , não tendo á vista a sua torpeza , e fealdade , e por isso se estendeu na mata ; mas a poucos passos cahio em huma

cova, que se tinha aberto para apanhar ursos; e logo os caçadores, que estavam escondidos sobre arvoredos, vierão sobre elle; e segurando-o, o levárão á Cidade Capital do seu Reino. Pelo caminho em vez de considerar que merecia aquelle castigo por seus descaminhos, amaldiçoava a Magica, mordida as suas cadeias, e se enraivava. Estando já perto da Cidade, para onde o levavão, vio que se fazião grandes regozijos; e perguntando aos caçadores o que havia de novo, lhe disserão que o Principe Amado, que só gostava de atormentar o seu povo, tinha sido morto na sua camara por hum raio, e que assim o acreditavão. Os Deoses, accrescentárão elles, não pudérão supportar o excesso de suas maldades, e por isso o tirárão do Mundo. Quatro senhores, complices de seus crimes, quizerão aproveitar-se da sua morte, e dividir entre si o seu Imperio; mas o povo, que sabía que os seus máos conselhos tinhão corrompido o Rei, os esquartejou, e foi offerecer a Coroa

a Solimão, que o máo Príncipe queria arruinar. Hoje se coroou este digno Senhor, e nós celebramos este dia como o da restauração do Reino; pois elle he virtuoso, e nós torna a dar a paz, e a abundancia. Bramia o Príncipe Amado de raiva, ouvindo estas palavras; e foi muito peor, quando chegou á grande praça, que estava diante de seu palacio. Nella vio a Solimão sobre hum throno soberbo, rodeado de todo o povo, que lhe desejava huma longa vida, para reparar todos os damnos, que tinha causado o seu predecessor, fazendo sinal com a mão para fallar; o que fez deste modo: Eu accetto a Coroa, que vós me offereceis; mas he com condição de entregalla ao Príncipe Amado, que não he morto, como vós o imaginais, segundo o que huma Magica me descubrio; e talvez que algum dia vós o torneis a ver tão virtuoso, como elle foi nos seus primeiros annos. Os lisongeiros, ah! continuou elle chorando, o desencaminhão: eu conhecia o seu interior, e tinha nascido para

ser virtuoso; e se não fossem os discursos envenenados dos validos, seria o pai de todos. Detestai os seus vicios; mas lamentai-o, e peçamos todos aos Deuses, que no-lo restituão; e estai certos que eu não duvidaria regar este throno com meu sangue, se pudesse vê-lo nelle com as disposições proprias para o occupar dignamente. As palavras de Solimão penetrarão o coração do Principe, e conheceo então quanto era sincero o zelo, e fidelidade deste homem, e se arrependeo de seus crimes. Apenas deo elle ouyidos a esta commoção, sentio logo socegar a cólera, que o inflammava; e reflectindo em todos os vicios da sua vida, achou que ainda não era castigado tão ásperamente como o merecia. Cessou tambem de se inquietar na gaiola de ferro, em que o tinham mettido, e ficou tão manso como hum cordeiro. Levárão-no de pois para huma grande casa, onde mettidos os bichos, e feras, e o prenderão com os outros.

Tomou então Amado a resolução de começar a reparar os seus erros, mostrando-se muito obediente ao homem que o guardava. Este homem era muito cruel; e ainda que o monstro fosse muito manso, o castigava sem medida, nem razão, quando estava enfadado. Hum dia, que o tal homem se deixou dormir, hum tigre, que tinha quebrado a sua prisão, se arremeçou sobre elle para o despedaçar: sentio por isso Amado hum impeto de alegria, por ver que estava perto de ficar livre do seu perseguidor; mas desprezou ao mesmo tempo aquelle pensamento, e desejou estar solto. Eu faria, diz elle, o bem pelo mal, e salvaria a vida a este infeliz. Assim que elle teve este desejo, vio a sua prisão aberta; e sahindo della, se poz ao lado do homem, que, tendo acordado, se defendia do tigre. Julgou-se o guarda perdido, vendo ao pé de si o monstro; mas o seu temor se converteo em alegria, por ver que elle se lançava sobre o tigre; e que ten-

do-o suffocado, se lhe prostrava a seus pés. Obrigado este homem do beneficio, quiz abaixar-se para o acariciar; porém ouviu huma voz, que dizia: Huma acção boa nunca fica sem recompensa; e não vio depois disto a seus pés mais do que hum lindo cão. O Principe alegre com a sua metamorphosis, fez mil caricias ao seu guarda, que o tomou nos braços, e o levou ao Rei, a quem contou este prodigio. Quiz a Rainha para si aquelle cão; e Amado poderia julgar-se feliz com a sua nova condição, se se pudesse esquecer que era homem, e Rei. Fazia-lhe a Rainha mil afagos; e receando que crescesse muito, consultou os seus Medicos, os quaes lhe disserão que lhe não desse a comer senão pão, e este com determinada quantidade; pelo que o pobre Amado morria com fome quasi sempre, mas era preciso ter paciencia.

194 Dando-lhe hum dia hum pedaço de pão para almoçar, teve appetite de ir camello ao jardim do Palacio; e to-

mando-o na boca , se encaminhou para onde estava hum cano , hum tanto longe , de que elle se lembrava , o qual elle já não achou, e em seu lugar vio huma magnifica casa , cujas paredes luzião como ouro , e pedras preciosas. Via entrar para ella grande numero de homens , e mulheres maravilhosamente vestidas : cantava-se, dançava-se dentro della , e havia toda a boa convivencia ; mas todos aquelles , que dalli sahião , vinhão pállidos , magros , cubertos de chagas , e quasi nús , por terem todos os seus vestidos feitos em pedaços. Alguns cahião mortos assim que sahião , não tendo forças para passar adiante ; outros hião mais longe , porém com trabalho ; outros ficavão prostrados por terra , morrendo de fome ; e pedindo hum bocado de pão aos que estavam naquella casa , estes nem ao menos os querião ver. Vendo isto Amado , se chegou a huma moça , que tentava arrancar herba para comer ; e tocado de compaixão, disse cõsigo : Eu tenho boa vontade

de comer, porém não morrerei com fome até o jantar; e talvez que se eu der o meu almoço a esta pobre creatura, lhe salve a vida. Resolveo-se a seguir esta boa inspiração, e poz o pão sobre a mão desta moça, que o levou á boca com prèssa. Ao mesmo tempo a vio elle inteiramente restituída; e cheio de alegria por tella soccorido tanto a tempo, quiz voltar para o Palacio; porém ouvindo grandes gritos, vio Zellia entre as mãos de quatro homens, que a arrastavão para esta agradavel casa, onde a fizerão entrar á força. Desejou então Amado a sua fórma de monstro, por ter com ella forças para soccorrer a Zellia; mas sendo hum pequeno cão, não podia fazer mais do que ladrar aos roubadores, aos quaes foi seguindo. Lançárão-no fóra a pontapés: e sem com tudo deixar aquelle sitio, querendo saber o que acontecia a Zellia, a si imputava as infelicidades, que lhe via acontecer. Ah! dizia elle, eu me irrito contra aquelles, que a roubárão; e não

commetti eu proprio o mesmo crime? E se a justiça dos Deoses não acautelasse o meu attentado, não a teria eu tratado com a mesma indignidade?

As reflexões de Amado serão interrompidas por hum ruido, que se fez da parte superior, onde elle estava; e vendo que se abria huma janella, foi demasiada a alegria, que teve de ver que Zelia lançava por ella hum prato cheio de manjares tão bem temperados, que só de os ver mettião appetite. Fechou-se logo a janella; e Amado, que não tinha comido em todo o dia, creio que devia aproveitar-se da occasião. Hia elle já para comer aquellas iguarias, quando a moça, a quem déra o seu pão, lhe deu hum grito; e tomando-o nos braços, lhe disse: Pobre animal, não toques essa comida, porque esta casa, donde a lançarão, he o Palacio da sensualidade: tudo o que daqui sahe vem empeçonhado. Neste mesmo tempo ouviu Amado huma voz, que dizia: Sabe que huma acção boa nunca fica sem re-

compensa ; e de repente foi convertido em hum pombo branco. Lembrou-lhe então que esta côr era a mesma de Candida , e começou a ter esperança de que ella lhe quizesse em fim continuar os seus favores. Vendo-se naquelle estado , desejou estar ao pé de Zelia ; e erguendo-se ao ár , deo hum vôo ao redor de toda a casa ; e achando huma janella aberta , se encheo de alegria ; porém foi em vão , que elle a buscou por toda a casa , pois não a pôde achar ; e ficando desesperado por isso , determinou não parar até que a não achasse. Voou muitos dias ; e entrando em hum deserto , deo com huma caverna ; e chegando-se a ella , qual foi o seu contentamento , quando conheceo Zelia , que estava sentada junto de hum veneravel solitario , como quem tomava huma módica refeição ! Arrebatado o Principe de alegria , foi pousar no hombro desta agradavel pastora , exprimindo por seus carinhos o prazer que tinha de vella. Zelia elevada na mansidão

daquelle pequeno animal , o afagava brandamente com a mão ; e ainda que ella soubesse que elle a não podia entender , sempre lhe disse que accitava o favor , que lhe fazia , sem ser constrangido , e que por isso o amaria perpetuamente. Que fizestes , Zellia , diz o solitario , vós obrigais a vossa palavra ? Sim , bella pastora , lhe disse Amado , recuperando neste instante a sua forma natural , o fim da minha transformação dependia do consentimento , que vós désseis á nossa união : vós me promettestes de amar-me sempre : confirmai agora esta dita ; senão rogarei a Candida , minha protectora , me torne a dar a fórma , em que tive a fortuna de agradar-vos. Vós não podeis temer a sua inconstancia , lhe respondeo Candida , a qual , deixando a figura de solitario , com que se tinha encuberto , lhe appareceo como era na realidade. Zellia vos amou desde que vos vio ; mas vossos vicios a constrangêrão a encobrir-vos a inclinação , que lhe tinheis inspi-

rado. A mudança de vosso coração lhe dá toda a liberdade de entregar-se todo á sua ternura : vivereis felices , por ser a vossa união fundada na virtude.

Lançarão-se então aos pés de Candida Amado , e Zellia , não podendo aquelle agradecer-lhe assás es seus benefícios ; e Zellia contente de ver que elle detestava os seus descaminhos , lhe confirmou a confissão do seu amor. Levantai-vos , meus filhos , lhe diz a Magica , eu vos transportarei ao vosso Palacio , e restituirei a Amado huma Coroa , de que os seus vicios o tinham privado. Apenas proferio estas palavras , se achárão na camara de Solimão , o qual satisfeito de ver o seu amado Soberano já virtuoso , lhe deixou o throno , e ficou o mais fiel de seus vassallos. Reinou Amado muito tempo com Zellia , e diz-se que de tal sorte se deo ás suas obrigações , que o anel , que outra vez tomou , nunca mais o picou de sorte que lhe fizesse sangue.

MARY.

Confesso-vos, Senhora Bonna, que he bem galante este conto; e se eu estivesse no lugar de Sensata, sempre vos estaria perseguindo por contos. Ora diz-me, contar-me-heis outro, se souber bem a lição?

BONNA.

Pois não, menina? mas primeiro me deveis dizer que cousa vos agrada mais neste conto.

MARY.

Tudo, Senhora Bonna; mas principalmente acho graça ao anel, que impedia que Amado obrasse loucuras.

ESPIRITUOSA.

Se eu tivesse hum semelhante anel, traria muitas vezes o dedo picado.

BONNA.

Estimo a vossa ingenuidade, menina; e sabeí que todos temos hum anel como aquelle.

SENSATA.

Apósto que adivinho eu o que he? Dizei-me: Não he a nossa consciencia, que nos dóe, quando fazemos despropósitos?

BONNA.

Não ha dúvida, menina.

CARLOTTA.

Logo he certo que o meu anel me diz muitas vezes que he descortezia bater o pé? Eu obro do mesmo modo que Amado, quando era pequeno, e a minha ama he tão nescia como a sua; pois quando eu choro por alguma cousa, diz ella: Para que fazem chorar essa menina! dem-lhe o que pede; e como eu vejo isto, choro dez vezes ca-

da dia ; porém eu vos prometto emendar-me , porque não quero ser hum vil animal , como foi Amado.

MARY.

Pois tanto que alguém he máo , logo se torna em hum monstro , e lhe nascem pontas ?

BONNA.

Não , menina , o vosso corpo fica como he ; mas a vossa alma se fará feia , e mais abominavel do que hum monstro , se não fordes boa.

CARLOTTA.

Eu tenho bons desejos de ser boa ; e se muitas vezes sou má , e commetto alguma loucura , he sem o considerar. Eu não quero que me desmintão ; e quando se me nega o que desejo , faço-me então má , castigo a minha criada , injurio minhas irmãs , e zombo de meus pais ; e para evitar isto , peço me digais o que devo fazer.

BONNA.

+ Não , menina , vós não sois má contra vossa vontade, podendo nós sempre ser boas , se procuramos os meios , os quaes vos mostrarei agora. Primeiramente deveis pedir a Deos todas as manhãs , e noites , nas vossas orações , graças para vos emendardes , porque nós não podemos nada sem o seu socorro ; mas he preciso pedir-lhe esta graça com efficacia , e como vós pedís a vossa mãe o que mais desejais. Em segundo lugar deveis reparar vossos erros , pedindo perdão á vossa criada , rogando a vossas irmãs vos advirtão ; e pedir-lhe vos relevem , quando as offenderdes ; e se quereis emendar-vos seriamente , escrevei todas as noites as más palavras , que tiverdes dito ~~aquelle~~ ~~dia~~ ; pois estou certa que isto ~~vos~~ ~~causará~~ pejo para mais as não ~~dizendes~~ ~~Representar-se-vos-ha~~ , que Deos ~~vos~~ ~~vê~~ , commetter todas essas loucuras , que ~~as~~ ~~reprehende~~ ; e que se vos

não emendardes , vos castigará ou nesta vida , ou depois da morte ; o que vós não ignorais.

CARLOTTA.

Já ouvi dizer isso , mas nunca lhe dei attenção.

BONNÁ.

Não duvido , menina , sendo certo que só he má quem não considéramo que vos digo ; e para fazer lembrar-vos a todas destas cousas , devo instruir-vos na Escritura Santa. He esta hum livro Divino , que foi dictado pelo Espirito Santo , e por isso devemos lêllo , aprendello , e repetillo com hum profundo respeito. Vós conhecereis , lendo esta bella historia , quanto Deos he grande , e poderoso , quão bom he , quanto o deveis amar , e quanto to deveis recear de offendello , porque castiga os máos severamente. Lembrai-vos tambem , minhas filhas , que esta historia he a unica , de que nos não he

lícito duvidar, por ser mais certo que
 ella he verdadeira do que he certo que
 he dia, quando faz Sol. A Deos, Se-
 nhoras, espero alegrar-me com a vos-
 sa applicação.

DIALOGO IV.

SEGUNDO DIA.

BONNA.

Bom dia , meninas ; mas que causa ha para não vir comvosco Babiolla ?

ESPIRITUOSA.

Disse-me que não vinha por não gostar dos contos , e das historias.

BONNA.

Ahi podeis ver o que faz o máo habito. Babiolla está costumada a brincar todo o dia , e por isso lhe desagrada tudo o que não he brinco : ha de ficar hum a ignorante , e nescia toda a sua vida ; e ainda que ella tenha boas disposições , ficará nos ajuntamentos como hum a tonta. Não tomeis o seu máo exemplo ; e parece-me que Mary he mais prudente , e estudou a sua lição.

MARY.

Li-a quatro vezes , Senhora Bonna, e a repeti a meu pai, e a minha mãe, e estou prompta para a dizer, se quizerdes. ✕

BONNA.

Sim , menina.

MARY.

Passou muito tempo sem haver Ceo, nem terra, nem homens, nem animaes, e em que só havia Deos, que sempre existio. Este Deos, meninas, póde fazer tudo o que quer; de sorte que, se elle dissesse agora: Quero que haja hum jardim nesta camara, logo aqui se formaria hum jardim. Estando assim as cousas, diz elle de improviso que queria houvesse Ceo, terra, arvores, aves, flores, mar, peixes; e ao passo que elle disse: Eu quero isto, tudo se fez. Gastou cinco dias em fazer tudo o que nós vemos: no sexto dia tomou huma pouca de terra, e formou della o homem; porém, Senhoras, este homem não fallava, nem andava, e

estava como huma estatua. Deo-lhe Deos , para o fazer fallar , e andar , huma alma feita á sua imagem ; e poz-lhe depois o nome de Adão. Preven-do Deos que Adão se enfadaria de vi-ver só , lhe deo hum grande somno ; e em quanto elle dormia , tomou huma das suas costellas , e formou della hu-ma mulher , semelhante a vossas mãis. Esta mulher , que tinha sido feita do lado de Adão , teve por nome Eva , e Deos a poz com Adão em hum de-licioso jardim , em que havia toda a sorte de frutas , como figos , ameixas , peras , e pecegos. Havia tambem nes-te jardim huma maceira , que dava bel-los pomos ; e para que os não tocas-sem , disse Deos a Adão , e a Eva : Eu vos dou todas as frutas , que estão neste jardim , para que as possais co-mer : prohibo-vos porém que toqueis estes pomos , porque se os comerdes , morrereis. O domonio , que he mali-gno , e que tinha desobedecido a Deos , teve inveja de Adão , e Eva , e quiz

fazellos máos , e infelices como elle ; e para o conseguir , tomou a figura de cobra , e disse a Eva , que andava só no jardim : Porque não comes destes pomos , que são tão agradaveis ? Eva em lugar de fechar os seus ouvidos , e fugir , se entreteve com o demonio , e lhe disse : Deos nos prohibio que comessemos destes pomos , e nos disse que morreriamos , se os tocássemos. / Não deveis crer o que Deos disse , respondeo o demonio : elle vos prohibio de tocar nestes pomos , porque sabe que se os comerdes , sereis tão grandes , tão sábios , e tão poderosos como elle. Eva , tendo appetite de ser tão sábia como Deos , foi muito facil em dar crédito ao demonio , e por isso colheo hum pomo para si , e deo outro a Adão. Tanto que elles comêrão desta desgraçada fruta , conhecêrão claramente a sua culpa ; e envergonhados , se escondêrã entre as arvores , como se alli se pudessem occultar a Deos. Passado algum tempo ,

chamou Deos a Adão , e lhe disse : Para que foste desobediente ? Adão em lugar de conhecer a sua culpa , e pedir perdão a Deos , se desculpou , e disse : Senhor , a mulher que me destes , me disse que comesse o pomo. Respondeo então Eva : Senhor , foi a serpente quem me aconselhou que o comesse. Estais todos tres culpados , e por isso sereis todos castigados , disse o Senhor. A cobra será maldita , e a mulher lhe pizará a cabeça : Eva fica obrigada a obedecer a seu marido : e Adão morrerá , como tambem sua mulher , e trabalhará , se quizer ter pão. Depois disto lançou Deos fóra do agradável jardim , que se chamava Paraiso terrestre , a Adão , e Eva ; e para impedir-lhes a sua entrada , poz á porta hum Anjo com huma espada de fogo.

BONNA.

Dai-me hum abraço , querida Mary , pois tendes dito a vossa historia como huma mulher. Mas dizei-me : He

sómente para sermos sábias, que aprendemos as historias?

MARY.

Eu não sei, Senhora Bonna.

BONNA.

Dizei, Sensata, a estas meninas o que se deve fazer, depois que se aprende, ou ouve alguma historia.

SENSATA.

Vós me tendes dito que se devem examinar os vícios, e as virtudes daquelles, de quem se lem as historias, para evitarmos os mesmos erros, e praticar as suas virtudes.

BONNA.

Respondestes muito bem; mas dizei-me, Molly, que utilidade quereis tirar desta historia?

MOLLY.

Quando cahir em alguma culpa, não me desculparei, antes pedirei perdão a Deos.

113.

BONNA.

Está muito bem dito; e vós, Carlotta, que dizeis?

CARLOTTA.

Quando quizer ser golosa, ou desobediente, lembrar-me-hei que a serpente está ao meu lado, e que me aconselha estas cousas; e então lhe direi: Vai-te, maligna, eu quero antes obedecer a Deos do que a ti.

BONNA.

Sois muito discreta, quando assim discorreis; e Espirituosa que julga?

ESPIRITUOSA.

Eu julgo que Eva era soberba, querendo saber tanto como Deos: tambem era muito golosa, o que se lhe poderia perdoar, se não tivesse que comer; mas tendo tanta variedade de cousas, não tem desculpa; e parece-me que se estivesse em seu lugar, me não lembrarião esses despreziveis pomos.

BONNA.

Se a nossa conversação não tivesse sido tão longa, contar-vos-hia huma linda historia, que agora me fizestes lembrar; mas fique para logo.

ESPIRITUOSA.

Não , Senhora Bonna , eu estou certa que estas meninas não se desgostão de ouvir-vos : e por isso vos peço nos digais essa historia.

BONNA:

Que dizeis vós , meninas ?

Todas a hum tempo :

Nós desejamos ouvilla.

BONNA,

Indo hum Rei hum dia á caça , aconteceu perder-se ; e quando buscava o caminho , ouviu fallar ; e chegando-se ao sitio , donde vinha a voz , viu hum homem , e huma mulher , que estavam cortando lenha. A mulher dizia , o que disse Espirituosa , que Eva fôra bem golosa em comer o pomo ; pois se ella obedecesse a Deos , não teriamos o incommodo de trabalhar todos os dias. O homem lhe respondeu : Se Eva era golosa , foi Adão bem nescio em fazer o que ella lhe dizia ; porque se eu estivesse em seu lugar , e vós me quizesseis obrigar a

comer daquelles pomos, eu vos castigaria, e nem ao menos quereria ouvir-vos. Chegou o Rei ao pé delles, e lhes disse: Com effeito vós tendes bem trabalho, meus pobres? Sim, Senhor, responderão elles, (ignorando que era o Rei) nós trabalhamos como brutos desde manhã até noite, e ainda assim nos custa a passar. Pois vinde comigo, lhes disse o Rei, e eu vos sustentarei sem trabalhades. Neste instante apparecêrão os da sua comitiva, que o andavão buscando, e os pobres ficarão attonitos, e alegres. Tanto que elles chegarão ao Palacio, lhes mandou o Rei dar bons vestidos, hum coche, e lacaios, e doze pratos cada dia para o seu jantar. Passado hum mez, puzerão-lhes vinte e quatro pratos, e no meio da meza poz-se outro prato maior cuberto. A mulher, como era curiosa, quiz logo descobri-lo; mas hum domestico do Rei, que estava presente, lhe disse que ElRei lhe prohibia que lhe tocasse,

e que não queria que elles vissem o que estava dentro. Depois que os criados se forão, reparou o marido que sua mulher não comia, e estava triste; e perguntando-lhe o que tinha, respondeu-lhe: Que se lhe não dava de não comer as gostosas iguarias, que estão na meza, mas que tinha appetite de saber o que tinha o prato cuberto. Vós sois louca, lhe diz o marido, não vos disserão que ElRei o prohibia? ElRei não tem razão, replicou a mulher; e se elle não queria que nós vissemos o que está no prato, não o mandasse pôr na meza. Dito isto, começou a chorar, dizendo que se mataria, se seu marido não quizesse descobrir o prato. Vendo-a o marido chorar, ficou sentido; e como elle lhe queria muito, lhe disse que faria tudo o que ella quizesse, para ver se se alegrava: e ao mesmo tempo descobrio o prato, do qual sahio hum pequeno rato, e se escondeo na camara vizinha. Corrêrão atrás delle,

para o apanhar , mas elle se metteo em hum buraco ; e sobrevindo o Rei repentinamente , lhes perguntou onde estava o rato ? Senhor , diz o marido , minha mulher me perseguio , dizendo-me que queria ver o que continha o prato : eu o descubri a meu pezar , e este , tanto que teve occasião fugio. Muito bem , disse o Rei : vós dizeis que se estivesseis no lugar de Adão , terieis castigado Eva , ensinando-a a não ser curiosa , nem golosa ; e porque vós não lembrastes agora disto mesmo ? E vós , mulher , não vos satisfazieis com toda a sorte de manjares , como Eva , para quererdes tambem do prato , que eu vos tinha prohibido ? Ide , infelices , tornai ao vosso trabalho , e não imputeis a Adão , e Eva o mal que tiverdes , pois que acabais de fazer huma loucura igual áquella , de que os accusais.

ESPIRITUOSA.

Parece-me , Senhora Bonna , que essa historia foi feita de proposito para mim ?

BONNA.

Não , menina , lembra-me tella lido; mas he certo que ella vos quadra muito bem. Vamos , meninas , agora tomar chá , e depois repetirá Molly a sua historia.

MOLLY.

Depois que Adão , e Eva sahirão do Paraiso , tiveram dois filhos , e chamarão ao mais velho Caim , e ao segundo Abel , ficando o primeiro lavrador , e pastor Abel. Costumava Adão offerecer a Deos huma parte das cousas que tinha , como as primeiras fructas , as primeiras flores , e os primeiros animaes. Não fazia elle isto , porque Deos tenha necessidade destas offerctas ; mas Adão lhas offerectia , lembrando-se que tudo o que possuia lhe viera de Deos. Caim , e Abel seguirão o exemplo de seu pai ; porém Caim não dava a Deos de boa vontade o que lhe offerectia ; porque se tinha huma boa pera no seu pomar , a guardava para a comer , e não apresenta-

va a Deos senão aquella , de que não fazia caso. Abel , pelo contrario , escolhia os mais bem feitos , e mais gordos cordeiros , para offerecellos ao Senhor , e por isso tambem Deos o amava mais do que a seu irmão Caim ; pelo que este lhe criou inveja , e andava muito triste. Fallou-lhe Deos hum dia , e lhe disse : Porque estás triste , Caim , não sabes que se obrares bem , has de receber o premio ; e se obrares mal , has de ser castigado ? Isto era o mesmo que se Deos lhe dissesse que ninguem se deve amofinar senão por ser máo ; e que em lugar de entristecer-se , cuidasse em ser bom , porque então viveria contente. Caim devendo tomar os conselhos , que Deos lhe déra por sua infinita bondade , convidou seu irmão Abel para passearem ambos ; e como Abel julgava que seu irmão era tão bom como elle , não recusou. Forão pois passear dalli muito longe , e lá o maligno Caim matou seu innocente irmão Abel. Elle o ti-

nha levado tão longe, para que Adão, e Eva não soubessem o seu delicto, porém Deos, que está em toda a parte, vio commetter este crime. Quiz elle ver se Caim mentia, e perguntou-lhe: Onde está teu irmão? Eu não o vi, respondeo Caim; por ventura mo entregastes vós para o guardar? E's maldito, lhe diz Deos, porque mataste teu irmão: vai, vaga por toda a terra, e não tenhas nunca hum instante de descanso. O teu delicto te atormentará de noite, e de dia; e para que padeças mais tempo, não consentirei que os outros filhos de Adão te matem. Fugio logo Caim desta terra com sua mulher, e teve hum grande numero de filhos.

BOÑNA.

Não se póde contar melhor huma historia; mas dizei-me, Carlotta, não vos occorreo nada, ouvindo a historia de Caim?

CARLOTTA.

Alguma cousa me lembrou; mas

Tom. I.

F

não me atrevo a dizella por ser vergonhosa.

BONNA.

Não vos acobardeis, menina; pois quem chega a confessar os seus defeitos, não tem dúvida corrigillos.

CARLOTTA.

Pois então eu a digo: Olhai, eu sou invejosa como Caim, a respeito de minha irmã mais velha: meus pais a amão mais do que a mim, e isto me faz desesperar, e certamente eu a mataria se pudesse.

BONNA.

E não he por vossa culpa que vos vos pais amão vossa irmã mais do que a vós? Dizei-me: Se vós fosseis casada, e tivesséis duas filhas, das quaes humna fosse agradável, honesta, obediente, e doce a seus Mestres; e a outra teimosa, maligna, descortez para todos, e desobediente aos Mestres, qual amariéis vós mais?

CARLOTTA.

A primeira.

BONNA.

Logo não deveis offender-vos de vossos pais quererem mais a vossa irmã do que a vós: fazei-vos vós tão boa como ella, e então vereis como elles vos estimão precisamente.

CARLOTTA.

Acceito o conselho, Senhora Bonna, e vos prometto escrever todas as loucuras que disser, e obrar.

BONNA.

E eu tambem vos prometto que se o fizerdes, seja infallivel a emenda, e que vos fareis tão amavel como vossa irmã mais velha, e tão ditosa como ella, por estar certa que não viveis a vosso gosto por serdes má.

CARLOTTA.

Isso he bem certo, e por isso disse o outro dia á minha ama que desejava morrer.

BONNA.

Fazeis-me tremer, menina; que seria feito de vós, se morresseis, sendo

tão má, como tendes sido, sem pedir perdão a Deos. Vede qual he a sua bondade, dando-vos tempo para vos emendar! Agradecei-lhe esta noite este beneficio, e dizei-lhe que vós o quereis amar de todo o coração. A Deos, meninas, fico bem satisfeita da vossa attenção, e em recompensa contar-vos-hei, quando vierdes, bellas historias, e hum lindo conto.

D I A L O G O V.

T E R C E I R O D I A.

BONNA.

VIndes hoje muito cedo, meninas: ainda agora nos levantámos da meza.

ESPIRITUOSA.

Eu, Senhora Bonna, jantei hoje com estas meninas, e tinhamos tanta saudade de ver-vos, que não pudémos estar á meza hum quarto de hora.

BONNA.

Pois devo por isso reprehender-vos, meninas; e sabei que não ha nada tão opposto á saude, como comer muito de pressa; e para castigo do que obras-tes, não quero dizer cousa alguma sem tomar chá, e entretanto vamos passear ao jardim.

MARY.

Ainda que eu goste muito do passeio, gosto muito mais das historias: perdoai-nos por esta vez, Senhora Bonna, e eu vos juro na minha consciencia que não sabia que era máo o comer de pressa.

BONNA.

Não ha dúvida, menina, assim como he tambem culpa jurar em vossa consciencia, e vede não o façais outra vez. Não quero que repitais agora as vossas lições, pois temo vos faça mal a applicação depois do jantar.

CARLOTTA.

Está bem, Senhora Bonna, estaremos caladas; mas vós dir-nos-heis al-

guma cousa, e julgo que nos não fatigaremos de ouvir o conto, que nos promettestes.

BONNA.

Não posso deixar de fazer o que quereis; e como vejo a vossa docilidade, não tenho animo de negar-vos nada; vamos pois assentar-nos ao jardim, e lá vos direi o conto que vos prometti.

Conto da Bella, e da Féra.

Houve em outro tempo hum Mercador muito rico, o qual tinha seis filhos: tres machos, e tres femeas; e como elle era homem de juizo, não poupou nada para o seu ensino, pondo-lhes Mestres de todas as Artes. As filhas erão muito formosas; porém a que mais se fazia admirar sobre tudo era a mais nova, de sorte que logo desde pequena não teve outro nome senão a Bella menina, o qual lhe ficou sempre, e foi por isso muito invejada das irmãs. Não era ella sómente mais

formosa do que as outras , mas tinha tambem melhor genio do que ellas. As duas mais velhas tinham muita presumpção por serem ricas , pelo que se tratavão sempre como Senhoras : não querião receber visitas das filhas dos outros Mercadores , e só buscavão a companhia das pessoas de qualidade. Hião continuamente ao baile , á comedia , ao passeio , e escarnecião sua irmã mais nova por empregar a maior parte do tempo em ler livros. Como corria fama que estas moças erão ricas , muitos Mercadores grossos as pedirão para casar ; porém as duas mais velhas respondêrão , que ellas nunca casarião se não achassem hum Duque , ou ao menos hum Conde. Bella (que assim se chamava a mais nova) despedio muito cortezmente aquelles , que a querião para esposa , dizendo-lhes que ella era ainda muito moça ; e que desejava estar na companhia de seu pai mais alguns annos. Perdeo o Mercador em breve tempo todo o seu ca-

bedal, de sorte que lhe não ficou mais do que huma pequena quinta, bem distante da Cidade, para onde, disse elle a seus filhos, fossem assistir, e que passariam a vida trabalhando, como os camponeses. As duas filhas mais velhas responderão que ellas não querião deixar a Cidade, que ainda tinham muitos amantes, que se julgariam ditosos de as desposar, ainda não tendo bens. Enganarãose porém as pobres em seus juizos, porque seus amantes não quizerão mais vellas desde que cahirão em pobreza. Como ninguem as estimava pela sua altivez, todos dizião que não erã dignas de compaixão, que estavam muito satisfeitos de verem abatida a sua soberba, que agora se portariam como Senhoras, guardando gado. Pelo contrario todos lamentavão a infelicidade de Bella, e dizião que lhes mettia compaixão por ser muito bem inclinada; que a todos fallava com cortezia, que era muito affavel, muito honesta. Hou-

ve muitos Cavalheiros, que a quizerão desposar, ainda não tendo nada; porém ella constante lhes respondeo que não podia desamparar seu pai no seu infortunio, que o acompanharia mesmo no campo para o consolar, e ajudar no seu trabalho. Teve a virtuosa Bella, no principio da sua pobreza, grande desgosto por se ver sem bens; mas considerando que por mais que chorasse, as lagrimas lhos não podião restituir, resolveo-se a viver feliz sem riquezas. Tanto que o Mercador chegou á sua fazenda com a familia, principiou, e os tres filhos a entreter-se na sua cultura. Bella se levantava de madrugada, e tinha a seu cargo a ceiar a casa, e cozinhar o jantar para a familia, custando-lhe muito no principio, por não estar costumada ao exercicio de criada; mas no fim de dois mezes se fez mais robusta, e o mesmo trabalho lhe deo huma perfeita saude. Quando ella acabava o serviço, punha-se a ler; outras

vezes tocava o seu cravo, e outras cantava fiando. Suas irmãs pelo contrario vivião desgostosas : levantando-se muito tarde, passeavão todo o dia, e só se occupavão em lamentar seus bons trajes, e suas companhias. Que vos parece a nossa Bella, dizia huma para a outra, sempre tem baixo espirito; e he tão tola, que está contente com a sua infeliz situação. O pobre Mercador não descorria como suas filhas : elle sabia que Bella era mais propria do que suas irmãs, para se distinguir nos adjuntos : admirava a virtude desta moça, e principalmente a sua paciencia; pois suas irmãs não satisfeitas de lhe deixarem fazer todo o serviço da casa, a descompunhão a cada instante.

Havia hum anno que esta familia vivia na solidão, quando o Mercador recebeu huma carta, em que o avisavão de ter chegado felizmente hum navio, que lhe trazia algumas mercadorias. Esta nova quasi fez enlouque-

cer as duas filhas mais velhas , que cuidavão poderião deixar já o campo , em que vivião desgostosas ; e tanto que ellas virão que o pai se separava para partir , lhe pedirão lhe trouxesse vestidos , palatinas , toucados , e toda a sorte de enfeites. Bella não lhe pedia nada , considerando que todo o lucro das fazendas não chegaria para o que suas irmãs appetecião ; e reparando o pai em que ella lhe não falava em nada , lhe perguntou , se queria alguma cousa ? Ella lhe respondeo que , visto ter elle tanto cuidado nella , queria lhe trouxesse huma rosa , já que naquelle sitio as não havia. Não pedio Bella a seu pai a rosa , porque a cubicasse ; mas por não querer condemnar com seu exemplo o procedimento de suas irmãs , que dirião que ella não pedira cousa alguma , para em tudo se distinguir. Partio o triste homem ; mas apenas chegou , lhe armárão huma demanda sobre as mercadorias ; e depois de muito trabalho

voltou tão pobre como fôra. Faltavão-lhe dez legoas para chegar a casa, e já se rigozijava com a esperança de ver seus filhos; mas como tinha que passar huma grande mata., antes que ahi chegasse, se perdeu no caminho. Nevava horrivelmente: o vento era tão rijo, que duas vezes o derrubou da besta: sobreveio a noite, e então cuidou que morria á fome, ou que seria comido dos lobos, que elle ouvia huir ao redor de si. Estando nesta triste situação, lançou os olhos para o fim de huma longa rua de arvores, onde descubrio huma luz, que ainda lhe parecia distante. Foi caminhando para aquella parte, até que conheceo que a luz sahia de hum grande Palacio, que estava todo illuminado. O Mercador agradeceo então a Deos o soccorro que lhe déra, e se encaminhou com mais préssa para aquella castello, onde entrou, admirando-se não achar gente no pateo. Accommodou o cavallo em huma gran-

de cavalherice , que achou aberta ; e o miseravel animal , como vinha morto de fome , se atremeçou soffrego sobre o feno , e cevada , que achou prompta. Depois que o Mercador o deixou prezo , subio para o Palacio , onde tambem não achou gente ; mas entrando em huma grande sala , achou hum bom fogo , e huma meza cheia de comida com hum só prato. Como a chuva , e a neve o tinha repassado até o couro , se pôz ao lume para se enxugar , e dizia consigo : Se o Senhor da casa , e seus criados vierem agora , perdoem-me a confiança que tomei. Esperou-os tempo consideravel ; e dando onze horas , sem que alguem apparecesse , não podendo soffrer a fome , tomou hum frango , e tremendo , o comeo de dous bocados. Bebeo tambem algum vinho ; e achando-se mais vigoroso , sahio da sala ; e atravessando muitos quartos magnificamente preparados , achou no fim delles huma camara , em que estava hum leito

prompto; e como elle estava cançado, e já passava de meia noite, fechando a porta, se deitou.

Erão dez horas, quando acordou; e querendo vestir-se, ficou attonito de achar hum vestido muito aceado em lugar do seu, que estava todo roto. Certamente, diz elle para si, este Palacio pertence a alguma boa magica, que se compadeceo do meu estado. Depois de vestido, se pôz a huma janela; e olhando para o campo, viu em lugar da neve alegretes de flores, que alegravão os olhos; e vindo para a sala, onde tinha ceado, achou huma meza com chocolate. Eu vos agradeço, Senhora Magica, diz elle em voz alta, o cuidado, que tivestes de preparar-me o almoço. Tomando o chocolate, sahio o bom homem para ir preparar o seu cavallo; e passando ao pé de hum alegrete de rosas, colheo hum ramo dellas, lembrando-se do que Bella lhe tinha pedido. Mal elle a tinha cortado, se vio acommettido de hu-

ma féra tão horrivel , que pouco lhe faltou para desmaiar de susto. Sois bem ingrato , lhe diz a féra com huma voz medonha : dei-vos a vida , recolhendo-vos no meu castello , e em recompensa vós me levais as rosas , que eu estimo mais do que o que contém o Mundo ! Deveis morrer para purgar este delicto , e só vos dou hum quarto de hora para pedir perdão a Deos. O Mercador se pôz de joelhos , e disse á féra com as mãos postas : Perdoai-me , Senhor ; eu não cuidei que vos offendia em colher huma rosa para huma de minhas filhas , que ma pedio ao sahir da casa. Eu não me chamo Senhor , respondeo o monstro , mas sim féra : não gosto de cumprimentos , e só quero que cada hum me diga o que sente , e por isso não julgueis abrandar-me por vossas diligencias. Vós me dissestes que tinheis filhas : eu quero perdoar-vos , com tanto que huma dellas venha voluntariamente morrer por vós. Não me repliqueis , ide ; e se vos-

sas filhas recusarem a morte por vós, dai-me o juramento de tornar dentro em tres mezes. O triste homem não intentava sacrificar alguma de suas filhas a este vil monstro ; mas elle considerou que ao menos teria o gosto de dar-lhes o ultimo a Deos. Jurou pois de voltar, e a féra lhe permittio que partisse, quando quizesse ; mas accrescentou ella : Eu não quero que te vás com as mãos vazias ; torna á camara ; em que dormiste, nella acharás hum grande bahú vazio, no qual metterás tudo o que quizeres, e eu o mandarei levar a tua casa. Ao mesmo tempo desapareceo a féra, e o afflicto homem disse consigo mesmo : Se eu hei de morrer, ao meno levo a consolação de deixar a meus pobres filhos com que passem.

Voltou pois á camara, em que dormira ; e achando grande quantidade de peças de ouro, encheo o bahú, em que a féra lhe fallára, e fechando-o, e tornando a buscar o seu cavallo, que

elle achou outra vez na estrevaria, sahio do Palacio com huma tristeza igual á alegria que teve, quando nelle entrou. Tomou o cavallo por si mesmo hum dos caminhos do bosque, e em poucas horas chegou o desconsolado homem á sua pobre casa. Ajuntão-se os filhos ao redor d'elle; mas em lugar de alegrar-se com os seus carinhos, se poz a chorar por vellos. Tinha elle na mão o ramo de rosas, que trazia á sua filha Bella; e dando-lho, lhe disse: Tomai, Bella, estas rosas, que hão de custar bem catas a vosso infeliz pai, e contou depois á sua familia o funesto successo, que lhe acontecêra. Ouvido o caso, começárão as duas mais velhas a fazer grande motim; e a injuriar a Bella, porque não chorava. Vede o que produz a soberba desta vil creatura, dizião ellas; porque não pediria ella enfeites, como nós? Porém não, a Senhora queria distinguir-se; e em cima de causar a morte de nosso pai, não véte la-

grima. Isso seria inutil, respondeo Bella; para que hei de eu chorar a morte de meu pai? Não, elle não morrerá, e como o monstro quer acceitar huma de suas filhas, eu me entregarei á sua furia; e ainda que morra, sempre me julgo ditosa, tendo a consolação de livrar meu pai, dando-lhe a conhecer a minha ternura. Não, irmã, lhe disserão seus tres irmãos, não morreréis; nós iremos acommetter esse monstro, e cederemos á sua furia, se não pudermos matallo. Não espereis conseguillo, meus filhos, lhe disse o Mercador, o poder desta fera he tão grande, que não acho alguma esperança de poder acaballa. Estou agradado do terno coração de Bella; mas não quero expolla á morte. Sou velho, pouco tempo terei para viver, e assim não perco senão alguns annos de vida, que eu não lamento senão por vossa causa. Affirmo-vos, meu pai, lhe diz Bella, que não ireis a esse Palacio sem mim; pois que não podeis impedir-

me que vos siga; e ainda que seja moça, não tenho muito amor á vida; e antes quero ser devorada por esse monstro, do que morrer com mágoa da vossa morte. Por mais que se lhe disse, Bellá quiz sempre partir para o formoso Palacio; pelo que suas irmãs estavam contentes, porque as virtudes desta mais nova lhes tinham inspirado muita inveja. O Mercador estava tão occupado da dôr de perder sua filha, que lhe não lembrava o bahú, que elle enchêra de ouro; mas tanto que se recolheo á sua câmara para dormir, ficou attonito de o achar ao pé da cama. Determinou não dizer a seus filhos que estava outra vez tão rico, porque as filhas quererão tornar para a Cidade, estando elle resoluta a morrer naquelle campo. Sempre confiou aquelle segredo a Bella, a qual lhe descobrio que alli tinham vindo na sua ausencia alguns Cavalheiros, dos quaes dous amavam suas irmãs; e como ella era tão sincera, que as es-

timava , e lhes perdoava o mal , que ellas lhe fazião , pedio a seu pai as casasse. As duas maliciosas irmãs , para fingirem lagrimas na partida de Bella , e seu pai , esfregarão os olhos com cebola ; mas seus irmãos , e o Mercador choravão com ancia , e só Bella sustinha o pranto para não augmentar a sua dôr. O cavallo tomou o caminho do Palacio ; e junto á noite o virão illuminado , como a primeira vez. Apeando-se , foi o cavallo direito á cavalherice , e o triste homem entrou com a sua filha na grande sala , onde achárão huma meza magnificamente preparada com duas cubertas. O Mercador não tinha vontade de comer ; mas Bella , fazendo por parecer socegada , se poz á meza , e lhe fez o prato , dizendo consigo mesma : A féra quer engordar-me antes de me comer , pois me trata tão bem. Depois de cearem sentirão hum grande roido , pelo que o Mercador disse a Deos á sua innocente filha , chorando , suppondo

que vinha a féra. Bella não pôde deixar de estremecer, vendo esta horri-
vel figura, mas animando-se o que po-
dia, respondeo, tremendo, ao monstro,
que lhe perguntou se viera com von-
tade, que sim. Tendes bom coração,
lhe disse a féra, e por isso vos sou
muito obrigada. Virando-se para o Mer-
cador, lhe diz: Bom homem, parti
á manhã pela manhã, e não cuideis
em tornar a este Palacio: a Deos,
Bella; a Deos, féra, respondeo ella,
e sem demora se retirou o monstro.
Ah! minha filha, diz o Mercador,
abraçando a Bella, eu estou quasi mor-
to de susto. Não temais; deixai-me
ficar, meu pai, lhe disse Bella com
resolução, parti pela manhã, entre-
gai-me ao soccorro do Ceo, e talvez
que este se compadeça de mim. Forão
deitar-se, e julgavão que não dormi-
rião em toda a noite; mas elles ador-
mecerão apenas se mettêrão nas camas.
Pela noite adiante vio Bella em so-
nho huma dama, que lhe disse: Es-

tou satisfeita do vosso bom coração; a generosa acção, que obrastes em dar a vida pela de vosso pai, não ficará sem premio. Acordando Bella, contou este sonho a seu pai; e ainda que isto o consolasse algum tanto, não deixou com tudo de dar grandes gemidos, quando houve de separar-se de sua querida filha.

Assim que elle partio, se poz tambem Bella a chorar, sentada na grande sala; e como ella era dotada de grande animo, se encommendou a Deos, propondo não se amofinar aquelle pouco tempo, que tinha de vida, por cuidar que a féra a devoraria á noite; e com esta esperança se resolveo a passear, e ver todo o castello, de que admirava a magestade. Andando nisto, ficou attonita de dar com huma porta, sobre a qual achou escritas estas palavras: *Quarto de Bella*. Abrio ella com precipitação a porta, e ficou allucinada com a magnificencia, que dentro havia; admirando-se ain-

da mais de achar huma grande livraria , hum cravo , e muitos livros de musica , o que a obrigou a dizer consigo mesma : Não querem que eu me enfade ! Todas estas cousas lhe fizeram crer que se não tivesse mais do que hum dia de vida naquelle Palacio , lhe não prepararião hum tal aposento ; e com esta consideração recobrou animo. Abrio a livraria , e achou hum livro , em que estavam escritas com letras de ouro estas palavras *Apetecei , mandai , vós sois aqui a Rainha , e a Senhora.* Ah ! diz ella suspirando : Eu não desejo senão ver o meu triste pai , e saber em que agora se occupa. Apenas disse estas palavras para si , ficou admirada , lançando os olhos para hum grande espelho , de ver nelle a sua casa , onde seu pai chegava extremamente desconsolado. Suas irmãs vinhão esperallo ; e não obstante os géstos , que fazião para se mostrarem afflictas , a alegria , que ellas tinham com a falta de sua irmã Bella ,

apparecia em seu rosto. Passado algum tempo desapareceo tudo isto ; e então Bella não deixou de considerar que a féra tinha humanidade , e que já não devia temella. Ao meio dia achou a meza posta ; e em quanto jantou , ouviu hum excellente concerto , sem que visse alguma pessoa. A' noite, quando hia pôr-se á meza , sentio o ruido, que a féra vinha fazendo, com o que não pôde deixar de estremecer. Bella, lhe diz o monstro, quereis vós que vos veja cear ? Vós sois o senhor da casa , lhe respondeo Bella tremendo. Enganais-vos , disse a féra , aqui só vós sois a Senhora ; e se eu vos causo desgosto , não tendes senão mandar-me , porque eu sahirei sem demora. Ora dizei-me : não vos pareço eu bem feio ? Não ha dúvida , diz Bella ; mas além disto vós me pareceis muito bem. Tendes razão , diz o monstro ; e sabei que além de ser feio , tambem não tenho viveza , porque eu não sou mais do que hum bruto. Não he

bruto, replicou Bella, quem julga que não tem engenho, pois que hum tolo nunca conheceo a sua falta. Comei, Bella, lhe diz o monstro, e fazei por vos não desgostar desta casa: tudo o que vedes he vosso, e terei mágoa se não estiverdes satisfeita. Tendes muita bondade, diz Bella: confesso-vos que estou bem agradada do vosso genio; e quando me lembro disto, não me pareceis tão feio. Sim, Senhora, tenho coração sensivel; mas sempre sou hum monstro. Ha muitos homens, que são mais monstros do que vós, diz Bella, e por isso vos estimo mais com essa figura do que aquelles, que com figura humana encobrem hum coração enganoso, corrompido, e ingrato. Se eu tivesse raciocinio, tornou o bruto, far-vos-hia hum grande cumprimento para agradecer-vos esse elogio; mas eu sou hum estúpido; e tudo o que posso dizer-vos, he, que vos sou muito obrigado. Ceou Bella com boa vontade, sem ter já medo

do monstro ; porém cuidou morrer de susto , quando este lhe disse se queria ser sua mulher. Esteve ella algum tempo sem responder ; porém tendo medo de excitar a cólera do monstro , se não fallasse , lhe disse em fim , tremendo , que não. Com esta resposta quiz suspirar o pobre monstro , e deo hum silvo tão espantoso , que retenio todo o Palacio. Perdeo de pressa Bella o susto ; porque o bruto dizendo-lhe tristemente a Deos , sahio da camara , virando-se , para vella de quando em quando , para trás. Teve Bella , depois de estar só , grande compaixão deste bruto , e dizia : He pena que elle seja tão feio , sendo tão bom.

Tres mezes passou Bella neste Palacio com muito socego , sendo visitada todas as noites pelo bruto , que a entretinha pelo espaço da cea muito ajuizadamente ; mas nunca com o que no mundo se chama espirito. Todos os dias descobria Bella novos agradamentos naquelle monstro. O habito de

o ver a tinha costumado á sua fealdade ; e em lugar de aborrecer a hora da sua visita , olhava muitas vezes o seu relógio para ver se erão nove horas , porque o bruto não deixava de vir áquella hora. Huma só cousa aborrecia a Bella ; e era esta , que o monstro antes de se deitar , lhe perguntava sempre se queria ser sua mulher , e mostrava-se penetrado de dôr , quando ella lhe dizia que não : até que huma occasião se resolveo a dizer-lhe : Vós me amofinais com essa pergunta : eu desejaria poder desposar-vos ; mas sou muito sincera , para que vos faça esperar que isto se conclua algum dia : só vos prometto a minha amizade , e contentai-vos com ella. Não tenho outro remedio , respondeo o bruto , e fallo contra mim mesmo. Sei que sou muito disforme : e ainda que vos amo ~~com~~ extremo , sou com tudo ditoso por ~~querdes~~ aqui ficar : assim vós me prometteis de nunca me deixar. Córrou Bella ouvindo isto ; e como ella ti-

inha visto no seu espelho que seu pai estava doente com mágoa de a ter perdido, desejava ainda vello. Com muito gosto vos prometteria, diz ella ao bruto, não vos deixar nunca; mas tenho tanto desejo de ver meu pai, que morrerei com pena se me negais este gosto. Antes eu quero mesmo morrer, do que dar-vos essa afflicção. Mandar-vos-hei para casa de vosso pai, onde ficareis, e o vosso triste bruto morrerá com tristeza. Não, lhe diz Bella chorando; o muito que vos amo não permite que vos cause a morte: prometto-vos de tornar dentro em oito dias. Eu vi no espelho que minhas irmãs se casarão, e que meus irmãos estão feitos soldados; e como meu pai ficou só, permitti que eu vá estar com elle huma semana. A' manhã pela manhã vos achareis na sua presença, diz o bruto; mas não vos esqueçais da vossa promessa; e quando quizerdes tornar, não tendes mais do que pôr sobre huma meza o vosso anel, quan-

do vos deitardes: ficai-vos com Deos. O bruto gemeo como costumava, dizendo estas palavras: e Bella se deitou muito triste pelo ver afflicto. Pela manhã, quando acordou, se vio em casa de seu pai; e tocando huma campainha, que estava a hum lado da sua cama, vio vir a criada, que deo hum grande grito pela ver. Acudio a este grito o triste velho, que cuidou morrer de alegria, tornando a ver sua amada filha, e estiverão ambos abraçados mais de hum quarto de hora. Depois destes primeiros transportes de alegria, cuidou Bella que não tinha vestidos para se levantar. Percébendo isto a criada, lhe disse que no quarto vizinho tinha achado hum bahú cheio de vestidos, guarnecidos de ouro, e diamantes. Agradeceo Bella ao benigno bruto a sua attenção; e tomando o menos rico destes vestidos, mandou á criada fechar os outros, de que queria fazer presente a suas irmãs; mas tanto que ella proferio estas palavras,

desappareceo o bahú. Disse-lhe o pai que o bruto queria que ella guardasse tudo para si, e logo os vestidos, e bahú tornarão ao mesmo lugar. Em quanto Bella se vestio, avisarão suas irmãs da sua vinda, as quaes a vierão ver com seus maridos. Ambas ellas vivem bem infelizes, porque a mais velha tinha casado com hum Cavalheiro lindo como o amor; mas estava tão namorado da sua propria figura, que lhe não lembrava outra coisa desde pela manhã até á noite, e desprezava a belleza de sua mulher. A segunda estava casada com hum homem de genio fecundo; mas este só lhe servia para fazer enraivar a outra gente, começando por sua mulher. Ellas cuidarão enlouquecer com pena, quando virão sua irmã vestida como huma Princeza, e mais formosa do que o Sol. Por mais que Bella as acariou, não pôde suffocar a sua inveja, que se augmentou, contando-lhes a sua felicidade. Retirarão-se as duas invejosas para o jar-

dim , para chorarem á sua vontade , dizendo huma á outra : Porque será mais feliz do que nós esta vil creatura ? Não somos nós mais amaveis do que ella ? Occorreo-me agora este pensamento , irmã , diz a mais velha ; façamos pela demorar aqui mais de oito dias , talvez que o seu estúpido bruto então se encolerize , por ella faltar á palavra , e a devore. Tendes razão , respondeo a outra irmã ; e por isso devemos fazer-lhe muitos carinhos. Com esta resolução voltárão a casa , e tratarão com tal amizade a Bella , que chorou esta com alegria. Passados os oito dias , as duas irmãs arrancárão os cabellos , e de tal sorte se fingirão afflictas , que Bella lhes prometteo ficar outros oito dias.

Com tudo a mágoa , que Bella sabia causava ao triste bruto , que ella amava ternamente , a instigava , e se entristecia por não vello outra vez. A decima noite , que ficou em casa de seu pai , sonhou que estava no jar-

dim do Palacio , e que vio o bruto deitado sobre a herva quasi morto , e reprehendendo-lhe a sua ingratição. Acordou Bella sobresaltada , e começou a chorar. Não sou bem má , dizia ella , em dar desgosto a hum bruto , que me trata com tanta complacencia? Elle he docil , e isto val mais que tudo. Porque não quero eu desposallo , podendo ser mais feliz com elle do que minhas irmãs com seus maridos? Nem a formosura , nem o espirito de hum marido he o que faz a huma mulher satisfeita ; mas sim a bondade de seu genio , a virtude , a complacencia , cujas qualidades tem o bruto. Não lhe tenho amor , mas sim estimação , amizade , e agradecimento. Vamo-nos , eu não devo fazello infeliz , toda a minha vida me pezeria da minha ingratição. Ditas estas palavras , Bella se ergue , põe o anel sobre a meza , e torna a deitar-se. Adormeceu logo ; e quando acordou ao outro dia , alegrou-se por se ver no Pa-

lácio do bruto. Vestio-se magnificamente para lhe agradar, e passou o dia extremamente afflicta, esperando as nove horas da noite: em vão as deo o relógio, pois que o bruto não appareceo. Então he que Bella temeo ter-lhe causado a morte, e por isso correo todo o Palacio para o achar, gritando como desesperada. Depois que o buscou por toda a parte, lembrou-se do seu sonho; e sahindo para o jardim, o achou ao pé de hum cano, onde ella o víra por sonhos. Vio o triste bruto estendido, e sem acordo, e julgando que estava morto, lançou-se sobre o seu corpo, sem lhe causar horror a sua figura; e sentindo palpitar ainda seu coração, tomou agua do canno; e lha lançou sobre a cabeça. Abrio então o bruto os olhos, e disse a Bella: Esquecestes-vos da vossa promessa, e a mágoa de vos ter perdido me obrigou a deixar-me morrer á fome; morro porém satisfeito, tendo o gosto de vos ver outra vez.

Não, meu amado bruto, lhe diz Bella, não morrereis, vivei para ser meu esposo, desde agora vos dou a minha mão, e juro de ser só vossa. Até aqui julgava não vos dever mais do que huma simples amizade; mas a dôr, que sinto agora, me mostra que eu não poderia viver sem ver-vos. Tanto que Bella proferio estas palavras, apparece o castello illuminado, os fogos de artificio, e a musica annuncião huma grande festa; mas todas estas maravilhas não prendêrão seus olhos, que ella virou para o seu amado bruto, cujo perigo a fazia estremecer. Qual foi seu pasmo, desapparecendo o bruto, e não achando a seus pés senão hum Principe mais bello do que o mesmo amor, o qual lhe agradecia o ter acabado o seu encanto! Mas ainda que este merecesse toda a sua attenção, não pôde deixar de perguntar-lhe pelo bruto. Aqui está a vossos pés, lhe diz o Principe; huma malevola magica me tinha con-

demnado a conservar esta figura , até que huma formosa moça quizesse desposar-me ; e tambem me tinha prohibido de dar a conhecer o meu espirito. Assim não havendo outra tão compadecida como vós , que se deixasse mover da docilidade de meu genio , vos offereço a minha Coroa , que ainda acho pouco para desempenho das obrigações que vos devo. Bella suspenção de alegria , deo a mão a este agradavel Principe , para que se levantasse , e forão ambos para o castello , onde Bella cuidou morrer de gosto , quando achou na grande sala seu pai , e toda a sua familia , que a formosa dama ; que lhe apparecêra em sonho , alli tinha transportado. Bella , lhe diz esta dama , que era huma grande magica , vinde receber a recompensa de vossa boa escolha : vós preferistes a virtude á belleza , e ao espirito , e por isso mereceis achar todas estas qualidades juntas em huma mesma pessoa. Vós estais feita huma grande Rainha ;

e espero que o throno não destrua vossas virtudes. Vós, Senhora, diz a Magica ás irmãs de Bella, como penetro o vosso coração, e toda a sua maldade, vos tornareis em duas estatuas, conservando toda a vossa razão debaixo da pedra, que vos encobrir. Ficareis á porta do Palacio de vossa irmã, sem terdes outro castigo, senão de serdes testemunhas da sua felicidade. Não podereis tornar ao vosso primeiro estado, senão quando conhecerdes os vossos erros; porém receio que fiqueis sempre estatuas. Qualquer se corrige da soberba, da cólera, da intemperança, e da preguiça; mas a mudança de hum coração maligno, e invejoso só acontece por milagre. Dito isto, deo a magica huma pancada com a vara, e transportou todos os que estavam naquella sala ao Reino do Principe. Seus vassallos o virão com alegria: desposou este a Bella, que viveo com elle muito tempo, e com huma perfeita felicidade, porque esta se fundava na virtude.

CARLOTTA.

E suas irmãs ficarão sempre estatuas ?

BONNA.

Sim, menina, porque sempre conservarão hum máo coração.

ESPIRITUOSA.

Estaria ouvindo-vos huma semana sem me enfadar. Estimo esta Bella em extremo ; mas parece-me que se estivesse em seu lugar, não quereria desposar o bruto, sendo elle tão horri-
vel.

SENSATA.

Mas como elle era tão docil, vós não consentirieis que morresse com magoa, principalmente depois de ter-vos feito tanto bem.

ESPIRITUOSA.

Dir-lhe-hia, como Bella lhe disse no principio, serei vossa fiel serva, mas não quero ser vossa mulher.

MARY.

A mim causar-me-hia medo, e sempre cuidaria que elle me queria devo-
rar.

MOLLY.

Eu creio que me costumaria a vel-lo do mesmo modo que Bella ; pois quando meu pai tomou hum negrinho por lacaio , tinha medo d'elle ; escondia-me , quando entrava em casa , por me parecer mais feio do que hum bruto. Fui pouco a pouco perdendo o susto , de sorte que agora me conduz , quando me metto na sege , e não reparo no seu rosto.

BONNA.

A Senhora Molly tem razão no que diz ; pois não importa que nos affaçamos á fealdade , com tanto que nos não costumemos á malicia. Nenhuma de nós se deve desgostar por ser feia , antes deve vir a ser tão boa , que se possa esquecer o nosso rosto pela bondade de nosso coração. Notai também , meninas , que aquelle , que faz o que deve , he recompensado. Se Bella não tivesse querido morrer em lugar de seu pai , se fosse ingrata para com o pobre bruto , não viria a ser huma

grande Rainha. Vede tambem quanto he pessimo quem he invejoso, pois que a inveja he o mais negro de todos os vicios. Ainda não são mais que tres horas, podeis passear até ás quatro. Correi, saltai á vossa vontade, com tanto que estejais á sombra: eu como já sou velha, e não posso andar, ficarei aqui com Sensata, que não está muito boa.

Mary, que torna dahi a pouco.

Minha Bonna, vede as lindas borboletas, que apanhámos: eu quero metter a minha em huma boceta, e sustentalla com flores, pois talvez que ella crie, e então terei huma galante ninhada de borboletas.

BONNA.

Antes ficareis espantada de ver em lugar de borboletas huma creação de lagartas.

MARY.

Eu não quero metter na boceta

humã lagarta , mas sim humã borboleta ; e então como posso achar outra coisa diferente ?

BONNA.

Na verdade que se não pôde achar em humã boceta , e em outra qualquer coisa , senão o que ahi se põe ; mas sabei , menina , que esta borboleta , quando nasceo , era hum bichinho : fez-se depois humã vil lagarta , e ultimamente se converteo nesta borboleta.

ESPIRITUOSA.

Isso he o mesmo que humã metamorfose. Mas dizei-nos , Senhora Bonna , como pôde acontecer isto ? pois eu tive sempre as metamorfoses , como os contos , com que se entretem as erianças.

BONNA.

Estais enganada , menina , as metamorfoses são a historia dos Gregos , encuberta , e envolvida debaixo das fabulas ; e quando vós tiverdes mais idade , eu vos mostrarei a relação , que ellas tem com a historia.

ESPIRITUOSA.

Sempre me prometteis de dizer-me o que vos pergunto, quando eu for maior, sem vos lembrardes que eu faço cedo treze annos, e que não sou já menina, para que me não digais hoje o que guardais para outro tempo.

BONNA.

Ha muitas cousas, que vós deveis saber primeiro; e antes que vos mostre a coherencia das metamorfoses com a historia, deveis-vos instruir nella. Aprendei-a de pressa, e depois eu vos instruirei em tudo o que quizerdes saber.

MARY.

E será preciso, Senhora Bonna, que eu espere pela idade para saber como a borboleta se póde fazer lagarta?

BONNA.

Não, menina: para vos fazer o gosto, eu apanho bastantes borboletas, as quaes porão no Outono ovos sobre algumas folhas, que eu lhes pu-

zer , e morrerão depois de os ter posto. Porei as folhas ao Sol ; e tanto que os ovos aquecerem , sahirão humas pequenas lagartas , que fiarão , assim que nascerem , como vedes fiar as aranhas , e com este fio fabricarão hum casa , em que se escondem no Inverno para não sentirem o frio.

MOLLY.

Quem he que lhes dá a materia , de que possão fazer esse fio ?

BONNA.

Deos , que as creou , lhes dá tudo o que he necessario , para viverem , e se conservarem , e por isso tem ellas em seu corpo hum armazem , em que achão de que fação o fio para edificarem a sua casa.

MARY.

Vós , Senhora Bonna , dareis de comer a essas pequenas lagartas ; mas quem sustenta aquellas , que ficão no campo fechadas nos seus casulos ?

BONNA.

Ninguem , menina ; nem ellas tem.

necessidade de sustento , e nem comem, senão quando são grandes. Em o tempo aquecendo, sahem das suas casas ; e depois de se nutrirem algum tempo , vós as vereis edificar para si hum tumulo , onde se deitão , e ficão como mortas. Assemelhão-se então a huma fava ; e passado tempo, começa esta fava a mover-se: della sahe huma cabeça , pernas , azas , e em fim huma linda borboleta, como esta, que se nutrirá com flores , até que ponha os seus ovos , e que acabe.

MARY.

E podemos ver tudo isto , Senhora Bonna ?

BONNA.

Sim , vós vereis tudo isto , e outras muitas cousas agradaveis , se formos ao campo todas , como espero. Em quanto aqui estamos , eu mando apanhar doze borboletas para as guardar no meu gabinete , onde lhes mandarei por todos os dias novas flores , e lhes faremos varias visitas. Agora

vamos tomar o chá , e depois repetirá Molly a historia que lhe pertence.

MOLLY.

Muito tempo depois da morte de Adão , e Eva fizeram-se os homens tão máos , que Deos os aborreceo. Mentião , erão golosos , vivião em discórdias , nunca oravão a Deos ; em huma palavra , só cuidavão em obrar mal. Quiz o Senhor castigallos ; mas como entre os máos havia hum homem virtuoso , lhe mandou Deos fazer huma grande casa de páo , e metter nella toda a especie de animal. Este homem se chamava Noé , o qual tanto que a casa se acabou , entrou nella com sua mulher , e seus tres filhos , chamados Sem , Chão , e Jafet , e as mulheres dos mesmos. Assim que elles estiverão nesta grande casa , que se chamava a Arca , fez Deos chover tanta agua , que subio sobre todas as casas , arvores , e montes , de sorte que todos os homens , e animaes se afogárão. Não se afo-

gou Noé , como os outros , porque Deos fechou bem a Arca , e esta se sustinha sobre as aguas. Depois de mortos todos os homens , não choveo mais , e a terra se enxugou com hum grande vento , que sobreveio ? pelo que abrio huma janella da Arca , e deixou sahir hum corvo. Este sendo hum animal carniceiro , e nutrindo-se de corpos mortos , encontrando muitos sobre a terra , não tornou para a Arca. Passado algum tempo , abrio Noé outra vez a janella , e deixou sahir huma branca pomba , a qual colheo hum raminho de huma arvore , e o trouxe em seu bico. Depois disto disse Deos a Noé que sahisse da Arca ; e este pondo-se de joelhos com toda a sua familia , agradeceo a Deos aquelle beneficio , e no mesmo tempo vio no Ceo hum grande sinal azul , vermelho , verde , e roxo , o qual se chamou o Arco Iris. O Senhor lhe disse então : Eu mostrarei este arco muitas vezes , para vos fazer lembrar que não haverá outro

diluvio ; isto he , que nunca choverá tanto como agora.

MARY.

Quem deo de comer, Senhora Bonna, a Noé, a seus filhos, e a todos os animaes, em quanto estiverão dentro da Arca?

BONNA.

Tinhão mettido dentro com que se sustentassem, do mesmo modo que quando vós fostes a Irlanda em hum navio, a que a Arca se assemelhava, comieis do mantimento, de que o tinhão provido.

MARY.

Assim he, Senhora Bonna; e o navio tambem tinha janellas, e a cada instante estava receando se affundisse. Mas dizei-me: Por que razão o navio se sustinha sobre as aguas, e humma faca, que eu deixei cahir, se foi ao fundo?

BONNA.

A razão he; porque a agua, que estava debaixo do navio, era mais pe-

zada do que este, e a vossa faca pezava mais do que a agua, que a não pôde suster.

ESPIRITUOSA.

Como pôde ser isso, se hum navio he mais pezado do que huma faca?

BONNA.

He verdade, menina; mas tambem ha maior quantidade de agua, que o sustenta, do que debaixo da faca, que não occupa quasi nada, de sorte que ainda hum navio de ferro iria logo ao fundo. Façamos experiencia no tanque, que está no jardim: eu tômo hum pedaço de páo da grossura deste chumbo, que tenho na mão; e vede como lancados no tanque, o páo anda sobre a agua, e o chumbo se affunda, porque he mais pezado. Esta avezinha, que está sobre este ramo, não o faz dobrar, porque he mais leve; mas se eu subisse sobre o mesmo ramo, o quebraria por pezar mais que ella.

obtidos em...

MARY.

Agora percebo , Senhora Bonna , e vos prometto que , se tornar a Irlanda , não terei já medo que o navio se affunde , por saber que a água péza mais do que elle.

BONNA.

Pois então , Molly , a historia que repetistes , não vos faz lembrar alguma reflexão ?

MOLLY.

Sim , Senhora Bonna , assim como Noé cuidou logo em agradecer a Deos o beneficio , que lhe fez , tambem eu me não esquecerei de agradecer-lhe todos os dias o que elle me dá.

MARY.

Pois he certo que Deos vos dá alguma cousa ? Eu julgo que me não tem dado nada.

BONNA.

Que dizeis , menina ? Deos vos deo todos os membros do corpo : dá-vos o que comeis , e o que vestis ; em huma palavra , dá-vos tudo o que tendes.

Perdoai-me , Senhora Bonna , eu creio antes que minha mãe me dá os vestidos , e aquillo que como.

BONNA.

Lembrai-vos , menina que Deos creou tudo , e que todas as cousas lhe pertencem. Se elle não desse dinheiro a vossa mãe para comprar-vos vestidos , pão , e todas as cousas , de que necessitais , nada terieis.

MARY.

Então eu amo já a Deos , pois que me dá tudo.

BONNA.

He muito justo , menina ; e para mostrar a Deos que vós o amais , deveis ser boa , porque isto he só o que lhe agrada.

MARY.

E tambem Deos creou a minha avó , que está em Irlanda ?

BONNA.

Deos , minhas filhas , fez tudo o que está na terra , e Ceo. Parece-me

que chove , e por isso devemos recolhernos ao meu quarto.

CARLOTTA.

Vinde cá , Senhora Bonna , olhai para este lado , que me parece vejo aquella bella máquina , que vós chamais Arco Iris. Oh que agradaveis côres !

BONNA.

Tendes razão , menina ; mas sabei que quando o virdes , vos deveis lembrar que este he o sinal da paz , que Deos fez com os homens ; que nunca se pode vêr , sem que no íntimo de nossos corações agradeçamos a Deos a bondade de nos perdoar. Mas vamos depressa , porque já sinto pingas de agua , e como são seis horas , he tempo de vos retirardes. Sensata como está doente , ha de deitar-se cedo : vós Senhoras , tornai depois de amanhã , e adverti que não deveis jantar com tanta pressa.

ESPIRITUOSA.

Sim , comeremos de vagar ; mas

em recompensa nos direis hum conto antes do chá.

BONNA.

Sim, meninas, eu vo-lo prometto.

DIALOGO VI.

QUARTO DIA. †

CARLOTTA.

JA' que gastámos á meza meia hora, esperamos, senhora Bonna, pela historia, que nos promettestes.

BONNA.

Com muito gosto; mas a Senhora Carlotta não tem nada que me dê?

CARLOTTA.

Sim, eis-aqui hum papel, que julgo conterá cousas bem injuriosas, espero e leais para vós.

BONNA

Logo faço, e o vou lendo, em quan-

to vós tomais o chá. Está bem, Senhoras, vou cumprir a minha palavra; e para pagar a minha divida, vou dizer-vos hum conto: assentai-vos.

Conto do Principe Fatal, e do Principe Affortunado.

Houve em outro tempo huma Rainha com dous filhos, e ambos muito bellos. Huma magica conhecida da Rainha foi convidada para ser madrinha destes Principes, e para que lhes desse algum dom. Eu dóto ao mais velho, diz ella, com toda a sorte de infelicidades até á idade de vinte e cinco annos; e lhe chamo o Principe Fatal. A estas palavras deo a Rainha grandes gritos, e pedio á magica lhe mudasse a sorte. Não sabeis o que pedís, diz ella á Rainha; porque se não for infeliz, será máo. Não ousou a Rainha replicar-lhe; mas pedio-lhe que lhe deixasse escolher hum dom para o seu segundo filho. Escolhei, que tal-

vez escolhais o contrario, respondeo a magica; mas não importa, pois quero conceder-lhe o que vós me pedirdes. Desejo, diz a Rainha, que elle consiga tudo o queprehender; e este he o meio de o fazer perfeito. Temo que vós vos enganais, e por isso só lhe permitto esse dom até á idade de vinte e cinco annos.

Derão amas aos dous pequenos Principes, das quaes a que era do mais velho, passados tres dias, adoeceo. Puzerão-lhe outra, que de huma quéda quebrou huma perna: veio terceira, que assim que o Principe Fatal começou a mammar, perdeu o leite; e correndo fama que este fazia infelizes a suas amas, ninguem o quiz criar, nem chegar-se a elle. Este pobre menino chorava com fome, e suas lagrimas a ninguem causavão compaixão; até que huma robusta aldeã, que tinha hum ~~grande~~ numero de filhos, e muito trabalho em sustentallos, se offereceo para criá-lo, se lhe quizessem dar huma

grossa somma de dinheiro. O Rei , e Rainha , como não amavão muito o Principe Fatal , derão á ama o que lhe pedio , e lho mandárão levar para a sua aldêa. O segundo Principe , que se chamava Affortunado , criava-se pelo contrario maravilhosamente : seus pais o amárão com excesso , sem terem alguma lembrança do mais velho. A maligna mulher , a quem o tinhamo confiado , tanto que chegou a casa , lhe tirou todas as ricas mantilhas , em que vinha envolvido , e as deo a hum dos seus filhos , que era da idade de Fatal ; e embrulhando o lastimavel Principe em huma pessima envolta , o levou a hum bosque , em que havia muitas féras , e o poz em huma cova onde estavão tres leões pequenos para ser comido ; porém a mãe destes leões não lhe tocou , antes lhe deo de mamar , com cujo leite se fez tão robusto , que andava desembaraçado no fim de seis mezes. Neste tempo morreo o filho da ama , que ella fazia passar por

Principe, com que o Rei, e Rainha, ficarão contentes, por se verem livres delle. Esteve Fatal naquellã mata até á idade de dous annos, no qual tempo hum Senhor da Corte indo á caça, ficou attonito de o achar entre as feras; e compadecendo-se delle, o trouxe para casa; e tendo noticia que se buscava hum menino para companhia de Affortunado levou Fatal á Rainha. Derão Mestre a Affortunado para ensinallo a lêr, e lhe recommendarão que o não fizesse chorar. O Principe, que ouviu isto, todas as vezes, que tomava o livro, chorava, de sorte que em cinco annos não conheceo as letras, ao mesmo tempo que Fatal lia perfectamente, e escrevia. Para metter medo ao Principe, mandarão ao Mestre que castigasse a Fatal todas as vezes, que aquelle faltasse ás suas obrigações; pelo que por mais que Fatal fizesse por saber, não escapava ao castigo: sendo além disto Affortunado tão teimoso, e máo, que maltratava a seu irmão, que

não conhecia. Se a Fatal davão hum pomo, ou alguma cousa para brincar, Affortunado lha tirava das mãos. Fazia calallo, se fallava; obrigava-o a fallar, se queria estar calado: em huma palavra, era hum tenro martyr, de que ninguem se compadecia. Vivê-rão deste modo até os dez annos, estando a Rainha admirada da ignorancia de seu filho. A magica me enganou, dizia ella: eu cuidava que meu filho sería o mais sabio de todos os Principes, e por isso desejei que elle sahisse bem em tudo o que emprehen-desse.

Consultou sobre isto a magica, que lhe disse: Senhora, deveis desejar a vosso filho antes huma boa inclinação do que talentos: elle não quer senão ser muito máo, e isto consegue elle como se vê. Depois que a magica disse estas palavras á Rainha, lhe virou as costas, e esta afflicta Princeza voltou para o seu Palacio. Quiz reprehender Affortunado para o obrigar a

viver melhor : mas em lugar de prometter emenda , respondeo que se o amofinassem , se deixaria morrer com fome. A Rainha então atemorizada o tomou sobre os joelhos , beijou-o , deo-lhe varios doces , e lhe disse que se elle comesse como costumava , não daria lição oito dias. Com tudo o Principe Fatal era hum prodigio de sciencia , e de bondade , e estava de tal sorte costumado a ser contrariado , que não tinha vontade propria , e só cuidava em prevenir os caprichos de Affortunado ; mas este maligno moço , que se enraivava de o ver mais habil do que elle , não o podia soffrer , e os aios para agradarem ao Principe seu amo , a cada instante castigavão a Fatal. Em fim este máo rapaz disse á Rainha que não queria tornar a ver Fatal , e que não comeria até o não lançarem fóra do Palacio. Eis-aqui pois Fatal na rua ; e como todos temião o desagrado do Principe , ninguem o quiz recolher. Passou

este a noite debaixo de huma arvore enregelado com frio, pois era no Inverno, e sem ter outra cêa mais que hum pedaço de pão, que lhe derão por caridade. Ao outro dia de manhã fallou consigo mesmo, e disse: Eu não quero estar aqui ocioso: trabalharei para me sustentar, até que seja capaz de ser soldado. Lembra-me de lêr nas historias que simpleses soldados chegarão a ser grandes Capitães; talvez que eu tenha a mesma felicidade, se obrar como homem de bem. Não tenho pai, nem mãe, mas Deos he o Pai dos orfãos; e como elle me deo huma leoa para ama, agora não me desampará. Depois destas reflexões se levantou Fatal, deo graças a Deos, o que elle fazia sempre pela manhã, e á noite, tendo, quando orava, os olhos baixos, as mãos postas, e a cabeça firme. Hum rustico, que passava neste tempo, vendo que elle rogava a Deos de todo o coração, se sentio movido, e disse: Creio

que este rapaz ha de ser bem inclinado, e estou resolute a tomallo para me guardar o gado, e talvez que Deos me ajude por sua causa. Esperou o rustico que Fatal acabasse a oração, e lhe disse: Meu menino, quereis vós vir guardar o meu gado? prometto de vos sustentar, e de vos tomar a meu cargo. Acceito, respondeo Fatal, e farei tudo o que puder para vos servir bem. Era este rustico hum grande lavrador, e tinha muitos criados, que o roubavão muitas vezes, e o mesmo fazia sua mulher, e filhos. Tanto que elles virão Fatal, ficarão muito contentes, e disserão entre si: Elle he ainda rapaz, e fará tudo o que nós quizermos. Hum dia lhe disse a mulher: Deixa-me tirar hum carneiro, e dize-lhe que o lobo o comeo. Senhora, lhe respondeo Fatal, desejaria muito servir-vos nisso; mas eu quero antes morrer do que mentir, e ser hum ladrão. E's tolo no que dizes, replicou a mulher, ninguem saberá se

tu fizeste isto. Basta que Deos o saiba, tornou Fatal, pois elle vê tudo o que nós obramos, e castiga os mentirosos, e ladrões. Apenas a lavradora ouviu estas palavras, se lançou sobre elle, encheo-o de bofetadas, e arrancou-lhe os cabellos. Chorou Fatal; e ouvindo-o o lavrador, perguntou a sua mulher, porque lhe dava? Porque he hum goloso, diz ella; vi-o esta manhã estar comendo hum pucaro de nata, que queria levar á feira. Fóra, diz o rustico; ha cousa mais vil do que ser goloso! e chamando hum criado, o mandou castigar; e por mais que o triste rapaz gritava que não tinha comido a nata, davão mais crédito á lavradora do que a elle.

Depois disto sahio Fatal com os carneiros para o campo., e a lavradora lhe disse: Então quereis vós agora dar-me o carneiro? Isso me custaria muito, diz Fatal: podeis fazer contra mim o que quizerdes; mas não me obrigareis a mentir. Esta má mulher,

para vingar-se de Fatal , obrigou todos os mais criados a fazer-lhe damno. Ficava elle no campo de dia , e de noite ; e em lugar de dar-lhe de comer , como aos outros criados , só lhe mandava pão , e agua ; e quando elle vinha a casa , lhe imputava todo o mal , que nella se fazia. Viveo hum anno com este lavrador ; e posto que elle dormisse sobre a terra , e fosse tão maltratado , cresceo tanto , que se cria que já tinha quinze annos , não tendo mais que treze ; tendo-se feito além disto tão paciente , que se não amofinava , quando lhe ralhavão sem causa. Estando hum dia na herdade , ouviu dizer que hum Rei vizinho tinha huma grande guerra ; pelo que se despedio do amo , e foi ao Reino deste Principe assentar praça de soldado. Alistou-se na companhia de hum grande Senhor , que mais parecia hum homem de andas do que hum Capitão ; pois não fazia mais que jurar , castigar os soldados , e furtar-lhes ameta-

de do soldo , que o Rei lhe dava para os sustentar , e vestir ; de sorte que em poder deste máo Capitão soffreo Fatal mais do que em casa do rendeiro. Obrigou-se por dez annos ; e ainda que elle visse desertar a maior parte dos camaradas , não quiz seguir o seu exemplo ; porque , dizia elle , eu recebi dinheiro para servir dez annos , e se faltasse á palavra , roubaria o Rei ; e ainda que o Capitão fosse hum máo homem , e maltratasse a Fatal como aos outros , não podia este deixar de estimallo , por ver que cumpria com a sua obrigação. Dava-lhe elle dinheiro para fazer os seus provimentos , e ficava Fatal com a chave do seu quarto , quando elle hia para fóra , ou jantava em casa de seus amigos. Não era este Capitão dado aos livros , mas tinha huma grande livraria para capacitar aos que o visitavão , que era homem applicado ; pois naquelle paiz crião que hum Official , que não lia a historia , não seria mais do que hum

nescio , hum ignorante. Depois que Fatal acabava a obrigação de soldado, em lugar de ir beber , e jogar com seus camaradas , se fechava no quarto do Capitão , procurando aprender a sua arte , lendo as vidas dos grandes homens , e fazendo-se capaz de mandar hum exercito. Havia sete annos que elle era soldado , quando partio para a guerra. Estando no campo , escolheo o seu Capitão seis soldados para ir observar hum pequeno bosque ; e estando no meio d'elle , começaram estes a dizer huns aos outros: Matemos este maligno homem , que nos moe com pancadas , e nos furta o nosso pão. Fatal porém lhes dizia que não commettessem huma tão má acção ; mas elles em lugar de o ouvirem , lhe disserão que o matarião juntamente com o Capitão ; e logo mettêrão todos cinco mão á espada. Poz-se então Fatal da parte do seu Capitão , e se defendeo com tal valor , que só elle matou quatro destes solda-

dos. O Capitão vendo que lhe devia a vida, lhe pediu perdão do mal, que lhe tinha feito; e contando ao Rei o que lhe acontecera, foi Fatal feito Capitão com a mercê de huma boa tença.

Feito Fatal Capitão, nunca os seus soldados desejárão matallo; pois elle os amava como seus filhos; e em lugar de tirar-lhes o que lhes pertencia, lhes dava do seu proprio dinheiro; quando estes cumprião a sua obrigação. Curava os nas suas doenças, e nunca os reprehendeo por vingança. Achou-se em huma grande batalha, na qual, morrendo o Commandante do exercito, todos os Officiaes, e soldados fugirão; porém elle clamando que antes queria morrer com as armas na mão do que fugir como cobarde, fez com que os seus soldados dissessem que o não desampararião; com cujo exemplo, enchendo-se os mais de vergonha, se ordenarão ao redor de Fa-

tal , e pelejarão tão bem , que prisionárão o filho do Rei inimigo. Ficou o Rei do seu partido muito satisfeito , quando soube que Fatal ganhára a batalha , a quem fez logo General de seus exercitos , e levou á presença da Rainha , e Princeza sua filha , que lhe derão a mão a beijar: Quando Fatal vio a Princeza , ficou quasi immovel , e louco de amor: tanta era a sua belleza ! Então he que elle se julgou infeliz , por cuidar que hum homem , como elle , não tinha nascido para desposar huma grande Princeza. Determinou pois enccebir com captéla o seu amor , soffrendo nisto cada dia os maiores tormentos. Crescêrão estes mais , quando soube que Affortunado vendo o retrato da Princeza , chamada Graciosa , a ficou amando , e queria mandar Embaixadores a pedilla para esposa. Cuidou Fatal morrer com penza ; mas a Princeza Graciosa , sabendo que Affortunado era hum Principe cobarde , e

perfeito, de tal sorte pediu a seu pai que a não fizesse casar com elle, que este respondeu ao Embaixador que a Princeza não queria ainda casar. Affortunado, que nunca fôra contrariado, enfureceu-se, quando lhe derão a resposta da Princeza; e fazendo desta certa a seu Pai, este, que não queria ir contra o seu gosto, declarou a guerra áquelle de Graciosa. Não se assustou este muito com ella; porque, dizia elle, como eu tenho a Fatal na frente do meu exercito, não receio combater. Mandou logo chamar este General, e lhe disse que se preparasse para a guerra. Fatal lançando-se he aos pés, e lhe disse que nascêra no Reino do pai de Affortunado, e que não podia combater contra o seu Rei. O pai de Graciosa se encheo de cólera, e respondeu a Fatal, que o mandaria matar, se não quizesse obedecer-lhe; e que pelo contrario, se alcançasse victoria contra Affortunado, casaria com sua filha. O triste Fa-

tal, que amava a Graciosa extremamente, ficou irresoluto; mas resolveo-se em fim a fazer o que devia, e sem dar conta ao Rei, deixou a Corte, e todas suas riquezas. Affortunado pois se poz na frente de suas tropas para fazer a guerra a seu vizinho; mas como elle era muito delicado, e nunca quiz fazer o mais leve exercicio, adoeceo com a fadiga no fim de quatro dias. A calma, e o frio lhe fazia mal; porém como o Embaixador, para agradar-lhe, lhe dissesse que vira na Corte do pai de Graciosa aquelle pequeno rapaz, que elle expulsara do seu Palacio; e que se dizia que o pai de Graciosa lha promettera por esposa, Affortunado, ouvindo isto, se encheo de cólera; e tanto que melhorou, se poz em marcha para tirar do throno o Pai de Graciosa, e prometteo huma grande somma a quem lhe apanhasse Fatal. Alcançou Affortunado grandes victorias, posto que elle não pebejasse, com medo de

morrer. Sitiou em fim a Cidade capital de seu inimigo; e tinha determinado mandar-lhe hum assalto, quando na vespera desse dia lhe trouxerão a Fatal prezo com grossas cadeias, tendo-se espalhado hum grande numero de pessoas para o apanharem. Affortunado alegre por poder vingar-se, quiz antes de dar o assalto, mandar cortar a cabeça a Fatal á vista dos inimigos. Naquelle mesmo dia deo tambem hum grande banquete a seus officiaes, em memoria do dia de seu nascimento, por fazer nelle vinte e cinco annos. Os soldados, que estavam na Cidade, sabendo que Fatal estava prezo, e que dentro em huma hora o degolarião, resolvêrão-se a morrer, ou a salvallo, lembrando-se do bem que lhes fizera, quando fora seu General; e pedindo licença ao Rei para sahirem ao combate, alcançárão esta vez a victoria. O dom de Affortunado estava findo; e ao tempo que queria fugir, foi morto. Os soldados

victoriosos corrêrão a soltar Fatal , e neste tempo se virão apparecer no árdous brilhantes carros. A magica vinha em hum delles , e o pai , e a mãe de Fatal , adormecidos , vinhão no outro. Não acordárão estes , senão quando os carros chegarão á terra , e ficarão attonitos , vendo-se no meio de hum exercito. Então a magica encaminhando-se para a Rainha , e apresentando-lhe Fatal , lhe diz : Senhora , reconhecei neste heróe o vosso filho mais velho : as infelicidades , que experimentou , corrigirão os defeitos do seu genio , que era violento , e colerico. Affortunado ao contrario , que nasceo com boas inclinações , foi absolutamente corrompido pela lisonja , e não quiz Deos que elle vivesse mais , porque cada dia se faria peior. Morreo finalmente ; e para vos consolardes da sua morte , sabei que tinha intento de tirar-vos do throno , porque se desgostava de não ser já Rei. Ficarão o Rei , e Rainha pasmados ,

e abraçarão com coração terno a Fatal, de quem ouvirão fallar com tanto abono. A Princeza Graciosa, e seu pai ouvirão com gosto o successo de Fatal, com quem se desposou este, e viveo com ella muito tempo com humma perfeita união, effeito da virtude, que os tinha unido.

Carlotta Suspirando.

Ah! quão satisfeita estou de ver socegado o pobre Fatal! Sempre re- ceei que o malevolo Affortunado o fizesse degolar.

BONNA.

Apósto que não ha entre vós algumsa, que não esteja contente por ver morto Affortunado.

MARY.

Da minha parte certamente o estou; pois se não morresse, teria sempre buscado modo de fazer mal a seu irmão.

MOLLY.

Affortunado não tinha culpa em

ser máo, mas sim seus pais pelo terem creado mal.

BONNA.

Tendes razão, menina; e se eu estivesse no lugar da magica, castigaria esta louca mãe, que lhe dava golodices para o desagastar. Mas, meninas, he preciso que façais todas huma reflexão; e já que tendes paixão por Fatal, e aborreceis Affortunado, considerai que os homens tem o vosso mesmo gosto. Amão elles os bons, affligem-se, quando lhes succede mal; e quando acontece huma infelicidade a huma pessoa virtuosa, e de bem, todos se entristecem, ainda aquelles, que a não conhecem. Reparai bem nisto, minhas filhas, vós sois meninas de qualidade, e ricas; e estas cousas não vos adquirirão amor, e estimação, mas sim a vosa virtude. De que serve serdes vós ricas, se guardardes todo o vosso dinheiro, e não pagardes aos que trabalham para vós, e se deixardes morrer os pobres com fome? Obrando

vós assim , vereis que as vossas riquezas vos não fazem amar ; antes pelo contrario todas as vezes que deixardes de soccorrer os pobres , aquelles , que vos virem , dirão : Que miseravel mulher ! He pena que ella seja rica , fôra melhor que F. tivesse as suas riquezas , porque he mais caritativa. Reparai nisto , Carlotta ; pois se continuardes a ser má , desprezar-vos-hão , sereis aborrecido , não obstante a vosa qualidade.

CARLOTTA.

Ah ! Senhora Bonna , tudo isto he certo. A mim nem a minha ama , a minha criada , meus pais , minhas irmãs , e até as moças da cozinha me podem soffrer ; mas agora eu protesto de me emendar.

BONNA.

Assim o espero ; e se vós perseverardes em tomar os meus conselhos , vós vos emendareis.

CARLOTTA.

De boamente farei quanto me disserdes.

BONNA.

Para vós, por exemplo, me mostrades que sois bem inclinada, devieis, tanto que eu li o vosso papel em segredo, pedir-mo para o lêr alto; porque ainda que isto vos custasse, e fosse vergonhoso, seria proprio para vos corrigir.

CARLOTTA.

Se vós julgais que isso serve para me emendar, eu o faço.

BONNA.

Sim, eu vo-lo permitto; e todas as vezes que tiverdes desejo de dizer, ou obrar alguma loucura, reflecti que promettestes de o escrever, e que o haveis de lêr diante destas Senhoras; porque então o receio de que o oução, fará com que vos abstinheis. Vejamos pois este papel: vinde cá, que quero abraçar-vos primeiro, tão satisfeita estou da vossa resolução: quereis vós mesma lello?

CARLOTTA.

Não, Senhora, porque tenho muito vergonha.

BONNA.

Não he máo que vos envergonheis, eu o leio.

Papel.

Eu não quiz obedecer á Senhora F. e lhe disse que era bem confiada em me mandar, sendo ella minha criada. Disse-lhe mais que gostava fazella encolerizar tanto que ella me dêsse, e me quebrasse hum braço, ou huma perna, porque isto a faria pôr fóra de casa.

Carlotta chorando.

A! Senhora Bonnã, estas meninas não me quererão mais na sua companhia, depois de verem que eu sou tão má.

BONNA

Assim he, menina; mas ellas vem o desejo, que tendes de vos emendar. Ora ouvi: nós nascemos todas com defeitos: as pessoas virtuosas, quando erão moças, os tinham, como as viciousas; e a differença só consiste em

que aquellas se corrigirão. Quero confessar-vos que quando eu era pequena, era tão má, como vós sois agora; mas como eu tive huma boa ama, que me queria muito, tomei os seus conselhos, e dentro em dous mezes me emendei de sorte, que todos me desconhecião. Não pertendo dizer-vos quanto he offensivo o que dissestes á vossa aia; eu me esqueço disso por vos ver arrependida.

Sensata abraçando a Carlotta.

Não choreis, minha rica amiga, nós todas vos queremos bem, e eu fico em que vós não cahireis em taes faltas.

ESPIRITUOSA.

Eu li, Senhora Bonna, ha tempos, que houve hum grande Filosofo, a quem todos admiravão pela sua bondade. Confessou este hum dia que nascêra goloso, mentiroso, bebado, e ladrão, o que ninguem quiz crer, por se ter corrigido tão depressa: isto

mesmo acontecerá a Carlotta, quando for maior; pois virá a ser tão boa, que ninguem acreditará que foi maligna.

BONNA.

E tambem de vós custará a crer, que ainda não ha hum mez que ereis huma soberba, que gostaveis de publicar os defeitos das mais para as abaterdes; e agora ides-vos emendando de tal sorte, que se continuardes, vos estimarei bastante. Mas como era o nome desse Filosofo?

ESPIRITUOSA.

Chamava-se Socrates.

MARY.

Oh, bem o conheço, senhora Bonna; hontem me ensinastes vós huma linda historia delle.

BONNA.

Pois então repeti-a a estas meninas.

MARY.

Tinha Socrates huma mulher tão má, que não cessava de ultrajallo com

mil injúrias. Hum dia , que ella ralhou muito , sahio este de casa só pela não ouvir ; ficou esta maligna mulher importuna por não ter com quem ralhar ; o que lhe causou tanta cólera , que tomou huma panella de agua çuja , e a lançou sobre a cabeça de seu marido. Talvez que vós cuideis que Socrates se irritou contra sua mulher ; mas não , rio-se elle disto , e disse para hum amigo , que com elle estava: Depois do trovão sempre chove ; chamando trovão aos ralhos de sua mulher , e agua áquella , com que lhe tinha destruido o seu bom vestido.

SENSATA.

Estou certa que sua mulher quereia antes que elle a castigasse , do que vello rir.

BONNA.

Tendes razão , menina ; não devemos buscar meios de vingar-nos de alguém , o que he indigno , por ser certo que nos vingamos de quem nos

faz mal, rindo-nos do que nos fazem; Quem nos offende, o faz para nos irritar; e como nós lhe não damos este gosto, se mortifica demasiadamente. Já vos disse que ninguem se deve rir para offender a outrem, porque este riso he maligno, antes quando algum nos injuriar, e quizer amofinar-nos devemos dizer comnosco: Esta miseravel pessoa não me póde fazer mal, se eu me não offender; antes se maltrata a si propria, quando deseja agravar-me: logo devo lamentalla, e ter della piedade. Meu Deos, dai-lhe auxilios, para que se arrependa: eu lhe perdão de todo o coração a injúria, que ella me queria fazer; porque, meninas, deveis saber que devemos amar, e perdoar a nossos inimigos, se quizermos que Deos nos perdoe. Agora he preciso que a Senhora Molly, e Mary nos contem as suas historias.

MOLLY.

Depois que Noé sahio da Arca,

entrou a cultivar a terra , e plantou huma vinha , a qual produzio uvas , e destas fez elle vinho. Feito esse , quiz Noé saber que gosto tinha , pois he crível que o não havia antes ; e bebo este Patriarca com tal excesso deste licor que perdeu a razão , e chegou a obrar loucuras. Seu filho Cão devendo condoer-se do que seu pai fazia , se poz a rir , e chamou seus dous irmãos Sem , e Jafet , para que tambem zombassem d'elle ; estes porém lhe disserão : Parece mal firmos-nos de nosso pai : quando este , ou nossa mãe , commettem alguma falta , devemos encobrir-lha. Acordando Noé , e recobrando a sua razão , soube o que seus filhos tinham feito , e disse a Cão : Tu és hum perverso , porque perdeste o respeito , que me devias , e por isso eu te amaldiçoô , e pelo contrario abençoô a teus irmãos.

MARY.

Que quer dizer eu te amaldiçoô ?

BONNA.

Quer dizer : Eu te desejo toda a sorte de infelicidades , e peço a Deos que tas dê.

CARLOTTA.

E manda Deos infelicidades aos filhos malditos ?

BONNA.

Quasi sempre , menina. A maior infelicidade , que póde ter hum filho , he ser amaldiçoado por seu pai , e sua mãe ; e fica exposto a esta infelicidade todas as vezes , que este amofina seus pais , desobedecendo-lhes , não lhes tendo respeito , e casando-se sem sua vontade.

ESPIRITUOSA.

E isso he bem certo : eu conheço muitas Senhoras , que casarão contra a vontade de seus pais , e são , segundo dizem , as mais infelizes que póde haver.

BONNA.

Isso he quasi sem contradicção ; pelo que , minhas filhas , tende sentido

em não offender a vossos pais, e mãis; porque se elles chegão a amaldiçoarvos, sereis dignas de compaixão pelas vossas infelicidades. Vede tambem quão damnoso he beber vinho, e licores fortes, pois que estes fazem perder o juizo, e commetter loucuras.

ESPIRITUOSA.

Não duvido que seja máo beber vinho; mas eu nunca perdi o juizo, bebendo-o, antes digo que gosto bem do vinho branco, que he doce.

BONNA.

He preciso, meninas, contar-vos huma historia, que agora me lembra ter lido em Santo Agostinho, a qual aconteceu a sua mãe, chamada Monica. Sendo esta pequena, teve huma sabia amã, que lhe não deixava beber vinho, senão ao jantar, e cêa. Dizia-lhe ella: Minha filha, em quanto fordes moça não bebais senão agua; porque se beberdes sempre vinho, quando casardes, e fordes senhora de vossa casa, a cada instante, e ainda sem

sede , bebereis vinho , e vireis a perder o juizo. Não tinha Monica provado vinho em toda a sua vida ; até que na idade de quatorze annos , mandando-a seu pai á adega com a criada , hum dia teve desejo de provar o vinho : e bebendo huma gota , não o achou gostoso. Ao outro dia veio-lhe tentação de tornallo a provar ; e engolindo alguns sorvos , achou que era melhor ; e veio a acostumar-se de tal sorte a elle , que bebia sem medida. Este mesmo excesso lhe foi proveitoso : pois tendo huns ralhos com a sua criada , esta lhe chamou bebedinha , da qual reprehensão se envergonhou tanto , que se emendou ; não havendo nome mais injurioso , que se dê a huma Senhora , do que dizer-lhe que bebe muito vinho , ponche , e outros licores fortes.

Bem vedes , minhas filhas , quanto vos deveis acautelar dos máos habitos , e muito mais deste. Podeis beber vinho , quando vo-lo derem , sup-

pondo que nunca vo-lo darão ; mas será estranho pedillo , ou bebello sem licença. Vamos agora ouvir a historia de Mary.

MARY.

Tendo Noé , e seus filhos grande descendencia , e parecendo-lhes o paiz , em que habitavão , muito pequeno , determinárão separar-se. Antes porém de o fazerem , quizerão edificar huma alta torre , para que os seus vindouros se admirassem , e dissessem que elles tiverão grande espirito para fazerem huma obra tão espantosa : e tambem , dizião elles , para que , querendo Deos alagar-nos outra vez , escapemos , subindo ao cimo desta torre , aonde a agua não chegue. Começarão pois a edificalla ; mas Deos zombou da sua vaidade , e loucura , porque em hum instante lhes fez esquecer o seu proprio idioma , e lhes fez falar outro , de sorte que se não entendião huns aos outros. Do mesmo modo que se nós nos esquecessemos ago-

ra do Portuguez , e que eu fallasse Latim , a Senhora Bonna Alemã , e Sensata Italiano , porque então ver-nos-hiamos obrigados a separar-nos por nos não podermos entender. Ficárão pois estes homens bem admirados de verem que quando hum pedia pedra , o outro, que o não entendia , lhe trazia agua , ou madeira , e por isso foi preciso deixar a torre , que já estava muito adiantada , a que chamão Babel , que quer dizer confusão , e cada hum cuidou em ir para sua parte. Os filhos de Chão , e Canaan , seu filho , forão para a parte do Oriente ; os de Japhet ficárão ao Occidente ; e os de Sem povoárão o paiz de Assur.

MOLLY.

Eu , senhora Bonna , não tenho noticia desses sitios.

BONNA.

Eu vo-los mostro em huma carta de Geografia. Vedes esta carta ? pois este lugar , que fica no cimo , chama-se o Norte , ou o Septentrião : o que

está no fundo, chama-se Sul, ou Meiodia: aquelle, que fica á vossa mão direita, chama-se Este, ou Oriente; e o que está á mão esquerda, he o Oeste, o Occidente.

MARY.

Porque he esta carta de quatro cores?

BONNA.

Para distinguir a terra da agua, e as quatro principaes partes do Mundo, que são, Europa, Asia, Africa, e America, das quaes a Europa fica ao Norte, a Asia ao Este, a Africa ao Sul, e a America ao Oeste; Adão foi creado na Asia, e nós vivemos na Europa.

ESPIRITUOSA.

Peço-vos me digais qual dos filhos de Noé he nosso pai?

BONNA.

Respondei-lhe, Sensata.

SENSATA.

Japhet.

MARY.

Parece-me, Senhora Bonna, mui-

to agradável o conhecimento das cartas : deixai-me ver essa outra vez , e dizei-me o que quer dizer essa escrita, e que significação essas linhas.

BONNA.

Com muito gosto , menina : o estudo da carta se chama Geografia , e daqui por diante nós diremos sobre isto alguma cousa : por hoje está feita a minha obrigação ; conservai na memoria os quatro lados do Mundo ; e as suas quatro partes até á primeira lição.

ESPIRITUOSA.

Mas , Senhora Bonna , reparo que ha na fabula muitas cousas , que se assemelham á Historia Santa , como a idade de ouro , o diluvio , a empreza dos Gigantes , &c

MARY.

Que cousa são Gigantes , Senhora Bonna ?

BONNA.

Sois ainda pequena para saber isto.

MOLLY.

Então, Senhora Bonna, peço-vos me digais isso, que vos prometto de ser bem esperta, e de tomar bem sentido.

BONNA.

Eu vos arruino, segundo me parece, porque faço tudo o que vós quereis: ouvi-me pois. Depois do diluvio, como os homens não sábião escrever, não havia ainda livro.

CARLOTTA.

E como se póde saber a historia de Adão, sem estar escrita?

BONNA.

Contou Adão esta historia a seus filhos, e estes a contarão a Noé: este, quando sahio da Arca; a disse a seus filhos, e lhes mandou a ensinassem tambem aos seus. Sem, que era muito obediente a seu pai, lhe obedeceo, e nunca seus filhos a deixarão esquecer; porém Chão, e Japhet não cuidarão em ensinar-lha; e ainda que algumas vezes lhe fallassem nella, era

por cumprimento. Os quatro filhos de Japhet vierão povoar hum paiz, que se chamava a Grecia, de que tomárão o nome de Gregos; e como estes Gregos gostavão muito dos contos, e das fabulas, começárão a compollas de tudo o que acontecia. Devendo referir as historias, como seus pais lhas tinham ensinado, se applicárão a fazer fabulas: e eis-aqui aquella, que elles compuzerão por occasião da torre de Babel. Mas primeiro que vos conte esta fabula, devo dizer-vos que estes Gregos erão mal inclinados; que em lugar de adorarem a Deos, adoravão os homens, e tinham huma religião extravagante. Tinha havido muitos Reis com o nome de Jupiter, dos quaes elles fizerão hum Deos; e todas as boas, ou más accções, que estes Reis com o nome de Jupiter obrárão, dizião que tinham sido feitas por huma só pessoa, que era Jupiter, Rei do Ceo. Dizião tambem que os Gigantes erão huns homens muito altos, e

que quizerão lançar Jupiter fóra do Ceo ; mas que não tendo huma escada para subirem , pegarão nos maiores montes ; e pondo huns sobre outros , delles fizeram a escada. Estavão elles bem perto de chegar ao Ceo , quando Jupiter , despedindo raios , os despeñhou , e poz sobre os corpos dos que não forão mortos aquelles mesmos grandes montes , que elles ajuntarão. Percebestes agora , meninas , que esta fabula não he verdadeira ?

MARY.

Huma maravilha , Senhora Bonna. Por estes montes eu entendo as pedras , com que os filhos de Noé levantavão a torre ; e pelo raio vejo como Deos os castigou , fazendo-lhes esquecer a sua lingua para fallarem em outra.

BONNA.

Eis-aqui a quem se póde chamar huma menina de habilidade ; e visto que comprehendestes tão bem esta fabula , dir-vos-hei outra loucura dos

Gregos. Vós sabeis que cousa he hum terremoto ?

MOLLY.

Não , Senhora Bonna.

MARY , e CARLOTTA.

Nem nós tambem.

BONNA.

Ainda que Sensata , e Espirituosa o saibão muito bem , sempre o explicarei por vosso respeito. A's vezes acontece mover-se a terra debaixo de nossos pés de repente , e abalarem-se as casas ; e quando isto acontecia , dizião os Gregos que a terra tremia , porque os Gigantes , que estavam debaixo dos montes , querião sahir para fóra.

ESPIRITUOSA.

Que grande tolice ! Mas já agora acabai de dizer-nos a causa , por que treme a terra.

BONNA.

Tenho ouvido dizer que são huns grandes fógos subterrâneos , ou vento

opprimido debaixo da terra , que faz força para sahir , e que algumas vezes abre huma porta , por onde sahe , e se alarga.

Mary *pondo as mãos.*

Que horrivel cousa , Senhora Bonna , será o ver sahir fogo da terra ! Parece-me que morreria de susto , e que seriamos todos queimados , se houvesse aqui algum terremoto.

BONNA.

Deos vos livre , menina : olhai , na Europa ha principalmente tres sitios onde estão grandes montes , que lanção fogo , os quaes se chamão volcões : lembre-vos esta palavra , meninas ; mas o fogo , que sahe destes volcões , não impede que nelles haja habitadores.

CARLOTTA.

Que nome tem essas terras ?

BONNA.

Ha hum volcão na Italia , perto de huma Cidade , chamada Napoles ,

no cume de hum grande monte, que chamão Vesuvio. Ha outro na Ilha de Sicilia sobre o monte Ethna ; e outro na Ilha de Islanda no monte Hecla.

MARY.

Queria dever-vos a graça de me ensinardes o que he huma Ilha.

BONNA.

Teria muito gosto de vo-lo ensinar hoje, se não tivessem já dado sete horas: agora deveis tornar para vossas casas, e para a primeira vez vo-lo direi. A Deos meninas, fazei por serdes prudentes, o que recommendo principalmente a Carlotta, que se se emendar até á primeira lição, lhe prometto hum lindo conto.

DIALOGO VIII.

QUINTO DIA.

BONNA.

BOm dia, Senhoras, esperai, eu quero ver os olhos de Carlotta, porque me parece que pelo seu ár risonho ella não commetteria muitas loucuras.

CARLOTTA.

Eu, Senhora Bonna, dei principio a muitas desenvolturas; mas não acabei alguma. Hontem disse á minha criada que era huma impert... e de repente me calei: outra vez levantei a mão para lhe dar; mas arrependi-me, e não o fiz.

BONNA.

Não vos disse eu, menina, que vos haviéis de emendar? pois eu me lisongeio que hayeis de ir de melhor

a melhor; e já que cumpristes a palavra, he justo que não falte á minha. Vamos para o jardim assentar-nos debaixo das arvores; e em quanto esperamos pelo chá, vos direi o conto, que vos prometti.

Conto do Principe Agradavel.

Houve antigamente hum Principe, que ficou sem pai na idade de dezeseis annos. Entristeceo-se este hum pouco nos primeiros tempos; mas o contentamento de ficar Rei o consolou bem depréssa. Este Principe, que se chamava Admiravel, não tinha máo genio; mas sendo creado como Principe, isto he, á sua vontade, se hia fazendo máo para o futuro por este péssimo habito. Já principiava a offender-se de o advertirem, quando se enganava: desprezava os negocios para entregar-se aos passatempos, e sobre tudo era inclinado demasiadamente á caça, na qual gastava todos os dias.

Tinhão-no viciado, como acontece ordinariamente a todos os Principes; e ainda que elle tivesse hum bom aio, que estimava muito, em quanto Principe, tanto que foi feito Rei, julgando que este aio era muito virtuoso, não o podia soffrer. Não serei ousado a fazer o que quizer? dizia elle: este aio diz-me que hum Principe deve empregar todo o tempo nos negocios de Reino; e eu não gósto senão dos divertimentos. No dia seguinte ajuntou o seu Conselho, onde, dando grandes louvores ao seu aio, disse que, para recompensallo da educação que lhe déra, o nomeava Governador de huma Provincia muito distante da Corte. Partindo o aio para o Governo, não cuidou mais do que em engolfar-se nas delicias, e passatempos, e dando-se principalmente á caça, a que era inclinado já com desatino. Estando Admiravel hum dia em huma grande mata, vio passar huma cerva branca, como a neve, com hum

collar de ouro ao pescoço, a qual, parando ao pé do Principe, o esteve vendo attentamente, e depois se retirou. Não quero que a matem, disse o Principe; e mandando aos seus que ficassem naquelle sitio com os cães, foi seguindo a cervá. Parecia-lhe que ella o esperava; mas tanto que elle estava perto, se desviava correndo, e saltando; e como elle tinha grande desejo de apanhalla, a foi seguindo mais do que cuidava, até que, sobrevindo a noite, a perdeu de vista. Eillo aqui todo confuso sem dar com o caminho, e muito mais, quando de repente ouviu tocar lá ao longe varios instrumentos. Seguiu elle este agradavel som, e em fim chegou a hum grande castello, onde se fazia aquelle bello concerto. Perguntou-lhe o porteiro o que queria; e contando-lhe o Principe o seu successo: Sejais bem vindo, lhe disse este; já vos esperão para cear, porque a cervá branca he de minha ama; e cada vez que ella

a deixa sahir, que para lhe trazer companhia. Dito isto, deo o porteiro hum assobio, e logo acudirão muitos criados com tochas, e levárão o Principe para hum quarto bem illuminado. Os móveis, que nelle havia, não são magnificos; mas tudo estava tão aceado, e com tão boa ordem, que alegravão a vista. Vio elle vir a Senhora da casa; e ficando allucinado com a sua belleza, se lhe lançou aos pés tão elevado na sua vista, que não podia proferir palavra. Levantai-vos, meu Principe, lhe disse ella dando-lhe a mão: estou sorprendida da admiração, que vos causo: pareceis-me tão amavel, que desejo de todo o coração que vós sejais aquelle, que me ha de tirar desta solidão: chamo-me Verdadeira Gloria, e sou immortal. Vivo neste castello desde o principio do Mundo com a esperança de achar hum marido: hum grande numero de Reis tem vindo ver-me; mas estes, ainda que todos me jurarão huma eter-

na fé, faltarão á palavra, e me abandonarão pela mais cruel de minhas inimigas. Ah! bella Princeza, disse Admiravel, quem se poderá esquecer de vós, vendo-vos a primeira vez? Eu vos juro de não querer bem a outrem; e desde agora eu vos escolho para serdes Rainha. Eu vos acceito por meu Rei, disse Verdadeira Gloria; mas não me he ainda licito desposar-vos. Quero mostrar-vos hum Principe, que está no meu Palacio, que pertende o mesmo: se eu fosse senhora da minha vontade, dar-vos-hia a preferencia: mas isso não depende de mim. He preciso que tres annos vivais ausente de mim; e depois disto aquelle, que me tiver sido mais fiel nesse tempo, terá a preferencia.

Ficou Admiravel muito afflictio com estas palavras, e cresceo mais a sua tristeza, quando vio o Principe, de que Verdadeira Gloria lhe tinha fallado. Era este tão bem feito, e tinha tanta viveza, que logo receou que

Verdadeira Gloria o amasse mais do que a elle. Chamava-se Absoluto, e era Senhor de hum grande Reino. Ceá-rão ambos com Verdadeira Gloria; e quando ao outro dia se despedirão della, ficárão muito tristes. Disse-lhes ella que os esperava alli dentro em tres annos, e depois disto deixárão ambos o Palacio. Terião elles dado duzentos passos dentro da floresta, quando derão com outro Palacio muito mais magnifico do que o de Verdadeira Gloria. O ouro, a prata, o marmore, e os diamantes, que nelle havia, cegavão os olhos: os jardins são soberbos, e a curiosidade os obrigou a entrar dentro nelle. Ficárão attonitos de acharem alli a sua Princeza; mas já tinha mudado de vestido: suas roupas são guarnecidas de diamantes, seus cabellos brilhavão com a luzente pedraria, ao mesmo tempo que no dia antecedente todo o seu enfeite consistia n'humas roupas brancas, guarnecidas de flores. Hontem vos mostrei

a minha casa de campo, lhes diz ella, a qual até agora me agradava muito; mas depois de ter dous Principes por amantes, não a acho digna da minha habitação. Para sempre a deixo, e vos espero neste Palacio, quando tornardes, pois os Principes devem estimar a magnificencia. O ouro, e as pedras preciosas só para elles se creárão, para que seus vassallos, vendo-os tão magnificos, mais os respeitem. Depois disto levou os dous amantes para huma grande sala, para mostrar-lhes os retratos de muitos Principes, que forão seus queridos. Eis-aqui, diz ella, hum chamado Alexandre, com quem eu me teria desposado, se não morresse tão moço. Este Principe com hum pequeno numero de tropas devastou toda a Asia, fazendo-se Senhor della. Amava-me como louco, e arriscon muitas vezes a vida para me agradar. Estoutro chamava-se Pyrrho, o desejo de ser meu esposo o fez deixar o seu Reino para adquirir outros:

não socegou em toda a sua vida, e veio a acabar infelizmente por huma telha, que huma mulher lhe lançou sobre a cabeça. Julio Cesar era o nome deste, o qual para merecer o meu coração, fez dez annos guerra aos Gallos, destroçou Pompeio, e subjugou os Romanos. Seria meu esposo; mas perdoando, contra o meu conselho, a seus inimigos, estes lhe derão vinte e duas punhaladas. Mostrou-lhes a Princeza ainda hum grande numero de retratos; e dando-lhes por fim hum exquisito almoço em pratos de ouro, lhes permittio continuar a sua viagem. Estando já fóra do Palacio, disse Absoluto para Admiravel: Confessemos que a Princeza estava hoje mil vezes mais amavel com os seus vestidos ricos do que hontem; e que tinha tambem mais graça. Não sei, respondeo Admiravel; pois como ella usou hoje de artificio, e estava em outro habito, me pareceo outra; para o meu gosto antes a quereria ver vestida de pas-

tora. Separarão-se os dous Principes, e forão cada hum para o seu Reino resolutos a fazer tudo o que pudessem para agradar á sua Senhora. Tanto que Admiravel se achou no seu Palacio, lembrou-se que, sendo pequeno, lhe fallava o seu Aio muitas vezes na Verdadeira Gloria, e determinou, visto que elle a conhecia, mandallo tornar para a Corte, para que lhe dissesse o que devia obrar para agradar-lhe. Mandou pois hum Correio para o conduzir; e assim que o Aio, chamado Sincero, chegou, o mandou ir para o seu gabinete, e lhe contou o que lhe acontecêra. O bom Sincero, chorando de alegria, disse ao Rei: Ah! meu Principe, tão satisfeito estou de ter tornado; sem a minha presença perderieis a vossa Princeza. Conheço-a muito bem; tem esta huma irmã, que se chama a Falsa Floria: esta má creatura não he tão formosa, como a Verdadeira Gloria, e enfeita-se para encobrir os seus defeitos. Espera todos

os Príncipes, que vem de casa da Verdadeira Gloria; e como ella se assemelha a sua irmã, os engana facilmente. Creem estes que obrão para alcançar a Verdadeira Gloria; mas seguindo os conselhos de sua irmã, vem a perdella. Vós vistes como todos os amantes da Falsa Gloria acabão miseravelmente. O Príncipe Absoluto, que quer seguir o seu exemplo, não viverá mais do que trinta annos; e vós, se vos conduzirdes pelos meus conselhos, vireis a ser o esposo da vossa Princeza: e como ella ha de casar com o maior Rei do Mundo, fazei pelo ser.

Amado Sincero, respondeo Admiravel, tu sabes que isso he impossivel; pois ainda que o meu Reino seja grande, os meus vassallos são tão ignorantes, e grosseiros, que nunca os poderei obrigar a fazer a guerra; e como para ser o maior Rei do Mundo he preciso ganhar muitas batalhas, e tomar muitas Cidades, nunca o virei a

ser. Ah! meu Pincipe, respondeo Sincero, já vos esquecestes das lições, que vos dei. Ainda quando vós não tivesses senão huma unica Cidade no vosso Dominio, e duzentos, ou trezentos vassallos, sem nunca fazerdes guerra a alguém, poderieis ser o melhor de todos os Reis; porque para isso só basta ser o mais justo, e o mais virtuoso: e este he o meio, de adquirir a Princeza Verdadeira Gloria. Aquelles que conquistão os Reinos de seus vizinhos, que para edificarem soberbos edifficios, comprar preciosos vestidos, e muitos diamantes, atropelão os póvos, enganão-se, e nunca encontrarão mais do que a Falsa Gloria, que já então não terá artificio, e apparecerá com toda a sua disformidade. Vós dizeis que vossos vassallos são grosseiros, e ignorantes, o que só remediariéis, instruindo-os. Fazei a guerra á ignorancia, e ao vicio: combatei as vossas paixões, e sereis hum grande Rei, e hum Conquista-

dor maior que Cesar, Pyrrho, e Alexandre, e do que todos os heróes, de que a Falsa Gloria vos mostrou os retratos. Ouvido este discurso, determinou Admiravel tomar os conselhos de seu Aio. Para executar este designio, rogou a hum seu parente quizesse governar o seu Reino pela sua ausencia, e depois partio com o seu Aio para viajar por toda a parte, e instruir-se por si mesmo de tudo o que devia obrar para fazer seus vassallos felizes. Quando em hum Reino achava hum homem sabio, e com habilidade, o convidava para ir com elle, promettendo-lhe bom estipendio. Tanto que se vio bem instruido, e se achou com hum grande numero de pessoas habeis, voltou para o seu Reino, e encarregou a instrucção de seus vassallos, que erão muito pobres, e ignorantes, a estes habeis homens. Mandou edificar grandes Cidades, e fabricar muitos navios; fez aprender a trabalhar a gente moça: sustentava os pobres doentes, e os

velhos ; administrava elle proprio a justiça a seus povos , e em pouco tempo os fez honrados , e felizes. Gastou dous annos neste exercicio , e no fim delles disse a Sincero : julgais vós já que eu sou digno da Verdadeira Gloria ? Ainda vos falta huma grande acção que executar , respondeo o Aio. Tendes já domado os vicios de vossos vassalios , a vossa preguiça , a vossa inclinação aos passatempos ; mas sois ainda o escravo da vossa cólera : e he este o ultimo inimigo , que deveis vencer. Teve Admiravel muita difficuldade em emendar-se deste ultimo defeito ; mas estava tão inclinado á sua Princeza , que fez todos os esforços para fazer-se moderado , e pacifico. Conseguio-o ; e chegando o fim dos tres annos , tornou á mesma floresta , em que vira a cervã branca , sem levar comsigo senão o unico Sincero. Encontrou logo a Absoluto em hum soberbo carro , no qual tinha mandado pintar as batalhas que ganhára , e as

Cidades que tomára, fazendo marchar diante delle muitos Principes, que tinha feito prizioneiros, que vinhão prezos como escravos. Apenas avistou este a Admiravel, começou a rir-se delle, e da sua direcção, e neste tempo apparecêrão os Palacios das duas irmãs, que não estavam muito distantes hum do outro. Tomou admiravel o caminho do primeiro, do que ficou suspenso Absoluto; porque aquella, que elle tinha por sua Princeza, lhe tinha dito, que nunca mais voltaria para aquelle Palacio. Assim pois que delle se apartou Admiravel, lhe sahio ao encontro a Princeza Verdadeira Gloria mil vezes mais bella, e mais simplesmente vestida do que a primeira vez. Vinde, meu Principe, lhe diz ella, vós sois digno de ser meu esposo; mas nunca terieis conseguido esta felicidade sem o vosso amigo Sincero, que vos ensinou a differençar-me de minha irmã. Ao mesmo tempo mandou Verdadeira Gloria ás Virtudes, suas sub-

ditas, que fizessem huma festa para celebrar o seu matrimonio com Admiravel. Em quanto este considerava na felicidade, que conseguia, sendo esposo desta Princeza, chegou Absoluto a casa da Falsa Gloria, que o recebeu muito bem, e determinou desposallo logo. Consentio elle nisso; mas tanto que a teve por mulher, percebeo, vendo-a de perto, que era já velha, e enrugada, posto que nunca lhe esquecesse de pôr muito alvaiade, e vermelho para encubrir as suas rugas. Estava elle fallando-lhe, quando hum fio de ouro, que prendia os seus fingidos dentes, se quebrou, e estes lhe cahirão no chão. Encolerizou-se Absoluto tanto pelo ter enganado, que se lançou sobre ella para a castigar; e pegando-lhe nos seus cabellos pretos, e compridos, ficou attonito de lhe ficarem estes nas mãos. Era huma cabelleira, que ella trazia; e como esta lhe cahio, ficou com a cabeça nua, e então vio Absoluto que ape-

nas tinha huma duzia de cabellos, e estes já brancos. Deixou elle esta perversa, e feia mulher, e foi com pressa para o Palacio de Verdadeira Gloria, que acabava de desposar-se com Admiravel; e cresceo-lhe huma tal dor de ter perdido esta Princeza, que morreo della. Chorou Admiravel a sua desgraça, e viveo muito tempo com Verdadeira Gloria, da qual teve muitas filhas; mas destas só huma se parecia bem com sua mãe. Mette-a elle em hum castello campestre, até que pudesse achar hum esposo; e para impedir que sua malevola tia lhe desencaminhasse os seus amantes, escreveu a sua propria historia, para mostrar aos Principes, que quizessem desposar sua filha, que o unico meio de possuir a Verdadeira Gloria, era fazer por serem virtuosos, e uteis a seus vassallos; e que, para conseguir este designio, tinham necessidade de hum amigo sincero.

MARY.

Senhora Bonna, eu não acho este conto tão agradável, como os outros, por não conhecer as pessoas, de que Falsa Gloria falla aos Principes. Ha ainda muitas cousas, que eu não sei: peço-vos que cuideis em ensinar-mas; pois bem sabeis que já tenho mais de seis annos, e estou entrada na idade.

BONNA.

Dizeis bem, menina, que he velha na idade de seis annos aquella, que os passa ociosa; mas quando nelles se applica, ainda he muito moça para aprender o que lhe falta. Torne-mos a continuar a Geografia; e antes que comecemos, deve Espirituosa dizer-nos o que sente do conto que referi.

ESPIRITUOSA.

Muitas cousas, Senhora Bonna. Primeiramente me parece que tenho obrado, como o Principe Absoluto, tomando a Falsa Gloria pela Verdadeira; porque eu cuidava que me es-

timarião pela minha esperteza , sem me lembrar que me faria odiosa , não tendo juntamente virtude. Julgo também que o Principe Admiravel se assemelha a Pedro Grande , Imperador da Russia , de quem li a vida.

BONNA.

E tudo isto está muito bem imaginado. Ora , meninas , vós tendes visto como todas queremos ser estimadas , e louvadas , isto he , todas appetecemos a gloria , o que he muito justo ; mas he preciso capacitar-vos do que eu vos tenho dito muitas vezes , e que agora vos repetirei. Ninguem nos estima senão pela nossa virtude , e não por causa das nossas riquezas , vestidos , ou titulos ; façamos pois por ser virtuosas , minhas filhas ; pois que só disto temos necessidade , tanto nesta vida , como na outra. Vamos , Senhora Molly , dizei-nos a vossa historia.

MOLLY.

Muito tempo depois do diluvio

houve entre os descendentes de Sem hum homem , chamado Abrahão , o qual amava sinceramente a Deos , e o Senhor o ajudava muito. Foi este habitar a hum paiz , a que chamavão Canaan , com Sara sua mulher , e Loth seu sobrinho , para onde Deos o tinha mandado , promettendo-lhe de o fazer pai de hum grande povo. Estava Abrahão já adiantado em annos sem ter filhos ; mas isto não o fez duvidar do que Deos lhe promettêra , por estar capacitado de que o Senhor póde tudo. Fizerão-se Abrahão , e seu sobrinho muito ricos , e tinham muitos bois , carneiros , e criados. Tiverão hum dia os criados de Abrahão com os de Loth huma grande rixa ; e como Abrahão sabia que era peccado , quando se pendenciava , disse a Loth : Meu sobrinho , eu não quero rixas ; e para que as não tenhamos , devemos separar-nos. Eis-aqui temos dous sitios , escolhei qual quizerdes : eu irei para aquelle , que me deixar-

des. Loth em lugar de dizer a Abrahão que o não queria deixar, e que prohibiria a seus domesticos o disputar com os d'elle, escolheo a melhor terra, e foi morar a huma Cidade, chamada Sodoma. A gente, que habitava neste paiz, era muito má; e maltratando todos os estrangeiros, que alli chegavão, só a Loth não fez damno. Estando este hum dia á sua porta, vio vir para elle dous mancebos, aos quaes, aprendendo com seu tio Abrahão a ser caritativo, convidou, por ser quasi noite, para cear, e dormir em sua casa. Entrárão os dous moços; e os moradores da Cidade, querendo maltratar estes estrangeiros, vierão á porta de Loth, e lhe disserão que se elle os não puzesse na rua, o matarião. Receou-se com tudo Loth; mas sempre respondeo a estes mal intencionados homens que lhe fizessem o mal, que quizessem, mas que não lançaria fóra de casa aquelles moços. A este tempo lhe disserão os mesmos:

Não temas, porque nós somos Anjos, e Deos nos mandou avisar-te, para que saias desta Cidade, a qual o Senhor quer castigar. Sahe pois com tua mulher, e filhos; mas guardai-vos de olhar para trás, porque se olhades, Deos vos castigará por lhe desobedecerdes. Logo Loth sahio de Sodoma com a sua familia, e os Anjos forão diante delles. Estavão elles já em alguma distancia, quando, ouvindo hum horri-vel estrondo, a mulher de Loth, que era curiosa, olhou para trás para saber donde este procedia. Vio que o Ceo lançava fogo, o qual abrazava aquelles ingratos habitadores; e como n'sto ella desobedeceo a Deos, foi convertida em huma estatua de sal: seu marido, e seus filhos forão mais obedi-ente do que ella, pois não olhárão para trás, e os Anjos os deixárão sobre hum monte, donde virão queimar Sodoma, e outras muitas Cidades, cujos habitadores erão viciosos.

CARLOTTA.

Que horroroso será ver huma pessoa queimada viva!

BONNA.

He verdade, menina; e isto quer dizer que não devemos provocar a Deos, desobedecendo-lhe. Já hoje não vemos que Deos abraze todos os máos; mas he certo que aquelles, que elle não castiga, em quanto vivem, serão castigados muito mais severamente depois da morte, e isto vos deve lembrar sempre. Deos he o inimigo dos máos, que não querem emendar-se: conta as nossas más acções; e aquelles, que lhe não pedirem perdão sinceramente, serão miseraveis ou nesta vida, ou na outra. Vede tambem, minhas filhas, como nos devemos portar com as pessoas de probidade; pois se Lot não deixasse Abrahão, nunca perderia sua mulher. Ficou livre do incesto; porque no tempo, que esteve com Abrahão, adquirio o louvavel costume de ser caritativo. Deveis pois,

meninas, buscar a amizade das Senhoras vossas iguaes, que forem boas, caritativas, obedientes, e fugir, como de hum perigo, da companhia daquellas, que vos derem máo exemplo. Continuai, Mary, a historia, que aprendestes.

M A R Y.

Estava Abrahão hum dia defronte da sua tenda, e vio vir tres viandantes, aos quaes sahio ao encontro, e lhes disse: Quero que me façais a honra de vos deterdes aqui, em quanto comeis alguma cousa. Respondêrão-lhe os estrangeiros: Aceitamos a offerta; e logo Abrahão disse a sua mulher que cozesse pão, e bolos para aquelles estrangeiros; e mandou a seus criados que aprestassem agua para lavar os pés, e carne para o jantar. Depois de jantarem perguntárão a Abrahão onde estava sua mulher? E este lhes disse que estava na tenda, Então os estrangeiros, que são tres Anjos, lhe disserão que Sara teria cedo hum

filho. Ouvindo Sara isto, poz-se a rir, por estar já muito velha, e ser fóra do costume ter filhos huma mulher da sua idade. Disserão os Anjos a Sara: Porque vos rides? Deos, que he todo Poderoso, não póde ainda dar-vos hum filho? Sara então envergonhada respondeo que se não tinha rido; ao que os Anjos replicarão, dizendo que era indigno o mentir; que pedisse perdão a Deos por aquella culpa; e depois disto se forão, tendo Sara algum tempo depois hum filho, a que chamou Isac.

BONNA.

Muito bem, menina; segue-se agora que Sensata faça algumas reflexões.

SENSATA.

Repetirei a estas meninas as reflexões, que vós fizestes, quando me ensinastes esta historia. Abrahão era hum homem muito caritativo, desorte que não deixava ir algum caminhante, sem que entrasse na sua tenda, e descansasse nella; e Sara era tão modesta,

e recolhida, que se mettia na sua barraca, e não tinha a curiosidade de apparecer aos hospedes, nem de vellos.

CARLOTTA.

Julgo, Senhora Bonna, que Abrahão não tinha casa; pois ouço dizer que Sara estava na tenda.

BONNA.

Não, menina, Abrahão não tinha casa, ainda que fosse homem poderoso, e tivesse mais criados do que hum Rei. Hoje as pessoas ricas tem muitas terras, boas casas, e dinbeiro, mas naquelle tempo ser rico era o mesmo que ter muitos rebanhos. Abrahão os tinha em grande número; e para sustentallos necessitava muita herva: por isso quando elles tinham comido todo o pasto de hum sitio, os passavão para outro. Esta he a razão, por que elle não podia ter casa, a qual lhe custaria a mudar, o que não succedia com a tenda, que mudava de hum para outro lugar todas as ve-

ses, que deixava hum sitio para ir para outro.

MOLLY.

E tendo Sara hum criado, porque lhe mandava seu marido cozer pão para os hospedes, como se fosse huma criada?

BONNA.

Era porque as Senhoras daquelle tempo não erão tão preguiçosas, como as de hoje. Sara era como huma Princeza; e não obstante isso, tinha cuidado no governo da casa, e fazia ella propria a cozinha; as moças levavão os carneiros a beber, e todos trabalhavão.

MARY.

Mas hoje pareceria feio se minha mãe conzinhasse ella mesma.

BONNA.

Tendes razão, menina; mas ainda que as Senhoras não hajão de fazer a comida, devem ao menos cuidar na economia da casa, tomar sentido nos criados, e capacitar-se que huma mu

lher de bem deve ser a primeira administradora de seu marido.

ESPIRITUOSA.

Mas isso, Senhora Bonna, não póde ser, porque huma Senhora não tem tempo de governar a casa, de ir ás assembleás, á comedia, e á opera.

BONNA.

Reparai bem, menina, no que quero dizer-vos. Deos não vos creou para jogardes, e assistirdes ás assembleás, e espectaculos. Não duvido que algumas vezes se assista a elles por allivio; mas que se tenha isso por habito he obrar mal, e Deos ha de castigar aquellas, que desprezão as suas obrigações, porque he hum grande peccado. Huma mulher tem obrigação de cuidar nos seus filhos, e criados; e de todo o mal, que elles fizerem, quando ella não estiver em casa, Deos lhe tirará conta, e haverá grande número de mulheres, que serão castigadas por esta negligencia. Além disto, menina, sabeí que he peccado grave gas-

tar tanto dinheiro em ridicularias, porque he o mesmo que furtallo aos pobres, e aos proprios filhos.

ESPIRITUOSA.

Visto isso ninguem he senhor de gastar o seu dinheiro como quizer?

BONNA.

Dizei-me, menina: Vosso pai não tem rendeiros, que vendão o trigo, e os frutos de suas terras; e estes rendeiros são senhores do dinheiro, que lhes dão por este trigo, e frutos?

ESPIRITUOSA.

Elles não podem ser senhores de nada, porque todas essas cousas pertencem a meu pai, e os rendeiros lhe dão conta de tudo.

007

BONNA.

Está bem, menina, e ahi tendes como nós somos a respeito de Deos. São os seus rendeiros: elle nos dá dinheiro para nos sustentarmos, e vestir-nos, para educar nossos filhos, pagar aos criados, e mercadores, e remediar os pobres; e assim como os

rendeiros tem obrigação de dar conta a seus Senhorios, e estes os metterão em huma prizão, se gastassem mal o seu dinheiro, assim tambem Deos fará dar conta aos ricos do dinheiro, que lhes tiver dado, e os castigará, se o tiverem gasto em superfluidades. Além disto he preciso que qualquer seja bem desordenado para gastar todo o dinheiro no jogo, na opera, e nos bailes, ao mesmo tempo que ha tanto pobre, que não tem pão que comer.

MARY.

Pois ha alguem, que não tenha pão para comer?

BONNA.

Sim, menina; e ha outros, que não tem cama, e dormem sobre o sobrado; outros, que no Inverno morrem com frio, por não terem que queimar; e outros, que andão sem camiza, e não tem em que ganhem dinheiro.

MARY.

Ah, Senhora Bonna, que compaixão me causa isso! Tomai todo o meu dinheiro, e peço-vos que delle compreis pão, camas, e lenha para todos esses pobres.

BONNA.

Então tendes vós muito dinheiro?

MOLLY.

Sim, Senhora Bonna, tenho dous chelins, dezeseis vintéis, e tanto cobre, que não me cabe em ambas as mãos; e além disto algumas pequenas moedas de prata. Peço-vos que tomeis tudo isto, pois eu quero antes dallo aos pobres, do que comprar bonecas, e bolos.

BONNA

Dai-me hum abraço, menina, agora vos amo, e vos respeito muito mais do que até aqui. Se eu não soubesse que vós sois huma menina de qualidade, agora o perceberia vendo-vos tão boa, e tão generosa, como o deve ser huma Senhora de graduação;

e em recompensa da vossa generosidade, vamos fallar alguma cousa sobre a Geografia, de que gostais, e por isso eu mando vir hum prato cheio de agua.

Vedes este prato, meninas? Ora supponde que este he o mar, e que todos os pedaços de papelão, que ponho em cima, fazem a terra; e que todos os outros pedaços de cartas, que estão cercados da agua por todos os lados, se chamão Ilhas; e que este outro papelão, que toca com huma ponta a borda do prato, he quasi huma Ilha, e por isso lhe chamaremos Peninsula. Aqui tendes mais este maior pedaço de carta, que não chega á agua senão por hum lado, a que chamão Terra Firme, ou Continente; e esta ponta, que entra na agua, que chamamos Cabo; e o outro pedaço, que figura a terra muito levantada, a que chamão Monte: percebeis bem isto, meninas?

MARY.

Maravilhosamente, Senhora Bonna; e senão, eu o repito. Olhai: huma Ilha he, quando a terra está cercada de agua; huma Peninsula, quando huma ponta da terra está fóra da agua, e communicada com o Continente, etc.

BONNA.

Está muito bem: vejamos agora se em huma Carta Geografia me mostrais huma Ilha, huma Peninsula, o Continente, o que he Cabo, e hum Monte.

MARY.

Eis-aqui o paiz, que se chama a Grã-Bretanha, e Irlanda, e me parece que são Ilhas, porque as vejo rodeadas de mar.

BONNA.

E de que parte ficão esses Paizes?

MARY.

No cimo, e á mão esquerda da Carta.

BONNA.

Mas essa parte de cima, e da mão esquerda deve nomear-se pelo seu nome: lembrai-vos delle, pois vo-lo ensinei não ha muito.

MARY.

Agora me lembro: estas Ilhas estão ao Norte e ao Oeste da Europa.

BONNA.

Muito bem, menina; mas he preciso que Carlotta busque na Carta hum Peninsula.

CARLOTTA.

A Africa he huma: este vasto paiz communica-se á Asia por este lado, e creio tambem que esta ponta he hum Cabo.

BONNA.

Sim, menina, he o Cabo de Boa Esperança; e para sabermos o que he Continente, deve mostrar-no-lo Molly.

MOLLY.

Eu vejo quatro consideraveis, que

são as mesmas quatro partes do Globo já nomeadas ; a saber : Europa , Asia , Africa , e America .

BONNA .

Assim he ; e pertence a Sensata dizer-nos como se chamão estas pequenas linguas de terra , que unem a Península ao Continente .

SENSATA .

Chamão-se Isthmos ; e aquelle , que une Africa á Asia , he o Isthmo de Suez .

BONNA .

Não vos esqueção os nomes das diferentes partes do Mundo , meninas ; e como já he muito tarde , reservemos o mais para a primeira occasião .

DIALOGO VIII.

SEXTO DIA.

CARLOTTA.

BOm dia, Senhora Bonna, já posso dizer-vos que estou totalmente emendada: toda a gente de casa me faz tantos carinhos, que me julgo tão feliz, como huma Rainha: vede este lindo relógio, que o pai me deo por estar satisfeito de mim.

BONNA.

He bem bello. Mas porque dizeis vós que sois tão ditosa, como huma Rainha? Cuidais que todas as Rainhas são felizes?

CARLOTTA.

Assim o creio, Senhora Bonna; pois sempre ouço dizer, quando fallão de alguma mulher, que vive contente, he tão feliz, como huma Rainha.

BONNÄ. *aditio*

Não falla acertado quem diz tal, e a este respeito me lembra huma fabula, que vou contar-vos.

*Fabula da viuva, e de suas duas
filhas.*

Houve huma viuva muito boa mulher, a qual tinha duas filhas, ambas muito estimaveis; chamadas, a mais velha Branca, e a segunda Vermelha. Puzerão-lhes estes nomes por terem huma o mais bello rosto; que se vira, e a segunda as faces, e beiços tão vermelhos, como o coral. Hum dia, que esta boa mulher estava fiando ao pé da sua porta, se chegou a ella huma pobre velha, que mal podia arrastar-se, arrimada a hum bordão. Vindes bem cançada, lhe disse a viuva, assentai-vos, e descançai hum pouco, que eu vos mando vir huma cadeira; e logo lha mandou trazer pelas filhas. Levantárão-se ambas para a conduzir;

mas Vermelha foi mais depressa do que sua irmã, e a trouxe. Offereceo-lhe a viuva de beber, o que a velha accitou de boa vontade, e lhe disse, que comeria tambem hum bocado, se lhe pudessem dar alguma cousa para se saborear. Dar-vos-hei o que puder, disse a viuva, que como sou pobre não será muito, e ao mesmo tempo mandou as suas filhas que puzessem a meza á velha, á qual ella se assentou, e disse á mais velha que fosse colher algumas ameixas de huma ameixieira, que ella propria tinha disposto, e que estimava muito. Não obedeceo Branca com vontade, antes murmurou da determinação, dizendo para si: Não he para esta velha golosa que eu tenho cuidado tanto na minha ameixieira. Não se atrevo com tudo a negar-lhe algumas ameixas; mas ella lhas deo com pouco agrado, e má vontade. Vós, Vermelha, disse a viuva á segunda filha, não tendes fruta para dar a esta senhora, por não estarem

ainda maduras as vossas uvas. He verdade, disse Vermelha, mas eu ouço cantar a minha gallinha, que vem de pôr ovo, e se a senhora o quizer beber ainda quente, eu lho offereço com muito gosto; e sem esperar resposta da velha, correo a buscar o ovo; mas quando vinha para lho dar, desappareceo ella; e veio em seu lugar huma formosa dama, que disse á viuva: Eu quero premiar as vossas duas filhas, segundo o seu merecimento. Prometto á mais velha, que ha de vir a ser Rainha; e a segunda a faço huma lavradora. Ditas estas palavras, bateo com o seu bastão na casa, a qual desappareceo, ficando em seu lugar huma agradavel Fazenda. Eis aqui a vossa sorte, disse ella a Vermelha; e vos dou esta terra por saber que vos premeio a cada huma de vós com o que desejais.

Dizendo isto, desapareceo a magica, ficando a viuva, e suas filhas todas attonitas. Entrarão logo nas ca-

sas da herdade, e ficarão admiradas do acceio dos móveis. As cadeiras são de páo, mas tão polidas, que se podião vêr nellas, como em hum espeelho. A roupa era de linho, tão claro, como a neve. Havia em hum curral vinte carneiros, outras tantas ovelhas, quatro bois, e quatro vaccas, e no pateo toda a especie de animaes, como gallinhas, patos, pombos, e outros: além disto tinha vtambem a herdade hum vistoso jardim, cheios de flores, e frutas. Via Branca sem inveja a dadiua, que a magica fizera a sua irmã, e não lhe lembrava mais do que o gosto que teria, vindo a ser Rainha. Estando nestas considerações, sentio os caçadores do Rei que passavão, e vindo á porta para vellos, foi vista pelo Rei, a quem agradou tanto, que a tomou por mulher. Feita Branca Rainha, disse a sua irmã Vermelha: Não quero que sejais quintaeira; vinde comigo, pois vos quero casar com hum Grande da Corte. Fico vos muito obri-

gada, minha irmã, respondeo Vermelha; eu como estou já acostumada ao campo, quero ficar nelle. Partio em fim Branca, e hia tão contente, que nem somno lhe chegou por muitas noites. Os primeiros mezes viveo tão entretida com os seus enfeites, bailes, e comedias, que não cuidava n'outra cousa; mas costumando-se depressa a estes passatempos, em lugar de a divertirem, começárão a desgostalla. Todas as Senhoras da Corte lhe fazião grandes obsequios, quando estavam na sua presença; mas ella bem sabia que ellas a aborrecião, e que dizião: Vêde esta camponeza como affecta a grande Senhora: certamente que o Rei tem hum espirito bem baixo, casando com huma tal mulher: este discurso fez fazer ao Rei varias reflexões. Considerou que se tinha injuriado, casando com Branca; e como a maior força do amor tinha cessado, começou a ter hum grande numero de damas. Tanto que se observou que o Rei não es-

timava muito sua mulher, todos principiárão a faltar-lhe ao respeito. Viua ella desconsolada por não ter huma só amiga, a quem communicasse as suas mágoas. Via que era moda na Corte entregar os amigos por interesse, mostrar boa cara aos inimigos, e mentir a cada instante. Devia mostrar-se sisuda, por lhe dizerem que huma Rainha devia ter hum ar soberano, e magestoso. Teve muitos filhos, e em todo este tempo teve ao seu lado hum Medico, que examinava tudo o que comia, prohibindo-lhe aquillo, de que ella gostava. Não lançavão sal na sua comida, não a deixavão passear, quando queria; em huma palavra desde pela manhã até á noite estava sempre constringida. Davão amas aos seus filhos, que os educavão mal, sem que ella tivesse a liberdade de reprehendellas. A triste Branca morria com pena: emmagreceo tanto, que a todo o mundo causava dó. Desde que a fizerão Rainha não

tinha visto sua irmã, por cuidar que huma pessoa da sua graduação ficava mal, se fosse visitar huma lavradora; mas vendo-se opprimida com a melancolia, resolveo-se a ir passar alguns dias no campo para se desenfadar. Pedio para isso licença ao Rei, que lha concedeo com muito gosto, com o intento de ficar livre della por algum tempo. Partio ella, e chegou perto da noite á quinta de Vermelha; e vendo de longe, defronte da porta, huma multidão de pastores, e pastoras, que dançavão, e se divertião mui alegremente, disse, suspirando: Ah! onde está o tempo, em que eu me divertia, como esta pobre gente, sem ninguem ter que dizer-me? Tanto que ella appareceo, deixou sua irmã o ajuntamento, e correo para ella para a abraçar. Tinha esta hum ar tão risosno, estava tão nutrida, que não pôde a Rainha deixar de chorar, quando a vio. Estava Vermelha casada com hum rustico, que não era rico, mas

sempre se lembrava que sua mulher lhe dera tudo o que possuia ; e por isso fazia , por seus modos carinhosos , por mostrar-lhe o seu agradecimento. Não tinha Vermelha muitos criados , mas esses a amavão , como se fossem seus filhos , porque ella os tratava bem. Seus vizinhos não a estimavão menos , e todos andavão a qual mais lhe daria disto a prova. Não possuia muito dinheiro ; mas tambem não tinha delle necessidade , colhendo nas suas terras pão , vinho , e azeite. Seus rebanhos lhes davão leite , de que fazia queijos , e manteiga. Fiava a lã de seus carneiros para se vestir , a seu marido , e a dous filhos que tinha. Tratavão-se estes maravilhosamente ; e quando á noite tornavão do trabalho para casa , divertião-se com varios jógos. Ah ! disse a Rainha , que pessima dadiva me deo a magica , dando-me a Coroa ? Não se encontra a alegria nos magnificos Palacios , mas sim nas occupações innocentes do campo. Acabando de di-

zer estas palavras, appareceo a magica, e disse: Não tive intento de premiar-vos, quando vos fiz Rainha, mas sim de vos castigar, por me terdes dado as vossas ameixas com má vontade. Para ser feliz, he preciso, como vossa irmã, não possuir senão as cousas necessarias, e não desejar mais. Ah! senhora, exclamou Branca, bem vos tendes vingado de mim, e he tempo de acabar a minha desgraça. Já acabou, respondeo a magica; o Rei, por se não agradar já de vós, tomou outra mulher, e ámanhã os seus officiaes vos vem ordenar da sua parte, que não torneis mais ao Palacio. Aconteceo o que a magica predisse, e ficou Branca passando o resto de seus dias com sua irmã Vermelha, com muito gosto, e alegria, sem nunca mais lhe lembrar a Corte, senão para agradecer á magica de a ter tornado a pôr na sua aldêa.

SENSATA.

Gósto, Senhora Bonna, muito des-

te conto. Sempre desejei ser pastora, e por isso me agrada o campo em extremo. Parece-me que não appeteceria mais nada, se tivesse huma agradavel fazenda, como Vermelha; e além disto teria tambem necessidade de livros.

BONNA.

Parece-me que tendes muita bom gosto, menina; mas para que qualquer se costume á vida campestre, não deve ter ambição, nem vaidade, nem outros desejos, o que he difficultoso. Sem irdes viver ao campo podeis ser feliz, se puderdes perder estes tres defeitos, de que acabo de fallar.

MOLLY.

Que cousa he ambição, Senhora Bonna?

BONNA.

He o desejo de dominar tudo; e a vaidade he o desejo de querer ser louvada pela belleza, pela habilidade, pelas riquezas, e vestidos; e quanto este vicio faz a gente infeliz, perguntai-o a Espirituosa.

ESPIRITUOSA.

A vaidade, Senhora Bonna, me tinha tambem viciado, e ainda conservo alguma, a qual me fez commetter huma grande falta depois que de vós me aparteí, e quero confessalla diante destas Senhoras para me emendar.

BONNA.

Tendes razão, menina, porque o verdadeiro meio de qualquer corrigir seus crimes he confessallos; mas vejamos o que fizestes.

ESPIRITUOSA.

Estando hontem na assembléa da Senhora F. pessoa já propecta, e mãe de filhos, me perguntou esta em que me occupava? Em ler Quinto Curcio, respondi eu. Que cousa he Quinto Curcio? disse a tal. Essa está boa, lhe tornei eu: he hum livro muito bom, em que se acha a vida de Alexandre Magno. Eu não sabia, disse ella, que tinha havido hum Rei de Inglaterra, que se chamasse Alexandre Magno,

ainda que aprendesse de cór, sendo moça, o Compendio da Historia deste Reino; mas he certo que já me esqueceo. Em lugar, Senhora Bonna, de responder-lhe, quando disse isto, fingi que me assoava, e puz o lenço diante do rosto por não poder ter-me com riso; e passando para as outras salas, contei a todas a ignorancia desta senhora, que nunca ouvio fallar em Alexandre.

BONNA.

Na realidade commettestes huma grande descortezia, menina, apósto que intentastes envergonhar essa senhora?

ESPIRITUOSA.

Sim, Senhora Bonna; mas quando fiz esta loucura, não foi para a envergonhar, foi sómente por vaidade, para dar a conhecer aos mais que eu era huma moça esperta, e que lia muito.

BONNA.

Eu vos affirmo, menina, que a ninguem veio esse pensamento; pois

indo eu esta manhã visitar a Senhora F. que bem sabeis tem juizo, me disse: He bem maligna aquella pequena, chamada Espirituosa, zombou hontem escandalosamente da Senhora de tal, pelo que tive desejo de a castigar; e se fosse minha filha, nunca mais a levaria comigo. Vede, menina, quanto o vosso amor proprio he nescio, que em lugar de vos mostrar estimavel, faz com que todos vos desprezem. Mostrastes aos mais que a tal Senhora era ignorante, e ao mesmo tempo lhe fizestes crer que éreis mal creada; e ainda fizestes mais damno para vós, do que á outra, de quem zombaveis. Fazei pois por ser caritativa, e bem inclinada: considerai primeiro o que quizerdes dizer, para que não digais alguma maldade. Em lugar de fallardes dos defeitos de outrem, inclinai-vos antes a fazer notar as suas boas qualidades, porque então sereis amada de todos. Diga-nos agora Mary a sua historia.

MARY.

Amava ternamente Abrahão seu filho Isac ; mas ainda amava mais a Deos , como devia. Hum dia , lhe disse o Senhor : Abrahão , toma teu filho Isac , e leva-o ao cume de hum alto monte para mo sacrificares , isto he , para lhe cortares a cabeça , e queimares depois seu corpo ; pois naquelle tempo degolavão-se os animaes , que se offerecião a Deos , e depois erão queimados ; e assim mesmo queria o Senhor acontecesse a Isac. Outro , que não fosse Abrahão , diria para si : Prometteo-me Deos de dar a meu filho Isac hum grande numero de filhos ; e como póde isto acontecer , se mo manda sacrificar ? Porém Abrahão como era prudente , não discorria assim : elle estava certo que quando Deos lhe mandava fazer alguma cousa , não era sem mysterio , pois que póde obrar ainda o que nos parece impossivel. Fez pois Abrahão hum feixe de lenha , e o deo a Isac , para que o levasse até o cimo

do monte, onde se havia de fazer o sacrificio; e vendo este que havia lenha, e fogo para sacrificar, mas que faltava a victima, disse isto mesmo a seu Pai. Deos proverá, lhe respondeo Abrahão; e chegando ao alto do monte, disse a Isac: Meu filho, és tu quem eu quero sacrificar a Deos, porque elle mo mandou. Não duvido disso, disse Isac; e já que Deos me dêo a vida, não he muito que eu lha entregue, pois que elle o quer. Depois disto accendeo Abrahão huma fogueira; e ligando seu filho sobre o feixe de lenha, pegou no seu cutelo, e levantou o braço para cortar-lhe a cabeça; mas sobrevindo hum Anjo, lhe suspendeo o braço, e lhe disse: Não mates teu filho Isac; e ao mesmo tempo lhe appareceo hum carneiro, que estava prezo pelas pontas em hum bosque, o qual elles sacrificarão ao Senhor, e tornarão depois muito satisfeitos para a sua tenda.

MOLLY.

Receava bem que morresse o pequeno Isac , Senhora Bonna , por cuidar que com effeito o sacrificavão.

CARLOTTA

Mas , Senhora Bonna , como podia Deos mandar matar hum homem , sendo huma acção tão má ?

BONNA.

Nem sempre he acção prohibida a morte de hum homem ; pois vedes que estes se mandão matar muitas vezes por commetterem furtos , e outros crimes. Quando ha guerra , os soldados matão os inimigos sem peccarem ; e além disto sabeis que Deos não queria que Isac morresse , e Abrahão , conhecendo que Deos he benigno , e sábio , dizia para si : Como Deos me mandou fazer isto : não he acção má , pois elle não manda commetter huma culpa.

MARY.

Vejo que Isac ~~era~~ era bom filho , e por isso quero ser ~~obedi~~ obediente como elle ; e se Deos dissesse a minha mãe ,

que me matasse, eu não lhe repugnaria.

RONNA.

Não dirá Deos isso a vossa mãe; mas talvez o diga á febre, ás bexigas, ou a outra qualquer doença. Se elle vos não quizer tirar a vida, talvez vos quererá privar dos olhos, dos ouvidos, ou de outra parte do vosso corpo; e se alguma vez estiverdes doente, deveis dizer, como Isac: Meu Deos, vós sois quem me deo a vida; se quereis tirar-ma por esta doença, tambem eu o quero. Do mesmo modo, Carlotta, quando tiverdes dor de ouvidos, ou de olhos, dizei então do fundo de vossa alma: Meu Deos, tudo he vosso; se quereis fazer-me surda, ou cega, eu não resisto. Devemos dizer o mesmo quando perdermos os bens, e estar certas que Deos nos ama, porque nos tira estas cousas, talvez porque nos não são uteis; pois he certo que se ellas nos fossem proveitosas, não nos privaria dellas.

SENSATA.

Se nós considerassemos sempre nisto, nunca nos amofinariamos.

BONNA.

He verdade, menina, e por isso he que nós vemos muitas vezes algumas pessoas, que nos parecem muito infelizes, mas que na realidade estão satisfeitas. Agora, Carlotta, segui-vos vós a dizer a vossa historia.

CARLOTTA.

Querendo Abrahão casar seu filho Isac, chamou o seu Administrador, e lhe disse que fosse á terra, em que habitava seu irmão, chamado Nacor, para trazer-lhe huma mulher para seu filho. Chegando o Administrador á terra de Nacor, pedio a Deos que o fizesse sahir bem do seu negocio, e disse: Senhor, mostrai-me a mulher, que quereis dar a meu amo moço; e assentando-se ao pé de hum poço, disse segunda vez a Deos: Senhor, as donzellas desta Cidade hão de vir buscar agoa a este poço: eu lhes pedirei

de beber , e então vós inspirai áquelle, que houver de ser mulher de Isac , que me dê cortezmente a sua quarta , e que se offereça tambem para dar agua aos meus camellos. Sahirão neste tempo as moças da Cidade , e entre ellas vinha huma , que era a mais formosa , á qual o Administrador se chegou , e lhe pedio agua. De boa vontade , lhe disse a moça ; e iogo abaixando a quarta , se offereceo tambem para dar de beber aos camellos. Perguntou-lhe o Administrador como se chamava ? Respondeo-lhe ella que Rebecca , e que seu avô era Nacor. Então o Administrador louvou a Deos , e fez presente a Rebecca de hum anel de ouro , e de huns bellos brincos para as orelhas. Foi Rebecca correndo para casa para mostrar estas prendas a seus irmãos , considerando que huma donzella não deve aceitar dadiua dos homens sem consentimento de seus parentes. Labão , irmão de Rebecca , vendo estas joias , foi de pressa á fonte ; e achando o Ad-

ministrador, o convidou para vir pou-
sar a sua casa. Não quiz elle comer,
nem beber antes de concluir a sua com-
missão; e pedindo Rebecca em matri-
monio para Isac, seus irmãos lha con-
cedêrão. Depois deste ajuste disserão
estes a Rebecca: Quereis ir com este
homem para desposardes vosso primo
Isac? E respondendo ella que sim, par-
tio com o Administrador, que lhe deo
ricas dadivas, e a seus irmãos. Ten-
do elles andado muito tempo, virão
hum homem, que passeava no campo;
e dizendo o Administrador a Rebec-
ca que aquelle era Isac, poz esta hum
véo sobre a cabeça, e não tardou mui-
to que este a não desposasse. O amor,
que Isac lhe creou, fez com que se
consolasse hum pouco da morte de Sa-
ra sua mãe, que havia pouco tinha mor-
rido.

MOLLY.

He bem galante esta historia, Se-
nhora Bonna; mas quizera saber por-
que Abrahão mandou buscar tão lon-

ge a mulher para seu filho, foi talvez por não haver mulheres no paiz, onde estava?

BONNA.

Não, menina, porque ahi as havia; mas essas não têm piedade, ou religião; e como Abrahão queria para seu filho huma mulher de merecimento, preferio Rebecca ás riquezas. Notai, meninas, o que fez o Administrador de Abrahão: pediu a Deos que lhe mostrasse a mulher de seu amo; e isto nos ensina a pedir a Deos tudo o que necessitarmos, pois que elle he tão bom, que se não offende desta liberdade.

MARY.

Mas como Deos sabe que nós temos necessidade dessas cousas, não he preciso pedir-lhas.

BONNA.

Enganai-vos, menina, Deos sabe que nós temos necessidade de pão, e com tudo Jesus Christo nos manda pedir-lho todos os dias na oração do Pa-

dre nosso , e senão vêde se vós não dizeis pela manhã , e á noite nesta oração: Dai-nos o nosso pão quotidiano, isto he, o pão de cada dia.

CARLOTTA.

Assim he, Senhora Bonna, e eu ainda não tinha reparado nisso.

SENSATA.

Da minha parte sempre peço a Deos tudo o que necessito; de sorte que quando começo a lição, lhe peço que me dê graça para a aprender. Quando meu pai, mãe, ou irmãos estão doentes, peço-lhe que lhes dê saude; e até quando eu desejo ter alguma coisa, eu rogo a Deos que inspire a minha mãe, para que ma dê; e he elle tão bom, que sempre me permite o que lhe peço.

BONNA.

Conservai sempre este costume, e costumemo-nos nós todas, meninas, a respeitar a Deos, como nosso bom Pai, e nosso Amo, para lhe pedirmos com confiança as cousas justas, como

hum filho ao pai , e o criado ao amo. Mas como nós ignoramos as nossas verdadeiras necessidades , e podemos pedir o que nos não convem , digamos sempre : Senhor , concedei-me isto , se he digno da vossa gloria , e minha salvação.

Supposto isto , digamos alguma coisa da Geografia. Fallámos a ultima vez dos nomes , que se dão ás diferentes partes da terra ; isto he , do Continente , da Ilha , da Península , do Isthmo , e do Cabo : agora he preciso saber os nomes , que tem as diversas partes da agua. Vedes esta vasta multidão de agua ? Pois chama-se Oceano , e tambem mar , pela amargura das aguas. Ha quatro mares , que tomão os nomes das partes do Mundo , em que se achão , e são estes : o Oceano Septentrional , Meridional , Occidental , e Oriental. Chama-se Golfo a huma porção do Oceano , que entra na terra : Bahia a hum Golfo , de que a boca he grande : Arquipel-

lago he hum mar, em que ha multi-
dão de Ihas : Estreito he huma pas-
sagem de hum mar para outro : Lago
he hum ajuntamento de agua, rodea-
da de terra ; e Rio he huma agua,
que sempre corre. Entendeis isto, me-
ninas ?

CARLOTTA.

Sim, Senhora Bonna : hum Golfo
he quando o mar entra pela terra, co-
mo o de Veneza : hum Estreito he co-
mo huma rua de agua, que une dous
mares, como o de Gibraltar, que
ajunta o grande Oceano ao Mediterra-
neo.

BONNA.

Muito bem, menina ; mas tambem
se chama Estreito hum mar apertado
entre duas terras, como em huma car-
ta Geografica se vê entre a Ilha de
Corsega, e a de Sardenha hum pe-
queno braço de mar, que se chama o
Estreito de Bonifacio.

ESPIRITUOSA.

Porque chamão, Senhora Bonna,

ao pequeno braço de mar , que está entre a Italia , e a Sicilia , o Farol de Messina ; e que quer dizer esta palavra Farol ?

BONNA.

Eu , ainda que não saiba Grego , menina , e esta palavra nelle tenha a sua origem , sempre se pôde interpretar. Os navios , que navegam neste estreito , não podem chegar-se á terra sem perigo ; e para lhes advertir que a terra está perto , se põe huma luz na borda do mar , com a qual os navegantes de noite conhecem que a terra está vizinha , e se apartão della. Ora n'outro tempo houve no Egypto hum Rei chamado Ptomoleo , o qual mandou edificar huma torre de marmore tão magnifica , que se contava entre as sete maravilhas do mundo. No cimo desta torre se punha huma luz a que chamavão Faros , para aviso dos navios ; e como depois deste tempo se ficárão chamando Faroes os lugares levantados , em que se põe

luz de noite para aquelles, que nave-
gão, tambem tomou este nome huma
das torres de Messina, e o deo a este
Estreito, que se chama o Farol de
Messina. Pelo que podemos julgar que
a palavra Faros, ou Farol, quer dizer
huma luz, que serve de guia aos navios
de noite.

MARY.

Visto isso as lanternas, que estão
ás portas, são farões?

BONNA.

Não ha duvida.

MOLLY.

Já que nos dissestes que havia se-
te maravilhas do mundo, ensinaí-nos
quaes são.

BONNA.

Eu vo-las digo como as sei. Os
Muros, e Jardins de Babylonia, o Fa-
rol de Alexandria, o tumulo de Mau-
solo, o Colosso de Rhodes, o Tem-
plo de Diana em Efeso, o Labyrintho
de Minos em Creta, e as Pyramides
do Egypto.

CARLOTTA.

Explicai-nos o que querem dizer essas cousas todas.

BONNA.

Sensata vo-las explicará : andai , menina , ensinai a essas Senhoras que cousa he o Tumulo de Mausolo.

SENSATA.

Houve huma Rainha de Caria , chamada Artemisa , que amou extremamente a seu marido Mauoso. Morto este , lhe mandou levantar hum pomposo Tumulo ; e desde este tempo se chamárão Mausoleos os sepulchros , que se fazião para honrar a memoria dos mortos.

CARLOTTA.

Eis aqui porque se chamão Mausoleos estas figuras de marmore , que estão em Westminster : prometto-vos que me não esqueça este nome.

SENSATA.

Ainda que o Tumulo , que Artemisa edificou , fosse tão magnifico , não o achou digno de receber as cinzas de seu marido.

CARLOTTA.

Logo onde as poz?

SENSATA.

Misturava-as todos os dias com o que comia, e bebia, até que as consumo todas.

ESPIRITUOSA.

Não foi esta Artemisa a que combateo por Xerxes contra os Gregos em Salamina?

BONNA.

Não, menina, a outra viveo antes; e como hoje he já tarde, deixemos as outras maravilhas para outro dia: ide-vos com Deos.

DIALOGO IX.

SETIMO DIA.

MARY.

A Legres dias, Senhora Bonna; que-
reis vós dizer-nos algum lindo con-
to de alguma magica?

BONNA.

Não, menina; mas em seu lugar
vos dirá Sensata a fabula do labyrin-
tho, que era huma das sete maravi-
lhas do mundo. Reparai com tudo, que
quando eu digo que he huma fabula,
não quero dizer que não houve hum
labyrintho, hum Minos, hum The-
seu, e as outras pessoas, de que fal-
laremos, mas sim que se misturárão
varias fabulas com as acções verdadei-
ras daquellas pessoas: começai, Sen-
sata.

Houve em Creta hum Rei, cha-

mado Minos , o qual , por lhe terem os Athenienses morto seu filho , lhes declarou a guerra ; e vencendo-os , condemnou-os a dar-lhe todos os nove annos sete rapazes , e sete raparigas para serem comidos pelo Minotauro. Era este hum monstro ametade homem , e ametade touro , e estava em huma casa chamada labyrintho. Esta casa era feita de tal modo , que aquelle , que nella entrava , não podia dar com o caminho , por onde entrára , por ter esse mil voltas , e rodeios ; e assim os tristes Athenienses , que nella entravam , ainda que não fossem comidos pelo monstro , vinhão a morrer com fome. Theseo , filho do Rei de Athenas , determinou vir a Creta com os mais mancedos para matar o Minotauro ; e tanto que chegou áquella Cidade , huma filha de Minos , por nome Ariadna , se namorou delle. Prometteo-lhe Theseo de a levar consigo , se ella lhe salvasse a vida . pelo que Ariadna lhe deo hum novello de

fiado, e lhe disse, que o atasse á porta do labyrintho; e levando-o na mão, o fosse largando, ao passo que se encaminhasse para o Minotauro, para que matando-o, tornasse pelo mesmo fio á porta, e sahisse. Assim aconteceu; e nunca mais serão obrigados os Athenienses a mandar os mancebos para serem comidos por aquelle monstro. Voltando Theseo para Athenas, o acompanhou Ariadna, que foi d'elle desprezada, não merecendo estimação humadonzella, que foge com hum homem. Deixou-a pois Theseo em huma Ilha, onde tinham desembarcado, para passarem a noite, levantando-se cedo, e em tempo que ella ainda dormia. Acordando Ariadna, e vendo que o navio tinha partido, começou a chorar com pena de ter deixado a casa de seu pai; mas seus suspiros já são inuteis. Neste tempo passou Baccho, Deos do vinho, por aquella Ilha; e vendo que Ariadna era tão bella, se compadeceo della, e a desposou, e converteo depois

em estrella Quando Theseo partio de Athenas, prometteo a seu pai Egeu de pôr huma bandeira branca no alto do navio, se viesse victorioso; mas esquecendo-se disto, vendo Egeu chegar o navio sem a bandeira, creio que seu filho era morto, e se lançou no mar. Fez Theseo varias ofertas ao Deos Apollo em agradecimento da victoria, e ordenou que todos os annos se mandasse hum navio com as mesmas oblações. Todo o tempo, que este navio estava fóra do porto de Athenas, não se mandava matar alguém, e esperavão para isso que elle chegasse.

CARLOTTA.

Este Theseo, Senhora Bonnã, era hum homem cruel, tendo animo para desamparar assim huma triste Princeza, que lhe tinha salvado a vida.

BONNã.

He verdade, menina; mas se elle a não desamparasse, ver-se-hia obrigado a desposalla, e ficava-lhe mal desposar huma mulher, que se atreve a

acompanhar hum homem. Em quanto elle dependeo della , fez-lhe as mais encarecidas promessas , sendo proprio nos homens não se julgarem obrigados a guardar as promessas , que fazem ás mulheres ; pois que elles gostão de enganallas para as escarnecerem , e dizerem depois a outros : Vêde F. que he tão nescia que me deo crédito , por lhe dizer que era formosa , e que a amava.

MARY.

Fóra com tal vileza : esses são huns mentirosos. Mas todos os homens são desse modo , Senhora Bonna ? Não ha algum sinal , por onde se conheção aquelles , que nos querem bem , e os que zombão de nós ?

BONNA.

Sim , menina ; supponde que sois já de maior idade , e que hum Cavalleiro se namora de vós ; se isso for para bem , não vos dirá que vos ama , mas irá ter com vosso pai , e mãe , e lhes dirá : Eu amo vossa filha : se qui-

zerdes dar-ma por mulher, terei nisso muito gosto. Se pelo contrario este homem quizer zombar de vós, dir-vos-ha em particular que vos ama, e vos pedirá que não digais isso a vosso pai.

MARY.

Está bem; então lhe digo eu logo: Senhor, eu direi a meu pai que vós me quereis bem; e ficará enganado se elle me dizia isso para se rir de mim: não he assim, Senhora Bonna?

BONNA.

Assim he, menina; e isso o envergonhará, não deixando vós com tudo de avisar vossos pais; ainda que não deveis dizello a outrem, nem a vossas amigas, nem á vossa criada.

ESPIRITUOSA.

Tenho grande desejo de saber, Senhora Bonna, o que he verdadeiro da fabula, que Sensata nos disse.

BONNA.

Quasi tudo, menina; porque em lugar do monstro havia hum General

Cretense Touro : em lugar do novello de fiado , que Ariadna dêo a Theseo , a carta do labyrintho : em lugar de Baccho , casou esta Princeza com hum Sacerdote deste Deos ; e para que não fiqueis em dúvida sobre as outras quatro maravilhas do mundo...

Os muros de Babylonia , que cercavão esta Cidade , Capital do mais antigo Imperio do Mundo , tinhão cincoenta milhas de extensão , e duzentos pés de alto. Erão tão largos , que seis carros emparelhados podião andar por elles sem se encontrarem. Os jardins mysticos a Babylonia erão obra tão maravilhosa , como seus muros.

O Colosso de Rhodes era huma estatua de Bronze de huma grandeza extraordinaria , e figura de homem : os Rhodios a consagrãõ a Apollo , e a puzerão na entrada do porto da Cidade de Rhodes , na Ilha deste nome. Além desta estatua ser muito alta , tinha os pés sobre dous tão levantados rochedos. que os navios lhe passavão por

entre as pernas com as vélas cheias: mas foi destruida por hum terremoto.

O Templo de Diana era hum soberbo edificio em a Cidade de Efeso, dedicado á Deosa Diana, o qual queimou o extravagante Herostrato para se fazer célebre no Mundo.

As Pyramides do Egypto são humas obras famosas, edificadas ha quatro mil annos, e que ainda hoje existem nas vizinhanças do Grão-Cairo, e servião de sepultura aos Reis do Egypto. Gastárão-se vinte annos para se edificar a maior, trabalhando nella trezentos, e sessenta e seis mil obreiros. Notou-se que tinhão custado sómente a hortaliça, e legumes para os trabalhadores mil e oitocentos talentos, que fazem perto de mil e quatrocentos e quarenta contos. Temos dito o que basta sobre a fabula, resta-nos fallar alguma cousa da Geografia. Pegai nessa carta, e vêde como se divide a Europa em tres partes principaes; em parte do Norte, em parte do meio,

e em parte do Sul. A parte do Norte comprehende de Oeste a Este : as Ilhas Britanicas , que consistem em duas grandes , e grande numero de pequenas. A mais consideravel he a Grã-Bretanha , a qual tem dous Reinos , que são , Inglaterra ao Sul , e a Escocia ao Norte. Ha tambem outa Ilha mais pequena , a qual se chama Irlanda.

MARY.

Não sabia ainda que morava na Grã-Bretanha.

BONNA.

Pois sim , menina : Londres he a principal Cidade , ou a Capital de Inglaterra ; Edimburgo da Escocia , e Dublin de Irlanda. Estes tres Reinos pertencem ao mesmo Principe , que se chama Rei de Inglaterra. Ao Este da Inglaterra fica Dinamarca , de que he Capital Compenhague , na Ilha de Zelanda. Ao Norte da Dinamarca está a Norwega , pertencente ao mesmo Rei de Dinamarca , cuja Capital he

Christiana. Possui tambem este Monarca a Islandia, a qual Ilha está ainda mais ao Norte da Europa, do que a Inglaterra. Ao Este da Norwega fica a Suecia ao redor do Golfo de Bosnia em o mar Baltico, sendo a sua Capital Stocholmo. Em fim, ao Este da Suecia se encontra a Russia, ou Moscovia, que he hum paiz muito vasto: a sua Capital he Moscovia; mas hoje Petersbourg he a-sua mais famosa Cidade, e residencia da Imperatriz, e da Corte da Russia. Temos visto pois as cinco partes principaes ao Norte da Europa; conservai-as na memoria, e para outra vez trataremos das partes do meio.

ESPIRITUOSA.

Hontem, Senhora Bonna, li no Thesouro Francez a historia de Pedro o Grande; que fundou a Cidade de Petersbourg, e a achei muito similhante ao conto do Principe Admiravel, que nos contastes o outro dia.

BONNA.

He quasi o mesmo , menina ; e o Rei Absoluto se assemelha algum tanto com Carlos XII , Rei de Suecia , cuja vida vos emprestarei ; quando acabardes de lêr Rolem. Mas vejamos o que aprendestes da Historia Sagrada.

MARY.

A primeira cousa , que Isac fez , depois de desposar Rebecca , foi rogar a Deos lhe dêsse filhos , e o Senhor lhe dêo dous , de que o mais velho se chamou Esaú , e o segundo Jacob. Vós sabeis , Senhoras , que ordinariamente entre os Nobres só o mais velho he que tem o Titulo da familia , e que he Morgado , e que o segundo fica sem nada. Assim aconteceu pois a Esaú , e a Jacob , ficando aquelle com o Morgado , e titulo da sua casa , e este quasi como hum Administrador. Hum diã , que Esaú foi á caça , quando tornou para casa , trazia huma grande fome ; e achando Jacob fazendo humas sopas de lentilhas para comer ,

lhe disse: Meu irmão, dai-me essas lentilhas? Eu as guizei para mim, respondeo Jacob; mas se vós me quereis dar o vosso titulo, dar-vos-hei as minhas lentilhas. Esaú, que era goloso, vendeo o titulo pelas lentilhas, e depois disso ficou Jacob o mais velho, e Morgado, e Esaú sem possuir nada, e como simples Administrador.

BONNA.

Vedes, meninas, como a gula faz commetter loucuras: certamente he hum defeito bem vil, porque quem he goloso, além de peccar, prejudica a sua saude, faz-se estúpido, e vem a morrer moço. Não me quero alargar mais neste ponto, pois faço muito caso de vós, e não creio que sejais golosas. He a gula hum vicio tão baixo, e tão vergonhoso, que não consentiria entre nós alguma, que fosse golosa. Mas que, vós envergonhai-vos, Molly: tivestes vós talvez a infelicidade de cahir neste defeito?

MOLLY.

Sim, Senhora Bonna, ha dias que a minha criada me não quiz dar á noite o chá, pelo que eu chorei mais de huma hora.

BONNA.

Deveis emendar-vos desse indigno defeito, menina, e se quereis ser bem criada, e que eu vos estime, he preciso que repareis a vossa falta. E que fareis para isso?

MOLLY.

Passarei oito dias sem tomar chá; mas tambem vos peço vos esqueçais desta minha loucura.

BONNA.

Para que me havia de eu lembrar mais della? Eu sei que quando nós estamos arrependidas de nossas faltas, e que as reparamos, Deos se esquece dellas; e então que farei eu? Dizei agora a vossa historia.

MOLLY.

Não amava Esaú a seu irmão Jacob, por lhe ter comprado o seu ti-

tulo, e usurpado a benção do seu pai, pelo artificio de sua mãe Rebecca. Pelo que disse esta a Jacob: Temo que vosso irmão Esaú se vingue de vós, e por isso ide ter com vosso tio Labão, e demorai-vos com elle, até que se aplaque a sua cólera. Tinha Labão duas filhas, das quaes a mais velha era feia, e se chamava Lia; e a segunda era formosa, e se chamava Raquel. Desta se agradou Jacob, e a pediu para casar a Labão, que lhe respondeo: Dar-vos-hei minha filha Raquel, se me quizerdes servir sete annos. Consentio Jacob no ajuste; e como queria muito a Raquel, os sete annos lhe parecêrão sete dias; e cuidando que no fim deste tempo se desposaria com ella, Labão, usando de engano, lhe metteo na cama Lia em seu lugar. Deitando-se Jacob ás escuras, não percebeo que seu sogro o tinha enganado; mas quando amanheceo, foi sua cólera igual á sua admiração. Labão então lhe disse: Não he costume ca-

sar a mais nova primeiro que a mais velha; mas se quizerdes ainda servir-me outros sete annos, dar-vos-hei Raquel dentro em oito dias. Aceitou Jacob; e passado este tempo, vendo Labão que Deos o ajudava por causa de seu genro, lhe pedio se deixasse ficar em sua casa, e para isso lhe prometteo huma boa recompensa. Labão porém intentava enganallo, e nem por isso deixou Jacob de enriquecer muito; e ainda que elle não amasse sua mulher Lia, não deixou de compadecer-se Deos della dando-lhe muitos filhos, e nenhum a Raquel, até que tambem em fim teve esta hum, por nome José. Deixou com tudo Jacob seu sogro Labão, e voltou para sua casa; mas quando estava já perto, soube que seu irmão Esaú lhe vinha ao encontro com grande numero de gente armada. Temeo-se Jacob, e Deos lhe mandou hum Anjo para o socegar; e tornando a proseguir o seu caminho, mandou varios pre-

sentés a seu irmão , com que o aplacou.

BONNA.

Andai Carlotta , continuai já a vossa historia.

CARLOTTA.

Alojou-se Jacob com a sua familia perto da Cidade de Sichem. Tinha elle naquelle tempo doze filhos , e huma filha chamada Dina , a qual tendo desejo de vêr as moças de Sichem , foi á Cidade , onde , sendo vista pela filha do Rei , se cativou della , e a furtou. Sabendo isto os filhos de Jacob , ficárão cheios de ira ; mas o Rei os apiaçou , dizendo-lhes : Não vos offendais : dai-me vossa irmã para mulher de meu filho , e fiquemos todos amigos. Consentirão nisto os irmãos de Dina , ainda que dous delles , chamados Simeão , e Levi , determinarão vingar-se ; e levando ao fim seus máos intentos , matárão por tração o Rei , seu filho , e todos os moradores de Sichem , trazendo as mulheres cati-

vas. Offendeo-se Jacob muito , quando soube esta má acção , receando que os póvos vizinhos lhe fizessem guerra. Deos o socegou , e lhe prometeo , como a Abrahão , e a Isac , de dar a seus filhos a terra , em que habitavão actualmente. Deixou Jacob este lugar , e foi viver a Bathel , que depois chamarão Bethlem , onde , apenas chegarão , teve Raquel ainda hum filho , e morreo depois deste nascido. Poz-lhe ella o nome Benoni , que quer dizer filho de minha dôr ; mas Jacob lhe chamou Benjamim , e sepultou Raquel mesmo ao pé de Bethlem.

ESPIRITUOSA.

Parece-me, Senhora Bonna , que os filhos de Jacob não erão todos bem inclinados , pois Simeão , e Levi erão bem crueis em matarem toda a gente de Sichem sem culpa.

BONNA.

Quasi todos erão viciosos , como vereis logo. Juda , quo era o mais velho commetteo grandes delictos ; mas

entre elles houve hum , que era virtuoso.

SENSATA.

Não sei porque os homens são tão máos , sendo tão agradavel o cumprir cada huma a sua obrigação. Em quanto a mim , quando obro mal , fico tão afflicta , que em toda a noite não durmo. Mas disse-me : Levi , e Simeão dormirão socegados depois de matarem tanta gente?

BONNA.

Sim , menina : attendei. Quando algum começa a ser máo , a consciencia o inquieta ; mas quando , apezar dos seus remorsos , continúa a commetter o mesmo crime , pouco a pouco se diminuem os remorsos , até que em fim a consciencia fica socegada , e o que commette essas culpas está no estado de maior infelicidade. Notai tambem , minhas filhas , quão perigosa he a curiosidade em huma moça , e o desejo dos espectaculos. Se Dina ficasse em sua casa , não causaria as

espantosas infelicidades , que acabamos de ouvir. As mulheres nascêrão para o retiro , por isso o devem appetecer : eu faço máo conceito de huma moça , que nunca pára , e que só quer ser vista por todos. Não ha muito vos disse que as mulheres são destinadas para terem cuidado nas suas familias ; e como poderão ellas fazer isto , estando sempre fóra de suas casas ?

ESPIRITUOSA.

Mas , Senhora Bonna , eu cuidava que só a gente pobre devia ter cuidado na sua casa , porque os ricos tem criados , que cuidem na familia.

BONNA.

Enganai-vos , menina ; Deos não disse que os ricos não comerião o pão com o suor do seu rosto. Todos devem trabalhar , porque este he o castigo de todo o Mundo ; e assim o trabalho de huma fidalga , como de huma mulher humilde , consiste em tratar da sua casa. Ainda na supposição de que o ocio não fosse peccado , sem-

pre as mulheres deverião entreter-se no cuidado de suas casas. Reparai bem nisto, meninas; se chegardes a ser mais ricas do que sois agora, se não tomardes sentido nas vossas cousas, vossos domesticos vos roubarão os mercadores se ajustarão com elles para vos venderem tudo caro; e sendo assim, vireis a ser pobres, ou vossos filhos. Não ha tambem cousa mais vergonhosa do que ficar pobre por sua culpa: todo o Mundo então se ri de nós; e em lugar de lhe causarmos lástima, nos despreza.

MARY.

Como dizeis que todo o Mundo deve trabalhar, nem os Reis estão izentos disso?

BONNA.

Olhai, menina: hum bom Rei, e huma boa Rainha trabalhão muito mais do que o mais pobre de seus vassallos. Ha dous differentes modos de trabalhos, meninas: hum rustico cultiva a terra, hum carpinteiro trabalha

na madeira, huma costureira faz vestidos; mas este trabalho não he o mais difficil. Aquelle, em que o espirito trabalha, he ainda muito mais; e eis aqui a obra dos Reis, e das Rainhas; pois como Deos lhes ha de pedir conta de todo o mal, que se obra por sua culpa, e negligencia, devem cuidar de dia, e de noite em se informar do que se passa no seu Reino: e posso affirmar vos que hum bom Rei, hum grande Rei, não tem hum instante de descanso.

ESPIRITUOSA.

Se assim he, Senhora Bonna, não haverá muito gosto em ser Rei.

BONNA.

Antes pelo contrario, menina, hum Rei póde ser o mais feliz de todos os homens; mas para o ser, he preciso que elle não tenha hum momento de seu. Este trabalho, que vós tomais como huma fadiga, faz toda a felicidade, e toda a gloria de sua vida. Ora dizei-me: Huma boa mãe sentirá tra-

balho em cuidar nos seus filhos? Não sem dúvida; pois hum Rei, como he o Pai de seus vassallos, em lugar de amofinar-se com a occupação dos negocios, que podem fazellos felizes, acha huma satisfação infinita.

A Deos, meninas; a lição foi hoje hum pouco breve, porque não estou boa; mas recompensaremos isto no primeiro dia.

FIM DA PARTE I.

P A R T E II.

DIALOGO X.

O I T A V O D I A.

BONNA.

BOm dia, Senhoras; prometto de vos ter hoje bem contentes: li hontem hum conto muito lindo, e vou já referillo.

Houve n'outro tempo hum Rei, que amava extremamente huma Princeza, a qual não podia desposar por estar encantada. Foi consultar huma mágica para saber o que devia obrar para ser querido desta Princeza, e esta lhe disse: Vós sabeis que a Princeza tem hum grande gato, que estima muito, e que só ha de casar com ella aquelle, que tiver a destreza de passar por cima do rabo do tal gato. Pareceu ao Principe que o negocio não

R 2

era muito difficultoso ; e despedindo-se da mágica , resolveo-se ou a machucar o rabo do gato , ou a passar por cima delle . Com esta resolução foi direito ao Palacio da sua Senhora : sahio-lhe ao encontro Minão , que assim se chamava o gato , fazendo hum largo lombo , como sempre costumava : levantou o Rei o pé para pizallo ; mas quando cuidava tello posto sobre o rabo , Minão se virou tão deperessa , que lhe não dêo tempo a apanhallo . Esteve oito dias para ver se podia passar por cima do rabo fatal ; mas como se estivesse cheio de azouge , sempre lhe escapava . Teve em fim o Rei a felicidade de apanhar Minão dormindo , e então lhe poz o pé sobre o rabo com toda a sua força . Acordou Minão meando horriavelmente ; e depois tomando de repente a figura de hum robusto homem , olhando para o Principe com os olhos cheios de cólera , lhe disse : Tu casarás com a Princesa , por teres desfeito o encanto , que

te embaraçava; mas eu me vingarei de ti. Terás hum filho, que ha de ser sempre infeliz, até que perceba que tem o nariz muito comprido; e se descobrires a ameaça, que te faço, morrerás no mesmo instante. Ainda que o Rei ficasse atemorizado de vêr este espantoso homem, que era hum mágico, não pôde deixar de rir-se da ameaça. Posto que meu filho tenha o nariz muito comprido, disse o Rei consigo mesmo; como não seja cego, ou aleijado, sempre o poderá ver, ou apalpar. Desapparecendo o magico, foi o Rei ter com a Princeza, que não duvidou desposallo; mas não viveo muito tempo com ella por morrer no fim de oito mezes. Passado hum mez, dêo a Rainha á luz hum Principe, chamado Desejo, o qual tinha huns bellos olhos azues, huma boca pequena bem feita com hum nariz tão grande, que lhe cobria ametade da cara. Ficou ella desconsolada, vendo este grande nariz; mas as damas, que

lhe assistião, disserão que elle não era tão grande, como lhe parecia, que era hum nariz á Romana, e que se lia nas Historias que todos os heroes tverão hum nariz grande. A Rainha, que amava o filho com extremo, ficou agradada deste discurso, e com a continuação de olhar para o rosto de Desejo, lhe foi o nariz parecendo mais pequeno. Foi o Principe criado com vigilancia; e tanto que soube fallar, repetião diante d'elle toda a sorte de máos contos de pessoas, que tinham o nariz pequeno. Não consentião ao pé d'elle senão aquelles, cujo nariz se assemelhasse alguma cousa ao seu; e os Cortezãos, para agradarem á Rainha e ao Principe, puxavão muitas vezes no dia pelo nariz de seus filhos para lho fazerem crescer, que por mais que fizessem, sempre parecião chatos ao pé do do Principe Desejo. Quando foi tempo, lhe ensinárão a historia; e havendo de fallar-lhe de algum grande Principe, ou de alguma formosa Prin-

ceza , sempre lhe dizião que tivera o nariz comprido. A sua camara estava toda rodeada de quadros , em que havia grandes narizes ; e de tal sorte se costumou Desejo a vêr o comprimento de seu nariz , como se fosse huma maravilha , que nem por hum Reino o queria diminuir a grossura de huma linha. Chegando a vinte annos , e querendo casallo , trouxerão-lhe o retrato de muitas Princezas ; mas de nenhum se agradou senão do de Minhona. Era esta filha de hum poderoso Rei , e herdeira de muitos Reinos ; mas Desejo , sem lhe vir nada disto ao pensamento , só estava elevado na sua belleza. Esta Princeza , que lhe parecia tão bella , tinha hum pequeno nariz revirado , que dava muita graça ao seu rosto , e que poz os Cortezãos na maior irresolução ; pois como elles tinham o habito de se riem dos narizes pequenos , algumas vezes por descuido se rião do da Princeza. Desejo porém não admit-

tia riso neste ponto, de sorte que desterrou dois Cortezãos, que se atrevêrão a dizer-lhe mal do nariz de Minhona. Os outros Cortezãos mais comedidos com o exemplo se contiverão, e só houve hum, que disse ao Principe que na verdade hum homem não podia ser querido, sem ter hum grande nariz; mas que a belleza das mulheres era diversa; e que hum sabio, que fallava o Grego, lhe tinha dito que lêra em hum velho manuscrito, que a bella Cleopatra tinha a ponta do nariz revirada. Mandou o Principe hum magnifico presente áquelle, que lhe deo esta agradavel nova; e mandou Embaixadores a pedir Minhona para casar. Concedêrão-lha; e como elle tinha grande ardor de vella, foi esperalla mais de tres leguas; mas quando elle hia encaminhando-se para lhe beijar a mão, vio-se vir hum mágico, que arrebatou a Princeza á sua vista, deixando-o desconsolado. Determinou Desejo de não entrar no seu

Reino sem achar Minhona; e sem querer que algum dos seus Cortezãos o acompanhasse, montou em hum bom cavallo, e largando-lhe a rédea, o deixou tomar o caminho que elle quiz. Entrou o cavallo em huma grande planicie, na qual andou todo o dia sem achar huma só casa, até que em fim já sobre a noite o Principe, morto de fome, vio huma caverna, onde havia luz. Entrando nella, achou huma pobre velha, que parecia ter mais de cem annos. Poz esta os seus oculos para o vêr, gastando nisto muito tempo sem os poder segurar, por ter o nariz muito pequeno. O Principe, e a velha, que era huma mágica, derão cada hum sua grande risada, quando se vírão, gritando ambos juntos: Ah! que ridiculo nariz! Ridiculo he o vosso, disse Desejo á mágica; mas, senhora, deixemos os nossos narizes, como elles são, e tende a bondade de dar-me alguma cousa que coma, porque trago fome, e tambem ao meu po-

bre cavallo. De boa vontade, respondeo a mágica; pois ainda que o vosso nariz seja ridiculo, não sois por isso menos do que o filho do melhor de meus amigos. Eu amava o Rei vosso pai, como meu irmão; mas vós não sahis a elle, porque tinha o nariz muito bem feito. E que falta ao meu? disse Desejo. Oh! não lhe falta nada, respondeo a mágica; antes pelo contrario está muito bem farto de panno, ainda que isto não importa, porque bem póde qualquer ser homem de bem, e ter o nariz comprido. Como vos hia dizendo; eu era amiga de vosso pai, e naquelle tempo elle me fazia varias visitas, e sendo n'outro tempo; já podeis saber que eu era linda, o que elle mesmo confessava. He preciso que vos conte huma conversa, que tivemos a ultima vez, que nos vimos. Está feito, Senhora, eu vos ouvirei com gosto depois de cear, e reparai que ainda hoje não comi. Pobre moço, disse a mágica;

tem razão, eu não sabia isso. Já vos vou dar de cear; e em quanto comeis, dir-vos-hei a minha historia em duas palavras, pois não sou amiga de longos discursos. Olhai, huma lingua muito comprida he ainda mais insupportavel do que hum grande nariz; e eu me lembro que sendo moça me admiravão por não ser huma grande falladora, e assim o dizião á Rainha minha mãe, porque ainda que assim me vejais, sou filha de hum grande Rei. Meu pai.... vosso pai comia, quando tinha fome? disse o Principe, interrompendo-a. Sim, lhe respondeo a mágica, e tambem vós ceareis já: eu que-ria sómente dizer-vos, que meu pai... e eu por mim não quero ouvir nada sem comer, diz o Principe, que já começava a encolerizar-se. Moderou-se com tudo por necessitar da mágica, e lhe disse: Bem sei que o gosto, que eu receberia em vos ouvir, me tiraria a fome; mas o meu cavallo, que vos não ouve, necessita de tomar al-

gum sustento. A mágica se desvaneceu com este cumprimento ; e chamando as suas criadas, lhe disse: Já não esperareis muito : vós sois muito cortez, e a pezar da enormidade de vosso nariz, sois digno de que vos amem. A peste da velha, que tem ella com o meu nariz, disse o Principe para si: tambem eu posso dizer que minha mãe lhe furtou o que falta ao seu: se eu não tivesse tanta fome, eu deixaria já esta falladora, que ainda cuida que falla pouco. Era preciso que eu fosse bem tolo para não conhecer os seus defeitos : eis-aqui o que faz ter ella nascido Princeza : os lisonjeiros a arruinárão, capacitando-a de que fallava pouco. Em quanto o Principe discorria assim, punhão as criadas a meza, e elle observava a mágica, que lhe fazia mil perguntas, sómente por vontade de fallar. Admirava-se principalmente de huma aia, que a cada palavra, que a mágica dava, louvava a discrição de sua ama. Certamente (con-

siderava elle comendo) estou satisfeito de ter vindo aqui: este exemplo me faz vêr quão sabiamente tenho obrado de não dar ouvidos aos lisonjeiros. Estes nos louvãõ descaradamente, encobrem-nos os nossos defeitos, e nos mostram como perfeições: eu prometto de não ser jámais o seu alvo: graças a Deos que conheço as minhas faltas! O pobre Desejo estava bem capacitado disto, e não percebia que aquelles que louvavãõ o seu nariz, zombavãõ d'elle, como a aia se ria da mágica; pois tinha visto que ella se encubria de quando em quando para se rir. Sem dizer huma palavra, hia o Principe comendo com toda a força, até que a mágica lhe disse, quando elle hia já estando satisfeito: Meu Principe, peço-vos que vos vireis algum tanto, pois o vosso nariz me não deixa vêr o que tenho no prato. Mas não, fallemos antes de vosso pai: eu hia á sua Corte no tempo que elle era ainda hum pequeno rapaz; e isto ha já

quarenta annos, que tantos ha que eu vivo nesta solidão. Ora dizei-me : E como se vive agora na Corte? As senhoras gostão ainda de andar sempre por fóra? No meu tempo, no mesmo dia as vião na assembléa, no theatro, nos passeios, e no baile... Que comprido he o vosso nariz ! Ainda que queira, não posso deixar de admirar-me. Peço-vos, Senhora, respondeo Desejo, que deixeis de fallar no meu nariz ; elle he como se vê, que vos importa que seja grande? vivo contente com elle : eu não quizera que fosse mais pequeno, e cada qual o tem como póde. Bem vejo que isto vos offende, meu pobre Desejo, diz a má-gica ; mas não he meu intento offender-vos : eu sou vossa amiga, e quero servir-vos : e não obstante isso, não posso deixar de aggravar-me do vosso nariz. Eu me reprimirei com tudo de sorte que mais vos não toque nelle, e me figurarei que o tendes rombo, posto que, a fallar a verdade,

tendes bastante panno nesse nariz para se fazerem tres racionaveis. Desejo como já tinha ceado, se impacientou de tal sorte dos discursos sem fim, que a mágica fazia ao seu nariz, que selou o cavallo, e marchou. Continuando o seu caminho, julgava que toda a gente dos povos, por onde passava, era louca, por fallarem todos do seu nariz; mas com tudo isto, como estava muito costumado a ouvir dizer que o seu nariz era bem feito, nunca pôde convir consigo mesmo que este era muito comprido. A mágica, que desejava servillo, se lembrou, a seu pezar, de metter a Minhona em hum Palacio de crystal, e poz este Palacio no caminho, por onde o Principe havia de passar. Desejo transportado de alegria, assentou despedaçallo; mas não o podendo conseguir, já desesperado, quiz ao menos chegar-se para fallar á Princeza, que da sua parte tambem tocava com a mão na vitraça. Hia elle para beijar esta mão;

mas de qualquer parte que se virasse, não podia chegar a boca, porque o seu nariz lho estorvava. Foi a primeira vez que elle conheceo a sua extraordinaria grandeza, e pegando nelle para o desviar para hum lado, disse: Fóra como o meu nariz he comprido! No mesmo instante cahio o Palacio de crystal; e a velha, que trazia a Minhona pela mão, disse ao Principe: Confessai quanto me deveis: por mais que zombei do vosso nariz, nunca quizestes crêr a sua enormidade, e não a conhecerieis, se vos não servisse de embaraço ao que desejaveis. He assim que o amor proprio nos encobre as deformidades de nossa alma, e de nosso corpo: por mais que a razão trabalhe por descobrillas, nós nunca nos capacitamos, senão quando este mesmo amor proprio se acha opposto a seus mesmos interesses. Então Desejo, ficando com hum nariz ordinario, tomou estes conselhos, e desposando-se com Minhona, viveo feliz com ella grande numero de annos.

ESPIRITUOSA.

Tivestes razão, Senhora Bonna, para dizer que este conto era agradável; mas he possível que cada qual não conheça os seus defeitos? Eu sempre conheci que não sou formosa; e se alguém me dissesse o contrario, logo julgaria que zombava.

BONNA.

O vosso amor proprio vos dicta que não sois bella; mas aposto que tambem não julgais que sois feia?

ESPIRITUOSA.

Quando olho para mim, acho-me feia; mas como na minha presença se tem dito que sou daquellas feias, que agradão, parece-me que sou feia, e agradável juntamente.

BONNA.

Está bem, menina: logo se algum nescio lisonjeiro vos disser que sois linda, ficareis crendo que se ri de vós; porém se elle vos repetir o mesmo muitas vezes, talvez que o comeceis a crer. He muito facil ignorar cada hum

os seus defeitos, se não tiver algum bom amigo, ou amiga, que lhos advirta. Continuemos agora as nossas historias: principiai, Mary.

MARY.

Amava Jacob mais seu filho José do que todos os outros, por ser mais bem inclinado do que seus irmãos, e por ser filho da sua amada Raquel; mas era aborrecido por aquelles por muitos motivos. Vio-lhe José hum dia obrar huma acção má; e como a veio contar a seu pai Jacob, irritou contra si o animo de seus irmãos. Disse-lhe elle outro dia: Sonhei que estavamos em hum campo, e que atavamos mólhos de trigo, porém todos estes mólhos se abatião diante de mim: sonhei outra vez, que o Sol, a Lua, e onze Estrellas se prostravão a meus pés. Ainda que Jacob julgou que Deos inspirára aquelles sonhos a José, não deixou de reprehendello por contallos, e lhe disse: Crês tu que eu, tua mãe, e teus irmãos viremos a ser teus

criados? Os outros filhos de Jacob estavam pois muito irados contra José, de sorte que levando hum dia os rebanhos para hum sitio mais desviado, vendo vir José, que Jacob mandava saber como elles estavam, disserão huys para outros: Eis-aqui o nosso sonhador, he preciso matallo. Ruben, que não era tão máo como os outros, disse que o não matassem, que era melhor lançallo em huma grande cova; e dizia isto, tendo intento de o tirar della, quando tornasse á noite; mas apenas este desapareceo, vendo os outros vir huys Mercadores, que hião para o Egypto, tirarão José da cova, e lho vendêrão para ser seu escravo. Tornando Ruben á noite para livrar seu irmão, ficou bem triste, quando o não achou, e pôz-se a chorar. Então seus irmãos pegárão na tunica de José, que tinham enchido de sangue, e a mandárão a Jacob, o qual cuidou que alguma féra o tinha tragado, pelo que teve grande sentimento.

CARLOTTA.

Devemos, Senhora Bonna, crer em sonhos?

BONNA.

Não, menina, por ser huma grande loucura. He verdade que Deos se valeo algumas vezes dos sonhos, para mostrar a sua vontade a seus servos; mas nós não somos merecedores disso para o esperarmos, sendo além disso huma graça mui rara, e só acontecida em cousas de grande supposição.

MOLLY.

Eu, Senhora Bonna, conheço huma mulher, que explica os sonhos de qualquer: lançou tambem caffè sobre huma meza, e depois de explicar o que significa o caffè entornado, diz a suas amigas tudo o que lhes ha de acontecer: e esta he a Senhora...

BONNA.

Quando, menina, se dizem de huma pessoa cousas, que não são boas, não se deve nomear; e como essa mulher he huma nescia, escusais de nos

dizer o seu nome. Não vos esqueça meninas, que só Deos póde conhecer o futuro, e nesta certeza he bem tola aquella, que se capacita que Deos está prompto a descubri-lo todas as vezes, que se entorna huma tigela de caffè: huma pessoa, que tem juizo, ri-se de todas estas superstições.

ESPIRITUOSA.

Mas eu vejo que o que se sonha sahe muitas vezes certo.

BONNA.

Sim, de mil vezes huma por acaso; e por isso he loucura entristecer-se, ou alegrar-se por causa de hum sonho. Vamos, Carlotta, continuai a historia de José.

CARLOTTA.

Os Mercadores, que comprárão José, o vendêrão a hum grande Senhor do Egypto. José, vendo-se escravo, propoz de servir fielmente seu Senhor, chamado Putifar, e servio tambem de adquirir a sua affeição. Tinha Putifar huma mulher mal inclina-

da, a qual tentou José, para que fosse infiel a seu marido, e não querendo elle commetter huma tão má acção, ella, injuriada da sua repulsa, disse a seu marido que José era hum aleivoso, e que o queria desacreditar. Putifar, ignorando que sua mulher era huma impostora, irou-se muito contra José, e o metteo n'huma prizão. Muito tempo esteve elle nesta prizão; e o carcereiro, movido da sua virtude, contrahio com elle grande amizade. Havia tambem na mesma prizão dous criados do Rei do Egypto, chamado Faraó hum dos quaes era copeiro, e outro seu padeiro. Disse hum dia o copeiro a José: Sonhei que tinha excellentes uvas, que as espremi em hum cópo, e que o Rei bebeo o seu çumo. Ao que respondeo José: Esse sonho quer dizer que o Rei vos perdoará, e vos restituirá o vosso cargo; pelo que vos peço que, quando tórnardes para a Corte, digais ao Rei que me mande soltar, porque estou innocente. Ven-

do isto o padeiro , disse a José : Eu tambem sonhei que levava á cabeça hum cesto cheio de bolos , e que os passaros mos querião comer. Respondeo-lhe José : Quer dizer esse sonho que haveis de ser enforcado , e que os passaros comerão o vosso corpo. Acontecêrão tôdas estas cousas , como José as tinha prognosticado ; e o copeiro tornando para a Corte , se esqueceo do seu amigo José , que estava na prisão.

BONNA.

Vedes , meninas , como Deos inspirava estes sonhos , e outros , que nós referiremos , para dar a conhecer a innocencia de José ! Isto era hum milagre , que Deos obrava para o premiar , e fazer feliz ; e disto não se deve crer que Deos faz milagres por pouca cousa , e que elle quer revelar o futuro aos homens sem necessidade ; e por isso repito ainda que hé grande loucura querer explicar os sonhos , e

que quem tem juizo se ri de tudo o que se lhe diz a este respeito.

SENSATA.

Não posso, Senhora Bonna, sofrer o copeiro, que se esqueceo do pobre José, que era seu amigo.

BONNA.

As pessoas que vivem na Corte, menina, não sabem ter amizade, e só cuidar em agradar ao Rei para se augmentarem. Dir-vos-hão algumas vezes, que são vossas amigas, e que vos querem servir; mas assim que vós deixardes a sua presença, não lhes lembrareis mais: por isso se não deve crer no que ellas promettem, senão depois de estarmos seguros da sua virtude, vivendo muito feliz aquelle, que não necessita dellas.

ESPIRITUOSA.

Visto isso todas essas senhoras, que vão á Corte, são enganosas?

BONNA.

Não, menina, nem todos os que vão á Corte são homens de Corte.

Chama-se gente de Corte áquelles, que participão da amizade do Principe, que querem augmentar a sua fortuna por esta amizade, e que tem inveja de todos os que estão mais chegados ao seu Rei.

ESPIRITUOSA.

Parece-me que se eu fosse querida da Princesa, ou da Rainha, se aqui as houvesse, que isto me não perverteria, antes seria o meu gosto servir a todos.

BONNA.

Isso he o que vos parece, menina; mas a amizade dos Principes faz mudar o genio; e para conservar hum coração sincero na Corte, he preciso ser quatro vezes mais virtuosa do que outra qualquer. Mas tornemos á nossa historia. Adverti, meninas, que José obedeceo fielmente a seu Senhor, e ao carcereiro, ainda que não nascesse para ser escravo, e por este procedimento grangeou sua amizade.

MARY.

E José, Senhora Bonna, ficou sempre prezo?

BONNA.

Não, menina, e Molly vai continuar a sua historia.

MOLLY.

Sonhou Faraó que vira sete formosas vaccas, e estavam estas tão gordas, que causavão gosto a quem as via. De repente tornou a ver outras sete vaccas tão magras, que não tinham mais do que a pelle, e os ossos, as quaes comêrão as sete gordas. Acor dando o Rei, mandou buscar os homens mais sábios do Egypto, para que lhe explicassem aquelle sonho, o que elles não pudêrão fazer por lhes não ter Deos declarado aquillo, que queria dizer. Lembrou-se então o copeiro de José, e disse ao Rei, que elle lhe explicára o seu sonho, e o do pai deiro. Mandou o Rei vir a José, o qual lhe disse: Senhor, as sete vaccas gordas significão que ha de haver muito

pão por espaço de sete annos, e que depois disto virão outros sete annos, nos quaes não ha de haver pão; e isto quer dizer que as vaccas magras comerão as gordas. Declarando assim o sonho, disse o Rei a José: Já que conheces o mal, debes dar-lhe o remedio: eu te dou o poder de obrar tudo o que quizeres no meu Reino. Fez José logo edificar grandes casas; e depois de todos terem feito o seu provimento de trigo, comprou todo o que sobrou, e o meteo nas casas, que mandára fazer, ficando no fim dos sete annos todas estas casas, ou celleiros cheios de trigo. Ninguem sabia porque José fazia isto, mas depressa se conheceo; porque depois dos sete annos, não nascendo o trigo, que tinham semeado, virão-se os Egypcios obrigados a ir comprar o trigo do Rei, de que José tinha o dominio. Conheceo então tambem Faraó a sabedoria de José, e por isso o fez o mais poderoso Senhor do seu Reino.

MARY.

Como estou contente de ver o pobre José livre da prisão! Dizei-me, Senhora Bonna, elle não mandou dizer a seu pai que estava ainda vivo?

BONNA.

Nós veremos isso outro dia, porque hoje só temos tempo para fallar na Geografia. Lembrais-vos ainda das cinco grandes partes, que estão ao Norte da Europa? Pois agora diga Sensata quaes são as quatro, que ficão no meio.

SENSATA.

Ao Oeste se acha a França, cuja Capital he París: ao Este de França a Alemanha, cuja Corte he Vianna, ao Noroeste de Alemanha esta a Polonia, e tem por Capital Cracovia; e ao Sul de Polonia fica a Ungria, de que he Capital Buda.

BONNA.

Além destas quatro partes principaes da Europa, que ficão no meio, achão-se muitos outros paizes ao redor

de França, que são os Paizes Baixos ao Norte, a Suissa ao Este, a Saboia tambem ao Este, ainda que mais da parte do Sul do que a Suissa.

ESPIRITUOSA.

Quaes são propriamente os Paizes Baixos?

BONNA.

He esta extensão de terra, que está entre o mar do Norte, a França, e a Alemanha, assim chamados, por estarem situados para a parte do mar, e ser o seu terreno plano na maior parte dos sitios, e pouco levantado em outros. Dividem-se em Paizes Baixos septentrionaes, ou Protestantes, e Paizes Baixos meridionaes, ou Catholicos. Dão dous nomes aos Paizes Baixos septentrionaes, ou Protestantes; o de Provincias unidas, por se unirem entre si, para nunca mais obedecerem ao Rei de Hespanha que as dominava, e as queria opprimir; e o de Hollanda, tirado da principal destas Provincias, de que Amsterdam he a Capital.

CARLOTTA

E essas Provincias não tem Rei?

BONNA.

Não, menina, porque fazem huma Republica, isto he, hum estado, que se governa por muitas pessoas; chamando-se Monarquia aquelle Estado, em que só governa huma pessoa.

ESPIRITUOSA.

E não tem outro nome os Paizes Baixos Catholicos?

BONNA.

Sim, menina, tambem se chamão Flandres, do nome de huma das suas principaes Provincias. Pertencem hoje estes Paizes a tres Soberanos; ao Rei de França, á Rainha de Hungria, e aos Estados Geraes. A parte, que pertence á França, chama-se Flandres Franceza, cuja Capital he Lilla: a que he de Ungria, chama-se Flandres Austriaca; e tem por Capital Bruxellas; e a que pertence aos Estados Geraes, chama-se Flandres Hollandeza; o que se póde ver distinctamente na Carta de Flandres.

MARY.

E qual he a Capital de Saboia?

BONNA.

He Chamberi. Esta terra he cheia de montes, cujos cumes estão sempre cubertos de neve, e os seus valles cheios de gelo, e pertence ao Rei de Sardenha. Berne he a Capital de Suissa, o mais levantado paiz da Europa; e he este hum dos mais livres Estados do mundo. Compõe-se de treze Cantões, e de outras Provincias alliadas, todas independentes humas das outras, e fórmão huma poderosa Republica. Ide-vos, senhoras, estudai bem as lições, e eu farei por ter hum conto para o dia que vem.

D I A L O G O XI.

N O N O D I A.

E S P I R I T U O S A.

TRago, Senhora Bonna, huma linda historia para contar a estas meninas. Não he conto, pois isto aconteceu a huma senhora, que minha mãe conhece em Paris, donde ella recebeu hontem huma carta, em que lhe referem este successo.

B O N N A.

Ora dissei-o, pois eu terei tanto gosto de ouvi-lo, como estas meninas.

E S P I R I T U O S A.

No tempo que minha mãe esteve em Paris, conheceu huma senhora, que tinha huma filha chamada Julia, a qual era muito bem inclinada, porque nunca offendeo alguém, e até nem

se atrevia a vêr matar huma mosca. Sahindo ella hum dia a passeio , vio vir os rapazes com hum miseravel cão arrastrado por huma corda para o lancarem no rio. Era o tal cão muito feio , e vinha enlameado , o que não obstante , Julia se compadeceo delle , e disse aos rapazes : Convidar-vos-hei , se me derdes esse cão. Disse-lhe a sua aia : Para que o quereis , se elle he tão desprezivel ! He verdade , disse Julia , mas he infeliz ; e-se eu o desprezar , ninguem terá dó delle. Mandou-o ella lavar , e o metteo na sege consigo ; e ainda que todos se rião della , quando tornou para casa , não deixou por isso de sustentar este cão vai em tres annos. Haverá pois oitô dias , estando já deitada , e quasi adormecida , lhe saltou o cão sobre a cama , e começou a puxar-lhe pela roupa , e a ladrar tanto , que ella acordou ; e como tinha hum candieiro acceso na sua camara , reparou que o cão ladrava , olhando para baixo da cama. Assustan-

do-se disto Julia, correo a abrir a porta, e chamou os criados, que por acaso não estavam ainda na cama. Acudirão elles ao seu quarto, e acharão hum ladrão escondido debaixo da cama com hum punhal, o qual confessou que intentava matar aquella senhora pela noite adiante, e tirar-lhe todas as suas jóias, e que devia a vida ao seu cão.

BONNA

Dissestes bem, menina, que a vossa historia era agradavel: he certo que ainda a compaixão para com os animaes he prova de hum coração generoso, e por isso estimo muito este pensamento de Julia. O cão he feio, mas he infeliz. Tudo o que he infeliz se faz respeitavel a huma pessoa de honra; e por esta mesma razão he que as pessoas de bem tratão com humanidade os criados, e os trabalhadores.

MOLLY.

Pois todos esses são infelices?

BONNA.

Ponde-vos em seu lugar, menina,

e depois julgareis: por exemplo, a vossa aia já teve criados, a quem mandava, e elles lhe obedecião; e agora que he pobre, em lugar de mandar, obedece, e por isso vedes claramente que há de affligir-se. Os outros criados, que nunca serão ricos, não são infelices, se tem bons amos; mas se elles lhes ralhão, sem o merecerem, se os desprezão, se lhes fallão asperamente, então dizem consigo: **Quão infelices somos, por sermos obrigados pela pobreza a servir estes deshumanos, que nós fallão, como a hum escravo, sendo elles creaturas da nossa mesma natureza!** Eu não duvido que os melhores amos tem caprichos, que fazem algumas vezes os criados miseraveis; mas sempre se deve ter commiseracão delles, pois que estes pobres padecem bastante só em servirem. O vosso lacaiço, e bolheiro andão sempre expostos á chuva, ao vento, e ao frio, ao mesmo tempo que vós estais bem quente na sege, ou cadeira. Tem além:

disto outras muitas occasiões de amofinar-se, e será crueldade accrescentar-lhes a afflicção. Digo o mesmo de todos aquelles, que estão obrigados a trabalhar para se sustentarem, aos quaes devemos cuidar em não fazer mais infelices do que são. Mandais, por exemplo, chamar hum pobre official; e vindo elle, o fazeis esperar duas horas, ou lhe mandais dizer que torne outra vez, por não terdes tempo de lhe fallar, e não vos lembra que deixa de trabalhar, perder o seu tempo, e que talvez fique trabalhando toda a noite para acabar a obra para ter que comer. E não he isto huma tyrannia, causando estes damnos?

ESPIRITUOSA.

Na verdade, Senhora Bonna, que ninguem cuida nessas cousas: eu mando chamar o meu çapateiro, ou o meu alfaiate tres, ou quatro vezes antes de estar em termos de me tomarem medida dos çapatos, ou vestido; e agora que considero nisso, vem-me as la-

grimas aos olhos; porém pelo que respeita aos criados, elles são tão impertinentes, que custão muito a soffrer.

BONNA.

Pela maior parte, menina, os máos amos he que fazem os máos criados. Se vós os não estimais, tambem elles vos não estimão: servem-vos por terem necessidade de dinheiro; mas ao mesmo tempo amaldiçoão a sua pobreza, que os obriga a servir. Eu me lembrarei sempre do que a Senhora F. dizia a huma estimavel filha, que lhe morreo, e que para o futuro viria a servir de modélo a todas as senhoras. Se quereis ser bem servida, minha filha, obrai de tal sorte, que vossos criados vos sirvão com gosto, e não por interesse; que não cuidem na soldada, que lhes haveis de dar, mas na suavidade, que achão em vos servir. Huma palavra aspera a seu respeito seja para vós hum delicto; que elles perceebão no vosso rosto, e pelas vossas

palavras que lhes estais obrigada, quando fazem a sua obrigação; que vós vos interessais na sua mesma fortuna; que vos condoeis das suas doenças, e afflicções. Se seguides os meus conselhos, os vossos criados vos verão como a mãe, respeitar-vos-hão, e quererão antes ganhar quatro em vossa casa do que oito em casa de outrem. Eis-aqui, meninas, o que esta respeitavel senhora dizia a sua filha; e tinha ella de tal sorte exercitado as suas lições, que era adorada de toda a familia. Quando mandava fazer alguma cousa, dizia: Rogo-vos que façais isto. Agradecia até os menores serviços, que lhe fazião com hum ár engraçado e contente; e quando se via precisada a reprehender os domesticos, o fazia sem ralhar, e por isso receavão todos de lhe desobedecer, ficando tão penosos, quando ella morreo, como se fossem seus filhos.

ESPIRITUOSA.

Pois sim, Senhora Bonna, eu que-

ro imitar essa senhora , e ser affavel para os meus criados , ainda que terei nisso minha difficuldade por me ralhar a minha aia , se eu lhe fallo.

BONNA.

Tem razão nisso , menina , porque vós deveis ser humana para com elles , sem que vos familiarizeis ; pois isso faria com que vos faltassem ao respeito.

CARLOTTA.

Dizei-me o que he familiarizar-se com os domesticos?

BONNA.

He fallar-lhes sem necessidade , rir , e brincar com elles , perguntar-lhes novidades , e contar-lhes o que outrem faz.

MOLLY.

Minha mãe , Senhora Bonna , faz tudo isso á sua aia , diz-lhe tudo o que obra , e ella a reprehende algumas vezes , como se fosse ainda pequena.

BONNA.

Primeiramente , menina , vós nun-

ea deveis contar o que vossa mãe faz: principalmente quando virdes que o que ella obra não he bem feito. Em segundo lugar vossa mãe tem razão de fazer o que faz; pois ha vinte annos que ella tem essa aia em casa, e sabe que ella lhe tem mais amor do que a tudo quanto ha; e que não tem querido ir para outras casas, em que lhe davão muito maior soldada. Ella trata de vossa mãe quando está doente, e não se deita, para ficar de vigia de noite. Além disto vossa mãe sabe que ella he pessoa de bem, que sempre lhe deo bons conselhos, e que nunca a lisonjeou. Quando pois, menina, se tem a felicidade de achar huma tal criada, deve-se estimar, como huma amiga, e por isso se lhe deve relevar a confiança que toma de ralhar algumas vezes, porque se sabe que isso he por afeição, e para nosso bem; e como esta sorte de criados he rara, por isso se diz commummente que he perigoso familiarizar-se com elles. Mas

os criados me fizeram esquecer huma galante historia, que vos queria contar; e como Sensata a leo comigo hontem á noite, ella vo-la contará.

SENSATA.

Houve hum viandante, que, perdendo-se do caminho em huma mata, vio huma cóva, e se metteo nella para alli esperar que amanhecesse; mas passado pouco tempo sentio entrar na mesma hum leão, com o que teve grande susto, por cuidar que o leão o tragaria. Andava este só com tres pés, e tinha o quarto levantado: chegou-se ao viandante, e mostrou-lhe o pé, em que tinha hum grande espinho, tirou-lho o homem; e rasgando o seu lenço, embrulhou nelle o pé do leão. Este animal em agradecimento o afagou como se fosse hum cão; e sem lhe fazer algum damno, continuou ao outro dia o homem o seu caminho. Passados alguns annos foi este homem condemnado a ser despedaçado pelas feras por ter commettido hum crime:

Estando elle no lugar destinado para o castigo, chamado Arêna, lançárão contra elle hum leão furioso, que arremetteo logo para o devorar; mas tanto que chegou perto deste homem, parou para o vêr; e conhecendo que era aquelle, que lhe tinha tirado o espinho do pé, se chegou a elle bolindo com a cabeça, e com a cauda, mostrando-lhe o contentamento que tinha de o tornar a vêr. Ficou o Imperador suspenso de vêr isto; e mandando vir este homem á sua presença, lhe perguntou se conhecia aquelle leão; contou-lhe então o criminoso o seu successo, e o Imperador lhe perdoou.

CARLOTTA.

Pois he certo que os Imperadores vião padecer os criminosos, Senhora Bonna? Parece-me huma cousa bem tyranna.

BONNA.

Sim, menina; e o que ainda he mais abominavel, as senhoras, e todas as pessoas de qualidade hião vêr

este horroroso espectáculo. Corrião para isso , como para a Opera , ou Comedia ; e tambem se divertião a vêr combater homens , que se chamavão Gladiadores , os quaes se despedaçavão por dinheiro.

MARY.

Affirmo-vos , Senhora Bonna , que me alegro de não nascer entre essa des-humana gente. Houve o outro dia dous homens , que brigárão diante da minha janella , o que eu não quiz vêr ; mas a minha criada disse que estava bem satisfeita , porque nunca tinha visto tal ; e depois disto não a posso vêr. Não sei como não impedem que estes homens briguem : se eu fosse Rainha mandallos-hia prender a todos.

ESPIRITUOSA.

E eu tambem , menina ; mas em lugar de os castigarem , ainda os animão. Eu vi hum , o outro dia , de passagem , que mordia no braço do seu competidor , como se fosse hum cão : gritei-lhe da sege quanto pude , e in-

juriei todos os que estavam vendo, por não apartarem os deus, que brigavam.

BONNA.

Tendes razão, meninas, de aborrecer essas cousas; mas já he tempo de repetir as nossas historias: Começai, Molly.

MOLLY.

Vós sabeis, senhoras, que Jacob tinha muitos filhos, e grande número de criados; e faltando-lhe o pão para os sustentar, e sabendo que no Egypto se vendia, disse a seus filhos: Aqui tendes dinheiro, ide ao Egypto, e comprai trigo. Partirão os dez filhos de Jacob para o Egypto, ficando sempre em casa o pequeno Benjamim. Chegando elles á presença de José, não o conhecêrão: este porém os conheceo muito bem; e fazendo apparencia de que estava enfadado, lhes disse: Desconfio de vós, pois me pareceis espias, que vindes vêr o que se passa, e enganar o Rei. Responderão-

lhes elles , prostrando-se diante delle : Senhor , nós não somos espias , mas sim somos todos irmãos , e filhos do mesmo pai , e ainda nos fica hum irmão em casa , e outro , que morreo ha muito tempo. Vós me enganais , lhes diz José , e não vos darei credito sem me trazerdes aqui esse vosso irmão , que está em casa. Então os irmãos de José sem o conhecerem , e cuidando que elle não entendia a sua lingua , disserão : Deos nos castiga por termos morto nosso irmão José , que tanto nos pedia tivéssemos compaixão delle. José , que se não tinha esquecido da lingua do seu paiz , os entendeu muito bem , e lhes disse : tornai para vossa casa , e trazei-me o pequeno Benjamim , e entretanto fique hum de vós prezo , para que , não tornando vós , se mande justiça. Tornarão os nove filhos de Jacob para sua casa ; e indo a abrir os saccos de trigo , ficarão attonitos de acharem o dinheiro , que tinham dado para o pagar , o qual José tinha man-

dado metter nos mesmos saccos ; e contando este successo a seu pai Jacob , não quiz deixar ir Benjamim. Depois que elles gastarão todo aquelle trigo , foi-lhes preciso tornar ao Egypto ; e Judas , que era o mais velho dos filhos de Jacob , lhe disse , que deixasse ir seu irmão Benjamim , que lhe daria conta d'elle , e então Jacob o deixou ir.

BONNA.

Prosegui , Mary.

MARY.

Ficou José muito contente , quando vio seu irmão mais novo ; e soltando Simeão , que estava prezo , disse ao seu Administrador , que levasse aquelles estrangeiros para sua casa , porque queria pôllos á sua meza. Assustarão-se elles , quando ouvirão dizer isto ; e disserão ao Administrador : Nós achámos , na outra vinda , o dinheiro , com que pagámos o trigo , dentro nos saccos , e não pudémos saber como isto fosse. Respondeo-lhes o Administrador :

Socegai ; pois como eu recebi esse dinheiro , não se vos pede mais nada. Depois que José se recolheu , perguntou como estava Jacob ; e olhando para seu irmão , que era , como elle , filho de Raquel , vierão-lhe as lagrimas aos olhos , e por hum pouco se apartou de seus irmãos. Puzerão-se depois disto á meza tendo Benjamim huma porção cinco vezes maior do que os outros. Ao outro dia mandou José ao seu Administrador que lhes dêsse o trigo , dizendo-lhe ao mesmo tempo , que escondesse no sacco de Benjamim hum rico cópo de ouro , por onde elle bebia. Indo os filhos de Jacob já hum pouco longe , foi em seu seguimento o Mordomo de José ; e chegando a elles , lhes dissé : Vós sois ladrões , e mal inclinados ; pois hospedando-vos meu amo em sua casa , em recompensa lhe trazeis o seu cópo de ouro. Responderão logo todos : Nós não commettêmos essa má acção ; e se vós nos achardes o cópo , estamos

promptos a ser escravos de vosso amor. Despejão então os saccos, e achou-se o cõpo naquelle de Benjamim; e tornando á presença de José, lhes disse: Não he justo que os innocentes padeção pelo culpado: tornai para vossa casa, e fique o ladrão para meu escravo. Vendo isto Judas, se lançou aos pés de José: e disse: Senhor, não vos ireis contra nós: permitti-me que fique vosso escravo em lugar de Benjamim; pois se meu pai nos vê tornar sem elle, morrerá de pena. Não podendo já José encobrir as suas lagrimas, mandou apartar todos da sua presença, e disse a seus irmãos: Eu sou José, vosso irmão, que vós vendestes: não tendes medo de mim, pois eu vos perdeo. Permittio Deos isso, para que eu vos pudesse dar pão. Sabendo já Faraó que José tinha em casa seus irmãos, ficou muito alegre, e lhe disse: Preparai carros, e mandai buscar vosso pai, porque eu quero que elle venha para o Egipto com a sua

familia, e lhe darei para viver o mais agradável paiz de todo o Reino. Por esta causa José depois de acariciar muito seus irmãos, e sobre tudo a Benjamin, lhes fez muitas dadas, e os mandou buscar seu pai Jacob.

BONNA.

Dizei por diante, Carlotta.

CARLOTTA.

Chegando os filhos de Jacob a casa, disserão a seu pai: Alegrai-vos, pois vosso filho José não morrêo ainda, antes está feito hum grande Senhor, e he o que tem o trigo de todo o Egypto. Custou muito a Jacob a crer esta boa nova; mas tanto que vio os presentes, que lhe trazião, deo graças a Deos, chorando de alegria, e dispoz-se com toda a sua familia para ir ver seu amado filho. Depois que José o vio, e abraçou, o levou ao Rei, que lhe perguntou pela sua idade. Tenho cento e trinta annos, respondeo Jacob, e os dias da minha peregrinação neste mundo tem sido breves, e peno-

sos. Deo o Rei a Jacob, e a seus filhos huma fertil terra, em que havia pastagens para os seus rebanhos, na qual viveo Jacob ainda muitos annos. Antes de morrer predisse a seus filhos tudo o que lhes havia de acontecer, e affirmou a Judas, seu filho, que a Co-roa viria a sua casa, e que nunca sahiria della. Depois da sua morte transportárão seu corpo ao tumulo de seus pais, porque elle tinha feito jurar a José de conceder-lhe este gosto. José viveo tambem hum grande numero de annos; e como Deos lhe tinha revelado que os descendentes de Jacob, chamados os Israelitas, sahirião algum dia do Egypto, fez jurar a seus filhos de levarem seus ossos, e de os pôrem junto daquelles de Jacob.

ESPIRITUOSA.

Na verdade, Senhora Bonna, que não posso suster as lagrimas, ouvindo esta historia. José obrou como homem de honra em fazer bem a seus irmãos, que o tinham tratado tão cruelmente.

BONNA.

Quando morrêo Jacob temêrão os irmãos de José que elle quizesse vingar-se ; mas elle os segurou , dizendo-lhes sempre , que a sua escravidão acontecêra por vontade de Deos , e que da sua parte lhes perdoára de todo o seu coração.

SENSATA.

Em quanto a mim , Senhora Bonna , eu admiro a Sabedoria Divina , que se serve da malicia dos homens para encher os seus designios. Quem não julgaria que José era muito infeliz , tendo irmãos tão máos , que o vendêrão como hum escravo , sendo accusado pela mulher de Putifar , e depois mettido em huma prizão ? Mas se estas infelicidades lhe não acontecessem , José não teria o gosto de livrar da fome o Egypto , e a sua familia , nem de perdoar a seus irmãos.

CARLOTTA.

E com effeito acha-se gosto em perdoar áquelles , que nos fizerão mal ?

BONNA.

Sim, menina, he o maior gosto que qualquer póde ter; e se não, julgai-o por vós mesma. Ora supponde que estaveis muito enraivada contra mim, que me injuriaveis, que me tomaveis os meus bens, e que desejavaes tirar-me os olhos; e que depois de me terdes feito todo este damno, eu vos achava em hum campo quasi morrendo á fome, e não obstante o que me tinheis feito, vos dava de comer; poderieis vós por ventura deixar de dizer: Fui bem perversa, quando fiz mal a esta pessoa, que he tão boa!

CARLOTTA.

Fazeis-me chorar só com me dizerdes isso: e affirmo-vos, que teria bem mágoa, se vos causasse todo esse damno: pedir-vos-hia perdão, e faria por vos fazer tanto bem, que vos esquecesseis de todas essas iniquidades.

BONNA.

E não considerais, menina, quão alegre ficaria de ver que vos arrepen-

dieis? Pois certamente isto me daria mais gosto, do que o mal, que eu vos pudesse ter feito para me vingar.

ESPIRITUOSA.

Mas se em lugar de Carlotta vos agradecer o pão, que lhe destes, cuidasse ainda em fazer-vos damno, talvez que não desejasseis então que ella se arrependesse.

CARLOTTA.

Protesto, menina, que não sou tão má, como vós julgais, para que quizesse fazer tanto mal á Senhora Bonna, sendo tão compassiva para mim.

ESPIRITUOSA, *abraçando-a.*

Sei muito bem isso, menina; e o que tenho dito he sómente por supposição.

BONNA.

Supponhamos pois que Carlotta, ou outra qualquer, continuava a ser maligna; depois de lhe ter feito o bem pelo mal, sempre me ficaria o gosto, e satisfação de mim propria, por ter feito a minha obrigação. Este conten-

tamento he o maior, que qualquer póde ter, e os nossos mesmos inimigos não no-lo podem tirar.

SENSATA.

Permittis-me, Senhora Bonna, que conte a estas senhoras huma linda historia, que me lembra?

BONNA.

Com muito gosto, menina.

SENSATA.

Houve antigamente hum homem, chamado Licurgo, que deo leis a huma Cidade, chamada Sparta. Não erão estas do gosto de hum mancebo, que não queria bem a Licurgo, e por isso deo com hum páo neste Legislador, e lhe tirou hum olho. Por este accidente disse o povo de Sparta a Licurgo: Aqui tendes este perverso rapaz para o castigardes á vossa vontade. Estimo muito esta occasião, disse Licurgo, e eu o castigarei de hum modo, que admire a todos; e depois disso conduzio este mancebo a sua casa, e o tratou como se fosse seu filho. Di-

zia-lhe todos os dias, que o seu maior prazer era perdoar, ser humano, e honrado. Penetrou-se tanto o moço da bondade de Licurgo, que se resolveo a ser tão bom como elle, se fosse possível, e ficou, na verdade, todo o povo admirado da vingança, que Licurgo delle tomára. O mancebo porém disse ao povo: Castigou-me Licurgo mais severamente do que vós julgais; pois se elle me mandasse matar, eu não penaria mais do que hum instante, ao mesmo tempo que agora hei de sentir toda a vida o ter-lhe tirado o olho.

BONNA.

He bem admiravel essa historia, foi muito bem contada. Passemos agora á Geografia, porque já he tarde, e prometti de vos ensinar os nomes das partes da Europa, que estão ao Sul, de que as principaes são cinco. Ao Sudoeste fica o Portugal, ao Este de Portugal a Hespanha, ao Este da Hespanha ha hum grande mar, que se cha-

ma o Mediterraneo ; e atravessando este mar , se encontra a Italia , que he da figura de huma bota. Ao Este da Italia fica a Turquia da Europa ; e ao Nordeste da Turquia da Europa está a pequena Tartaria. A Capital de Portugal he Lisboa , a de Hespanha Madrid , a de Italia Roma , e a da Turquia Constantinopla. Não tem Capital a pequena Tartaria , porque estes povos vivem debaixo de tendas ; á maneira de Abrahão.

MARY.

Sensata , Senhora Bonna , disse huma palavra , que eu não percebo , pois não sei que quer dizer Legislador.

BONNA.

Significa hum homem , que dá leis , e como Licurgo deo leis á Cidade de Sparta , por isso se lhe chama Legislador.

D I A L O G O X I I .**DECIMO DIA.****CARLOTTA.**

EU achei, Senhora Bonna, em hum livro tudo o que vós me dissestes da Geografia, e outras muitas cousas, que aprendi de cór.

BONNA.

E que titulo tem esse livro?

CARLOTTA.

He a Geografia de Palleret, e tudo está bem claro neste livro.

BONNA.

He verdade, menina, he o melhor livro de Geografia para a mocidade, que se tem impresso: he preciso dizer a vossas mãis que vo-lo comprem. Esse Author tambem compoz as cartas, de que nós usamos, que são muito boas.

MOLLY.

Afirmo-vos, Senhora Bonna, que antes as quero, do que as minhas, que estão todas confusas; de sorte, que quando o meu Mestre quer buscar o nome de huma Cidade, gasta hum quarto de hora em buscallo, ainda que ponha os oculos.

BONNA.

Isto he porque tem grande numero de nomes. Ora vejamos o que Carlotta aprendeo de cór.

CARLOTTA.

Eu aprendi a navegar por todos os mares da Europa, passando pelos estreitos. Principiô pelo mar, que fica ao Este da Europa, que se chama o mar de Azof, ou de Zabache; saio deste mar pelo estreito de Gaza, e entro no mar Negro; passo do mar Negro para o estreito de Constantino-
pla; e entro no mar de Marmora: deixo este mar, e pelo estreito das Dardanellas venho ao mar Mediterraneo. Entre a Italia, e a Sicilia en-

contro o estreito, ou Farol de Mes-
sina, e entre as Ilhas de Corsega, e
Sardenha, que estão tambem no Me-
diterraneo, está o estreito de Bonifa-
cio; e sahindo do Mediterraneo pelo
estreito de Gibraltar, se entra no gran-
de Oceano. Entre a França, e a Ingla-
terra fica a Mancha, ou o Canal Brita-
nico; passa-se dahi ao passo de Calés,
que tambem se chama Estreito de Du-
vre, depois ao mar do Norte, ou de
Alemanha, e em fim vai-se pelo estrei-
to de Sunda, e entra-se no mar Baltico.

BONNA.

Descançai, menina, pois tendes da-
do huma grande volta.

CARLOTTA.

Porém não estou cançada; e para
a outra vez prometto de aprender os
nomes de todos os montes, e golfos da
Europa.

BONNA.

Fareis bem nisso, menina; e eu
agora em recompensa disso dir-vos-hei
hum lindo conto.

Houve n'outro tempo huma Senhora, que tinha duas filhas. Chamava-se a mais velha Aurora, a qual era bella como o Sol, e tinha hum excellente genio. A segunda tinha por nome Amada, e era tão formosa como sua irmã; porém era maligna, e não tinha habilidade senão para fazer mal. A mãe tinha tambem sido muito formosa; mas começando já a envelhecer, tinha por isso muita pena. Tinha Aurora dezeseis annos, e Amada só doze; e como a mãe podia parecer velha ao pé das filhas, deixou a terra, em que assistia, e todos a conhecião, e mandou a filha mais velha para o campo; não querendo que se soubesse que ella tinha huma filha daquella idade. Conservou a mais nova comsigo, e foi viver a outra Cidade, dizendo a todos, que Amada não tinha mais que dez annos, e que a tivera antes de quinze. Temendo com tudo que se descobrisse o seu engano, mandou Aurora para huma terra bem remota, deixando-a aquelle, que a le-

vava, em hum grande bosque, onde se tinha deitado para descansar. Acor- dando Aurora, e vendo-se só em este bosque, começou a chorar. Era já quasi noite; e levantando se, quiz buscar o caminho para sair daquelle bosque; mas em lugar de achallo, se desviou mais delle. Vio em fim huma luz lá ao longe; e caminhando para aquella parte, foi dar com huma pequena casa. Bateo Aurora, e veio abrir-lha huma pastora, que lhe perguntou o que queria? Minha senhora, lhe diz Aurora, peço-vos por caridade que me deixeis dormir aqui esta noite; pois se fico fóra, serei comida dos lobos. Com todo o coração, minha bella menina, respondeo a pastora; mas disse-me: Quem vos traz aqui tão tarde? Contou-lhe então Aurora o seu successo, e disse: Não sou eu bem infeliz de ter huma mãe tão cruel? Não seria melhor que eu morresse antes de nascer, do que viver para ser tão perseguida? Que commetti eu con-

tra Deos para ser tão miseravel? Minha amada filha, replicou a pastora, não vos deveis queixar contra Deos, pois he todo Poderoso, e Sabio; amavos, e deveis crer que não permittio a vossa infelicidade, senão para vosso bem. Confiai-vos nelle, e capacitai-vos que Deos ampara os bons, e que as infelicidades, que lhes acontecem, nem sempre são infortunios: ficai aqui comigo, pois eu vos servirei de mãe, e vos tratarei como minha filha. Consentio Aurora nesta proposta, e ao outro dia lhe disse a pastora: Queria dar-vos hum pequeno rebanho a guardar, mas temo que vos desgosteis; e por isso tomai esta roca, com a qual vos entretereis, fiando. Minha mãe, tornou Aurora, eu sou huma pessoa de qualidade, e por isso não sei trabalhar. Tomai logo hum livro, lhe disse a pastora. Não gosto de ler, respondeo Aurora, fazendo-se vermelha; e disse isto, com vergonha de confessar á magica que não sabia ler

bem. Foi-lhe preciso com tudo confessar a verdade , e dizer á pastora , que não quizera nunca aprender a ler , quando era pequena , e que não tivera tempo , quando era maior. Visto isso tinheis muito que fazer , lhe disse a pastora. Sim , minha mãe , respondeo Aurora ; eu hia passear todas as manhãs com as minhas amigas ; depois de jantar toucava-me , passava a tarde na nossa assembléa , hia depois á Opera , e á Comedia , e tornava para o baile. Na verdade , diz a pastora , tinheis grandes occupações , e segundo me parece , não vos enfadaeis ? Como me podia enfadar , minha mãe , respondeo Aurora ; antes se eu estava hum quarto de hora só , o que me acontecia raras vezes , me enfadava por morte ; e tambem quando hiamos ao campo , que ainda era peor ; pois passava todo o dia a toucarme , e destoucar-me , por não ter em que me occupasse. E não vivieis contente no campo ? disse a pastora. Se eu nem

na Cidade o estava, respondeo Aurora; porque, se jogava, perdia o meu dinheiro; se estava na assembléa, via as minhas iguaes mais bem vestidas do que eu, e isto me consumia; se hia ao baile, não cuidava n'outra cousa do que em descobrir os defeitos das que dançavão melhor do que eu: em fim, nunca passei o dia sem ter alguma mágoa. Visto isso não vos queixeis da Providencia, disse a pastora, por vos conduzir para esta solidão, porque vos tirou mais das amofinações, do que dos prazeres; mas isso não he tudo. Vós virieis a ser para o futuro ainda mais infeliz, porque em fim nem sempre havies de ser moça: o tempo do baile, e da comedia acaba, tanto que chega a velhice, e quando só agradão as assembléas, porque então as moças se riem, e além disso já não podemos dançar, nem tambem nos animamos a tocar; e neste estado não póde deixar de haver grande desgosto, e de se viver infelizmente.

Mas , minha rica mãe , disse Aurora , parece-me que ninguem póde estar só , e o dia parece hum anno , não estando com companhia. Perdoai , menina , respondeo a pastora ; aqui estou eu que vivo só , e os annos me parecem tão breves , como os dias ; e se vós quizerdes , eu vós ensinarei o segredo de vos não enfadardes nunca. Quero , certamente , disse Aurora ; e podeis daqui em diante reger-me como vós parecer conveniente , que eu vos obedecerei. A pastora , aproveitando-se do bom desejo de Aurora , lhe poz por escrito tudo o que devia obrar. Tinha repartido o dia para a oração , para a leitura , trabalho , e passeio. Não havia relógio neste bosque , e Aurora não sabia a que horas estava ; porém como a pastora conhecia as horas pelo Sol , chamou Aurora para jantar. Minha mãe , disse ella á pastora , vós jantais cedo , ainda não ha muito tempo que nós levantámos. São duas horas , replicou a pastora , sorrindo-se , e

nós estamos levantadas desde as cinco ; porém , minha filha , quando o tempo se occupa utilmente , passa bem depressa , e ninguem se enfada . Aurora contente por não sentir já o desgosto , se applicou com vontade á lição , e ao trabalho ; e se achava mil vezes mais feliz no meio das suas occupações campestres do que na Cidade . Agora vejo , dizia ella á pastora , que Deos obra tudo por nosso bem ; pois se minha mãe não fosse injusta , e cruel para comigo , ficaria eu na minha ignorancia , e a vaidade , o ocio , e o desejo de agradar me terião feito má , e infeliz . Havia hum anno que Aurora estava em casa da pastora , quando hum irmão do Rei veio á caça ao bosque , em que ella guardava os seus carneiros . Chamava-se este Ingenuo , e era hum excellente Principe , e o Rei , seu Irmão , chamado Furbino , em nada se lhe assemelhava ; pois não era inolinado senão a enganar os seus vizinhos , e a molestar os seus vassal-

los. Ficou Ingenuo agradado da belleza de Aurora, e lhe disse que elle se teria por ditoso, se ella quizesse desposar-se com elle. Ainda que Aurora achasse o Principe muito amavel, como sabia que huma moça, que he prudente, não ouve os homens, que lhe fazem taes discursos, disse a Ingenuo: Senhor, se o que vós me dizeis he verdadeiro, ide ter com minha mãe, que he huma pastora, que mora naquella pequena casa que vedes em baixo; e se ella quizer que vós sejais meu marido, tambem eu o quererei; porque ella he tão prudente, e racional, que não posso desobedecer-lhe. Minha bella pastora, respondeo Ingenuo, eu vou com grande contentamento pedir-vos a vossa mãe; mas como não quero desposar-vos contra vossa vontade, vede, se ella consentir que vós sejais minha mulher, se isto vos causará pena, pois antes quereria morrer do que desgostar-vos. Hum homem, que discorre

desse modo , tem virtude , diz Aurora ; e huma mulher não pôde ser infeliz como hum homem virtuoso. Deixou Ingenuo a Aurora , e foi ter com a pastora , que conhecia a sua virtude , e consentio de boamente no seu casamento. Depois disto partio o Principe o mais satisfeito que podia ser ; e dando-lhe o seu anel por penhor , lhe prometteo tornar dentro em tres dias. Tinha Aurora com tudo bastante impaciencia de voltar á pequena casa ; pois tinha-lhe parecido Ingenuo tão amavel , que temia que aquella , a que chamava mãe , o tivesse desgostado. A pastora porém lhe disse : Não consenti no vosso casamento com Ingenuo por elle ser Principe , mas porque he o mais honrado homem , que tenho visto. Espera Aurora com impaciencia a tornada do Principe , quando no segundo dia , depois da sua partida , tornando ella já com o seu rebanho , se deixou cahir infelizmente em huma pequena mata , onde fe-

rio todo o rosto. Foi ella logo ver-se a hum ribeiro , e teve medo de si mesma , pelo sangue , que sahia das feridas. Não sou eu bem infeliz ? diz ella á pastora , entrando em casa : se Ingenuo vier á manhã pela manhã , e me achar tão horrivel , já me não quererá. Respondeo-lhe a pastora , sorrindo-se : Se Deos foi servido que cahis-seis , he sem dúvida para vosso bem , pois bem sabeis que elle vos ajuda , e que sabe melhor do que vós o que he bom. Conheceo Aurora a falta , que tinha commettido , por se queixar da providencia , e disse consigo mesma : Se o Principe Ingenuo não quizer já desposar-me , porque não sou formosa , he certamente porque havia de ser infeliz com elle. Isto não obstante a pastora lhe lavou o rosto , e lhe tirou muitos espinhos , que nelle tinha. Amanheceo ao outro dia Aurora medonha , por lhe ter inchado demasiadamente a cara , de sorte que lhe não apparecião os olhos. Perto das

dez horas do dia sentirão parar hum coche diante da sua porta ; mas em lugar de Ingenuo virão appear-se o Rei Furbino , por lhe ter dito hum dos Cortezãos , que tinham vindo com o Principe á caça , que elle encontrára huma formosa moça , e que a queria desposar. Sois bem atrevido de querer casar sem minha permissão ; disse Furbino ao Principe ; para vosso castigo quero desposar-me com essa moça , se for tão bella como me dizem. Entrando pois Furbino em sasa da pastora , lhe perguntou por sua filha. Aqui está , respondeo a pastora , mostrando-lhe Aurora. Que ! he esse monstro , diz o Rei , e não tendes outra filha , a quem meu irmão deo o seu anel ? Ei-lo aqui no meu dedo , respondeo Aurora. A estas palavras deo o Rei huma grande risada , e disse : Não cuidava que meu irmão tinha tão máo gosto , mas folgo de ter occasião de podello castigar. Dito isto , disse á pastora que cubrisse a cabeça de Aurora

com hum véo; e mandando chamar o Principe Ingenuo, lhe disse: Meu irmão, já que amais a formosa Aurora, quero que logo a desposeis. E eu não quero enganar alguém, disse Aurora, tirando o véo: olhai para o meu rosto, Ingenuo, fiz-me desta sorte depois que vos fostes: vede se assim me quereis? Hoje me pareceis mais bella do que nunca, disse o Principe, e agora vejo que sois ainda mais virtuosa do que julgava: e nete mesmo tempo lhe deo a mão de esposo, rindo-se Furbino disto extraordinariamente. Mandou pois este que logo se casassem, e depois disse a Ingenuo: Como eu não gósto de vêr mônstros; podeis deixar-vos ficar com vossa mulher nesta cabana, com prohibição de a levardes á Corte; e de repente, mettendo-se no coche, partio, deixando a Ingenuo transportado de alegria. Pois então, disse a pastora a Aurora, julgais-vos ainda infeliz pela quêda que destes? Se não fosse este accidente, ter-

se-hia o Rei namorado de vós ; e se vós repugnasseis desposallo , vingar-se-hia em Ingenuo. Tendes razão , minha mãe , respondeo Aurora ; porém eu sempre me fiz tão feia que metto medo , e receio que o Principe tenha pezar de me ter recebido. Não , eu vo-lo affirmo , replicou Ingenuo : pôde qualquer costumar-se ao rosto de huma feia , mas não a hum máo genio. Estou agradada dos vossos sentimentos , diz a pastora ; e Aurora ainda tornará a ser bella , pois tenho huma agoa , que sarará seu rosto. Com effeito no fim de tres dias teve Aurora o rosto como antes , e o Principe lhe pedio que trouxesse sempre o véo , por temer que seu malevolo irmão lha tirasse , se a visse. Furbino tambem , querendo casar-se , fez partir varios pintores para lhe trazerem os retratos das moças mais bellas que houvesse ; e entre todos o que mais lhe agradou foi o de Amada , irmã de Aurora , a qual mandou buscar , e casou com el-

la. Inquietou-se muito Aurora, quando soube que sua irmã era Rainha: já se não atrevia a sahir fóra, sabendo quanto esta sua irmã era perversa, e quanto a aborrecia. No fim de hum anno teve Aurora hum filho, a que chamarão Bellodia, e a quem ella unicamente amava. Mostrou este pequeno Principe, quando principiou a fallar, tanta esperteza, que era toda a alegria de seus pais. Estando este hum dia defronte da porta com sua mãe, se adormeceu esta, e quando acordou não achou seu filho. Conhecendo a falta, começou a dar grandes gritos, e correo toda a floresta para vêr se o achava; e por mais que a pastora a fizesse lembrar de que nada acontece, senão para nosso bem, teve grande trabalho em a consolar: até que ao outro dia se vio obrigada a confessar que a pastora dizia bem. Furbinho, e sua mulher, irritados por não terem filhos, mandarão soldados para matarem seu sobrinho; e vendo que

o não podião achar , metterão a In-
genuo , sua mulher , e a pastora em
hum barco , e o deixarão á discreção
no meio do mar , para que nunca mais
houvesse noticia delles. Nesta occasião
he que a Aurora creio que devia julgar-
se muito infeliz ; mas a pastora lhe
persuadio sempre que tudo Deos faz
por melhor. Como fazia bom tempo ,
vagou o barco lentamente tres dias
até chegar a huma Cidade , que esta-
va sobre a borda do mar. Tinha o
Rei desta Cidade huma grande guer-
ra , e sabía que seus inimigos o sitia-
vão no dia seguinte. Ingenuo , como
era animoso , pediu algumas tropas ao
Rei ; e fazendo algumas sortidas , te-
ve a fortuna de matar o General ini-
migo. Os Soldados , vendo morto o
seu Commandante , fugirão , e o Rei
sitiado , não tendo filho , adoptou In-
genuo em agradecimento do que tinha
obrado. Passados quatro annos , sou-
be-se que Furbino era morto , com pe-
na de ter desposado huma pessima mu-

lher ; e o povo , que a aborrecia , a expulsou injuriosamente , e mandou Embaixadores a Ingenuo , offerecendo-lhe a Coroa. Por esta causa se embarcou elle com sua mulher , e a pastora ; mas sobrevindo huma grande tormenta , padecerão naufragio , e forão dar a huma Ilha deserta. Aurora , experimentada pelo que lhe tinha acontecido , não se affligio , e julgou que era para seu bem que Deos permittira aquelle naufragio. Puzerão pois na praia hum grande páo levantado , e o avantal branco da pastora no cimo d'elle , para pedirem soccorro aos navios , que por alli passassem. Perto da noite virão vir huma mulher com hum menino , que tanto que foi visto por Aurora , conheceo logo que era o seu Bellodia ; e perguntando a esta mulher quem lhe tinha dado este menino , ella lhe respondeo que hum corsario , que era seu marido , o tinha furtado ; e que naufragando perto daquella Ilha , se salvára com o meni-

no , que trazia nos braços. Passados dous dias virão os navios , que buscavão os corpos de Ingenuo , e de Aurora , que se julgavão mortos , aquelle panno branco ; e vindo á Ilha , levárão o seu Rei , e a sua familia ao sei Reino. Dalli por diante qualquer accidente , que acontecesse a Aurora , nunca se queixou , por lhe ter ensinado a experiencia que as cousas , que nos parecem infelicidades , são muitas vezes a causa do nosso bem.

ESPIRITUOSA.

Affirmo-vos , Senhora Bonna , que me tenho lastimado de todos os infortunios de Aurora , e não me podia persuadir que isto fosse por seu bem.

CARLOTTA.

E tambem eu sei a razão , por que acho o dia tão comprido ; he porque sou preguiçosa , e não gosto do trabalho.

BONNA.

Dizeis bem , menina , o dia he só comprido para as preguiçosas. Se vos

não quizerdes enfadar daqui em diante, deveis ter hum papel, como Aurora, em que todas as horas do dia estejam empregadas utilmente; e se vos agradar, senhoras, dar-vos-hei huma breve instrucção, que faça parecer os dias muito pequenos.

ESPIRITUOSA.

De boa vontade, Senhora Bonna.

Todas juntas.

E nós também a queremos.

BONNA.

Cuidaremos nisso, quando tomarmos o chá; e em quanto esperamos por elle diga Mary a sua historia.

MARY.

Os filhos de Jacob, chamados Israelitas, tiveram grande quantidade de descendentes, e fizeram hum numeroso povo. Passado muito tempo, outro Rei, chamado também Faraó, subio ao throno, sendo José morto antes que elle nascesse. Quiz este Rei pois extinguir os Israelitas, e para isso os obrigava, e os fazia trabalhar na funda-

ção das Cidades; porém quanto mais elles trabalhavão, mais vigorosos erão, e mais filhos tinhão. Faraó desejando por huma vez acaballos, mandou que todos os filhos machos dos Israelitas se lançassem no rio Nilo. Hum homem da Tribu de Levi tendo hum menino, sua mãe o occultou tres mezes, no fim dos quaes, temendo que aquillo se descubrisse, fez hum pequeno cesto, e pondo o filho dentro, o lançou no Nilo, e deixou huma filha, por nome Maria, para observar o que lhe acontecia. Vin-do neste tempo a filha de Faraó para banhar-se, vio o cesto, e mandou a huma de suas criadas que o apanhasse. Apenas ella vio o lindo menino, que estava dentro no cesto, disse: Eu quero salvallo. Ouvindo isto Maria, lhe respondeo: Senhora, se quizerdes, irei buscar-vos quem o crie. Foi então Maria buscar sua mãe, a quem a Princeza, sem a conhecer, deo o seu proprio filho a criar, e lhe chamou Moysés.

BONNA.

Continuai, Carlotta.

CARLOTTA.

Sendo Moysés já adulto, a filha de Faraó o tomou por seu filho; e ainda que elle fosse hum grande Senhor, as riquezas, e prazeres da Corte não lhe fizeram esquecer os Israelitas seus irmãos. Vendo elle hum dia hum destes maltratado por hum Egypcio, matou o Egypcio, que queria matar o Israelita, e o escondeo debaixo da arêa, julgando que ninguem o tinha visto. Ao outro dia encontrou dous Israelitas altercando, e lhes disse: Por que causa disputais vós? Lembrai-vos que sois irmãos, e que deveis viver em paz. Hum destes Israelitas lhe respondeo: Para que vos metteis vós conosco, sem serdes nosso Juiz? Por ventura quereis vós matar-me, como fizestes hontem ao Egypcio? Moysés suppondo que ninguem sabia daquella morte, ficou muito atemorizado: e sabendo que o Rei o queria

justiçar, fugio para outro paiz. Depois de ter andado grande espaço, se assentou ao pé de hum poço para descansar, aonde vierão ter com elle sete moças irmãs, cujo pai se chamava Jethro. Estando estas moças tirando agoa para darem de beber aos seus rebanhos, vierão huns pastores a querel-las estorvar; mas Moysés se poz em sua defenza; e tornando para casa, contárão a seu pai o que se passára. Jethro então lhes disse: Por que não convidastes esse honrado homem para casa, para vir comer alguma cousa connosco? Dito isto, foi Jethro buscar Moysés, e pelo decurso do tempo lhe deo por mulher huma de suas filhas, chamada Sefora.

BONNA.

Dizei por diante, Molly.

MOLLY.

Guardava Moysés o gado de seu sogro Jethro, e chegou hum dia com elle até ao monte de Horeb; e estando attento para o seu rebanho, vio

huma mata rodeada de fogo, mas sem que este fogo a queimasse: Chegou-se Moysés para admirar este prodigio, e ouviu huma voz, que lhe disse: Descalça-te, porque este lugar he santo. Prostrou-se então Moysés com a face em terra, e a mesma voz lhe disse: Eu sou o Deos de Abrahão, de Isac, e de Jacob, ouvi o clamor do meu povo, que está no Egypto; porque os Israelitas são o meu povo, e por isso te mando ter com elles para os libertares, e dir-lhes-has que vás da minha parte. Senhor, diz Moysés, eu não sei o vosso nome, e como lho posso dizer? Eu sou quem sou, respondeo a voz: vai ter com Faraó, e pede-lhe licença para lebares o meu povo para o deserto, para que ahi faça sacrificios por tres dias. Senhor, replicou Moysés, Faraó não quererá dar-me credito, e mandar-me-ha matar. Eu te socorrerei, respondeo a voz, e te darei o poder de obrar milagres; e para experimentares, lança p̃r ter-

ra essa pequena vara , que tens na mão. Obedeceo Moysés , e a vara foi convertida logo em serpente. Atemorizou-se Moysés , e fugio ; mas a voz lhe disse : Péga nesta serpente pela cauda , e tornar-se-ha outra vez em vara. Aconteceo isto , como a voz o tinha dito , sem que Moysés estivesse ainda capacitado. Mandou-lhe a voz metter a mão no seio , e de repente se lhe cubrio de lepra , e sarou. Ainda que Moysés conheceo por estes milagres que Deos he que lhe fallava , tinha bem difficuldade em resolver-se a ir ter com Faraó , e disse : Senhor , vós sabeis que eu não tenho a lingua muito expedita ; sempre tive muito embaraço na pronuncia , e depois que vos fallei ainda sinto mais difficuldade do que antes. A voz lhe respondeo : Quem fez a boca do mudo , é daquelle , que falla , não sou eu ? Vai , porque eu estarei na tua boca , e depois mandarei ao teu encontro teu irmão Arão , que falla desembaraçadamente , para ser

teu interprete. Deixou Moysés pois este monte, e tornando para o Egypto, lhe veio seu irmão ao encontro, como Deos lho tinha promettido.

ESPIRITUOSA.

Estou admirada, Senhora Bonna, de ver que bella he a historia da Escri-tura Santa: não se me dera de passar os dias, e as noites a ouvilla.

MOLLY.

Peço-vos, Senhora Bonna, que me digais que quer dizer: Eu sou quem sou.

BONNA.

Querem dizer essas palavras: Eu sou Deos por mim mesmo, e sem ajuda de outrem, fui sempre Deos, e sempre o serei. Tudo o que ha sobre a terra he nada a meu respeito: os Reis, os Imperadores, os Conquistadores, os ricos, os Nobres, tudo he nada na minha presença; nada disto subsiste senão por minha vontade: o mundo todo he menos diante de mim do que hum grão de arêa; e posso

destruillo em hum instante. Eu sou unico, sou summa bondade; sou immenso, sabio, poderoso, amavel, e justo.

ESPIRITUOSA.

Mas, Senhora Bonna, não posso saber porque vós dizeis que não ha senão Deos, que exista; pois parece-me que eu tambem sou alguma cousa, e que o Sol, e os homens tambem o são; e por isso não se póde dizer que não ha senão Deos, que exista.

BONNA.

Attendei, menina. Não ha dúvida que vós sois alguma cousa, e que tendes ser; mas este ser que tendes, Deos he que vo-lo emprestou, e por isso lhe pertence, e vo-lo póde tirar em hum instante. Se eu vos emprestasse as minhas roupas, não poderieis dizer que erão vossas; da mesma sorte o vosso corpo, a vossa alma, o vosso juizo, vossos pais, vossas riquezas: em huma palavra, tudo o que tendes

he de Deos , porque elle vo-lo emprestou. Só a Deos he que ninguem tem em algum tempo dado nada , nem emprestado , por não haver nada antes delle , dimanando delle tudo o que existe. He elle pois o Senhor de tudo o que ha , de tudo o que nos dá ; isto he , de tudo o que existe. Vede , meninas , que agradecimento , e amor elle merece ; e se nós amamos aquelles , que nos fazem bem , dando-nos Deos tudo o que possuímos , sendo nosso Pai , nosso Senhor , nosso Bemfeitor , amando-nos como seus filhos , que ingratos seríamos , se deixassemos de amalho , e de obedecer-lhe !

SENSATA.

Em quanto a mim , Senhora Bonna , quando eu leio a historia , que estas senhoras acabão de repetir , não posso deixar de tremer com respeito.

BONNA.

Tendes razão , menina : nós somos tão limitados á vista de Deos , que não podemos na sua presença penetrar-nos

assás do respeito , que lhe devemos. Deos está em toda a parte ; meninas ; mas está de hum modo mais particular nos Templos , e nos lugares de oração. Por isso he hum peccado enorme faltar ao respeito devido a estes lugares ; como fallar , rir , e fazer outras acções indecentes , e rezar sem attenção. Que dirieis vós , meninas , se huma pobre mulher pedisse licença para fallar a ElRei , e depois de estar na sua camara , para lhe pedir huma mercê , lhe virasse as costas , e se puzesse a rir , e fallar com os domesticos do mesmo Rei ?

MARY.

Eu diria que era louca , o que eu sou tambem algumas vezes ; pois pondo-me de joelhos para fallar a Deos , viro a cabeça , e não considero no que digo ; mas agora que conheço o erro , quero emendar-me , e daqui por diante , antes da oração , tomarei hum breve espaço para reflectir que vou fallar a Deos.

BONNA.

Affirmo-vos que se fizerdes isso, não tereis appetite de virar a cabeça; pois o considerar a miudo na presença de Deos he hum excellente costume. Ninguem he máo, senão porque se esquece de Deos; e se antes que qualquer se irasse, e fosse goloso, considerasse que commette estas culpas diante de Deos, que elle o vê, que aborrece os máos, e os castiga, e que mesmo naquelle instante o póde castigar; se qualquer, digo eu, reflectisse nisto, não sería tão temerario que peccasse. A Deos, Senhoras, eu...

MARY.

Antes que nos vamos, peço-vos, Senhora Bonna, que me expliqueis humma palavra, que não entendo. Disses-tes-nos que o pai de Moysés era da Tribu de Levi. Que quer dizer Tribu?

BONNA.

Tribu quer dizer Familia. Já sabeis, meninas, que Jacob teve doze filhos; e como estes forão cabeças de

familias, vierão a dar-lhes o nome de Tribus, que agora vos nomearei. A Tribu de Ruben, a de Simeão, a de Levi, a de Judá, a de Issacar, a de Zabulon, a de Dan, a de Gad, a de Aser, a de Nephthali, a de José, e a de Benjamim. Estas erão as doze Tribus de Israel, isto he, as doze Familias descendentes de Jacob; mas como Jacob adoptou dous filhos de José, chamados Manasses, e Ephraim, accrescêrão mais duas meias Tribus, ou Familias, para representarem a Tribu de José. Supponho que isto he o que querieis saber, Mary, e eu queria dizer-vos, quando me interrompestes, que queremos depois de ámanhã ir jantar ao campo: se quizerdes vir de manhã, iremos todas pedir licença a vossos pais, sobre o que me avisareis para vos esperarmos.

DIALOGO XIII.

UNDECIMO DIA.

BONNA.

EM quanto caminhamos, senhoras, contar-vos-hei hum lindo conto, que me não lembro onde o li.

Conto dos tres desejos.

Houve n'outro tempo hum homem, que não era muito rico, o qual casou com huma mulher formosa. Estando elle huma noite de Inverno ao pé do lume, entrárão a fallar na felicidade de seus vizinhos, que erão mais ricos do que elles. Ah! disse a mulher, se eu tivesse tudo o que desejo, sería muito mais feliz do que elles. E eu tambem, diz o marido, desejava estar agora no tempo das magicas, e achar hu-

ma tão boa, que me fizesse tudo o que lhe pedisse. Dizendo isto, virão na sua camara huma muito bella dama, que lhes disse: Eu sou magica, e prometto de vos fazer as primeiras tres cousas, que desejardes; mas sabei que depois destas não vos farei mais nada; e desapparecendo a magica depois disto, ficarão ambos perturbados. Por mim, diz a mulher, se me deixão a liberdade, sei bellamente o que hei de pedir: eu não appeteco nada; mas parece-me que não ha cousa tão boa, como ser bella, rica, e nobre. Mas, respondeo o marido, tendo essas cousas, pode-se estar doente, triste, e morrer moça; e por isso he melhor desejar saude, alegria, e huma longa vida. E de que serve huma longa vida, sendo pobre? diz a mulher; parece-me que isso só serve para ser mais tempo infeliz. Na verdade que a magica dever-nos-hia permittir huma duzia de dons, por haver ao menos huma duzia de cousas,

que eu necessito. Assim he, diz o marido; mas tomemos tempo, e examine-mos daqui até pela manhã as tres cousas, que nos são mais precisas, e depois pedillas-hemos. Considerarei nisto toda a noite, diz a mulher; e em quanto aqui estamos, aqueçamo-nos, porque faz frio. No mesmo tempo pegou ella nas tenazes, e compoz o lume; e reparando que havia muitas brazas bem accezas, disse sem querer: Eis-aqui hum bom fogo; e se nós tivéssemos agora hum chouriço para cear, depressa se cozeria. Acabando de proferir estas palavras, sentio cahir o chouriço pela chaminé abaixo. A peste da golo-sa, diz o marido, eis-aqui hum bom desejo, e já nos não ficão senão dous, estou tão enraivado, que desejava tivesseis o chouriço na ponta do nariz. No mesmo instante conheceo o homem que fora mais louco do que sua mulher; pois por este segundo desejo saltou o chouriço na ponta do nariz da pobre mulher, que nunca mais o pô-

de arrancar. Que infelicidade he a minha! exclamou ella: tu fostes hum malevolo em desejar este chouriça na ponta do meu nariz. Juro-te, amada mulher, que não reflecti no que disse, respondeo o marido. E que faremos agora? Quero desejar grandes riquezas: e então te farei hum estojo de ouro, com que encubras esse chouriço. Guarda-te de fazer tal, replicou a mulher; porque antes me matarei, do que viver com este chouriço no nariz; e está certo que este desejo, que ainda nos resta, mo has de deixar, ou me lançarei da janella abaixo. Dizendo isto, foi para abrir a janella, e o marido, que a amava, lhe gritou: Detem-te, amada mulher, eu te permitto que desejes o que quizeres. Está bem, diz a mulher, pois então eu desejo que este chouriço me caia. De repente cahio este no chão; e a mulher, que tinha viveza, disse a seu marido: A magica quiz zombar de nós, e teve razão; pois talvez que

fossemos mais infelices, sendo ricos, do que somos agora. Acredita-me, marido; não desejemos nada, e tomemos as cousas como Deos no-las dá; e já que estamos livres, queremos o nosso chouriço, que he a unica cousa, que nos ficou dos nossos desejos. Vendendo o marido que sua mulher tinha razão, cearão alegremente, sem se lembrarem mais do que tinham para desejar.

SENSATA.

Vejo que essa mulher desejava hum duzia de dons, e com tudo isso podia ser infeliz; pois se ella desejasse, por exemplo, hum bom jantar, seria preciso tambem hum bom appetite para o comer, e além disso moderação para não comer tanto que lhe fizesse mal; e eis-aqui tres desejos só para hum jantar.

MARY.

Se eu tivesse a liberdade de desejar alguma cousa, desejaria ser já a mais sabia mulher que houvesse.

BONNA.

Mas, menina, esse desejo não bastaria; pois seria necessario desejar tambem fazer bom uso da vossa sciencia, podendo sem isso servir-vos para serdes mais nescia, mais soberba, e mais maligna.

CARLOTTA

Eu por mim só desejaria ser a mais virtuosa de todas as moças, por me custar muito o deixar de ser má.

BONNA.

Não ha que dizer a esse desejo, he muito justo: porém, menina, ainda falta nisso huma circumstancia, que vós ignorais. Supponhamos que vós desejais ser rica, formosa, ou ter outra qualquer vantagem: parece-vos que ainda que vós desejasseis isto toda a vossa vida, serieis mais rica, ou mais bella? Os nossos desejos não nos servem de nada, se assim que se deseja verdadeiramente ser boa, ou virtuosa, se não principia logo a exercer a virtude. Notai, meninas, estas palavras:

Quando se deseja verdadeiramente, isto he, quando se faz por ser virtuosa, e quando se põe toda a applicação necessaria para isso; porque não ha pessoa alguma, ainda das mais perversas, que não deseje ser virtuosa de improviso, com tanto que isto lhe não custe; o que não acontece, quando se deseja verdadeiramente, porque então se buscão os meios. Dizei-me, Carlotta, não desejarieis vós ser boa de repente, para ficardes sem a amofinação de vos emendarem os vossos de feitos?

CARLOTTA.

Não ha duvida, Senhora Bonna, e creio que adivinhais. Olhai, quando me lembro quanto me ha de custar o fazer-me tratavel, me assusto; e affirmo-vos que tenho nisto muito cuidado; e não obstante isso, a cada passo caio em faltas, e temo de nunca me emendar.

BONNA.

A preguiça he que vos causa esse

medo, menina : lembre-vos sempre que qualquer se emenda todas as vezes que repara seus erros. Se vós quizesseis ir da qui a hum sitio, que ficasse longe, e cahissem muitas vezes no caminho, gastaríeis muito tempo para lá chegar ; mas por fim sempre lá chegaríeis, se tivésseis cuidado de vos levantar. Pelo contrario, se vós dissesseis : Eu caio muitas vezes ; e como me custa muito a levantar, quero ficar no chão, certamente nunca lá chegaríeis : pois he o mesmo a respeito da viagem, que nós fazemos para alcançar a virtude : nós lá chegaremos algum dia, com tanto que não fiquemos no chão com preguiça.

CALRIOTTA.

Não me parecia que era preguiçosa, Senhora Bonna, pois eu gosto de trabalhar, aprendo a lição de memoria, e sei hoje huma bem grande de Geografia.

BONNA.

Bem póde qualquer ser preguiço-

sa , ainda que goste de trabalhar , e estude ; pois póde ter preguiça de espirito , que he muito mais prejudicial , porque tira a resolução ; mas vejamos que lição aprendestes de Geografia.

CARLOTTA.

Aprendi os nomes de todos os montes da Europa , dos principaes rios , e das Peninsulas , e Isthmos.

BONNA.

Fallai-nos dos montes , e das Peninsulas ; pois os rios dir-se-hão os seus nomes , quando se fallar nos territorios , por onde elles passam.

CARLOTTA.

Na Grã Bretanha , entre Inglaterra , e Escocia , se acha o Monte Cheviot , e os Montes Dofrinos entre a Norwega , e a Suecia. Os Peryneos ficão entre a França , e a Hespanha : os Alpes entre a França , Saboya , e a Italia : o Apenino atravessa a Italia ; e na Ungria está o Monte Carpack. Ha além disto na Europa duas Peninsulas , que tem Isthmos : huma he a

Moréa, que fica ao Sul da Europa na Turquia Europea, e está unida á terra firme pelo Isthmo de Corintho. A outra he a Crimeá, que está ao Norte do mar Negro, e unida á terra pelo Isthmo de Procopio: tambem dizem que Jutland, pertencente a Dinamarca, he huma Peninsula.

BONNA.

Continuai, menina, pois sereis brevemente huma excellente Geógrafa: vejamos tambem se estas senhoras sabem as suas lições. Dizei, Mary,

MARY.

Forão Moysés, e Arão ter com Faraó, e lhe disserão: O Deus Eterno te manda dizer; que deixes ir o seu povo para o deserto; para que alli lhe offereça hum sacrificio. Respondeo Faraó: Eu não conheço o Deus Eterno; e depois mandou este máo Rei chamar aquelles, que determinavão o trabalho dos Israelitas, e lhes disse: Dobrai o trabalho deste povo; pois por não trabalhar bastante he que tem

tempo para lembrar-se de ir para o deserto. Determinarão pois aos Israelitas mais trabalho do que elles podião fazer, e castigavão-nos, quando não acabavão a obra. Vendo elles que estavam mais infelizes do que antes, disserão a Moysés : Vós sois a causa de nosso mal, pois dissestes a Faraó que nos deixasse ir para o deserto. Então Moysés disse ao Senhor : Vós vedes que meus irmãos estão irados contra mim. O Senhor lhe respondeo : Eu sou o Deos de Abrahão, de Isac, e de Jacob, e quero dar aos Israelitas a terra de Canaan, que he o melhor territorio que ha : volta á presença de Faraó, onde Arão obrará prodigios. Forão ainda Moysés, e Arão ter com Faraó; e lançando Arão a sua vara por terra, se converteo esta em dragão. Convertêrão tambem os mágicos de Faraó as suas varas em dragões, mas forão tragados por aquelle de Arão. Tocou depois Arão com a vara as agoas do rio, e se conver-

têrão em sangue. Erão estas agoas mal cheirosas , pelo que morrêrão todos os peixes ; e como os mágicos tambem as convertião em sangue , não quiz Faraó deixar os Israelitas.

BONNA.

Continuai , Molly.

MOLLY.

Mandou Deos depois a Arão estender a sua vara , e produzio-se no Egypto huma grande multidão de rãs , as quaes subião ás casas , chegavão ás camas , aos lares , e até á camara do Rei. Vendo Faraó isto , disse a Moysés : Pede ao teu Deos que extinga estas rãs , e então deixarei ir os Israelitas. Rogou Moysés a Deos , e as rãs cessárão ; mas depois que ellas morrêrão , não quiz Faraó cumprir a sua promessa. Então mandou Deos grande quantidade de moscas , e de feras ao Egypto , e depois huma grossa saraiva , que matou todos os homens , e animaes. Mandou tambem chagas sobre toda a gente , escurecendo-se o

ar ao Meio dia , por estar cuberto de huma espessa , e negra nevoa , ficando só livre de todas estas infelicidades o territorio dos Israelitas , e nem por isso quiz Faraó deixallos ir. Movido Deos disto , disse a Moysés: Tome cada familia dos Israelitas hum cordeiro , ou hum cabrito , e os matarão ao decimo quarto dia deste mez , e esfregarão com o seu sangue todos os seus portados. Assar-se-hão estes cordeiros , ou cabritos , e comer-se-hão com pão sem fermento , e alfaces amargosas : comer-se-ha tudo ; e se sobrar alguma cousa , deve ser queimada. Comereis esta cêa de pé , e á pressa , estando vestidos de viandantes , porque vos quero tirar do Egypto ; e celebrareis todos os annos este livramento por espaço de sete dias , comendo pão sem fermento.

BONNA.

Dizei por diante , Carlotta.

CARLOTTA.

Sabendo os Israelitas a vontade do

Senhor por boca de Moysés , e de Arão , fizeram tudo o que lhes tinham mandado. A' meia noite mandou Deus o seu Anjo , para que matasse os filhos mais velhos dos Egypcios , desde o filho do Rei até aos dos escravos , sem que morresse alguém daquellas casas , cujas portas estavam salpicadas com o sangue do cordeiro , ou do cabrito. Fizerão então Faraó , e o povo grandes clamores , e disserão aos Israelitas : Ide-vos quanto mais depressa puderdes , e rogai a Deus por nós. Os Israelitas , por ordem de Deus , pedirão emprestados a seus vizinhos vasos de ouro , e de prata , que levarão consigo ; e estavam tão apressados , que levarão ainda a massa , de que querião fazer o pão , antes que tivesse o fermento. Achárão-se na sahida de Egypto seiscentos mil homens , sem contar as mulheres , e os meninos. Recomendou-lhes Deus que nunca deixassem de comer o cordeiro todos os annos em memoria do seu livramento ;

e prohibio-lhes de quebrar algum de seus ossos, ou de o darem áquelles, que não fossem circuncisos.

MARY.

Os filhos de Israel, Senhora Bonna, restituirão aos Egyptcios os vasos de ouro, e de prata, que lhes tomárão emprestados?

BONNA.

Não, menina.

MARY.

Logo erão roubadores.

BONNA.

Adverti, meninas, que os Reis do Egypto fizeram trabalhar os Israelitas como escravos, sem lhes pagarem o seu trabalho. Tinhão edificado muitas Cidades no territorio dos Egyptcios, e como Deos he justo, quiz que os Egyptcios lhes pagassem contra sua vontade, e por isso mandou aos Israelitas que tomassem estes vasos emprestados, sem lhes advertir que não terião mais occasião de lhos restituir. Julga-se que elles ignorarão se haviaão

de tornar; e ainda que o soubessem, como Deos he Senhor de tudo, e lhes tinha dado aquelles vasos, não se póde dizer que elles peccarão. Terião elles peccado, se Deos lhos não desse para se pagarem do seu trabalho: não sendo permittido tomar alguma cousa a alguém, ainda quando nos deve dinheiro.

ESPIRITUOSA.

Peço-vos, Senhora Bonna, que me digais que cousa he circumcisão.

BONNA.

Era huma cerimonia, que Deos tinha ordenado para os filhos dos Israe-litas, e era o sinal, que os distinguia das outras nações; e por isso quando hum estrangeiro se queria fazer Israelita, ou Judeo, o que he o mesmo, fazia esta cerimonia.

CARLOTTA.

E que quer dizer cerimonia?

BONNA.

Ha ceremonias de muitas sortes, meninas. Era preciso, por exemplo,

comer de pé o Cordeiro Pascal, e em habito de viandante, com alfaces amargosas, e hum páo na mão; e eis-aqui tendes que este páo, estas alfaces, e este vestido erão ceremonias.

SENSATA.

Lembra-me, Senhora Bonna, ter lido na Escriitura Santa que Deos mandou aos Judeos que lhe offerecessem os primogenitos.

BONNA.

Eu o hia dizendo, menina, e não só lhos offerecião, mas davão-nos ao Senhor, e depois disto estavam os pais obrigados a remillos, e davão em lugar dos filhos hum cordeiro, ou duas rolas.

ESPIRITUOSA.

Eu, Senhora Bonna, sou a mais velha; e se tivesse sido daquelle tempo, terme-hião offerecido ao Senhor?

BONNA.

Ainda que seja outro tempo, sempre vos deveis vós mesmas offerecer como a primicia da familia. Vamos

juntar, senhoras, e depois iremos passear ao jardim.

DIALOGO XIV.

DECIMO SEGUNDO DIA.

CARLOTTA.

EM toda a noite não dormi, Senhora Bonna, com o sentido em huma estampa, que me derão, dizendo-me que quando vós ma explicasseis, me contarieis huma bella fabula, a qual eu morro por saber.

BONNA.

Chegai, Sensata, e vinde explicar esta estampa,

CARLOTTA.

Mas, Senhora Bonna, se vós lhe encubris os nomes, como quereis vós que ella os adivinhe?

BONNA.

Ella não tem necessidade de ler os

nomes das pessoas, que estão na estampa, para as conhecer; pois sabendo-se bem a historia, e a fabula, percebem-se todos os quadros, todas as tapeçarias, e todas as estampas, como vós vereis.

SENSATA.

Este velho, e esta pobre mulher, de que os vestidos estão já tão usados, são marido, e mulher, chamados Filemon e Baucis. Aquelle homem alto, com hum pato entre as pernas, he Jupiter, que os Pagãos chamavão o Deos do Ceo; e o outro, que está a seu lado, he seu filho Mercurio, que era Embaixador dos Deoses, e o protector dos mercadores, e dos ladrões.

CARLOTTA.

Mas como pudestes vós, menina, desenvolver isto?

SENSATA.

Seria difficil conhecer estes dous velhos; mas o pato, que se abriga entre as pernas de Jupiter, faz com que se perceba toda a estampa; e se

a Senhora Bonna mo permittir , contar-vos-hei a fabula , e vereis depois disso que não he difficiloso descobririlla.

BONNA.

Sim , menina , eu o consinto.

SENSATA.

Jupiter , e Mercurio tomárão hum dia a figura humana , e forão viajar. Chegárão huma noite a huma aldêa , e pedirão agazalho por caridade : mas não achárão quem os quizesse recolher. Depois de terem batido a todas as portas , chegárão a huma pequena cabana , cuberta de palha , e de folhas de arvores , onde morava hum pobre velho , que vivia em paz com Baucis sua mulher. Rogárão-lhes os Deoses que os deixassem passar a noite na sua cabana , no que os bons velhos consentirão de boa vontade. Logo Filemon disse a Baucis que aquecesse agoa para lavar os pés áquelles estrangeiros ; e a boa mulher , para acender mais depressa o lume , partio al-

guns ramos dos que cobrião a sua pequena casa, e depois assoprou o fogo com a boca por não ter folle. Aquecendo pois a agoa, tomou Filemon huma gamella de páo, que estava dependurada, e lavou os pés dos seus hospedes; e neste tempo lavou também Baucis a meza, e a esfregou com ortelã, para ter hum bom cheiro, pondo hum pedaço de telha de baixo de hum dos pés desta meza, por estar alguma cousa falto. Não havia cadeiras nesta pobre casa, e por isso se assentárão em hum banco. Baucis, para o fazer menos duro, poz sobre elle hum pedaço de velho tapete, com que ella cobria a sua cama nos dias de festa, e depois foi depressa á horta, e trouxe ameixas sobre huma folha de parreira, hum pouco de mel na metade de hum prato, por se ter a outra quebrado, e hum pedaço de queijo. Puzerão se todos á meza, pedindo Filemon perdão aos estrangeiros de os hospedar tão mal. Quando de

repente se lembrou que tinha hum pato , e resolveo-se a matallo para dar a seus hospedes huma cêa melhor. Levantou-se pois com sua mulher para apanharem o pato ; mas este se escondia ora n'hum canto , ora n'outro , e os pobres velhos estavam já suados do muito , que tinham corrido para apanhallo , até que em fim o pato se abrigou entre as pernas de Jupiter , e este Deos disse então a Filemon , e a Baucis : Estou satisfeito com a vossa caridade , vinde comigo a este monte : e no mesmo tempo appareceo elle rodeado de luz , como tambem Mercurio. Assim que elles chegarão ao cimo do monte , lhes disse Jupiter : Olhai para trás. Obedecerão elles , e virão que a sua aldêa tinha desaparecido , e que em seu lugar não ficára mais do que hum lago , tendo Jupiter affogado todos os moradores daquella aldêa , para os castigar pela sua dureza. Sempre com tudo no meio do lago se via a pequena cabana dos dous

pobres velhos , que sómente tinha fi-
 cado , por elles serem caritativos. Con-
 doêrão-se elles da infelicidade de seus
 vizinhos , ainda que estes nunca lhes
 tivessem feito senão mal. Depois disto
 lhes disse Jupiter: Pedi o que quizer-
 des , que tudo vos concederei. Con-
 sultarão os dous velhos hum com o ou-
 tro o que pedirião , e depois disse Fi-
 lemon a Jupiter: Já que quereis ter
 a bondade de nos premiar , peço-vos
 que transportando a nossa pobre ca-
 sa a este monte , a transformeis em hum
 Templo , em que sejais adorado , do
 qual eu seja Sacerdote , e Baucis Sa-
 cerdotiza ; e permiti que nelle mor-
 ramos ambos no mesmo tempo , pa-
 ra que eu não padeça a dor de ver
 morta a minha amada Baucis , e nem
 ella tenha que verter lagrimas pelo
 seu fiel Filemon. Concedeo-lhes Jupi-
 ter esta supplica tão justa , sendo a ca-
 sa convertida em Templo , no qual vi-
 vêrão em paz os dous pobres velhos
 muitos annos. Estando elles hum dia

assentados diante da porta do Tempo, conversando sobre o amor, que devião aos Deoses, quiz Filemon levantar-se; mas sentio que não tinha pernas, e que se lhe tinhão mudado em arvore. Quiz Baucis acudir-lhe; e conhecendo que a mesma mudança lhe acontecia, disse adeos a seu amado Filemon. Respondeo-lhe elle em quanto pôde fallar; mas crescendo a casca pouco a pouco, os encubrio a ambos totalmente, ficando duas formosas arvores, que sempre estiverão á porta do Templo.

Tendes visto, senhoras, que depois de seler esta fabula, não he difficil explicar a estampa?

ESPIRITUOSA.

Agora vejo que a Senhora Sensata nunca se glorea do que sabe: se eu dissesse outro tanto, ficaria toda ufana.

BONNA.

Ha dous mezes, talvez vos acontecesse isso; mas agora já vos vejo emen-

dada. Sensata tem razão de se não gloriar de ter explicado esta fabula; pois isso só mostra que tem memoria, e essa memoria não a deve a si; mas a Deos, que lha deo.

ESPIRITUOSA.

Conheço que a sua memoria he dom de Deos; mas a sua applicação merece louvores.

SENSATA abraçando a ESPIRITUOSA.

A vossa bondade he que vos faz julgar tanto a meu favor.

BONNA.

Tenho muito gosto de ver a Senhora Espirituosa tão mudada: n'outro tempo, menina, terieis pena, e inveja da memoria, e da applicação de vossa companheira; porém hoje tendes disso alegria, e mostrais-vos contente. Vede pois como, corrigindo o vosso orgulho, tendes desterrado a inveja, e todos os remorsos, que ella vos causava. Agora já vos fazeis amar por vossas companhei-

ras, que gostãõ ver-vos amiudadas vezes; pois em lugar de mortificallas, não as entretendes senão com conversações agradaveis. Ora dizei-me: Não trazeis o coração mais alegre do que n'outro tempo?

ESPIRITUOSA.

He certo Senhora Bonna; mas ainda hoje commetto bem faltas, como, por exemplo, não ter ainda perdoado ao Senhor... por me dizer que eu era huma peste.

BONNA.

Para que fazeistal, menina, se he a pessoa, a quem vós deveis as maiores obrigações? Não sejais injusta, porque elle teve razão; e não disse isso por malicia, antes pelo contrario quer-vos bem, e tem conhecido a vossa mudança; de sorte que elle disse, haverá tres dias, que se continuardes como começastes, vireis a ser a mais estimavel mulher de Londres.

ESPIRITUOSA.

E he máo, Senhora Bonna, estar

satisfeita do que disse o Senhor F...?

BONNA.

Não, meninas; nós devemos fazer por agradar a todos pelas nossas virtudes, e não ha cousa tão feia, como dizer: A mim não se me dá que me desprezem.

CARLOTTA.

Muitas vezes tenho eu dito essa loucura sem o pensar, mas era com cólera, e raiva que a dizia, e para amofinar a minha aia, e minhas irmãs.

BONNA.

Nisso tomaveis vós huma bella vingança; he o mesmo que se puzesseis fogo a huma boa casa, que fosse vossa, para queimar a cavalharice de vosso vizinho, que estava proxima; mas como vós estais emendada, deixemos isto, e vamos repetir as lições de historia.

MARY.

Peço-vos, Senhora Bonna, que me expliqueis primeiro duas palavras, que

não entendo. Que quer dizer hospede, e lago?

BONNA.

A palavra hospede tem duas significações. Humas vezes significa huma pessoa em casa de quem se pouosa, e se come, como o Senhor de huma estalagem, se chama hospede, e sua mulher hospeda. Outras vezes tambem significa a pessoa que vem pouosar, e comer á nossa casa, como na fabula de Filemon, e Baucis, Jupiter, e Mercurio, que erão os hospedes. Sensata vos dirá agora o que he lago, e ao mesmo tempo vos mostrará a differença que ha dos mares aos rios, e dos rios aos lagos.

SENSATA.

O mar he huma grande quantidade de agoas, que não sahem do seu lugar, e que não correm como os rios.

MARY.

Pois os rios correm?

BONNA.

Sim menina, correm, ou andão

sempre; e se o quereis ver, ponde-vos sobre huma ponta de qualquer rio, e vereis que a agoa nunca está queda; e que vai sempre seguindo o seu curso.

MOLLY.

Ora dizei-me: E donde procedem os rios?

BONNA.

Nascem ordinariamente dos montes. Olhai, o rio corre sem cessar, até que ache outro rio onde se confunda; e se elle não encontra outro rio, onde se perca, e chega até ao mar, então he hum grande rio, o que se não diz do que se confunde com outro.

CARLOTTA.

Eu não entendo bem isso, Senhora Bonna.

BONNA.

Vós o comprehendereis, vendo huma carta. Vede este grande rio, chamado o Rhodano, e eis-aqui outros varios que se mettem nelle, principalmente estes dous maiores, chama-

dos Saona, ou Arar, Isara, ou Isere. Quando o Saona, e o Isere se mettem no Rhodano perdem estes nomes, e só o Rhodano, que corre ainda largo espaço, e que entra no mar conserva o mesmo nome, e por isso se lhe póde só chamar rio, pois nunca perde o seu nome até ao mar. Disse que isso acontece ordinariamente, e não sempre; porque o Rhim, que passa ao Oeste da Alemanha, não chega ao mar, por se perder nas arêas. Vede sobre isto a nova introduccão á Geografia moderna, onde achareis os principaes rios da Europa. Agora, Sensata, acabai-nos de dizer o que he hum lago, e quantos lagos consideraveis ha na Europa.

SENSATA.

Hum lago he como hum pequeno mar, cujas agoas nunca correm. Na Moscovia ha dous lagos; o lago chamado Onega, e o Lodega. Ha mais hum ao Nordeste da Suissa, chamado o lago de Constança; outro perto de

Genebra, com o mesmo nome, pelo meio do qual passa o rio Rhodano.

BONNA.

Esta será hoje a nossa lição de Geografia; resta-nos que Mary nos diga a da historia.

MARY.

Depois de Moysés, e os Israelitas entrarem no deserto, mandou Deus o seu Anjo para os guiar. De dia caminhava este diante delles encuberto em huma nuvem, e de noite em huma columna de fogo, que os alluminava. Teve com tudo BARRÓ pezar de deixar ir este povo, que lhe trabalhava; e ajuntando hum grande exercito, foi em seu alcance. Quando os Israelitas avistárão os Egypcios, tiveram grande terror, e disserão a Moysés: Para que nos conduzistes vós a este deserto, se agora havemos de morrer todos em hum instante? Temeis vós que se nos deixasseis no Egypto, nos faltasse terra, em que nos sepultassem depois de morrermos? Moysés os ex-

hortou a ter confiança em Deos , e supplicou ao Senhor que se compadescesse do seu Povo. Neste tempo o Anjo , que estava diante dos Israelitas , passou para traz , e se poz entre elles e os Egypcios , ficando deste modo os Israelitas com claridade por causa da columna , que os allumiava , e os Egypcios sem os verem por causa da nuvem , que lhes tirava a luz pela sua densidade. Então Moysés , por ordem do Senhor , poz a sua vara sobre o mar Vermelho , com o que este se dividio em dous , ficando a agoa sustida de huma parte , e de outra , como dous muros , podendo-se passar pelo meio delle a pé enxuto. Passarão os Israelitas , durando a noite ; e julgando os Egypcios que podião fazer o mesmo , mettêrão-se ao mar com Faraó , seu Rei ; mas tornando as agoas , que estavam suspensas , ao seu lugar , todos os Egypcios se afogárão , sem que escapasse hum só. Por este successo Moysés , Arão , e sua irmã Maria , cantá-

rão com o povo hum cantico em louvor de Deos, que os livrára das mãos de seus inimigos.

BONNA.

Continuai, Carlotta.

CARLOTTA.

Chegarão os Israelitas a hum lugar, onde as agoas erão tão amargosas, que era impossivel bebellas, e tornarão por isso a murmurar contra Moysés; e este santo homem, sem se enfadar pela sua ingravidão, orou de novo ao Senhor, e este mandou lançar nestas agoas hum certo páo, com o qual logo ficárão doces. Entrárão depois os Israelitas em hum grande deserto, onde não havia que comer, e começárão outra vez a murmurar, dizendo: Para que nos tiraste do Egypto, onde nós estavamos sentados ao pé de panellas cheias de carne? He para nos matar com fome que nos conduziste a este deserto? Tornou Moysés a rogar a Deos, que fez cahir sobre elles hum grande orvalho, e so-

bre este orvalho huns pequenos grãos, como saraiva. Disse então Moysés ao povo; Eis-aqui o pão, que Deos vos manda: apanhe cada hum para si o que lhe for preciso para hum dia; mas não o guarde para o que vier. O povo, que nunca tinha visto grãos como aquelles, lhe chamou manná, e tinha este o gosto como filhoses fritas com mel. Cada qual se apressou a apanhallo, mas houve alguns, que desobedeirão a Moysés, e o guardarão para o outro dia. Os que o fizerão, ficarão attonitos, quando, querendo comello o outro dia de manhã, o acharão com máo cheiro, e cuberto de bichos. Não obstante a primeira prohibição, fallou Moysés ao povo da parte de Deos, e disse: Apanhe cada hum para si huma certa medida de manná, por espaço de cinco dias, no sexto dia apanhareis duas medidas, para que huma fique para o setimo dia, em que não ha de cahir, e por isso se conservará boa, e fresca. Será este setimo dia

consagrado ao Senhor , e será prohibido trabalhar nelle. Aconteceo tudo como Moysés o tinha predicto ; porque o manná , que se corrompia de hum dia para o outro nos mais dias da semana , se conservou illéso no dia do Senhor , e foi este setimo dia chamado Sabbado. Mandou tambem Moysés a Arão apanhar huma porção de manná , e guardallo como hum testemunho do milagre , que Deos fizera aos Israelitas , que delle se sustentárão por espaço de quarenta annos. Os preguiçosos porém , que não querião levantar-se cedo , não o tinhão ; pois como o manná se derretia com o Sol , era preciso levantar-se antes que elle nascesse para o apanhar.

BONNA.

Seguis-vos vós , Molly.

MOLLY.

Indo os Israelitas para outro sitio não acharão agoa ; e esquecidos dos milagres , que Deos obrára por elles , disserão a Moysés : Para que nos ti-

raste do Egypto, e nos trouxeste aqui para morrermos com sede, nossas familias, e nossos rebanhos? Respondeo-lhes Moysés: Não he contra mim que vós murmurais, mas contra Deos; o que não obstante, eu lhe vou pedir que vos dê agoa. Então Moysés, por mandado do Senhor, tocou hum rochedo com a sua vara, e sahio delle grande abundancia de agoa. Depois deste successo hum Rei, chamado Amalec, veio com hum grande exercito para destroçar os Israelitas. Vendo Moysés isto, mandou a Josué que escolhesse soldados entre o povo para ir pelear com Amalec. Em quanto durou o combate, estiverão sobre o monte Moysés, Arão, e Hur. Rogava o primeiro a Deos com as mãos levantadas para o Ceo, as quaes elle deixou abai-xar, tendo já os braços fatigados; e os Israelitas, que forão vencedores, em quanto Moysés teve as mãos er-guidas, forão batidos, tanto que elle as abaixou. Reparando Moysés neste

accidente, se assentou sobre huma pedra, segurando-lhe Arão, e Hur cada hum seu braço, e então os Amalecitas forão obrigados a fugir declarando-lhes Deos huma guerra eterna, e mandou escrever a Moysés todas estas cousas.

ESPIRITUOSA.

Estas historias, Senhora Bonna, são todas verdadeiras? parecem tão espantosas, que custão a crer.

BONNA.

Esquece-vos, menina, que nada he impossivel a Deos?

ESPIRITUOSA.

Sei isso; mas não poderia muito bem Moysés escrever cousas, que não fossem certas? Eu não digo que isto seja falso; mas quero que sómente me digais como se póde afirmar que isto he verdade.

BONNA.

Eu o faço, menina, com todo o coração; e estou bem satisfeita de ver, que vós ouvis isto como huma pessoa,

que discorre , e que quereis provas , pois he o unico meio de não serdes enganada. Nós sabemos que Deos pôde fazer milagres , e quereremos saber se elle obrou aquelles , que escreveu Moysés. Não he isto o que vós perguntais ?

ESPIRITUOSA.

Sim , Senhora Bonna.

BONNA.

Se Moysés tivesse escrito mentiras , os Israelitas , que não fossem seus apaixonados , o terião desmentido , e lhe dirião : Para que dizeis vós que passámos o mar Vermelho , e que comêmos o manná , que cahia do Ceo ? Para que dizeis que este manná não podia conservar-se de hum dia a outro pelo espaço de cinco dias , e que se conservava ao sexto ? Para que dizeis que fizestes sahir agoa de hum rochedo ? Pois se estas cousas fossem verdadeiras , somos trezentos mil homens , que as teríamos visto. Ide-vos , pois que sois hum velhaco , e hum im-

postor, e não mereceis que vos dem credito. Dizei-me: Se se puzesse na gazeta que hontem chovêra fogo sobre a Cidade de Londres, não diríeis vós: O homem, que escreveo este papel, he hum desaforado mentiroso, pois se isto acontecesse, tello hiamos visto? E não he certo que nos papeis, que sahissem ao outro dia, zombarião deste homem?

MARY.

Não ha dúvida, Senhora Bonna.

BONNA.

E se este homem vos dissesse depois: Vós me deveis obedecer; pois sou tão poderoso, que fiz chover este fogo; que lhe responderíeis vós?

MARY.

Dir-lhe-hia que era hum extravagante, e que em lugar de lhe obedecer, seria preciso mandallo para a casa dos orates.

BONNA.

Temos visto logo, menina, que os Israelitas não respondêrão isto a

Moysés, e não foi senão porque elles tinham presenciado os milagres, que Deos obrára, e de que Moysés lhes fallava.

SENSATA.

Permitti-me, Senhora Bonna, que faça huma reflexão. Se Moysés tivesse escrito huma historia á sua reveria, parece-me que não poria nella o que lhe aconteceu, quando vio aquella mata rodeada de fogo, sem se abraçar; pois elle não mostrou então muito animo, escusando-se muitas vezes, dizendo que tinha embaraço na lingua para fallar. E me parece que se elle não tivesse querido escrever a verdade, diria: Quando Deos me fallou, não tive susto, e lhe disse: Eu irei resgatar o povo, pois não temo a Faraó.

BONNA.

A vossa observação, menina, he excellente. E he certo que quando algum homem escreve huma historia, e confessa as faltas, que obrou, pôde-

se julgar livremente que diz a verdade; porque se elle mentisse, mentiria em seu abono, e para dizer bem de si proprio; e que se confirma pelas confissões, que elle faz pela serie da historia.

ESPIRITUOSA.

Com tudo isso, eu houvi dizer a hum Cavalheiro que Moysés era hum homem mal inclinado, e que nunca obrou milagres. Disse tambem que o mar Vermelho retrocede de tempos em tempos sem milagre, e que Moysés, sabendo isto, se valêra desta occasião para o passar.

BONNA.

Era preciso que elle fosse bem dentro para fazer durar a passagem dos Israelitas determinadamente até ao ponto, em que o mar devia tornar ao seu natural, para fazer afogar os Egypcios. Era preciso tambem que os Egypcios fossem muito ignorantes, para não saberem isso, não assistindo muito longe do mar Vermelho, para que dei-

xassem de entrar neste mar, que sabião perfeitamente os havia de afogar; e se tornardes a ver esse impertinente Fidalgo, dizei-lhe isto: Perguntai-lhe tambem se sabe algum segredo para que a manteiga se não derreta ao pé do fogo, que certamente vos dirá que não; e podeis então dizer-lhe que no setimo dia da semana não derrete o fogo a manteiga. Rir-se-ha de vós, e dirá que os dias não influem nada, que a manteiga se deve derreter, porque o tem de natureza. Ao que vós respondereis: Está bem, senhor; pois a natureza do manná he de se corromper; e se os dias não influem nada, como este se conservava no dia de sabbado necessariamente havia de ser milagre; como o seria se a manteiga se não derretesse no dia setimo.

MOLLY.

Eu por mim, Senhora Bonna, julgo que os Israelitas são muito ingratos em murmurarem contra Moysés,

que lhes tinha alcançado tantos benefícios, rogando a Deos por elles.

BONNA.

Assim he, menina; mas nós somos tão ingratos, como este povo, por desobedecermos a Deos, não obstante os milagres, que nós vemos todos os dias.

CARLOTTA:

Porém eu ainda não vi algum milagre.

BONNA.

Abri os olhos, meninas, e vede o Sol, a Lua, e as Estrellas: vede a terra, e o mar, e olhai para vós mesmas. Estamos todos rodeados de milagres, e não lhes damos attenção pelos vemos todos os dias. Este Sol, que allumea os homens desde o principio do mundo, está exactamente posto, como deve ser, para a nossa utilidade; pois se elle estivesse mais alto, não aqueceria a terra; e se andasse mais baixo, queimalla hia, e a nós também. E não he hum milagre o andar o Sol sempre na mesma altura ha tanto tempo?

SENSATA.

Tenho ouvido dizer que ha hum paiz, do qual o Sol está mais perto do que do nosso, e onde faz hum calor insupportavel.

BONNA.

Isso he na Africa, no meio da America, e ao Sul da Asia; mas esse calor não he insupportavel, habitando gente nestas partes, que o supporta. Eis-ahi temos outro milagre; pois tendo Deos destinado essa gente para viverem os paizes quentes, lhes deo corpos capazes de soffrerem a calma; e por isso os que nascem na Africa, na America, e nos lugares, em que faz tanto calor, passão bem, ainda que os estrangeiros ahi padeção doenças. Poderia fallar-vos toda a minha vida dos milagres, que Deos faz a cada instante aos homens, e ainda sería pouco para a grande quantidade que elle obra; mas só quero fazer-vos notar hum unico, por ser tarde. Buscai na Carta de Africa a Provincia, que se

chama Egypto, onde faz hum grande calor, e nunca chove, ou ao menos muito raras vezes.

ESPIRITUOSA.

Como pôde logo viver essa pobre gente, quando sem chuva não produz a terra nem herva, nem pão, nem hortaliças, nem frutas?

BONNA.

Assim he, menina, e com tudo isso he o Egypto huma terra, onde se achão todas essas cousas. Deos não querendo que chovesse nessa terra, poz nella esse grande rio, chamado o Nilo, Este sahe todos os annos das suas margens, e cobre todas as terras do Egypto por muitos mezes; e o que mais admira he, que as agoas do Nilo trazem consigo hum lodo, ou limo, que faz as terras mais proprias para produzirem excellentes cousas: e não he isto, meninas, hum grande milagre? Se o Tâmis se espraiasse, e cobrisse Inglaterra por muitos mezes no anno, ficaria a terra farta de agoa, e produ-

ziria , visto que para ser fertil , e para ter toda a agoa , de que necessita , chove tanto. Porém ha só o Egypto , onde não chove , porque basta o Nilo para lhe dar agoa , e bem vedes que isto he admiravel.

MARY.

Mas quando as agoas do Nilo se trasbordarem , inundarão tambem as povoações ?

BONNA.

Não , meninas ; porque as tem fundado em lugares altos , e tem-se feito pontes de humas para as outras. A Deos , Senhoras , temo-nos mettido em conversa , e he já bem tarde.

MARY.

Tinha mil cousas , que vos perguntar , Senhora Bonna , mas será outro dia.

D I A L O G O XV.

DECIMO TERCEIRO DIA.

MARY.

HOje, Senhora Bonna, tenho muitas cousas para vos perguntar, se mo quizerdes permittir.

BONNA.

Pois não, menina.

MARY.

Quizera saber donde procede a chuva?

BONNA.

Do mar, dos rios, e de todas as agoas, que ha sobre a terra.

MARY.

Vós zombais de mim, Senhora Bonna? Como póde a agoa do mar, e dos rios subir ao Ceo?

BONNA descobrindo a cafeteira.

Como sóbe a agoa desta cafeteira até á cuberta, não estando mais do que meia? Dizei-me, menina, quando a agoa começa a aquecer; e principalmente a ferver, não lança muito fumo? Bem; pois isso que vos parece fumo he a parte mais subtil da agoa, e por isso se chama vapor. Ora o calor do Sol attrahe continuamente as partes mais delicadas da agoa: estas se elevão ao ar, como vapores, e o ar as sustem, quando são poucas; mas quando são em grande quantidade, não as podendo sustentar, penetrão esse mesmo ar, e cahem na terra desfeitas em chuva.

ESPIRITUOSA.

Não cuidava, Senhora Bonna, que o ar pudesse sustentar cousa alguma, sendo este sem corpo; pois ainda que eu faço os maiores esforços para o ver, nunca o vejo.

BONNA.

Isso não provém do ar, menina, mas sim da vossa vista, que não he tão prespicaz que o veja. Ha outras muitas cousas, que nós não vemos, e que com effeito existem, como por exemplo: vós vedes huma grande poeira, que está neste quarto?

ESPIRITUOSA.

Não, Senhora Bonna, não vejo poeira alguma; mas isso he porque a não ha.

BONNA.

Levantai-vos, menina, e ide olhar do fim do quarto, onde dá o Sol, e vereis se ha, ou não poeira.

ESPIRITUOSA.

Certamente, Senhora Bonna; agora vejo grande numero de pequenas particulas, que sempre se movem.

BONNA.

Pois essas pequenas particulas, de que o ar está cheio, se chamão atomos; e como as particulas do ar são muito mais finas, e mais pequenas, por isso he que vós as não vedes.

CARLOTTA.

Desejára ver de que côr he o ar.

MOLLY *rendo-se.*

Pois o ar, compondo-se de particulas tão pequenas, póde ter côr?

BONNA.

Sim, meninas: ora olhai para o Ceo: de que côr he?

MARY.

He azul.

BONNA.

Está bem, menina; pois isso mesmo que vós chamais Ceo, he o ar, que se ajunta, e se comprime em cima. Vós não vedes os atomos no lugar, onde não ha Sol, por estarem muito distantes huns dos outros, e por serem muito pequenos; mas eu faço com que vós vejais huma grande quantidade.

Toma Bonna huma bassoura, e varre o quarto.

ESPIRITUOSA.

Que poeira, Senhora Bonna! he tanta, que me céga.

BONNA.

Eis-aqui pois que já vedes a poeira, ou os atomos, que he o mesmo; porque eu fiz levantar grande quantidade, e porque todas estas particulas de pó se tocão humas ás outras. Não vedes porém o ar, que vos cerca, porque ás suas partes se não comprimem humas as outras; o que não acontece, quando as particulas do mesmo ar se ajuntão lá no alto, porque então se vem. Eu vos faço perceber isto com hum exemplo, lançando vinho do Porto neste cópo. Vós bem vedes que he muito vermelho; e molhando eu hum dedo nelle, e lançando huma pinga no meu lenço, não parece tão vermelho, como o do cópo; e a razão he, porque no cópo ha maior quantidade de particulas, e estão mais comprimidas, e mais juntas entre si, do que no lenço. Eis-aqui tendes tambem pela mesma razão esse fio de retroz vermelho, que parece menos vermelho só, do que na meada.

ESPIRITUOSA.

Está bem, Senhora Bonna: eu supponho que o ar he hum corpo composto de hum grande numero de pequenas partes azues, mas não percebo de que modo este corpo, cujas partes são tão diminutas, possa sustentar a agoa, que he mais pezada, sendo as suas partes tão grossas, como vejo.

BONNA.

Sem o pensardes ireis ficando fysica. Notai: hum passaro he mais pezado do que o ar, e não obstante isso o ar o sustenta. Dizei-me: Nunca estivestes em hum jardim depois de huma grande chuva?

ESPIRITUOSA.

Sim, Senhora Bonna.

BONNA.

E não reparastes que em todas as pontas dos raminhos, ou das folhas das arvores, ficão pendentes gotas de agoa?

ESPIRITUOSA.

Reparei, e me detive huma occa-

sião a vellas; e quando o Sol lhe dava, parecião-me todas as folhas cheias de diamantes.

BONNA.

E quem sustenta todas essas gotas de agoa na extremidade das folhas, senão o ar, que por consequencia he mais pezado do que ellas? Vindo por fim a pequena gota de agoa a engrossar pelo ajuntamento da que estava espalhada por toda a folha, ou ramo, e então a pequena gota de agoa, fazendo-se mais pezada do que o ar, o penetra, e cabe no chão.

ESPIRITUOSA.

Agora, Senhora Bonna, percebo muito bem isto. A agoa sem dúbida he mais pezada do que o ar, sendo igual a quantidade de ambos; mas isto não faz que huma maior quantidade de ar não possa suster huma menor quantidade de agoa. Isto he como aquelle navio, de que vós nos fallastes, o qual por si proprio he mais pezado do que a agoa, e com tudo a

agoa o sustenta pela grande quantidade, que fica debaixo delle.

BONNA.

Propriamente, menina.

MARY.

Mas, Senhora Bonna, porque disseses vós que a Senhora Espirituosa ficava agora fysica? Por ventura as mulheres devem saber esta sciencia? Parecia-me que era só dada aos Medicos.

BONNA.

Em Inglez, menina, hum homem, que cura os enfermos, chama-se hum Doutor fysico; mas em Francez não he o mesmo, pois se chama Medico. Em Inglez hum remedio chama-se fysica, e em Francez huma medicina. A palavra fysica em Francez quer dizer huma sciencia, que ensina a conhecer todos os corpos. Logo hum fysico he hum homem, que conhece a natureza do ar, do fogo; da agoa, e da terra; que conhece tambem os corpos humanos, e dos animaes; as arvores,

plantas, flores, os mineraes, e metaes; e isto tudo podem saber as mulheres.

CARLOTTA.

Que cousa são mineraes, e metaes?

BONNA.

São o ouro, a prata, o cobre, e outras cousas, que se achão na terra.

MARY.

Pois o ouro provém da terra?

BONNA.

Sim, menina, e por hoje basta de fysica: em outra occasião continuaremos a mesma materia. Agora passo a contar-vos huma breve fabula; e depois disto iremos á historia.

Conto do Pescador, e do Viandante.

Houve n'outro tempo hum homem, cujo cabedal consistia todo em huma pobre cabana na margem de hum pequeno rio. Ganhava elle a sua vida na pesca; e não havendo neste rio mui-

to peixe, ganhava pouco, sustentando-se quasi sempre com pão, e agoa. Vivia elle com tudo contente na sua pobreza, por não desejar mais do que o que possuia. Teve hum dia porém cubica de ver a Cidade, e determinou-se a ir vella no dia seguinte. Quando elle cuidava nesta jornada, encontrou hum passageiro, que lhe perguntou se ficava muito distante alguma aldeia, onde achasse huma casa para dormir? Ha huma daqui quatro legoas, respondeo o pescador, e isto he já bem tarde: se vós quereis passar a noite na minha cabana, eu vo-la offereço com todo o gosto. Aceitou o viandante a offerta; e o pescador, que o queria regalar, accendeo o lume para cozer alguns pequenos peixes. No tempo que elle preparava a cêa, andava cantando, e rindo, e parecia dotado de hum humor alegre; o que fez dizer ao seu hospede: Quão feliz sois por poder-vos divertir desse modo! Eu daria tudo quanto possuo, com tanto que fos-

sê alegre como vós. E quem vos impede? disse o pescador. A minha alegria não me custa nada, e até aqui nunca tive causa para estar triste: tendes talvez alguma grande mágoa, que vos não deixa alegrar? Ah! respondeo o viandante, todo o Mundo me julga o mais infeliz de todos os homens. Eu era Mercador, no que tinha grandes lucros; mas não tinha huma hora de descanso. Sempre receei de quebrar, que os meus generos se corrompessem, ou que os navios, que eu trazia no mar, se perdessem; e levado desta imaginação, deixei o negocio para viver mais socegado, e comprei hum encargo no serviço do Rei. Tive no principio a felicidade de agradar-lhe; e ficando seu válido, julguei que então poderia viver satisfeito: enganei-me porém, e conheci cedo que eu era mais hum escravo do Principe do que seu válido. Via-me obrigado a cada instante a privar-me das minhas inclinações para seguir as

suas. Elle era inclinado á caça, e eu ao descanso ; não obstante isto , estava obrigado a correr com elle todos os matos todo o dia , voltando para o Palacio bem fatigado , e com grande vontade de me deitar. Não me acontecia pois isto ; porque a dama do Rei , querendo dar-lhe hum baile , ou hum regalo , me fazia a honra de convidar-me para lhe assistir ; o que eu fazia de má vontade , ainda que a amizade do Rei me consolava alguma cousa. Haverá agora perto de quinze dias que lhe lembrou fallar com semblante de amizade a hum dos senhores de sua Corte , dando-lhe dous encargos , e dizendo que elle o julgava hum homem muito honrado. Desde este instante vi que estava perdido , e passei por isso muitas noites sem dormir. Mas (diz o pescador , interrompendo-o) isso era porque o Rei vos mostrava má cara , e já vos não estimava , ou porque ? Permitti-me que o diga (respondeo elle).

O Rei me tratava com maior amizade do que costumava ; mas cuidais vós que elle me estimava unicamente , e que a gente toda não dizia que este senhor sería brevemente hum segundo válido ? Isto vós bem sabeis que he insupportavel , e pouco me faltou para morrer de mágoa. Hontem á noite me recolhi á minha camara muito triste ; e tanto que me vi só , enteei a chorar. Repentinamente me appareceo hum homem agigantado de huma agradavel presença , e me disse : Azael , eu me compadeço da tua miseria ; e se queres ficar socegado , deixa o amor das riquezas , e das honras. Ah ! senhor , lhe disse eu , de todo o coração o desejo ; mas como o posso conseguir ? Deixa a Certe , me diz elle , e caminha por espaço de dous dias pelo primeiro caminho , que se te offerecer : a loucura de hum homem te prepara hum espectaculo capaz de te apartar para sempre da tua ambição. Tendo andado dous dias , torna para

trás , porque creio firmemente que só de ti dependerá o viveres alegre , e socegado. Já caminhei todo este dia para obedecer a este homem , e ainda andarei á manhã ; mas custa-me muito crer que terei o repouso , que elle me prometteo.

Ouvindo o pescador esta historia , não pôde deixar de admirar-se da loucura deste ambicioso , que fazia depender a sua felicidade do semblante , e palavras do Principe. Alegrar-mehei de vos tornar a ver , e saber o vosso restabelecimento , disse elle ao viandante : acabai a vossa viagem , e dentro em dous dias tornai a esta cabana. Eu tambem vou viajar : nunca fui á cidade , e parece-me que me divertirei bem com a confusão que lá ha de haver. Occorre-vos hum mão pensamento , disse o viandante ; e se vós viveis agora satisfeito , para que quereis fazer-vos miseravel ? A vossa cabana vos parece sufficiente hoje ; mas depois que virdes os Palacios dos Gran-

des parecer-vos-ha bem pequena , e bem desprezivel. Vós viveis contente com o vosso vestido , porque vos cobre ; porém elle vos desgostará depois de examinardes as soberbas gallas dos ricos. Senhor , diz o pescador ao seu hospede , vós fallais como hum sábio , e he preciso que vos sirvais desses bons discursos , para que aprendais a não vos escandalizar de que o Rei olhe para os outros , ou lhes falle. O Mundo está cheio de pessoas , que aconselhão os mais , ao mesmo tempo que não sabem governar-se a si proprias. Não replicou o viandante , por não ser decente contradizer as pessoas em sua casa ; e ao outro dia continuou seu caminho , e o pescador começou o seu. Não tendo Azael , no fim de dous dias , achado alguma cousa extraordinaria , tornou á cabana. Achou o pescador assentado á porta della com a cabeça encostada sobre o braço , e os olhos fixos no chão. Em que cuidais ? lhe perguntou Azael. Cuido que sou mui-

to infeliz, respondeo o pescador; pois que commetti eu contra Deos, para que me faça tão pobre, havendo hum tão grande numero de homens tão ricos, e tão contentes? Neste tempo appareceo aquelle homem, que tinha mandado Azael viajar dous dias, o qual era hum Anjo, e disse ao pescador: Porque não tomaste os conselhos, que te deo Azael? A vistas das magnificencias da Cidade produzio em ti a avareza, e a cubiça, e te privou da alegria, e da paz. Modera os teus desejos, e recuperarás estas preciosas qualidades. Não vos custa muito dizer essas cousas, replicou o pescador, assim me fora possivel observallas; e sinto em mim que serei sempre infeliz, se Deos não quizer mudar a minha situação. Seria mais para tua perdição, lhe disse o Anjo: cré o que te digo; não cubices mais do que o que possues. Por mais que digais, replicou o pescador não fareis com que eu não appetite outro estado. Deos ouve algumas

vezes o desejo do ambicioso , respondeu o Anjo ; mas he com indignação , e para o castigar. E que vos importa ? disse o pescador : se eu alcançasse só com desejar , pouco me embaraçariam as vossas ameaças. Já que tu te queres perder , diz o Anjo , eu convenho nisso : podes desejar tres cousas , está certo que Deos tas permite. O pescador , transportado de alegria , desejou que a sua cabana fosse mudada em hum Palacio magnifico , e logo se cumprio o seu desejo. Depois de admirar este Palacio , desejou que o pequeno rio , que passava diante da sua porta , se convertesse em hum grande mar , e tambem se executou o seu desejo. Restava-lhe só o ultimo ; e considerando nelle algum tempo , desejou em fim que o seu pequeno barco se tornasse em hum soberbo navio cheio de ouro , e diamantes. Assim que elle vio este navio , foi muito depressa para admirar as riquezas , de que elle ficava senhor ; mas apenas entrou dentro

delle ; se ergueo huma medonha tormenta , que o não deixou , por mais que fez , tornar á praia , e aportar em terra. Então he que elle amaldiçoou a sua ambição ; mas forão inúteis os seus clamores , porque o mar o sepultou com todas as suas riquezas. Disse então tambem o Anjo a Azael : Sirva-te este exemplo para emenda ; pois o fim deste homem he quasi sempre o que tem os ambiciosos. A Corte , em que agora vives , he hum mar famoso pelos naufragios , e tempestades ; em quanto pódes , occupa o porto , para que algum dia o não desejeis , e não o possas occupar. Atemorizado Azael com o successo , prometteo ao Anjo de lhe obedecer , e cumprio a palavra : pelo que deixou a Corte , e veio viver ao campo ; onde casou com huma mulher , que tinha mais virtude do que formosura , e bens. Em lugar de augmentar as suas riquezas , sómente se resolveo a gozallas com moderação , e a distribuir o superfluo pelos

pobres. Viu-se então feliz, e satisfeito, sem passar hum só dia, em que não agradecesse a Deos de o ter livrado da avareza, e ambição, que até alli tinham impedido toda a felicidade da sua vida.

SENSATA.

E he possivel que a ambição faça a gente tão miseravel?

BONNA.

Perguntai a Espirituosa o que padeceo no tempo, em que lhe não lembrava senão o modo de agradar, de fazer brilhar a sua habilidade, e de ser louvada.

ESPIRITUOSA.

He verdade, Senhora Bonna, que era bem miseravel. Se estava na nossa assembléa, e vinha alguma senhora ainda rapariga, a quem se cortejasse, logo me agastava, parecendo-me que era tirar-me os louvores, que lhe davão, e por isso logo a ficava aborrecendo; e tambem contra vós, Sensata, muitas vezes me agastei.

SENSATA.

E por que causa, menina ?

ESPIRITUOSA.

Por não poder deixar de ver que vós tinheis mais estimação do que eu; mas agora certifico-vos que vos amo com todo o coração; e em lugar de ter inveja, causa me grande gosto ouvir dizer bem de vós.

SENSATA.

Fico-vos muito obrigada, senhora, sendo certo que serieis huma ingrata se me não amasseis, tendo-vos eu sempre amado ternamente.

BONNA.

Nós não temos muito tempo para repetir a historia e a Geografia, e por isso ide principiando, Mary.

MARY.

Sabendo Jethro, sogro de Moysés, os grandes milagres; que Deos tinha obrado por intercessão de seu genro, veio vello, trazendo-lhe sua mulher, e dous filhos, que della tinha. Vendo Jethro que Moysés gasta-

va todo o dia em ouvir os negocios do povo, lhe disse: Se continuais com este trabalho, cahireis doente; e assim he melhor escolher os homens mais prudentes para ouvirem as suas pertencções, e que depois vos dem conta de todos os negocios. Tomou Moysés este conselho; e depois de regalar seu sogro, se despedio hum do outro. Chegãrão depois os Israelitas ao pé do monte Sinay, e fallou Deos a Moysés, dizendo-lhe: Sóbe a este monte, mas que o povo te não siga; porque se te seguir, morrerá. Subio Moysés ao monte Sinay, no qual se lhe representou a Magestade de Deos, estando o monte rodeado de fumo. Delle sahia hum medonho trovão, precedido de fogo e de relampagos, e no meio destes fógos he que Deos deo a Moysés os dez Mandamentos, que punha ao seu povo, para lhe mostrar que elle era hum Deos poderoso, e que saberia vingarse, e castigar os homens, que se atrevessem a desobecer-lhe: sendo estes

dez Mandamentos, que Deos deo aos Israelitas, os mesmos, que nos ensinão, e que nós repetimos na doutrina.

BONNA.

Continuai, Molly.

MOLLY.

Chamou Deos a Moysés outra vez sobre o monte, onde se deteve quarenta dias, e quarenta noites. Por este espaço de tempo lhe deo as Leis para o seu povo, e lhe mandou fabricar huma Arca, e hum Tabernaculo para si: explicou-lhe o modo, com que a Arca se devia construir, o que devia fazer, quando se sacrificasse alguma cousa, e lhe mandou escolher a Arão, e seus filhos para serem sacrificadores, e summos Sacerdotes. Em quanto porém Moysés fallava a Deos, como hum amigo a outro, esquecendo-se os Israelitas dos milagres, que Deos tinha obrado por elles, disserão a Arão: Fazei-nos Deoses, como aquelles, que estão no Egypto, pa-

ra que estes nos guiem , porque nós não sabemos o que he feito de Moysés. Temendo Arão que o povo o matasse , lhe disse : Trazei-me os brincos de vossas filhas , e de vossas mulheres. Forão elles apressados buscar os seus brincos , dos quaes formou Arão hum bezerro de ouro , que adoravão , dizendo : Aqui está o Deos , que nos tirou do Egypto. Disse então Deos a Moysés , que estava sobre o monte : O povo commetteo agora hum grande delicto , e por isso quero que elle morra , e em seu lugar te darei outro povo. Moysés porém compadecido , disse : Senhor , lembrai-vos de Abrahão , de Isac , e de Jacob ; perdoai a este miseravel povo , e antes me riscai do livro da vida , do que o destruais. Respondeo Deos a Moysés : Só o que for máo he que ha de ser riscado do meu livro da vida ; mas isso não obstante , eu perdoo a este povo. Desceo então Moysés do monte com as Taboas de pedra , onde o mes-

mo Deos tinha escrito a sua Lei por todos os lados. Assim que elle vio os Israelitas dançando á roda do novilho de ouro, entrou em huma tão grande indignação, que lançou as Taboas por terra, e as quebrou. Reprehendeu depois disto asperamente a Arão; e lançando o bezerro no fogo, o mandou reduzir a pó; e depois misturando este pó com agoa, a fez beber ao povo; e chamando os filhos de Levi, lhes disse: Mando-vos da parte de Deos que tomeis vossas espadas; e atravessando o campo de hum ao outro lado, mateis á direita, e á esquerda, todos os que encontrardes, sem perder a vossos parentes, e amigos. Obedecêrão-lhe os filhos de Levi, e matarão vinte e tres mil homens. Depois disto disse Moysés aos filhos de Levi: Deos vos abençoará por executardes a sua sentença. Feito isto, se fechou Moysés no seu Tabernaculo, ficando a nuvem, onde o Senhor estava, á porta; e os Israelitas tremendo se prostra-

vão por terra , despindo os seus ricos vestidos para alcançarem a misericórdia de Deos.

MARY.

Foi , Senhora Bonna , huma accção bem cruel o matar vinte e tres mil homens.

BONNA.

Como , menina , se os Israelitas merecião todos a morte , por terem promettido de observar a Lei do Senhor , que condemnava á morte todos os que adorassem os Idolos ? Ainda Deos foi muito compassivo de não castigar serão vinte e tres mil homens ; e eu creio que elle permittio que os filhos de Levi não matassem mais do que os que estivessem culpados. Prosegui , Carlotta.

CARLOTTA.

Murmurarão os filhos de Israel ainda contra o Senhor , dizendo : Para que deixámos o Egypto , onde tínhamos por pouco tão bons peixes , e onde comiamos tão bellas cebolas ? Já

estamos enfadados de não ver senão manná. Offendeo-se Moysés tanto da ingratição deste povo para com Deos, que elle pediu ao Senhor que lhe des-se a morte para não ver mais a sua maldade. Consolou-o Deos, e mandou aos Israelitas huma grande quantidade de codornizes. Ficárão elles logo muito contentes, e comêrão estas codornizes com cubiça; mas ainda elles as não tinham acabado de comer, quando Deos fez morrer hum grande numero. Teve Moysés ainda outra occasião de desgosto, rindo-se d'elle Arão, e sua irmã Maria, por ter por mulher huma Ethiope; mas tomou Deos a vingança por elle, e castigou a Maria, dando-lhe lepra, sem que della sarasse por espaço de sete dias, por mais que Moysés rogasse ao Senhor por ella. Mandou Moysés, passado isto, alguns espias ás terras, que Deos promettêra a Abrahão, e trouxerão estes de lá hum cacho de uvas tão grande, que erão precisos dous homens para

o trazer. Entre estes espias forão Caleb, e Josué, que exhortarão o povo a ir para esta terra tão excellente; porém os outros disserão: He verdade que he huma terra, onde corre leite, e mel; mas he habitada por homens mais fortes do que nós; havendo entre elles tambem Gigantes, que nos matarão, e a nossas mulheres, e filhos. Ouvindo isto os Israelitas, disserão: Para que nos tirarão do Egypto? Nomeemos hum Capitão, que para lá nos torne a levar; e vendo que Caleb, e Josué os reprehendião, quizerão matallos ás pedradas Prostrarão-se então por terrá Moysés, e Arão, pedindo perdão a Deos; mas o Senhor lhes respondeu: Este povo tem murmurado contra mim dez vezes, e por isso juro na minha indignação que ha de acabar neste deserto: demorar-se-ha ainda nelle quatro annos; e depois de estarem todos mortos, seus filhos entrarão na terra prometti-la com Caleb, e Josué, que acreditarão a mi-

nha palavra; porque os outros, que virão os milagres, que obrei por elles, e que de mim desconfião, deixarão os seus cadaveres neste deserto, ainda que o seu numero passa de seiscentos mil.

ESPIRITUOSA.

Na verdade, Senhora Bonna, os Israelitas me impacientão com as suas murmurações. Não erão elles assás insensatos em se exporem á cólera de Deos, de que conhecião o poder, e de adorarem a figura de hum bezerro, dizendo que este era o Deos, que os tinha tirado do Egypto?

BONNA.

E nós somos menos más, e menos cegas do que os Israelitas, menina, quando desobedecemos a Deos, e não cumprimos os seus Mandamentos? Pois, menina, vós bem sabeis que elle ha de castigar os más com o Inferno, e aquelles, que forem mentirosos, golosos, colericos, desobedientes a seus pais, e deshumanos para com os po-

bres, e os invejosos, que dizem mal do proximo, que se vingão de seus inimigos, e que se alegrão do mal, que lhes acontece. Nós, meninas, sabemos tudo isto, e não fazemos o menor excesso para nos emendarmos de nossos máos habitos, que attrahirão sobre nós a ira de Deos, e nos levarão ao Inferno. Façamos reflexão sobre isto, e não poupemos nada para desterrar os nossos vicios; e como já derão sete horas, não temos já hoje tempo para fallar da Geografia, o que ficará para começarmos a primeira lição.

DIALOGO XVI.

DECIMO QUARTO DIA.

BONNA.

Como prometti de começar pela Geografia, quero cumprir a minha palavra, fallando-vos hoje das Ilhas

Britanicas. São estas duas, como já se disse, huma grande, e outra pequena: contão-se na grande dous Reinos, que vem a ser, a Inglaterra ao Sul, e a Escocia ao Norte da Ilha. Divide-se a Inglaterra em quarenta Provincias, accrescentando doze, que estão no Principado de Galles, fazem cincoenta e duas. Londres he a Capital deste Reino, e fica junto ao Tamisa, na Provincia de Middlesex ao Sul de Inglaterra. Chamava-se este Reino nos primeiros tempos Albião, e os naturaes do paiz forão sujeitos no principio a huns póvos, chamados os Bretões. Passando Julio Cesar a Inglaterra, conquistou huma parte deste Reino, sem que os Romanos o senho-reassem totalmente, senão debaixo do Imperador Domiciano. Ainda que os Romanos fossem senhores de Inglaterra, sempre os nacionaes vivião, segundo as suas leis, e costumes, e conservavão mesmo muitos Reis, porque a Ilha comprehendia muitos Reinos, cu-

jos Principes reconheciam o poder Romano. Os Escocezes, que habitavam a Irlanda, ou a Hibernia, unindo-se aos Pictas, se ampararam da parte da Ilha, que fica ao Norte, e que se chama a Escocia; donde foram expulsos pelos Romanos, ainda que as revoluções do Imperio lhes deram o meio de se restabelecerem debaixo do mando de hum Principe, chamado Fergo. Desde esse tempo ficou havendo huma guerra quasi continua entre os Bretões, (chamando-se assim os povos desta Ilha) e os Escocezes, unidos com os Pictas; de sorte que para os Bretões se livrarem do furor destes, fizeram hum muro, que separava o seu territorio do de seus inimigos, de que ainda hoje se percebem os vestigios; o que não impedio que os Escocezes os não reduzissem á ultima necessidade. Virão-se pois constrangidos a chamar em seu soccorro os Anglo-Saxões, vindos da Ilha de Angelem; e estabelecidos então em Frisia, os quaes os defende-

rão no principio, e depois se fizeram seus senhores, refugiando-se alguns restos dos Bretões nas montanhas de Galles, onde adquirirão reputação de não poderem ser vencidos, retirando-se outros para a pequena Bretanha. Os Saxões, que tinham expulsado de Inglaterra os Bretões, forão expulsos alternativamente pelos Dinamarquezes, que ficarão pacíficos possuidores debaixo do reinado de Canuto; mas animando-se de novo os Inglezes, puzerão sobre o throno a Eduardo, que era descendente dos seus Reis. Depois da morte deste, Guilherme, Duque de Normandia, pertendendo ser seu herdeiro, se fez senhor de Inglaterra, e deo principio ao reinado dos Principes Normandos. Depois destes occuparão o throno os Duques de Anjou, chamados Plantagenetas; e passando depois o sceptro á casa dos Stuardos, está hoje na de Brunswick.

MARY.

Esta lição he muito difficil, Senhora Bonna.

BONNA.

Não ha dúvida, menina; mas deveis saber estas cousas, porque pertencem ao nosso paiz, e he muito vergonhoso o ignorar a historia, e a Geografia do seu continente; e para que possais melhor lembrar-vos della, tornará Sensata a repetir o que eu acabo de dizer, ou ao menos os nomes dos differentes senhores, que tem tido.

SENSATA.

Os Bretões forão os primeiros, que submettêrão os habitadores desta Ilha: os Romanos os sujeitárão; e em quanto estes estavam occupados com outras guerras, os Anglo-Saxões conquistárão este Reino. Forão elles abatidos pelos Dinamarquezes, e depois reinárão nesta Ilha os Principes Normandos: seguirão-se a estes os Plantagenetas, aos quaes succedêrão os Stuardos, e a estes os Principes da casa de Brunswick.

BONNA.

Maravilhosamente, menina: lembra-me que vos disse ter Canuto, Principe Dinamarquez, possuido a Coroa de Inglaterra: sabeis tambem alguma cousa a seu respeito, Sensata?

SENSATA.

Dai-me licença, Senhora Bonna, para contar a estas senhoras huma bella historia que me lembra.

Estando huma occasião Canuto junto á borda do mar com toda a sua Corte, os seus Cortezãos para o lisonjearem, como he costume, lhe disserão que elle era o Rei dos Reis, e o Senhor do mar, e da terra. Canuto, que era religioso, e tinha juizo perfeito, quiz zombar destes lisonjeiros, e mostrar-lhes que elle tinha bastante viveza para não ser o objecto dos seus discursos. Para executar este projecto, dobrou elle o seu capote, e se assentou em cima, e foi isto na occasião do fluxo do mar, isto he, no tempo, em que o mar sahe dos seus

limites, e entra pela terra. Assentando se pois Canuto, fallou assim ao mar: A terra, onde estou, he minha, e eu tambem sou teu senhor, e por isso te mando que fiques onde estás, e que não venhas molhar os meus pés. Todos os que ouvirão estas palavras julgarão que o Rei estava louco, e qbe imaginava que o mar lhe obedeceria. Crescia com tudo este cada vez mais, e chegou a molhar os pés do Monarca. Levantando-se então Canuto, disse aos lisonjeiros: Vedes como sou o senhor do mar? Aprendei agora quão limitado he o poder dos Reis, e que não ha outro Rei na realidade senão Deos, por quem o Ceo, a terra, e o mar são governados.

CARLOTTA.

E he certo, Senhora Bonna, que o mar sahe dos seus termos, ou do seu lugar?

BONNA.

Sim, menina, sahe do seu lugar, e torna para elle duas vezes cada dia,

sem nunca faltar; e sabe-se justamente a que hora sahe do seu lugar, e a que hora torna para o seu natural.

CARLOTTA.

Que admiravel he isso! E quem o faz sahir, e entrar.

BONNA.

A dizer a verdade, menina, não o sei muito bem; ainda que ouvi dizer a alguns sabios que he a Lua, que opprime o ar, que o ar comprimido opprime o mar, e o faz sahir por todos os lados.

MARY.

Eu não percebo nada disso.

BONNA.

Ora pois eu farei por vo-lo explicar. Olhai, menina, vedes esta bacia, que alli está cheia de agoa; pois supponde que he o mar, e que este pequeno prato, que eu tenho na mão, e que he menor do que a bacia, he o ar, que se sustem só sobre o mar. Supponde tambem que alguma cousa move este prato, e o obriga a tocar a agoa,

que está na bacia, e então verieis que apenas elle a toca, sahe por todos os lados da bacia: vede isto todas, meninas. *

MARY.

Agora percebo. Mas como póde a Lua, Senhora Bonna, opprimir o mar, não sendo senão huma grande luz?

BONNA.

Enganais-vos, menina: a Lua he huma terra como esta nossa; e como recebe os raios do Sol, por isso se vos mostra como huma grande luz.

MOLLY.

E isso he certo, Senhora Bonna, ou o dizeis vós para gracejardes comnosco? Pois eu vejo que a Lua he tão pequena, que está no ar, e anda; e sendo isto assim, como póde ella ser huma terra como a que nós habitamos?

BONNA.

Vós julgais tudo isso, porque os vossos olhos vos enganão, pois a Lua he muito grande. Nunca vistes o gallo, que está sobre a Igreja de S. Pau-

* Mette o prato na bacia.

lo? pois eu creio que vos ha de parecer tão pequeno como huma gallinha, ao mesmo tempo que elle he tão grande como hum carneiro. Olhemos agora por esta janella para o campo... Vedes aquelle homem lá ao longe? e não vos parece elle hum rapaz? e porque he isto, senão por estar distante? Quando as cousas se vem de longe, sempre parecem pequenas, e por isso a Lua, estando muito distante, engana a nossa vista por causa da sua distancia. Vós dizeis que a Lua está suspensa no ar, que anda, ou gira; porém sabeis vós que a terra, onde estamos, está tambem suspensa no ar, e que sempre gira?

ESPIRITUOSA.

Permitti-me, Senhora Bonna, que vos diga que quereis ver se nós somos tão crédulas, que acreditemos esses contos: eu sempre affirmo que a terra não gira, pois se girasse, haviamos de sentir.

BONNA.

Nunca estivestes dentro de hum batel?

ESPIRITUOSA.

Já, Senhora Bonna.

BONNA.

E não observastes que parece que o batel nunca se muda do mesmo lugar e que a terra, as arvores, e as casas são as que correm, e fogem?

ESPIRITUOSA.

Assim he, Senhora Bonna, mas eu ainda não tinha feito attenção, e agora vejo que quando vou ao campo em sege, me parece tambem que as arvores fogem.

BONNA.

Vós quereis dizer que credes velhas; porque a terra, as arvores, e as casas ficão no seu lugar, e a sege, e o batel he que se movem, e vos levão. Quando faz bom tempo ides vós assentada no batel socegradamente sem vos moverdes; e se elle fosse cuberto, e vos mettesem dentro ainda adorme-

cida, julgarieis estar na vossa camara. Do mesmo modo estais vós sobre a terra, e gira ella tão depressa, e tão igualmente, que vos leva consigo, sem que vós o percebais; e em quanto faz este giro, parece-vos que vedes correr o Sol que fica firme.

SENSATA.

He esta huma cousa bem singular; porém eu a percebo pouco.

BONNA

E eis-aqui o que faz o dia, e a noite; pois como a terra gasta vinte e quatro horas no seu giro; quando ella nos traz para onde vemos o Sol, he de dia; e quando nos leva para o outro lado, he de noite.

ESPIRITUOSA.

Eu cuidava que o Sol se escondia todas as noites no mar, e li isto nas metamorfoses.

BONNA.

O Sol, menina, luz sempre; mas quando elle se põe para nós, isto he, quando nós deixamos de o ver, nas-

ce, ou apparece aos povos da America, que o começam a ver da sua parte; e como os antigos não conheciam a America, e ignoravam que a terra he redonda, e habitada toda em roda, como eu vos vou mostrar com hum globo, por isso corria essa opinião, que vós dizeis.

ESPIRITUOSA.

Então, Senhora Bonna, os que vivem debaixo deste globo andão com os pés para cima, e a cabeça para baixo; e se este globo se furasse, encontrar-se-hião os seus pés com os nossos.

BONNA.

Assim he: os nossos pés, e os seus se encontrarião; mas isto não faz que elles não tenham, como nós, os pés sobre a terra, e a cabeça virada para o Ceo; pois a terra não he senão humma pequena bóla, da grandeza de humma nóz; encerrada em humma grande bóla, como esta camara, que he o Ceo. Supponde agora que esta pequena bo-

la se sustenta no ar, e que está humia mosca em cima, e outra por baixo, não he certo que estas duas moscas tem a cabeça virada para a grande bóla, que he o Ceo? A terra pois está cercada pelo Ceo, como a gemma de hum ovo está rodeada da clara do mesmo ovo ficando esta clara representando o ar, e a casca do ovo o Ceo. Percebeis já isto, meninas?

MOLLY.

Huma maravilha, Senhora Bonna; e só acho huma cousa, que me põe em dúvida, e he não saber como a pequena bóla se sustem só no meio da grande?

BONNA.

E como se sustenta a gemma do ovo só no meio do mesmo, sem se misturar com a clara, que a cerca, parecendo ainda mais pezada? Os sabios, minhas filhas, tem dito muitas cousas para provarem os meios, de que Deos se serve para firmar assim a terra no ar; mas nem eu, nem

vós somos habeis para os entender bem, e basta-nos saber que Deos assim o quiz; e que ella está muito segura. Ninguem póde duvidar disto; porque muitos viajantes tem dado huma volta ao Mundo, o que prova que elle está no ar. Basta por ora de Fysica, porque a Senhora Espirituosa quer contar-nos huma grande historia, que eu lhe disse antes de hontem.

ESPIRITUOSA.

Houve n'outro tempo hum homem, que, indo passear ao campo, vio hum carvalho, (o qual, sendo huma grande arvore, produz hum pequeno fruto, chamado bolota, e que não he maior do que o dedo pollegar), e reparou ao mesmo tempo em huma planta bem pequena, e rente da terra, que tinha abobaras quatro vezes maiores do que a sua cabeça. Admirado disto, disse elle consigo: Parece-me que se estivesse no lugar de Deos, teria ordenado melhor estas cousas; pois faria nascer a abobara desta grande ar-

vore , e a bolota deste pequeno ramo. No tempo que este homem assim discorria , veio-lhe grande appetite de dormir ; e como fazia o Sol , se deitou debaixo de hum carvalho para estar á sombra. Levantou-se vento , quando estava dormindo , e derrubou huma bolota , que , cahindo-lhe sobre o nariz , o acordou. Levantou-se então este homem , dizendo : Confesso que sou hum louco , e que Deos tem razão de ordenar as cousas como estão : que seria de mim se a abobara estivesse preza ao carvalho ? ter-me-hia esmagado a cabeça , se cahisse como a bolota. Desde então ficou este homem mais prudente , contentando-se de admirar a sabedoria , com que Deos ordenára o Universo , e nunca mais teve que dizer das cousas , que não estavam feitas , segundo as suas poucas luzes.

SENSATA.

Parece-me que teria muito gosto em aprender fysica : as pessoas , que a sabem , não podem enfadar-se , ain-

da que não tenham outra occupação do que a de admirar as obras de Deos.

BONNA.

Dizeis bem , menina : eu mesma tenho intento de estudar esta bella sciencia ; e depois que vós souberdes as mais cousas, que deveis saber, eu vos ensinarei tudo o que souber : mas he preciso primeiro saber a historia : vejamos se Mary se lembra da sua

MARY.

Tres Israelitas , chamados Coré , Dathan , e Abirão , se conspirarão contra Moysés , e metterão duzentos e cincoenta homens na sua sedição. Tinhaõ-se elles offendido , e apaixonado de que só Arão , e seus filhos tivessem liberdade de offerecer o incenso ao Senhor , sem se lembrarem que o mesmo Deos fora quem assim o tinha disposto. Fizerão por isso grandes ameaças, e reprehendêrão asperamente a Moysés ; mas este , por ordem do Senhor , disse a estes homens : Tome cada hum de vós hum thuribu-

lo com perfumes, e então Deos mostrará aquelles que elle escolheo. Mandou tambem Moysés tomar outro thuribulo a Arão, e depois, por determinação de Deos, disse ao povo: Separai-vos de Coré, Dathan, e Abirão, receando que Deos nos castigue com elles; e querendo depois fazer hum discurso ao povo, disse: Se estes homens, que não querem obedecer ao Senhor, morrerem de huma morte natural, crede que eu sou hum impostor, e que Deos me não mandou para vos resgatar; mas se a terra se abrir debaixo delles, e cahirem vivos no abysmo, conhecei então que eu vos fallo da parte do Senhor. Acabando Moysés de proferir estas palavras, se dividio a terra em duas; e tragou a Coré, Dathan, e Abirão, com toda a sua familia; e forão tambem abrazados, por ordem de Deos, os duzentos e cincoenta homens, que pegarão nos thuribulos. Depois deste successo mandou Deos a Moysés que des-

tes thuribulos fizesse humas placas, com que se ornasse o Altar, para que, diz o Senhor, os filhos de Israel se lembrem que nenhum dos que não forem da descendencia de Arão deve chegar ao Altar para offerecer incenso a Deos. Isto não obstante, sempre os Israelitas murmurarão de Moysés, e Arão, por terem causado a morte daquellas pessoas; e irritarão estas murmurações de tal sorte ao Senhor, que disse a Moysés, e a Arão: Separai-vos deste povo, pois quero acaballo. Disse então Moysés a seu Irmão: Lançai brevemente incenso no vosso thuribulo, e mettei-vos no meio do povo para aplacar a ira de Deos: Obedeceo-lhe Arão; e pondo-se entre os vivos, e aquelles, a quem Deos tinha tirado a vida, aplacou a sua cólera; e o Senhor nesta ultima occasião fez perecer quatorze mil e setecentos em castigo das suas murmurações.

CARLOTTA

Ah! como he terrivel esta histe-

ria ! Treme-me todo o corpo , Senhora Bonna ; e devemos muito a Deos de nos não mandar semelhantes castigos , com os quaes eu morreria de susto.

BONNA.

Deos he ainda tão justo , e tão inimigo dos máos , meninas , como o era naquelle tempo ; e se aquelles , que desobedecem aos seus Mandamentos , não são sepultados vivos no Inferno , he certo que o serão depois de mortos : o que deve imprimir nas nossas almas o aborrecimento da culpa , e o temor de Deos. Nós não devemos temer senão a Deos , e o peccado , segundo as palavras de Christo : *Não temais aquelles , que não podem fazer mais que tirar a vida ; mas temeí aquelle , que póde perder o corpo , e a alma , e precipitallos no Inferno.*

MARY.

Mas , Senhora Bonna , porque se diz que Deos he tão bom , se elle castiga tão rigorosamente os máos ?

BONNA.

He porque elle he tambem muito justo. Deos, meninas, mostrou a sua bondade aos homens, dando-lhes auxilios para obrar bem, e remorsos de consciencia, quando obrão mal: dá-lhes muito tempo para se arrependem, e emendarem; e se elles recusão fazello, e querem absolutamente ser máos, pede a sua justiça que necessariamente os castigue. O Rei tambem he bom, e consente sempre na morte dos máos; e sería elle proprio injusto, se perdoasse todos os crimes, porque então ninguem ousaria vir á rua, temendo ser assaltado; e os pobres matarião os ricos para possuirem o seu dinheiro. Aquelles, que tivessem recebido o mais leve desgosto, matarião os seus contrarios; serão os homens obrigados a ir viver em as brenhas com as feras, sendo o Rei causa de todos estes insultos pela sua fingida bondade.

CARLOTTA.

Seguro-vos, Senhora Bonna, que inteiramente me quero emendar, e não tenho sido má até agora, senão porque não reflectia nestas cousas; já tinha lido a Escritura Santa, mas não fazia attenção sobre ella; porque considerando-se bem nella, he preciso que qualquer seja muito louco para se expôr á cólera de Deos.

BONNA.

Vede, menina, quanto elle vos ama; inspirando-vos esses bons pensamentos: e justas resoluções, e não se-reis vós bem reprehensivel; se vos esquecerdes dellas? Vamos, Molly, di-zei a vossa lição.

MOLLY.

Querendo Deos mostrar aos Israelitas: que tinha escolhido Arão para ser seu Sacerdote, mandou dizer ao povo; por boca de Moysés, que os chefes de todas as Tribus de Israel trouxessem cada hum sua vara á sua presença. Obedecêrão elles, e ao ou-

tro dia achou-se a vara de Arão com flores, renovos, e amendoas: e fallando então Deos, disse: Tenho escolhido Arão, e a sua familia, para que sejam meus Sacerdotes. Nenhum outro poderá offerecer-me o incenso; e tambem lhe dou os filhos de Levi, para que cuidem nas cousas, que me forem consagradas: sustentar-se-hão elles das cousas, que me offerecerem, e terão a decima parte dos animaes, e frutos da terra. Forão depois disto os filhos de Israel para hum lugar, onde não havia agoa, e tornarão ainda a murmurar. Prostrárão se Moysés, e Arão diante do Senhor, o qual disse a Moysés: Toma a tua vara, e falla com teu irmão áquelle rochedo na presença de todo o povo, e manda-lhe que te dê agoa, que logo ta dará. Ajuntárão elles o povo, mas não obedecêrão estreitamente ao preceito do Senhor, por ferirem o rochedo duas vezes com a vara, em lugar de lhe fallarem. Pelo que, disse

Deos a Moysés, e a Arão: Já que não acreditastes a minha palavra, morrereis ambos antes de entrar na terra promettida; e depois mandou a Moysés, que subisse ao monte com seu irmão, e Eleazar, seu sobrinho, filho de Arão, e mandou tambem a este que tirasse os vestidos de Grande Sacerdote, e que os dêsse a seu filho, por estar chegada a sua morte. Obedeceu Arão a Deos, e morreo dalli a pouco. Murmurarão outra vez os Israelitas contra Deos.; e este para os castigar, mandou contra elles serpentes de fogo; mas vendo o Senhor que o povo se arrependia, disse a Moysés que fizesse huma serpente de bronze, e a levantasse ao ar, para que todos aquelles, que tivessem sido mordidos, olhando para aquella serpente, ficassem logo sãos. Os Israelitas com tudo pedirão aos Reis vizinhos licença para passarem pelas suas terras, promettendo de lhes não causarem alguma violencia, e de pagarem até

a agoa que bebessem ; e não querendo elles conceder-lhes esta permissão , disse Deos aos Israelitas: Combatei-os , e com o meu auxilio serão vencidos ; o que elles observarão , e alcançarão grandes victorias.

MARY.

Aqui temos , Senhora Bonna , que Moysés , nem Arão erão máos , e Deos os castigou bem severamente , e isto por bem pouco. Pois que mal fizeram elles em ferirem o rochedo ?

BONNA.

Commettêrão na realidade hum grande crime , por desconfiarem do poder de Deos , que lhes tinha dito , que mandassem á pedra , que lhes des-se agoa ; e elles em lugar de lhe obedecerem , disserão entre si: Se mandamos á pedra que nos dê agoa , não a teremos , e por isso he melhor ferrilla , como fizemos outra vez , e então ella virá. Confesso que esta culpa não foi tão grande , como a de adorar hum bezerro de ouro ; mas Deos

castiga o peccado, qualquer que seja ; e a differença , que elle faz , he , que os máos , que peccão por malicia , são castigados na outra vida com o Inferno ; e os bons , que peccão por fragilidade , e que se arrependem de ter peccado , castiga-os o Senhor nesta vida com enfermidades , pela perda de seus pais , e amigos. Obra Deos nisto como hum bom Pai , que para corrigir seus filhos ou os açoitá , ou lhes dá outros castigos maiores.

ESPIRITUOSA.

Logo , ainda que qualquer fique pobre , cégo , ou lhe venhão outras infelicidades , não he porque Deos esteja contra elle?

BONNA.

Quando Deos permittie as infelicidades aos máos , he para os castigar , e ao mesmo tempo para ver se os emenda , por nos lembrarmos mais de Deos , quando estamos afflictos. Nesta occasião diz Deos ao coração dos máos : Vede o que adquiris por

me desobedecer: eu posso fazer-vos infelices, tirando-vos quanto possuís, e estimais. Pedi pois soccorro ao vosso dinheiro, que vós preferis ao meu amor; a vossos amigos, a quem desejais antes agradar do que a mim: nenhum destes póde impedir que eu vos castigue; e se conheceis isto, deixai as creaturas, e convertei-vos a mim, que sou o vosso Deus; e ainda que vós sejais máos filhos, eu sou hum bom Pai, e não posso fazer mais do que perdoar-vos, se vós vos converterdes. Se eu bato á vossa porta, abrima: o infortunio, que vos aconteceu, e que vós julgais tão grande, não he nada em comparação dos castigos, que soffrereis na outra vida, se vos não emendardes. Compadecei-vos de vós mesmos: renunciái o peccado, e os vossos máos habitos: fazei-vos humildes, e caritativos: sede devotos, e justos para com os outros. Vede que vos aviso, e vos dou tempo para vos emendardes: aproveitar-vos d'elle, pois

talvez que daqui a pouco não tendes hum só instante, e então já me não achareis hum Pai amoroso, mas hum Juiz terrivel. Vós chorais, Carlotta?

CARLOTTA.

Sim, Senhora Bonna, por ver que Deos me tem dito isso muitas vezes, sem que eu lhe tenha dado attenção; e posso segurar-vos, que nunca commetti alguma culpa, sem experimentar o castigo no dia seguinte por alguma amofinação.

BONNA.

He sinal que Deos vos ama: não endureçais pois o vosso coração; porque depois de ter sido tão bom para vós, tornar-se-ha hum Juiz severo. Lembra-me que Espirituosa me perguntou ha pouco, se he sinal que Deos está offendido contra huma creatura, quando lhe manda infelicidades: ao que eu respondi que elle as dava aos máos para os converter; e agora digo que tambem as manda aos bons, para que se corrião, e para castigo das culpas

leves , em que cahem , e algumas vezes tambem para experimentar a sua virtude , e dar-lhe occasião para serem melhores. Quando qualquer tem tudo o que appetece , he facil esquecer-se de Deos ; e por isso vos disse , meninas , que o Senhor nos dava os infortunios ; porque quando alguem está em afflicção , e vê que as creaturas o não podem soccorrer , então recorre a Deos. Lembro-me que quando era pequena tinha hum Mestre de escrever bem máo , pois sempre me reprehendia , ainda que eu me applicasse com todo o cuidado. Este Mestre era o flagello , de que Deos se servia para castigar as minhas faltas : e quando eu não sabia a lição , dizia comigo mesma : Hoje serei bem reprehendida pelo Senhor Jorge , que assim se chamava o Mestre , e então me punha a rogar a Deos de todo o meu coração , que suavisasse o animo deste terrivel homem. Ouvia Deos algumas vezes a minha súplica ; mas pela maior parte eu era

castigada por escrever tudo mal. Queixava-se o Mestre disto a minha mãe; a qual em castigo me deixava fechada em casa, em quanto ella, e minhas irmãs hião passear.

SENSATA.

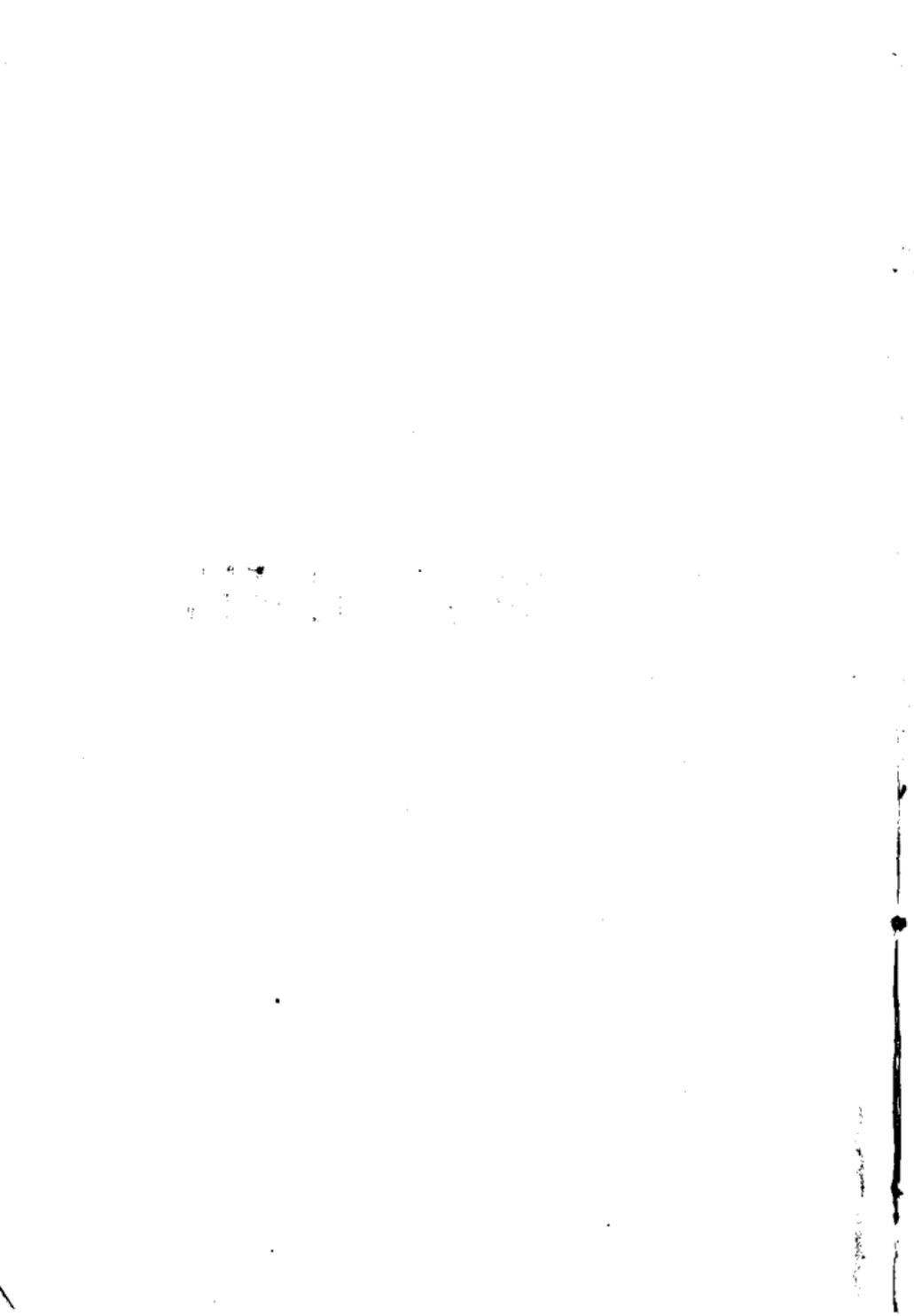
E que fazieis então, Senhora Bonna?

BONNA.

Humas vezes chorava como louca, e outras tambem offerecia a Deos esta mortificação; lembrando-me que se estava innocente por escrever mal, estava culpada em outra qualquer cousa, que minha mãe ignorava, pela qual me castigaria, se a soubesse. He já muito tarde, Carlotta, e ainda que não tenhais repetido a lição de historia, ficará para a primeira occasião.

FIM DA PARTE II.

THE SOURO DE MENINAS.



THEOURO DE MENINAS,

OU

DIALOGOS ENTRE UMA SABIA AIA E SUAS DISCIPULAS.

Nos quaes reflectem e fallão, as meninas, segundo o genio, temperamento, e inclinações de cada uma; e representando-se os defeitos da sua idade, se mostra de que modo se podem emendar. Comprehen-de tambem esta obra um compendio da Historia Sagrada, da Fabula, e da Geographia, e alguns Contos moraes, para entreter as meninas agradavelmente, sendo tudo escrito em estilo simples, e proporcionado aos seus tenros annos.

COMPOSTO NA LINGUA FRANCEZA

POR

MADAME LEPRINCE DE BEAUMONT,

E

TRADUZIDO NA PORTUGUEZA

POR

JOAQUIM IGNACIO DE FRIAS.

Nova Impressão, adornada com Estampas, e muito melhorada.

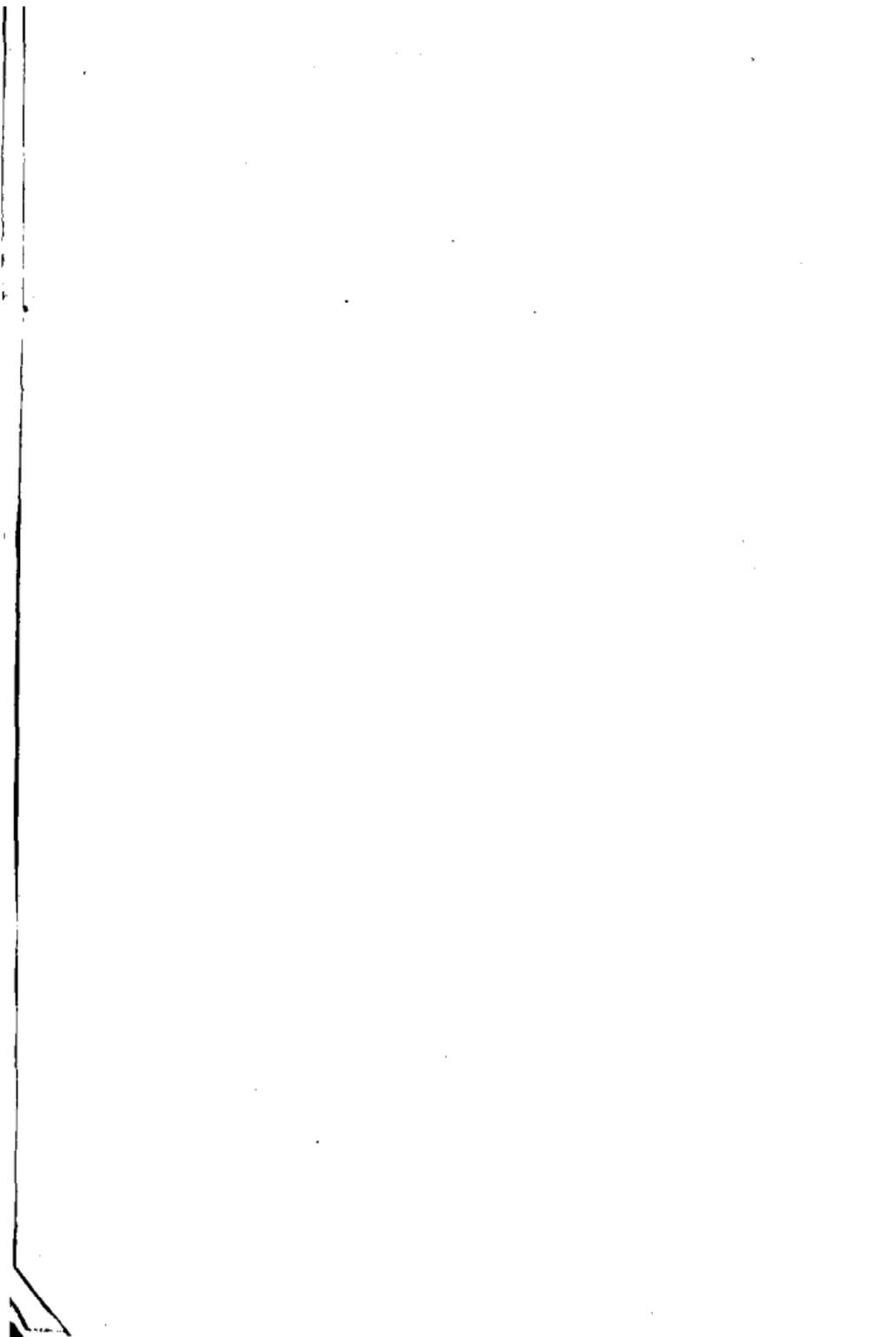
TOMO II.

LISBOA, 1846.

NA TYP. DE JOSÉ BAPTISTA MORANDO.

Rua do Moinho de Vento N.º 59.

Vende-se na Loja da Viuva Bertrand, e Filhos, junto á Igreja de Nossa Senhora dos Martyres, N.º 45.





THESOURO
DE
MENINAS.



PARTE III.

DIALOGO XVII.

DECIMO QUINTO DIA.

BONNA.

COMO prometti a Carlota de começarmos pela sua lição de Historia, vamos, se vos agrada, ouvilla.

CARLOTA.

Havia naquelle tempo um Rei dos Moabitas chamado Balac, o qual sabendo que os Israelitas tinham vencido os outros povos, que se haviam opposto á sua passagem, temeo-se muito disto, e mandou buscar um Profeta chamado Balaão, para este os amaldiçoar. Vindo já Ba-

lão no caminho, o Anjo do Senhor lhe impedio a passagem. Não via Balaão o Anjo: porém a burra em que vinha montado o via, e tinha medo da espada que o Anjo trazia na mão. Picava Balaão a sua jumenta, para a fazer ir para diante; mas esta se lançou por terra, com o que se irou muito Balaão, e principiou a dar-lhe com um pão. Permittio Deos então que a jumenta fallasse, a qual disse a Balaão: Porque me dás? Não te tenho servido bem toda a minha vida? Não vês o que me embaraça a passagem? Ficou Balaão muito attonito de ouvir fallar a jumenta, e muito mais quando vio o Anjo, que lhe dizia: Se esta pobre besta fosse para diante, ter-te-hia eu morto: continúa com tudo o teu caminho, pois não farás senão o que fôr do agrado de Deos. Chegando Balaão á presença do Rei, lhe disse este: Peço-vos que amaldiçoeis os Israelitas. Respondeo-lhe elle: Para que hei de eu amaldiçoar esse povo? A minha maldição seria inutil, pois que Deos o tem abençoado. Isto não obstante, sempre o Rei conduzio Balaão a tres diversos sitios para os amaldiçoar; mas o Profeta, em lugar de lhe obedecer, abençoou o povo de Israel. Vendo isto Balac, disse ao Profeta: Não te mandei vir para que abençoasses este povo; e já que tu tens feito o contrario do que eu que-

ria, ficarás sem as honras, e riquezas, que te tinha destinado. Balaão, sendo mal inclinado, disse ao Rei: Se puderdes obrigar os Israelitas a commetter algum peccado, estai certo que Deos os amaldiçoará: e para isso não tendes mais que mandar ao seu campo as mais bellas mulheres que houver entre vós, porque elles se agradarão dellas, e as tomarão para si, no que commetterão uma grande culpa, por lhes ter Deos prohibido de casarem com mulheres estrangeiras. Abraçou Balac este máo conselho; e os Israelitas esquecendo-se do preceito do Senhor, receberão estas mulheres, que lhes fizerão adorar os seus idolos. Ordenou por isso Deos a Moysés, que fizesse enforcar todos os cabeças de familia, e o Senhor mesmo castigava os culpados, de sorte que morrerão vinte e quatro mil. Não obstante tudo isto, ainda houve um homem tão atrevido, que trouxe para a sua tenda uma mulher Madianita; mas Fineas, filho do Grão Sacerdote Eleazar, transportado de uma santa indignação contra este homem, que zombava de Deos, tomou a sua espada, e os matou a ambos: e foi esta acção de justiça tão agradavel a Deos, que perdoou aos outros culpados, e mandou ao mesmo tempo ao povo que destruísse todos os Madianitas, porque os tinham feito commetter aquelle peccado.

ESPIRITUOSA.

O destruir todo um povo era uma acção bem cruel; pois talvez que não consentissem todos no que se tinha obrado.

BONNA.

Deos, meninas, nunca manda senão o que é justo; e mandou destruir não só esta nação, mas todas as mais que habitavão a terra promettida, por serem extremamente viciosas, e não se terem aproveitado do tempo que lhes tinha dado para se emendarem. De tudo se serve Deos para castigar aquelles que não querem converter-se. No tempo de Noé se servio do diluvio; no de Abrahão, do fogo que fez cahir do Ceo, para castigar Sodoma e Gomorra; e neste tempo, de que fallamos, se servio da espada dos Israelitas. Em outras occasiões empregou elle a peste, a fome, a mortandade dos animaes, as inundações, os terremotos; e como é todo poderoso, os elementos estão sempre promptos para lhe obedecer, castigando os peccadores, os quaes, se não implorão a sua misericordia, devem experimentar a sua justiça. Dizei-nos tambem a vossa lição, Molly.

MARY.

Desejava, senhora Bonna, saber primeiro, o que quer dizer elementos?

BONNA.

Ha quatro elementos, sem os quaes o homem não poderia viver; são Terra, Agua, Ar, e Fogo.

MARY.

Se algum vivesse em parte onde não fizesse frio, poderia passar sem fogo, sustentando-se com leite, e frutas.

BONNA.

O fogo, que se chama elemento, não é sómente o fogo de que usamos para nos aquecer, mas sim o sol, que aquece toda a natureza, e que faz crescer as hervas, e as plantas; e sendo assim, bem vêdes que os homens não podem viver sem elle. Adverti porém, meninas, que quando eu digo, que este fogo é o sol, não quero affirmar, que os Filósofos não tenham outro fogo elementar; mas eu não tenho disto tanto conhecimento, que possa fallar-vos neste ponto.

MOLLY.

Tenho sido bem ignorante até aqui: nunca me pareceo que o sol fosse fogo, ainda que sentisse o seu calor. Mas dizei-me, se vos não é penoso: porque é o sol mais quente no estio, do que no inverno? Será talvez porque no estio estamos mais perto delle?

BONNA.

Ao contrario, menina: no estio estamos mais afastados do sol, do que no inverno; mas elle

aquece mais no estio, porque nos dá então direito sobre a cabeça; e no inverno só nos dá de lado. Eu vos explico isto por um exemplo, Ponde a vossa mão rectamente sobre uma véla acceza, sem a chegar muito perto, para vos não queimardes: tendo assim a mão, digo que está posta perpendicularmente sobre a luz, isto é, que está directa sobre ella: e notai que vos vêdes obrigada a tella muito distante. Ponde agora a mesma mão ao lado da luz; estando assim, digo que a tendes obliquamente, isto é, de lado: notai outra vez, que podeis ter a mão muito mais perto da luz, estando de lado, do que sobre a mesma, e que o calor, que vos fere a mão de lado, é menos intenso do que aquelle que lhe dá directo: e eis-aqui tendes a differença do inverno, e do estio.

CARLOTA.

Desejava bem que todo o anno fosse estio, porque então os dias são maiores, mais agradaveis, e convidão ao passeio; e se não, dissei-me, de que serve o inverno, pois que em quanto dura nada cresce na terra?

BONNA.

Mas tambem se não houvesse inverno, não daria a terra nada no verão. Deos, meninas, tem de tal sorte ordenado o Mundo, que nem uma só cousa ha que seja inutil; e se as cousas, que

elle tem regulado, se desordenassem, acabariamos todos. Nenhuma de vós vio ainda trigo?

CARLOTA.

Sim, senhora Bonna: eu o vi quando fui ao campo.

BONNA.

Bem está, meninas: ora examinemos como este trigo se cria. Lança-se o grão á terra, e faz-se isto antes do inverno, e que venhão as chuvas que não faltão nesta estação. Amollece o grão do trigo então, e nasce delle uma pequena felpa de herva, que não cresce muito no princípio, pelo frio do inverno, que a arreiga na terra, e lhe impede a crecença para ter tempo de engrossar. Se logo depois do inverno viesse o estio, seccar-se-hia de repente esta herva, e não poderia crescer. Que faz então Deos? manda a primavera, que não é nem quente nem fria, entre o inverno e o verão, para que neste tempo a herva, que em si inclue o trigo, cresça á sua discrição. Formão-se no cimo desta herva quantidade de pequenos casulos, e em cada um destes um grão de trigo, que engrossa pouco a pouco, até que chega á sua medida, e veem as grandes calmas, que o amadurão, e lhe mudão a côr verde em loura. Cada grão destes se cobre de uma casca, ou pelle loura, como acabo de dizer, e é duro; mas acha-se debaixo desta

pelle uma pequena cousa branca como a neve, a que chamão miolo, o qual se mette entre duas pedras para se reduzir a pó, e este é a farinha, de que se faz o pão.

ESPIRITUOSA.

Tenho até agora comido pão sem saber como se produzia, e sem cuidar em todas essas precauções, que Deos tem tomado para mo dar: o certo é, senhora Bonna, que isto é bem admiravel. Eu vos prometto que este verão, quando estiver no campo, eu examine todas essas maravilhas, que não poderão deixar de divertir-me muito.

BONNA.

Parece-me que isto vos deve causar outro effeito do que o divertir-vos, menina.

ESPIRITUOSA.

Pois qual, senhora Bonna?

BONNA.

Não admirareis vós a sabedoria de Deos, que tem regulado todas as estações exactamente como devem ser, para criar este trigo? Não louvareis a sua bondade, que fez tudo isto para os homens? Não agradecereis a este bom Pai, vendo o grande numero de homens, que trabalham como brutos ao sol, e á chuva? e não direis comvosco: Quão grande é a providencia de Deos, permittindo que haja ricos, e pobres; pois sem

estes, se eu quizesse pão, seria preciso que trabalhasse como elles! Vós considerareis tambem então, que esta pobre gente tem bem trabalho para vos sustentar; e que obrarieis muito mal se os maltratasseis, e se os desprezasseis por serem pobres.

SENSATA.

Eis-aqui tendes descoberto, senhora Bonna, bastante materia para qualquer se occupar, e aproveitar o tempo no campo. Tomára que algumas senhoras, que eu conheço, assistissem á nossa lição, pois como ellas dizem que se enfadão de estar sós, vós lhes ensinariais a viver occupadas muitas semanas.

BONNA.

Oh! eu vos affirmo, meninas, que ha de que entreter-se toda a vida, querendo-se examinar todas as obras, com que Deos enriqueceo a natureza... Abre-se-vos a bôca, Mary? tem sido para vós a lição bem séria; mas para vos despertar, tenho desejo de vos dizer um conto.

MARY.

Estai certa que eu não me enfado do que se trata; e hei de tambem examinar o trigo, quando nascer; porém se nos quereis dizer um conto, confesso-vos que terei nisso muito gosto.

BONNA.

Eu entro já com elle, menina. Houve n'ou-

tro tempo um homem, e uma mulher, pessoas poderosas, os quaes sendo casados havia annos, não tinham filhos, unico bem, que elles julgavão que lhes faltava para serem felizes, por serem ricos, e estimados de todos. Vierão estes em fim a ter uma filha, a cujo baptismo concorrêrão todas as magicas que havia nas visinhanças, para a dotarem cada uma com seu dom. Uma destas disse que ella seria formosa como um Anjo; outra, que ella seria um assombro na dança; a terceira disse, que nunca estaria doente; e a quarta, que teria muita esperteza. Estava a mãe bem contente com as graças, que davão a sua filha: ser bella, espirituosa, lograr boa saude, e ser prendada! que melhores cousas podião dar a esta menina, cujo nome era *Linda*? Puzerão-se depois á meza para se saborearem; e quando estavam já no meio da cêa, vierão dizer ao pai de Linda, que a Rainha das magicas passava por alli, e queria entrar. Todas as fadas se erguêrão para receberem a sua Rainha; porém ella lhes mostrou um rosto tão severo, que as fez tremer a todas. Minhas irmans, (disse ella, tanto que se assentou) assim é que empregais o poder que tendes recebido do Ceo? Nenhuma de vós se lembrou de dotar Linda com um bom coração, e inclinações virtuosas! Mas eu remedeio o mal que lhe tendes feito: con-

demno-a a que seja muda até á idade de vinte annos; e prouvera a Deos que eu pudesse tirar-lhe inteiramente o uso da lingua. Dito isto, desappareceu a magica, deixando os pais de Linda na maior consternação, por não conceberem cousa mais triste do que ter uma filha muda. Fazia-se com tudo Linda cada vez mais agradavel: tanto que teve dous annos, esforçava-se por fallar; e percebião, pelos seus gestos, que ella entendia tudo o que lhe dizião, e que tinha grande desejo de responder. Derão-lhe toda a sorte de mestres, e tudo aprendia com uma promptidão admiravel: tinha tanta viveza, que se fazia perceber por gestos, e dava conta a sua mãe de tudo o que via, ou ouvia. Admiravão-se disto no principio; mas o pai, que era homem de juizo, disse a sua mulher: Amiga, deixais tomar um máo habito a Linda; sabei que é uma pequena espia. Que necessidade temos nós de saber o que se passa na cidade? Ninguém desconfia della, por ser uma creança, e por saberem que não póde fallar, ao mesmo tempo que ella vos dá a saber tudo o que ouve: é preciso emendalla deste defeito, pois não ha cousa mais vil do que ser mexeriqueira.

A mãe, que adorava a Linda, e era naturalmente curiosa, disse a seu marido, que elle não queria bem áquella pobre menina, por ter o de-

feito da falla ; que ella era já muito infeliz pela sua enfermidade, e que por isso não podia resolver-se a fazella mais miseravel, contrafazendo-a. O marido, não se agradando destas más razões, chamou á parte a Linda, e lhe disse : Minha filha, tu me affliges : a boa magica, que te fez muda, tinha sem dávida previsto que viarias a ser uma mexeriqueira. Mas que importa que tu não possas fallar, se te fazes perceber por acções ? Se te não emendares, sabe que virás a ser aborrecida de todos ; fugirão de ti como da peste ; e com razão, porque causarás mais damno do que esta horrorosa doença. Um mexeriqueiro enreda todo o mundo, e causa males espantosos. Eu, por mim, se tu não has de ter emenda, desejaria cordialmente que fosses tambem cega, e surda. Não era Linda naturalmente má, e só por imprudencia é que descobria o que tinha visto, e por isso prometteo por um gesto, que se emendaria. Ficou ella com esta tenção ; porém passados dous, ou tres dias, ouvindo uma senhora, que murmurava de uma de suas amigas, como já então sabia escrever, pôz em um papel tudo o que tinha ouvido. Escreveo esta conversação tanto ao vivo, que sua mãe não pôde deixar de rir do que nella havia de jocoso, e de admirar o estylo de sua filha. Era Linda tambem vaidosa ; e por isso fi-

cou tão ufana com os louvores que sua mãe lhe deu, que escrevia tudo o que presenciava, ou ouvia. Veio a acontecer-lhe o que seu pai lhe tinha predicto, fazendo-se aborrecida de todos: escondião-se della, fallavão baixo, quando ella apparecia, e receavão de ir ás assembléas aonde era convidada. Para maior desgraça, morreo-lhe seu pai quando ella apenas tinha doze annos; e como ficou sem ter quem a reprehendesse do seu defeito, adquirio um tal habito de mexericar, que já o fazia sem querer. Passava todo o dia a espreitar os criados, que não a podião ver; e se por acaso estava no jardim, fazia apparencia de dormir, para ouvir os discursos de quem passeava nelle; mas como muitas vezes fallavão varias pessoas ao mesmo tempo, e ella não podia comprehender bem tudo o que dizião, punha na bôca de uns o que outros tinham dito: escrevia o principio de um discurso, sem lhe ouvir o fim, e o fim sem saber o principio. Não passava semana, em que não houvesse trinta enredos, ou disputas na cidade; e quando se vinha a indagar donde nascião estas contendas, descobria-se que provinhão dos mexericos de Linda. Foi causa tambem de sua mãe se desgostar com todas as suas amigas; e durou isto até ao dia em que ella completou vinte annos, o qual ella esperava com grande impacien-

cia, para fallar muito á sua vontade. Chegou em fim esse dia; e apresentando-se-lhe a Rainha das fadas, lhe disse esta: Linda, primeiro que vos restituia o uso da falla, de que certamente abusareis, quero mostrar-vos todos os damnos, que causastes por vossos mexericos. E logo apresentando-lhe um espelho, vio nelle um homem com tres meninos pedindo esmola.

Eu não conheço este homem (disse Linda, pela primeira vez que fallava): que mal lhe fiz eu? Este homem era um mercador rico (lhe respondeo a fada): tinha no seu armazem muita fazenda, porém não tinha dinheiro em especie. Veio tomar de emprestimo a vosso pai uma quantia, para pagar uma letra de cambio: puzestes-vos vós a escutar á porta do gabinete, e déstes a conhecer a muitas pessoas, a quem elle devia dinheiro, a sua situação: isto lhe fez perder o crédito; porque, querendo os crédores pagar-se, e tomando a si a Justiça este negocio, chegou o pobre homem, e seus filhos ao estado de pedirem esmola já vai em nove annos. Ai de mim, senhora, (disse Linda) estou na ultima afflicção, por ter commettido um tal crime; porém eu tenho bens, e quero reparar o damno que fiz a esse homem, restituindo-lhe o cabedal, que lhe fiz perder pela minha imprudencia.

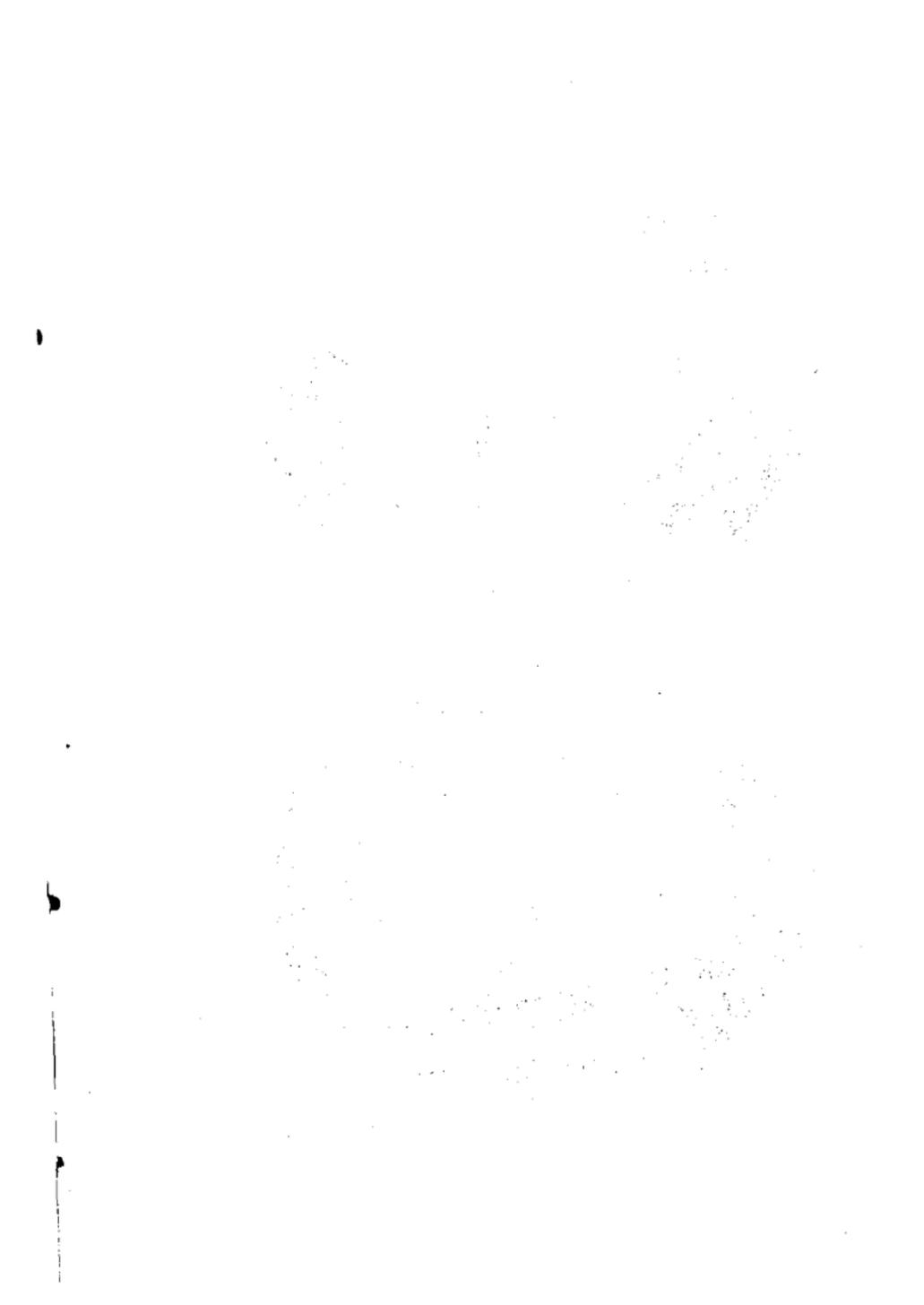
Depois disto vio Linda uma bella mulher encerrada em um quarto, cujas janellas estavam tomadas com grades de ferro. Estava ella deitada sobre a palha, tendo a um lado uma quarta com agua, e um pedaço de pão : os seus longos cabellos pretos cahião-lhe sobre os hombros, e tinha o resto banhado em lagrimas. Ah desgraçada ! (disse Linda) eu conheço esta senhora : ha dous annos que seu irmão a levou para França, d'onde mandou dizer que era morta. E é possível que eu seja a causa da triste situação desta senhora ? Sim, Linda ; (respondeo a fada) mas o que é ainda peor, é que sois tambem a causa da morte de um homem, que o irmão desta mesma senhora matou. Lembra-vos que, estando uma tarde no jardim, fingistes que dormieis, para ouvir o que ambos dizião ? Cuidastes então perceber pela sua conversação, que ambos se amavão, e déste-o a saber a toda a cidade. Chegou esta noticia aos ouvidos do irmão desta senhora, que, sendo nobre, e mui cioso da sua honra, matou aquelle mancebo, que era de nascimento humilde, e levou sua irman para França, fazendo-a depois passar por morta, para poder mais atormentalla. E todavia esta pobre senhora era innocente, e aquelle homem só lhe fallava no amor que tinha a uma sua prima, com quem queria casar ; mas, como

fallavão baixo, não ouvistes metade da conversação, que fostes logo escrever para a divulgar, causando assim estas horriveis desgraças. Tenho sido bem perversa (exclamou Linda), e não mereço viver! Esperai ainda, que quero mostrar-vos, para vossa condemnação, todas as vossas culpas (disse a magica). Vêde este homem mettido nesta enxovia carregado de ferros, porque descobristes uma conversação muito innocente, que elle teve, a qual não ouvistes toda, e por isso julgastes que elle tinha communicação com os inimigos do Rei. Um mancebo estouvado, e de máos costumes, e uma mulher tão mexeriqueira como vós, que não podião ver o pobre homem que está prezo, repetirão, e augmentarão o que lhes tinheis dito deste homem, o que foi causa de o encerrarem nesta prizão, da qual não sahirá senão para moer com pancadas o accusador, e tratar-vos como a mulher mais vil, se alguma vez vos encontrar.

Mostrou depois disto a fada a Linda quantidade de criados sem amos, e sem sustento; maridos separados das mulheres; filhos desherdados de seus pais; e tudo isto por causa dos seus mexericos; á vista do que estava Linda inconsolavel, e promettia emendar-se. Tendes já muita idade (lhe disse a fada) para vos emendardes: os vicios, que se adquirem até os vinte an-

nos, não se corrigem depois quando cada um quer: só sei um remedio para este mal, e é o de serdes cega, surda, e muda por dez annos, e passardes todo este tempo a meditar sobre as infellicidades que tendes causado. Não teve Linda animo de consentir em um remedio, que lhe parecia tão terrivel, e tornou a prometter de não poupar nada para vir a ser calada: mas a Fada lhe deo as costas, sem a querer ouvir, por saber que, se ella tivesse tido um verdadeiro proposito de se emendar, já lhe teria buscado os meios. O mundo está muito cheio desta sorte de pessoas, que dizem: Eu tenho pena de ser golosa, colerica, mentirosa, e desejaria muito emendar-me; porém mentem certamente, porque se se lhes responde: Se quereis refrear a vossa gula, não deveis comer senão a horas certas, e ainda então ficar com appetite; e para não serdes colerico, é preciso ter alguma mortificação todas as vezes, que vos irardes: respondem, que isto é muito difficil. E' o mesmo que se dissessem, que elles quererião que Deos obrasse um milagre para os emendar de um golpe, sem lhes custar mortificação alguma. Eis-aqui precisamente como o queria Linda; sendo certo que com esta fingida boa vontade ninguem se emenda.

Vendo-se pois aborrecida de todos aquelles que a conhecião, não obstante a sua habilidade, a sua belleza, e o seu talento, resolveo-se a ir habitar para outra terra: vendeo por tanto todos os seus bens, e partindo com sua lousa mãe, chegarão a uma grande cidade, aonde no principio todos ficarão encantados de Linda. Muitos senhores a requestarão para esposa, entre os quaes escolheo ella um, a quem amava extremosamente, e viveo com elle um anno muito gostosa. Como a cidade, em que ella morava, era muito grande, não conhecêrão logo que Linda era uma mexeriqueira, por tratar com muitas pessoas, que se não conhecião umas ás outras. Fallando seu marido em uma occasião de varias pessoas, depois de cêa, veio a dizer que um tal senhor não era muito comedido, por lhe ter visto fazer algumas acções más. Passados dous dias, achando-se Linda em uma grande mascarada, um homem vestido de mascara a tirou para dançar, e veio depois assentar-se ao pé della. Como Linda fallava bem, agradou-se elle muito da sua conversação, e muito mais sabendo ella todas as historias escandalosas da cidade, e contando-as com muita graça. Estando nisto, a mulher do senhor, de quem seu marido lhe tinha fallado, sahio também a dançar, e disse Linda para o mascara, que estava ao pé



P. 19.



Aparta-te de mim pessima creatura, a tua lingua,
e tens me, venicos me tiraras a vida.

P. 87.



Era esta Biby filha de Abor.

della : Esta mulher é bem amavel, e é pena que esteja casada com um homem tão máo. Conheceis-lhe o marido, de que fallais tão mal ? (lhe perguntou o mascara). Não, (respondeo Linda) porém meu marido, que o conhece perfeitamente, me contou delle tantas vilezas, que não tem numero : e depois foi contando aquellas cousas, e augmentando-as conforme o máo habito, que ella tinha tomado, para ter occasião de fazer brilhar a sua viveza. Ouvio-a o mascara attentamente ; e ella estava satisfeita da attenção, que elle lhe dava, por lhe parecer que a admirava. Acabando ella porém de fallar, se levantou o mascara ; e passado um quarto de hora, vierão dizer-lhe, que seu marido estava á morte, por se ter desafiado com um homem, a quem elle tinha tirado a reputação. Correo Linda toda chorosa ao lugar, onde estava seu marido quasi espirando, o qual vendo-a, lhe disse : Aparta-te de mim, pessima creatura ; a tua lingua, e os teus mexericos me tirárão a vida ; e dito isto, pouco tempo durou mais. Linda, que o amava a enlouquecer, tanto que o vio morto, se lançou toda furiosa sobre a sua espada, e se passou com ella de uma a outra parte. Sua mãe, vendo este horrivel espectaculo, ficou tão assustada, que cahio doente de mágoa, e morreo tambem, amaldiçoando a sua curiosidade, e a im-

prudente complacencia, que tivera para com sua filha, sendo assim causa da sua morte.

ESPIRITUOSA.

Devemos confessar que esta Linda era bem má creatura!

BONNA.

Não, menina; era uma estouvada, que tinha muita vaidade, querendo mostrar a sua viveza; e seria uma excellente moça, se sua mãe a tivesse castigado a primeira vez que lhe veio com um mexerico.

ESPIRITUOSA.

Que dizeis, senhora Bonna? Vós me fazeis tremer, pois tenho vaidade como Linda, querendo mostrar habilidade em todas as occasiões, e sou tambem uma estouvada; o que me falta é causar tantas ruinas como ella!

BONNA.

Tendes bom remedio, menina, que é ser surda, cega, e muda.

ESPIRITUOSA.

Mas isso é mui terrivel.

BONNA.

Não, senhoras, isto não é tão terrivel como vós o julgais. Quando vos achardes em alguma sociedade, onde se falle mal do proximo, fazei-vos surdas, isto é, não ouçais essas murmurações: e se não puderdes livrar-vos de ouvillas,

ficai mudas ao despedir desta conversação, isto é, não publiqueis nunca o que ouvirdes. Deveis também fechar os olhos ás acções do vosso proximo, pois bem vêdes que isto é de ponderação. Eu quereria antes viver em um mato, entre ladrões, do que com uma mexeriqueira, porque sempre me acautelaria daquelles. Mas quem se acautelará de uma pessoa, que crê sua amiga, a quem nunca fez mal, e que a cada instante nos pôde expôr ás maiores ruinas pela sua imprudencia? Confesso-vos, senhoras, que se eu observasse que alguma de vós contava o que aqui se diz, a despediria da nossa companhia com desprezo. Porém, meninas, parece-me que isto é já muito tarde; temo-nos descuidado na conversação, e receio que não haja tempo para repetir a lição de Historia. Fallemos sempre alguma cousa da Geographia, e diga Sensata quaes são os principaes rios de Inglaterra.

SENSATA.

Um é o Tamisa ao sueste, o qual passa por Londres, e tem a sua embocadura no Oceano, ao éste: o Saverna, que tem o seu manancial no Principado de Galles, e perde-se no mar ao sudoeste: o Humber, que tem a sua embocadura ao nordeste de Inglaterra, e se compõe de dous rios, que se unem, e são o Trento, que vem do sul, e o Ouse, que vem do norte.

MARY.

Que quer dizer embocadura, e manancial, senhora Bonna ?

BONNA.

Chama-se manancial de um rio o lugar onde começa ; e embocadura a parte onde se mette no mar, ou n'outro rio. Continuai, Sensata.

SENSATA.

O rio Twede divide a Inglaterra da Escocia, como tambem a montanha Cheviot.

BONNA.

Ainda tendes que aprender os nomes das cincoenta e duas provincias de Inglaterra, dos cabos, golfos, e ilhas ; mas como todas tendes vossos livros de Geographia, tereis tambem a curiosidade de os aprenderes por vós mesmas. Adeos, meninas.

DIALOGO XVIII.

DECIMO SEXTO DIA.

BONNA.

TENDE a bondade, Molly, de repetir a vossa Historia.

MOLLY.

Mandou Deos a Moysés pôr as suas mãos so-

hrc Josué, e infundio o seu espirito neste hómem, para guiar o seu povo á terra que tinha promettido a Abrahão. Obedecendo Moysés a Deos, fez recordar os Israelitas de todos os milagres, que o Senhor obrára por elles. Prometteo-lhes que Deos os não desampararia nunca, se fossem fiéis aos seus Mandamentos, e lhes fez jurar que nunca os quebrarião. Feito isto, subio ao cume de um alto monte, do qual descobrio aquella terra, aonde não podia entrar por causa da sua desobediencia, e morreo neste lugar, depois de viver cento e vinte annos, sem que nunca se soubesse onde sepultárão o seu corpo.

MARY.

Este grande Legislador experimentou bastantes contratempos em sua vida !

BONNA.

Todas as suas fadigas se acabárão, e é bem ditoso ha muito tempo. Comparai os cento e vinte annos, que viveo, com o grande numero daquelles, que teem passado desde aquelle tempo, e vereis que os seus trabalhos forão breves em comparação do tempo que elle tem sido ditoso, e o srá ainda por toda a eternidade. Vós não desejaréis estar no seu lugar, quando elle tinha as amofinações ; mas talvez que agora o appetecais bem !

SENSATA.

Sim, senhora Bonna, algumas vezes me lembra isso, e digo comigo: Em fim a vida é breve: tenho pouco tempo para me amofinar; e depois da minha morte, que chegará cedo, só me restará ser feliz, tendo vivido bem.

CARLOTA.

Mas como dizeis vós que a vossa morte virá cedo, sem terdes mais do que doze annos? Por ventura estais vós já gasta?

BONNA.

Não, querida: Sensata passa maravilhosamente; mas ainda quando ella tivesse cem annos para viver, devia dizer que morreria cedo. Ha sete annos que vós nascestes; estes tem passado como sete dias, e o resto da vossa vida passará com a mesma velocidade, sem poderdes dizer que vivereis ainda muito tempo, porque cada dia póde ser o ultimo da vossa vida.

ESPIRITUOSA.

Se eu considerasse nisso, senhora Bonna, estaria sempre melancolica; pois confesse-vos que tenho bem medo da morte.

BONNA.

Pelo que vejo, temeis de não ter ainda posto bastantes meios para vos converterdes.

ESPIRITUOSA.

A dizer a verdade, senhora Bonna, não cui-

do em tal. Eu desejo viver, porque me não tenho divertido até aqui: tenho feito muito poucas visitas, e sou ainda muito moça; e por isso quizera antes de morrer ter tido tempo de ver o mundo, e de me divertir alguma cousa.

BONNA.

Que dirieis vós, se o filho de um Rei estivesse em uma prizão, e não quizesse sahir della, por não ter ainda passeado pelo jardim dessa prizão?

ESPIRITUOSA.

Diria que era louco, porque teria sem dúvida no reino de seu pai muito mais vistosos jardins, do que o da prizão.

BONNA.

Pois eis-aqui mesmo o que vós fazeis, dizendo que não querieis morrer ainda, por desejardes ver o mundo; o que me faz lembrar de uma sentença, que li em um romance espiritual.

Um Principe, chamado Josafat, perdendo-se na caça, ouviu uma voz quasi divina. Admirado de ouvir cantar tão bem em um deserto, foi direito áquelle lugar, donde a voz sahia, e ficou attonito de ver que quem cantava era um pobre leproso, cujo corpo estava meio corrupto. Que lástima! (Ihe diz o Principe). Como podeis vós ter animo de cantar, estando em um tão miseravel estado? Tenho bastante motivo

de me alegrar (lhe disse o leproso), pois ha quarenta annos que sou nascido, isto é, ha quarenta annos que minha alma está fechada em um corpo de barro, que lhe serve de prizão: as paredes desta prizão cahem aos pedaços, e cedo esta alma, livre pela destruição do corpo, irá elevar-se a Deos, para gozar na sua presença de uma felicidade sem termo; com o que me alegro tanto, que não posso deixar de levantar a minha voz ao Ceo, para celebrar o meu livramento.

CARLOTA.

Eu, senhora Bonna, não estou muito preza á vida; porém temo a morte, por ter sido muito má.

BONNA.

Como tendes começado a converter-vos, menina, e ainda perseverais no mesmo intento, podeis viver socegada, pois Deos é tão bom, que não nos pede mais. Confesso que a morte é bem temerosa para aquellas pessoas que vivem como se a sua alma devesse acabar com o seu corpo; que se não lembrão mais do que do seu prazer; que não cuidão mais em Deos, do que se o não houvera, e para as quaes o inferno principia com a sua doença. Eu conheci uma senhora distincta, que tinha vivido assim. Cahio enferma, por ter o figado corrupto, o que os mesmos medi-

cos lhe affirmarão : deo por isto grandes gritos, e lhes perguntou loucamente, por ser ignorantissima, se lhe não podião fazer outro figado, ainda que dêsse todos os seus bens ; e dizendo-lhe os medicos que não tinha remedio, tornou-se como furiosa, e pedio a uma sua amiga que lhe disparasse uma pistola na cabeça. Porém, minhas filhas, deixemos isto, e continuemos a Historia.

CARLOTA.

Succedendo Josué a Moysés, por determinação de Deos mandou dous espias a uma cidade chamada Jericó ; e entrando elles em casa de uma mulher chamada Rahab, o Rei de Jericó os mandou prender por seus soldados. Não os achárão estes, porque ella os tinha occultado ; e ao outro dia lhes disse Rahab : Eu sei que viestes da parte do verdadeiro Deos, e que elle porá esta cidade em vosso poder ; mas já que eu vos fiz este serviço, peço-vos que me não offendais, nem á minha familia. Disserão-lhe os espias : Não temais que nós vos façamos mal : ajuntai toda a vossa familia em vossa casa, quando nós tomarmos esta cidade, e ponde um cordão de escarlata na vossa janella, que ninguem vos offenderá. Tornárão depois disto para Josué, que mandou que o povo estivesse prompto para passar o Jordão, que é um grande rio. Estavão

os Israelitas muito embaraçados, por não haver pontes neste rio; porém Josué mandou que os Sacerdotes trouxessem a Arca do Senhor, e se mettessem com ella ao rio. Mal tinham elles tocado a agua com os pés, se dividio o rio em dous, e deo passagem aos Israelitas; e disse então Deos a Josué: Mandai apanhar doze pedras do lugar que os Sacerdotes occuparão no meio do Jordão, quando o povo passava, das quaes fareis um altar; e quando vossos filhos vos perguntarem o que significa esse altar, respondeilhes: E' para vos lembrardes do milagre que Deos obrou por vosso amor, para vos fazer entrar na terra que tinha promettido a Abrahão. Obedecêrão os Israelitas em tudo ao preceito do Senhor, e entrárão na terra promettida.

MARY.

Em que parte do Mundo estava a terra promettida?

BONNA.

Eu vo-la vou mostrar no mappa: fica ao sudoeste da Asia, a qual depois que os Israelitas a habitárão, se chamou Judéa, e hoje é mais conhecida pelo nome de Palestina. Aqui tendes o rio Jordão: o Mar Morto occupa o mesmo lugar que occupou Sodoma, que foi abrazada por fogo do Ceo.

SENSATA.

Eu li, senhora Bonna, em um livro de viagens, que ha na borda desse mar formosas arvores, as quaes produzem magnificas frutas, mas que, quando se querem comer, se achão cheias de cinza, e podridão : será isto certo ?

BONNA.

Tambem eu li o mesmo, menina; porém ignoro se é verdade, porque muitas vezes os viajantes tomão a liberdade de mentir. Se a este respeito elles disserão a verdade, serão estas frutas as imagens do peccado, e da satisfação que se goza, quando se commette : o exterior é formoso, o interior não é senão podridão, e miseria. Vamos, Mary, dizei a vossa lição.

MARY.

Assim que os Israelitas entrárão na terra promettida, fizeram pão com o trigo do paiz, e deixou logo de cahir manná. Vio com tudo Josué um Anjo com uma espada na mão, o que lhe mostrava que Deos combatia pelo seu povo ; e disse este a Josué : Tomem os Sacerdotes a Arca do Senhor, e levem-na silenciosos seis dias ao redor dos muros de Jericó ; no setimo dia fação sete vezes o giro da cidade, e na ultima vez toquem os mesmos as trombetas, levantando o povo um clamor de alegria : cahirão logo os muros da cidade, e cada um entre nella por

seu lado. Reparai porém que eu não quero que se perdoe a nenhum dos habitadores de Jericó, e mando que mateis homens, e brutos, exceptuando Rahab, e a sua familia. Demolireis depois disto esta cidade, por serem máos todos aquelles que nella morão. Prohibo-vos que guardeis cousa alguma do que alli achardes, ainda que podeis tomar o ouro, a prata, o cobre, e o ferro para mo consagrardes, mas tudo o mais seja queimado. Executou Josué tudo o que Deos lhe ordenára; e cahindo os muros de Jericó, só Rahab ficou salva, e a sua familia. Sempre Josué mandou tres mil homens, para que refreassem os inimigos; porém fugindo os Israelitas, ficarão trinta e seis mortos. Josué, e os anciãos, todos afflictos, se prostrarão com a face em terra; e então disse o Senhor a Josué: Não te afflijas, aconteceu ao povo essa desgraça, por haver entre vós um homem que me desobedeceo, guardando algumas cousas que apanhou em Jericó: lançai sortes, e eu mostrarei o culpado, o qual morrerá apedrejado, e depois o queimareis com o que furtou. Escreverão para isto os nomes das Tribus de Israel, e dobrando os papeis, os tirarão depois sem os verem, sendo o primeiro nome, que sahio, o da Tribu de Judá. Tirarão depois os nomes de todas as familias desta Tribu, e sahio primeiro o da familia de

Zara; e continuando as sortes nesta familia, sahio o nome de Achan, a quem Josué disse então: Filho, glorifica o Senhor, e confessa que furtastes. Respondeo Achan: Pequei contra o Eterno, e deixei-me tentar pela cubiça de um capote, e pelo ouro, e prata, que tenho enterado na minha tenda. Achárão-se com effeito estas cousas, e foi Achan apedrejado, isto é, foi morto ás pedradas, e depois queimado com tudo o que era seu.

BONNA.

Eis-aqui tendes, meninas, uma historia bem terrivel. Tinha-se Achan escondido para commetter este furto, e não cuidava que Deos o via, e que buscaria meio de descobrir o seu crime aos olhos de todo o povo. Escondei-vos como quizerdes para fazer mal, escolhei o tempo da noite, mettei-vos em uma cova, em um deserto, ahi estará Deos, elle verá o vosso maleficio; e ainda que o não manifeste a todos, como fez a respeito de Achan, estai certas que elle vo-lo reprehenderá á vista do Universo no dia do Juizo.

MARY.

Que cousa é o dia do Juizo? ainda não ouvi fallar nelle

BONNA.

Estais enganada, menina, pois todos os dias

vós o nomeais nas vossas orações. Dizei-me : Quando repetis o Symbolo, ou o Credo, não dizeis que Jesu Christo está assentado á mão direita de Deos Padre todo poderoso, donde ha de vir a julgar os vivos, e os mortos ?

MARY.

Assim é, senhora Bonna, que digo isto todos os dias ; mas não sei o que essas palavras significão.

BONNA.

Eu vo-las explico, menina. Olhai, o ceo, a terra, e tudo quanto vêdes, não hão de durar sempre, ha de vir um dia, em que tudo isto acabará : então todos os homens que viverem, morrerão ; e assim estes, como os que tiverem morrido desde o principio do Mundo, resuscitarão, isto é, ficarão vivos outra vez ; porque o Anjo do Senhor tocará a trombeta, clamando : Levantai-vos, mortos, vinde a Juizo. Tanto que todos os homens estiverem juntos, abrir-se-ha um livro, (diz a Escriptura) e nelle se verão todas as boas, ou más obras, que os homens fizerão em sua vida. Depois deste exame ; dirá Jesu Christo aos bons : Vinde, Bemaventurados de meu Pai, possuir o reino, que vos tenho preparado desde a eternidade ; porque eu tive fome, e dístes-me de comer ; tive sede, e dístes-me de beber ; estava nú, e me vestistes ;

estive doente, e me déstes remedios; estive prezo, e me viestes visitar, para me soccorrer. Os bons dirão: Senhor, de que modo vos fizemos nós esses serviços? E Christo responderá: Disse-vos eu, na realidade, que todas as vezes que, por amor de mim, fizesseis bem a um pobre, e a um afflicto, era o mesmo que se me tivesseis feito esta caridade. Dirá depois disto Jesu Christo aos máos: Apartai-vos de mim, malditos, ide para as penas eternas, que serão preparadas para o demonio; pois tive fome, e não me quizestes dar de comer, tive sede, e não me déstes de beber, não me soccorrestes, nem visitastes, quando estive nú, enfermo, e encarcerado. A estas palavras os máos cahirão no inferno, onde, diz Jesu Christo, haverá alaridos, e rangido, ou estridor de dentes.

ESPIRITUOSA.

Estou, senhora Bonna, tão atemorizada, que não tenho no corpo pinga de sangue; e certamente que se eu considerasse muitas vezes no que acabais de dizer, seria uma santa. Não ha de ser como atéqui: quero converter-me seriamente, e não temer a morte, visto que não hei de morrer para sempre, e hei de tornar ainda a resuscitar. Mas parece uma cousa difficil de crêr-se que havemos de resuscitar com os nossos proprios corpos; porque, suppondo que um

homem cahe no mar, e é comido por vinte peixes, e que estes vem a ser comidos por vinte homens, como podem todas as partes do corpo deste homem afogado tornar-se a unir?

BONNA.

Ainda vós não dizeis tudo, menina; pois essas partes do afogado serão ainda muito mais divididas do que julgais; porque esses homens, em fim, que tiverem comido os peixes, que se nutrissem do afogado, hão de morrer: a gordura de seus corpos fará criar herva nos cemiterios, em que se enterrarem; esta será comida por animaes, e estes por outros homens; porém não obstante isto, áquellas palavras do Anjo: Levantai-vos, mortos, e vinde a Juizo, o poder de Deos ajuntará todas as suas partes.

CARLOTA.

E reprehenderá também aos homens, senhora Bonna, as faltas, de que se tiverem arrependido?

BONNA.

Sim, menina; mas ao mesmo tempo mostrará as diligencias que elles fizerão para se emendarem, o que lhes será bem glorioso.

MOLLY.

Logo os mãos estarão envergonhados de ver que todo o Mundo sabe os peccados que elles commettêrão em occulto?

BONNA.

Ficarão tão envergonhados, que pedirão aos montes que caião sobre elles, e os alaguem; mas seus desejos serão inuteis, sendo necessario que soffrão a vergonha das suas más acções diante de todo o Universo.

MARY.

Em quanto a mim, parece-me que é bem facil ganhar o Ceo; pois que não ha mais do que fazer bem aos pobres, o que não é difficil. Causão-me tanta compaixão, que de boamente lhes daria o meu almoço, se me promettessem o Ceo.

BONNA.

E se vós tivessesis muita fome?

MARY.

Então dar-lhes-hia a metade; e comeria a outra metade. Mas tirai-me de uma dúvida, senhora Bonna: supponhamos que uma mulher foi bem má, que se irava sempre, que commettia excessos nas bebidas, que mentia, e fallava mal do proximo: iria ella ao Ceo com todos estes defeitos, se desse esmolos?

BONNA.

Não, menina; porém não é muito facil que uma mulher bem caritativa tenha esses vicios, ou ao menos que ella os não emende; sendo quasi certo que Deos lhe dará graça para se con-

verter. Notai, com tudo, que para ser verdadeiramente caritativa, é preciso que se seja pelo amor de Deos. Ha pessoas que dão esmola por vaidade, outras por imitação, e outras para se livrarem da importunação dos pobres; bem vêdes que semelhantes esmolas não são aquellas de que falla Jesu Christo.

ESPIRITUOSA.

Porém, senhora Bonna, ainda que qualquer tenha muito dinheiro, tendo uma grande familia, não pôde fazer muitas esmolas.

BONNA.

Assim é, menina; mas quem não pôde dar dinheiro aos pobres, pôde exercitar a caridade, como se o tivesse, praticando as outras obras de misericordia. Expõe-vos um pobre a sua miseria: consolai-o, exhortai-o a ter paciencia, e recommendai-o ás pessoas ricas, porque assim exercitais a caridade, sendo uma das obras de misericordia consolar os tristes. Consiste outra em ensinar os ignorantes; o que executareis nos vossos filhos, e criados, e com os pobres, ensinando-lhes o Catecismo, explicando-lho, e fazendo por lhes inspirar o temor de Deos. Assistir-lhes nas enfermidades é outra obra de misericordia. Conheci senhoras que, não podendo dar dinheiro aos pobres, pelo não terem, trabalhavão para elles, e concertavão os seus vesti-

dos velhos para lhos darem. Outra obra de misericórdia consiste em reprehender os peccadores com brandura, e caridade, orar por elles, sujeitar-se a fazer aos outros os serviços, que se puder. Em uma palavra, meninas, uma pessoa verdadeiramente caritativa acha mil meios de fazer bem, ainda sendo pobre. Digamos agora alguma cousa da Geographia. Em quantas partes se divide a Escocia, Sensata?

SENSATA.

Em duas : em meridional, e septentrional ; as quaes se separão pelo rio Tavo, sendo a sua capital Edimburgo, na parte meridional, ao éste.

BONNA.

E como dividís a Irlanda ?

SENSATA.

Em quatro partes, que n'outro tempo fazião quatro Reinos. Ao sul fica Munster, ao éste Leinster, ao norte Ulster, e ao oeste Connaught, ficando Dublin, capital da Irlanda, na provincia de Leinster. Quereis que repita a estas senhoras os versos, que me ensinastes para por elles me lembrar a Geographia ?

BONNA.

Elles não são bem feitos, menina ; mas como ajudão a memoria, não importa que os digais, se vos lembrarem.

SENSATA.

*De Irlanda, e de Inglaterra, e Escocia o Reino,
Em tres foi n'outro tempo dividido ;
E sendo então por tres Reis governado,
Hoje só reconhece um só dominio.
Provincias quarenta e duas comprehende
Inglaterra ; e de doze tão-sómente
Dos Gallos o districto se compõe.
A Londres capital Tamisa lava ;
Twede corre ao norte, e o Inglez
Separa do Escocoz, que inculto foi.
No mesmo sitio fica o rio Tavo,
Que atravessa a Escocia pelo meio ;
Edimburgo, cidade capital,
Na parte assente está meridional.*

ESPIRITUOSA.

Não sei porque dizeis que estes versos são
mãos, senhora Bonna; a mim parecem-me bons.

BONNA.

Isso é porque ignorais o que é preciso para
fazer versos que sejam bons. Estes teem muitos
defeitos; porém, como eu já disse, não são se-
não para ajudar a memoria; e é quasi impos-
sivel fazellos bons nesta materia. Mas Sensata
ainda nos não disse nada da Irlanda.

SENSATA.

Agora direi os quatro versos, que fizestes pa-
ra esse Reino.

*A Irlanda contava n'outro tempo
Quatro Reinos, e outros tantos Reis;
Terra pobre, mas fertil; e Dublin
E' cabeça de todos estes póvos.*

BONNA.

Aqui tendes tambem estes, que estão cheios de muitos defeitos; mas a materia não permite nem rimas nem bellezas.

CARLOTA.

Os versos, senhora Bonna, ficão-me mais facilmente do que a prosa, e por isso peço á senhora Sensata que me copie aquelles que acaba de repetir.

SENSATA.

De boa vontade, menina: ámanhã pela manhã vo-los mandarei.

BONNA.

E aprendellos-heis para a primeira lição. Adeos, meninas.

DIALOGO XIX.

DECIMO SETIMO DIA.

ESPIRITUOSA.

ACHEI, senhora Bonna, em um livro que meu pai me deo, um conto muito lindo, o qual repetiria a estas senhoras, se quizesseis.

BONNA.

Com muito gosto, querida.

ESPIRITUOSA.

Houve n'outro tempo um Principe chamado Orlando, o qual andava namorado de uma Princeza chamada Angelica. Era Orlando um homem mui distincto, e todavia não era do agrado de Angelica. Ia elle á guerra, e obrava as mais famosas acções, para ver se agradava á sua dama. Quando fazia alguns prisioneiros, lhes dizia : Dou-vos a liberdade, com tanto que vades da minha parte ter com Angelica, e lhe digais que eu vos dei a liberdade por seu respeito. Quando apprehendia algumas joias, e outras cousas preciosas aos inimigos, mandava-as a esta Princeza, sem que nada disto lhe movesse o coração, por ser uma louca, e querer antes um homem adamado, do que um homem de bem, e animoso ; e como Orlando não era bem parecido, por isso o não queria para esposo. Em certa occasião, que ella passeava em um campo, vio um homem deitado, e cheio de muitas feridas : julgou ella logo que estava morto ; mas, observando-o de perto, sentio que ainda respirava, e reparou que era bello como o Sol. Pedio Angelica a uns pastores, que alli andavão perto, que levassem aquelle mancebo para a cabana delles, aonde foi tratar delie, não por ca-

ridade, mas sim por afeição que lhe tomou. Assim que este coalesceo, fugirão ambos; ficando disto Orlando tão sentido, que enlouqueceo. *Sahia elle nú ao campo; e todos os que o vião, tendo piedade disto, dizião: E' grande infelicidade para um homem querer bem a uma mulher sem juizo. Compadeceo-se de Orlando uma grande fada, e foi ter com um dos seus primos chamado Astolfo; deo-lhe um cavallo com azas, e lhe disse: Montai neste cavallo; elle vos levará ao reino da Lua, onde achareis o juizo de Orlando, e o trareis. Montou Astolfo no alado cavallo, e chegou ao reino da Lua, onde vio tres mulheres velhas fiando ao mesmo tempo: a primeira chamada Clotho, segurava o fio; a segunda, que era Lachesis, o enrolava ao fuso; e Atropos, que era a mais velha, o quebrava. Vendo ellas Astolfo, lhe disserão: Nós somos tres irmans chamadas as Parcas, e fiamos as vidas dos homens; pois assim que cada um nasce, uma de nós péga no fio, a outra o encolhe, e quando este se corta, necessariamente ha de morrer. Astolfo, que tinha muito amor á vida, disse ás Parcas: Senhoras, estou muito contente, por ter a honra de vos cumprirmentar: já tinha ouvido fallar de vós, mas não como vós mereceis: os poetas dizem que sois velhas, porém mentem, pois eu ainda vos acho*

amaveis; e quando voltar para a terra, mandarei castigar severamente os auctores que vos não fizerem justiça: quero ser um dos vossos mais zelosos servos. Bem se vê que vindes da côrte (lhe disse Clotho): mentis com um desaforo admiravel, e podeis lisongear-vos pela prenda; porém, meu pobre moço, perdeis o vosso tempo; porque nós sabemos que somos velhas, e muito velhas, e não somos como as mulheres do vosso Mundo, que são tão estupidas, que não veem que os homens zombão ordinariamente d'ellas, quando as louvão com exageração. Eu bem vejo que o que vos faz dizer esses requêbros, é por quererdes que minha irman Atropos se esqueça de cortar o fio da vossa vida; porém isso não depende della, porque o destino é que move a nossa thesoura, e todo o poder do ceo, da terra, e dos infernos não pôde impedir a execução dos seus decretos. Vós morrereis quando elle o determinar: não queirais saber a hora; e fazei sómente por viver bem, para não temerdes a morte. Adeos, ide executar a vossa commissão, e para isto não tendes mais do que tomar o caminho que vos está fronteiro: encontrareis uma grande sala; e entrando nella, um dos nossos criados vos ensinará em que parte podeis buscar o juizo de Orlando. Astolfo, vergonhoso de ser tido por lisongeiro, se despedio

das *Parcas*, e foi ter á casa de que lhe fallára *Clotho*. O criado, que a guardava, lhe disse : Senhor, vinde comigo a esta camara, e achareis o que buscais. Entrou *Astolfo* em uma grande camara cheia de estantes á roda, sobre as quaes havia quantidade de garrafas pequenas, postas por ordem, e com seus rótulos, como em uma botica, incluindo cada uma destas garrafas o juizo de uma pessoa ; e ficando admirado de vê-las, lhe disse o criado : Buscai abi a que pertence ao senhor *Orlando*, porque ellas todas teem rótulos. Porém, amigo, (lhe diz *Astolfo*) estou pasmado do grande numero de garrafas que vejo, nunca cuidei que houvesse tanto louco no Mundo. Ainda não vistes nada (respondeo o criado) : esta camara não contém mais do que o juizo dos loucos que ha na côrte de *Carlos Magno* vosso Imperador ; mas não vos detenhais em buscar a garrafa que necessitais.

Foi *Astolfo* lendo os rótulos, e achou logo o juizo de *Elisa*. Não o acrediteis (disse elle ao guarda da casa) : não, *Elisa* não é louca : ella serve de adorno á côrte de *Carlos Magno* ; e eu, que a conheço particularmente, posso assegurar-vos que tem muita esperteza. E nenhum juizo (prosequio o guarda). Por ventura tem juizo quem sacrifica a sua mocidade, a sua saude, a sua reputação ao desejo de se divertir ? *Elisa*

entregue á dissipação, adquire a velhice antes de tempo, e morrerá no meio da idade: ella faz do dia noite, e da noite dia; e receia tanto de estar só, que anda por toda a parte, para evitar a sua propria companhia: vós a encontrais em todos os lugares, assiste a todas as partidas, e faz isto por temer que ache uma hora, em que considere em si propria, o que lhe causaria grande vergonha: isto não obstante, sempre digo que Elisa nasceo com um juizo extraordinario, e por isso é que a sua garrafa é maior do que as outras. Permitti-me que a leve juntamente com a de Orlando (disse Astolfo). Seria inutil (respondeo o guarda): já tenho ido muitas vezes ao vosso Mundo para offerecer esta garrafa a Elisa, porém ella me agradeceo muito o favor, sem que se resolvesse a tomalla: gosta do divertimento, quer brilhar nas assembléas, e sabe que, se recuperasse o seu juizo, ser-lhe-hia preciso renunciar ao seu modo de vida, e quebrar as cadeias que a prendem: ella, prêza a essas mesmas cadeias, me pedio que lhe guardasse a sua garrafa até ter quarenta annos, protestando que então a tomará até á ultima gotta; mas ah, que então a tomará para sua desesperação! Doente, desprezada, já então não merecerá louvor em deixar os passatempos, que começarão a abandonalla; e

o seu juizo, que podia agora servir-lhe para se corrigir, só servirá então para a fazer desesperrar; porém vamos adiante. Continuou Astolfo a ler ainda alguns rótulos; mas qual não foi o seu pasmo, quando achou escrito em uma garrafa: Juizo de Astolfo? Que vejo! (exclamou elle). E' possivel que eu seja tido por louco! Sabei (lhe diz o seu conductor) que os mais loucos não são todos aquelles que vagão pelos campos, como Orlando, pois tambem os que se deixão dominar de uma paixão são extravagantes. O rico avarento, que chega a precisar o necessario, que grangêa o desprezo dos homens de bem, só para accumular moeda sobre moeda, e deixallas aos herdeiros, que as despenderão rindose d'elle, não será um louco? Um homem nobre, desvanecido com a sua nobreza, que antes morreria, do que dar a preeminencia ao seu igual, não será um aturdido? Vós mesmo, senhor Astolfo, que andais na guerra, e que vos expondes todos os dias a quebrarem-vos a cabeça, os braços, ou as pernas, e isto sómente para que se falle de vós: vós, que estais prompto a cada instante a ser morto pelo primeiro extravagante que disser mal de vós, não sois um louco? Quanto ao ultimo ponto (respondeo Astolfo), confesso a minha extravagancia; mas no primeiro não convenho. Um homem da mi-

nha qualidade nasceo para militar; e a razão me dicta que devo sacrificar a vida pela patria, e pelo Rei. Tendes razão (lhe disse o seu conductor); porém eu julgo que, quando assim expondes a vida, nunca vos lembra o principe, nem a patria; e eis-aqui onde está a loucura: e certamente, nunca tivestes outros pensamentos, senão de deixar fama, de adquirir um posto, e de exceder a vossos camaradas; e nisto consiste a vossa extravagancia. Dai-me credito, e á cautela tomai a vossa garrafa até á ultima pinga. Ainda conservo juizo para tomar o vosso conselho, disse Astolfo; e destapando logo a garrafa, esgotou tudo o que ella continha, ficando vergonhoso, depois, quando examinou com reflexão todos os desatinos que tinha commettido; e dando finalmente com a garrafa de Orlando, agradeceo ao seu conductor o que lhe tinha feito, e desceo para a terra. Custou muito a alcançar Orlando, para se lhe fazer tomar o seu juizo; mas sempre se conseguiu. Mal elle o recuperou, começou a olhar para todos os lados; e admirado de se ver nú, perguntou quem o tinha posto naquelle estado? Disserão-lhe, que fôra a mágoa que concebêra pela perda de Angelica. Angelica! (disse Orlando todo suspenso) aquella loureira, que dava attenção a todos, que toda se revia na sua belleza, que não esti-

mava senão os louvores, que accitava as dadi-vas que os homens lhe davão, que esquecendo-se de que era Princeza, foi casar com um môço aventureiro, só porque era formoso! é possível, que eu enlouquecesse por uma pessoa tão desprezível? Passado isto, e reflectindo Orlando no que obrára, disse: Tive grande felicidade em cahir furioso, pois esta loucura era menor do que aquella que me fazia amante de Angelica: esta era muito mais perigosa; porque a maior infelicidade, que pôde acontecer a um homem honrado, é casar com uma mulher presumida. Todos ficárão admirados de ouvir fallar Orlando de um modo tão acertado; e muitas pessoas, accommettidas do mesmo mal, pedirão a Astolfo que tornasse a fazer a mesma jornada para proveito delles, por não haver cousa tão cómoda, como ficar livre, de improviso, de uma paixão tyranna; porém a Magica não esteve mais para emprestar o seu cavallo: pelo que, depois de Orlando, ninguem mais pôde chegar áquella morada feliz; e ninguem, sem fazer os maiores esforços, pôde vir a recuperar o juizo, depois de o perder por se ter sujeitado cobardemente a alguma paixão.

SENSATA.

Nunca, senhora Bonna, ouvi fallar na historia deste Orlando.

BONNA.

Pois sim, menina ; foi um dos governadores da Bretanha, no reinado de Carlos Magno, e segundo as apparencias, um grande capitão; porque os romancistas, que conservão de ordinario o verdadeiro character dos heroes, no-lo descrevem como um homem de extraordinario valor: tudo o que, porém, a historia nos diz d'elle, é que morrêra em Roncevalhes, nos confins de Hespanha, onde o seu Rei alcançára grandes victorias contra os Mouros.

ESPIRITUOSA.

Na verdade, senhora Bonna, que estou triste, por saber que tudo o que se tem escrito de Orlando não é verdadeiro; porque o amava muito, apesar da sua loucura.

BONNA.

Isso é porque vos causa gosto tudo o que é extraordinario; sendo que, na substancia, esta especie de lição não vale muito. Póde ella occupar-nos alguns instantes por divertimento, mas ninguem deve tella como occupação ordinaria, porque se habitua por ella o entendimento a estimar o falso; além de que, leva muito tempo, e este na vossa idade é mais precioso do que tudo. Vós podeis passar tanto mais sem estas lições, quanto achais na Historia Santa, e ainda na profana, factos verdadeiros, e mais inte-

ressantes do que todos os que se encontrão nos contos, e historias fabulosas.

CARLOTA.

Mas eu vejo que vós nos repetis contos.

BONNA.

Assim é ; porém isso é por serdes ainda muito meninas, e ser preciso entreter-vos ; mas vós vereis que, ao passo que fôrdes tendo mais juizo, vos hei de repetir menos contos, e mais historias : principiai pois a referir-nos aquella que aprendestes.

CARLOTA.

Como todos os povos que habitavão a terra da promessa erão máos, mandou Deos aos Israelitas que os destroçassem, fazendo-lhes guerra sem ter piedade de nenhum, por estarem já todos condemnados pelo Senhor. Tinhão já pois destruido as cidades de Jericó, e de Hay ; mas os Reis destas, em vez de se submeterem a Deos, se unirão para lhes fazer guerra, e destruillos. Havia entre estas nações um povo, a que chamavão os Gabaonitas, o qual, vendo os grandes prodigios que Deos obrára pelos Israelitas, vio claramente que era inutil querer resistir-lhes, pois que o Senhor dos Exercitos pelejava por elles ; mas como sabião que Deos lhes tinha prohibido de terem alliança com povo algum daquella terra, determinárão enganallos.

Mandárão-lhes para isso seus embaixadores, aos quaes derão çapatos todos rôtos, pão cozido de muitos dias, de sorte que estivesse bem duro, e ôdres, em que levassem vinho, cheios de remendos, e já muito usados. Chegando estes embaixadores ao campo dos Israelitas, disserão a Josué: Nós moramos daqui bem longe; e os nossos povos, tendo noticia das maravilhas que Deos tem feito para vos tirar do Egypto, nos mandárão fazer alliança comvosco, para que, ficando vós senhores de toda esta terra, nos não façais damno: ha muito tempo que vimos de jornada, e por isso é que trazemos os çapatos rôtos, e que o pão, de que nos provêmos, está tão duro como biscouto. Não consultárão Josué, e os principaes de Israel o Senhor, para saberem o que devião obrar, e contratárão a paz com os Gabaonitas. Passados alguns dias, se avi-sinhárão os Israelitas ás suas cidades, com animo de tomallas, e ficárão attonitos, quando o povo lhes disse: Vós não podeis fazer-nos damno algum, porque jurastes em nome do Senhor ter alliança comnosco. Ainda que Josué se sentisse muito de ter sido enganado, não quiz faltar ao seu juramento, e disse aos Gabaonitas: Já que jurámos em nome do Senhor de vos não offender, vivereis entre nós; mas como livrastes as vidas por um engano, ficareis escravos, e tereis

obrigação de subministrar agua, e lenha para o serviço do Senhor. Disserão então os Gabaonitas a Josué: Nós queremos ser vossos escravos, e vos serviremos em tudo o que nos mandardes. Pelo que os Israelitas lhes perdoarão, e cumprirão o seu juramento.

MOLLY.

Estava tremendo que destroçassem aquella pobre gente. Mas dizei-me, senhora Bonna, por que causa perdoou Deos a estes, e não aos outros?

BONNA.

Podia responder-vos que elle é senhor de conceder o perdão a quem quer; porém, menina, eu vos digo o que sinto sobre isto. Deos não obra nada por capricho; e como permittio que os Gabaonitas tivessem meio para salvar as vidas, creio que isto foi porque elles não erão tão máos como os outros povos, e tinham intenção de se converter.

SENSATA.

Em quanto a mim, julgo que já elles tinham começado a converter-se, e que crião no Deos dos Israelitas, pois que estavão certos que o que elle tinha determinado não podia deixar de acontecer; e por isso está claro que, quem crê em Deos, começa a converter-se.

BONNA.

Eu sigo o mesmo, querida ; pois Deos sendo infinitamente justo, castiga a cada um conforme o grão da sua maldade ; e como os Gabaonitas começavão a crer nelle, e a temello, mudou a pena de morte, que tinha dado contra elles, em escravidão, dando-lhes assim o meio de o conhecerem, e de converterem-se de todo. Agora, Mary, continuai a historia da entrada dos Israelitas na terra da promissão.

MARY.

Unindo-se cinco Reis para castigarem os Gabaonitas, por se terem submettido aos Israelitas, marchou Josué em soccorro de seus alliados, e deo uma grande batalha. Pelejou o Senhor visivelmente pela sua parte, mandando uma saraiva tão grossa, que matou mais inimigos do que o ferro dos Israelitas. Havendo ainda grande numero de inimigos para vencer, e vindo anoitecendo, fallou Josué ao sol, e o mandou parar até que os Israelitas acabassem de alcançar uma victoria completa. Obedeceu o sol a Josué, e durou o dia muito mais do que era costume, sem chegar a noite senão depois que a batalha foi inteiramente finda. Alcançou Josué ainda outras muitas victorias ; e dividindo as terras, que tinha conquistado, pelas Tribus dos filhos de Israel, lhes trouxe á memoria os

milagres que Deos tinha obrado por elles, e lhes perguntou se querião servir a este Deos todo poderoso, que os tirára do Egypto, ou aos Deoses dos povos que tinhão destruido? O povo respondeo em altas vozes que não queria outro Deos senão o Eterno; e recebendo depois Josué o seu juramento, morreo, tendo de idade cento e dez annos.

BONNA.

Agora é a vossa vez, Molly.

MOLLY,

Não obedecêrão os filhos de Israel ao Senhor, pois contentárão-se com fazer pagar tributo a muitos povos, que habitavão na terra promettida, e não os extinguirão, adorando estes povos os idolos, e não o verdadeiro Deos. Pelo que disse o Senhor aos Israelitas: Já que tendes poupado estes povos contra a minha vontade, daqui em diante já os não podereis destruir: obrigar-vos-hão a adorar os seus idolos, e eu me servirei delles para vos castigar. Aconteceo o que Deos tinha predicto; porque os Israelitas desposárão as mulheres destas nações, e adorárão os seus Deoses, sendo tambem muitas vezes escravos desses mesmos povos. Quando porém se vião muito miseraveis, levantavão as mãos ao Ceo, e pedião misericordia; e então compadecendo-se Deos delles, lhes manda-

va Juizes, que os governassem, e livrassem de seus inimigos; porém elles recahião depressa nos vicios, pelo máo exemplo de seus visinhos. Deolhes o Senhor em um tempo uma mulher chamada Débora, para os governar, a qual disse a um homem chamado Barac: Toma dez mil homens, e vai accommetter os inimigos do Senhor. Repugnou Barac pôr-se em campo, sem que Débora marchasse com elle contra o Rei Sisara, que tinha um exercito formidavel; a qual vendo isto lhe disse: Eu marcharei contigo; mas outra mulher terá a honra da victoria. Atemorizou com effeito Deos de tal sorte o exercito de Sisara, que este mesmo se vio obrigado a fugir; e entrando, para salvar-se, em casa de uma mulher chamada Jahel, descendente do sogro de Moysés, esta o matou, ficando com esta morte livres os filhos de Israel

ESPIRITUOSA.

Eu tinha cuidado ao princípio, que era uma acção cruel o matar aquella pobre gente; porém agora vejo que Deos os tinha condemnado por serem incorrigiveis, e não quererem deixar os seus idolos, e porque sabia que elles farião todos os esforços para que os Israelitas fossem idólatras.

SENSATA.

E eu julgava que talvez aquelle povo deixas-

se os seus ídolos para adorar o verdadeiro Deos, e por isso tinha pezar de os ver mortos; porém é certo que o Senhor sempre obra com justiça; porque aquelles povos querião ser máos; e depois de o terem conhecido, e de terem ouvido contar os milagres, que elle tinha feito aos Israelitas, ainda não querião deixar os seus falsos Deoses.

BONNA.

São muito acertadas as vossas reflexões, meninas; pois é Deos tão bom, que não condemna senão os incorrigiveis. Quando elle permite que uma pessoa moça, que é mal inclinada, morra, é por saber que ainda que vivesse cem annos, não viria a ser melhor. Ainda deveis fazer uma reflexão; e consiste esta em não permanecerdes nunca irresolutas sobre o deixar de offender a Deos, aliás é quasi certo que ficareis bem depressa culpadas. Ha muita gente que diz todos os dias: Eu quizera de boamente converter-me, e faço o que posso para isso; não obstante porém estas diligencias, fico sempre a mesma. Supponhamos, por exemplo, que ha uma mulher moça, que estima muito o mundo, as assembléas, e que passa nellas todo o tempo, sem se lembrar de Deos, e sem ter cuidado da sua casa, e filhos; esta dirá: Sei bellamente que não vivo como christã, e que offendo a Deos, despre-

zando as minhas obrigações ; porém eu não posso emendar-me ; pois ainda que tenha tomado a resolução de ficar em casa, dahi a pouco me mandão convidar, as amigas mesmo me veem buscar, e não tenho animo para lhes repugnar. Ide para o campo (diria eu a esta senhora), deixai essas amigas, que não cuidão, assim como vós, senão em se divertir : formai conhecimento com algumas senhoras de juizo, que gostem de entreter-se em cousas uteis. Isso bom seria (me diria esta senhora), mas se eu ficasse o inverno no campo, enfadar-me-hia de morte, e não poderia resolver-me a deixar a companhia da outra senhora, por ella me entreter. Visto isso (lhe digo eu) sois uma mentirosa, quando dizeis que vos quereis emendar, e sois como os Israclitas, não querendo fazer sacrificios a Deos, e deixar de peccar, quando se vos offerece occasião. Outra terá o máo habito de se irar, quando perde ao jogo ; e esta vos dirá, que desejaria bem emendar-se ; e eu lhe diria que mente, pois que não quer deixar o jogo, que a faz encolerizar. Estai certas em fim, que é essencialmente necessario, para ser bom, fugir das occasiões de ser máo : reparai bem nisto.

MARY.

Ha tempo, senhora Donna, que nos dissestes que a terra é que se movia, e não o sol ; e eu

vejo que Josué mandou parar o sol, e não a terra: seria isto por elle ignorar que o sol estava fixo?

BONNA.

Josué, menina, podia muito bem não saber que a terra é que se movia, e não o sol; porque os sabios daquelle tempo assim o acreditavam. E' verdade que Josué era inspirado do Ceo; mas isso era para guiar os Israelitas para a terra promettida; para os exhortar a serem fiéis ao Senhor, e não para lhes eusinar as sciencias humanas; e ainda quando Deos tivesse revelado a Josué que a terra é que se movia, creio que sempre elle diria ao sol que parasse, porque se elle puzesse este preceito á terra, creião os Israelitas que era louco, por estarem persuadidos que a terra era immovel, e ser preciso fazer grandes discursos para os capacitar do contrario. Além de que, Deos entregou a natureza aos homens, para elles por si mesmos descobrirem os seus segredos. Mas digamos agora alguma cousa da Geographia. Que Reinos ficão ao éste das Ilhas Britannicas, Sensata?

SENSATA.

O Reino de Dinamarca, que tem ao norte a Norwega; ao éste desta fica a Suecia; e ao éste da Suecia a grande Russia, ou Moscovia. Eis aqui as cinco partes, que estão ao norte da Eu-

ropa ; isto é, 1.^a a Grão-Bretanha, 2.^a a Dinamarca, 3.^a a Norwega, 4.^a a Succia, 5.^a a Russia ; e estes versos, que vou repetir, dizem respeito ás quatro ultimas.

*Os povos da Norwega, e Dinamarca
Tiverão n'outro tempo Reis diversos :
Conquista Margarida a Norwega,
E á Dinamarca logo se submette.
Os Suecos, reinando Margarida,
A' Dinamarca querem sujeitar-se :
Em sangue Christierno ensopa tudo ;
Mas Gustavo os Suecos desaffronta,
Que gozão hoje d'um governo livre,
E tem por capital a Stockolmo.
Da Moscovia o dominio dilatado,
Antes do grande Pedro se ignorava :
As artes, e o commercio este Principe
Restabelece, e funda Petersburgo
Para a córte, e morada dos Czares,
De que Moscow gozava n'outro tempo.*

ESPIRITUOSA.

Quizera, senhora Bonna, saber quem era esta Margarida ?

BONNA.

Essa historia enfadará estas meninas, por ser muito embaraçada ; porém se quizerdes vir mais cedo outro dia, eu vo-la contarei.

MARY.

Eu vos prometto, senhora Bonna, que essa historia me não enfade, ainda que eu seja a mais pequena de todas; e peço-vos muito encarecidamente que a repitais agora.

BONNA.

De boa vontade, meninas; porém temo, como já vos disse, que ella vos desgoste.

HISTORIA DE MARGARIDA.

Um Rei de Dinamarca casou uma sua filha segunda, chamada Margarida, com um Principe de Norwega. Teve ella um filho deste Principe; e ficando sem pai, e sem marido, teve o valor de fazer nomear Rei a seu filho, em prejuizo de sua irman mais velha, e de ficar Regente do Reino. Era Margarida tão habil, que lhe chamavão a Semiramis do Norte; de sorte que, vindo a faltar seu filho, tinha ella tão bem estabelecida a sua auctoridade, que ninguem se atreveo a disputar-lhe a corôa. E' certo que ella governava com tanta sabedoria, que todos os seus vassallos vivião felizes. Os Suecos não estavam tão satisfeitos: querião que os seus Reis não tivessem tanta auctoridade, ao mesmo passo que estes pertendião ser absolutos: do que nascião muitas guerras entre elles. Resolvêrão

por isso sujeitar-se a Margarida ; porém com condições que lhes segurassem as suas leis, e liberdades. Prometteo Margarida tudo o que elles quizerão ; mas assim que se vio Rainha, não deo cumprimento a suas promessas, e illudio os Suecos, quando lhas quizerão advertir. Os Reis, que vierão depois de Margarida, tratárão ainda peor os Suecos, de sorte que estes, enfadados, se levantárão. Um Rei de Dinamarca, chamado Christierno, sendo em extremo tyranno, declarou a guerra aos Suecos, para os obrigar a reconhecêllo por seu soberano ; e havendo entre elles um mancebo chamado Gustavo, que era mui valoroso, Christierno se apoderou d'elle por traição, e o mandou para Dinamarca. Ficando este máo Rei senhor de Suecia, mandou matar todas as pessoas de qualidade, que tinha convidado para um jantar, entrando neste numero o pai de Gustavo. Tendo este mancebo noticia do successo, pôz-se em salvamento, passando-se ás montanhas de Suecia ; mas como Christierno promettesse uma grossa sômma de dinheiro a quem o matasse, vio-se obrigado a disfarçar-se, tomando um vestido humilde, e trabalhando todo o dia. Foi descoberto por uma mulher, que reparou que o colarinho da sua camiza era bordado ; e então se refugiou em casa de um fidalgo, que elle cria ser seu amigo.

Rogou-lhe o fidalgo que ficasse em sua casa, em quanto elle ia ajuntar tropas para fazer a guerra a Christierno, no que Gustavo consentio; porém mal o fidalgo tinha partido, declarou sua mulher a Gustavo que elle tinha ido buscar soldados para o levarem prezo. Mandou-o esta para casa de um Cura, com quem professava amizade, o qual occultou a Gustavo em um armario da sua Igreja, aonde todas as noites lhe levava de comer. Este Cura pelo tempo adiante empenhou um grande numero de rusticos a que fizessem guerra com Gustavo a Christierno. Estimárão elles muito a occasião; e depois de muitos trabalhos, vindo Gustavo a dar a liberdade aos Suecos, estes em recompensa o fizeram seu Rei.

MOLLY.

Confesso-vos, senhora Bonna, que esta historia não me enfadou, antes a comprehendí muito bem; e sempre me recordarei della, quando repetir os versos que a senhora Sensata me quizer communicar por escrito.

DIALOGO XX.

DECIMO OITAVO DIA.

MARY.

Isto, senhora Bonna, parece-me ainda muito cedo, e por tanto não seria máo que nos repetissem um conto.

BONNA.

Gostais em demazia de contos ; porém attendendo a que sempre aprendeis bem a Historia, não posso escusar-me de dizer-vos um, que passo a referir, posto que seja muito comprido.

CARLOTA.

Muito melhor, senhora Bonna.

BONNA.

Houve antigamente um Rei chamado Guinguet, o qual era muito avarento. Quiz elle casar ; mas não se lhe dava de achar uma formosa Princeza ; o que só queria é que ella tivesse bastante dinheiro, e que fosse mais avarenta do que elle. Achou com effeito uma, conforme o seu desejo, da qual teve um filho chamado Tity ; e passado um anno, teve outro, a que chamárão Mirtil. Era Tity muito mais bem parecido do que seu irmão ; e com tudo não o podião seus

pais soffrer, por ser inclinado a repartir tudo o que lhe davão, com os meninos que vinhão brincar com elle. Mirtil, pelo contrario, antes que-ria deixar corremper os seus bolos, do que dallos a outrem : arrecadava as cousas, com que brincava, receando dar-lhes uso ; e se acaso tinha alguma coisa na mão, apertava-a tanto, que ninguem lha podia tirar, ainda quando dormia. Os Reis seus pais estavam loucos com este menino ; e isto tudo era porque se lhes assemelhava. Crescêrão estes Principes ; e receando seus pais que Tity lhes despendesse o dinheiro, não lhe davão um só real. Sahindo este um dia á caça, um de seus estribeiros, que corria a cavallo, passou ao pé de uma mulher velha, e a lançou por terra. Gritou esta, que tinha uma perna quebrada : e rindo-se por isso o estribeiro, Tity, que tinha bom coração, o reprehendo, e chegando-se ao pé da velha com Previsto, seu pagem de mais estimação, a ajudou a levantar ; e pegando-lhe cada um por seu braço, a levárão a uma pequena cabana, onde morava. Ficou aqui o Principe desesperado de não ter dinheiro para dar a esta mulher. De que me serve (disse elle) ser Principe, se não tenho a liberdade de poder fazer bem ? consistindo o prazer, que ha de ser grande, em poder socorrer os miseraveis ! Ouvindo Previsto

fallar assim o Principe, lhe disse: Todo o meu cabedal consiste em um escudo, o este está ás vossas ordens. Aceito o vosso escudo para dar a esta mulher, disse Tity, e eu vo-lo recompensarei quando for Rei. Tornando Tity para palacio, reprehendo-o a Rainha, por ter ajudado a levantar aquella mulher. Grande perda (disse ella ao filho, sendo tambem os avarentos deshumanos), que essa velha morresse! E' digno de se ver abater-se um Principe até erguer do chão uma miseravel pobre! Senhora, (lhe disse Tity) eu julgava que os Principes nunca tanto se exaltavão, do que quando fazião algum bem. Ide, (lhe disse a Rainha) que com o vosso bello modo de discorrer sois um extravagante. Tornou ao outro dia Tity á caça, sómente para ver como estava a pobre mulher, a qual, estando já sã, lhe agradeceo a caridade que com ella usára, e lhe disse: Tenho ainda um favor que pedir-vos, e é que queirais comer algumas avelans, e nesperas, pois as tenho excellentes. Não quiz o Principe rejeitar a offerta, com receio de que a velha o tomasse por desprezo, e por isso provou as avelans, e nesperas, que achou excellentes. Já que as achais boas, (disse a velha) tende a bondade de levar o resto para a vossa sobremeza. Ao tempo que a velha dizia isto, uma gallinha, acabando de pôr o ovo, se pôz a

cantar ; pelo que rogou ella outra vez ao Principe, com tanta graça, que levasse o ovo, que elle o acceitou por agradar-lhe ; dando-lhe ao mesmo tempo quatro moedas que Previsto lhe dera, tendo-as pedido emprestadas a seu pai, que era um cavalheiro da provincia. Chegando o Principe ao palacio, disse que lhe trouxessem o ovo, as nesperas, e as avelans, para a sua cêa ; mas indo a partir o ovo, ficou attonito de achar dentro delle um grande diamante, estando tambem as nesperas, e as avelans cheias delles.

Forão logo contar isto á Rainha, que veio correndo ao quarto de Tity, e ficou tão alegre de ver os diamantes, que abraçou, e chamou pela primeira vez a Tity seu querido filho, dizendo-lhe, se lhe queria dar aquelles diamantes ? Tudo quanto tenho está ás vossas ordens, (lhe disse o Principe). Agora vejo que sois um bom moço (respondeo a Rainha) : deixai estar que eu vos recompensarei. Levou ella pois aquelle thesouro, e em recompensa mandou ao Principe quatro moedas embrulhadas acceadamente em um pequeno papel. Aquelles, que virão este presente, quizerão zombar da Rainha, que se não envergonhára de mandar quatro moedas por tantos diamantes, que valião mais de quinhentas mil ; porém o Principe os pôz fóra da camara, dizendo-lhes, que erão muito atrevidos em não

guardarem respeito a sua mãe. Não obstante o referido, disse a Rainha a Guinguet : Segundo as apparencias, a velha, que Tity levantou, é uma grande fada, e é preciso que amanhã a vamos ver ; mas em vez de levarmos Tity, levaremos seu irmão, porque não quero que ella se incline muito áquelle nescio, que não teve resolução para arrecadar os seus diamantes. Dito isto, mandou que preparassem os coches, e alugassem cavallos, não os tendo o Rei, porque ella os tinha mandado vender, por custarem muito a sustentar. Enchêrão-se dous destes coches de Medicos, Cirurgiões, e Boticarios, e em outro se metteo a Familia Real. Chegando esta comitiva á cabana da velha, lhe disse a Rainha, que vinha pedir-lhe perdão da imprudencia do estribeiro de Tity. Aconteceo isso (disse ella á velha), porque meu filho não tem juizo para escolher criados bons ; porém eu farei com que elle o despeça. Depois disto disse ainda á pobre mulher, que trazia consigo as pessoas mais sabias do seu Reino para lhe curarem o pé ; porém a velha lhe respondeo, que o seu pé ia melhor, que sempre lhe estava obrigada pelo cuidado de ter vindo visitar uma pobre mulher como ella. Oh ! não tendes razão, (lhe disse a Rainha), nós sabemos muito bem que sois uma grande fada, pois dèstes ao Principe Tity uma

grande porção de diamantes. Affirmo-vos, senhora, (disse a velha) que não dei ao Príncipe mais do que um ovo, nesperas, e avelans; e o que ainda me ficou disto, está ás ordens de V. Magestade. Eu o acceito com boa vontade (disse a Rainha, ficando contente com a esperança de ter tambem diamantes). Recebeo pois o presente, animou a velha, e lhe pedio que a fosse ver; e todos os cortezãos, á imitação dos Reis, fizeram grandes applausos á velha. Perguntou-lhe a Rainha que idade tinha? Tenho sessenta annos, (respondeo ella). Pois nem quarenta mostrais ter ainda (tornou a Rainha), e podeis ter a esperança de casar, por serdes ainda digna de vos quererem. O Príncipe Mirtil, como era muito mal educado, se pôz a rir á vista da velha por estes louvores, e lhe disse, que teria muito gosto de dançar-lhe na bôda: mas a boa velha não deo mostras de ver que elle se ria della.

Partio toda a côrte; e a Rainha mal chegou ao palacio, mandou cozer o ovo, e partio ella mesma as avelans, e as nesperas; porém, em vez de achar um diamante dentro do ovo, só achou um pintainho, estando tambem as avelans, e as nesperas cheias de bichos. Ei-la aqui logo cheia de uma colera espantosa. Esta velha (disse ella) é uma feiticeira, que quiz zombar de mim, e por isso farei com que morra. Mau-

dou para isso convocar Juizes, e lhes disse que fizessem o processo áquella velha: mas Previsto, que tinha ouvido tudo isto, foi muito depressa ter com a velha, para lhe dizer que fugisse. Bom dia (lhe disse esta), sênhor pagem de velhas, (por lhe terem dado este nome, depois que elle a tinha ajudado a levantar). Ah, pobre velha! (lhe disse Previsto), fugi depressa para casa de meu pai, que é um homem muito honrado, e vos esconderá com boa vontade; pois que, se ficardes na vossa cabana, mandarvos-hão buscar por soldados, e vos darão a morte. Fico-vos em grande obrigação (lhe disse a velha), porém eu não receio a iniquidade da Rainha; e neste tempo, deixando a fôrma de velha, se mostrou a Previsto com a sua figura natural, e ficou este allucinado pela sua belleza. Quiz Previsto lançar-se-lhe aos pés; porém ella o impedio, dizendo-lhe: Eu vos prohibo que digais ao Principe, ou a outra qualquer pessoa, o que tendes visto. Quero recompensar a vossa caridade: pedi-me o que quizerdes. Senhora (lhe disse Previsto), eu estimo muito o Principe meu amo, e desejo cordialmente ser-lhe util; e assim peço-vos que me façais invisivel, quando eu o desejar, para que possa conhecer quaes são os cortezãos que o amão verdadeiramente. Concedo-vos esse dom (repliea

a fada), mas é preciso tambem que eu pague as dividas de Tity, porque me parece que elle pediu a vosso pai quatro moedas emprestadas. Já lhas restituiu (respondeo Previsto), e porque elle sabe que é indecoroso aos Principes não pagarem as suas dividas, elle me entregou as quatro moedas, que a Rainha lhe mandou. Sei muito bem isso (disse a fada), mas sei tambem que o Principe ficou desesperado de não poder dar mais, por saber que um Principe deve recompensar nobremente; e como elle o não pôde fazer, eu o faço. Tomai esta bolsa, que está cheia de ouro, e levai-a a vosso pai: nella achará sempre a mesma somma, com tanto que elle a não tire senão para bons usos; dizendo isto, desapareceo, e foi Previsto levar a bolsa a seu pai, a quem recommendou segredo. Os Juizes, com tudo, que a Rainha tinha convocado para condemnarem a velha, estavam suspensos, e por isso disserão a esta Princeza: Como quereis vós que nós condemnemos esta pobre mulher, se ella não teve intento de vos enganar, quando vos disse que era uma pobre mulher, e que não tinha diamantes? Irou-se muito a Rainha, e lhes disse: Se vós não condemnais esta malevola, que me illudio, e que me fez gastar inutilmente muito dinheiro no aluguer dos cavallos, e na paga dos Medicos, talvez que vos arrependais. Con-

siderarão os Juizes que a Rainha era uma mulher maligna. Se nós lhe desobedecermos (disserão elles), buscará meio para nos condemnar á morte, e por isso é melhor que a velha morra. Condemnarão-a pois todos os Juizes a ser queimada viva, como uma feiticeira, exceptuando porém um que disse, que queria antes ser queimado elle proprio, do que condemnar uma innocente. Passados alguns dias, achou a Rainha testemunhas falsas, que disserão que este Juiz tinha dito mal della, pelo que lhe tirarão o cargo, e ficou quasi reduzido a pedir esmola com sua mulher, e filhas; porém Previsto tomou uma grossa quantia da bolsa de seu pai, e dando-a a este Juiz, lhe aconselhou que passasse para outro Reino. Achava-se Previsto em todos os lugares, desde que pôde fazer-se invisivel, e por isso soube muitos segredos; porém, como era um moço de probidade, nunca contou cousa que pudesse prejudicar alguem; mas só o que podia servir a seu amo. Como elle ia muitas vezes ao gabinete do Rei, ouviu, em uma occasião, que a Rainha dizia a seu marido estas palavras: Não somos nós bem infelizes em ser Tity nosso filho mais velho? Nós ajuntámos muitos thesouros, que elle dissipará assim que for Rei; e Mirtil, que é tão economico, e que em vez de bolir nestes thesouros, os augmenta-

ria, será privado delles: não haverá meio de desherdar o outro? E' preciso vermos (lhe respondeo o Rei), e se o não podermos conseguir, devemos enterrar estes thesouros, para que elle os não consuma. Ouvia Previsto tambem fallar todos os cortezãos, que, para agradarem aos Reis, lhes dizião mal de Tity, e louvavão a Mirtil; e depois sahindo da presença do Rei, e vindo ao quarto do Principe, lhe dizião, que elles o tinham defendido diante de seus pais: porém o Principe, sabendo toda a verdade pelo meio de Previsto, se ria interiormente delles, e os desprezava. Havia porém na côrte quatro fidalgos muito honrados, os quaes tomando sempre o partido de Tity, não o publicavão; e sempre o exhortavão a amar os Reis seus pais, e a ser-lhes muito obediente.

Havia um Rei visinho, o qual mandou embaixadores a Guinguet sobre um negocio de consequencia. A Rainha, segundo o seu bom costume, não quiz que Tity apparecesse a estes embaixadores, e lhe disse que fosse para uma agradavel casa de campo, que era do Rei, porque elles quererião sem dúvida vèlla, e sería preciso que elle os recebesse alli. Assim que Tity partio, preparou a Rainha tudo para receber os embaixadores sem muito custo. Tomou uma saia de veludo, e a deo aos alfaiates, para que fi-

zessem dous quartos trazeiros para um vestido de Guinguet, e outro de Mirtil, fazendo as dianteiras dos mesmos, de veludo novo; julgando que, estando o Rei, e o Principe assentados, ninguém veria as costas dos seus vestidos. Para os fazer magnificos, pegou nos diamantes, que se tinham achado nas nesperas, para servirem de botões ao vestido do Rei; e prendendo ao seu chapéo o diamante, que se achára dentro do ovo, empregou os pequenos, que tinham sahido das avelans, em botões do vestido de Mirtil, e em uma gargantilha, e laços para si. Na realidade, brilhavão com tantos diamantes; mas subindo Guinguet, e sua mulher para o throno, e pondo-se Mirtil a seus pés, tanto que os embaixadores entrárão na sala, desapparecêrão os diamantes, e em seu lugar só apparecêrão as nesperas, avelans, e o ovo. Julgárão os embaixadores, que Guinguet se tinha vestido de um modo tão ridiculo, para fazer affronta a seu amo, pelo que sahirão todos enfadados, e disserão que seu amo lhes ensinaria que não era Rei de nesperas. Por mais que os chamárão, não derão attenção a nada, e tornárão para o seu Reino, ficando Guinguet, e sua mulher muito envergonhados, e cheios de colera. Foi Tity (disse a Rainha ao Rei) quem nos pregou esta peça: é preciso desherdallo, e deixar a nossa corôa a

Mirtil. Consinto nisso de boamente (disse o Rei). Porém neste tempo ouvirão uma voz, que lhes disse: Se fordes tão tyrannos, que o façais assim, quebrar-vos-hei todos os ossos um a um. Tiverão elles grande medo, quando ouvirão esta voz, por não saberem que Previsto estava dentro do seu gabinete, e tinha ouvido a sua prática. Não se atrevêrão por isso a fazer damno algum a Tity; porém fazião buscar por toda a parte a velha, para a castigarem, e estavam desesperados de não a poderem achar. O Rei Violento, que era aquelle que tinha maudado os embaixadores a Guinguet, crêo que realmente tinha este querido zombar delle, e por isso determinou vingar-se, declarando-lhe guerra. Ficou Guinguet ao principio bem apaixonado, por não ter animo, e temer a morte: mas a Rainha lhe disse: Não vos afflijais: mandaremos a Tity que commande o nosso exercito, com o pretexto de lhe dar honra; e como elle é um estouvado, grangeará a morte, e então teremos o gosto de deixar a nossa corôa a Mirtil. Pareceo ao Rei esta invenção admiravel; e mandando vir Tity do campo, o nomeou Generalissimo das suas Tropas; e para lhe dar mais occasiões de expôr a sua vida, lhe deo um pleno poder de fazer a guerra, e a paz.

Como este conto é ainda muito extenso, mac-

ninas, e continuando-o não nos ficaria tempo de repetir as historias, ficará para outra vez.

MARY.

Affirmo-vos, senhora Bonna, que não poderei dormir até que o não acabeis; e se acaso vos agrada, acabai-o hoje.

BONNA.

Vós deveis, menina, saber privar-vos do que vos dá gosto, quando tiverdes de fazer a vossa obrigação. Sim acabarei este conto, se absolutamente o quizerdes; mas assim faltaremos a cousas mais necessarias, e isto não é conveniente. Para qualquer ser boa, não deve querer seguir os seus caprichos; e por isso vos aconselho que façais este pequeno sacrificio, pois de outra sorte eu julgarei que não tereis nunca animo de sacrificar o prazer á vossa obrigação.

MARY.

Está bem, senhora Bonna, então digamos as nossas historias; mas sempre vos affirmo que isto me custa alguma cousa.

BONNA.

Ordinariamente a todos custa fazer o que devem; mas isto não obstante, sempre é do habito de nos constrangermos em as cousas tennues, que depende a nossa felicidade nesta vida. Quando fôrdes maior, menina, se vos não acostumardes a reprimir-vos algum tanto, não

fareis nada a proposito ; porque quando tiverdes necessidade de estar em casa, tereis desejo de passear ; quereis ler, quando for preciso sahir ; e assim andareis sempre n'uma contíua desordem. Mas ouçamos a Historia de Carlota.

CARLOTA.

Adorando ainda os filhos de Israel os idolos, concedeo Deos aos Madianitas a permissão de os affligir. Vinhão estes povos no tempo da colheita, destruíão-lhes os seus fructos, e os trigos, e tomavão todos os rebanhos de Israel. Reconheceo então o povo o seu delicto, e pediu perdão ao Senhor. Movido Deos pelo seu arrependimento, mandou o seu Anjo a um homem chamado Gedeão, o qual lhe disse : *Muito forte, e valente homem, seja o Senhor contigo. Ah senhor !* (respondeo Gedeão). Que é feito das maravilhas, que Deos obrou em favor de nossos pais ? Tem-nos elle agora desamparado ? Porque vós primeiro o abandonastes (lhe diz o Anjo) ; mas elle vio vossas lagrimas : marchai contra os Madianitas, e os vencereis. Diz Gedeão ao Anjo : Como defenderei eu meus irmãos ? Eu sou o mais pobre dos Israelitas, e o menor da casa de meu pai ! O Anjo lhe respondeo : Como o Senhor é contigo, tu vencerás os Madianitas, como se elles não fossem senão um só homem. Não vos offendais do que diz o vosso

servo (lhe responde Gedeão), porém sempre quero que me deis uma prova que Deos ordena que eu emprenda esta guerra. Fez então Deos muitos milagres, para mostrar a Gedeão que era sua vontade que elle accommettesse os Madianitas; e apparecendo-lhe depois o Eterno, lhe mandou destruir o Altar de Baal, que pertencia a seu pai. Obedeceo Gedeão, e queria por isso o povo fazello justiça; porém o pai de Gedeão lhe disse: Não tomeis a defesa de Baal: se elle é Deos, vingue-se por si mesmo. Com tudo os Madianitas, os Amalecitas, e os Orientaes ajuntarão um exercito numeroso contra Israel. Gedeão mandou tocar as trombetas, e ajuntou tambem um grande exercito de Israelitas; porém Deos disse a Gedeão: Tendes um grande exercito, e se vencesseis os inimigos com estas tropas, diria o povo: Fomos nós que alcançamos a victoria, e não a mão do Senhor quem destruiu os nossos inimigos. E para que assim não seja, mandai publicar que todos os que tiverem medo, tornem para suas casas. Obedeceo Gedeão; e de trinta e dous mil homens só ficarão dez mil. Disse outra vez o Senhor a Gedeão: Ainda tendes muita gente; porém encaminhai-vos com ella para o rio. Tanto que estes dez mil homens estiverão perto da agua, como trazião uma grande sede, quizerão beber:

destes só houve trezentos que tomárão a agua em suas mãos, para molhar sómente a bôca; mas os outros se puzerão de joelhos, para beberem á sua vontade, e inteiramente se refrescarem. Disse Deos então a Gedeão: Toma estes trezentos homens, que tomárão agua nas mãos, os quaes são bons soldados, pois que sabem supportar a sede; e com elles eu vencerrei esse grande exercito. Mandou depois Deos a Gedeão, que fosse ao campo dos inimigos com um unico companheiro. Obedeceo este; e tanto que alli chegou, ouviu dizer a um soldado para o seu camarada: Eu sonhei esta noite que um bolo tinha rolado pelo nosso campo; e que tocando em uma das nossas tendas, a tinha derubado. O outro soldado lhe respondeo: Esse sonho quer dizer, que a espada de Gedeão, que é representada nesse bolo, ha de destruir o nosso exercito. Ouvindo Gedeão isto, se prostrou por terra em agradecimento do que o Senhor lhe fez, e voltou para o seu campo cheio de confiança, e fallou então assim aos seus trezentos soldados: Eu quero dividir-vos em tres companhias; e haveis de levar cada um em sua mão uma trombeta, e na outra uma quarta vasia, na qual mettereis uma luz, e fareis tudo o que me virdes fazer. Chegando ao campo dos inimigos, tocárão todos as trombetas, e quebrárão as quar-

tas, clamando: *A espada do Senhor, e de Gedeão.* A estas palavras fugirão os inimigos; e virando as suas espadas uns contra os outros, se despedaçarão.

BONNA.

Continuai, Molly.

MOLLY.

Mandou por esta causa dizer Gedeão a todos os Israelitas, que seguissem os inimigos, e ao alcance matarão cento e vinte mil homens; porém como os trezentos de Gedeão estavam cansados, e continuavão o seguimento dos inimigos, pediu elle aos povos, que ficavão na sua passagem, que lhe dessem mantimentos; e negando-lhos estes grosseiramente, Gedeão, alcançada a victoria, castigou os principaes d'entre elles. Pedio Gedeão, em recompensa da victoria, que lhe dessem os anneis de ouro que se tivessem tomado aos inimigos; e achando uma grande quantidade, os mandou fundir para fazer delles um *Ephod*, isto é, uma vestidura como aquella que Deos tinha ordenado para o Summo Sacerdote, e pôz este *Ephod* dentro da sua cidade, o qual veio a ser ao depois para o povo uma occasião de peccado, pois o adorou. Morreo Gedeão em uma grande velhice, e deixou setenta filhos legitimos, e um natural. Tinha o povo dito a Gedeão, depois que venceo

os Madianitas, que fosse seu Rei, e seus filhos depois d'elle; mas Gedeão lhe respondeo: Só Deos é que deve ser o vosso Rei. Os Israelitas depois da morte de Gedeão obedecêrão a seus filhos; porém esquecendo-se cedo das obrigações, que lhes devião, derão attenção aos máos conselhos do filho natural chamado Abimelech, e o reconhecêrão por seu Soberano. Este pessimo homem mandou matar todos os seus irmãos, excepto o mais moço chamado Joathan, que se tinha occultado. Reprehendeo este ao povo a sua ingratição, e lhe predisse que Abimelech lhe havia de fazer muito damno. Aconteceo como elle o prognosticára, porque Abimelech deo a morte a um grande numero de pessoas; e indo elle mesmo para pôr fogo a uma torre, para a abraçar com todos os que estavão dentro, uma mulher lhe lançou em cima uma mó de moinho, que o ferio mortalmente. Vendo-se Abimelech neste estado, mandou ao seu escudeiro que o atravessasse com a sua espada, para que se não dissesse que fôra morto pela mão de uma mulher.

BONNA.

Notai, meninas, a vigilancia que Deos tem em castigar os delictos. Os filhos de Israel fôrão ingratos para com os filhos de Gedeão, e por isso se servio de Abimelech para os casti-

gar, e castigou depois o mesmo Abimelech. Continuai, Mary.

MARY.

Os filhos de Israel se apartarão ainda outra vez do Senhor, para adorarem os falsos Deoses, e por isso elle os abandonou aos Ammonitas, e aos Filistheos. Pedirão elles então soccorro ao Senhor; porém este lhes disse: Pedi auxilio aos Deoses que adorais. Sempre por fim Deos se compadeceo delles, e lhes inspirou que elegessem Jephthe por seu capitão. Era este Jephthe filho natural, e os filhos legitimos o tinham lançado fóra da casa de seu pai; o que não obstante, lhes perdoou, e se pôz na sua frente, para pelejar com os inimigos. Antes do combate, disse elle em altas vozes: Senhor, se vós me concederdes a victoria, eu prometto de vos sacrificar a primeira pessoa, que me apparecer diante, ao entrar na cidade. Alcançou a victoria; e sua filha sabendo esta boa nova, o veio esperar com outras companheiras, tocando instrumentos, e sendo a que vinha diante das outras. Quando Jephthe a vio, apartou della os olhos, e rasgou o seu vestido, pois não tinha senão esta filha, que era bem inclinada, e que por isso amava muito. Ficou ella toda suspensa, vendo a dôr de seu pai em um dia de regozijo; mas depois que elle lhe disse, que

estava afflicto por sua causa, por se ver obrigado a sacrificalla ao Senhor, pelo voto que fizera, ella lhe respondeo : Não vos afflijais por isso, pois estou prompta a morrer, já que o tendes promettido a Deos. Pedio só que lhe concedesse dous mezes, para chorar com suas amigas ; pois, como não era ainda casada, não tinha filhos, o que era vergonhoso naquelle tempo ; e tornando no fim dos dous mezes a ter com seu pai, este a sacrificou ao Senhor.

ESPIRITUOSA.

E teria, senhora Bonna, Jephthe commettido um peccado, se não sacrificasse a sua triste filha ? Póde a bondade de Deos estimar taes sacrificios ?

BONNA.

Não, menina, Deos abomina que se derrame o sangue dos homens : Jephthe fez um juramento imprudente, e commetteo uma injustiça em o executar. Os Israelitas, que tinham communição com os povos, que elles tinham deixado subsistir contra o preceito do Senhor, adoptarão os seus mãos costumes ; e como os moradores de Tyro, e Sydonia sacrificavão homens a um de seus Deoses chamado Saturno ; e Jephthe, tendo sido expulsado ainda moço da casa de seu pai, não estava bem instruido na Lei de Deos, julgou que obrava uma maravilha em offerecer a

Deos um sacrificio semelhante áquelle que os Tyrios offerecião a Saturno : a sua intenção era boa, e a sua acção má ; porém o que mais admira, é o animo de sua filha, que se submetteo sem repugnancia á sua vontade, e isto no tempo, em que elle já era um homem mui distincto, e ella havia de ser honrada como a filha daquelle que tinha libertado o povo.

CARLOTA.

Mas porque era, senhora Bonna, indecoroso morrer sem filhos ?

BONNA.

Para vos explicar o que eu julgo disto, meninas, é preciso trazer-vos á memoria o que Deos disse á serpente, antes de lançar fóra do Paraiso terrestre a Adão, e Eva : *Tu venceste a mulher, e esta te trilhará a cabeça.* Esta serpente era o demonio ; e quiz Deos dizer naquellas palavras, que algum dia o seu Filho, que era Deos como elle, se faria homem, e nasceria de uma mulher : parece-me pois que todas as mulheres Judias aspiravão á honra de ver nascer o Messias nas suas familias, e era por isso que ellas desejavão ter filhos.

MARY.

Permitti-me, senhora Bonna, que vos faça uma pergunta sobre uma cousa que tenho no pensamento ha uma hora. No conto do Princi-

pe Tity nos dissestes que a Rainha dentro do ovo achára um pintainho em lugar de um diamante. Como podia ter-se gerado este pintainho no ovo?

BONNA.

E' porque em cada ovo ha um pinto; e para vos mostrar melhor isto, eu mando vir um ovo: vêdes esta pequena cousa branca, que pendende da gemma? Pois include em si um pinto.

MOLLY.

Estou pasmada, senhora Bonna! Dizei-me: todos os frangãos, que comemos, procedem de uma pequena cousa branca como esta?

BONNA.

Sim, menina, essa pequena cousa chama-se galladura; e quando a gallinha quer ter pintos, cobre os seus ovos por vinte dias, e depois de os ter aquecido, produz os pintos dessa galladura: depois destes produzidos, nutrem-se ao principio com a clara, e gemma do ovo; e tanto que não ha mais nada que comer, e que elles são já mais fortes, quebrão a casca do ovo com o seu bico, e sahem para fóra.

ESPIRITUOSA.

Isso observei eu quando estive no campo, e me admirava da paciencia da gallinha: este pobre animal não se apartava dos ovos; estava secca como um páo; e se lhe não trouxessen

de comer, parece-me que morreria com fome.

BONNA.

Admirai a providencia, que permite que este pobre animal tenha tanta inclinação á sua familia, sem estar ainda produzida. Depois que os seus pintos teem sahido da casca, qual não é a sua vigilancia para os guardar! A gallinha é muito tímida, e de tudo tem medo; e todavia se alguem offende os seus pintos, faz-se tão atrevida como um leão; accomette mesmo um cão, e saltaria no rosto a um homem, se pudesse.

ESPIRITUOSA.

Eu vi uma gallinha, á qual tinhão feito choear ovos de pata, mostrar-se mui desesperada, só por não poder seguir os seus patinhos, quando estes se lançavão n'agua.

BONNA.

Admirai ainda a Providencia, e vêde quanto esta gallinha se inclina aos seus pintainhos, em quanto elles necessitão della; mas tanto que são grandes, e podem passar sem o seu soccorro, ella os desampara, e nem já os conhece. Mas de que procede que esta prodigiosa inclinação desaparece repentinamente em todos os animaes? E' por não ser já precisa para a conservação da especie: nada ha inutil na natureza, tudo está nella em seu lugar, e por mais que se imaginas-

se, não se poderia achar cousa mais perfeita : tudo nella é assombro : nós o vemos ; e estando no meio de prodigios, não lhes damos atenção. Por exemplo, meninas, capacitar-vos-heis vós que não ha em todo o Universo duas cousas que sejam inteiramente semelhantes ?

SENSATA.

Que dizeis, senhora Bonna ! em todas as folhas, que ha nesta arvore, não haverá duas que se assemelhem ?

BONNA.

Não, menina, nem ainda em todo o Mundo. Um grande Filosofo, passeando em um jardim com uma Princeza, proferio um dia esta mesma proposição. Rirão-se delle ; e todos os fidalgos que vinhão na comitiva da Princeza passarão todo o dia a pôr folhas uma ao pé da outra, sem nunca poderem achar duas semelhantes. Porém, meninas, ha nisto ainda outra cousa, a que não dais atenção. Todos os homens teem no seu rosto nariz, olhos, bôca, barba, sobranças, e faces, e não obstante isso estas mesmas partes, quasi feitas todas do mesmo modo, são tão differentes, que não ha dous homens que se assemelhem perfeitamente. Onde se acharia um Artifice, que pudesse pôr uma tal diversidade em suas obras ?

ESPIRITUOSA.

Agora vejo, senhora Bonna, que tendes razão em dizerdes, que estamos rodeados de milagres, sem que o julgemos; mas dizei-me: Os espiritos são tão differentes como os rostos?

BONNA.

Sim, menina; porque o Artifice, que formou todas estas cousas, podia fazer outras sem numero, sem que se assemelhassem. Mas é tempo de vos irdes; peço-vos que considereis algumas vezes nestas cousas, porque isto vos dará occasião de admirardes a sabedoria do Creador.

DIALOGO XXI.

DECIMO NONO DIA.

MARY.

LEMBRO-ME, senhora Bonna, de que nos promettestes acabar o conto do Principe Tity.

BONNA.

Sim, meninas: ficámos no lugar, em que o Rei lhe deo o mando do seu exercito, com o intento que elle morresse.

Chegando Tity ás fronteiras do Reino de seu pai, resolveo-se a esperar o inimigo, e occupou

o tempo em fazer levantar uma fortaleza em um passo estreito, por onde elle devia entrar. Estando um dia vendo trabalhar os soldados, chegou-lhe a sede; e percebendo uma casa sobre um monte visinho, se encaminhou para ella para pedir agua. O senhor da casa, chamado Abor, lha deo liberalmente; e o Principe, retirando-se, vio entrar para a mesma casa uma moça tão bella, que ficou absorto com a sua vista. Era esta Biby, filha de Abor, por cujo respeito tornou o Principe mais vezes áquella casa com diversos pretextos. Fallou muitas vezes a Biby; e conhecendo que ella era muito prudente, e tinha muita viveza, dizia comsigo mesmo: Se eu estivesse na minha liberdade, casaria com Biby; pois ainda que ella não tenha nascido Princeza, tem tantas virtudes, que merece ser Rainha. Cada dia criava mais amor a esta moça, até que em fim tomou a resolução de lhe escrever. Biby, sabendo muito bem que uma mulher honesta não acceita cartas de homens, levou aquella do Principe a seu pai, ainda por abrir. Vendo Abor que o Principe estava agradado de sua filha, perguntou a Biby se queria bem a Tity? Biby, que não tinha mentido em toda a sua vida, disse a seu pai, que o Principe lhe tinha parecido um homem tão cortez, que não tinha podido deixar de amalloy; porém (acrescentou el-

la) eu sei que elle não pôde desposar-me, porque eu não sou mais do que uma pastora, e por isso vos peço que me mandeis para casa de minha tia, que fica daqui distante. Fèlla seu pai partir naquelle mesmo dia; e o Principe ficou tão apaixonado com a sua ausencia, que cahio doente. Abor lhe disse: Meu Principe, estou mui sentido de vos entristecer; mas como amais a minha filha, não querereis fazella infeliz: bem sabeis que o mundo despreza como o pó uma moça que acceita as visitas de um homem que a ama, e não quer desposalla. Ouvi, Abor, (disse o Principe): eu quereria antes morrer, do que faltar ao respeito que devo a meu pai, casando-me sem sua licença; porém, se me prometterdes guardar-me vossa filha, eu vos prometto de a desposar quando for Rei, e cousinto de não a ver até esse tempo. Dito isto, appareceo a fada naquelle mesmo quarto, e deixou o Principe muito admirado, pela não ter visto ainda naquella figura. Eu sou a velha, que soccorrestes, (disse ella ao Principe) e como sois um homem tão honrado, e Biby é tão virtuosa, eu vos tomo a ambos debaixo da minha protecção. Vós a desposareis dentro em dous annos, mas até esse tempo soffrereis ainda bastantes contratempos. De mais eu vos prometto de vos fazer uma visita todos os mezes, e trarei sempre comigo

Biby. Ficou o Principe agradado desta promessa, e determinou adquirir muita gloria para agradar a Biby; de sorte que, vindo o Rei Violento offerecer-lhe batalha, não sómente Tity a ganhou, mas ficou aquelle prisioneiro. Aconselhavão a Tity que lhe tirasse todo o seu Reino, mas elle disse: Eu não quero fazer isso; porque os vassallos, que amão sempre mais o seu Rei do que um estrangeiro, se levantarião, e lhe restituirião a corôa: Violento nunca se esqueceria da sua prizão; e existiria uma guerra continua, que faria dous povos infelizes. Quero, pelo contrario, dar a liberdade a Violento, e não lhe pedir nada por isso; pois sei que elle é generoso, e ficará nosso amigo, valendo-nos mais a sua amizade do que o seu Reino, que nos não pertence, e assim evitarei uma guerra, que custaria a vida a muitos milhares de homeus. Aconteceo o que Tity tinha previsto; e ficou Violento tão agradado da sua generosidade, que fez uma alliança perpétua com o Rei Guinguet, e com seu filho.

Isto não obstante, ficou Guinguet muito irado, quando soube que seu filho tinha dado a liberdade a Violento, sem lhe exigir o seu resgate; e por mais que este Principe lhe representou, que elle lhe tinha dado ordem para obrar como entendesse, não lhe quiz perdoar. Tity,

que amava, e respeitava a seu pai, cahio doente com pena de lhe ter desagradado. Estando um dia só na sua cama, sem lhe lembrar que era o primeiro dia do mez, vio entrar dous lindos canarios pela janella; e ficou attonito, quando estes tornando a tomar a sua figura natural, lhe representarão a fada, e a sua amada Biby. Ia elle para agradecer á fada aquella visita, quando a Rainha entrou no seu quarto, levando nos braços um gato mui gordo, que ella estimava muito, porque lhe apanhava os ratos que comião os seus provimentos, sem lhe custar nada a sustentar. Tanto que a Rainha vio os canarios, se enfadou de os deixarem andar soltos, porque lhe estriuião os móveis; e respondendo-lhe o Principe, que elle os mandaria metter em uma gaiola, ella lhe disse, que queria que logo lhos apanhassem, porque gostava muito delles, e os queria comer ao jantar. Exasperado o Principe, começou a dizer-lhe, que os deixasse; mas por mais que elle lho pedia, não deixavão os cortezãos, e os criados, de correrem atrás delles para os apanharem; até que um criado tomando uma vassoura, derrubou com ella a pobre Biby. Lançou-se então o Principe fóra da sua cama, para a soccorrer: mas já não foi tanto a tempo, que o gato da Rainha não tivesse sahido dos seus braços, e estivesse perto de ma-

talla com uma unhada, quando a fada, tomando de improviso a fôrma de um cão grande, saltou sobre o gato, e o suffocou; e tomando depois disto ella, e Biby a figura de dous ratinhos, fugirão ambas por um pequeno buraco, que havia em um canto da casa. Tinha o Principe cahido sem acordo, á vista do perigo que tinha sobrevindo á sua amada Biby; porém a Rainha, sem lhe dar attenção alguma, só estava preocupada com a morte do seu gato, pelo qual dava gritos insupportaveis, chegando a dizer ao Rei, que ella se mataria, se não vingasse a morte daquelle pobre animal; que Tity tinha commercio com feiticeiras, para lhe causar mágoa; e que não teria um instante de descanso, até que o não desherdasse, para dar a corôa a seu irmão. Consentio nisto o Rei, e lhe disse que ao outro dia mandaria prender o Principe, para se lhe fazer o seu processo. O fiel Previsto não se deixou dormir nesta occasião; e tendo-se introduzido no gabinete do Rei, veio em continente avisar o Principe do que se passava. O sobresalto, que este tomou, lhe tirou a febre, e já se preparava para montar a cavallo, e fugir, quando vio a fada, que lhe disse: Já estou enfadada das maldades de vossa mãe, e da cobardia de vosso pai, e por isso vos quero dar um bom exercito, para que os vades preu-

der dentro do seu palacio, e os mettais em uma prizão com seu filho Mirtil, para poderdes depois subir ao throno, e desposardes a Biby. Senhora, (disse o Principe á fada) vós sabeis que eu amo a Biby mais do que a minha vida; porém o desejo de a desposar não me fará nunca esquecer do que devo a meu pai, e a minha mãe; e quereria antes morrer nesta hora, do que tomar as armas contra elles. Dai-me um abraço (lhe disse a fada): eu quiz experimentar a vossa virtude, e se acceitasseis as minhas offertas, certamente vos desampararia; mas como tivesdes o valor de as desprezar, eu vos favorecerei sempre, e agora vos vou dar disto uma prova. Tomai a figura de um velho, e seguro de não poderdes ser conhecido com esta fórma, correi o vosso Reino, e instrui-vos por vós mesmo de todas as injustiças, que se obrão contra os vossos pobres vassallos, para as reparardes, quando fordes Rei; e Previsto, que ha de ficar na côrte, vos avisará de tudo o que acontecer na vossa ausencia. Obedeceo o Principe á Fada, e vio na sua viagem cousas que o fizerão tremer. Vendia-se a justiça, os governadores roubavão o povo, os grandes maltratavão os pequenos, e tudo isto se fazia em nome do Rei. No fim de dous annos lhe escreveo Previsto que seu pai era morto, e que a Rainha tinha querido fazer co-

roar seu irmão, porém que os quatro honrados Fidalgos, que elle bem conhecia como taes, se lhe tinham opposto, por elle lhes ter advertido que o Principe estava ainda vivo; e que por isso a Rainha se tinha retirado, com seu filho, para uma Provincia, que ella tinha feito levantar. Tendo já Tity recuperado a sua figura, voltou para a sua capital, e foi reconhecido Rei, e escreveu depois disto uma carta mui respeitosa á Rainha, rogando-lhe que não quizesse ser causa de haver alguma revolução; e offereceo-lhe juntamente uma boa pensão para si, e seu filho Mirtil. A Rainha, tendo já um grosso exercito, lhe escreveu que ella pertendia a corôa, e que lha viria arrancar mesmo da cabeça. Esta carta não foi bastante para obrigar a Tity a perder o respeito, que devia á Rainha; porém esta má mulher, sabendo que o Rei Violento vinha em soccorro do seu amigo Tity, com um grande numero de soldados, foi constrangida a acceitar as proposições de seu filho. Vio-se pois este Principe pacifico possuidor do seu Reino, e desposou a bella Biby com contentamento de todos os seus vassallos, que ficarão agradados de ter uma tão boa Rainha.

ESPIRITUOSA.

E não reparou este Principe o damno, que tinham feito aos seus vassallos?

BONNA.

Isso vos direi eu, meninas, em outra occasião, pois que ainda temos que fallar da vida de Tity, depois de ser Rei, o que não pôde ser agora.

MARY.

E veremos nós tambem o que acontecco a Previsto?

BONNA.

Sim, menina; porém agora dizei-nos a vossa lição.

MARY.

Depois de haver outros muitos Juizes, torná-rão os filhos de Israel á idolatria, e permittio Deos aos Filistheos que os perseguissem. Tendo elles já padecido muito, pedirão perdão a Deos, o qual movido de suas lagrimas, quiz mandar-lhes um libertador. Por esta causa appareceo o Anjo do Senhor a uma mulher, que era esteril, e lhe disse: Eu te declaro que terás um filho, que ha de livrar Israel; e será consagrado ao Senhor, para perdição dos Filistheos: por isso tu não beberás vinho, nem outra cousa que possa embebedar, até que elle nasça. Este menino será Nazareno, isto é, ha de pertencer ao Senhor: não beberá licôr algúm, que possa embebedar; e não cortará nunca o seu cabello. Disse esta mulher pois a seu marido, que ti-

nha visto um homem de grande estatura, e que este lhe promettêra um filho da parte de Deos, (ignorando que o tal homem era um Anjo). De-sejhou muito seu marido ver este homem ; e como o Anjo apparecesse segunda vez á mulher, esta lhe rogou, que esperasse um instante, no qual foi chamar seu marido. Perguntou este ao Anjo como se chamava, e lhe pediu que lhes fizesse a honra de comer com elles um cabrito; mas o Anjo lhe respondeo : O meu nome é Maravilhoso ; e ainda que tu me preparasses um cabrito, não comeria contigo, e deves antes offerello em holocausto ao Senhor. Obedeceo o homem ao Anjo ; e mal a chamma do holocausto começou a erguer-se para o Ceo, se introduzio o Anjo nesta chamma, e subio com ella. Disse então este homem a sua mulher : Morremos certamente, pois que vimos a face do Senhor. Porém ella lhe respondeo : Se o Eterno quizesse que morresseis, não receberia o vosso holocausto. E passado tempo, teve esta mulher um filho, a quem pôz o nome de Sansão.

BONNA.

Prosegui, Molly.

MOLLY.

Crescendo Sansão, cativou-se de uma donzella dos Filistheos, e pediu a seu pai licença dara a desposar... Seu pai lhe disse : Não ha mui-

tas donzellas em Israel? Para que queres tu desposar uma estrangeira? Sansão lhe respondeo: Eu quero bem a esta moça. E sendo a vontade de Deos que elle a desposasse, deo seu pai o seu consentimento. Indo um dia Sansão ver esta mulher, encontrou um leão ainda novo; e tomando-o entre as mãos, o partio em dous, porque era extremamente forte. Passados dous dias, vio elle o corpo deste leão morto, e reparou que as abelhas tinham feito mel na sua bôca. Apanhou elle este mel, e trouxe-o a seu pai, e a sua mãe, mas não lhes disse onde o tinha apanhado. Casou-se elle passados dias, e deo um banquete aos moços Filistheos, que durou sete dias. Disse-lhes elle no primeiro dia: Eu quero dar-vos um enigma, para que o decifreis, e dou-vos sete dias para isto. Se o adivinhardes, dar-vos-hei trinta vestidos, e se não o adivinhardes, darmos-heis vós a mim; e eis-aqui o enigma: *Daquelle, que comia, sahio a comida, e do forte a doçura.* Os mancebos, que assistião ás vôdas, não podião adivinhar este enigma, por não saberem que Sansão achára mel na bôca do leão. Forão pois ter com a mulher de Sansão, e lhe disserão: Se não fizerdes com que vosso marido vos explique este enigma, queimar-vos-hemos viva dentro de vossa casa com vosso pai. Foi por esta causa esta mulher visitar seu ma-

rido ao setimo dia, e lhe disse: Vós não me amais certamente; pois se me amasseis, já me terieis descoberto esse enigma que déstes a adivinhar. Respondeo-lhe Sansão: Nem a meu pai, e a minha mãe eu o quiz descobrir; mas não obstante eu vo-lo explicarei. Tanto que ella soube o enigma, foi buscar os mancebos, e lhes disse o que significava; e á noite disserão elles a Sansão: Que cousa ha mais doce que o mel, e mais forte que o leão? Conheceo Sansão mui bem que tinham seduzido sua mulher; e querendo vingar-se disto, matou trinta Filistheos, e deo os seus vestidos áquelles que tinham adivinhado o seu enigma. Tinha-se elle recolhido para sua casa; e querendo, passados dias, ir ver sua mulher, que elle amava apeszar da sua infidelidade, o pai desta lhe disse: Eu cuidava que tinheis desamparado vossa mulher, e por isso a dei já a outro homem. Com esta são já duas grandes injúrias, que tenho recebido dos Filistheos (disse Sansão); pois que, depois de terem enganado minha mulher, ma tirarão tambem, e por isso eu lhes declaro uma guerra perpétua. Querendo pois Sansão vingar-se, apanhou trezentas rapozas, e as atou umas ás outras pela cauda, e pondo um facho accezo nas caudas destas rapozas, e lançando-as diante de si, puzerão fogo ás viahas, aos olivae, o

aos trigos dos Filistheos. Sabendo estes que Sansão commettêra esta acção em vingança de lhe terem tirado sua mulher, queimárão-na dentro de sua casa com toda a sua familia. Tomando depois disto as armas, Sansão os destroçou, e os Filistheos forão contra os Israelitas da Tribu de Judá, e lhes disserão: Nós viemos para prender Sansão: entregai-no-lo, e se não exterminar-vos-hemos. Tres mil homens desta Tribu se encaminhárão para Sansão, e lhe disserão: Tu não sabes que os Filistheos são os nossos senhores? Para que os tens assim tratado? Respondeo-lhes Sansão: Não fui eu quem principiou a contenda; e como elles me accometêrão, é-me licito vingar-me. Eu vejo todavia que vós me quereis entregar; no que consinto, e podeis ainda atar-me do modo que quizerdes. Quando os Filistheos virão seu inimigo ligado com boas cordas novas, lançárão grandes alaridos de alegria; porém, apossando-se o espirito do Senhor de Sansão, quebrou este as cordas, como se fossem um delicado fio; e como elle não tinha armas, se apoderou de uma queixada de um jumento, que achou no chão, e com ella matou mil Filistheos. Teve depois desta victoria uma grande sêde; e não havendo agua naquelle lugar, clamou ao Senhor: Inutilmente me tirastes das mãos dos Filistheos, pois que es-

tou perto de morrer com sêde. Ouvio Deos a voz de Sansão; e despegando-se um dos dentes daquella queixada de jumento, que tinha na mão, rebentou agua bastante para apagar a sêde deste valente homem.

BONNA.

Acabai esta historia, Carlota.

CARLOTA.

Entrando um dia Sansão na cidade de Gaza, puzerão os Filistheos guardas nas muralhas, e fechárão todas as portas da cidade. Tendo-se Sansão levantado á meia noite, para se retirar, achou as portas da cidade fechadas; mas isto não o embaraçou muito, porque, tendo ainda toda a sua força, arrancou as couceiras de ferro, que sustentavão uma das portas; e pondo-a sobre os hombros, a levou ao cimo de um dos montes visinhos, com grande admiração dos Filistheos, que dizião: Nunca nos poderemos ver livres deste homem! Souberão os Filistheos que Sansão estava inclinado a uma donzella do seu paiz, e por isso os principaes d'entre elles forão ter com ella, e lhe disserão: Dar-te-hemos uma grande somma de dinheiro, se tu pudéres entregar-nos Sansão. Esta moça, chamada Dailila, sendo má, e avarenta, determinou entregar o seu amante, para ganhar aquella somma; e disse a Sansão: Peço-vos que me digais por-

que sois tão valente, e de que modo se vos faria perder a vossa força. Conheceo Sansão muito bem que ella o queria entregar, e por isso determinou zombar della. Disse-lhe pois: Se me prenderem com sete cordas molhadas, perderei toda a minha força. Tomou por esta causa Dalila sete cordas molhadas, e prendeo Sansão no tempo que elle dormia; e tendo feito occultar os Filistheos no seu quarto, depois que teve prezo a Sansão, o despertou, dizendo-lhe: Eis-aqui os Filistheos, que veem para vos prender. Acordando Sansão, quebrou as sete cordas, e fugirão os Filistheos. Enganou elle ainda Dalila duas vezes; e esta má mulher, lhe disse chorando: Agora vejo que me não amais, porque me escarneceis sempre. Importunava ella a Sansão a toda a hora do dia, e isto o fazia melancolico; até que, em fim, fatigado das perseguições desta mulher, lhe confessou a verdade, e lhe disse: Eu fui consagrado ao Senhor antes de nascer, em fôrma de Nazareno, e esta é a causa por que nunca me cortarão o cabello; o qual tanto que for cortado, perderei toda a minha força. Aproveitou-se Dalila desta confissão; e deixando dormir Sansão sobre seus joelhos, mandou vir um homem para o tosquiarem, e depois lhe disse: Sansão, eis-aqui os Filistheos. Cuidou elle que podia ainda destroçallos,

como em outras occasiões; porém o Senhor o tinha desamparado, e estava tão fraco como o commum dos homens. Prendêrão-no por tanto os Filistheos; e tirando-lhe os olhos, o condemnarão a mover uma mó de um moinho, como se elle fosse um bruto. Passado algum tempo, fizeram os Filistheos uma grande festa em honra do seu deos Dagon; e quando todos os principaes do povo, e as pessoas de qualidade estavam em uma grande sala para assistir a um banquete, mandarão trazer a Sansão para os divertir. Tanto que elle chegou, lhe disserão: Serve agora de gracioso na nossa presença, e diverte-nos. Sabendo o povo que Sansão servia de gracioso, se ajuntou tambem na sala para o ver; e aquelles que não pudêrão entrar subirão ao tecto, e ás janellas. Neste tempo já os cabellos de Sansão começavão a crescer; e este disse ao homem, que o guiava (por ser, como temos dito, cégo): Guia-me para o lugar, onde estão os dous maiores pilares, que sustentão a sala. Obedeceo-lhe este homem; e depois que Sansão se achou neste lugar, elevou seu coração a Deos, e lhe disse: Senhor, dá-me o teu auxilio: eu estou satisfeito de morrer neste lugar, com tanto que dê a morte aos Filistheos que aqui estão. Dito isto, abraçou com força as duas columnas, que sustentavão a sala, e abalando-

as, as fez cahir, e juntamente a sala sobre os Filistheos, ficando nesta occasião tres mil esmagados; e acabou Sansão, matando mais Filistheos nesta só vez, do que em toda a sua vida.

ESPIRITUOSA.

Não sei, senhora Bonna, como Sansão não desprezou a maligna Dalila, desde que vio que ella o queria entregar. Como podia elle querer-lhe ainda bem, conhecendo que ella o queria arruinar? Parece que tinha perdido o juizo!

SENSATA.

Seria preciso que Astolfo fizesse a viagem do reino da Lua para lá ir buscar a sua garrafa.

BONNA.

Certamente, meninas; pois segundo o que eu vos fiz notar, as paixões desordenão o cerebro. Temos disto um grande exemplo na pessoa de Sansão; e se nós tivéssemos conhecimento de tudo o que se passa no mundo, veriamos que ainda ha um grande numero de mulheres, tão inficis como Dalila, que achão homens tão extravagantes como Sansão, que conhecem a sua malicia, e não deixão com tudo de as amar.

MARY.

E é certo, senhora Bonna, que as abelhas fazem mel? Até aqui o ignorava eu.

BONNA.

Sim, menina, as abelhas são as que fazem o mel, e a cêra.

CARLOTA.

E teem ellas em si a cêra, e o mel?

BONNA.

Não, mas vão chupallo nas flores, e com este succo fazem mel, e cêra.

MOLLY.

Como póde isso ser, senhora Bonna, se entretendo-me eu algumas vezes a chupar os ramalhetes, que me dão, os acho amargosos, sendo o mel tão doce?

BONNA.

Assim é, menina, o succo d'algumas flores é amargoso; porém a abelha, moderando-o, e misturando-o com a sua propria substancia, o faz dôce, como vêdes.

MARY.

Tenho visto muitas vezes algumas moscas grandes, e amarellas em cima das flôres; porém nunca me lembrou que fossem ahi buscar o mel.

BONNA.

Não ha cousa mais admiravel do que o pequeno reino das moscas, que fazem mel, e se chamão abelhas. Digo que ellas compõem um reino, porque em cada uma de suas casas, cha-

madas colméas, ha uma rainha, que não trabalha como as outras, e que se sustenta em estar ociosa: só ella é que tem licença de não trabalhar; e se outras quizessem viver ociosas, matallassa-hião sem compaixão. Tem cada uma seu emprego: umas teem a seu cargo alimpar a colméa, outras vigiar sobre as que trabalham; estas andão todo o dia sobre as flôres, fazendo muitas vezes grandes diligencias para as achar, e quando estão carregadas, como sabem muito bem o caminho de suas casas, não vão para outra parte; tirando, depois, do sumo das flôres a parte que é mais propria para fazer a cêra, fazem della como um pequeno cesto, no qual fechão o mel, para o conservarem mais limpamente.

MARY.

E quem é que ensina ás abelhas a fazer tudo isto?

BONNA.

Aquelle que ensina ás aves a fazerem seus ninhos tão proporcionadamente; aquelle que ensina á gallinha, que deve estar muito tempo sobre os ovos, se quer ter pintos; aquelle que ensina aos gatos a fazerem-se dormidos para apañhar os ratos. Deos instruiu todas as creaturas, ás quaes negou a razão, precisamente em tudo que devem fazer; ao que ellas nunca faltão.

MOLLY.

Custa-me na verdade, senhora Bonna, bem a crer, que o meu cão não tenha razão, vendo que me entende, como se fosse uma pessoa.

SENSATA.

Eu, senhora Bonna, tenho sempre crido que os animaes não teem uma razão tão perfeita como a dos homens; porém nunca poderia dizer a differença que ha delles a nós, e por isso que- reria dever-vos a graça de ma mostrardes.

BONNA.

Talvez seja precisa mais sciencia, do que a que eu tenho, para vos explicar isso; mas não obstante dir-vos-hei o que sinto. Examinemos primeiramente que cousa seja a razão, e vejamos o que della julga Espirituosa.

ESPIRITUOSA.

Isto é muito galante, pois tendo eu razão, não sei o que ella seja, e por isso devo confessar que sou bem nescia. Atteudei, com tudo: dizem que uma pessoa tem razão, quando se regula como deve, e quando preenche todas as obrigações do seu estado: pelo quê, consiste a razão em se regular bem.

BONNA.

Muito bem, menina; porém para melhor comprehendemos isto, vejamos todas as cousas que a nossa alma é capaz de fazer. Eu ólho para o

fim deste quarto, e vejo uma janella, e uma porta : chego mais perto, e noto que a um lado desta porta ha uma escada, pela qual posso descer pouco a pouco para a loja, ao mesmo tempo que, se eu sahisse do quarto pela janella, desceria mais depressa. Como é pois que eu observo esta differença? Discorrendo. Logo esta faculdade de discorrer, que está na minha alma, é o que eu chamo entendimento; e direi, todas as vezes que os olhos, ou os ouvidos me mostrarem um objecto, que é o meu entendimento que o conhece. Percebeis isto, meninas?

MOLLY.

Maravilhosamente, senhora Bonna : eu vejo por meus olhos que sois uma mulher, e que uma mulher não tem a mesma figura de um leito; e o meu entendimento é que percebe isto. Ouço-vos fallar, e ouço cantar o passaro desta gaiola; e estas duas vozes, que entrão pelos meus ouvidos, passão ao meu entendimento, o qual decide que a vossa voz é a voz de uma mulher, e a outra a de um passaro.

BONNA.

A senhora Molly tem explicado isto como um Doutor. Ora tornemos a tomar a nossa primeira comparação, meninas. Eu quero sahir deste quarto: o meu entendimento me mostra a differença, que ha em sahir pela janella, ou pela

escada, e diz : Se saíio pela janella, estarei mais depressa na loja ; mas descendo deste modo, talvez que o meu corpo se vire de tal sorte, que cáia com a cabeça para baixo, e a quebre ; ou que cáia sobre um braço, ou uma perna, e do mesmo modo a quebre. Se ao contrario eu desço pela escada, demorar-me-hei mais algum tempo, porém ficarei sempre de pé, e não experimentarei o perigo de quebrar a cabeça. Faz o entendimento todo este raciocinio, a alma o ouve, e então outra cousa, que está nella, a que eu chamo vontade, diz : Eu quero antes ir mais de vagar, e não me expôr a alguma infelicidade, e assim tomarei o caminho da escada, e não o da janella ; e eis-aqui como o entendimento examina, e pésa as cousas, e a vontade as escolhe. Acho-me eu esta noite neste quarto, e não tenho luz, e por consequencia não acho differença da janella á porta ; porém sempre me lembro desta differença, que eu não acho. E como póde ser que a minha alma se recorde, e tenha presente esta differença ? A causa é, por ter uma terceira potencia, ou faculdade, a que eu chamo memoria. Tornemos a repetir isto. Quantas faculdades tem a nossa alma, Carlota ?

CARLOTA.

Tres : o Entendimento, que serve para conhecer as cousas ; a Vontade, que nos faz abra-

çar uma cousa em lugar de outra, por causa das differenças que o entendimento nella observou; e a Memoria, que nos faz lembrar destas differenças, ainda quando nós não vemos os mesmos objectos, que os olhos mostrarião ao nosso entendimento, se houvesse luz.

BONNA.

Vejo que comprehendeis isto, menina, e ninguém melhor; porém notai que a vontade é cega, e não conhece nada; e por isso se ella fosse prudente, sempre pediria conselho ao entendimento, e lhe daria tempo para examinar o que é melhor; porém ella se anticipa a escolher antes do exame, como uma louca: donde procede escolher muitas vezes o mal, e vir a ser causa de todas as loucuras que obramos. Vejamos agora que cousa é uma pessoa racional? E' uma pessoa, que faz um bom uso do seu entendimento; que se acostuma a não obrar nada, senão depois de tomar tempo, para que o entendimento examine o que é mais conveniente; não sendo a razão por consequencia outra cousa do que a regularidade do entendimento para examinar, e a sujeição da vontade ás luzes do entendimento para escolher. Para qualquer ter razão, ou uma razão tal como é a nossa, e aquella de todos os homens, são precisas duas cousas: entendimento para examinar, e vontade para se resolver.

Dar-me-hieis vós a razão, Sensata, por que uma destas cousas é inutil sem a outra?

SENSATA.

Parece-me que sim, senhora Bonna. Pois de que serviria que o entendimento me dictasse que é melhor sahir da camara pela porta, do que pela janella, se não tivesse a liberdade de escolher um destes dous caminhos? e se uma força, á qual eu não pudesse resistir, me obrigasse a lançar-me pela janella? Então o meu entendimento, em vez de me ser util, não serviria senão de me fazer infeliz, descobrindo-mo a cada instante mil perigos, que eu não fosse senhora de evitar.

BONNA.

O que tendes respondido é bem certo. O entendimento, que não faz mais que examinar, e que não póde querer, seria inutil sem a vontade; e não fazendo Deos nada inutil, não podia dar um entendimento sem a vontade. Se eu posso pois provar-vos que os animaes não teem vontade, será verdade dizer que não teem entendimento, visto que não ha uma sem o outro; e se os animaes não teem nem entendimento, nem vontade, deve-se dizer que não teem razão, tendo nós decidido que a razão é uma vontade, que se conduz pelas luzes do entendimento.

ESPIRITUOSA.

Confesso-vos, senhora Bonna, que não me é possível crer que os brutos não tenham vontade, e razão. Eu tive um lindo bugio, ao qual derão um dia vinho das Canarias: bebo-o elle, e como lhe fez mal, depois disso nunca mais o quiz beber. O bugio discorria assim: Este vinho é bom, porém fez-me mal, e como temo que elle me faça outra vez, não o quero beber mais; pelo que se vê que elle discorria, e que a sua vontade obedecia á sua razão.

BONNA.

É como fica a senhora Espirituosa toda ufana da sua prova! Porém, menina, eu sigo tudo ao contrario, e o exemplo dos homens prova o que eu disse. Dizei-me, meninas, nunca comestes alguma cousa que vos fizesse mal?

CARLOTA.

Mais de quatro vezes, senhora Bonna; pois como eu gósto muito de fruta, todas as vezes que a posso apanhar como tanta, que me prejudica.

MARY.

Eu gósto de chá; e ainda que dizem que faz mal a quem é moço, e minha mãe não queira que eu o beba, sempre persigo a minha criada, para que me dê ao menos meia chavena.

BONNA.

E não tendes vós visto também alguns Fidalgos, que morrem moços por causa de beberem demasiado? e algumas senhoras, que se fatigão tanto a dançar, e agitação tanto o sangue, que cahem doentes? e outras, que se arruinão ao jogo, e que não obstante isto, ainda jogão, e danção todos os dias?

SENSATA.

Sim, senhora Bonna; porém essas pessoas parece-me que não teem razão.

BONNA.

E porque não teem ellas razão, senão porque teem uma vontade, que não quer obedecer ao seu entendimento? As loucuras, que fazem os homens, provão que elles são livres; e quando nós vemos que os brutos obrão racionavelmente, como fazem de ordinario, devemos julgar que não são senhores de obrar de outro modo; pois se elles tivessem uma vontade, como os homens, farião loucuras como estes. O bugio de Espirituosa beberia vinho outra vez, se fosse senhor de o fazer; assim como o homem que está hoje doente, porque bebeo hontem muito, não deixará de beber ainda ámanhã.

SENSATA.

Mas quem é logo, senhora Bonna, que faz

obrar os animaes, se elles não teem nem entendimento, nem vontade?

BONNA.

Deos, que os creou, lhes deo em lugar de razão um instincto, que lhes faz fazer todas as cousas, de que são capazes. Deo-vos um pequeno cão para vos desenfadar; e este não tem liberdade para vos não amar, se lhe derdes todos os dias de comer: não tem liberdade de ficar calado, entrando na vossa camara alguma pessoa que elle não conheça; ladra sem querer para vos advertir que tomeis sentido naquella pessoa, que veio talvez para vos matar, ou para vos roubar.

CARLOTA.

Que feliz seria, senhora Bonna, e tambem todos os homens, se em lugar de razão, nos des-se Deos, como aos animaes, um instincto, que nos impellisse a fazer só o que devemos? Então eu não faria tantas loucuras, nem os outros.

BONNA.

Assim é, menina, que nós não somos más, se não por termos uma vontade que não quer obedecer ao entendimento; mas notai, tambem, que sem a vontade não poderiamos ser virtuosas. Deos quiz ser servido por creaturas que o amassem voluntariamente, e sem serem constrangidas. Quando vós me fazeis bem, não vos fico

em obrigação, senão pôr saber que não fostes forçada a fazello, e que livremente me quizes-tes fazer bem. Destruída a vontade do homem, tirar-lhe-heis todos os vicios, mas ao mesmo tempo lhe tirareis tambem todas as virtudes. Os brutos não teem necessidade de serem virtuosos, por não terem nem castigo que temer, nem recompensa que esperar na outra vida, pois quando o seu corpo acaba, tudo morre com elles ; porém o homem, sendo creado por Deos para viver feliz por toda a eternidade, e sendo Deos infinitamente justo, era preciso que deixasse ao homem os meios para adquirir esta felicidade, praticando a virtude ; e por isso é que elle lhe deixou a liberdade de fazer as cousas em que consiste a virtude. Temos-nos, meninas, entretido a filosofar, sem nos lembrarmos que é muito tarde ; e como não temos tempo para tratar da Geographia, principiaremos por ella na primeira occasião.

MARY.

E o conto do Principe Tity, senhora Bonna ?

BONNA.

Tendes razão ; eu o acabarei ; e depois falaremos da França : é a primeira parte, que se acha no meio da Europa, começando pelo Oeste.

DIALOGO XXII.**VEGESIMO DIA.****BONNA.**

PROMETTI de acabar hoje o conto do Principe Tity, e por isso quero cumprir a minha promessa.

Tendo Tity subido ao throno, começou o seu reinado restabelecendo a boa ordem em os seus Estados, e para o conseguir, mandou que todos os que quizessem queixar-se-lhe de todas as injustiças, que se lhes fizessem, serião bem recebidos; e prohibio aos seus criados, que despedissem uma unica pessoa, que lhe quizesse falar, ainda que fosse um pobre que pedisse esmola; porque, dizia este bom Principe, eu sou pai de todos os meus vassallos, assim pobres, como ricos. Não desgostavão os cortezãos, ao principio, deste discurso, antes dizião: Como o Rei é moço, não durará isto muito tempo, porque elle se ha de inclinar para os prazeres, e ver-se-ha obrigado a deixar aos seus validos o cuidado dos negocios; porém enganárão-se. Repartio Tity tão bem o seu tempo, que lhe chegou para tudo; e além disto o cuidado que te-

ve de castigar os primeiros, que commettêrão injustiças, fez que ninguem ousasse dahi em diante desviar-se da sua obrigação. Tinha mandado embaixadores ao Rei Violento, para lhe agradecer o soccorro, que lhe havia preparado. Mandou-lhe este Principe dizer, que teria grande gosto de o tornar a vêr, e que, se quizesse acabar-se nas fronteiras do seu Reino, elle ahi iria fazer-lhe uma visita de muito boa vontade. Como tudo estava muito socegado no Reino de Tity, acceitou elle este partido, que convinha a um designio, que tinha formado: era este de reedificar a pequena casa, em que vira a primeira vez a sua amada Biby; e por isso mandou a dous dos seus officiaes, que comprassem todas as terras, que estavam de roda; com prohibição com tudo de constrangerem pessoa alguma, porque (dizia elle) eu não sou Rei para fazer violencia a meus vassallos, e além disto cada um deve ser senhor da sua pequena herança. Chegando pois Violento á fronteira, unirão-se as duas côrtes, sem differença alguma. Erão ellas brilhantes, porque Violento trazia consigo a sua unica filha, chamada Elisa, que era a mais formosa moça, que então havia, depois que Biby tinha casado, sendo além disto de um genio agradavel; e com Tity vinha, além de sua esposa, uma de suas primas, chamada Branca, a

qual, sendo bella, e virtuosa, tinha tambem muita viveza. Como, para assim dizer, se vivia no campo, disserão os dous Reis que se devia viver com liberdade; que se permittisse a muitas fidalgas, e fidalgos, de cearem com os dous Reis, e Princezas, e que, para evitar o ceremonial usado na cõrte, se não chamassem os Reis por Vossa Magestade, pagando uma moeda de condemnação aquelles que o fizessem. Havia um quarto de hora que estavam á meza, quando virão entrar uma velha muito mal vestida, a qual, sendo conhecida por Tity, e Previsto, se levantarão estes logo para recebella; porém como ella lhes dõsse um ar de olhos, julgárão elles que não queria ser conhecida, e disserão só ao Rei Violento, e ás Princezas, que lhes pedião licença para admittirem uma das suas mais apaixonadas amigas, que lhes pedia de cear. A velha sem cumprimentos se accommodou em uma cadeira de braços, que estava ao pé de Violento, e que ninguem ousára occupar em attenção a elle, e disse a este Principe: Como os amigos de nossos amigos são nossos amigos, julgo que querereis que eu vos trate livremente. Violento, sendo um pouco altivo por natureza, mudou de cõr com a familiaridade desta velha, porém não deo disto apparencia. Advertirão a pobre mulher da condemnação, que se devia pa-

gar todas as vezes que se dissesse Vossa Magestade ; o que não obstante, assim que ella se pôz á meza, disse a Violento : Vossa Magestade me parece perturbado pela confiança que tómo ; mas isto é um habito inveterado, e já sou muito velha para me reformar ; e por isso rogo a Vossa Magestade me perdoe. Condemnada (clamou Violento) : deveis duas moedas. Não se offenda Vossa Magestade (disse a velha) : tinham-me esquecido que não devia dizer Vossa Magestade ; porém Vossa Magestade não julga que, prohibindo o dizer-se Vossa Magestade, haveis de fazer lembrar a todos, que se devem conter neste respeito incommodo, que quereis abolir ? Isto é como aquelles que, querendo familiarizar-se, dizem aos que recebem á sua meza, ainda que lhes sejam inferiores : Bebei á minha saude. Não ha cousa tão impertinente, como esta benevolencia, pois é o mesmo que se lhes dissessem : Lembrai-vos que não nascestes para beber á minha saude, se vos eu não desse licença. O que eu acabo de dizer não é para me eximir de pagar a condemnação : eu devo sete moedas, e aqui as tendes. Neste tempo tirou da sua algibeira uma bolsa tão velha, que parecia ter sido feita ha cem annos, e lançou as sete moedas sobre a meza. Não sabia Violento se risse, ou se se injuriasse do discurso da velha,

sendo sujeito a encolerizar-se por qualquer coisa, porque por um nada se lhe alterava o sangue. Determinou todavia reprimir-se em attenção a Tity; e tomando a conversação em graça: Está bem, minha avó (disse elle á velha): fallai a vosso gosto, e podcis dizer Vossa Magestade, ou não, porque não quero por isso deixar de ser vosso amigo. Estimo-o bem (respondeo a velha), sendo por isso que eu tive a confiança de dizer o meu sentimento, e o farei todas as vezes que tiver occasião; pois ninguem póde fazer maiores serviços a seus amigos, do que advertillos, quando julga que elles obrão mal. Não seria bom fiar-vos nisso (respondeo Violento), porque ha occasiões em que eu não receberia de bom grado semelhantes conselhos. Confessai, meu Principe (lhe disse a velha), que não estais muito longe de algumas dessas occasiões, e que darieis alguma cousa boa, só por terdes a liberdade de me mandar embora como vos parecesse. Eis-aqui os nossos heroes; desesperão-se de se lhes notar terem fugido ao inimigo, e de lhe terem cedido a victoria sem combate, e confessão claramente, que não teem valor para resistir á sua colera; como se não fosse mais vergonhoso entregar-se pusillanimente a uma paixão, do que ao inimigo, que nem sempre podemos vencer. Mudemos porém

de discurso ; e já que este vos não agrada, pormitti que eu mande entrar os meus criados, que teem que fazer alguns presentes a este ajuntamento. Dito isto, bateo a velha sobre a meza, e virão-se entrar pelas quatro janellas da sala quatro meninos alados, que erão os mais formosos que podia haver. Trazia cada um um açafate cheio de diversas joias de uma riqueza espantosa ; e tendo o Rei Violento ao mesmo tempo posto os olhos na velha, ficou attonito em a ver mudada em uma dama tão bella, e tão ricamente adornada, que deslumbrava os olhos. Ah senhora ! (disse elle á fada) agora vos reconheço pela mercadora de nesperas, e avelans, que tanto me fez irritar ; perdoai o pouco respeito que vos tive, pois não tinha ainda a honra de vos conhecer. Isto vos deve mostrar, que jámais se deve faltar com o respeito a toda a gente, (replicou a fada). Porém, meu Principe, para vos mostrar que eu não conservo rancor algum, quero fazer-vos dous presentes. O primeiro é deste cópo, que é feito de um só diamante, sem que isto seja o que o faz mais precioso ; todas as vezes que fordes tentado a irritar-vos, enchei este cópo de agua, e bebendo tres vezes por elle, sentireis socegar a ira, e dareis lugar á razão. Se vos aproveitardes deste primeiro presente, far-vos-heis tambem di-

gno do segundo. Sei que amais a Princeza Branca, e que ella vos acha muito amavel; porém, temendo as vossas furias, não vos quererá desposar, senão fazendo vós uso desse cópo. Admirado Violento de conhecer a fada tão bem os seus defeitos, e as suas inclinações, confessou que com effeito elle se teria por muito feliz, se desposasse Branca; porém (acrescentou elle) ainda tenho um obstaculo; pois não obstante ser eu muito ditoso em conseguir o consentimento de Branca, sempre me ficaria a mágoa de me tornar a casar, com o receio de privar minha filha da corôa. Esse sentimento é admiravel (disse a fada), e achão-se poucos pais capazes de sacrificarem as suas inclinações ao bem de seus filhos; porém não vos embarace isso. O Rei de Mogolan, que me tratava com amizade, morreo ha pouco sem filhos, e por meu conselho dispoz da sua corôa em favor de Previsto: este não nasceo Principe, ainda que merece selo; e como elle ama a Princeza Elisa, esta é digna de ser a recompensa da fidelidade de Previsto; se seu pai consentir, estou certa que ella lhe obedecerá sem repugnancia. Córrou Elisa, ouvindo isto; sendo certo que Previsto lhe parecia muito amavel, e que ouvira com gosto o que lhe contárão da sua fidelidade, a respeito de seu amo. Senhora (disse Violento), visto

quê temos tomado o costume de fallar claramente, digo que estimo a Previsto; e se o uso me não prendesse as mãos, não seria preciso que elle tivesse uma corôa para lhe dar minha filha; porém os homens, e principalmente os Reis, devem respeitar os usos recebidos, e seria offender estes usos, dando minha filha a um simples fidalgo, descendendo ella de uma das mais antigas familias do Mundo; pois bem sabeis que ha trezentos annos. que occupamos o throno. Meu Principe (lhe disse a fada), não é possivel que ignoreis que a familia de Previsto é tão antiga como a vossa, pois que sois parentes, e descendentes de dous irmãos; e ainda Previsto deve ter a preeminencia, por descender do mais velho, e não ser vosso pai, senão o segundo. Se me provardes isto (disse o Rei Violento), juro de dar minha filha a Previsto, ainda quando os vassallos do defunto Rei de Mogolan não queirão reconhecello por seu Soberano. Não ha cousa mais facil que provarvos a antiguidade da casa de Previsto (disse a fada), pois elle descende de Elisa, o mais velho dos filhos de Japhet, filho de Noé, que se estabeleceo no Peloponeso; e vós descendeis do segundo filho deste mesmo Japhet. Não ficou ninguem que pudesse suster o rizo, vendo que a fada zombava tão seriamente de Violento. Es-

te, começando a colera a apoderar-se de seus sentidos, estava quasi exasperado, quando a Princeza Branca, que estava ao seu lado, lhe apresentou o côpo do diamante. Bebeo delle tres vezes, como a fada lhe tinha aconselhado, e neste intervallo reflectio que effectivamente todos os homens erão realmente iguaes em seu nascimento, pois que todos descendião de Noé, e que não havia entre elles verdadeira differença, sendo aquella que provinha da sua virtude. Acabando de esgotar o seu côpo, disse elle á fada : Certamente, senhora, muita obrigação vos devo, por me emondardes de dous grandes defeitos do meu entendimento, a respeito da minha nobreza, e do habito de me encolerizar. Eu admirn a virtude do côpo, de que me fizestes presente ; pois á medida que ia bebendo, sentia aplacar-se-me a colera ; e as reflexões, que fiz no intervallo das tres vezes que hebi, me acabárão de fazer razoavel. Não vos quero enganar (lhe disse a fada), o côpo não tem virtude alguma : e quero ensinar a todo este adjunto, em que consiste o encantamento desta agua bebida por tres vezes. Um homem prudente nunca se agastaria, se a paixão o não surprehendesse, e lhe deixasse tempo de reflectir. Ora como, tendo o trabalho de encher este côpo de agua, e bebendo-a por tres vezes,

se gasta tempo, os sentidos se socegão, acodem as reflexões, e quando esta cerimonia está linda, tem a razão tempo de vencer a paixão. Confesso (lhe disse Violento), que tenho aprendido mais hoje, do que por todo o espaço de minha vida. Feliz Tity, sereis o maior Principe do Mundo com uma tal protectora; e por isso vos peço, que empregueis o poder, que tendes sobre o espirito da senhora, para a fazerdes lembrar que me prometteo a sua amizade. Lembro-me muito bem disso, para que me haja de o esquecer (disse a fada), e já vos tenho dado algumas provas, e continuarei a fazello, em quanto fordes docil; o que espero que seja até o fim da vossa vida. Hoje não cuidemos mais que em divertir-nos, celebrando o vosso casamento, e o da Princeza Elisa. Mas, senhora, (disse Violento) de que procede que Tity é tão naturalmente inclinado ás grandes virtudes, de que nem eu ainda tenho idéa, como vos tenho dito? Grande Rei (lhe respondeo a fada), Tity educado por pais, que o aborreção, foi sempre reprimido, e desde que nasceo costumou-se por consequencia a submeter a sua vontade á de outrem em todas as cousas indifferentes. Como elle não tinha poder algum no Reino, em quanto seu pai vivo; como não podia conceder graça alguma, e passava por constante que aquelle tinha dese-

jo de o desherdar, não intentarão os lisongeiros corrompello, por crerem que não terião que temer, nem que esperar d'elle. Deixarão-o entregue ás pessoas de bem, que a única obrigação inclinava á sua pessoa, em cuja companhia elle aprendeo que um Rei, que é senhor absoluto para fazer bem, deve reflectir muito, quando se trata de causar damno; que elle governa homens livres, e não escravos; que os povos não se sujeitarão aos seus iguaes, senão para terem pais, para darem protecção ás leis, e refugio aos pobres, e aos opprimidos. Vós nunca ouvistes estas sublimes verdades: feito Rei desde a idade de doze annos, os mestres, de quem confiãrão a vossa educação, só cuidarão em fazer a sua fortuna, adquirindo o vosso agrado, chamando á vossa soberba uma nobre altivez, e ás vossas furias vivacidades desculpaveis; em uma palavra, causarão até agora a vossa infelicidade, e a desdita de vossos pobres vassallos, que olhastes e tratastes como escravos, por julgardes que aquelles não tinham nascido senão para soffrerem vossos caprichos, ao mesmo tempo que na realidade vós não nascestes senão para lhes servir de protector, e defendellos. Conveio Violento nas verdades, que a fada lhe dizia; e instruido das suas obrigações, cuidou em se vencer para as cumprir, e foi animado em as suas

boas resoluções pelo exemplo de Tity, e de Pro-
visto, que conservarão no throno as virtudes,
que a elle os tinham elevado.

ESPIRITUOSA.

Eis-aqui, senhora Bonna, o mais lindo con-
to, que tenho ouvido em minha vida : faz-me
lembrar de uma pequena historia, que ouvi con-
tar, e que repetirei a estas senhoras, se mo per-
mittirdes.

BONNA.

De boa vontade, menina.

ESPIRITUOSA.

Houve uma mulher de humilde condição, a
qual era a mais infeliz pessoa que podia haver,
tendo um marido que a castigava todos os dias,
até a pôr de cama. Foi ella ter com uma ve-
lha, sua visinha, que passava por mulher sábia,
e que alguns dizião tambem, que era feiticeira,
porque conseguia tudo o que emprehedia. A
verdade é, que esta mulher, tendo muita pru-
dencia, fazia estudo em conhecer os genios das
pessoas com quem vivia, fazendo-lhes obrar tu-
do o que ella queria, e prevendo o que ellas in-
tentavão fazer. Ouvio a boa mulher as queixas
da sua visinha ; e como ella a conhecia, e tam-
bem a seu marido, lhe disse, que queria usar
da sua sciencia para sua utilidade. Foi buscar
uma grande quarta cheia de agua, pôlla sobre

uma meza, deo tres voltas em roda, dizendo algumas palavras latinas; e lançando depois duas pedras de sal nesta agua, e enchendo della uma garrafa, disse á sua visinha: Arrecadai esta agua com bem cuidado, e todas as vezes que virdes vosso marido em termos de se irar, enchei a bôca della, pois vos prometto que, em quanto a tiverdes na bôca, vos não ha de vosso marido maltratar. Agradeceo a mulher muito á sua visinha o remedio, e não lhe esqueceo de fazer o que lhe recommendára. Não duvidou ella que esta velha fosse verdadeiramente feiticeira, pois nos oito dias que lhe durou a agua, não a molestou seu marido uma unica vez. Ficou porém muito triste, quando vio a garrafa vasia, e tornou muito depressa a casa da velha, para pedir-lhe que lha enchesse de novo. Não tendes necessidade disso (lhe disse esta mulher), a agua que vos dei é agua da fonte, sobre a qual proferi palavras que não significavão nada. Mas não obstante isso (disse a outra), essa mesma agua teve a virtude de fazer com que meu marido me não dêsse. Isso é porque ella vos embaraçou de responder-lhe (disse a velha), por não poderdes fallar em quanto a tinheis na bôca: tornai para vossa casa, e, quando virdes que vosso marido bebo demasiadamente, ou que vem enfadado, em vez de o obstinardes, e de o

injuriardes, calai-vos, e supponde que tendes a bôca cheia de agua, e então vereis que a côlora lhe passa. Tomou a visinha o conselho da velha, com o qual se achou bem; porque seu marido não achando mais contradicção da sua parte, perdeu o habito de se irar, e viveo sempre bem com sua mulher, amando-a muito, tanto que ella se fez agradável, e pacífica.

BONNA.

A vossa historia é muito linda, menina, e com ella me veio ao pensamento de dar uma garrafa de agua a Carlota. Não tendes necessidade della, menina?

CARLOTA.

Sim, minha Bonna, ainda que vos affirmo que já não sou tão má, e que cada dia me vou emendando alguma cousa.

BONNA.

Se continuardes, vireis a ser boa inteiramente. Fallemos agora na Geographia; e antes de examinar a situação da França, quero dizer-vos alguma cousa do seu estado antes de ter este nome.

Chamavão n'outro tempo a este paiz as Gallias. Era habitado por povos extremamente fortes, e robustos, os quaes por terem um animo feroz, forão reputados muito tempo como invenciveis; e multiplicando-se muito, buscárão

outras terras em que se estabelecessem, porque as Gallias, ainda que fossem grandes, erão muito pequenas para os conter. Um grande exercito dos Gallos passou pois á Italia, e pediu civilmente umas terras incultas, para nellas se estabelecerem. Negárão-lhas, e commettêrão nisto a seu respeito uma injustiça ; pelo que o seu commandante, chamado Breno, depois de ter pedido aos Romanos que lhe fizessem justiça, e de ver que estes lha negárão, guiou o seu exercito contra Roma, que já estava abandonada. Queimárão depois disto esta cidade ; mas sendo accommettidos por um chamado Camillo, no tempo em que julgavão estar a paz feita, forão desbaratados, e postos em desordem. Estes Gallos, que queimárão a cidade de Roma, procedião da cidade de Sens, que passo a mostrarvos no Mappa. . . Em outros tempos os Gallos mandarão ainda os seus exercitos á Grecia, e á Italia, os quaes, depois de terem alcançado grandes victorias, e saqueado os lugares onde entravão, forão quasi sempre destroçados, até que em fim forão submettidos por Julio Cesar, que gastou dez annos completos a fazer-lhes guerra. Já vos fiz notar, fallando de Iuglaterra, que, enfraquecendo a força dos Romanos cada vez mais, não pudêrão conservar sempre as suas conquistas, e lhes forão tiradas pelas Nações que se

aproveitárão da sua fraqueza. Uns povos, a que chamavão os Visigodos, lhes tomárão o Languedoc, e uma parte da Provença, que vêdes ao sul da França. . . . Outros povos chamados os Burguinhões lhes tomárão esta terra, que estais vendo, a que se chamou depois a Borgonha, e o Delfinado. Os Francos, em fim, que ficavão da outra parte do Rheno, na Germania, vierão fazer incursões nas Gallias, para as roubar, até que, por ultimo, se estabelecêrão nellas governando-os um Principe, chamado Clovis, que pôde lançar fóra o resto dos Romanos, que nellas ainda se conservavão. Fez Clovis pela serie do tempo uma alliança com outro povo, que por consentimento dos Romanos se tinha estabelecido nas Gallias, o qual era o Inglez, como temos visto, fallando de Inglaterra. Habitava elle na Bretanha, de que Clovis lhe deixou uma parte; porém foi com a condição que os seus Principes não continuarião a tomar o titulo de Rei; e por isso desde esse tempo se chamarão Condes. Agora vá Sensata repetir-nos em comperdio o que eu disse da França.

SENSATA.

Chamava-se este paiz antigamente Gallia, e foi conquistado por Julio Cesar. Os Visigodos, e os Burguinhões nelle se estabelecêrão, usurpando muitas Provincias aos Romanos; e fun-

dárão nas Gallias dous Reinos, a que chamarão dos Burguinhões, e dos Visigodos. Havia outro Reino nas Gallias, chamado Bretanha, o qual tinha sido fundado pelos Inglezes. Em fim, Clovis, Rei dos Francezes, expulsando das Gallias os Romanos que ainda nellas havia, estabeleceu o grande Imperio, que ao depois se chamou França.

BONNA.

Não se póde dizer melhor, menina; e Mary deve agora repetir-nos a sua Historia.

MARY.

Um homem chamado Elimelech, deixando a sua terra por causa de uma grande fome, foi habitar o paiz dos Moabitas com sua mulher Noemi, e dous filhos, que depois desposárão duas donzellas de Moab. Assistirão dez annos em Moab, e dentro neste tempo morrerão o pai, e os dous filhos. Ficou pois Noemi só com as suas duas noras, até que em fim tendo desejo de voltar para a sua patria, disse por este motivo ás viudas de seus filhos: Tornai para casa de vossos pais; eu pedirei a Deos que vos abençoe, por terdes vivido bem com meus filhos, e depois comigo, o que Deos vos recompensará, dando-vos outros maridos. Uma de suas noras se despedio della chorando, e tornou para casa de seu pai; porém a outra, chamada Ruth, lhe disse: Eu





Ruth apanhando espigas.

não vos quero deixar ; o vosso Deos será o meu, o vosso povo será também o meu, e só a morte me separará de vós. Partio pois Ruth com sua sogra, e veio para Bethleem, que era a patria de Ngemi, onde todos admirarão a virtude desta moça, que tinha desprezado tudo, só por acompanhar a sua sogra, sendo esta muito pobre. Como isto fosse no tempo da colheita, disse Ruth a Noemi : Permitti que eu vá apanhar espigas, pois talvez que isto nos dê o meio de sustentar-nos. Consentindo nisto sua sogra, foi ella ao campo de um homem velho, e rico, chamado Booz, o qual era parente do pai de seu marido. Vindo Booz ver os seus segadores, e sabendo que esta moça era a Moabita, e que seu docil genio era admirado de todos, lhe disse : Deos vos abençoe, minha filha, e estou certo que elle vos recompensará ; não saiaes do meu campo ; podeis nelle apauhar espigas com minhas filhas, e comer também comnosco. Recomendou depois Booz a seus criados, que respeitassem Ruth, e que deixassem cahir, como por acaso, muitas espigas naquelle sitio em que ella as apanhava, de sorte que ajuntou uma grande quantidade, que trouxe á sua sogra. Agradada Noemi da sua industria, obediencia, e afeição, lhe disse : Minha filha, eu quero recompenzar a tua amizade, e dar-te o meio, com que

adiantes a tua fortuna : Booz é nosso parente, e por isso te virá a desposar : vai pois esta noite á granja, onde elle ha de dormir, e deitate a seus pés, e elle te dirá o que deves fazer. Obedeceo Ruth a sua sogra, e Booz tendo acordado pela meia noite, ficou admirado de ver uma mulher deitada a seus pés ; mas esta lhe disse : senhor, sabeis que sou vossa parenta, e que conforme a Lei me deveis desposar. Respondeo-lhe Booz : Na verdade, minha filha, tu mostras que és bem prudente ; pois não buscaste um marido ainda moço, mas escolheste um velho. E' verdade que eu sou teu parente ; porém ha outro homem, que tambem é teu parente mais chegado do que eu ; se elle recusar desposar-te, como a Lei o manda, tomar-te-hei por minha mulher, pois todos conhecem que tens virtude. Assentou-se Booz ao outro dia diante da porta da cidade ; e tomando dez testemunhas dos anciãos do povo, disse áquelle homem, que era parente mais proximo do que elle : Noemi quer vender a parte da herança de seu marido ; vê se tu queres compralla, e desposar Ruth, para dares filhos ao teu parente, que morreo. Respondeo-lhe este homem : Eu renuncio a herança, e mulher ; podes tomalla para ti ; e dizendo isto, descalçou um çapato, conforme o costume, por ser este um sinal de renunciar a he-

rança do defunto. Tomou Booz o çapato, e desposou Ruth, dizendo toda a gente: Vivei feliz com esta mulher, e Deos a abençoe, como fez a Raquel, e a Lia. Ouvio Deos as súplicas do povo; e teve Ruth um filho, a que chamarão Obed, o qual foi avô de David. Recebeo Noemi este menino em seu cólo, o qual a consolou de todas as suas infelicidades, e lhe supprio o lugar do marido, e dos dous filhos, que perdêra.

MOLLY.

Ah, senhora Bonna, quanto esta historia me enterneceo! Chegárão-me as lagrimas aos olhos, quando a ouvi.

BONNA.

E eu, menina, chorei de contínuo. Admiro o docil coração de Ruth para com sua sogra, a sua prudencia, e a sua humildade. Admiro tambem a candura de Booz, que quiz soccorrella como por accidente, e sem que ella ficasse sujeita a agradecer-lho: notai bem isto, meninas: Não basta querer fazer bem, é preciso ainda sabello fazer. Ha pessoas que soccorrem os pobres, mas que o fazem de um modo tão aspero, que os enchem de vergonha, em vez de os consolarem. Reduzido á pobreza um homem honrado, se lhe fordes dizer, por exemplo: Perdestes a vossa fazenda por vosso máo governo, **mas**

não obstante isso quero fazer com que não morrais com fome, e dar-vos esmola; bem vêdes que este homem padecerá mais, recebendo o vosso beneficio, do que teria padecido pela fome. Fazeis algum favor a um amigo; porém fazeis-lhe valer este serviço mais do que elle queria, fallando-lhe nelle sem cessar; dizeis a todo o mundo que esse homem vos é muito obrigado, e em quanto a mim, creio que vos não deve elle obrigação alguma. Quando se faz alguma mercê, deve ser feita de tal modo que, se fôr possível, aquelle, a quem se faz, o não saiba; não lhe fallar nunca nella; mostrar que lhe veio como por acaso; e se este publica que o tendes querido beneficiar, dai-lhe a conhecer que tivestes mais gosto em lhe fazer este serviço, do que elle teve em recebello. Continuai, Carlota, a vossa historia.

CARLOTA.

Houve um homem chamado Elkana, que tinha duas mulheres, uma das quaes, chamada Anna, não tinha filhos, e por esta causa a outra a desprezava. Foi um dia Anna ao Templo, para pedir ao Senhor quizesse acabar o seu castigo, e lhe disse: Se me derdes um filho, Senhor, consagrallo-hei ao vosso serviço. Como Anna pedia com ardor, parecia seu rosto todo inflammado, de sorte que o Grão Sacerdote

Heli julgou que ella tinha bebido demasiadamente, e a mandou sahir do Templo. Anna em vez de encolerisar-se, por ser tida por bebada, disse ao Grão Sacerdote: Senhor, eu não estou bebada; sou uma pobre mulher afflicta, que vem pedir o auxilio de Deos; se me conceder um filho, o seu cabello não será nunca cortado, e eu o consagrarei ao Senhor. Conceda-te o Senhor o que lhe pedes (replicou o Grão Sacerdote); e então Anna se levantou cheia de esperanza, e concedeo-lhe Deos a graça, que ella lhe pedira. Teve um filho chamado Samuel; e tanto que este se apartou do leite, o levou Anna ao Grão Sacerdote, e lhe disse: Senhor, aqui vem esta mulher, que estava tão afflicta. Deos me consolou, e por isso vos trago o meu filho, para que elle sirva o Senhor no seu Templo. Abençoou o Grão Sacerdote a Anna, e a seu marido, dizendo: Dê-vos o Senhor outros filhos em lugar deste, que lhe dais; o que assim aconteceu, e teve Anna ainda tres filhos, e duas filhas. Estando uma noite o menino Samuel adormecido ao pé da Arca do Senhor, uma voz o chamou: cuidou elle que era o Grão Sacerdote Heli; e levantando-se, foi perguntar-lhe o que queria. Eu não vos chamei, meu filho (lhe disse Heli), tornai-vos a deitar. Acontecendo-lhe o mesmo successo tres vezes segui-

das, lembrou-se Heli que era Deos quem chamava a Samuel, e lhe disse : Se te chamarem outra vez, has de responder ; Falla, Senhor, o teu servo te ouve. Fez Samuel o que Heli lhe tinha ensinado, e Deos lhe disse : Heli não tem querido corrigir os seus filhos, e por isso é que lhe tenho annuciado que nenhum delles chegará á velhice, por serem máos ; só se contentou com os reprehender, e não os castigou severamente, como devia. Queria Samuel encobrir esta visão ao Grão Sacerdote ; porém Heli, mandando-lhe dizer a verdade, Samuel lhe contou o que o Senhor lhe dissera ; e respondeo Heli : Cumpra-se a vontade de Deos. Desde esse tempo ficou Samuel, que habitava em Silo, no agrado do Senhor, e todo o povo conheceo que elle era Profeta.

SENSATA.

Quanto mais nos adiantamos na Historia da Escritura Santa, mais agradavel a acho. Parece-me que Heli era um homem honrado, e é pena que tivesse filhos tão máos.

BONNA.

Era por sua culpa, menina ; pois de outra sorte não lho teria Deos reprehendido. Satisfazia-se elle com os reprehender brandamente, quando commettião delictos que merecião castigos mais severos. Quantos pais, e mãis ha,

que hão de ser infelizes por não terem castigado seus filhos! Já tendes visto, senhoras, que ninguem se deve offender de seus pais, e mestres, pois quando elles nos corrigem, é porque são obrigados a isso; e Deos os castigaria bem severamente, se o não fizessem, como vereis que castigou a Heli.

MOLLY.

Amçou Deos os filhos de Heli com a morte antes de chegarem a velhos; e pelo que vejo, deve attribuir-se a castigo de Deos, quando alguém morre moço.

BONNA.

Muitas vezes assim acontece, meninas; porém outras pôde ser essa morte um effeito da bondade de Deos. Priva elle os pais de seus filhos, antes que commettão grandes peccados, se prevê que elles os hão de commetter, e depravar-se; ainda que tambem algumas vezes ha pessoas moças tão virtuosas, que o Ceo permite que morrão em os seus primeiros annos. Li um dia destes, que um Principe, que havia de ser Rei de Navarra, morreo de dezeseis annos, e julgava-se que fôra empeçonhado quando tocava flauta. Era o mais bem parecido moço que se tinha visto, de sorte que por causa de sua gentileza tinha por sobrenome Febo. Possuia elle tambem muita virtude; pois em vez de se

queixar por morrer tão moço, disse áquelles que choravão junto á sua cama estas bellas palavras: *O meu Reino não é neste Mundo: não choreis por mim, porque eu vou para meu Pai.* Podeis ver neste exemplo, meninas, que a morte deste amavel Principe era a recompensa da sua piedade, e que Deos se anticipava a corôalla na sua gloria. Dizei, Molly, a vossa historia.

MOLLY.

Tendo os Filistheos declarado guerra aos Israelitas, vencêrão-nos, e estes mandárão vir a Arca do Senhor para o seu campo; porém, como erão máos, não os soccorreo Deos, e forão desbaratados, a Arca do Senhor tomada pelos Filistheos, e os dous filhos de Heli mortos. Com tudo Heli se conservava no meio do caminho para saber as novidades, e estava mais cuidadoso a respeito da Arca do Senhor, do que de seus filhos. Com a noticia que um homem, que escapára da batalha, lhe deu de que a Arca ficára em poder dos Filistheos, recebeu uma tão viva dôr, que cahiu por terra, e ferindo-se na nuca, morreo, tendo de idade noventa e oito annos. Fizerão os Filistheos levar a Arca ao templo do seu deos Dagon; mas, quando amanheceo, conhecêrão que o idolo de Dagon tinha cahido com a face em terra diante da Arca. Levantárão-no elles, e ao outro dia achárão-no ou-

tra vez por terra, tendo os pés, e as mãos cortadas, e postas á porta do templo. Forão depois disto acommettidos com toda a sorte de doenças, por causa da Arca, a qual levavão de cidade em cidade, e em toda a parte, em que entrava, cahião os homens todos doentes. Depois de terem conservado a Arca por espaço de sete mezes, puzerão-na sobre um carro, e atando-lhe duas vaccas, que tinhão seus bezerros, estas, em vez de tornarem para os curraes, tomárão o caminho da terra dos Israelitas, levando tambem no mesmo carro offertas para appacar a ira do Senhor. Parárão as vaccas em um lugar, em que os Bethsamitas andavão segando, os quaes, tanto que virão a Arca, lançárão clamores de alegria; porém tendo-a examinado curiosamente, e sem o respeito devido, permittio Deos que morresse um grande numero delles. Levárão depois a Arca para uma casa, na qual se conservou vinte annos, e tendo-se os Israelitas arrependido de seus peccados, lançárão fóra de suas casas os idolos, que tinhão adorado; e orando Samuel por elles, alcançárão misericordia de Deos. Desde este instante, forão os Israelitas sempre victoriosos dos Filistheos, tornárão a possuir as suas cidades, e Samuel os governava em nome do Senhor.

MARY.

Pois era, senhora Bonna, tão grande delicto olhar para a Arca, que dêsse Deos a morte aos que a tinham visto por simples curiosidade?

BONNA.

Assim parece, menina; sendo certo que Deos não castiga severamente senão aos que o merecem; e como elle tinha dito aos Israelitas, que na Arca residia de um modo mais particular do que em os outros lugares, necessariamente ninguem a devia ver senão com temor, e respeito. Podeis-vos retirar, meninas, e continuai a ser bem comedidas, e a aprender o que deveis. Lembrai-vos tambem que Deos assiste de um modo particular nos lugares, onde nos ajuntamos para orar, e para ouvir a sua palavra; e temei que elle vos castigue, como aos Bethsamitas, se vos não lembrardes de estar na sua presença com respeito, e com modo piedoso, e decente.

DIALOGO XXIII.**VIGESIMO PRIMEIRO DIA.**

*A esta lição assiste uma nova discipula, chamada
ALTIVA, de idade de doze annos.*

SENSATA.

A senhora Bonna, meninas, quer que eu vos repita uma historiasinha, que lemos hontem á noite, e por isso eu passo a contalla,

Houve uma mulher de um genio tão aspero, que não podia conservar criado algum; e castigava tanto a miudo seus filhos, e tratava-os tão mal, que lhes causou a morte, e tambem a seu marido. Posto que esta mulher fosse ainda moça, e tivesse uma grande fortuna, ninguem lhe fallava para a desposar, a tal ponto chegava o odio que todos lhe tinhão! Um cavalheiro, seu visinho, teve em fim a infelicidade de agrada-se della, e a pediu para esposa. Como este era um homem muito honrado, todos o lamentarão, e um de seus amigos lhe representou que faria a maior loucura, se desposasse uma tal Furia, que o amofinaria até causar-lhe a morte. Não vos embaraceis com isso (lhe respondeo o ca-

valheiro); antes que passe um mez hei de tornar esta mulher tão branda como um cordeiro. Fez-se o casamento no palacio da senhora ás quatro horas da manhã, e querendo ella, ao sair da Igreja, voltar ao seu quarto para se enfeitarem, porque esperava por um grande acompanhamento, que tinha convidado para o jantar, ficou muito suspensa, quando seu marido lhe disse que não era preciso que se ella enfeitasse, por estar resolvido a dar o jantar em uma sua herdade, que distava dalli quatro leguas. Em verdade, senhor (lhe disse a mulher), creio que estais louco! Esquece-vos, por ventura, que esperamos por companhia? Eu não tenho que vos dar contas de minhas acções (respondeo-lhe o noivo): costumai-vos a obedecer-me sem réplica, pois sou tão teimoso, que certamente vos arreponderieis se me contrariasseis: montai já a cavallo. Enfurecendo-se esta mulher, disse a seu marido que podia partir só, e não esperasse que ella o acompanhasse. O cavalheiro, sem se alterar, chamou quatro forçosos lacaios, que trouxera consigo, e lhes disse: Se a senhora não montar a cavallo voluntariamente, pegai nella por força, e predeí-a á sélla. Vendo esta mulher, toda enfadada, que não tinha meios para resistir, montou a cavallo, proferindo mil injúrias contra seu marido, que não fazia caso do

que ouvia. Nesta mesma occasião, vindo afagallo uma cadella, que elle estimava muito, lhe disse: Retira-te, que não estou de humor de acceitar os teus afagos! Como esta pobre cadella o não entendia, tornou outra vez a ameigallo: e tomando elle uma pistola, que trazia no arção da sélla, disse: Como não queres senão perseguir-me, e eu não gósto que se me obstinem, leva este tiro para teu ensino; e disparando a pistola, matou o pobre animal. A' vista disto ficou a mulher atemorizada, e deixou de dizer-lhe injúrias. Este deshumano (disse ella comsigo) poderá fazer-me o mesmo que fez á cadella. Tendo caminhado tres leguas sem fallarem um ao outro, não querendo o cavallo da mulher passar por baixo de uma arvore, que lhe mettia medo, ordenou-lhe o marido, que se apeasse, e depois disse para o cavallo: Eu te ensinarei a obedecer; e tomando a sua pistola, *lha disparou na cabeça com o maior socego do mundo.* Meu Deos, tende misericordia de mim (dizia a mulher comsigo). Que será de mim com este homem tão cruel? Receio que me mate a todo o instante. Já mudei de parecer (lhe disse o cavalheiro): tornemos para casa, e eu farei com que o meu cavallo vá devagar, para que me possais acompanhar; como não quero porém perder a sélla do cavallo, que fica mor-

to, tende a bondade de a trazer ás costas. A mulher, mais morta que viva, tomou a sélla, sem se atrever a proferir palavra, e chegou ao palacio coberta de suor. Na sua retirada tinha o marido despedido todos os seus criados, e em lugar delles achou ella outros, que não conhecia, e que tinham um semblante tão terrivel, que a fazião tremer. A' vista disto, teve ella intento de fugir; porém até lhe faltava o acordo para considerar na fuga. Fèlla pois o marido jantar, e cear, sem que ella tivesse vontade; e cuidou ser chegada a hora da sua morte, quando este lhe disse, pegando nas pistollas, que podia recolher-se á sua camara, porque queria deitar-se. Entrando na camara, que ella já suppunha que lhe havia de servir de tumulo, assentou-se seu marido em uma cadeira de braços, e lhe disse que o descalçasse. Obedeceu ella sem lhe replicar; e mandando-a elle depois assentar na mesma cadeira, a descalçou tambem. E' muito justo (lhe disse elle) que eu vos faça o mesmo serviço que recebi de vós, pois assim é o meu genio: eu trato as pessoas como ellas me tratão; e assim cuidai em fazer sobre isto as vossas rellexões. Por qualquer maldade que me fizerdes, far-vos-hei quatro; mas tambem não me fareis o menor carinho, que eu vo-lo não recompense em dobro: o vosso procedimento re-

P. 144.

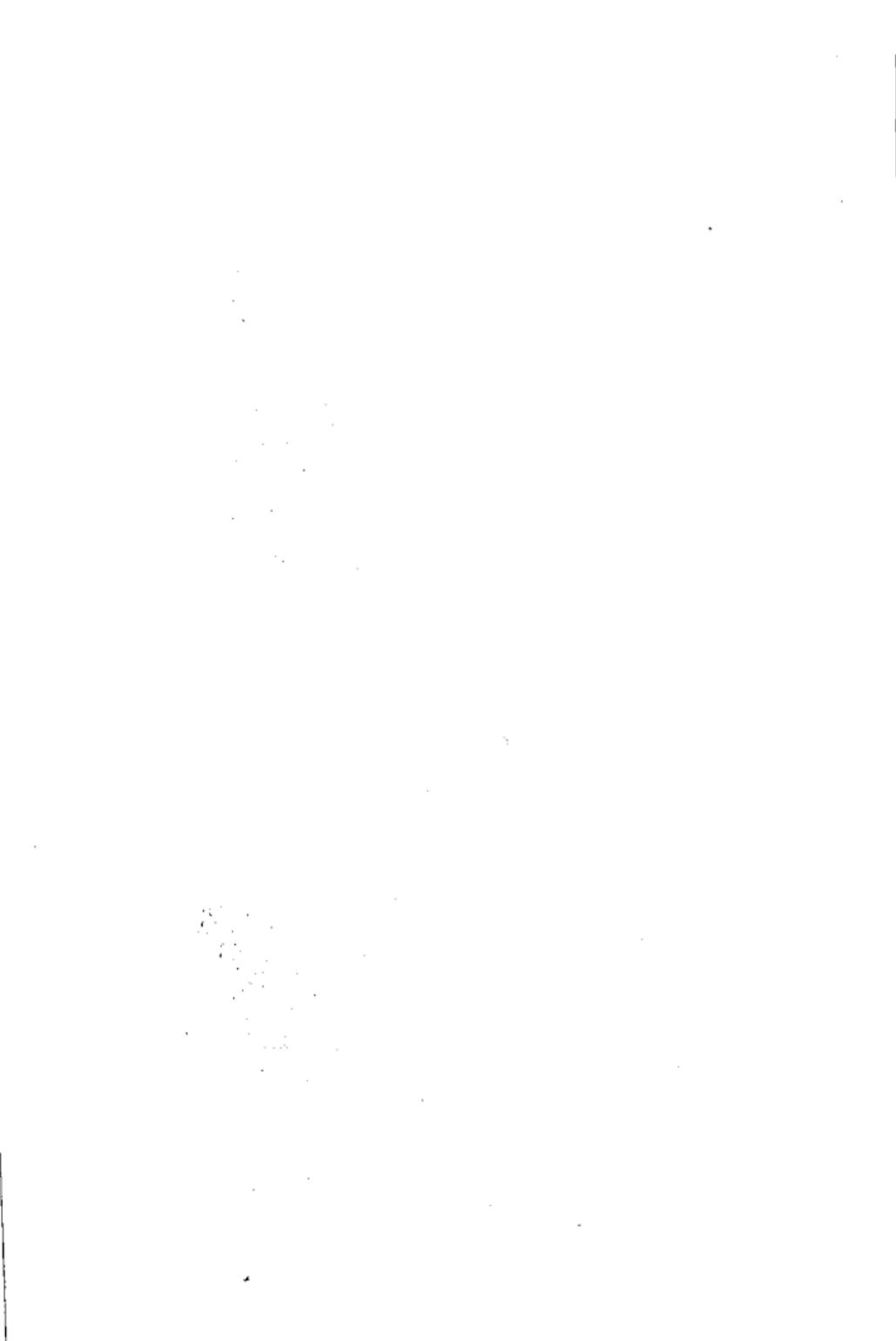


Temot a sella, sem se atrevera proferir palaora.

P. 235.



*Vo tum homem, o qual the dava sinal
para que o acompanhasse.*



gulará o meu, e só de vós dependerá o serdes a mais feliz de todas as mulheres comigo; porém lembrai-vos que se quizerdes zombar comigo, como o fizestes com o vosso defunto marido, achareis em mim um genio cem vezes peor do que o vosso. Basta, senhor (lhe disse a mulher): cumpri a vossa palavra, que eu me contento; e como as minhas acções devem regular as vossas, conhecendo eu que isso é justo, não temais que eu vos veja mais tal como vos tenho visto hoje. Com effeito, fez esta mulher sérias reflexões sobre o seu procedimento passado, e firmemente persuadida de que tinha em fim achado um genio peor que o seu, se resolveo a emendar-se; o que conseguiu com grande admiração de todos, de sorte que nunca houve matrimonio mais feliz.

BONNA.

Confessai, meninas, que este cavalheiro tomou um bom caminho: tendes visto, por exemplo, quão humana eu sou para comvosco: nunca vos tenho reprehendido; e posso com tudo affirmar-vos que, se achasse entre vós uma discipula que se assemelhasse a esta mulher, seguiria o mesmo partido que aquelle cavalheiro tomou, por não haver outro meio de reprimir quem não quer emendar se por bem. Se Deos quizer, não terei necessidade de chegar a estes

extremos, porque sois todas comedidas, e dóceis; e espero que Altiva, que vem passar alguns mezes com sua prima Sensata, seguirá o vosso bom exemplo, e que sempre seremos amigas.

ALTIVA.

Tambem eu o espero, senhora.

BONNA.

Chamai-me vossa Bonna, como as outras, menina: vinde dar-me um abraço, e não estejais tímida; pois, como já vos disse, quero ser vossa amiga, sendo-o de todas estas meninas: ellas fazem tudo o que eu quero, e eu só busco meio de dar-lhes gosto: perguntai a Carlota, que era n'outro tempo tão maligna, e agora está tão boa menina, quanto eu hoje a estimo.

MARY.

Se vós, senhora Bonna, amasseis mais a Carlota do que a mim, certamente me entristeceria.

BONNA.

Eu amo-vos a todas de todo o meu coração: é verdade que tenho mais alguma inclinação para aquellas que, sendo um pouco ferinas, chego com tudo a vencellas.

ALTIVA.

Visto isso, tambem poderei vir a ser vossa querida?

BONNA.

Como pode isso ser, se fordes sempre indocil ?

ALTIVA.

Parece-me que minha mãe vo-lo disse, e que por essa causa mandastes repetir a Sensata a historia daquella maligna mulher.

BONNA.

Ouvi, menina, eu não vos quero enganar : descobristes a verdade : mas, se tiverdes desejo efficaz de vos emendardes, não me mettem medo os vossos defeitos : eu vo-los corrigirei. Estai bem attenta á lição, pois talvez que achemos, na que se vai repetir, alguma cousa que vos obrigue a ser boa. Lêstes, Espirituosa, a historia de França ? Ora dizei-nos, quantas familias differentes occuparão o seu throno, desde o estabelecimento da monarchia ?

ESPIRITUOSA.

Não ha dúvida, senhora Bonna, que já li a Historia de França; porém foi tão rapidamente, que não me lembra uma só palavra. Eu, quando leio algum livro, sou como um goloso, que tem diante uma boa meza ; desejo lello todo de uma vez.

BONNA.

E supponho que, assim como ao goloso nem sempre a comida aproveita, antes muitas vezes lhe causa indigestões, assim tambem as tendes

com a leitura, pois vos não fazeis mais sábia. E' preciso corrigir-vos desse defeito, menina; Sensata lê menos do que vós, mas tira mais proveito das suas leituras; e vereis como ella responde á pergunta que vos fiz.

SENSATA.

Houve em França tres casas, ou tres gerações, que occuparão o throno; chama-se a primeira a raça dos Merovingianos, por causa de um dos avós de Clovis, que se chamava Mero-veo, o qual tinha feito algumas entradas nas Gallias, sem se estabelecer nellas. A segunda raça é a dos Carlovingianos, assim chamada por causa de Carlos Magno, ainda que seu pai Pepino fosse aquelle que fez entrar a corôa na sua casa: e a terceira geração é a dos Capetos, que começou em Hugo Capeto, e ainda hoje reina em França.

BONNA.

Lembrai-vos bem disto, meninas, e vejamos agora como havemos de dividir a França: ficão ao norte na França as antigas provincias de Flandres, o Artois, a Picardia, a Normandia, a Ilha de França, a Champanha, a Lorena e a Alsacia. Lembrai-vos bem destes nomes, meninas; que n'outra occasião eu vos direi o que ha de mais notavel em cada uma destas provincias, assim como os nomes dos *departamentos* que lhes

correspondem segundo a nova divisão da França. Agora vai Mary repetir-nos a sua historia.

MARY.

Chegando Samuel á velhice, ficarão seus filhos governando o povo em seu lugar ; porém não imitavão elles seu pai, por serem viciosos, e accitarem dinheiro para condemnarem os innocentes, e perdoar aos culpados. Disserrão pois os Israelitas a Samuel : Dai-nos um Rei que nos governe, como teem as outras nações. Affligio esta proposta a Samuel ; porém o Senhor lhe disse : Não é a ti que o povo desprezou, eu sou o desprezado : explica-lhes o a que elles se sujeitão, pedindo um Rei, e depois disso elege-lhes um Rei, porque elle obrigará os seus filhos a correrem diante da sua carroça, constrangerá suas filhas a serem suas cozinheiras, e criadas, e tomará a decima parte dos seus bens, seus campos, e suas vinhas, para as dar a seus criados. Quando elles virem isto, chamarão por mim, que sou o Senhor, contra o Rei, que tiverem escolhido ; porém eu não os ouvirei. Representou Samuel todas estas cousas aos Israelitas ; e como elles se obstinárão a pedir um Rei, mandou Deos a Samuel preparar um sacrificio, e lhe disse que elle lhe descobriria aquelle que tinha escolhido. Havia um homem da Tribu de

Benjamin, chamado Saul, o qual era bem parecido, e mais alto que todos os mancebos da sua idade. Perdendo o pai de Saul as suas jumentas, mandou a seu filho que as fosse buscar, e correo este varios sitios com um criado para as achar. Depois que gastou nisto muito tempo, lhe disse o criado: Vamos consultar Samuel, que é o homem de Deos. Convidou Samuel a Saul para cear; e dando-lhe na meza o melhor lugar, o levou depois para o mais alto da casa, e derramando ahi sobre elle uma redoma de azeite, lhe disse, que Deos o tinha escolhido para governar o seu povo. E como Saul lhe respondesse que elle era da ultima Tribu do povo, Samuel lhe deo muitos sinaes para lhe provar a sua eleição, e lhe disse entre outras cousas: Encontrareis, quando sairdes daqui, uma comitiva de Profetas; misturar-vos-heis com elles, e profetizareis, e depois me esperareis por espaço de sete dias, para offerecer ao Senhor um sacrificio. Apenas Saul sahio da presença de Samuel, encontrou os Profetas; e achando-se cheio do espirito de Deos, achou-se outro homem. Aquelles que o conhecião, ficarão attonitos de o ouvir profetizar, e dizião: *Tambem Saul entre os Profetas!* as quaes palavras ficarão em proverbio. Com tudo Samuel ajuntando o povo, mandou lançar sortes, e cahio a prin-

cipal em Saul, que custou muito a achar-se, por se ter escondido.

CARLOTA.

Porque não queria Saul ser Rei, e se escondia por isso que todos os homens desejão?

BONNA.

E' porque são cegos, e não conhecem nem os perigos, nem as obrigações do reinado. Achá-rão-se homens entre os Pagãos, que obrarão como Saul, e custou muito a determinallos a aceitar a corôa. Um Rei é o homem que tem a seu cargo a felicidade do povo, á qual deve sacrificar todas as suas inclinações, e os seus divertimentos. Um bom Rei não deve ter outros passatempos, e é tanto mais infeliz, quanto se vê impedido para fazer o bem que deseja, serviado-se os outros do seu nome para fazerem muitas vezes o mal que podem. Um homem de juizo deve pois tremer, quando o fazem Rei, como vêdes que fez Saul. Continuai, Carlota.

CARLOTA.

Os Ammonitas marcharão contra os habitantes de Jabes, os quaes lhes disserão: Fazei comnosco alliança, e nós vos serviremos. Porém o commandante dos Ammonitas respondeo: Toda a alliança, que eu hei de fazer comvosco, consistirá em tirar-vos a cada um o olho direito. Atemorizados os habitantes de Jabes com

esta proposta, pedirão sete dias para responder, nos quaes avisarão seus irmãos os Israelitas da sua situação, e estes fizeram grandes alaridos, quando o souberão. Sabendo Saul, que andava lavrando, a causa desta alllicção, foi arrebatado do espirito do Senhor, e fazendo em pedaços os bois, com que lavrava, repartio-os por todas as cidades, e disse que faria o mesmo trato áquelles que recusassem de o acompanhar a elle e a Samuel. Ajuntou pois um grande exercito, e combateo de tal sorte os Ammonitas, que não ficarão dous no mesmo sitio. Houve muitas pessoas entre o povo, que, não estando contentes de que Saul fosse Rei, o tinham desprezado, e não lhe havião mandado presentes, o que elle dissimulou modestamente; porém depois desta grande victoria, disse o povo: Quem são aquelles que fallarão contra a eleição de Saul? Entregai-no-los, pois queremos tomar vingança áelles. Alcançou então Saul contra si proprio uma maior victoria, do que aquella que conseguiu contra os inimigos. Hoje ninguem morrerá (disse elle), pois é este um dia de regozijo, em o qual o Senhor nos defendeo. Reinou Saul pacificamente durante dous annos; porém accommettendo seu filho Jonathas os Filistheos, ajuntarão estes um numeroso exercito contra os Israelitas. O maior numero destes, cheio de medo, se es-

condeo, e os outros se unirão a Saul; o qual, tendo-lhe dito Samuel que o esperasse para sacrificar ao Senhor, sete dias o esperou; porém vendo que Samuel não chegava, e que seus soldados desertavão, offereceo elle só o sacrificio. Mal o tinha acabado, chegou Samuel, e lhe disse: Se tivesses obedecido ao que o Senhor vos mandou dizer por minha bôca, ficaria a corôa na vossa familia; mas como lhe desobedecestes, o Senhor vos rejeita, e escolhe outro Rei, que ha de ser do seu agrado. Estas palavras affligirão Saul, o qual não obstante isto, se preparou para combater os Filistheos.

ESPIRITUOSA.

Mas como Saul, senhora Bonna, havia esperado sete dias por Samuel, tinha, segundo me parece, razão bastante para offerecer o sacrificio, pois lhe desertavão todos os soldados; e se não, dizei-me, que faria elle só contra os Filistheos?

BONNA.

O Senhor, a quem elle obedeceria, o teria ajudado, menina; porque o seu soccorro vale mais que milhares de soldados. Quando Deos manda, não devemos nós raciocinar; basta-nos sómente sujeitar-nos; Saul desobedeceo, por perder a confiança em Deos; e aquelle, que tinha recebido tantas provas de sua Divina pro-

tecção, duvidou do seu poder, e da verdade das suas promessas, no que commetteo uma grande ingratição. Prosegui, Molly, esta Historia.

MOLLY.

Tinhão os Filistheos o seu campo perto do dos Israelitas; e Jonathas, cheio de confiança em Deos, a quem pedio auxilio, entrou no seu campo com um unico companheiro; e mataado vinte Filistheos, penetrou Deos os outros de um tal medo, que se matavão uns aos outros, ou arremeçavão as suas armas para fugirem mais depressa. Seguio-os Saul, e disse: Maldito seja aquelle que comer antes que eu acabe de vencer meus inimigos. Estava o povo muito fatigado, e tinha uma grande fome; e ainda que passou por um bosque, em que havia muito mel, ninguem se atreveo a tocar-lhe. Jonathas, que ignorava as palavras que seu pai tinha dito, obrigado da necessidade de comer, tomou um favo de mel na ponta de uma vara, com o qual se fortificou; e advertindo-lhe um o juramento que seu pai tinha feito, elle o reprehendeo. Depois da victoria, porém, consultou Saul a Deos, para saber se devia ainda accommetter os Filistheos; mas não lhe respondendo o Senhor, conheceo por isso, que alguem quebrára o juramento que tinha feito. Lançou sortes, para conhecer o culpado, e cahio ella

em Jonathas; e querendo-o por isso Saul mandar matar, o povo se lhe oppòz, e o obrigou a conceder-lhe o seu perdão.

CARLOTA.

Estava tremendo que Saul mandasse justicar a Jonathas, o qual me parece não estava culpado, ignorando o juramento que seu pai fizera.

BONNA.

Assim é, menina; porém elle teve o atrevimento de murmurar de seu pai, por ter feito aquelle juramento; e como esta culpa devia ser castigada, teve elle por castigo o medo da morte. Admirai a regularidade deste Principe, que, sendo ainda moço, principia as suas acções commendando-se ao Senhor; e cheio de confiança no seu soccorro, não teme accommetter um grande exercito só com um unico companheiro. O que não fariamos nós com o soccorro da oração, e da confiança em Deos! Vamos, Altiva, em Deos é que se deve buscar o soccorro: vós tendes um grande numero de inimigos que combater, e são estes a soberba, a pertinacia, e a cólera; não os vencereis certamente, se os accommetterdes só; porém se Deos combater convosco, como com Jonathas, e com os Israelitas, alcançareis a victoria, e isto sem ter tanto trabalho como cuidais.

ALTIVA.

Fizerão-vos um lindo retrato do meu genio ! e não vos disserão, tambem, que muitas vezes me fazem encolerizar, irritando-me sem causa ? Deveis porém, senhora, advertir, que cada um tem seu genio ; e affirmo-vos que, as que murmurão do meu, o tem ainda peor.

BONNA.

O que dizeis não é justo, menina ; e adverti que deveis respeito a quem mo disse.

ALTIVA.

Sei bellamente que devo respeito a minha mãe, porém ella não vos diria nada, se a minha criada não a fizesse fallar, e eu creio que não devo respeito á minha criada.

BONNA.

Estais enganada, menina, pois aquella pessoa, que vossa mãe vos deo para vos assistir, e a quem quereis chamar criada, teve ordem de vossa mãe para ter conta no vosso procedimento ; e sendo assim, está ella em lugar de vossa mãe, e por isso lhe deveis respeito : e ainda digo mais, que o deveis a todos, e que, sa não mudardes o vosso genio, ninguem vos respeitará.

ALTIVA.

Eu sou de uma qualidade, que me dá meios de me fazer respeitar, ainda quando me negassem o respeito.

BONNA.

Visto que me obrigais a dizer-vos verdades algum tanto asperas, advirto-vos, menina, que em vez de ter algum respeito á vossa nobreza, e á vossa pessoa, vos desprezo mais do que as mulheres que andão vendendo pelas ruas; vós não tendes mais do que ellas senão a vossa soberba, e bem se sabe que este é um titulo, que não inspira respeito a ninguem; peço-vos que estejais quieta, quando alguém vos fallar, e que me ouçais com attenção.

ALTIVA.

Parecia-me que não fazia mal a ninguem por trabalhar, pois deste modo não estou ociosa; e como julgo que é por má vontade, que vós me quereis privar desta applicação, por isso é que não deixo de proseguir.

BONNA.

E' descortezia trabalhar, quando uma pessoa, a quem deveis respeito, vos falla; e é certo que mo deveis, como tambem obediencia.

ALTIVA *rindo*.

Eu dever-vos respeito, e obediencia!

BONNA.

Sim; e certamente que se me faltais a ella, será interiormente, porque de outra sorte vo-lo não soffreria; e para que vejais que eu sou aqui a que mando, vou já muito depressa lançar no

lume a vossa obra. Estou admirada que, logo no primeiro dia, nos queirais dar uma amostra da vossa maldade; mas eu tambem vos mostrarei que sei o que se faz neste caso, pois me parece que sois ainda peor do que aquella mulher má, de quem ouvistes referir a historia. Não me quero jactar de que vos haja de fazer docil; mas ao menos estou certa que haveis de ser a mais desgraçada de todas as creaturas; e para principiarmos, já vos advirto que haveis de passar todo o dia com pessoas da vossa qualidade, isto é, sem educação, e que haveis de comer com as moças da cozinha.

CARLOTA *para Allica.*

Menina, se visseis quão feia vos tendes feito, depois que fallais insolentemente á senhora Bonna, já lhe terieis pedido perdão.

BONNA.

Deixai-a, menina, pois não merece que ninguém tenha compaixão della. Estou com tudo contente, minhas filhas, que isto tenha acontecido na vossa presença, pois esta lição vos fará mais proveito, do que tudo o que eu pudesse dizer contra a soberba.

CARLOTA.

Quando me lembro, senhora Bonna, que eu era da mesma sorte ha sete mezes, tremo, e

vejo em que obrigação vos estou por mo lorde
ajudado a emendar.

BONNA.

Vós emendastes-vos, porque tinheis esse desejo, e além disso não tinheis ainda mais que sete annos : o monstro da soberba, que estava dentro do vosso coração, era ainda pequeno, e por isso se suffocou facilmente ; porém o dragão desta infeliz creatura é já tão forte, tendo treze annos, que a ha de suffocar a ella mesma a qualquer hora. Por que chorais, Sensata ?

SENSATA.

Não ignorais, senhora Bonna, que eu amo a minha prima de todo o coração ; e julgai se eu estarei afflicta de a ver tão maligna. Ora dizei-me : E é ella já muito velha para se emendar ?

BONNA.

Não, ainda não é tarde, menina ; mas é certo que ha de ter hoje mais difficuldade em se emendar, do que teria hontem ; e que será isto mais difficil ámanhã, do que hoje, e o irá sendo cada vez mais ; pelo que vos recomendo a todas, que peçais a Deos por ella, para ver se se emenda.

ESPIRITUOSA.

De boamente, senhora Bonna ; e talvez quo

ella agora tenha pezar de todos os desatinos, que commetteo.

BONNA.

Não, menina, não receeis isso : eu estou percebendo que ainda actualmente está cheia de soberba ; e ainda que faz o que póde para parecer alegre, é porque cuida insultar-me por isso, ao mesmo tempo que não chora por vergonha. A pobre crê que eu me afflijo por meu respeito, porém engana-se, pois se na realidade eu tenho mágoa, é por sua causa. Não me offendo do que tem feito ; e como me não dão della senão por caridade, se a sua soberba não denegrisse a sua alma, de quem tenho dó, perdoar-lhe-hia livremente as desenvolturas que tem obrado ; e posto que ella me tenha dito injúrias, ainda poderia dizellas cem vezes maiores, porque nada disto me offende. Adeos senhoras, sinto que isto nos tenha desassocegado, pois tinha um lindo conto que dizer-vos, o qual reservo para outra vez.

SENSATA abraçando a Bonna.

Minha querida amiga, pelo amor de Deos não deixeis ficar minha prima com a sua soberba ; perdoai-lhe. Meu Deos ! se morresse esta noite, que seria della ?

BONNA.

Porém, menina ; ainda que eu lhe perdoe,

não lhe perdoará Deos, se ella não tiver arrependimento. (*ALTIVA lança-se nos braços da Aia, chorando*). Mas vêde como desaparece a soberba ! Consolai-vos, menina : tendes pezar de vosso erro ?

ALTIVA.

De que servirá isso, se vós dizeis que sou muito velha para me emendar ?

BONNA.

Não digo tal, menina ; o que digo é que tereis nisso mais difficuldade do que outra : mas se me prometteis fazer o que vos disser, eu vos prometto tambem que haveis de ser boa com o tempo.

ALTIVA.

Eu não sei o que quero, pois vejo que sou um monstro de soberba, que estas senhoras me hão de desprezar, que vós me aborrecereis, e eu mesma me aborreço.

BONNA.

Já tendes conseguido alguma cousa, menina, pois já sabeis tudo isso. Animaí-vos, pois tendes agora occasião de vos emendar, que talvez não terieis mais, e por isso aproveitai-vos della. Considerai além disto quão infeliz sereis, se o não fizerdes, porque vossa mãe vos deixou á minha discrição, e seria enganar a sua confiança, se vos deixasse os vossos defeitos ; pelo que

estou na necessidade de vos atormentar miseravelmente; sendo certo que offenderia a Deos, se vos deixasse tal qual sois. Não seria melhor que fossemos amigas, e que trabalhassemos ambas pouco a pouco na vossa emenda? Eu não peço uma cousa impossivel; e além disto, tudo quanto vos disser será por amizade, e não para vos affligir, porque não sou amiga de ralhar; e affirmo-vos, que não me acho já muito boa deste excesso que tenho feito hoje.

ALTIVA.

E se eu vos prometter de me emendar, fardes-me-heis ainda comer com a moça da cozinha?

BONNA.

Sim, menina, esta noite haveis de comer com ella em castigo da desenvoltura, que fizestes hoje; pois quando alguém tem um verdadeiro desejo de se emendar, faz com gosto todas as cousas que se lhe determinão.

SENSATA.

Concedei-me que eu coma tambem á mesma meza, para que ella não tenha tanta vergonha.

BONNA.

Louvo a vossa caridade, menina; mas não é necessario diminuir o seu castigo, quando ella o merece. Hoje, pela sua soberba, se abateo ella muito mais do que essa criada, e affirmo-vos que actualmente é á vista de Deos a mais des-

prezível de todas as creaturas. E' necessario **pois** que ella resgate o seu lugar com esta **reparação**, porque isto lhe grangeará a graça de Deus, para ser melhor, e bem sabeis que para a conseguir se deve ella sujeitar voluntariamente. **Altiva**, a este respeito segui o que quizerdes; mas reflecti, todavia, que eu vo-lo ordeno, por julgar que é para vosso bem.

ALTIVA.

Como vós julgais que isto me é util para me emendar, eu o farei, ainda que seja uma cousa bem violenta.

BONNA.

Esta criada é sem differença uma creatura como vós sois; e como seja uma moça cuidadosa, e cumpra com a sua obrigação, actualmente ainda vos é superior. Se ella soubesse quanto sois maligna, certamente não quereria fazer-vos esta honra, e julgar-se-hia desprezada em cear convosco: porque, em fim, não é vergonhoso ser filha de um campones, ou de um remendão, pedir esmola, ou ser criada; nada disto deshonra, não são acções peccaminosas, e não levão ninguem ao Inferno; ao mesmo tempo que ter soberba condemna, e é indigno. Lestes vós já o Evangelho, **Altiva**? Não vistes que **Jesu Christo**, que é o Rei do Ceo, e da terra, foi tão pobre, que nasceo em um presepio? que tomou

pobres por companheiros? que aquelle, que era tido por seu pai, foi um pobre carpinteiro, ainda que fosse de familia Real?

ALTIVA.

Já me determino a tomar uma boa resolução: sim, minha Bonna, eu cearei com a criada da cozinha.

BONNA.

E isso é bem voluntariamente?

ALTIVA.

Sim, de todo o meu coração.

BONNA.

Ora dai-me um abraço, menina, e façamos as pazes; já começo a ter alguma esperança, vendo que vos sujeitais generosamente á penitencia que vos impuz: passo-vos por esta vez, e estou satisfeita com a vossa obediencia.

ALTIVA.

Agora vejo quanta é a vossa bondade em me perdoar; e seguro-vos, que esta acção me faz envergonhar do que vos fiz.

MARY, *saltando de alegria.*

E eu estou tão contente de ver que Altiva está arrependida, que lhe perdôo de boamente o mal, que nos fez, em impedir a senhora Bonna de nos dizer o seu conto.

BONNA.

Sempre esta Mary está sonhando em contos:

não ha quem goste delles com tanto *excesso!*
MARY.

E' verdade, minha Bonna; porém vós nos dis-
sestes, que aquelle, que era tido por pai de Je-
su Christo, descendia de familia Real; como
podia então ser carpinteiro?

ESPIRITUOSA.

Isto acontece muitas vezes, querida; e eu me
lembro de ter lido na Historia antiga, que hou-
ve um homem da familia Real de Sidonia, que
foi jardineiro.

MARY.

Quereis dar licença a Espirituosa, senhora
Bonna, que nos conte essa historia?

BONNA.

Como temos ainda um quarto de hora, pôde
muito bem contar-vo-la.

ESPIRITUOSA.

Houve um Rei, chamado Alexandre, o qual
teve um valido por nome Efestião. Veio este
Rei á cidade de Sidonia, e pedirão-lhe os mo-
radores que lhes dêsse um Rei da sua escolha.
Fallou Alexandre a Efestião, e lhe disse: Dou-
vos esta corôa, e podeis fazer mercê della a al-
gum vosso amigo. Assistia Efestião em casa de
dous fidalgos, irmãos, e muito honrados, aos
quaes disse que, permittindo-lhe Alexandre o
dispôr da corôa, não podia obrar com mais a-

certo, do que dando-a a um delles. Agradecê-
rão-lhe os irmãos a sua boa vontade, e lhe dis-
serão que, segundo as suas leis, não podião su-
bir ao throno, por não serem da familia Real.
Ficou Efestião admirado do respeito, que es-
tes dignos irmãos consagravão ás leis da sua
patria, e lhes disse que tinha uma tal confiança
na sua virtude, que lhes entregava a corôa, que
elles rejeitavão, para que a dessem a alguem
que fosse de sangue Real, e homem virtuoso.
Havia na cidade um homem da familia Real,
mas de tal sorte pobre, que todo o seu cabedal
consistia em uma pequena horta, que elle pro-
prio cultivava, para passar a vida. Forão os dous
irmãos a casa deste homem, chamado Abdolo-
nimo, e achando-o com um máo vestido, lhe
disserão : deixai este exercicio, que não é digno
de vós, e vinde occupar o throno de vossos pais.
Julgou Abdolonimo que estes homens zombavão
delle, e lhes disse : Não é muito decente que
venhais a minha casa escarnecer-me por eu ser
pobre. Vendo os dous irmãos que elle não que-
ria dar crédito ao que lhe dizião, lhe despírão
os seus pobres vestidos, e lhe vestirão um man-
to Real, que tinhão levado consigo. Sabendo
Alexandre um tal successo, teve desejo de ver
este homem. Apareceo Abdolonimo na sua pre-
sença com uma continencia modesta ; e per-

guntando-lhe Alexandre como desempenharia a sua nova dignidade, o velho lhe respondeo estas bellas palavras: *Praza a Deos que eu mantenha a minha grandeza com tanto animo como a minha pobreza! Até aqui os meus braços me dêrão de comer, e em quanto eu não possui nada, não me faltou cousa alguma.* Applaudio Alexandre esta resposta, e deo grandes presentes ao Rei de Sidonia, de quem fez toda a estimação.

FIM DA PARTE III.

PARTE IV.**DIALOGO XXIV.****VIGESIMO SEGUNDO DIA.****BONNA.**

Como prometti, meninas, de vos dizer um conto, quero desempenhar a minha palavra; porém deveis saber primeiramente, que Altiva está tão mansa como um cordeiro, e só commetteo um descuido, que logo reparou. Já a amo de todo o meu coração; e tambem ella me disse esta manhã, que em toda a sua vida não estivera tão contente como todos estes tres dias. Se daqui em diante ella pudér corrigir a sua soberba, e a sua cólera, como eu espero, será digna de que a amem, principalmente sendo estudiosa, tendo habilidade, e bom genio.

ALTIVA.

Estou-vos muito obrigada, porque assim me animais.

BONNA.

Affirmo-vos, menina, que nunca estarei mais contente, do que quando vos pudér louvar com justiça, pois é mais de meu agrado, do que reprehender-vos. Viviria pouco tempo, se eu tivesse muitas vezes occasiões semelhantes áquellela, que tivemos o outro dia; mas esqueçamos-nos disto, e ouvi agora o meu conto.

Houve n'outro tempo uma Fada, que queria desposar um Rei; mas como ella tinha uma muito má reputação, quiz o Rei antes expôr-se á sua indignação, do que ser marido de uma mulher que ninguem estimasse, não havendo cousa mais penosa, para um homem de honra, do que ver sua mulher desprezada. Outra boa Fada, chamada Diamantina, deo a este Principe por esposa uma Princeza ainda moça, que ella tinha educado, e prometteo defendello da Fada chamada Furia; porém passado pouco tempo, sendo Furia nomeada Rainha das Fadas, o seu poder, que excedia muito ao de Diamantina, lhe deo meio para se vingar. Achou-se ella ao parto da Rainha, e dotou o novo Principe, que esta deo á luz, com uma fealdade sem igual. Achando-se Diamantina debaixo do leito da Rainha ao mesmo tempo, tentou consolalla, depois que Furia se ausentou. Tende animo (lhe disse ella), porque apezar da malicia da vossa

inimiga, vosso filho será feliz ainda algum dia. Chamallo-heis Espirituoso; e não sómente ha de ter todo o espirito possivel, mas tambem o poderá dar á pessoa que mais amar. Não obstante isto, o novo Principe era tão feio, que ninguem o podia ver sem espanto; e quer elle chorasse, ou quizesse rir, fazia gestos tão disformes, que os meninos, que lhe trazião para brincar com elle, se enchião de medo, e dizião que elle era um monstro. Tanto que teve uso de razão, todos querião ouvillo fallar, porém fechavão primeiro os olhos; e o povo, que não sabe as mais das vezes o que quer, tomou um odio tão grande a Espirituoso, que, tendo a Rainha segundo filho, obrigou o Rei a nomeallo seu herdeiro, pois naquelle Estado tinha o povo direito de escolher o Rei. Cedeo Espirituoso, sem se queixar, a corôa a seu irmão; e desgostoso da loucura dos homens, que não estimavão senão a gentileza do corpo, sem se lembrarem da da alma, se retirou para uma solidão, na qual, applicando-se ao estudo da sabedoria, veio a ser extremamente feliz. Não era este o intento da Fada chamada Furia, pois ella queria que elle fosse miseravel; e eis-aqui o que fez para lhe fazer perder a sua felicidade.

Tinha Furia um filho, chamado Agradavel, o qual ella adorava, ainda que fosse o maior es-

tupido do mundo. Como ella quizesse fazello feliz, por qualquer modo que fosse, roubou uma Princeza, que era bella em extremo; e para que esta se não desgostasse da estupidez de Agradavel, fez com que fosse tão nescia como elle. Esta Princeza, a quem chamavão *Astre*, criava-se com *Agradavel*; e posto que ambos tivessem já dezeseis annos, nunca lhes pudêrão ensinar a ler. Mandou *Furia* pintar a Princeza, e levou ella mesma o seu retrato para uma pequena casa, onde *Espirituoso* vivia com um unico criado: teve a malicia de *Furia* o seu effeito, e ainda que *Espirituoso* soubesse que a Princeza *Astre* estava no palacio da sua inimiga, ficou della tão namorado, que determinou ir vê-la; porém, lembrando-se ao mesmo tempo de sua propria fealdade, vio claramente que era o mais infeliz de todos os homens, pois estava certo que havia de parecer horroroso á Princeza. Resistio muito tempo ao desejo, que tinha de vê-la; mas o seu appetite venceo em fim a sua razão. Partio com o seu criado, e ficou *Furia* satisfeita de lhe ver tomar esta resolução, só por ter o gosto de o perseguir á sua vontade. Passeava *Astre* em um jardim com *Diamantina* sua aia; e quando vio chegar o Principe, deo um grande grito, e quiz fugir; porém embarcando-a *Diamantina*, pôz as mãos diante dos

olhos, e disse á Fada: Fazei com que este homem vil se vá daqui, pois me faz tremer de medo. Quiz o Principe aproveitar-se da occasião, em que ella tinha os olhos fechados, para lhe fazer um comprimento bem ordenado; mas sendo tão nescia, como se disse, comprehendeo-o tão pouco como se fosse feito em Latim. Percebeo neste tempo Espirituoso, que Furia se ria de muito boa vontade, querendo zombar delle. Tende-lo feito muito bem, por ser a primeira vez (disse ella ao Principe); podeis retirar-vos para o quarto, que já vos mandei preparar, e depois tereis o gosto de ver a Princeza á vossa vontade. Cuidareis talvez que Espirituoso gastou tempo em dizer injúrias a esta má mulher; mas elle tinha bastante juizo para não cahir neste absurdo, e sabendo que ella só queria deslustrallo, não lhe deo o gosto de o fazer irar. Estava elle com tudo bem afflicto; e ainda foi peor, quando ouviu uma conversação de Astre com Agradavel, pois ouviu-lhe dizer a ella tantas loucuras, que lhe não pareceo já tão bella como antes, e tomou a resolução de a esquecer, e de tornar para a sua solidão. Quiz elle primeiro despedir-se de Diamantina; mas qual foi a sua admiração, quando esta Fada lhe disse que não devia apartar-se do palacio, e que ella sabia um meio para o fazer agradavel á

Princeza. Fico-vos muito obrigado, senhora (lhe respondeo Espirituoso); porém eu não quero ainda casar. Confesso que Astre é admiravel; porém é quando não falla: Furia me curou da minha loucura, fazendo-me ouvilla conversar, e della não quero senão o seu retrato, que, conservando sempre o silencio, é appetecivel. Por mais que vos façais desdenhoso (lhe disse Diamantina), sabei que a vossa felicidade depende de desposardes a Princeza. Seguro-vos, senhora, que nunca o farei; só se chegar a ser surdo; e ainda então será necessario que eu perca a memoria, porque de outra sorte não poderei tirar do sentido aquella conversação. Eu quereria antes desposar uma mulher cem vezes mais feia do que eu, se fosse possivel, do que uma estúpida com quem não poderei conversar racionavelmente, e que me fará tremer todo, quando estiver em sua companhia, com receio de lhe ouvir alguma tolice assim que abrir a bôca. O vosso receio dá-me vontade de rir (lhe disse Diamantina), porém, meu Principe, ouvi um segredo, que ninguem sabe senão eu e vossa mãe. Dotei-vos eu com o poder de dar viveza áquella pessoa que mais amardes, e por isso não tendes mais que desejar, para que Astre possa tornar-se a pessoa mais viva que possa haver: então será ella perfeita, pois é a melhor menina do

mundo, e tem um coração muito terno. Ah senhora (disse Espirituoso), estou vendo que me ides fazer bem desgraçado! Astre tornar-se-ha muito amavel para o meu socego, e eu sello-hei pouco para lhe agradar; porém não importa, sacrificio a minha dita á sua, e lhe desejo toda a viveza, que de mim depende. E' essa acção bem generosa (disse Diamantina), espero que não fique sem recompensa. Achai-vos no jardim do palacio á meia noite, porque essa é a hora, em que Furia se vê precisada a dormir, e pelo espaço de tres horas perde todo o seu poder. Retirando-se o Principe, foi Diamantina para o quarto de Astre, e a achou assentada com a cabeça encostada sobre o cotovelo, como uma pessoa que medita profundamente. Chamando-a Diamantina, lhe disse Astre: Ah senhora, se pudesseis ver o que acaba de passar comigo, ficariéis bem admirada! Ha um pouco que estou como em um novo mundo: eu discorro, raciocino; os meus pensamentos se unem de um modo que me causa gesto infinito; e estou muito vergonhosa, lembrando-me a minha repugancia para os livros, e para as sciencias. Está bem (lhe disse Diamantina), ainda vos podeis emendar: dentro de dous dias desposareis o Principe Agradavel, e depois estudareis muito á vossa vontade. Ah minha amiga (respondeo Astre,

suspirando), e era possível que eu fosse condemnada a desposar Agradavel? E' elle tão noncio, que tremo de considerallo. Mas dizei-me: porque não conheci eu ha mais tempo a estupidéz deste Principe? E' porque ereis tambem uma nescia (disse a Fada); porém eis-ahi vem, se me não engano, o Principe Agradavel. Entrou elle com effeito no seu quarto, trazendo um ninho de pardal no chapéo. Tomai (disse elle), agora acabo de deixar o meu mestre; em vez de dizer a lição, fui apanhar este ninho. Mas o vosso mestre teve razão de encolerizar-se (lhe disse Astre); não é vergonhoso que um moço da vossa idade não saiba ler? Oh! tanto me aborreceis vós agora, como elle (respondeo Agradavel), bem se me dá a mim de toda essa sciencia! para mim vale mais um papagaio de papel, voando, ou uma bola, do que todos os livros que ha. Adeos, que vou jogar ao volante. E hei de eu ser mulher deste estúpido? (disse Astre, depois que se elle foi). Affirmo-vos, amiga, que antes quereria morrer, do que desposallo. Que differença não ha d'elle a esse Principe que eu vi ha pouco? E' verdade que é feio: mas quando me lembro da sua conversação, não me parece já tão horrivel. Mas porque não terá elle o rosto como Agradavel? e tambem de que serve a formosura do rosto?

uma doença a pode tirar, a velhice a faz perder pouco a pouco: e que fica então áquelles que não teem viveza? Na verdade, amiga, se me dessem a escolher, eu quereria antes esse Principe, não obstante a sua fealdade, do que aquello estúpido, que me querem fazer desposar. Estou bem satisfeita de ouvir-vos discorrer de um modo tão prudente (disse Diamantina): mas permitti que vos dê um conselho. Encobri com vigilancia a Furia a vossa viveza; pois tudo perderieis se lhe deixasseis conhecer a mudança que sentís. Obedeço Astre á sua aia; e tanto que souu meia noite, a Fada propôz á Princeza que viesse ao jardim, onde se assentárão em um banco, e não tardou Espirituoso em buscallas. Que alegria não foi a sua, quando ouviu follar a Astre! ficou logo persuadido que lhe tinha dado tanta viveza, quanta elle proprio possuia! Estava tambem Astre encantada da conversação do Principe; porém quando Diamantina lhe mostrou a obrigação, em que estava para com Espirituoso, o seu agradecimento lhe fez esquecer a fealdade deste, ainda que ella perfeitamente o via, por haver luar. Quanto vos estou obrigada! (lhe disse) e como me poderei eu desempenhar para comvosco? Facilmente o podeis fazer (lhe respondeo a Fada), accitando por esposo a Espirituoso, pois de nin-

guem depende senão de vós o dar-lhe tanta beleza, quanta viveza elle vos deo. Muito pezar teria eu disso (respondeo Astre), pois Espirituoso me agrada assim como é: não se me dá que elle seja ou não bem parecido, acho-o amavel, e isto me basta. Puzestes termo a todas as suas infelicidades (disse Diamantina): se tivesseis cahido na tentação de o fazer formoso, ficariéis ainda em poder de Furia; porém agora já não tendes que recear a sua raiua. Eu vos transportarei ao Reino de Espirituoso, pois que seu irmão é morto, e o odio, que Furia tinha inspirado contra elle ao povo, já não subsiste. Virão com effeito os vassallos com alegria tornar Espirituoso para o seu Reino, e passados tres mezes já estavam costumados todos ao seu semblante, sem deixarem nunca de admirar o seu entendimento.

CARLOTA.

Mas porque não deo Astre gentileza a Espirituoso, se não sabia que por isso ficaria ainda no poder de Furia?

BONNA.

E' porque Astre era já uma pessoa de juizo; e tanto que uma mulher tem juizo, não se lhe dá de casar com um homem bem, ou mal parecido.

ESPIRITUOSA.

E porque é isso, senhora Bonna ?

BONNA.

E' porque quasi sempre um homem bem feito é um nescio, todo namorado de sua figura, todo satisfeito de seu merecimento, todo entregue ao cuidado de seu enfeite, como uma mulher ; e bem vêdes que não ha cousa tão indigna, como um homem semelhante.

ALTIVA.

Isso é verdade, senhora Bonna ; e eu conheço um homem chamado...

BONNA.

Não é necessario nomear as pessoas, quando se houver do fallar nos seus defeitos : acabai o que nos querieis dizer, porém não digais o nome desse cavalheiro.

ALTIVA.

Pois bem : este gasta tres horas todos os dias para se vestir, como qualquer mulher ; e além do seu nome, que não digo, chamão-no tambem *Narciso*.

MOLLY.

Que quer dizer esse nome ?

BONNA.

Narciso era um mancebo em extremo bello, que se namorou da sua propria figura, vendendo-se em uma clara fonte. Chamava elle pela sua

imagem, que era impossível que lhe respondesse, como não duvidais; e tomou tanta mágoa de não a poder fazer sahir da agua, que morreo, e os Deoses o convertêrão em flôr: desde esse tempo, todas as vezes que um homem se namora da sua figura, chamão-lhe Narciso. Digamos agora alguma cousa da Geographia. Que Reino é o que se acha ao nordeste de França? Dizei, Sensata.

SENSATA.

A Belgica, que com o nome de Paizes-Baixos pertencia n'outro tempo á casa de Austria.

MARY.

Que quer dizer casa de Austria?

BONNA.

E' o mesmo que se se dissesse a familia de Austria. Para entender bem a Geographia Historica, é necessario conhecer as principaes familias da Europa, e por isso ouvi com attenção o que vos digo. Quando eu fallo nas principaes familias da Europa, não quero fallar senão daquellas dos principaes Reis. As duas primeiras casas, ou familias soberanas da Europa, são a de Austria e a de Bourbon, cuja origem remonta á mais alta antiguidade. Para outra vez entrarei em mais longos pormenores a seu respeito, e dar-vos-hei então noticia das outras familias reinantes, todas ellas mais ou menos illus-

tres segundo o seu gráo de antiguidade, ou de grandeza.

ALTIVA.

Permitti-me que vos diga uma cousa, minha Bonna. Dissestes-me o outro dia, que não fazieis muito caso do meu titulo, e hoje vejo que nos fuzeis notar que ha casas mais antigas, e maiores umas do que outras : pelo que venho a concluir que é alguma cousa descender de uma grande casa.

BONNA.

Não nego, menina, que é isso de alguma consideração ; mas vós tambem sabeis que todos os homens descendem de Adão, e por isso todos são iguaes por sua natureza, e são parentes, como todos os Israelitas o erão uns dos outros. Os homens porém sendo iguaes por natureza, não o são pelas qualidades da alma, do corpo, ou do espirito, e eis o que produzio a nobreza. Era justo honrar particularmente aquelles que erão melhores do que os outros, ou que, tendo alguns talentos, os empregavão em fazer seus irmãos mais felizes. Estes forão pois honrados justamente ; e para animar seus filhos a imitallos, como tambem em respeito á memoria de seus pais, se lhes dá honra : eis-aqui porque é de alguma ponderação o descender de uma familia nobre, e antiga ; porque, supposto que

algun tivesse um avô de merecimento, ou virtudes superiores aos outros, deveis advertir que isto obriga os filhos a seguir o exemplo de seus pais, sem o que seria injusto honrallos pelas virtudes de outrem. Percebei melhor isto por um exemplo. Temos em França um costume muito irracional, pois, se em uma familia houver um infame, que morra enforcado, toda a familia fica deslustrada, ainda que ella se componha das pessoas mais qualificadas; e ninguem quererá desposar uma filha, ou uma irmã desse homem que foi enforcado.

CARLOTA.

Porém isso é muito mal feito: não é culpa minha que meu pai, meu irmão, ou meu primo sejam homens viciosos, e não mereço ser desprezada senão pelas minhas proprias acções.

BONNA.

Assim como tambem não seria justo que vos honrassem pelas acções de outrem, e sómente porque vossos antepassados erão pessoas de bem, e tiverão merecimento superior. Não nego que é cousa estimavel proceder de uma antiga familia; porém é mil vezes mais glorioso introduzir a nobreza na sua casa, por uma acção heroica, do que achalla já estabelecida, e não fazer pela sustentar.

ESPIRITUOSA.

Visto isso não se deve respeito aos Reis, e aos Fidalgos, quando não são virtuosos?

BONNA.

Ha duas especies de respeito, meninas: um, que é interior, e que se tributa ás pessoas virtuosas; o este só se deve a pessoas de bem, sem que o devamos aos Reis, e aos Grandes, que deslustrarem as suas dignidades por seus vicios. O respeito exterior consiste em obedecer aos Reis, e Magistrados, porque elles representam a Deos na terra, e a fazer-lhes certos sinaes de respeito exterior. A boa ordem pede que se conserve este segundo respeito, isto é, que se honre o titulo, a authoridade, e o emprego, ainda que ao mesmo tempo se despreze a pessoa. Reparai bem nisto, meninas: vós todas sois pessoas de qualidade, isto quer dizer, que todas tendes obrigação de ser mais virtuosas do que as outras; e se vós, Altiua, não cumprides os vossos deveres, não verei em vós senão uma filha de Adão, prima de um homem vil, ainda que em grão remoto. Eu respeito o vosso titulo, e por isso vos farei a reverencia devida, quando me encontrar comvosco; mas fóra dahi estimar-vos-hei menos do que a vosso primo mais remoto, esse homem vil; pois talvez que, se elle tivesse tido algum avô tão honrado como os

vossos, lhe dessem a vossa educação, e fosse muito mais virtuoso do que vós.

SENSATA.

Ora dissei-me, senhora Bonna, a nobreza foi sempre a recompensa da virtude? Eu vejo que Nemrod, que foi o primeiro Rei dos Assyrios, era muito ambicioso; e ainda hoje vemos, que quem ajunta muito dinheiro é nobre. Dentro de duzentos annos os filhos destes nobres dirão que descendem de uma antiga familia; e se seus pais não tivessem enriquecido por meios injustos, não seriam senão uns homens do povo, e sem titulo.

BONNA.

A vossa reflexão, menina, é excellente; porém de tudo se abusa. A nobreza, que só devia ser a recompensa das virtudes, e dos merecimentos, é muitas vezes o prémio da ambição, da avareza, e de outros muitos vícios. Isto prova ainda melhor tudo o que tenho dito, que a nobreza de nossos avós é um titulo bem diminuto, e bem equivoco, e que ninguem se deve confiar senão naquelle que se adquire por suas proprias acções; mas o abuso dos meios de adquirir a nobreza, mostra sempre qual tem sido a tenção dos homens, concedendo-a a alguns delles. Ninguem se lembrava da ambição de Nemrod, quando lhe derão o titulo de Rei; mas a)

tiverão attenção aos grandes serviços que tinha feito á sociedade, matando as feras, e costumando a mocidade á obediencia militar. Enriquece um homem no commercio, e logo lhe vendem os titulos de nobreza, ou lhos concedem, e isto é por se supôr que elle se portou como homem de bem, e que as suas riquezas são a recompensa da sua applicação, e do seu trabalho. Porém já é tempo de repetirdes as vossas historias. Começai, Molly.

MOLLY.

Foi Samuel buscar Saul, e lhe disse: Manda-te Deos por minha bôca fazer guerra aos Amalecitas, por estar completo o numero de seus peccados, e por isso tu os destruirás desde o primeiro até o ultimo, como tambem todos os seus gados, porque os seus crimes fizeram tudo quanto lhes pertence abominavel aos olhos do Senhor. Marcharão pois Saul, e os Israelitas contra os Amalecitas, e alcançarão a victoria. Matarão todos os animaes, que estavam magros; porém conservarão todos os que estavam gordos, com pretexto de fazer delles um sacrificio ao Senhor, sem que Saul se atrevesse a impedir-lho. Desobedeceo a Deos o proprio Saul, dando a vida a Agag, Rei dos Amalecitas; e então falou Deos a Samuel, e lhe disse: Desprezou Saul as minhas ordens, e por isso tenho-o já desam-

parado, e escolhido outro Rei para o meu povo. Ficou Samuel muito triste, por ser amigo de Saul; e indo ter com elle, lhe annunciou as palavras do Senhor; e querendo este Principe desculpar-se, dizendo que se tinham reservado aquelles animaes para os sacrificar a Deos, Samuel lhe respondeo : *Deos quer antes a obediencia, do que o sacrificio.* Mandou depois Samuel trazer Agag, que era muito gordo, e tremulo, e lhe disse o Profeta : Já que tu fizeste chorar um grande número de mãis, fazendo acabar seus filhos com a tua espada, do mesmo modo farei eu hoje chorar tua mãe; e dizendo isto, o matou. Quiz depois retirar-se Samuel; porém Saul lhe disse : Eu pequei, rogo-vos que peçais ao Senhor que me perdoe; e sustendo o Profeta pela sua capa, lhe rasgou um pedaço. Disse-lhe Samuel : Como tu rasgaste a minha capa, e lhe tiraste este pedaço, da mesma sorte te tirará Deos o Reino de Israel para o dar a outro homem mais obediente. Ao que respondeo Saul : Se o povo desconfiar que o Senhor me tem desprezado, não quererá obedecer-me, e por isso te rogo venhas comigo, para que, vendo-nos o povo a ambos, não saiba que Deos não quer mais nada de mim. Teve ainda Samuel esta condescendencia com Saul; porém foi a ultima, porque o não vio mais em quanto viveo.

CARLOTA.

Se Saul confessava a sua culpa, e pedia perdão della, porque lhe não perdoava Deos, sendo tão bom ?

BONNA.

Deos, menina, conhece o fundo dos corações; e vendo que Saul não tinha dôr de o haver offendido, senão por julgar que perderia o seu Reino, por isso lhe não perdoou. Vistes que elle ficou contente, quando Samuel appareceu com elle diante do povo; e se estivesse verdadeiramente arrependido do seu erro, diria ao Profeta: Ainda que o Senhor me tire o meu Reino, eu me satisfaço, com tanto que me perdoe o meu peccado; pois então estou certa que Deos lhe perdoaria. E' certo, meninas, que é necessario ter pezar de haver peccado, porque o peccado desagrada a Deos, e não porque o peccado nos cause alguma infelicidade; e não ser como um guloso que, morrendo por ter comido muito, tem mágoa de ter sido guloso, não porque isto offenda a Deos, mas porque a sua gula lhe causa a morte. Vós percebeis muito bem que esta dôr do peccado não é boa, e esta era a que tinha Saul. Continuai, Mary.

MARY.

Disse Deos a Samuel: Vai a Bethlem a casa de Jessé, porque tenho escolhido a um de

seus filhos para ser Rei. Quando Samuel viu o mais velho dos filhos deste, que era alto, e bem feito, creio que era aquelle que o Senhor tinha escolhido; mas Deos lhe disse: Não é esse, porque eu não ólho para a estatura do homem, mas sim para o seu coração; e passando os sete filhos de Jessé por diante de Samuel, não escolheu o Senhor nenhum delles; e então lhe disse o Profeta: Não tendes vós outros filhos? Respondeo-lhe Jessé: Tenho ainda outro filho mais moço, chamado David, que guarda os meus rebanhos: Mandarão vir David, que era de pequena estatura, e de rosto gentil; e tendo o Senhor dado a conhecer a Samuel que era aquelle o que tinha escolhido, derramou sobre elle uma redoma de azeite para o sagrar. Desde aquelle tempo ficou David cheio do espirito do Senhor, e Saul, pelo contrario, entregue ao espirito maligno, que o atormentava tão fortemente, que chegava a enfurecer-se. Dissirão a Saul que, se mandasse tocar harpa na sua presença, sentiria algum allivio; e como David tocava muito bem este instrumento, o Rei o pediu a seu pai. Tanto que Saul vio David, ficou-lhe de tal sorte inclinado, que até lhe mandava trazer as suas armas; e todas as vezes que o espirito maligno o atormentava, tanto que David tocava a harpa, ficava alliviado.

BONNA.

Prosegui, Carlota.

CARLOTA.

Havia entro os Filistheos um gigante chamado Goliath, que andava armado de um modo terrivel; e vindo desafiar os Israelitas para o combate, nenhum se atreveo a accommettello. Tinha David outra vez tornado para o seu rebanho, e tinha-lhe seu pai dito, que fosse levar sustento a seus irmãos, que estavam no campo. Tanto que chegou, vio que o Gigante escarnecia os Israelitas, e o sou Deos. Injuriado de isto David, perguntou, que recompensa teria aquelle que matasse aquelle homem? Responderão-lhe que o Rei lhe daria a sua filha em casamento. O irmão do David, ouvindo a pergunta que este fazia, lhe disse, que era um vaidoso, e seria melhor que voltasse a guardar o seu rebanho. Sabendo Saul as perguntas que fazia David, lhe disse: Amigo, não podes resistir a este gigante, sendo tu ainda tão rapaz. Respondeo-lhe David: quando eu guardava os rebanhos de meu pai, um leão, e um urso vierão accommettellos; e como eu então os despedacei, creio que Deos, que me livrou das suas garras, pôde tambem livrar-me das mãos do gigante. Deo então Saul as suas proprias armas a David, porém achando-as este muito pesadas tomou só-

mente a sua funda (isto é, um instrumento para lançar pedras), e apanhou em uma corrente cinco pedras. Vendo o gigante que David ainda tinha a presença de um moço muito delicado, mofou de um tal inimigo, e lhe disse: Cuidas tu que vens accommetter um cão, trazendo pedras, e um páo? Eu te darei breve o desengano, tirando-te a vida, e dando o teu corpo a comer ás aves. Ao que respondeo David: Bem sei que tu crês estar seguro com as tuas armas; porém eu venho accommetter-te armado com o poder do Senhor, o qual fará com que alcance a victoria. Dito isto, correo David para o gigante, e lhe atirou com uma pedra; e cravando-lha na testa, o matou; e como não levasse espada, lhe cortou a cabeça com a do proprio gigante. Vendo os Filistheos o gigante morto, fugirão; e aproveitando-se os Israelitas desta occasião, matarão grande numero delles. Houve grandes alegrias por causa desta victoria, e as mulheres cantavão ao som dos instrumentos estas palavras: *Matou Saul mil, e David dez mil*, as quaes palavras causarão ao Rei um tal ciúme, que começou dahi em diante a aborrecer a David, principalmente conseguindo este mancebo tudo, porque Deos lhe assistia. Jonathas porém, filho de Saul, foi mais justo que seu pai, pois admirando a grande acção de David, lhe fez presente

do vestido que trazia ; sendo naquelle tempo o sinal mais distincto de estimação, que se podia dar a qualquer pessoa : e amou sempre a David.

MARY.

Até aqui compadecia-me de Saul, mas agora já começo a aborrecello, vendo que elle não tinha razão para ser invejoso de David, que lhe tinha feito um tão grande serviço.

BONNA.

Tem havido muitos Principes semelhantes a Saul, porque tambem tiverão ciumes dos seus vassallos que obravão grandes acções, o que na realidade é bem indigno, e injusto. Fazei tambem sobre isto uma reflexão, senhoras ; pois David não disse a Saul, que fôra pelo seu esforço que matára um leão, e um urso, nem que por sua valentia venceria Goliath ; mas confessa sempre que, por auxilio do Senhor, destroçara aquelles terriveis animaes, e esperava vencer Goliath. Todo aquelle, minhas filhas, que põe toda a sua confiança em Deos, é muito forte. Vós, Altiva, tendes inimigos para vencer mais valentes do que aquelles que David venceu, e é impossivel que vós só consigais a victoria ; porém se o Senhor vos ajudar no combate, a alcançareis ; e por isso, menina, deveis continuamente pedir-lhe soccorro.

ESPIRITUOSA.

Lembra-me, senhora Bonna, de nos dizerdes, fallando das Provincias da França, que Lorena estava ao nordeste. Como pode esta Provincia pertencer a França, se n'outro tempo houve um Duque de Lorena ?

BONNA.

Para vos explicar isso, será necessario contar-vos uma historia ; porém hoje é muito tarde, e por isso ficará para outra vez. Esta será muito mais agradavel, Mary, do que um conto de Fada, pois tudo o que disser ha de ser verdadeiro.

DIALOGO XXV.

VIGESIMO TERCEIRO DIA.

MARY.

Nós esperamos hoje pela historia que nos promettestes a respeito da Lorena.

BONNA.

Hei de cumprir a minha palavra, meninas ; mas é necessario primeiro que vos ensine a differença que ha de um Reino electivo a um Reino hereditario.

MARY.

Que querem dizer estas duas palavras ?

BONNA.

Diz-se que um Reino é electivo, quando os filhos do Rei não reinão depois da sua morte, e quando o povo póde dar a corôa a um homem que não é da familia Real; e chama-se Reino hereditario quando a Lei obriga os povos a reconhecerem por seu Soberano o filho do seu Rei, ou o seu parente mais chegado.

O Reino de Polonia era electivo, meninas, e por isso o povo é o que elegia o Rei. Ora o Rei de Suecia fazendo a guerra aos Polacos, obrigou-os a depôr o seu Principe, e a nomear outro. Este novo Rei chamava-se Estanisláo, e era o melhor Principe, que podia haver; porém o Rei deposto declarando-lhe guerra, como Estanisláo não fosse o mais forte, vio-se obrigado a fugir, disfarçado, com um fidalgo da sua côrte. Levava este a bolsa, em que ia todo o dinheiro de Estanisláo; e vindo-lhe recado um dia em que estava dando dinheiro a um homem, que o procuravão para um negocio preciso, sahio fóra, e por felicidade esqueceo-se de levar a bolsa comsigo, pois chegando noticia a Estanisláo, que os inimigos vinhão para o prender, vio-se este na precisão de fugir. Ora vêde quão perturbado não ficaria, se áquelle fidalgo não tivesse esquecido a bolsa sobre o bofete, estando dentro nella todo o dinheiro do Principe! Rogou Es-

tanisláo a uns homens, que encontrou, que o ajudassem a pôr-se em salvo; porém sendo estes uma gente perversa, lhe fizeram soffrer toda a sorte de calamidades em quanto andou com elles. A cada passo o ameaçavão, dizendo-lhe que o entregarião aos inimigos; pois ainda que não soubessem que elle era o Rei, sempre julgavão que fosse algum Grande da sua côrte; sendo certo que, se chegassem a prender Estanisláo, lhe darião a morte. Salvou-se com tudo felizmente, e viveo muitos annos nos Estados de um Principe, que lhe deo asylo. Mui bem percebeis, meninas, que Estanisláo ficou perdendo os seus bens; porém, como era bom Christão, sujeitou-se á vontade de Deos, e viveo satisfeito. Tinha elle uma filha, que era tão benemerita como seu pai, a qual em vez de se amofinar, por ver que seu pai não era já Rei, dizia: Parece-me que foi melhor para meu pai o ter perdido a sua corôa, do que tella conservado: visto que Deos o tem assim permittido. Quiz Deos recompensar a piedade, e a sabedoria desta Princeza; e por esta causa inspirou a um Principe, que governava em França, o pedilla para esposa do Rei daquella Monarquia, ainda que fosse mais velha do que elle, e não muito formosa. Desposou-a o Rei; e vendo que ella era muito virtuosa, criou-lhe um grande amor.

Passado algum tempo, originou-se uma grande guerra, e quando se concluiu a paz foi com a condição que o Duque de Lorena dêsse o seu territorio a Estanislão, e que em seu lugar aceitasse uma Provincia mais rica, que ha na Italia, chamada a Toscana. Desde esse tempo, que foi no anno de mil setecentos e trinta e sete, ficou Estanislão sendo Duque de Lorena, onde não teve outro cuidado, senão de fazer os seus povos felizes; e por sua morte ficou reunida a Lorena á França. Quanto á sua filha, morreu esta sendo Rainha de França, em mil setecentos e sessenta e oito, e como sacrificára a sua corôa a Deos, elle lhe deu outra muito mais rica, e hereditaria em lugar de electiva; pois nunca se sacrifica ao Senhor qualquer cousa, que elle a não dê dobrada: ainda que isto não aconteça muitas vezes nesta vida, certamente o ha de ser na outra.

MOLLY.

Parece-me, minha Bonna, que quando dizeis, que a corôa de França he hereditaria, vale o mesmo que dizer, que quando o Rei morre, tem o povo obrigação de deixar subir ao throno o seu filho, ou filha, se acaso os tiver; e senão, o seu parente mais chegado.

BONNA.

No Reino de França as filhas não podem her-

dar a corôa, porque a lei Salica, assim como a Carta o prohibe. Não é assim em Inglaterra, na Hespanha, e na Russia, etc. porque ahi a corôa, morrendo o Rei sem filhos, vem á filha mais velha. Isto supposto, fallemos agora das outras Provincias, que se achão ao norte da França, entre as quaes a primeira, que fica ao nordeste, é a Alsacia. Esta provincia só pertence á França desde o seculo dezeseis, e tem por capital Strasburgo junto ao Rheno.

MOLLY.

Que quer dizer um seculo, senhora Bonna?

BONNA.

Quer dizer cem annos, menina. Todos os povos da terra escolhêrão um grande acontecimento para notar os annos; e por isso os filhos de Noé tomárão o diluvio por Era, isto é, pelo tempo donde começavão a contar; e dahi veio esta palavra Era. Os Gregos contavão os annos pelas suas assembléas, que se celebravão de quatro em quatro annos na cidade de Olympia, e assim o espaço de quatro annos fazia uma Olympiada, de sorte que se dizia commummente: Tal homem viveo dez, ou vinte Olympiadas. A Era dos Gregos teve pois princípio no tempo em que se começárão a ajuntar na cidade de Olympo. Os Romanos tiverão por Era o anno em que Roma tinha sido edificada; e por isso di-

zião: Fizemos tal guerra no anno duzentos de Roma, isto é, duzentos annos depois que Roma se edificou. A Era dos Christãos é o nascimento de Jesu Christo. E que respondereis vós, depois de vos eu ter explicado tudo isto, se vos perguntar em que anno estamos?

MOLLY.

Estamos no anno de mil e oitocentos e quarenta e seis.

BONNA.

E que quer dizer isso, Espirituosa?

ESPIRITUOSA.

Quer dizer que ha mil oitocentos e quarenta e seis annos, que Jesu Christo veio ao Mundo.

MARY.

E porque causa ouço eu frequentemente falar em Jesu Christo, e digo todos os dias, quando rezo, que creio em Jesu Christo, sem saber o que isto significa?

BONNA.

E' porque repetis a oração como um papagaio, e sem attenção alguma. Por agora acabemos a nossa Geographia, e depois repetireis, menina, o Credo, e então eu vos explicarei o que nelle dizeis pertencente a Jesu Christo e espero, depois de acabardes de aprender a Escriitura Santa, que se chama o Antigo Testamento, e é a historia de tudo o que Deus fez

pelos homens antes do nascimento de Jesu Christo, ensinar-vos o Novo Testamento, isto é, a historia de Jesu Christo, em quanto andou no Mundo.

Já fallámos da Alsacia, e da sua capital, e agora vos digo que a de Lorena se chama Nancy. Depois da Lorena, indo para o noroeste, se acha a Flandres, cuja capital é Lille. Cortando dahi sempre para o oeste, encontra-se a Picardia, cuja capital é Amiens, junto ao rio Somma. Segue-se depois a Normandia, que tem por capital Ruam, ao pé do rio Sena; achando-se em fim muito ao noroeste a Bretanha, cuja capital é Rennes, perto do rio Vilaine. Ha muitas cousas dignas de observar nestas Provincias; mas como prometti a Mary de lhe fazer repetir o Credo, para outra vez fallaremos dellas. Repeti, Mary, o Credo.

MARY.

Creio em Deos Padre todo Poderoso, Creador do Ceo, e da terra; e em Jesu Christo um só seu filho, nosso Senhor.

BONNA.

Eis-aqui, que vós dizeis todos os dias que Jesu Christo é o Filho unico de Deos todo Poderoso, daquelle, que creou o Ceo, e a terra: e accrescentais a isto, que é nosso Senhor, nosso Rei, e nosso Juiz, e aquelle que póde dar-nos leis; porque a palavra Senhor quer dizer tudo

isto. Vejamos agora o que fez Jesu Christo.

MARY.

O qual foi concebido por graça do Espirito Santo : nasceo de Maria Virgem : padeceo sob poder de Poncio Pilatos ; foi crucificado, morto, e sepultado : desceo aos Infernos : ao terceiro dia resurgio dos mortos : subio ao Ceo, está assentado á mão direita de Deos Padre todo Poderoso, donde ha de vir a julgar os vivos, e os mortos.

BONNA.

Jesu Christo, que é nosso Senhor, como temos observado, veio ao Mundo por virtude do Espirito Santo, e nasceo de uma mulher chamada Maria. Mas por que razão Jesu Christo, sendo Deos, se fez homem? Para reconciliar seu Pai Eterno com os homens, que erão todos peccadores; para vir fazer penitencia pelos nossos peccados, e expiallos, padecendo, e morrendo sob Poncio Pilatos. E' Deos tão justo, que necessariamente devia castigar o peccado, e Jesu Christo por nosso amor se offereceo a este castigo. Se quereis saber quanto o peccado é horroroso, observai quanto Jesu Christo padeceo para nos alcançar o perdão. Os malfeitores o apañarão, e prendêrão, derão-lhe bofetadas, cuspirão-lhe no rosto, e depois disto rasgárão seu corpo com açoutes, e lhe puzerão na cabeça uma corôa de penetrantes espinhos. Represente-se-

vos agora Jesu Christo, meninas, neste estado, com o corpo chagado, o rosto coberto de escarros, e de sangue, que tinha corrido das feridas que os espinhos fizeram na sua cabeça. Tudo isto é ainda nada, meninas, pois neste miseravel estado ainda lhe puzerão sobre os hombros uma grande cruz, e o obrigárão a levalla ao cume de um alto monte. Estava elle tão fraco, que cahio no caminho; porém não cuideis que lhe tirárão essa pesada cruz; só se contentárão com obrigar um homem a que o ajudasse a levalla. Depois de subir a este monte, puzerão-no sobre a cruz, e depois tomando grossos cravos lhe pregárão os pés, e as mãos com elles, até que neste estado o deixárão morrer. Chorais, minhas filhas, e é certo que tendes bastante causa para isso, por ser pelo vosso amor que Jesu Christo padeceo todos estes tormentos; para impedir que fosseis para o Inferno, e para alcançar a graça de irdes para o Ceo. Se alguma de vós commettesse um crime, pelo qual a condemnassem a ser enforcada, e eu fosse dizer a ElRei: senhor, perdoai a Espirituosa, ou a Altiva; e este me respondesse: Isso não pode ser, porque commettêrão um crime que deve ser castigado; e depois tornasse eu a dizer ao Rei: Está bem, senhor, perdoai-lhes, porque eu quero ser enforcada por ellas: não é certo que nunca vós

vos esquecerieis de mim? e que antes dirieis todos os dias da vossa vida: Esta pobre Bonna muito bem me queria; se ella não fosse, ha muito tempo que eu teria morrido enforcada; e se agora pudesse tornar ao mundo, dar-lhe-hia tudo quanto possuo, e amalla-hia sobre todas as cousas.

ALTIVA.

Certamente, senhora Bonna, eu sou bem miseravel, e bem ingrata em não ter uma unica vez meditado no que Jesu Christo padeceo por mim; ao mesmo tempo, que amo tanto aquelles que me fazem bem. O outro dia minha prima Sensuta vos pediu licença para comer comigo na coziuha, para que eu soffresse menos vergonha; e eis-aqui tendes, que nunca me esquecerá esta acção, que ella obrou por mim, ainda que viva cem annos: amalla-hei por causa disto; e com tudo não me lembro de amar a Jesu Christo, que muito mais fez por mim.

BONNA.

Ainda vós fazeis muito peor, menina, pois em lugar de o amardes, o tendes offendido muito. Jesu Christo diz-vos ao coração: Filha, quando te enches de cólera, quando não cumpres com a tua obrigação, tu me offendes, offendes-me a mim, que te amo tanto: peço-te que te emeudes, que te faças melhor, porque sem isto não

entrarás no Paraiso, e é inutil tudo quanto tenho padecido para alli te conduzir: com tudo isto, vós fechais os ouvidos, e desprezais os seus avisos. E não é certo que quem faz isto é mais duro que os tigres, e os leões?

ALTIVA.

Affirmo-vos, minha Bonna, que tudo isto nasce de se não considerar nunca nessas cousas. Eu rezo todos os dias o Credo: mas rezo-o com menos attenção do que repeliria qualquer cantiga.

MARY.

Daqui em diante jámais deixarei de chorar, quando o disser; e como Jesu Christo, que tanto me ama, não me pede mais do que ser boa, certifico-vos que me não ha de esquecer nada do que me disserdes para me emendar. Mas dizei-me, senhora Bonna, como houve homens tão perversos, que fizeram padecer tanto a Jesu Christo? Que mal lhes tinha elle feito?

BONNA.

Jesu Christo tinha nascido entre os Judeos, e descendia de Abrabão, e de David, e eis-aqui todo o mal que elle tinha feito aos Judeos. Tinha curado os seus enfermos, resuscitado os seus mortos, e feito bem a todos; porém como elle reprehendia aos Sacerdotes, e a uns hypocritas, chamados os Fariseos, a sua hypocrisia, e os seus outros vicios; e além disto o povo soguia

a Jesu Christo, que lhe fazia tanto bem ; estes perversos homens concebêrão-lhe por isso um tal odio, que parecião desesperados, e enganãrão o povo, dizendo-lhe, que Jesu Christo era um malevolo, e por isso fizerão com que morresse do modo cruel, e barbaro, que já vos disse ; o isto não obstante, passados tres dias sahio vivo do seu tumulto, e depois de ter andado quarenta dias neste Mundo, subio ao Ceo em presença de muitas pessoas, e está assentado á mão direita de Deos seu Pai, donde ha de vir a julgar todos os homens no fim do Mundo. Veremos todas estas cousas mais extensamente, quando vos ensinar a historia do Novo Testamento, como vos tenho promettido ; porém é preciso primeiro acabar a do Antigo Testamento, que principiámos.

MARY.

Crescendo a cólera, e inveja de Saul contra David todos os dias, determinou aquelle mandallo matar. Disse-lhe elle com tudo, que lhe daria a sua filha Michol por esposa, com tanto que matasse cem Filistheos, por querer que David achasse finalmente alguem que o matasse ; porém o Senhor o defendeo, e em lugar de cem matou duzentos Filistheos, e foi Saul constrangido a dar-lhe sua filha. Um dia, que David tocava harpa diante de Saul, quiz este traspassal-

lo com um dardo; porém David fugio para sua casa, e o Rei mandou soldados em seu seguimento. Sua mulher Michol lhe deu sahida por uma janella, e pondo uma boneca na sua cama com o barrete de seu marido, disse aos soldados que elle estava doente, tendo assim David, neste intervallo, tempo de se escapar. Fez Jonathas tudo o que pôde para obrigar seu pai a que admittisse David á sua amizade; porém vendo que não podia conseguir nada, aconselhou ao seu amigo que se retirasse, e jurarão ambos na presença do Senhor uma perpetua amizade. Retirando-se David, foi ter com o Supremo Sacerdote Abimelec, e lhe pediu algum mantimento, e armas. Não sabendo o Grão-Sacerdote que David estava indifferente com Saul, lhe deo cinco pães, e a espada de Goliath; porém um Idumeo, criado de Saul, observando isto, o disse a seu Senhor, o qual mandou aos seus soldados, que matassem o Grão-Sacerdote com toda a sua familia, posto que Abimelec lhe mostrasse que estava innocente. Não ousando os soldados pôr a mão no Sacerdote do Senhor, mandou Saul ao Idumeo que o matasse, o que este fez logo; e mandou tambem matar oitenta e cinco sacrificadores, e destruir uma cidade, que pertencia a estes sacrificadores, e matar as mulheres, e filhos dos mesmos.

CARLOTA.

Que perverso homem era Saul! E como o não castigou Deos?

BONNA.

Esperai, menina, Deos soffre muito tempo o peccador, ajunta os seus crimes, até que em fim a sua bondade cança, e vem um instante, no qual faz cahir o raio, que tinha tido muito tempo suspenso sobre a sua cabeça. Continuai, Mary.

MARY.

Perseguiu Saul a David por toda a parte em que julgava podello encontrar; e estando um dia David escondido no fundo de uma caverna com sessenta companheiros, teve Saul precisão de entrar nella. Sabeis muito bem, senhoras, que quando alguém vai da claridade, e entra em um lugar escuro, não vê nada; foi o que aconteceu a Saul, que não viu a David, vendo-o este muito bem; e aconselhando-o os que estavam com elle, que o matasse, David lhes respondeu: Deos me livre de pôr a mão no meu Rei, ou naquelle que Deos tem unguido. Contentou-se pois com lhe cortar um pedaço de seu vestido, e ainda disto se arrependeu depois, temendo que com esta acção tivesse faltado ao respeito devido ao seu Rei. Sahindo Saul da caverna, subiu David ao cimo de um rochedo, e o chamou, dizendo-lhe: Senhor, para que ou-

vis as palavras daquelles que vos dizem mal de mim? assim como pude cortar um pedaço do vosso vestido, tambem vos poderia matar; porém eu vos respeitei, por serdes meu Rei: o Eterno será Juiz entre nós ambos, porque sabe que vós me perseguis injustamente, sendo eu na vossa presença um vil bichinho. Ouvindo Saul estas palavras, disse: Não é esta a voz de meu filho David? e continuou, chorando: Vós sois mais justo do que eu, e conheço, vendo a vossa bondade, que Deos vos escolheo certamente para vos dar a corôa: promettei-me diante de Deos, que não haveis de offender a minha familia, quando subirdes ao throno; e jurando-lhe David de o observar assim, se retirou o Rei. Já Jonathas tinha feito a mesma súppllica a David, e lhe tinha dito: Tende confiança, porque meu pai não vos pode fazer damno, e sabe muito bem que haveis de ser Rei de Israel: da minha parte não terei inveja de vos ver reinar, antes estarei muito satisfeito de ser o primeiro abaixo de vós, o que lhe foi dito por Jonathas, porque amava a David mais que a sua vida.

CARLOTA.

Estou bem satisfeita de ver David já amigo de Saul; e pelo que vejo, me parece que o Rei não cuidou mais em perseguillo, depois de conhecer a sua bondade.

BONNA.

Um máo coração não se abrandá com tanta facilidade, meninas. Ha occasiões, em que elle se enche de pejo da sua maldade; porém esquece-lhe depressa este pejo, e torna a cahir na sua malicia, como vereis que fez Saul.

ESPIRITUOSA.

Jonathas não parece filho deste máo Rei; eu amo-o de todo o coração, e espero que David o estimará muito, quando vier a ser Rei.

BONNA.

Não teve David esse gosto, menina, porque Jonathas foi morto antes que elle reinasse, o que nós veremos em outra occasião. Continuai, Molly.

MOLLY.

Morreo Samuel neste tempo, e foi David para o deserto junto ao Monte Carmelo. Havia neste sitio um homem chamado Nabal, que era muito rico, porém muito feroz, e o qual tinha uma mulher muito bella e prudente, chamada Abigail. Sabendo David que Nabal mandava tosquear o seu gado no Carmelo, lhe mandou alguns dos que o acompanhavão para o cumprimentar, e representar-lhe que em todo o tempo, que estiverão no deserto com os seus pastores, cuidára em que lhe não fizessem violencia na menor cousa, e que por isso lhe rogava,

conforme o costume, lhe mandasse um pequeno presente. Nabal em vez de responder a esta urbanidade, disse áquelles que lhe levárão a proposta : Eu não conheço a David, e o Mundo está cheio destes servos, que deixão seus amos. Sabendo David esta deshumanidade, partio com quatrocentos homens, e jurou que havia de dar a morte a Nabal, e a todos os que lhe pertencião. Sabendo um dos pastores de Nabal esta resolução, foi ter com Abigail, e lhe disse : Estes homens nos teem defendido muito fielmente, e não obstante isto, o nosso amo excitou a sua cólera pela sua ferocidade, e por isso veem elles para o destruir. Levantou-se Abigail promptamente, e preparando um grande presente de cousas proprias para comer, sahio ao encontro a David, e lhe fallou com tanta prudencia, que applicou a sua cólera. Reflectio elle então, que estivera perto de commetter um grande delicto, vingando-se de Nabal, e por isso agradeceo a esta mulher o tello impedido de commetter esta culpa. Tornando Abigail para sua casa, achou seu marido em um grande banquete ; e vendo que estava embriagado, não lhe disse nada do que tinha acontecido, até o outro dia. Ficou Nabal tão atemorizado do perigo, com que fôra ameaçado, que cahio doente, e morreo passados oito dias. Sabida a sua morte por David, dis-

se: Agora vejo que, como reprimi a minha cólera, e o desejo que tinha de me vingar, o Senhor me vingou. Lembrou-se elle ao mesmo tempo de Abigail, e julgou que uma tal mulher, que tivera espirito para aplacar a sua cólera, era um thesouro, e que o impediria de commetter outros erros, e por isso a mandou pedir para casamento, e a desposou, não obstante ter já outras duas mulheres; a saber: Michol, e Abinoham. Esquecendo-se com tudo Saul que David respeitára a sua vida, ajuntou ainda um exercito para o perseguir; e chegando a uma planicie, levantárão as tendas para passar a noite. Ficando Abner de guarda á tenda do Rei com seus soldados, em vez de fazer uma boa vigia, se deixou dormir com os mais; e entrando David com um de seus companheiros dentro da tenda, aquelle que o acompanhava lhe pedio licença para matar Saul; porém David o embaraçou, dizendo-lhe: Aquelle que puzer a mão no unguido do Senhor não será innocente. Contentou-se sómente com levar o cópo, e o dardo de Saul, e depois de estar distante, gritou, e disse a Abner: Certamente sois vós um homem valoroso, e mereceis a morte, por não guardardes bem o Rei. Ouvindo Saul estas palavras, chamou ainda a David outra vez seu filho, e conveio em que era mais honrado do que elle,

e lhe prometteo tambem de o não perseguir mais; porém David conhecendo-o muito bem para se fiar em suas palavras, fugio para outro lugar.

SENSATA.

Este Saul, com as suas promessas que nunca cumpre, me impacienta. Era necessario na verdade, que David fosse muito bom, para se não livrar de uma vez de um homem, que o perseguia tão cruelmente.

BONNA.

Mas adverti que este homem era seu Rei, e seu sogro; e posto que Saul fosse muito máo, não se segue que David tambem o devesse ser. Que seria do mundo, minhas filhas, se cada um julgasse ter authoridade para se vingar? Deixemos esse cuidado á justiça dos homens; e se não podemos recorrer a ella, recorramos á de Deos. Acabava David de experimentar que o Senhor o vingára de Nabal, sem que elle concorresse para isso, e não tinha intento de se expôr segunda vez a commetter outro crime.

ALTIVA.

Mas com tudo David com toda a sua paciencia era bem infeliz, vendo-se a cada instante em perigo de perder a vida, e precisado a viver nos bosques, e a comer as cousas as mais ordinarias,

e isto em tempo, em que era já verdadeiro Rei, porque Samuel o tinha unguido.

BONNA.

Qual quererieis vós, menina, estar no lugar de Saul, ou no de David?

ALTIVA.

Não, senhora Bonna, eu nunca quereria estar no lugar de Saul, porque julgo que ainda era mais infeliz do que David.

BONNA.

Tendes toda a razão, menina; guardemo-nos de lastimar a sorte de quem é virtuoso, como era David, seja ella qual fór. Os accidentes da vida, os incommodos, a mesma pobreza, não constituem o homem infeliz; são cousas essas todas que não passam de serem males do corpo; ora o vosso corpo não é vós mesma, vossa pessoa; é sim um estranho, a envolta da vossa alma, e os males desse corpo só são attendiveis em quanto nelles interessa a alma. Se eu estimo muito o meu vestido, entristecer-me-hei, se lhe vir uma nódoa, ou um buraco; porém se for prudente, logo me consolarei. Soffrendo David todas as incommodidades que Saul lhe occasionava, sabendo que isso não corrompia mais que o seu vestido, e que, se se vingasse, mancharia a sua alma, continha-se; pois a sua alma devia interessallo muito mais que o seu cor-

po, que era só um vestido, sendo a sua alma a que fazia toda a sua essencia.

CARLOTA.

Porém eu vejo, senhora Bonna, que tanto é meu o meu corpo, como a minha alma.

BONNA.

De nenhum modo, menina; porque quando morrerdes, os bichos comerão a vossa carne, e os vossos ossos se reduzirão a pó; e não obstante isto, existireis sempre, porque a vossa alma ha de ficar tal como é. Bem sabeis que ella é immortal.

CARLOTA.

Assim mo teem dito, ainda que eu não o posso perceber.

BONNA.

Virá tempo que o percebais, menina; e quando nós estivermos mais adiantadas, fallaremos destas cousas, que são para vós ainda muito difficéis. Agora só devemos vêr se a historia de Abigail nos suggere alguma boa reflexão.

SENSATA.

Sim, minha Bonna. Eu julgo que David foi bem previsto, casando com esta mulher; não por ella ser bella, e rica, mas por ser tão prudente, que o impedira de commetter um crime, applicando a sua ira, e por esperar que

ella lhe fizesse outro igual serviço em outra occasião.

BONNA.

E' bem feita a vossa reflexão, menina ; pois não ha cousa mais preciosa do que um amigo, que nos ama sinceramente, e nos adverte quando estamos para obrar algum desatino : cumpre preferir este amigo aos dons mais preciosos ; e eis-aqui porque David obrou como homem de juizo, desposando a Abigail.

MARY.

E como tinha elle já duas mulheres, senhora Bonna ? E' por ventura permittido a um homem ter muitas mulheres ?

BONNA.

Era isto permittido n'outro tempo, menina ; porém hoje não o é já entre os Christãos, porque Jesu Christo lho prohibio.

ESPIRITUOSA.

Fólgo muito com isso ; pois se um homem pudesse ter muitas mulheres, nunca me casaria, por não poder então ser senhora de minha casa, e por me parecer sempre que meu marido amaria mais as outras suas mulheres, do que a mim.

BONNA.

Isso quer dizer que tendes disposição para ser

ciosa ; pelo que serieis vós muito infeliz, se tivésseis nascido na China.

MARY.

Pois é certo que os Chinas teem muitas mulheres ?

BONNA.

Sim, menina ; assim como quasi todos os povos da Asia ; e visto que ainda nos falta meio quarto de hora, quero contar-vos como se fazem os matrimonios na China ; advertindo, em primeiro lugar, que nesse paiz as mulheres não andão a pé, e não veem nunca outros homens, além dos seus pais, e de seus maridos.

SENSATA.

Como podem pois casar ? E nem ao menos um fidalgo tem a liberdade de ver uma senhora, quando a quer desposar ?

BONNA.

Não são os que devem casar quem se encarregão de ajustar o casamento, mas sim seus pais. Um homem, que tem um filho, vai buscar outro, que tem uma filha ; informa-se das qualidades desta ; e se julga que ella é conveniente a seu filho, a pede. Depois que o pai dá moça a tem promettido, lhe vai dizer que a tem justo para casar, e então enfeitando-a com os seus mais ricos vestidos, fechão-na em uma cadeirinha, e levão-na a casa do seu marido, que es-

pera com muita impaciencia o instante em que ha de vêr sua mulher. Algumas vezes fica elle contente com a sua sorte, e outras não sendo a mulher do seu gosto, nem por isso vos capaciteis que lhe mostra máo modo, pois sempre conserva muito respeito áquella mulher que seu pai lhe escolheo. Vive com ella por espaço de oito dias, e uo fim destes lhe pede licença para escolher outra mulher, daquellas que lhe forão dadas para a servir. Nunca a mulher lhe nega esta permissão; mas esta segunda mulher, que o marido escolhe, fica sempre sua criada; e a outra, que o pai elego, fica sempre senhora da casa, de sorte que os filhos da criada lhe chamão mãi, e lhe estão sujeitos.

ALTIVA.

Ao menos essa circumstancia deve consolalla, ficando sempre sendo a senhora da casa. E se a criada fosse desobediente, podella-hia castigar?

BONNA.

Sem dúvida, menina; porém isso nunca acon-tece, porque a criada sabe que deve respeitar a sua senhora, e fazer por adquirir o seu agrado para si, e seus filhos. A senhora, para comprazer com seu marido, e para se fazer amar, trata bem uma mulher que o marido estima, e toda esta gente vive ordinariamente na maior concordia.

SENSATA.

Visto isso é essa gente mais racionavel que os outros povos! Eu li na vida de Dionysio, tyranno de Syracusa, que recebêra duas mulheres no mesmo dia, e que sempre tivera o segredo de as fazer viver em paz; e ouvi dizer, que isto provava que Dionysio era homem muito dês-tro, por não haver cousa mais difficil do que conservar a boa união entre duas mulheres que vivem na mesma casa, e que devem dividir entre si a authoridade.

BONNA.

Quem disse isso mostrava ter bom discurso, pois essas duas mulheres de Dionysio, tendo cada uma filhos, era natural que buscassem todos os meios para que elles reinassem; porém na China é isto menos difficil, porque se a senhora tem filhos, sempre elles são superiores aos da criada. Além disso, meninas, a educação faz tudo; pois vendo as mulheres desde pequenas que este é o costume do paiz, a elle se sujeição, e não lhes pode isto parecer extraordinario.

MOLLY.

Porém eu acho que estas pobres mulheres hão de viver tristes, por nunca sahirem?

BONNA.

Eu disse-vos que ellas nunca sahem a pé; porém é porque as levão em cadeirinhas fecha-

das, a casa d'outras senhoras em occasião de visita, sendo uma cousa vergonhosa, para qualquer mulher, o apparecer em público; o que só se permite ás pobres, e áquellas de baixa condição. Além disto, ainda que as mulheres na China quizessem andar a pé, não o poderião fazer até grande distancia, por causa de seus pés.

MARY.

Pois quê, teem ellas os pés de outra sorte do que os nossos?

BONNA.

Quando nascem teem os pés como os nossos, porém cuidão logo em lhes dobrar os dedos para dentro, e ligar-lhos, de sorte, que, quando são grandes, parecem ter os dedos dos pés pegados á planta, assim como quando temos a mão fechada. Ignora-se quem principiou a fazer isto ás meninas; mas segundo as apparencias, quizerão assim ensinar ás senhoras, que não devem sahir á rua, e que o seu verdadeiro lugar é a sua casa, onde devem estar sempre, para terem cuidado de seus filhos, e no seu bom governo. Adeos, meninas, já passámos as horas.

DIALOGO XXVI.**VIGESIMO QUARTO DIA.**

MARY.

HA muito tempo, minha Bonna, que nos não contastes um conto, e por isso o esperamos hoje.

BONNA.

E tambem eu tinha o mesmo pensamento, meninas.

Houve n'outro tempo um fidalgo, que teve duas filhas gêmeas, ás quaes derão dous nomes, que lhes convinhão muito bem. A mais velha, que era muito formosa, foi chamada Beltha; e a segunda, que era muito fêa, chamou-se Ledronetta. Derão-lhes mestres para as ensinar, e até á idade de doze annos se applicarão ellas a seus exercicios; porém neste tempo fez sua mãe uma loucura, porque, sem considerar que ainda lhes faltavão muitas cousas que aprender, as levou consigo ás assembléas. Como estas duas moças gostavão de se divertir, ficarão muito contentes de se communicarem com outras pessoas, e dahi em diante já se não lembravão senão disto, ainda mesmo no tempo da sua lição, de sorte que começarão a aborrecer os mestres. Achá-

rão ellas mil pretextos para se não applicarem; umas vezes dizião, que era necessario celebrar o dia do seu nascimento; outras, que estavam convidadas para um baile, ou uma assembléa, e havião de gastar o dia em se prepararem; e assim ião passando o tempo, escrevendo muitas vezes aos mestres, para que não viessem. D'outra parte os mestres, vendo que as duas meninas já se não applicavão, tambem se não cançavão em dar-lhes lição, (porque nesse paiz os mestres não davão lição sómente para ganhar dinheiro, mas tambem para terem o gosto de verem adiantadas as suas discipulas), e por isso deixavão muitas vezes de ir procurallas, ficando com isso as moçinhas bem satisfeitas. Passarão ellas assim até á idade de quinze annos, e neste tempo estava Beltha tão formosa, que era a admiração de todos que a vião. Quando a mãe levava suas filhas em sua companhia, todos os cavalheiros fazião o seu cortejo a Beltha; um louvava a sua bôca, outro os seus olhos, as suas mãos, e a sua presença; e quando lhe davão todos estes louvores, a nenhum vinha ao pensamento que sua irmã fosse nascida. Ledronetta morria de desgosto de ser fêa, e depressa tomou um grande aborrecimento ao mundo, e ás assembléas, em que via que todas as honras, e preferencias erão para sua irmã. Começou pois

a não querer sahir de casa; e uma occasião, em que tinham sido convidadas para uma funcção, que havia de acabar por um baile, disse a sua mãe que lhe doía a cabeça, e que queria ficar em casa. Ficou pois em casa; e ao principio achou-se tão aborrecida, que, para entreter o tempo, foi á livraria de sua mãe, a buscar um romance; mas achou-a fechada, porque sua irmã tinha levado a chave comsigo. Tinha porém seu pai tambem outra livraria; mas como não constasse senão de livros serios, não lhe agradavão. Neste extremo, vio-se todavia obrigada a pegar em um livro, que constava de uma recopilação de cartas; e abrindo-o, achou logo esta que se segue:

» Perguntais-me donde nasce serem a maior parte das pessoas bem parecidas extremamente loucas, e estupidas? Parece-me poder-vos dizer a razão, e não é ella porque estas tenham menos viveza do que as outras, quando nascem, mas sim porque a não cultivão. Todas as mulheres teem vaidade, e por isso querem agradar; e como uma fêa conhece que não pode ser amada por causa do seu rosto, vê-se obrigada a distinguir-se pela sua viveza: estuda pois muito, e chega a ser amavel a pesar da natureza. A formosa pelo contrario não necessita senão mostrar-se para agradar, e a sua vaidade se q.

cha satisfeita ; e como ella nunca raciocina, não julga quẽ a sua belleza não ha de ter mais que um tempo ; além disto está tão preocupada com os seus enfeites, com o cuidado de andar de assembléa em assembléa, para se mostrar, e para receber louvores, que não tem tempo para cultivar o seu entendimento, ainda que conheça essa necessidade : fica pois sempre uma nescia, toda entregue a puerilidades, e ridicularias, e a espectaculos, sem se lembrar que isto dura, quando muito, até aos trinta ou quarenta annos, se as bexigas, ou outra qualquer enfermidade não desfigurão antes a sua belleza. Todos sabem que, passando da mocidade, já não está uma pessoa apta para aprender, e por isso esta formosa moça, que já não está nesta idade, fica toda a sua vida uma nescia, ainda que a natureza lhe tenha dado tanta habilidade, como á outra ; ao mesmo tempo que a fêa, tendo-se feito amavel, zomba das doenças, e da velhice, que lhe não podem tirar nada. »

Acabando Ledronetta de ler esta carta, que parecia ter sido escrita a seu respeito, determinou aproveitar-se das verdades que nella tinha descoberto. Torna a pedir mestres, applica-se á lição, faz reflexões sérias sobre o que lê, e em pouco tempo se vê uma moça de merecimento. Quando se via obrigada a acompanhar sua mãe

aos adjuntos, punha-se sempre ao pé das pessoas em quem percebia juizo, e discurso: fazia-lhes varias perguntas, e conservava todas as cousas que lhes ouvia dizer. Tomou tambem o habito de as escrever, para melhor se lembrar dellas; e aos dezeseite annos fallava, e escrevia tão bem, que todas as pessoas de merecimento tinham gosto de a conhecer, e de conservar com ella um commercio de letras. Casárão-se as duas irmãs em um mesmo dia. Beltha desposou um Principe moço, que era agradavel, e não tinha senão vinte e dous annos. Ledronetta casou com um Ministro deste Principe, o qual era homem de quarenta e cinco annos. Tinha elle profundo o genio desta moça; e ainda que o rosto da que tomára por mulher não era proprio para lhe inspirar amor, sempre a estimou muito, e confessou a Ledronetta, que lhe não tinha mais do que amizade. Era isto só o que ella queria, sem ter inveja de sua irmã, que estava casada com um Principe, o qual a amava muito, não podia deixalla um só instante, e sonhava com ella toda a noite. Foi Beltha muito ditosa pelo espaço de tres mezes; porém no fim delles, tendo-a seu marido observado á sua vontade, foi-se afazendo á sua belleza, e julgou que não devia renunciar a tudo o mais por causa de sua mulher. Ia elle pois á caça, e assistia a outros di-

vertimentos, em que ella se não achava ; o que lhe pareceo muito extraordinario, por se ter persuadido que seu marido a amaria sempre do mesmo modo ; e por isso se julgou a mais infeliz pessoa do mundo, quando vio que o seu amor ia diminuindo.

Queixou-se-lhe ella disto ; e offendendo-se o Principe desta satisfação, vierão outra vez a pôr-se bem ; porém, como estas queixas se repetião todos os dias, impacientou-se este por fim de a ouvir. Não foi só esta a causa do seu desgosto, pois tendo Beltha um filho, ficou tão decahida, e perdeu de tal sorte a sua belleza, que seu marido perdeu inteiramente o agrado que lhe tinha. A mágoa, que ella concebeo por isto, acabou de afear seu rosto ; e como era uma ignorante, e a sua conversação fosse muito desgostosa, ninguem a podia supportar. A gente moça se enfadava com ella, por ser triste : as pessoas mais provecas, e que tinham bom discurso, se desgostavão tambem della, por ser uma nescia ; e deste modo vinha a ficar só todo o dia. O que augmentava mais a sua desesperação, era ver que sua irmã Ledronetta fosse muito mais feliz do que ella ; pois seu marido a consultava em seus negocios, confiava-lhe os seus segredos, guiando-se por seus conselhos, e dizia em toda a parte, que sua mulher era o melhor

amigo que elle tinha. O mesmo Principe, que era um homem de juizo, se agradava da conversação de sua cunhada, e dizia, que não podia passar meia hora na presença de Beltha, porque não sabia fallar senão de penteados, e enfeites, de que elle não entendia nada. Criou por isto um tal desgosto de sua mulher, que a mandou para o campo, onde ella teve tempo de se apaixonar muito á sua vontade; e morreria de pena, se sua irmã Ledronetta não tivesse a caridade de a ir visitar o mais frequentemente que podia. Pertendendo esta um dia consolalla, Beltha lhe disse: Porém, minha irmã, donde nasce a differença que ha entre nós? Eu bem sei que não posso deixar de vêr que tendes muita viveza, e que eu não sou senão uma nescia; mas lembra-me que, quando eramos pequeninas, dizião que eu tinha ao menos tanta habilidade como vós. Contou então Ledronetta a sua irmã o que lhe tinha acontecido, e lhe disse: Vós offendeis-vos de vosso marido, porque elle vos mandou para o campo; porém esta acção, que reputais como a maior infelicidade da vossa vida, vos pode servir de felicidade, se quizerdes. Ainda não tendes dezenove annos; e posto que seja já tarde para vos applicardes, estando na distracção da cidade; na solidão, em que viveis, tendes tempo bastante para cultivar o vosso es-

pirito. Este não vos falta, minha irmã; mas é necessario ornallo pela lição, e pela meditação. Encontrou Beltha ao principio grande difficuldade em seguir os conselhos de sua irmã, pelo habito, que tinha contrahido, de consumir o tempo em ninharias; mas tendo feito resolução de se reprimir, o conseguiu, e fez progressos admiraveis em todas as sciencias, ao passo que a razão a dirigia; e como a Filosofia a consolava nas suas infelicidades, recuperou a sua formosura, e ficou mais bella do que até ahí tinha sido; sem que, com tudo, isto lhe causasse algum cuidado, nem ao menos cubicasse ver-se ao espelho. E ainda que isto assim fosse, como seu marido tomasse um grande desgosto a seu respeito, fez annular o seu matrimonio. Com esta ultima infelicidade, cuidou ella acabar a vida, por amar ternamente seu marido; porém sua irmã Ledronetta conseguiu consolalla. Não vos afflijais (lhe dizia ella), eu tenho um meio para vos pôr bem com vosso marido; tomái os meus conselhos, e não vos embarceis com mais. Como o Principe tinha um filho de Beltha, e este havia de ser o seu herdeiro, não se apressou muito a tomar outra mulher, e só cuidou em se divertir a seu gosto. Gostava elle extremamente da conversação de Ledronetta, e algumas vezes lhe disse, que nunca mais casaria,

só se achasse uma mulher que tivesse tanta viveza como ella. E se for tão fêa como eu? (lhe disse Ledronetta, rindo). Confesso-vos, senhora (lhe respondeo o Principe), que isso não me desanimaria, pois com o tempo se habitua qualquer a uma cara fêa. A vossa já me não parece mal, pelo habito que tenho de vos ver; e quando fallais, não tendes necessidade de outra cousa, para que eu vos ache linda; e para vos dizer o que sinto, Beltha me fez perder o gosto que tinha das formosas; porque todas as vezes que encontro uma estúpida, não me atrevo a fallar-lhe, receando que me responda alguma loucura. Isto supposto, chegou o tempo do carnaval, e julgou o Principe que se havia de divertir muito, se pudesse assistir aos bailes, sem que ninguem o conhecesse. Não confiou porém este segredo senão a Ledronetta, e convidou-a para se mascarar com elle; pois que, sendo sua cunhada, ninguem podia ter que dizer-lhe; e ainda que isto se soubesse, não prejudicaria a sua reputação. Pedio com tudo Ledronetta permissão a seu marido, o qual lha concedeo com muito gosto, por ser elle o que tinha influido o Principe com esta idéa, para ver se assim podia conseguir o intento, que formára, de o reconciliar com Beltha. Escreveo sobre este ponto a esta Princeza desprezada, de união com sua

mulher, dando a conhecer tambem a sua irmã, como o Principe havia de ir vestido. No meio do baile veio Beltha assentar-se entre seu marido e sua irmã, e começou com elles uma conversação extremamente agradavel. Figurou-se-lhe ao princípio ao Principe ouvir a voz de sua mulher; mas perdeu a suspeita, que tivera, ouvindo-a fallar sómente meio quarto de hora. Passou o resto da noite tão depressa, segundo o que lhe pareceo, que esfregou os olhos quando amanheceo, parecendo-lhe ser sonho; e ficou agradado da viveza da mascara, que nunca pôde obrigar a descobrir-se; alcançando só della, por grande favor, que tornaria ao primeiro baile, que houvesse, com o mesmo vestido. Foi o Principe dos primeiros que nelle se achou; e ainda que a mascara só tardasse um quarto de hora depois delle chegar, sempre a criminou de preguiçosa, e lhe protestou a sua impaciencia. Ficou desta segunda vez ainda mais agradado da mascara, do que da primeira; e confessou a Ledronetta que estava namorado desta pessoa como um louco. Confesso que tem bastante viveza (lhe respondeo a sua confidente), mas se quereis que vos diga o que sinto, parece-me que é ainda mais fêa do que eu; pois julgo que suspeita que a amais, e receia perder a vossa affeição, se lhe virdes o rosto. Ah senhora (dis-

se o Principe), quem me déra que ella pudes-
se ler na minha alma! O amor, que me ins-
pirou, é independente das suas feições: eu só
admiro nella a sua instrucção, a vastidão dos
seus conhecimentos, a superioridade do seu es-
pirito, e a bondade do seu coração. Como po-
deis vós julgar da bondade do seu coração? (lhe
disse Ledronetta) Eu vo-lo digo (respondeo o
Principe): Olhai, quando eu lhe fazia observar
as mulheres formosas, que havia no baile, lou-
vava-as ella sem violencia, e ainda me fazia no-
tar com industria a gentileza que ellas tinham,
e que eu não podia perceber. Quando eu que-
ria, para a experimentar, contar-lhe as injurio-
sas historias, que se dizião do procedimento des-
sas mulheres, mudava ella destramente de con-
versação, ou me interrompia, contando-me al-
guma boa acção daquellas pessoas; e se eu que-
ria em fim continuar, fechava-me a bôca, di-
zendo-me, que não podia tolerar a maledicen-
cia. Bem vêdes, senhora, que uma mulher, que
não é ciosa daquellas que são formosas, uma
mulher que faz gosto de dizer bem do proxi-
mo, uma mulher que não quer consentir na ma-
ledicencia, deve ter um excellente character, e
não pôde deixar de ser dotada de um bom co-
ração. Que me faltará para ser feliz com uma
tal mulher, ainda que ella seja tão fea como vós

Julgais? Estou pois resoluto a declarar-lhe o meu nome, e offerecer-lhe a metade do meu poder. No baile seguinte, com effeito, descobrio o Principe a sua qualidade á mascara, e lhe disse que não tinha maior felicidade que esperar, do que conseguir a sua mão; não obstante pôrém esta offerta, persistio Beltha em ficar mascarada, assim como o tinha ajustado com sua irmã. Eis-aqui o pobre Principe em uma inquietação insupportavel. Julgava já, como Ledronetta, que esta pessoa tão espirituosa seria algum monstro, por ter tanta repugnancia em descobrir-se; mas ainda que elle a figurasse do modo o mais desagradavel, não diminuia isto a inclinação, o amor, e o respeito, que tinha criado ao seu espirito, e á sua virtude. Estava em termos de adoccer com pena, quando a mascara lhe disse: E' certo, meu Principe, que vos amo, e não buscarei meios, com que vo-lo encubra; mas tanto maior é o meu amor, tanto mais temo que me desprezeis, quando me conhecerdes. Imaginareis vós talvez que eu tenho formosos olhos, bôca pequena, bellos dentes, e uma côr de rosto como a de lirios, e de rosas; e se em lugar disto me achasseis os olhos vesgos, e uma grande bôca, nariz chato, e os dentes negros, talvez me pedissem logo que tornasse a pôr a minha mascara. Além disto, ain-

da que eu não fosse tão horrível, sei que sois um inconstante, pois tendo amado a Beltha a enlouquecer, hoje a tendes em summo desprezo. Esperai, senhora, (lhe diz o Principe) ouvi-me, e então julgareis. Era ainda moço, quando desposei a Beltha, e confesso-vos que nesse tempo só me tinha occupado em vèlla, e não em ouvilla; porém depois que fui seu marido, e que a continuação de vèlla dissipou a minha illusão, considerai se a minha vida poderia ser agradável! Se me achava só com minha esposa, não me fallava senão de um vestido novo, com que havia de sahir ao outro dia, de uns çapatos, de uns diamantes. Se assistia á minha meza uma pessoa de juizo, e queriamos fallar sobre alguma cousa mais elevada, principiava Beltha a bocejar, e depois entrava a dormir. Quiz eu ver se a obrigava a instruir-se, porém isto não fazia mais que impacientalla; e ficou sempre tão ignorante, que me fazia tremer, e envergonhar todas as vezes que abria a bôca. Tinha tambem além disto todos os defeitos das nescias; pois todas as vezes que se lhe introduzia alguma cousa na cabeça, não era possivel capacitalla do contrario, por mais razões que lhe dessem, porque não as percebia, e era ciosa, maledica, e desconfiada. Se ainda me fosse permitido divertir-me de outro modo, por tudo lhe

passaria; porém não era este o seu intento, queria que o imprudente amor, que me tinha iaspirado, durasse sempre, e me fizesse seu escravo; e bem vêdes que isto me havia de levar a fazer annullar o meu matrimonio. Confesso que ereis digno de compaixão (lhe respondeo a mascara), porém tudo o que tendes dito não me dá segurança nenhuma; e ainda que dizeis que me amais, é necessario ver se haveis de ter animo de me desposar á vista de todos os vossos vassallos sem me verdes primeiro. Sou o mais feliz de todos os homens, se me não pedis outra cousa (respondeo o Principe): vinde para o meu palacio com Ledronetta, e amanhã pela manhã eu mandarei ajuntar o meu Conselho, para vos desposar á sua vista. Pareceo o resto da noite ao Principe bem extenso, e tendo-se desmascarado antes de sahir do baile, ordenou a todos os Fidalgos da côrte, que se achassem no seu palacio, e mandou fazer o mesmo aviso a todos os Ministros. Contou em sua presença o que lhe acontecêra com a mascara; e depois de acabar o seu discurso, jurou que não havia de tomar nunca outra esposa, senão aquella, qualquer que pudesse ser a sua figura. Não houve ninguem que não julgasse, assim como o Principe, que aquella que elle desposava daquelle modo, não fosse bem fêa; mas qual não foi a

admiração de todos os assistentes, quando Beltha, tirando a mascara, lhes deixou ver a mais perfeita pessoa que se podia imaginar! O que foi ainda mais singular, é, que nem o Principe, nem os outros a conhecêrão logo, pois tanto a tinham aformoseado o descanço, e a solidão; e sómente dizião em segredo, que a outra Princeza se lhe assimilava pelo feio. Surprehendido o Principe por ter sido enganado tão agradavelmente, não podia fallar; porém Ledronetta rompeo o silencio, felicitando a sua irmã pelo seu restabelecimento, e pela ternura de seu esposo. Que vejo! (exclamou o Rei) é Beltha esta agradável, e espirituosa pessoa? Por que arte unio ella aos attractivos da sua figura os do espirito, que lhe faltavão absolutamente? Que boa fada fez este milagre em seu favor? Não ha nisto milagre (respondeo Beltha): eu tinha desprezado a cultura dos dons da natureza; e as minhas infelicidades, a solidão, e os conselhos de minha irmã me abrirão os olhos, e me obrigárão a adquirir novas graças á prova do tempo, e das enfermidades. E estas graças me inspirárão um ardor á prova da inconstancia (lhe disse o Principe, abraçando-a), e com effeito, amou-a na realidade toda a sua vida, com uma fidelidade, que lhe fez esquecer as suas infelicidades passadas,

ESPIRITUOSA.

Seguro-vos, minha Bonna, que este conto é o mais lindo de todos os que nos tendes contado, e supponho que o fizestes de proposito para nós.

BONNA.

Bem póde ser; porém ainda que seja, ou não, feito para vós, o que importa, meninas, é aproveitar-vos delle. O meu conto tem sido muito dilatado, e temo que nos falte o tempo para fallar da Geographia, e por isso comece-mos a nossa Historia. Dizei, Mary.

MARY.

Temendo David cahir nas mãos de Saul, retirou-se para casa de um dos Reis dos Filistheos, o qual lhe deo uma cidade, em que assistisse com a gente que levava. Passados alguns annos, declararão os Filistheos guerra a Saul, da qual teve elle grande medo, e por isso consultou o Senhor; e como este lhe não quizesse responder, disse aos seus vassallos: Buscai-me alguem que adivinhe por meio do espirito maligno; e ainda que isto fosse muito difficil, por ter elle mesmo proferido sentença de morte contra similhantes pessoas, os seus criados lhe descobrirão uma mulher. Foi elle disfarçado com dous de seus domesticos ter com

ella, e lhe disse que lhe pedia fizesse apparecer uma pessoa morta, que elle tinha necessidade de ver. Para que me tentais vós? (lhe disse a mulher) Não sabeis que o Rei prohibio que fizesse alguém o que me mandais? Eu juro pelo Senhor, que vos não ha de acontecer mal algum (lhe disse elle). Fez então esta mulher as suas execrações, e de improviso deo um grande grito, e disse: Tendes-me enganado, pois sois o proprio Rei. Socegou-a Saul, e lhe perguntou o que via? Vejo um velho (lhe disse ella); e pelo retrato, que d'elle fez, conheceo Saul que era Samuel, e lhe perguntou qual devia ser o successo da batalha? Para que vens perturbar o meu repouso? (lhe disse Samuel) O que te predisse ha de acontecer; e porque desobedecestes ao Senhor, te ha de elle tirar o teu Reino, e amanhã tu, e teus filhos me fareis companhia. Saul, assustado, não se movia daquelle mesmo lugar, em que tinha visto a sombra de Samuel; porém a rogos daquella mulher comeo alguma cousa. No dia seguinte deo batalha aos Filistheos; e vendo que erão mais fortes do que elle, se atravessou com a sua espada, e ficárão tambem mortos seus filhos. Achando os Filistheos o seu corpo, o dependurárão; porém os habitadores de Jabes se ajuntárão, e levando-o, lhe derão sepultura.

CARLOTA.

Eu, minha Bonna, sempre tive muito medo dos mortos, e ainda agora o tenho maior. A minha aia me dizia muitas vezes, que elles tornavão ao Mundo, e não sei quantas historias me contou a este respeito.

BONNA.

Isso é porque a vossa aia era uma nescia, minha amiga. E' certo que, se Deos quizesse, poderia fazer com que os mortos tornassem, como acoutecco a respeito de Samuel, ou ao menos alguma fantasma, que se lhes assimilhasse; porém é tambem certo, que Deos não faz milagres sem justas causas, e que todas as historias, que se contão a este respeito, são fãbulas; sobre esta materia poderia citar muitos exemplos, porém contento-me com referir dous.

Houve um Fidalgo, que foi enviado pelo Rei á Alemanha, por causa de negocios de consequencia. Tornava elle pela pósta com quatro criados, quando a noite o apanhou em uma pequena povoação, em que não havia sequer uma estalagem. Perguntou a um rustico, se havia algum meio para se accommodar naquella aldeia, o qual lhe respondeo: Este povo está desamparado, e ha sómente aqui um rendeiro, cuja pequena casa está fóra da povoação, na qual elle não ousa entrar senão de dia, porque

de noite se enche de espiritos, que maltratão a gente. O Fidalgo, que não era medroso, disse ao rustico: Eu não tenho medo dos espiritos, porque sou peor do que elles; e para o provar, quero que os meus criados fiquem nesta aldeia, e eu irei dormir nessa casa só. Não era com tudo o seu intento deitar-se, pois, tendo toda a sua vida ouvido fallar dos espiritos que tornão, tinha grande desejo de os ver. Por esta causa mandou accender um bom fogo, tomou um cachimbo, e tabaco, com duas garrafas de vinho, e pôz sobre uma meza quatro pistolas carregadas. Perto da meia noite ouve um grande estrondo de cadeias; e vio um homem muito mais alto do que o ordinario, o qual lhe dava sinal para que o acompanhasse. Pôz o nosso Fidalgo duas pistolas á cinta, metteo outra na algibeira, e tomou a ultima na mão direita, tendo a luz na esquerda; e com este apparatus acompanhou a fantasma, que desceo a escada, atravessou o páteo, e entrou em um corredor; porém, quando chegou ao fim d'elle, faltou-lhe de repente a terra debaixo dos pés, e cahio em uma cova. Então conheceo elle a loucura que tinha feito, porque vio pelo meio de um tabique mal unido, que o separava de uma adega, que tinha cahido em poder não de espiritos, mas de uma duzia de homens que es-

tavão em consulta para saber se o devião matar. Entendeo, pelo que dizião, que erão homeus que fazião moeda falsa ; e como elle se via prezo como um rato na ratoeira, levantou a voz, e pedio áquelles senhores licença para fallar. Concedêrão-lha, e então lhes disse : Senhores, a minha vinda a este sitio vos prova que sou um louco ; mas não deveis deixar de considerar-me um homem de honra, porque não ignorais que quasi sempre um vil é pusillanime. Eu vos prometto guardar segredo deste successo, e vo-lo prometto debaixo da minha palavra. Não commettais um delicto, matando um homem que nunca teve tenção de vos fazer mal ; e além disto considerai as consequencias da minha morte. Eu trago comigo cartas de ponderação, que devo entregar ao Rei em mão propria ; tenho quatro domesticos nesta aldeia, e crêde que hão de fazer tantas diligencias para saber o que me tiver acontecido, que por fim hão de descobrillo. Depois que estes homens o ouvirão, resolvêrão que devião confiar-se na sua palavra, e lhe fizeram jurar aos Santos Evangelhos que contaria cousas horrorosas daquella casa. Ao outro dia, com effeito, disse elle que tinha visto cousas capazes de fazerem morrer um homem de medo : e segundo vêdes, não mentia. Eis-aqui pois uma historia de espiritos que

tornão, bem estabelecida; e ninguem ousaria duvidar della, depois que um homem como aquelle a affirmava. Durou isto o espaço de doze annos; e passado este tempo, estando o Fidalgo em um seu casal, para se divertir com alguns de seus amigos, lhe disserão que um homem, que conduzia dous cavallos, o esperava á porta para lhe fallar, mas que não queria entrar. Tiverão os da companhia a curiosidade de saber em que pararia este caso; porém assim que o fidalgo appareceo acompanhado de seus amigos, aquelle que estava á porta, lhe gritou: Não é necessario que passeis dahi, senhor, pois eu só tenho uma palavra que dizer-vos, e é: Que aquelles, a quem vós promettestes guardar segredo ha doze annos, vos agradecem de o terdes guardado tão bem. Agora podeis já descorbrillo, pois elles teem ganho com que passar a vida, e já estão fóra do Reino; porém, antes que me dessem licença para os seguir, me encarregarão de vos offerecer da sua parte estes dous cavallos, e aqui vo-los deixo. Assim que o homem acabou de dizer estas palavras, tendo já prezo os dous cavallos a uma arvore, fez partir o seu, como um raio, e bem depressa o perdêrão de vista. Então o heroe da historia contou a um amigo o que lhe acontecêra, e concluirão ambos que se não devia crêr em histo-

rias de espiritos ainda que pareção as mais certas; porque, se as examinarem com attenção, achar-se-ha que a malicia, ou a fraqueza dos homens tem dado causa a estes contos.

ESPIRITUOSA.

Eu teria jurado que erão diabos, ou espiritos, os que estavam naquella casa.

BONNA.

Se se fizer reflexão, meninas, não se dará credito a essas historias. Acreditais vós seriamente que Deos, sendo a summa sabedoria, e bondade, queira fazer milagres sómente para atormentar os homens? Julgais que elle permite a uma alma que torne ao Mundo, para fazer astucias; como descobrir uma pessoa que dorme, tirar-lhe o somno, e outras tantas ridicularias que são dignas de riso? Eu quero provar-vos, pelo que a mim mesma me tem acontecido, o caminho, que se deve tomar em taes occasiões; pois creio que a fortuna me tinha buscado de proposito a mais nescia de todas as criadas. Na idade de seis annos já eu sabia mais de quinhentas historias de espiritos, as quaes eu cria como no Evangelho, e tinha-me feito isto tão medrosa, que temia a minha propria sombra: porém, depois que comecei a ter discurso, tomei a resolução de me curar deste achaque, e por isso me costumei a andar só de

noite, trazendo ao principio uma luz, e *passa-*
do algum tempo, sem ella. *Fazia comigo mes-*
ma este discurso: Eu não estou só, pois *Deo:*
está neste mesmo quarto, aonde eu quero ir, e
elle me defenderá. Depois desta reflexão, entra-
va sem receio, assentava-me, e não deixava a-
quelle lugar, sem que estivesse totalmente so-
cegada; e depois ria-me de mim mesma. Se via
alguma cousa em lugar escuro, chegava-me a
ella para a apalpar, e então acontecia ser um
panno branco, ou uma cadeira, que de longe me
parecia uma cousa terrivel, porque o medo au-
gmenta os objectos. Pouco a pouco fui perden-
do este susto, e um successo, que me aconte-
ceo, acabou de fazer-me inteiramente afouta.
Tive que fazer alguns mezes em uma certa vil-
la, e chegando a ella, mandei chamar um mar-
ceneiro, para me guarnecer de móveis um quar-
to, que eu queria alugar. Veio este, e disse-
me que tinha uma pequena casa já preparada,
e que ma arrendaria por meia moeda cada mez.
Havia só dous annos que esta casa se tinha re-
edificado, por ter sido queimada, morando nella,
nessa occasião, uma mulher velha, que, tendo-
se exposto ao fogo para salvar o seu dinheiro,
alli morrerá. Tiverão os visinhos muito cuidado
em me relatar esta historia, e me disserão que
a velha vinha todas as noites contar o seu di-

nheiro. Dei eu uma risada, quando ouvi isto; porém elles accrescentarão que eu receberia o premio da minha ousadia, porque esta casa, tendo sido alugada varias vezes, ninguem pudéra morar nella mais que tres dias. Estou com isto muito *satisfita* (respondi eu), pois sempre tive desejo de ver, ou ouvir alguma cousa extraordinaria, e talvez que eu consiga este gosto, ainda que os espiritos temem aquelles que os não recôão; e por isso tenho medo que a boa mulher não torne outra vez. Assim que entrei nesta casa, examinei-a de um a outro canto; porque ainda que eu não tenha medo dos mortos, sempre temi os vivos; e parecia-me que algum inimigo do marceneiro poderia talvez divertir-se em atemorizar os moradores daquella casa, querendo impedir com isto que lha alugassem. Não descobrindo nada, passei o dia com muito socego, e só perto das onze horas da noite, estando ao pé do lume com meu marido, ouvi um estrondo surdo, que não pude bem distinguir donde nascia, porque a cada instante mudava de sitio, ainda que as mais das vezes parecia vir do meio da camara. Não me sobresaltou este ruido, e disse, rindo-me: Se eu não tivesse examinado as lojas, julgaria que nellas se fazia moeda falsa, por se assimilhar este estrondo ao da máquina de cuahar moeda. Tan-

to que amanheceo, não ouvi mais nada; mas começando o estrondo nas noites seguintes, no fim de duas semanas notei que era muito mais forte na sexta feira, dia em que a casa fôra queimada. Passei a noite da segunda sexta feira sem me deitar, e perto das quatro horas da manhã pareceo-me que ouvia fallar, e que a bulha vinha debaixo da terra. Esperei com impaciencia que amanhecesse, e pedindo a meu marido que ficasse no mesmo lugar, sahi eu, e indo á casa que me ficava visinha, vi que era uma estalagem, e percebi que a cavalbarice da mesma ficava detrás da nossa sala, onde se ouvia este ruido. Bem sabeis, senhoras, que os cavallos batem com os pés de tempo em tempo, e como de dia ha mais bulha do que de noite, por isso se não ouvia então o estrondo; porém com o silencio da noite nenhuma das pancadas, que os cavallos davão, deixava de sentir-se. Tomei então um páo, e dando tres pancadas no chão com toda a minha força, voltei para casa, e meu marido me disse, que depois que eu sahira tinha ouvido tres pancadas. Ora, as sextas feiras erão dias de mercado; e como muita gente do campo vinha ao mercado, e dormia na cidade, mettia as suas bestas nesta cavalbarice, e por isso nestas noites se ouvia maior estrondo. Não tardei muito que não contasse esta

historia ; e vindo muitas pessoas ouvir o estrondo, ficarão desenganadas ; pois desde o instante em que se soube donde procedia, não pareceo senão o que era na realidade, distinguindo-se muito bem que era estrondo de bestas sobre a calçada. Aquelles, que tinham padecido medo, e clamado contra esta casa, ficarão bem envergonhados, e eu não assisti nella mais que um mez, porque acudio gente de toda a parte para a alugar ; e o dono estava tão satisfeito do meu animo, que tive muita difficuldade em fazer-lhe acceitar o aluguer.

SENSATA.

Visto isso, senhora Bonna, se vós não tivesseis ido assistir para essa casa, ter-se-hia por certo que a velha vinha fazer todo esse motim ?

BONNA.

Sem dúvida : e principalmente entre pessoas que não discorressem ; ao mesmo tempo que era extravagante julgar, que Deos permittia a esta velha que tornasse ao Mundo, sómente para contar o seu dinheiro. Continuai, Molly.

MOLLY.

Dous dias depois da batalha veio um Amelecita ter com David, e lhe annunciou a morte de Saul, e de Jonathas, o qual querendo provar-lhe a verdade que dizia, accrescentou : Achei

Saul ainda meio vivo da ferida, que a si mesmo tinha feito, e pedindo-me que o acabasse de matar, lhe obedeci, e aqui vos trago a sua corôa. Ouvindo isto David, rasgou os seus vestidos, e disse a este homem: Como tivestes a-trevimento de pôr a mão no ungido do Senhor? Certamente has de morrer. Depois disto chorou David por Saul, e por seu amigo Jonathas, e abençoou os habitadores de Jabes, que lhe tinham dado sepultura. Foi David depois reconhecido Rei pela Tribu de Judá, da qual descendia; porém Abner, um dos capitães de Saul, fez reconhecer um dos filhos deste infeliz Principe pelas outras Tribus, e houve por isto guerra entre os dous Reis; até que o filho de Saul, desgostando a Abner por causa de uma mulher, veio este sujeitar-se a David, e o reconheceo por seu Soberano. Voltando Abner para sua casa socegradamente, Joab, capitão de David, o matou atraiçoadamente por lhe ter Abner morto o irmão, posto que em sua propria defeza. Chorou David por Abner, e amaldiçoou Joab, que tinha commettido uma tão grande traição; e consultando o Senhor, depois disto passado, fez a guerra aos Filistheos, que venceo, e tomou Jerusalem. Cuidou então em tirar a Arca do Senhor, que tinha ficado em casa de Abinadab; e pondo-a sobre um carro novo, David, e toda

a casa de Israel vinha tocando instrumentos diante della. No meio desta alegria, escorregando os bois que puchavão pelo carro, acudio um homem com a mão para segurar a Arca ; mas como este homem não estava puro, e se tinha atrevido a tocalla, cahio morto ; e amedrentou este caso de tal sorte a David, que não ousou levar a Arca para sua casa, e a deixou a Obedom. Todavia, sabendo David que Deos tinha enchido de bençãos a casa deste homem, resolveo-se a mandalla trazer para a sua cidade, e fez-se isto com muito apparato, porque sacrificarão um grande numero de victimas no caminho. Revestido David com um Ephod de linho, dançava com muita ligeireza diante da Arca do Senhor ; e depondo-a em um Tabernaculo, que tinha feito levantar, abençoou o povo em nome do Senhor, e lhe mandou dar de jantar. Tornando elle para sua casa, Michol sua mulher lhe sahio ao encontro, e lhe disse : Adquiristes hoje muita honra, dançando diante da Arca como um dançarino : era necessario abater-vos deste modo diante do povo ? Ao que respondeo David : Não me abati diante do povo, mas humilhei-me diante do Senhor, o qual me preferio a vosso pai, dando-me o Reino de Israel, e por isso, por mais que faça, não me poderei humilhar quanto devo na sua presença. Foi agra-

davel a Deos esta humilhação de David, e para castigar a Michol a fez esteril.

BONNA.

Seguis-vos vós, Carlota.

CARLOTA.

Fallou Deos a um Profeta chamado Nathan, o qual foi ter com David da parte do Senhor, e lhe disse: Manda-me Deos dizer-te que o teu filho lhe ha de edificar um templo, e que a corôa de Israel, que te deu, nunca ha de sahir de tua casa, e o teu sangue reinará até o fim dos seculos. Prostrou-se David diante do Senhor; e entoando um cantico de alegria, lhe concedeo Deos a victoria contra seus inimigos. Assim que esteve mais socegado, informou-se cuidadosamente se havia alguma pessoa da familia de Jonathas; e descobrindo um de seus filhos, lhe restituiu todos os bens de Saul, e pôz á sua meza a este filho, que era côxo de ambos os pés. Teve com tudo David uma nova guerra, e contra o seu costume não commandou elle proprio o seu exercito, mas deixou-se ficar em Jerusalem, nomeando Joab por seu Tenente-General. Pas-seando elle um dia em uma varanda do seu palacio, vio uma formosa mulher mettida em um banho, e informando-se do seu nome, soube que era Bethsabéa, mulher de Uriás, o qual se achava no exercito, e era um homem valoroso.

Ficou David namorado desta mulher; e como não podia desposalla, por ser casada, escreveu a Joab, para que no combate puzesse a Urias no lugar mais perigoso, e onde pudesse ser morto; ao que Joab obedeceo, e morreo o valente Urias. Desposou David então a sua viuva; e tendo della um filho, permaneceu dous annos em a sua culpa. Por este respeito lhe enviou Deos a Nathan, o qual lhe disse: Houve um homem rico, que possuia um grande numero de rebanhos; era seu visinho outro homem muito pobre, o qual não tinha mais do que uma unica ovelha, que havia criado com seus filhos, e a tinha em grande estimação. Veio um passageiro pousar a casa do rico, e este em vez de matar uma das suas rezes para dar de comer a este passageiro, mandou furtar a ovelha do pobre, e a matou. A estas palavras se encheo David de cólera, e disse: Esse homem merece a morte. Pois tendes vós mesmo pronunciado a vossa sentença, (lhe disse o Profeta). Tinha-vos Deos dado o Reino de Israel, e bens em abundancia, e apesar de tantos beneficios, o tendes offendido, mandando matar a Urias para possuir a sua mulher. Por isso vos annuncio da parte de Deos, que a espada não sahirá da vossa casa, e que vos hão de tirar tambem as vossas mulheres. *Tenho peccado!* (respondeo David). E o Senhor vos per-

doou (lhe disse o Profeta); mas como tendes escandalizado o vosso povo, ha de morrer o filho que tivestes de Bethsabéa.

SENSATA.

Ah minha Bonna, que afflicta estou, por ver que David se vai fazendo mão como Saul! Como pode ser que um homem tão santo permanecesse dous annos na sua culpa, sem ter pezar della?

BONNA.

Eis-aqui o effeito dos grandes peccados, menina; endurecem o coração; mas reflecti que Saul disse o mesmo que David: *Eu pequei!* David porém disse-o do fundo do coração, e não se entristeceu com as infelicidades; de que tinha sido ameaçado, mas sómente por ter offendido ao seu Deos; e como o Senhor vê os corações, lhe perdoou logo, isto é, tornou-lhe a conceder a sua amizade, sem que todavia deixasse de o castigar nesta vida, porque elle castiga aquelles com quem quer usar de misericórdia na outra. Notai tambem, minhas filhas, com que respeito se devem tratar as cousas santas. Um homem impuro tocou na Arca, e cahio logo morto; porém aquelle que a recebeo em sua casa, como era bom, foi cheio de benções. Adeos, meninas: no primeiro dia havemos de começar a lição pela Geographia.

DIALOGO XXVII.

VIGESIMO QUINTO DIA.

BONNA.

COMO já fallámos da Lorena, e da Flandres, diremos hoje alguma cousa da Picardia, que é uma grande Provincia, assaz fertil, mas que não produz vinho. Diz-se communmente, que os seus habitadores teem a cabeça quente, isto quer dizer, que são extremamente vivos, e sujeitos a irar-se por qualquer cousa; mas são ao mesmo tempo tão faceis em se aplacar, como em se encolerizar: teem bom coração, são rectos, e sinceros. A sua capital, como já vos disse, é Amiens, ao pé do rio Somma. Ao Governo da Picardia pertence o Paiz reconquistado, cuja capital é Calais. Esta cidade, depois de um obstinado sitio, foi tomada por Eduardo III. rei de Inglaterra. Este Principe, resentido da longa resistencia dos seus moradores, exigio que lhe mandassem quatro homens das principaes familias de Calais para os mandar justicar. Parecer-vos-ha talvez, meninas, que as pessoas mais distinctas receavão de serem escolhidas; pois enganais-vos, cada uma dellas queria ter a honra

de dar a vida pela sua patria. Os quatro, que forão nomeados, se apresentárão no campo do Rei de Inglaterra em camiza, sem chapéo, descalços, e com uma corda ao pescoço; o que sendo visto, e admirado pela Rainha, lhes alcançou perdão. Mandou depois o Rei sahir todos os Francezes de Calais; mas foi outra vez soccorrida esta pobre gente pela Rainha, e pelas Damas de sua côrte. Conservárão os Inglezes esta cidade em seu poder durante mais de dous seculos, mas foi recuperada pelos Francezes no reinado de Henrique II., debaixo da dirceção do Duque de Guise.

ESPIRITUOSA.

Esta pobre gente, que foi obrigada a desamparar a sua patria, e os seus bens, me traz á memoria uma passagem, que eu li não sei onde, e tambem me não lembro dos nomes. Tinha um Principe tomado uma cidade; e estando muito irado contra os habitadores della, determinou extinguillos, e não perdoar senão ás mulheres; por esta causa lhes permittio que sahisses da cidade, e levassem tudo o que quizessem, e o que tivessem mais precioso. E que levárião ellas, meninas?

MOLLY.

Havião de levar os seus filhos.

ESPIRITUOSA.

Pois não levárão.

CARLOTA.

Talvez que levassem o seu ouro, a sua prata, as suas jóias, e todos os seus vestidos.

ESPIRITUOSA.

Não, querida; tiverão melhor advertencia do que cuidais. Cada mulher tomou o seu marido nos braços, e passarão com elles deste modo por diante do vencedor, o qual ficou tão agradado da virtude destas mulheres, que perdoou a toda a cidade.

MARY.

Pêza-me que vos tenha esquecido o nome desse Principe, pois me parece ser um homem de bem.

SENSATA.

A historia de Espirituosa me faz lembrar de outra; e se vós, senhora Bonna, me permittirdes, eu a contarei a estas senhoras; pois o meu Principe é ainda melhor do que aquelle de que se acaba de fallar, e não me esquece o seu nome.

BONNA.

Parece-me que Espirituosa se confunde com os nomes proprios, e nisto se me assemelha, pois é um milagre quando eu os conservo na memoria como devo. E' este um defeito da mocidade, e é necessario fazer pelo evitar, meninas,

para não serdes como eu; pois, quando era da vossa idade, não sómente lia os livros, mas lia-os com tanta pressa, que não tinha tempo de tomar de cór os nomes proprios. Agora já sou velha para me emendar; mas vós, minhas filhas, ainda podeis, se quizerdes, tomar o trabalho de o fazer. Vejamos agora a historia que nos quereis contar, menina.

SENSATA.

Houve um Principe chamado Demetrio Poliorcetes, o qual tinha feito muito bem ao povo da cidade de Athenas. Este Principe, partindo para a guerra, deixou sua mulher, e seus filhos aos Athenienses, e perdendo uma batalha, vio-se obrigado a fugir. Julgou elle, vendo-se nesta extremidade, que não tinha mais que refugiar-se entre os seus amigos os Athenienses; porém estes ingratos não o quizerão receber, e chegou a tanto a sua deshumanidade, que lhe tornárão a enviar sua mulher, e filhos com o pretexto de que talvez não estivessem seguros em Athenas, onde os inimigos poderião illos buscar. Ferio este procedimento o coração de Demetrio, porque não ha cousa tão fêa para um homem honrado, como a ingratidão daquelles a quem ama, e a quem beneficiou. Passado algum tempo, compoz este Principe os seus negocios, e veio com um grande exercito pôr si.

tio a Athenas. Persuadidos os Athenienses que não tinham que esperar de Demetrio perdão algum, determinarão morrer com as armas na mão, e proferirão sentença de morte contra aquelles que fallassem em entregar-se a este Principe; mas não fazião reflexão que estava a cidade quasi sem mantimentos, e que bem depressa lhes faltaria o pão. Com effeito, depois de terem soffrido a fome largo tempo, disserão os mais prudentes: Vale mais que Demetrio nos mande matar a todos, do que morrer de fome, mas talvez que elle tenha piedade de nossas mulheres, e de nossos filhos: e depois disto lhe abrirão as portas da cidade. Mandou Demetrio, que todos os homens casados se ajuntassem em uma grande praça, que elle tinha feito cercar de soldados com as espadas nuas. Não se ouvia então em toda a cidade senão gritos, e gemidos; as mulheres abraçavão seus maridos, os filhos seus pais, e lhes dizião o ultimo adeos. Estando assim todos nesta praça, subio Demetrio a um lugar eminente, e lhes reprehendeo a sua ingratição com os termos mais expressivos; e estava tão penetrado do que dizia, que derramava copiosas lagrimas quando fallava. Todos estavam em profundo silencio, e a cada instante esperavão que este Principe mandasse a seus soldados, que os matassem; porém ficarão muito

admirados, quando elle lhes disse : Quero mostrar-vos quão culpados estais para comigo, pois não foi a um inimigo, a quem negastes o socorro, mas sim a um Principe que vos amava, que vos ama ainda, e que só quer vingar-se, perdoadando-vos, e fazendo-vos bem. Tornai para vossas casas, e sabeí que em quanto vos tive aqui detidos, os meus soldados, por minha ordem, vos levárão a casa mantimento.

ESPIRITUOSA.

Se os Athenienses fossem homens de honra, havião de ter grande pena de terem offendido um tão bom Principe.

BONNA.

Ainda que fossem todos uns tyrannos, era esta acção capaz de os fazer cahir em si. Lembrai-me em outra occasião que vos quero contar uma historia, que ha de provar o que vos digo. Agora é necessario apressar-vos em dizerdes as vossas historias ; pois ás quatro horas ha de acontecer uma cousa, que vos ha de causar admiração : de repente anoitecerá, e passada meia hora teremos outra vez luz.

MARY.

E como pode ser isso, minha Bonna ?

BONNA.

Então vo-lo explicarei ; agora disse a vossa historia.

MARY.

Como Deos queria usar de misericordia com David no outro mundo, castigou-o mui severamente em sua vida da culpa que tinha commetido, e principiou o seu castigo pela morte do filho que teve de Bethsabéa. Esteve este menino doente por espaço de sete dias, e durante este tempo persistio David lançado por terra, jejuando, e clamando ao Senhor, pedindo-lhe a vida deste filho, sem que os seus criados ousassem dizer-lhe que tinha morrido; porém tanto que David o soube, moderou seu pranto; prostrou-se diante do Senhor, e pediu de comer. Os seus criados attonitos lhe disserão: De que procede que, em quanto o vosso filho esteve doente, vos affligieis tanto, e assim que elle morreo vos consolastes com a sua morte? Respondeo-lhes David: Em quanto o meu filho vivia, chorei, por esperar que minhas lagrimas pudessem mover o Senhor, e me alcançassem a sua vida; porém agora serião minhas lagrimas inuteis, e não poderião restituir-lhe a vida, pois já agora elle não tornará para mim, e eu vou andando para elle. Premiou Deos a submissão de David; e dando-lhe outro filho de Bethsabéa, a que chamarão Salomão, lhe disse Nathan da parte de Deos, que este filho havia de reinar depois d'elle. Teve David ainda um grande numero de fi-

lhos, o que lhe servio de maior desgosto ; porque um delles, chamado Absalão, recebendo uma grande offensa de Amnon, que era um de seus irmãos, o convidou para um banquete, e o matou. Temendo Absalão a ira de seu pai, se refugiou em casa de um Principe visinho, onde esteve tres annos ; e no fim destes, Joab, que commandava as tropas de David, lhe alcançou perdão. Permittio o Rei a Absalão, que tornasse para o seu Reino ; mas prohibio-lhe que apparecesse na sua presença. Absalão desesperado por estar expulso da presença de seu pai, lhe mandou dizer que antes queria morrer, do que viver daquelle modo, pelo que David lhe perdoou.

BONNA.

Continuai, Molly.

MOLLY.

Absalão em vez de se commover com a bondade de seu pai, determinou depollo. Por esta causa applicou-se a lisonjear o povo para gran-gear a sua vontade : e tanto que julgou tella conseguido, pedio a seu pai licença para ir cumprir um voto, que tinha feito, e em lugar disto ajuntou tropas. Sabendo David esta acção, se retirou de Jerusalem com os seus amigos, passou chorando a corrente do Cedron, e subio ainda chorando o Monte Olivete. Quando elle fu-

gia deste modo, um parente de Saul, alegrando-se da sua infelicidade, appareceu no mesmo monte, e começou a lançar-lhe pedras, e terra, enchendo-o de injurias; mas pedindo a David os que o acompanhavão licença para matarem aquelle homem, David lhes disse: Deixai-o em paz, porque Deos é que me mandou injuriar. O meu proprio filho se levanta contra mim; e se vòdes isto, como quereis vós que um parente de Saul não tome esse máo exemplo? Eu me submetto humildemente aos castigos do Senhor; e se elle quizer tirar-me o Reino, que me deo, contento-me de o perder. Marchou Absalão com tudo para Jerusalem; e sabendo David que elle tinha consigo um certo Achitofel, que tinha tanta viveza, como malicia, pediu a Deos que confundisse os artificios deste homem, e não permittisse que Absalão seguisse os seus conselhos. Neste tempo um dos amigos de David, chamado Chusai, chegou á sua presença, ao qual disse o Rei: Farme-heis um grande serviço, se tornardes para a companhia de meu filho, para vos oppordes a Achitofel, e me advertirdes de tudo o que se passar. Obedeceu Chusai; e chegando á presença de Absalão, gritou: *Viva o Rei*. Pareceo este Principe admirado de ver que elle tivesse deixado seu pai, que era seu amigo; mas como Chusai era uma

pessoa de merecimento, e o certificou da sua fidelidade, ficou agradado de o ver.

ALTIVA.

Não tenho pinga de sangue no corpo, minha Bonna, e temo que David cáia em poder do malevolo Absalão.

BONNA.

Esquece-vos, querida, que Deos protegia David? Algumas vezes nos parece que desampara os bons, e os entrega aos máos; porém ao mesmo tempo que elle castiga os peccados dos primeiros, está attento a seus interesses, e faz com que não sejam opprimidos. Admirai, meninas, o arrependimento de David, pois sabe que a rebellião de seu filho, as injúrias de um de seus vassallos, são o justo castigo da sua desobediencia para com Deos; e por isso não fez caso nem da desobediencia de seu filho, nem daquelle insolente que o ultrajou. Em tudo isto só vê a mão de Deos, á qual se submete humildemente, e não se lhe dá de perder o seu Reino. Não póde Deos desamparar um tal homem; e ainda que eu não tivesse lido o que falta desta historia, poderia afirmar que David se havia de livrar deste perigo. E' certo, com tudo, que Deos permite algumas vezes que os bons sejam inteiramente opprimidos pelos máos, para experimentar assim a nossa fé; mas isto

é raro, e são poucas as vezes que elle espera pela outra vida para castigar os criminosos. Acabai esta historia, Carlota.

CARLOTA.

Ajuntando Absalão o seu conselho, Achitofel lhe pediu algumas tropas para accommetter David, antes que este tivesse tempo de cobrar novo animo, e de ajuntar gente. Estava David perdido, se assim se fizesse, porque os poucos soldados, que tinha comsigo, achavão-se tão fatigados, que não podião dar passo; porém Chusai disse a Absalão: Guardai-vos de tomar esse conselho, porque David, e os que estão com elle são valerosos, e combaterão como desesperados; e se vós tiverdes má fortuna neste primeiro combate, o povo, que ama vosso pai, seguirá o seu partido; por isso é melhor tomar tempo para ajuntar um grosso exercito, e então o apanhareis, sem que possa escapar. Perturbou Deos a Absalão para desprezar o conselho de Achitofel; e ficou este máo homem tão sentido de se não conformarem com elle, que se enforcou; então mandou Chusai dizer a David, que passasse o Jordão. Tanto que Absalão teve junto o seu exercito, marchou contra seu pai, sem que aquelles, que estavam com David, quizessem que elle fosse contra Absalão. Foi pois Joab o que commandou o exercito, e David lhe

recommendeu que respeitasse a Absalão ; porém não obedeceo elle ás ordens do Rei, porque Absalão sendo vencido, e querendo fugir, ficou preso pelos cabellos, ao passar por baixo de uma arvore, da qual ficou dependurado, e então Joab lhe traspassou o coração ; e sendo isto contado a David, disse : *Prouvera a Deos que eu fosse morto, e que meu filho ficasse vivo !* Tinha este terno pai sahido fóra das portas da cidade, e perguntava a todos os que vinhão da batalha novas de Absalão ; e vendo Joab que elle chorava por seu filho, sem lhe ter respeito algum, o fez apparecer diante do povo. Isto não obstante, a Tribu de Judá cuidou em conduzir outra vez a David para Jerusalem ; e vendo aquelle homem que o tinha apedrejado, que elle se ia, veio pedir-lhe perdão, e lançar-se a seus pés. Então um dos criados de David lhe disse : Permitti-me que eu mate este perverso. Ao que respondeo David : *Fallais como se fosseis meu inimigo, pois me aconselhais que me vingue ; não quero, porém, que se diga que eu mandei matar um homem no dia em que torno a ser Rei.* As Tribus de Israel tiveram inveja de que a Tribu de Judá tivesse conduzido a David, e houve entre ellas grandes disputas ; e por esta causa um homem, chamado Seba, tocou a trombeta, e fez levantar as dez Tribus de Israel con-

tra David. Foi Joab sitiar uma cidade, em que este homem estava mettido, a qual seria destruida se a prudencia de uma mulher a não salvasse; pois, fazendo ajuntar o povo, lhe representou que era loucura exporem-se á morte por um rebelde. Ajuntou-se pois o povo contra Seba, e cortando-lhe a cabeça, a lançarão a Joab de cima dos muros, e findou-se a guerra.

ESPIRITUOSA.

Seguro-vos, minha Bonna, que nenhuma piedade tenho de Absalão: era necessario que elle fosse muito perverso para maquinar a morte a seu pai; de um pai, que o amava com tanta ternura, e que lhe tinha já perdoado a morte de seu irmão Amnon.

BONNA.

Talvez que Absalão nascesse com boas inclinações, meninas; mas tendo paixões violentas, e não se sujeitando a moderallas, chegou até o excesso de maldade de querer matar seu proprio pai. Talvez que, se tivessem predicto a Absalão, em quanto era moço, que havia de vir a ser tão máo, elle tivesse morrido de horror; porém, costumando-se a lisonjear as suas paixões, não as pôde depois domar. Eis-aqui o que acontece a muita gente, minhas filhas, e o que vos acontecerá a vós mesmas, se não tiverdes cui-

dato de reprimir os vossos vícios, quaesquer quo forem.

ALTIVA.

E' impossivel, minha Bonna, que eu seja tão má como Absalão ; e na verdade não o posso crer.

BONNA.

E eu, querida, poderei affirmallo com juramento. Toda a pessoa, que tiver paixões violentas, deve estar certa que ha de ser ou muito virtuosa, ou muito má, porque nisto não ha meio. Sim, se vós tomardes em brio o vencer as vossas paixões, como espero, custar-vos-ha muito sem dúvida; mas a vossa virtude será forte, sólida, invariavel, porque a tereis adquirido á ponta da espada, para assim o dizer ; porém se não tomardes este partido, não haverá crimes que não sejais capaz de commetter na vossa vida, se tiverdes occasião e necessidade de vos satisfazerdes. Tivemos disto um terrivel exemplo em França ha annos : Houve uma moça muito amavel, e muito rica, que só tinha o defeito de ter muito amor ás suas riquezas, e não queria desposar senão um homem tão rico como ella : fôra disto era affavel, e não tinha más inclinações. Vivia ella em companhia de uma sua tia, que lhe guardava o dinheiro, e conhecia o despeito

de sua sobrinha. Aparecêrão muitos casamentos a esta moça; e entre outros, um homem chamado Mr. Tiquet, se namorou della, e fez por grangear tambem o agrado da tia. Desejando esta senhora que Mr. Tiquet viesse a ser seu sobrinho, lhe descobrio o defeito da sua sobrinha, e lhe disse que elle lhe agradaria seguramente, se fosse mui rico. Confessou então Mr. Tiquet a esta senhora, que não tinha muitos bens da fortuna, e lhe pediu que o ajudasse a enganar sua sobrinha. Consentio ella nisto; e dando-lhe quinze mil cruzados do dinheiro daquella, mandou Mr. Tiquet fazer uma flor de diamantes, que deo a esta moça em dia dos seus annos. Julgou ella que um homem, que tivera meios para dar-lhe um tal presente, devia ser rico como um Creso, e consentio em desposallo. Tanto que foi sua mulher, e vio que elle a tinha enganado, tomou-lhe um tal aborrecimento, que determinou viver em grande profusão para chegar assim a dissipar os seus bens. Entre as pessoas, que vinhão fazer-lhe visita, entrava um cavalheiro muito amavel, de quem ella se namorou; e vendo-se com este novo amante, amaldiçoou o instante em que se casára, e desejava todos os dias a morte de seu marido para se desposar com o cavalheiro. A primeira vez, que teve pensamento de desejar-lhe a mor-

te, horrorisou-se delle, porque não era ainda totalmente má; porém como julgava que não havia de ser nunca feliz com um homem a quem aborrecia, e como conservava com gosto a idéa de desposar o seu amante, acabou o seu coração de corromper-se, e se entregou toda ao desejo de ver o marido morto. Tanto que se familiarizou com este pensamento, e nelle consentio sem escrupulo, imaginou que seu marido, tratando-se bem, poderia viver mais tempo do que ella; e pouco a pouco lhe veio o pensamento, que ella podia mandallo matar. Bem vêdes, meninas, que lhe havia de ser necessario muito tempo para se acostumar a esta abominavel tenção; mas em fim veio a conseguilla. Pagou pois a um homem, para que matasse a seu marido; e atirando-lhe este um tiro de pistola, não fez mais que ferillo. Como se sabia que sua mulher lhe não queria bem, todos acreditarão que era ella que lhe tinha mandado dar o tiro, e os seus amigos lhe aconselharão que fugisse, visto darem-lhe tempo para isso; porém ella não o quiz fazer, receando que seu marido se apossasse dos seus bens, durante a sua ausencia. Prendêrão-na por tanto; e sendo convencida do seu crime, cortárão-lhe a cabeça. Tendes visto, meninas, a que extremidade nos podem levar as paixões, e isto nos deve o-

brigar a combatellas sem intermissão, para que nunca nos deixemos vencer dellas.

SENSATA.

Era David, senhora Bonna, muito senhor das suas paixões; pois que não quiz mandar castigar um homem que o tinha offendido tão descaradamente, e não castigou a Joab por ter morto Absalão contra o seu preceito.

BONNA.

Não deixou David de se ver precipitado nestas duas occasiões, pois sabia que na sua qualidade de Rei estava obrigado em consciencia a castigar os culpados; porém como elle era o que estava offendido, não queria vingar-se. Deixou com tudo a seu filho Salomão o cuidado de castigar estes dous culpados, depois da sua morte, como veremos, sem que isto fosse por espirito de vingança, mas sim pelo amor da justiça.

MARY.

Vejo, minha Bonna, que David deixou de chorar pelo filho que teve de Bethsabéa, assim que lhe morreo; porque chorou elle pois por seu filho Absalão depois da morte deste?

BONNA.

Ha muita differença nisso, menina: o filho de Bethsabéa morreo ainda tenro, e antes de ter tempo de commetter culpas; e sabia David que havia de tornar a ver este filho, e que al-

gum dia havia de ser feliz com elle na presença de Deos, o qual pensamento era bastante para o consolar; mas elle não tinha a mesma esperança a respeito de Absalão, porque este filho morrendo no seu delicto, era certo que se tinha perdido para sempre, e isto lhe servia de grande afflicção. O mesmo me acontece a mim, meninas, pois me consolo facilmente, quando morre algum meu amigo que foi bom christão; e digo então, que elle é mais feliz do que eu; mas quando elle morre sem ter vivido bem, fico inconsolavel, por temer que nos tenhamos separado para sempre.

MARY.

Que vejo, senhora Bonna! Eu cuidava que vós zombaveis de nós, quando dissestes que havia de anoitecer ás quatro horas; e com tudo agora conheço que nos dissestes a verdade. Mas quem vos tinha dito que havia de hoje anoitecer tão cedo?

BONNA.

Esta obscuridade é causada por um eclipse do Sol; e os Astronomos nos tinhão avisado que este eclipse aconteceria hoje ás quatro horas.

ALTIVA.

Fico na mesma dúvida, que antes tinha, minha Bonna; e segundo julgo, estas senhoras não

estão mais esclarecidas do que eu, que não sei que cousa seja um eclipse, e Astronomos.

BONNA.

Sensata vo-lo dirá, menina ; e eu lhe peço que vos explique a todas o que é um eclipse.

ESPIRITUOSA.

Tambem eu o sei, minha Bonna, e se quizerdes, eu o direi.

BONNA.

Não, querida ; antes quizera que aprendes-
seis a reprimir a vossa vaidade, pois isto é mais importante do que conhecer que cousa seja um eclipse. Na occasião presente ficareis bem triste por ficar calada, principalmente tendo já tomado tempo para mostrardes a vossa sciencia, sem attenderdes a que juntamente fazeis conhecer o vosso amor proprio. Se Sensata tivesse tanta vaidade como vós, offender-se-hia disso, e não vos perdoaria a vossa ambição em querer brilhar á sua custa. Eis-aqui o que faz aborrecer as mulheres que estudão mais alguma cousa do que as outras, pois não querem dar tempo a que outrem falle ; e querendo brilhar ellas sós, se fazem por isso insupportaveis. Sensata, que sabe mais agora do que vós haveis de saber em dez annos, é muito mais prudente, porque não falla nunca em cousas que as outras ignorão ; e sem que seja perguntada, não

abre a bôca, como convém a uma menina da sua idade. Isto supposto, Espirituosa, eis-vos aqui bem mortificada, e cheia de cólera contra mim; e com tudo eu vos tenho feito maior bem, do que se vos tivesse deixado ostentar a vossa sciencia, e vos dêsse mil louvores. Dai-me um abraço em recompensa, e fazei que ao menos este seja com boa vontade.

ESPIRITUOSA.

Não, minha Bonna, eu não me agastei contra vós, mas contra mim; pois por mais que faça, a minha vaidade me obriga a cada instante a obrar desatinos.

BONNA.

Não vos desconsoléis, querida, porque em fim chegareis a vencer-vos, e com a mesma amizade, com que reprehendi a vossa vaidade, quero agora louvar a vossa docilidade. Reparai neste exemplo, Altiva, se estais admirada de ver que a vossa companheira se não tenha offendido de mim, posto que eu a reprehendesse diante de vós todas tão asperamente.

ESPIRITUOSA.

Ainda que, senhora Bonna, vós me castigasseis, não me offenderia, por estar tão persuadida que me amais sinceramente, que creio sempre que tudo o que fazeis é para meu bem.

BONNA.

E desse modo, querida, ajuizais rectamente. Affirmo-vos que foi necessario violentar-me para vos reprehender; mas a amizade, que vos tenho, foi mais forte do que a repugnancia que tive em dar-vos esse pequeno desgosto. Torne-mos ao nosso eclipse; e primeiro que digamos alguma cousa, vou accender uma luz, porque se não vê quasi nada.

SENSATA.

Dizem que ha eclipse, quando a Lua passa entre o Sol, e a Terra.

MARY.

Eu não percebo isso, senhora.

SENSATA.

Eu vos conto uma historia, que talvez vo-lo faça comprehender melhor.

Ignorando-se antigamente qual fosse a causa dos eclipses, acreditavão os antigos que elles annunciavão sempre grandes infelicidades, e por isso tinhão muita repugnancia em emprehender qualquer acção em quanto duravão. Houve um capitão, chamado Pericles, que, estando para embarcar para ir fazer a guerra, quando ia a entrar para o navio, appareceo um eclipse do Sol; pelo que não queria partir o seu piloto, por cuidar que infallivelmente se perderião. Pericles, que era sábio, não teve medo, e disse ao

piloto que aquillo era uma cousa natural, o que a Lua, pondo-se diante do Sol, nos tirava a sua vista. Não percebendo o piloto nada disto, Pericles, já impacientado, lhe lançou a sua capa sobre a cabeça, e lhe disse : Vês-me agora? Como vos hei de ver (respondeo o Piloto), se a vossa capa, que está entre nós ambos, mo impede? Ignorante, (tornou Pericles) pois eis-aqui a razão porque tu não vês o Sol, e é porque a Lua está entre os teus olhos e o Sol, como o meu capote está entre mim, e os teus olhos.

BONNA.

Entendeis agora, Mary?

MARY.

Não, senhora Bonna ; porque não percebo como a Lua se possa achar diante do Sol, e como se possa saber ao justo o instante em que ella se ha de achar nesse lugar.

BONNA.

Como o Sol está mais alto que a Lua, e esta se move, não é extraordinario que se encontrem desse modo. Ora, sabe-se determinada-mente o gyro que faz a Lua, e que não se desvia nunca do seu curso ordinario, e por isso se podem predizer todos os eclipses que hão de acontecer. As pessoas, que estudão as sciencias dos astros, chamão-se Astronomos:

ESPIRITUOSA.

E como se inventou essa sciencia ?

BONNA.

A necessidade, que é a mãe da industria, produziu todas as artes, e sciencias; exceptuando porém a Astronomia, que foi produzida pela ociosidade. Parece-me que haveis de saber, meninas, que os primeiros homens forão pastores, isto quer dizer que guardavão os seus rebanhos. Como muitos vivião em climas assaz quentes, passavão as noites no campo; e naquelle tempo, que estavão desoccupados, se entretinhão a observar as estrellas. Pela continuação de as verem todas as noites, notárão que em tal hora se vião apparecer certas estrellas; e vendo tambem que estas giravão regularmente, chegarão a poder prognosticar o caminho que seguião, e os lugares que havião de occupar. Fizerão pois um plano das suas observações; e outros homens habeis, examinando estas observações, fizeram dellas uma sciencia certa, fundada na experiencia.

SENSATA.

Permitti-me que vos faça uma pergunta, senhora Bonna; pois, supposto que os primeiros homens soubessem Astronomia, como é que no tempo de Pericles se espantavão de ver um eclipse ?

BONNA.

Conservou-se esta sciencia muito tempo no Egypto; mas não foi aperfeiçoada nem pelos Gregos, nem pelos Romanos. As pessoas doudas sabião mui bem que o povo se espantava extraordinariamente dos prodigios naturaes; e em vez de tirar-lhes a superstição, lha conservavão; pois lhes servia para fazerem obrar aos povos tudo que querião.

MOLLY.

Tambem nos dissestes que a necessidade foi a que inventou as outras artes, e sciencias: e são ellas muitas?

BONNA.

Sim, querida, cada necessidade produzio sua arte. A mais urgente, que os homens tiverão depois do peccado de Adão, foi a de cultivar a terra: esta necessidade produzio uma arte, que se chama Agricultura: descoberta esta, vião-se ainda os homens obrigados a abrigar-se, e por isso no princípio se recolhião em covas; porém como estas se não achassem em toda a parte, edificárão cabanas, que só lhes servião para os defender das injúrias do tempo. Cuidárão depois em fazer mais commodas estas cabanas; e querendo tambem fazellas magnificas, veio isto a produzir outra arte, a que chamarão Architectura. Aquelles que moravão no Egypto, paiz

onde nunca chove, e em que o Nilo se espraia, inventarão a arte chamada Geometria, a qual consiste em medir, e contar.

CARLOTA.

Visto isso, sei eu Geometria, senhora Bonna, pois sei contar bem.

BONNA.

Isso é saber só uma parte da Geometria, que é a Arithmetica; a Geometria é muito mais extensa, porque comprehende tambem a arte de medir com exactidão, e promptamente. Agora vos direi o que obrigou os Egypcios a inventarem esta sciencia. Como a abundancia, ou a fome depende entre elles das alluviões do Nilo, pôde-se julgar que se applicarão muito a medir o augmento deste rio. O Nilo, além disto, espraia-se, encobria as pedras, ou as paredes, que dividião a herança de uns e outros; o que os punha na necessidade de terem sempre a medida na mão. A necessidade de se curarem as differentes doenças, que affligem os homens, deu principio a outra arte, que tem por nome Medicina. Houve depois disto alguns homens que buscárão meio mais brandos para conseguirem os seus designios; e como estes tinham sondado o character de seus semelhantes, conhecêrão que elles se deixavão persuadir por boas razões, e daqui teve principio a Rhetorica, ou a arte de

fallar bem. Reflectirão depois, que para ordenar bem as palavras, era necessario primeiro saber ordenar as ideas, e eis-aqui o que gerou outra arte, que se chamou Logica, ou arte do discorrer bem. Considerarão outros, que em vão se tinham inventado as mais artes, ignorando-se aquella de se fazer feliz por meio da virtude, e por isso derão aos homens a arte de adquirir a felicidade, regulando as suas paixões; e a esta arte, a mais necessaria de todas, derão o nome de *Filosofia*. Disserão que o amor tinha dado origem á pintura, porque um amante, vendo-se obrigado a apartar-se da sua amada, lhe occorreo o delinear as suas feições com um carvão. As outras necessidades dos homens fizeram nascer as artes mechanicas; porém, por mais que eu tenha querido indagar que causa fez nascer a *Musica*, não posso atinar com a sua necessidade.

SENSATA.

Pois não é a necessidade de se divertir, senhora *Bonna*?

BONNA.

Bem poderá ser isso, menina; assim como a dança, que talvez fosse inventada para dar movimento ao corpo. E agora, para que vos fiquem melhor os nomes das artes que acabo de referir, peço a *Sensata* que os repita.

SENSATA.

Sim, senhora Bonna, e são elles a Agricultura, a Architectura, a Geometria, a Logica, a Rhetorica, a Filosofia, a Astronomia, a Medicina, a Fysica, a Pintura, a Musica, e a Dança.

BONNA.

Tendes melhor memoria do que eu, menina; pois me esqueceo a Fysica, que é a sciencia das cousas naturaes, e por isso deve a sua origem á curiosidade. Adeos, meninas, lembrai-vos bem dos nomes de todas estas sciencias, pois é reparavel não os saber.

DIALOGO XXVIII.**VIGESIMO SEXTO DIA.**

CARLOTA.

Não me esquece, senhora Bonna, que nos promettestes que haviéis de começar hoje a lição por uma historia.

BONNA.

E de boamente cumprirei a minha palavra, se me fizerdes lembrar a que respeito vos prometti essa historia.

CARLOTA.

Foi a respeito dos Athenienses, e do Princi-

pe Demetrio; pois nos dissestes que, ainda que elles fossem muito crueis, o procedimento deste Principe os faria olhar para si mesmos, e os ensinaria a serem homens honrados.

BONNA.

Não ha dúvida, menina, que me fizestes lembrar a minha historia, e ei-la aqui. Houve um pai, o qual foi tão infeliz, que, tendo só um unico filho, intentou este monstro tirar-lhe a vida. Confiou a sua malvada intenção a um criado, que lhe ajudára até áquelle dia a roubar seu pai; porém, tendo este horror de um tão grande crime, foi lançar-se aos pés do pai, e lhe descobrio o intento de seu filho. Dissimulou o velho aquelle horroroso segredo; e disse ao filho que o queria levar ao campo, para lhe mostrar uma moça formosa, e rica, que elle intentava dar-lhe por esposa. Era, porém, necessario passar por um bosque extremamente perigoso, por se encontrarem nelle muitas vezes ladrões. Tanto que chegarão ao meio desse bosque, mandou o pai ao filho que descesse do cavallo, e disse-lhe: Tenho descoberto o horroroso designio que tens premeditado contra a minha vida: queres tirar-me estes breves dias, que ainda tenho para viver; porém, meu filho, tens tu reflectido bem nas consequencias desta acção? Se o teu crime fosse descoberto, conduzir-te-

hião ao cadafalso, e morrerias nelle pela mão do algóz ; para estorvar-te o ultimo supplicio, te trouxe eu aqui, onde me podes sem susto traspassar o coração. Fere, meu filho (accrescentou o velho, apresentando-lhe um punhal, e o seu peito), fere, castiga-me, por ter produzido um monstro tal como tu ; terei ao menos a consolação de pôr a tua vida, e a tua honra em segurança, morrendo neste lugar solitario; e talvez que te lembres algum dia da minha bondade, e que, movido deste ultimo sinal, que te dou della, chores o teu parricidio.

Bem vêdes, minhas filhas, que este rapaz, por mais máo que fosse, se havia de confundir pelas razões de seu pai ; e com effeito arrependeo-se sinceramente, e foi dahi em diante homem tão honrado, como tinha sido máo.

SENSATA.

E é possível, minha Bonna, que hajão homens tão máos, que tenham pensamentos de matar seus pais, ou suas mãis ?

BONNA.

Um grande Legislador teve o vosso mesmo pensamento, menina ; pois que, determinando penás para toda a sorte de crimes, não quiz ordenallas para os parricidas, porque não julgava que um homem pudesse ser culpado de um tal delicto.

MARY.

Que quer dizer a palavra parricidas?

BONNA.

Chamão-se parricidas aquelles que matão seu pai ou mãe, ou o seu Rei; Fratricidas, os que matão seus irmãos; Suicidas, os que se matão a si mesmos; e Deicidas, os Judeos que matarão a Jesu Christo.

MOLLY.

E é grande delicto o matar-se a si mesmo?

BONNA.

Certamente, querida: os que se matão são condemnados eternamente; se não é que sejam loucos, o que acontece de ordinario.

ALTIVA.

Tenho ouvido dizer que só as pessoas animosas é que se matão a si proprias.

BONNA.

Enganarão-vos, menina; antes é tudo pelo contrario; pois, aquelles que se matão a si mesmos, são pessoas fracas, que se deixão vencer da sua dôr, e que, não tendo animo para supportar os trabalhos, e as amofinações da vida, querem antes ficar livres de repente pela morte, do que ter a constancia de soffrellas.

ESPIRITUOSA.

Já li uma historia singular de um homom

que se quiz matar : quereis que a conte a estas senhoras, minha Bonna ?

BONNA.

Quero, sim, menina.

ESPIRITUOSA.

Sitiava Julio Cesar uma cidade, em que se achavão dous homens seus inimigos, os quaes tinhão tentado todos os meios de lhe fazer damno. Um destes, que receava a indignação do vencedor, determinou empeçonhar-se; o outro julgou que era melhor ir ter com Cesar, porque, dizia elle comsigo, talvez me perdoe, e não me pode acontecer cousa peor do que a morte; eu a receberei com auimo, quando elle ma mande dar, porém quero primeiro fazer tudo o que a honra me permittê para a evitar. Tomando estes dous homens resoluções tão differentes, pediu o primeiro ao seu Medico um venêno tão suave, que o matasse sem muito custo; e o segundo sahio da cidade para ir ter com Cesar, e dizer-lhe que alli vinha pôr a sua vida nas suas mãos. Cesar, que tinha alma grande e generosa; se deixou levar da confiança deste homem, e lhe disse: Estou-vos muito obrigado por me terdes em tão boa opinião, e por me julgardes capaz de vos perdoar. Fizestes-me nisto um muito grande serviço, por não haver cousa no mundo que me dê tanto gosto, como per-

doar a um inimigo, e por isso podeis confiar-vos na minha estimação, e nos meus beneficios. Este homem extremamente alegre com este discurso, deixou logo a presença de Cesar, e foi correndo para a cidade, com o intento de salvar a vida ao seu amigo, se ainda chegasse a tempo; porém achando-o em cima da cama, pálido, e como um homem que está quasi a soltar o ultimo suspiro, lhe contou a generosidade de Cesar, da qual elle ficou todo attonito, e teve pezar de se ter empeçonhado. Advertio-lhe o amigo, que mandasse chamar o seu Medico, para lhe pedir algum contra-veneno; mas o doente não o queria fazer, e dizia ao seu amigo: Eu estou muito mal, e sinto que tenho já pouco tempo de vida. Com tudo, para fazer o gosto ao seu amigo, consentio em que se chamasse o Medico que lhe déra o veneno, e lhe perguntou se havia algum remedio que pudesse preservar-lhe a vida. Pôz-se o Medico a rir, e disse aos dous amigos: Admirai a força da imaginação, pois só a idéa de uma morte proxima reduzio este senhor á agonia. Eu, conhecendo a bondade do coração de Julio Cesar, teria apostado tudo quanto tenho que elle vos havia de perdoar a vós ambos, e que vós terieis muito pezar de vos ter empeçonhado; e por isso é que, em vez de vos dar veneno, vos fiz tomar uma

pillula, que vos fizesse fortalecer contra o medo. Levantai-vos pois, porque absolutamente não estais doente, senão do espirito. Este homem, com effeito, sabendo que não tinha tomado veneno, e por consequente que a sua vida não estava em perigo, se achou são, e se levantou no mesmo instante. Sabendo Cesar esta historia, não pôde deixar de rir, e premiou o Medico por ter julgado tão bem d'elle.

BONNA.

Esta historia veio bem a proposito para vos provar que aquelles que se matão são cobardes. Bem vêdes que este homem, que se queria empeçonhar, parecia não temer a morte, pois que voluntariamente tinha tomado veneno; e com tudo tinha elle um tal medo da morte, que estava realmente enfermo. E como temos dito o que basta a este respeito, e não creio que qualquer de vós seja tão extravagante que intente matar-se, digamos alguma cousa da Provincia de Normandia; e vós, Sensata, ajudai-me, e dissei a estas senhoras o que souberdes desta Provincia.

SENSATA.

A Normandia está situada ao norte da França, e tem por termo ao sul uma Provincia chamada Maine; ao oeste, e ao norte a Mancha; e a leste a Picardia, e a Ilha de França. N'ou-

tro tempo esta Provincia se chamava Neustria, e forão uns homens vindos do norte, que lhe derão o nome que hoje tem ; pois a palavra Normando quer dizer, em Inglez, homem do norte. Estes homens, que pela maior parte erão Dinamarquezes, ou vivião nas visinhanças desse Reino, achando que havião demaziados habitadores nelle, sendo além disto extremamente frio, determinarão buscar a sua fortuna n'outras partes. Por esta causa embarcárão, e vierão ter aos Reinos visinhos, nos quaes commettêrão ruinas espantosas, matando os homens, roubando-lhes as mulheres, e os animaes, abrazando as arvores, e devastando as terras. Tanto que tinham assolado uma Provincia, pedião uma grossa somma de dinheiro para a deixarem; porém apenas chegavão ás suas terras carregados de riquezas, os seus compatriotas, movidos da cubiça de enriquecerem-se, sahião successivamente a commetter iguaes hostilidades. A França e a Inglaterra soffrêrão muito aos Normandos; a França principalmente, que se vio reduzida á ultima extremidade, por causa do sitio, que puzerão a Paris. Em fim um dos seus capitães, chamado Rollon, que se tinha feito Christão, pedio ao Rei de França a Neustria, que estava absolutamente arruinada, e quasi deserta, e lhe prometteo, que, se o nomeasse Duque daquella Provincia,

faria com que os seus compatriotas não tornassem a França, pois que a sua entrada era ordinariamente pelo rio Sena, que desemboca na Neustria. Vio-se o Rei obrigado a conceder-lhe o que lhe pedia ; e elle prometteo prestar-lhe homenagem deste Ducado, isto é, reconhecer publicamente que o Rei fôra quem lho tinha dado ; e todas as vezes que houvesse um novo Duque de Normandia, havia de renovar esta homenagem. Assim pois se estabelecêrão estes homens do Norte na Neustria, e mudárão o nome daquella Provincia em Normandia, porque elles mesmos se chamavão Normandos.

ESPIRITUOSA.

Admiro tanto a memoria de Sensata, como a sua sciencia.

SENSATA.

Da vossa bondade, senhora, é que nascem estes louvores ; deveis sómente admirar o cuidado que a senhora Bonna teve em me instruir. Ainda não tinha eu mais do que quatro annos, quando minha mãi teve a advertencia de dar-ma por aia ; e depois disso não deixou ella passar um unico dia, sem me ensinar alguma cousa util. Se tivesses tido a felicidade de ter uma tal aia, serieis talvez muito mais instruida do que eu.

BONNA.

Estou-vos muito obrigada, querida, pelo reconhecimento que mostrais pela minha diligencia. E' verdade que eu não poupei nada para vos fazer boa, e instruida; mas é necessario que eu diga tambem, que tendes feito o meu trabalho agradavel, pela vossa docilidade e applicação.

ALTIVA.

Eu daria tudo quanto tenho, se dissesseis outro tanto de mim.

BONNA.

Isso não é uma cousa impossivel, menina, com tanto que continueis a emendar-vos, pois nuhca estou tão contente como quando posso louvar com justiça. Para vos provar que digo a verdade, mostrar-vos-hei esta tarde uma carta, que tive a honra de receber de vossa mãe, na qual ella se mostra satisfeita do bem que eu lhe disse de vós na minha ultima, e me annuncia que, visto estardes já mais moderada, ella vos virá buscar no fim de tres mezes.

ALTIVA.

Ora eis-ahi uma linda cousa, senhora Bonna: estai certa que, se torno para casa tão cedo, dentro em um anno me acharei como estava dantes. Não, eu agora quero instruir-me. A senhora Mary sabe mais do que eu, sendo mui-

to mais nova, e disso estou bem envergonhada: se quizesseis ter a bondade de me instruir, eu pediria a minha mãe, que me deixasse estar com minha prima o mais tempo que pudesse ser.

BONNA.

Não vos admirais, meninas, de que Altiua esteja já tão polida? Agora já tem a presença de uma senhora, e ajuiza, e falla como uma pessoa de qualidade.

ALTIVA.

E tambem confesso sinceramente que n'outro tempo discorria, e fallava como uma mulher de baixa condição.

ESPIRITUOSA.

Não se disse já aqui, senhora Bonna, que um Rei de Inglaterra foi Duque de Normandia?

BONNA.

Não, querida; o que ouvistes foi que um Duque de Normandia veio a ser Rei de Inglaterra, e a senhora Sensata vai contar-vos essa historia.

SENSATA.

Morrendo um Rei de Inglaterra sem filhos, nomeou por seu herdeiro a Guilherme Duque de Normandia, chamado o Bastardo, e a quem derão depois o nome de Guilherme o Conquistador. Como havia muitos Principes parentes do ultimo Rei, que pertendião esta corôa, não se

adiantou Guilherme a vir tomar posse della; mas deixou fazer a guerra a estes Principes, uns aos outros; e depois que os vio enfraquecidos é que veio a Inglaterra com um bom exercito, e se fez senhor do Reino. Por isso ficou a Normandia uma provincia Ingleza, e os Reis deste Reino, por causa desta provincia, erão vassallos dos Reis de França; mas vassallos mais poderosos que seus senhores, e que lhes causarão muitos trabalhos. Quando os Reis de Inglaterra obravão alguma cousa contra o que tinhamo prometido ao Rei de França, na homenagem, que lhe davão, tinha o Rei de França direito de os mandar comparecer diante dos Pares do Reino de França, para serem julgados; e se deixassem de vir, podia o Rei apossar-se dos bens que elles tinhamo em França. Por isso é que a Normandia foi tirada aos Inglezes, e se unio á França em o reinado d'um Rei de Inglaterra, chamado João Semterra.

BONNA.

Para outra vez fallaremos da Provincia de Bretanha, agora deve Mary repetir-nos a sua historia.

MARY.

No tempo que David fugia, Miphiboseth, filho de Jonathas, e neto de Saul, a quem David tinha dado os bens deste, e tinha admittido

à sua meza, disse ao seu criado que lhe trouxesse a sua jumenta, porque queria acompanhar a David, e não podia andar, por estar molesto dos pés. O criado, que era um homem traidor, não lhe quiz obedecer; e tomando bastante provimento da casa de seu amo, o levou a David, dando a entender, que era elle o que lhe fazia aquelle presente. Perguntou-lhe David: Onde está vosso amo? Respondeo-lhe este pérfido: Foi ter com Absalão, e está muito satisfeito com a vossa infelicidade. Ficou David muito cheio de cólera, ouvindo isto, e disse a este criado: Douvos os bens de vosso amo. Quando David voltou para a cidade, o neto de Saul lhe sahio ao encontro, e lhe pediu justiça contra o seu criado, que lhe não quizera trazer a sua jumenta. Se David tivesse obrado com prudencia, informar-se-hia da verdade para castigar o culpado; porém como seja um defeito de muitos Reis o recear o trabalho, e não quererem instruir-se por si mesmos, o que os expõem a commetter grandes injustiças, commetteo David nesta occasião uma grande falta; pois só se contentou com restituir ao neto de Saul ametade de seus bens, e deixou a outra ao seu infiel criado. Reinou David ainda muitos annos; e deixando-se vencer da vaidade no fim de seus dias, quiz saber o numero de seus vassallos. Os seus criados lhe

advertirão que elle se devia contentar com agradecer a Deos de ter abençoado o seu povo, sem que quizesse conhecer o numero delle; porém David se obstinou, e se achou que havia quinhentos mil homens na Tribu de Judá capazes de pegar em armas, e oitocentos mil nas outras Tribus. Passado isto, conheceo David o erro que a sua vaidade lhe fizera commetter, e pediu perdão a Deos. Enviou-lhe o Senhor um Profeta, que lhe disse: E' necessario que a vossa culpa seja castigada. Escolhei pois, ou uma fome de tres annos, ou uma guerra de tres mezes, ou uma peste de tres dias. Escolheo David a peste, por duas razões; a primeira foi, porque queria antes cahir nas mãos de Deos, do que nas dos homens; a segunda, por julgar que não havia de ser elle o que havia de padecer a fome, mas sim o miseravel povo. Tambem dizia elle, que havia de estar em segurança durante a guerra, por ter promettido ao seu povo de não ir em pessoa contra seus inimigos; ao mesmo tempo que queria antes a peste, por julgar que esta não o respeitaria mais do que ao ínfimo dos seus vassallos, e queria tambem ter parte no castigo, por ser elle o mais culpado. Começou pois o Anjo do Senhor a ferir os Israelitas, e morrerão setenta mil. Vendo David que o Anjo se avizinava a Jerusalem, se prostrou, e disse ao

Senhor : Para que castigais vós estas ovelhas que são innocentes ? Eu é que sou o culpado : castigai-me, Senhor, não me poupeis a mim, nem a minha familia ; mas tende piedade de meu pobre povo. Foi a cólera de Deos applicada por esta súplica de David, que vio que o Anjo tornou a metter a espada na bainha ; e levantou um Altar ao Senhor naquelle lugar em que o Anjo se tinha suspendido.

CARLOTA.

Se é, senhora Bonna, peccado encher-se qualquer de cólera, como diz a Escripura Santa que o Senhor se encolerizou ?

BONNA.

E' porque não ha na nossa lingua outro termo, que possa exprimir os effeitos da justiça de Deos, e do aborrecimento que elle tem á culpa. Supponhamos, querida, que um homem destemido matava outro na vossa presença : não ficariéis vós bem enfadada contra este máo homem, e se pudesseis, não o mandariéis castigar ? Pois eis-aqui que tambem se podia dizer então que estaveis cheia de cólera, isto é, enfadada contra este homem ; e neste caso seria esta cólera justa, porque não é paixão, nem peccado. Os Juizes, que condemnão á morte os criminosos, concebem contra elles esta especie de cólera ; e é este aborrecimento, que causa o cri-

me, e que obriga a castigar o criminoso, aquillo a que a Escriptura chama cólera de Deos.

ESPIRITUOSA.

Este odio de Deos contra o crime é bem forte, senhora Bonna, visto que castigou tão severamente em David uma culpa que parece tão leve.

BONNA.

Tudo aquillo que offende a Deos é um mal tão grande, que se não póde dizer que seja uma pequena culpa; e principalmente aquellas que commettem as pessoas, a quem Deos faz grandes beneficios, são mais horrorosas do que as dos outros; e por isso é que Jesu Christo diz no Evangelho, que os Judeos serão mais rigorosamente castigados, do que os habitadores de Sodomia; porque se elle fizesse nesta cidade os milagres que tinha feito aos Judeos, terião aquelles feito penitencia, cobertos de cilicios, e de cinza. Continuai, Molly.

MOLLY.

Chegando David á velhice, um de seus filhos, chamado Adonias, intentou fazer-se Rei, e ganhou para isto a Joab, que commandava as tropas, e a outras muitas pessoas da primeira gradação. Havia já algum tempo que Adonias se distinguia de seus irmãos pela sua magnificencia, e já David tinha desconfiado disto; porém amava elle tanto a seus filhos, que não se atre-

via a desgostallos, e não se capacitava que aquelle tivesse tão máos intentos. Esta paciencia de David fez com que Adonias ajuutasse seus irmãos, e os principaes de seus amigos, para se fazer acclamar Rei; mas o Profeta Nathan disse a Bethsabéa, que fosse ter com David, e lhe lembrasse que elle tinha escolhido Salomão para lhe succeder, e isto por ordem do Senhor; e foi tambem Nathan ter com David, e lhe deo parte do designio de Adonias. Mandou o Rei então que Salomão fosse sagrado no mesmo instante; e sabendo Adonias o que se tinha passado, receou que o mandassem justicar; e retirando-se para o Tabernaculo do Senhor, se refugiou a hum lado do Altar, donde não quiz sair, senão depois de estar certo do perdão. Jurou Salomão, que lhe perdoava o passado, com tanto que fosse bem procedido para o futuro; e conhecendo David que a morte estava vizinha; mandou chamar seu filho Salomão, e lhe recomendou que fosse fiel ao Senhor, e disse-lhe mais: Bem vêdes que Joab se unio com vosso irmão Adonias; e está além disto culpado no sangue de dous homens, que matou em tempo de paz: não permittais que elle morra de morte natural. Conheceis tambem aquelle homem que me injuriou, quando eu fugia de Absalão; é certo que eu lhe perdoei intimamente, porém

o seu crime deve ser castigado, e deixo o castigo destes dous homens á vossa prudencia. Depois que David proferio estas palavras, morreo, e Salomão reinou depois d'elle. Passado algum tempo, descobrio Salomão que seu irmão Adonias, e Joab maquinavão para lhe tirar a corôa, e por isso os mandou matar a ambos. Quanto áquelle homem que tinha injuriado a seu pai David, disse-lhe : Edifica uma casa em Jerusalem ; e se não sahires della, não te acontecerá mal algum ; porém se passares a torrente do Cedron, morrerás. Ficou este homem muito contente de poder livrar a sua vida com tão pouco custo : mas no fim de tres annos, fugindo-lhe dous escravos, esqueceo-se da prohibição de Salomão, e foi em seu alcance ; pelo que o mandou tambem justicar.

BONNA.

Prosegui, Carlota.

CARLOTA.

Era Salomão muito moço, quando occupou o throno ; e uma noite, estando dormindo, lhe appareceo o Senhor, e lhe disse : Pede-me o que quizeres, pois to concederei. Humilhou-se Salomão diante de Deos ; e olhando para os seus poucos annos, pedio a Deos que lhe concedesse aquella sabedoria que convém aos Reis, o que lhes é necessaria para julgar, e governar os seus

povos como devem. Respondeo-lhe Deos : Já que preferiste a sabedoria ás riquezas, e aos outros bens temporaes, eu te faço não sómente o mais sabio de todos os Reis, mas tambem o mais rico, e o mais poderoso ; e se guardares fielmente os meus mandamentos, terás largo tempo de vida. Depois desta visão é que Salomão teve motivo para mostrar a sua sabedoria, decidindo um processo muito singular. Vierão duas mulheres á sua presença , e uma dellas lhe disse : Senhor, eu assistia com esta mulher em uma mesma casa onde não havia mais que nós ambas ; tinhamos cada uma seu filho, a quem davamos leite ; e acontecendo metter esta mulher seu filho comsigo na cama, o suffocou. Tanto que vio o filho morto, levantou-se muito mansamente, e pondo o seu filho morto ao pé de mim, levou o meu, que estava vivo. Quando amanheceo, fiquei eu bem afflicta ; porém olhando attentamente para este menino, reconheci que não era o meu filho, mas sim o desta mulher. Disse tambem a outra ao Rei : Senhor, esta mulher vos engana, pois o seu filho é que morreo, e o meu é o que está vivo. Outro qualquer, que não fosse Salomão, teria ficado suspenso, porque não havia testemunhas : porém, como o Senhor lhe tinha dado sabedoria, disse elle a um dos da sua guarda : Tomai o menino, que está vivo, e

dividi-o em dous com uma espada, porque por este meio terão estas duas mulheres cada uma a sua ametade. A mulher que tinha fallado primeiro, e que era a verdadeira mãe do menino, estremeceo quando ouviu estas palavras, e todas as suas entranhas se lhe abalarão; e lançando-se aos pés do Rei, disse a Salomão: Ah, Senhor, dai o menino inteiro a essa mulher, que o pede, pois eu quero antes perdello, do que vello morto. A outra mulher porém dizia: O que o Rei determinou é muito justo, e assim nem huma nem outra ha de levar o menino. Disse então Salomão: Dai o menino vivo a essa primeira mulher, pois conheço pelo seu affecto que ella é sua verdadeira mãe. Todos ficarão attonitos da destreza com que o Rei tinha descoberto a verdade; e a verdadeira mãe se foi rogando-lhe mil bens.

MARY.

Eu cuidava que Salomão mandaria com effeito dividir este menino em dous, e por isso estava tremendo de medo.

BONNA.

Um Rei, a quem Deos tinha dado a sabedoria, não havia de commetter um tão grande delicto. Mas pergunto: Não admirais vós alguma cousa no procedimento de Salomão?

ALTIVA.

Sim, minha Bonna, eu me admiro de que este Principe, sendo tão moço, preferisse a sabedoria a tudo o mais.

SENSATA.

Eu, senhora Bonna, admiro a bondade de Deos, por lhe dar as riquezas, e grandezas, que elle não tinha pedido.

BONNA.

Pedio Salomão uma cousa estimavel; mas obraria muito melhor, sem d'úvida, se pedisse a Deos graça para guardar fielmente os seus Mandamentos; pois alcançaria com esta graça a sabedoria, assim como as outras cousas que o Senhor se dignou conceder-lhe por accrescimo.

CARLOTA.

Dizeis isso porque Salomão não foi sempre homem de probidade?

BONNA.

Sim, menina; pois se esqueceo de tudo o que devia a Deos, e fez-se idolatra.

ESPIRITUOSA.

Então de que lhe servio a sabedoria?

BONNA.

A sabedoria humana é um nada, como também a viveza, e os talentos; porque estas vantagens não são preciosas, senão quando se lhes une o temor de Deos. Salomão foi o mais sá-

bio de todos os homens : compoz obras admiraveis, e fallou em os seus livros de todas as arvores, e de todas as plantas ; porém de que lhe servio tudo isto, se teve a desgraça de morrer sem arrependimento das suas culpas ?

MOLLY.

Pois elle não pediu perdão a Deos antes de morrer ?

BONNA.

A Escriptura declarando-nos os seus peccados, não nos diz nada da sua penitencia. Eu tenho com tudo ouvido dizer que alguns sábios são de opinião que elle se convertêra ; porém isto não é certo, porque a Escriptura o não diz ; e devemos tremer de uma similhante cousa. Uma desgraçada paixão foi a que arrastou Salomão para os vicios. Agradou-se elle das mulheres estrangeiras, e as desposou contra a prohibição que Deos lhe tinha feito ; e querendo estas mulheres conservar os idolos dos seus falsos Deoses, elle lhes mandou offerrecer incenso, sómente por comprazer-lhes : percebendo-se bem que Salomão tinha muita prudencia, para que adorasse verdadeiramente os Deoses de pedra, e de páo.

ESPIRITUOSA.

Os Contos Arabes, senhora Bonna, que eu já li, dão grande authoridade a Salomão, e dizem

que elle governava todas as creaturas elementares ; e que aquelles que puderem ter o seu annel as hão de tambem dominar.

MARY.

Que quer dizer creaturas elementares, senhora Bonna ?

BONNA.

São as creaturas que habitão nos elementos, segundo o que creem os Turcos, e os Arabes ; e já vos adverti que os antigos sô conhecião quatro elementos, que vem a ser : o Fogo, o Ar, a Terra, e a Agua. Isto supposto, creem elles que o ar está cheio de creaturas, que se chamão Sylfos ; que ha outras na terra, chamadas Gnomos ; que o fogo tem habitadores, a que chamão Salamandras ; e que tambem se achão outros na agua, a que chamão Ninfas. Dizem mais, que estas creaturas são superiores aos homens, a quem Deos permite que fação bem, e mal ; porém ao mesmo tempo tambem dizem que os sábios deste Mundo tem uma grande authoridade sobre estes espiritos, assim como a teve Salomão n'outro tempo ; e que elles os obrigão a obedecer-lhes com mais promptidão do que os escravos a seus senhores ; e não sómente a si, mas ainda áquelles a quem elles têm dado umas certas figuras, chamadas Talismans.

MOLLY.

Que quer dizer Talismans?

BONNA.

E' um annel, ou um pedaço de metal, em que algum destes sábios gravou certas letras.

CARLOTA.

E tudo o que se diz destas creaturas elementares, e desses Talismans, é verdadeiro?

BONNA.

Como os contos das fadas que eu vos tenho repetido, meninas; e com tudo isto, tenho achado pessoas de juizo, que teem a facilidade de acreditar todas estas cousas; pois tendo lido, quando moças, os Contos Arabes, e outros livros do mesmo gosto, e não havendo quem lhes advertisse que erão estes contos fabulosos, veio a perturbar-se-lhes o cerebro.

MARY.

Dissestes-nos, senhora Bonna, que os Turcos creem que Deos permite ás creaturas elementares que fação bem, e mal aos homens; pois os Turcos creem em Deos? Eu julgava até aqui que erão huns homens perversos, que adoravão os idolos.

ALTIVA.

E tambem eu, senhora Bonna, julgava que elles adoravão a Mafoma.

BONNA.

Era engano, menina ; pois os Turcos não são idólatras, e adorão um só Deos, e o mesmo que nós adoramos. São sim infiéis, porque não creem que Jesu Christo seja Deos, e dizem que é um grande Profeta, que Deos enviou aos Christãos, como enviára Moysés aos Judeos, e Mafoma aos Mahometanos. Além disto os Turcos não são mãos, antes pelo contrario teem muito bom coração, porque usão de caridade ; estão tão longe de fazer mal aos homens, que teem ainda compaixão dos animaes ; e ha Turcos que deixão, quando morrem, uma certa quantia, para que se comprê carne para os cães, e mantimento para os passaros.

SENSATA.

Logo, não sei, minha Bonna, donde nasceo este prejuizo de se reputarem os Turcos como gente cruel. Será talvez porque maltractão os Christãos ?

BONNA.

Assim acontece muitas vezes, querida, mas isto procede de que elles nos desprezão ; pois dizem que somos cães ; não porque sejamos Christãos, mas porque não seguimos os preceitos que Jesu Christo, nosso Profeta, nos deixou ; e quando encontrão algum Christão, que é homem de probidade, estimão-no e não lhe fazem mal.

MARY.

E quereis vós, senhora Bonna, dizer nos quem foi Mafoma ?

BONNA.

Contar-vos-hei o que delle tenho lido em varios livros, menina, porque nunca li a sua historia seguida. Eu julgo que Mafoma foi um criado de um Mercador, e que, depois deste morto, casou com a sua viuva. Tinha elle muita viveza, animo, e sobre tudo uma ambição desmarcada ; e como o seu nascimento o reduzia a passar uma vida obscura, determinou distinguir-se inventando uma nova Religião. Era este projecto tanto mais facil, quanto os Christãos que vivião naquellas terras erão ignorantissimos ; como tambem um grande numero de Judeos , e idólatras, que não erão mais instruidos. O que dá bem a conhecer o espirito de Mafoma, é que até se valeo, para estabelecer a sua Religião, de uma doença que o affligia, e que mais devia concorrer para não conseguir o seu fim. Chama-se a esta doença gotta coral. Talvez que não tenhais conhecimento della, meninas : aquelles que são accommettidos della, cahem repentinamente no chão, agitação-se horrorosamente, lanção espuma pela bôca, como enraivados, e depois ficão ordinariamente muito tempo sem darem acordo de si. Como Mafoma sentiu estes

effeitos, quando era accommettido de algum ataque deste terrivel mal, dizia que então estava em extasis, isto é, que Deos lhe fallava, ou o levava ao Ceo, para lhe declarar a sua vontade.

ESPIRITUOSA.

E achava elle gente tão nescia, que lhe désse credito ?

BONNA.

As pessoas de juizo zombárão d'elle ; mas bem sabeis que não são estas as que fazem o maior número. Vio-se com tudo Mafoma obrigado a fugir ; mas estes embaraços ainda o não desanimárão. Fundou a sua nova Religião de modo que pudesse adquirir-lhe discipulos ; pois para conciliar os Christãos fallava sempre de Jesu Christo honrosamente, e como de um grande Profeta que merecia ser respeitado. Dizia outro tanto de Moysés, para attrahir os Judeos ; e para que os Pagãos se não escandalizassem, conservou muitas das suas ceremonias. Dizia elle que, dando Deos uma lei a Moysés com trovões, e relampagos, quizera fazer-se obedecer pelo terror ; que, frustrando-se este meio, tinha mandado outro Profeta, que obrigasse os homens a obedecer-lhe pela doçura ; e que, ficando este meio ainda sem effeito, o tinha mandado a elle para obrigar os homens pela espada a serem-lhe fiéis. Segundo este principio, dizia que a sua seita se

devia estabelecer pelas armas, e isto lhe trouxe de todas as partes um grande número de homens, que esperavão adquirir a sua fortuna, se o seguissem : deste modo foi que Mafoma de Legislador se fez Monarca, e deixou o throno á sua posteridade. O seu tumulo está em Meca, e é reverenciado pela maior parte dos póvos da Asia, que são Mahometanos.

ESPIRITUOSA.

Mas como se deixárão enganar tantos póvos ?

BONNA.

E' porque na Religião de Mafoma havia certos pontos capazes de reduzir os homens. Por exemplo, permite-lhes ella terem tantas mulheres, quantas possão sustentar, e promete-lhes na outra vida um paraíso, no qual se ha de viver á vontade de cada um, e onde se beberão excellentes licores, que não embebedão ; porque aquelles que podem fazer perder o juizo são prohibidos aos Mahometanos. O que augmentou ainda mais a Religião de Mafoma foi a prohibição que elle fez aos seus sectarios, do estudo das sciencias, e da Religião, por saber que a sua seita não poderia subsistir, senão ajudada da ignorancia. Todos os seus livros se restringem ao Alcorão, que é obra de Mafoma, e encerra uma recopilção de sentenças, e orações sem ordem alguma : li uma parte dellas, mas

como me desgostarão não tive animo para aca-
ballas.

ESPIRITUOSA.

E é certo que se não imprimem livros en-
tre os Turcos?

BONNA.

Dizem que elles já teem impressas ha mui-
tos annos; o que não deixa de ser contrario aos
seus principios.

SENSATA.

Quereis vós, minha Bouna, permittir-me que
conte a estas senhoras o que acontecco quando
os Mahometanos tomárão a cidade de Alexan-
dria?

BONNA.

De boa vontade, menina.

SENSATA.

Havia na cidade de Alexandria uma biblio-
theca magnifica, que os Reis do Egypto tinham
ajuntado com um cuidado extraordinario. Não
se compunha ella de livros, como os nossos; por-
que naquelle tempo ainda se ignorava a arte de
imprimir, e por isso erão todos manuscriptos.
Tomando os Mahometanos esta cidade, um sá-
bio, que tinha contrahido amizade com o seu
General, pedio a este um grande número de li-
vros. Não ousou o General conceder-lhe o que
lhe pedia, e por isso escreveo a seu amo, per-

guntando-lhe o que devia fazer daquella bibliotheca. Eis-aqui o que lhe elle respondeo: *Se não houver em todos esses livros senão as mesmas cousas, que ha no Alcorão, são inúteis, e por isso é necessario queimallos; e se houver nelles outra cousa differente, tambem é necessario queimallos.* Queimárão pois esta bibliotheca, na qual havia uma tão grande quantidade de livros, que durante seis mezes se aquentárão com elles os banhos públicos.

ESPIRITUOSA.

Eu pasmo, senhora Bonna! Que perda tão grande! Tambem eu seria do parecer do sábio; pois pediria que me dessem esses livros, em que teria que ler toda a minha vida.

ALTIVA.

Segundo o que vejo, sois muito amiga de ler?

ESPIRITUOSA.

Estimo mais a lição, do que tudo o que ha no mundo, e em sua comparação não é nada para mim a opera, o baile, e o passeio: não me importaria mesmo estar mettida em uma prizão, se me dessem livros, em que sempre estivesse lendo.

ALTIVA.

Eu não sou da vossa opinião, e vos confesso que nunca pude ler: se não fosse por obedecer á senhora Bonna, nunca leria. No principio ain-

da me custava isto mais ; e ainda que agora me desgosta menos, sempre conheço em mim que nunca hei de gostar da leitura tanto como vós dizeis : parece-me que isso é um desatino.

BONNA.

Tendes razão, menina, e na realidade é isso uma especie de loucura. Eu fui como a senhora Espirituosa, quando era da sua idade, e ainda hoje não sou a este respeito mais comedida ; mas confesso que o querer ler com tal excesso, é um defeito ; porém ainda o é muito maior não querer absolutamente abrir um livro. E' este o defeito das nescias ; e se eu o tivesse, procuraria emendar-me d'elle, occultando-o com toda a vigilância, com o receio de me terem por estúpida.

ALTIVA.

Mas de que serve ser inclinada á lição ?

BONNA.

Para mil cousas, querida ; pois quem lê instrue-se, emenda-se, occupa-se ; e, como disse Espirituosa, uma pessoa applicada não tem motivo para se enfadar em um deserto, ou em uma prizão. Além disto o tempo que se gasta com os livros é mais bem empregado do que aquelle que se perde com o jogo, e com os espectaculos. Adeos, meninas, já passou o tempo da nossa lição.

DIALOGO XXIX.

VIGESIMO SETIMO DIA.

BONNA.

QUE tendes, Carlota, pois vos vejo os olhos como de quem tem chorado?

CARLOTA.

Eu não mereço que estas senhoras me admittão na sua companhia, senhora Bonna; pois tenho commettido mil desatinos depois que daqui fui o outro dia.

BONNA.

Bem sei que isso é máo, menina, porém como conheceis o vosso erro, e vos arrependeis d'elle, já não é tão pouco: o ponto é agora reparallo, e por isso deveis confessar o que fizestes, diante destas senhoras.

CARLOTA.

Não me atrevo, minha Bonna, por ser uma cousa muito horrorosa, e não poderão estas senhoras ouvilla.

BONNA.

Se ellas discorressem desse modo, menina, faltar-lhes-hia a caridade; principalmente sabendo que todas sômos capazes de commetter

as maiores faltas, e que, se as não obramos, é por misericórdia de Deos: aquella que for tão soberba, que despreze um peccador que se arrepende, ficará bem criminosa diante do Senhor. Porém, querida, ainda que fosse certo que estas senhoras vos houvessem de desprezar por causa da vossa culpa, sempre vos deveis sujeitar a confessalla; porque de outra sorte seria não ter receio de ficar desprezada na presença de Deos, peccando, e recear ser desprezada das creaturas, o que não é racionavel. Aposto eu que a vossa soberba é que deo causa á vossa falta? Pois se assim é, o seu verdadeiro castigo é confessalla.

CARLOTA.

Tendes razão, senhora Bonna. A minha soberba faz com que eu olhe para os criados como meus escravos, e que me encha de cólera, quando me replicão. Hontem, depois que comi até estar satisfeita, puz-me a partir o pão em bocadinhos, e a espalhallos pelo chão: vendo isto a minha aia, me disse que mo havia de tirar de diante de mim; ao que eu respondi que ainda tinha fome, e que o queria comer. Menti eu nisto, pois não tinha fome, e só o fazia por espirito de contradicção; conhecendo-o muito bem a minha aia, mandou á criada que me tirasse o pão; e como ella lhe obedeceo, dei-

lhe uma bofetada, bati-lhe o pé, e queria ainda tornar-me a ella.

BONNA.

E' certo, menina, que vos deveis envergonhar de uma acção tão indigna ; porém não vos quero dar mais reprehensões, por ver que vós mesma vos tendes reprehendido ; e antes que vos diga o que deveis fazer para reparardes esta falta, quero contar-vos huma historia.

Houve na cidade de Athenas uma mulher moça, chamada Elisa, a qual era quasi do vosso genio. Tinha um grande número de escravos, que erão as mais desgraçadas pessoas que podia haver pelo que ella lhes fazia ; pois os castigava, e injuriava sem termo, e quando alguém lhe dizia, que fazia mal em os tratar daquelle modo, respondia : Estas creaturas nascêrão para soffrer o meu genio, e por isso é que os comprei, sustento, e visto, e ainda podem dar-se por muito contentes de me terem achado para os sustentar. Tinha esta tyranna moça, principalmente, uma aia, chamada Mira, que era a que mais lhe soffria, sendo com tudo uma excellente creatura ; porque não obstante o máo modo de sua senhora, lhe era ella muito inclinada, desculpava as suas faltas quanto podia, e daria o sangue das vêas, se a pudesse fazer mal comedida. Teyo Elisa que fazer uma viagem por

mar ; e sendo esta por causa de negocio preciso, e em que não havia de gastar muito tempo, não levou consigo mais do que esta aia. Mal ella tinha entrado no mar largo, se ergueo uma grande tempestade, que desviou o navio do seu caminho. Depois de ter corrido assim muitos dias pelo mar, aquelles que governavão o navio, descobrirão uma Ilha, onde lhes foi necessario abordar, por não saberem em que altura estavão, e lhes faltarem os viveres. Entrando no porto, sabio-lhes ao encontro uma chalupa, perguntando-lhe, os que vinhão nella, pelos seus nomes, e suas qualidades. Mandou então a orgulhosa Elisa escrever os appellidos da sua familia, que enchêrão mais de uma pagina, parecendo-lhe que isto obrigaria aquella gente a respeitalla. Ficou porém toda suspensa, quando elles lhe derão as costas, sem lhe fazer civilidade alguma ; e ainda cresceo mais a sua admiração, depois que a sua escrava declarou o seu nome, e a sua qualidade ; pois aquella gente lhe rendeo toda a sorte de respeito, e lhe disse que podia mandar naquelle navio, de que era senhora. Escandalizárão estas razões a Elisa, e disse á sua escrava : Sóis bem indiscreta em ouvir o que esta gente vos diz. Reprimi-vos, senhora, lhe disse o mestre da chalupa, e reparai que não estais agora em Athenas. Sabei que trezen-

tos escravos, por desesperação do máo trato de seus senhores, se refugiárão nesta Ilha ha trezentos annos, e teem fundado huma républica, na qual todos os homens são iguaes; e por isso estabelecêrão uma lei, á qual vos deveis sujeitar, por bem, ou por mal. Determina esta, para mostrar aos senhores quão mal obrão em abusar do poder que teem sobre seus domesticos, que sejam condemnados a ser escravos alternativamente. Aquelles que obedecem sem repugnancia podem esperar que se lhes dê liberdade: porém os que não querem submetter-se ás nossas leis ficão escravos toda a sua vida. Tendes todo este dia para vos queixar, e costumar-vos á vossa má fortuna; mas se ámanhã fizerdes a minima queixa, ficareis escrava para sempre. Aproveitou-se Elisa da liberdade, que lhe concedião, e proferio neste dia mil injurias contra a Ilha, e seus habitadores; porém Mira, valendo-se de um momento em que ninguem a via, se lançou aos pés de sua senhora, e lhe disse: Consolai-vos, senhora, e crêde que não hei de abusar da vossa infelicidade, antes vos respeitarei sempre como minha senhora. Fallava a pobre moça do mesmo modo que o sentia; porém era por não conhecer as leis do paiz. Fizerão-na ao outro dia vir diante dos Magistrados com sua senhora, que era já sua escrava. Mira, (lhe

disse o primeiro Magistrado) é necessario que vos instruais nos nossos costumes ; e sabeí que se os não observardes, ha de custar a vida a vossa escrava Elisa. Recordai-vos bem fielmente do tratamento que ella vos deo em Athenas ; pois é necessario que pelo espaço de oito dias a trateis como ella vos tratou, e tomai juramento de assim o observardes, podendo no fim de oito dias tratalla como vos parecer. E vós, Elisa, lembrai-vos que a menor desobediencia vos ha de fazer escrava toda a vossa vida ; e ouvindo isto, Mira, e Elisa se puzerão a chorar. Mira chegou mesmo a lançar-se aos pés do Magistrado, e a pedir-lhe que a dispensasse de dar aquelle juramento ; porque, accrescentou ella, morrerei de dôr, se fôr necessario observallo. Levantai-vos, senhora, disse o Magistrado para Mira : agora vejo que esta creatura vos tratava de hum modo bem deshumano, visto que tremeis de a imitar. Eu quizera que a lei me permittisse conceder-vos o que me pedís ; mas isso não póde ser : tudo o que posso obrar em vosso favor, é diminuir o numero dos dias, e reduzillos a quatro ; porém não me repliqueis, porque se disserdes mais uma palavra, não vos tirarei nenhum. Tomou pois Mira o juramento, e declarou a Elisa que a sua escravidão havia de começar ao outro dia. Mandarão para casa

de Mira duas mulheres, que devião escrever todas as suas palavras, e acções pelo espaço de quatro dias. Vendo-se Elisa nesta extremidade, sujeitou-se á escravidão, como uma mulher do animo; pois não obstante a sua altivez, não era ella destituida delle.

Determinou pois ser tão exacta em servir Mira, que não tivesse ella motivo para a maltratar; sem que se lembrasse que esta havia de copiar todas as suas teimas, e os seus caprichos. No dia seguinte de manhã chamou Mira a Elisa, que esteve a ponto de partir a cabeça por acudir depressa á sua Senhora; porém isto não lhe valeo de nada, e disse-lhe Mira com voz áspera: Em que se occuparia agora esta indigna, pois gastou um quarto de hora depois que a chamei? Affirmo-vos, senhora, que deixei o que estava fazendo, quando vos ouvi chamar. Calai-vos, lhe disse Mira, sois uma impertinente falladora, que não sabeis senão responder fóra de proposito: dai-me o meu vestido, para me eu levantar. Foi Elisa chorando buscar o vestido, que Mira trouxera no dia antecedente; porém dando-lhe Mira com elle na cara, lhe disse: Como esta moça é tola! E' necessario dizer-lhe tudo. Não sabeis que havia de vestir hoje o meu vestido azul? Tornou Elisa a chorar; porém não teve a minima palayra que dizer, lembrando-se

mui bem que em Athenas era necessario que Mira advinhasse as suas vontades para não ser reprehendida. Depois que sua senhora se acabou de vestir, e de lhe ter trazido o almoço, desceo ella para a cosinha a almoçar; porém mal se tinha assentado, soou outra vez a campainha; o que aconteceu mais de dez vezes n'uma hora, e isto só para Mira lhe pedir algumas ninharias. Umaz vezes tinha-lhe esquecido o lenço em outro quarto, outras chamava-a para abrir a porta a um cão, e sempre a fazia erguer por cousas desta ponderação. Era necessario, com tudo, descer, e subir duas grandes escadas, de sorte que a pobre Elisa não podia já ter-se de pé, por estar muito cançada, e dizia comsigo: certamente a pobre Mira padeceo muito comigo, sendo-lhe necessario principiar o mesmo trafego todos os dias. A's duas horas lhe disse a senhora, que queria ir ao theatro, e que assim era necessario toucalla; e lhe disse além disto, que queria que os seus cabellos fossem repartidos em anneis; porém, parecendo-lhe depois que este penteado lhe faria a cabeça mui disforme, mandou-o desfazer, e que fizesse outro; de sorte que até ás seis horas, que ella sahio, foi Elisa obrigada a estar de pé, e a soffrer outras muitas injurias, ouvindo dizer que era uma tola sem habilidade, e que não merecia o que lhe dava de

comer. Voltou Mira do theatro ás duas horas da noite, por ter ceado fóra, e vinha de máo humor, porque tinha perdido ao jogo. Desafogou pois a sua mágoa na sua aia : e como esta quando a destoucava, lhe puxasse pelos cabellos por acaso, lhe deo uma bofetada. Faltou o soffrimento a Elisa : porém lembrando-se que tinha dado mais de dez em Mira, esta lembrança fez com que se reprimisse. Quero sahir amanhã ás dez horas, e hei de levar o meu toucado de rendas, disse Mira a Elisa. Não está lavado, disse a escrava, e bem sabeis que são necessarias cinco horas para o preparar. Senhora, disserão as duas mulheres da Ilha a Mira, adverti que esta pobre moça tem necessidade de dormir. Não ha de morrer, se passar uma noite em claro, respondeo Mira ; e para o trabalho é que nasceo. Cumpre-me ter paciencia, disse Elisa comsigo, já lhe fiz perder mais de vinte noites para satisfazer o meu gosto. Executou Mira, pelo espaço de quatro dias, tanto á risca todas as ridicularias de sua senhora, que veio Elisa a perceber toda a aspereza com que a tinha tratado, e vio claramente que se tinha comportado como barbara, para com aquella escrava. Estava já tão fatigada, passados os quatro dias, que cahio doente. Mandou-a Mira deitar na sua propria cama, preparou-lhe ella mesma a comida,

e a servio com o mesmo zelo, como se estivesse em Athenas. Elisa, porém, não recebia já este tratamento com a mesma altivez, e estava tão confusa do bom coração da sua escrava, que consentiria em servilla toda a sua vida, para assim compensar-lhe todo o mal que lhe tinha feito. Esqueceo-me de vos dizer, que tinham cativado no mesmo navio em que vinha Elisa, outras senhoras, e cavalheiros de Athenas; porém como estas pessoas não fossem da sua graduação, tinha pouco conhecimento dellas, e não se cançou em adquirillo. Passado um mez, mandarão ajuntar todas estas pessoas; e os Juizes, que forão nomeados para isto, examinarão o seu procedimento, e começarão pelo exame das senhoras feitas escravas, para saberem como se achavão com a sua nova condição.

Todas confessarão, suspirando, que lhes era bem pezado estar sujeitas áquellas a quem deverião mandar. E porque? lhes perguntarão os Juizes: cuidais que tendes direito de mandar os vossos escravos? Tem por ventura a natureza posto entre vós e elles alguma distincção real? Parece-me que não ousareis affirmallo. O escravo, o criado, e o amo descendem do mesmo pai; e pondo-os os Deoses em condições tão diferentes, nunca quizerão que uns fossem mais do que os outros, segundo a sua sabedoria; porque

a virtude é a que regula as dignidades diante da sabedoria Divina. E' este o unico titulo de que ella faz caso ; e para facilitar o exercicio de todas as virtudes, é que permittio as differentes condições. O escravo deve distinguir-se pela affeição que deve ter a seu senhor, pela fidelidade, e zelo das suas occupações. E' necessario que os senhores, pela suavidade, e caridade moderem a dureza que está annexa á condição do escravo ; e é necessario tambem que os escravos, pela sua affeição, obediencia, e zelo recompensem a seus senhores o bem que lhes fazem. Vós já experimentastes estas duas condições, disse o Juiz aos senhores feitos escravos ; e isto vos deve servir de lição, para que, depois que tornardes para Athenas, não trateis mais os vossos domesticos de outra sorte do que querieis que elles vos tratassem no tempo que aqui tendes estado. Fallando depois o Juiz aos escravos feitos senhores, lhes disse : A lei vos permite dar liberdade a vossos escravos ; porém não vos obriga a isso. Podeis conservallos aqui toda a vossa vida ; podeis tambem enviallos para Athenas ; e podeis, se quizerdes, voltar com elles : todos aquelles, que quizerem dar liberdade a seus antigos senhores, venhão escrever os seus nomes neste livro. Esperava o Juiz que Mira fosse a primeira em dar liberdade a sua

senhora ; porém ella permaneceu no seu lugar, assim como outra mulher, e um mancebo que tinha o mais bello rosto que podia haver. Perguntarão a esta mulher, por que razão não dava a liberdade a sua senhora, que mostrava ser uma boa velha ? E', respondeo esta escrava, chamada Belliza, porque tendo sido vinte annos sua escrava, é justo que tenha agora a alternativa por outro igual número de annos ; pois estou já cançada de obedecer, e quero gozar mais tempo o gosto de mandar. Ao mesmo tempo o mancebo, que tenho dito que era dotado de uma tão bella presença, e que se chamava Zenon, se adiantou para o Juiz, e lhe disse : Não me encaminhei para vós, para assignar o acto de liberdade de meu senhor, porque elle deixou de ser escravo desde que tive a liberdade de o tratar conforme a minha vontade ; e lhe peço perdão por ter sido obrigado a maltratallo por espaço de oito dias. A lei mandava-me copiar as más acções, que elle tivesse obrado a meu respeito ; porém posso affirmar-vos que estes dias me tem isto custado mais do que a elle. Podeis mandallo para Athenas, que eu me offereço a partir com elle, e a servillo toda a minha vida, se elle o quizer assim ; pois conheço que me comprou, que lhe pertenceo, e não creio que possa com honra, e em consciencia aproveitar-me de

um accidente, que me dá a liberdade, sem lhe restituir o dinheiro por que elle me comprou. Respondeo este mancebo por mim, disse Mira, e a sua historia é a minha mesma : mandai-nos depressa para Athenas, pois me diz o coração que hei de ser lá mais feliz; e se me não enganano, a minha amada senhora, depois de conhecer a minha affeição, me ha de tratar com mais humanidade do que até aqui. Interrompeo Elisa a sua escrava, e disse ao Juiz : Se eu tenho estado calada até aqui, é porque a vergonha, e a confusão me prendião a lingua. Esta pobre escrava é digna de ser minha senhora toda a sua vida, e eu nem mereço ser sua escrava. Até agora me julgava eu de outra especie diferente da sua, e vejo que me não enganava totalmente, pois tinha mais do que ella nome, riquezas, soberba, e rigor ; e ella me excedia em ter um bom coração, em paciencia, em humanidade, e em generosidade. E que seria eu hoje, se ella só tivesse os meus titulos ? Reconheço já pois, com prazer, a superioridade que ella tem a meu respeito : acceito a liberdade, que me dá, e lhe agradeço o querer tornar comigo para Athenas, onde terei occasião de lhe mostrar o meu agradecimento, repartindo com ella os meus bens, e tratando-a como uma amiga respeitavel, **oujos**

conselhos sempre seguirei, e cujos exemplos farei muito por imitar.

O senhor de Zenon, que não tinha ainda dito nada, se seguiu. Chamava-se elle Zenocrates; e fallando aos Juizes, lhes disse: Eu participo da confusão de Elisa; assim como ella, tambem eu maltratei um escravo, que me era muito superior pela nobreza de seus sentimentos; e á imitação della, tenho o mais sincero arrependimento de meu máo modo, o qual quero emendar, fazendo a Zenon a mais vantajosa conveniencia. Então o Juiz, fallando a toda a assembléa, proferio esta sentença: « A escrava que » não teve piedade do estado de sua senhora, » por ser velha, tem o sentimento de escrava, » e assim uós a condemnamos a que fique na » escravidão o restante da sua vida; pois é es- » ta a condição que convém á dureza do seu » coração; porém exhortamos a sua senhora a » que não abuse da authoridade, que lhe damos sobre ella; porque, não sendo assim, far-se-hia tão vil como aquella escrava. Aquelles que pedirão que se mandassem seus senhores para Athenas, e querem ficar na nossa Ilha, fiquem nella; mas debaixo de qualidades differentes. Entre estes ha dous, que maltratavão seus senhores depois de passados

» os oito dias do seu rigor, os quaes ficarão a-
» qui mesmo escravos; porque toda a pessoa
» que não tem humanidade, e docura, é solta
» de discurso, e deve com justiça permanecer
» na condição mais desprezível, para a qual só-
» mente nasceo, e não merece outra. Os ou-
» tros escravos, que tratarão bem os seus se-
» nhores, e do mesmo modo que elles quere-
» rião que os tratassem, nós os admittimos en-
» tre os nossos cidadãos. Em quanto a Mira, e
» a Zenon, a sua virtude é superior aos nossos
» elogios, e ás nossas recompensas; por isso
» ainda quando ficassem escravos toda a sua vi-
» da, os seus sentimentos os farião superiores
» aos Reis; deixamo-los á providencia dos Deo-
» ses, sem querermos decidir do seu estado, e
» lhes permittimos que tornem para Athenas
» com Zenocrates, e Elisa, que são dignos de
» serem senhores; porém, ou elles fiquem se-
» nhores, ou não, serão sempre os mais respei-
» taveis de todos os homens, e honrarão o es-
» tado em que os Deoses os quizerem collocar.

Agradecêrão Elisa, e Zenocrates, antes de partir, aos habitadores da Ilha, o que lhes tinham feito; e lhes disserão que nunca lhes esquecerião as lições de humanidade, que delles tinham recebido. Pelo tempo da viagem, que fizerão para Athenas, Zenocrates, e Zenon, co-

nhecendo mais particularmente as boas qualidades de Elisa, e de Mira, se agradarão dellas, e pedindo-as por esposas, forão recebidos dellas favoravelmente, e as desposarão á sua chegada a Athenas. E como estes dous fiéis escravos não quizerão separar-se de seus senhores, posto que tivessem recebido delles a liberdade, forão incumbidos do governo de toda a sua casa, em que se occuparão com um zelo, e fidelidade, que podem servir de exemplo a todos aquelles que a providencia pôz na escravidão. E' verdade que seus senhores se não esquecerão nunca das suas virtudes, e os tratarão menos como pessoas que a fortuna lhes tinha submettido, do que como amigos que merecião a sua amizade, o seu amor, e ainda o seu respeito.

E então, Carlota, se estivessemos agora na Ilha dos Escravos, que vos aconteceria?

CARLOTA.

Maltratar-me-hia a minha criada, dar-me-hia uma bofetada, chamar-me-hia impertinente, e insolente.

BONNA.

Era justo que assim fosse, querida; porém eu não peço tanto, e só quero que se castigue a vossa falta. Eu me acharei ámanhã em vossa casa a hora de jantar, e mandarei assentar a

vossa criada á meza em vosso lugar, e se quizerdes, servilla-heis. Estremeceis, Altiva?

ALTIVA.

Sim, minha Bonna, parece-me que nunca me poderia resolver a obrar isso: pois essas pessoas são tão insolentes, e estão tão promptas a perderem o respeito, que teria medo de lhes dar a minima liberdade.

BONNA.

Estais enganada, menina, porque os vossos vicios são os que vos adquirem o desprezo de vossos domesticos, e não o que fazeis para os reparar. Eu conheci uma certa mulher, chamada Tomella, que tinha sido aia da senhora de Beaujolais, Princeza do sangue Real de França, a qual me contou que, tendo a senhora de Beaujolais o melhor coração que podia haver, era tão viva, que lhe escapava dizer ás vezes algumas cousas injuriosas: e eis-aqui o que Tomella me contou a seu respeito.

Pôz um dia a senhora de Beaujolais sobre o seu toucador uma chicara, que era para café, com agua de flôr de laranja. A pobre Tomella, que de sua natureza era impaciente, vendo esta chicara fóra do seu lugar, julgou que se tinham esquecido de a levar, e sem examinar o que estava dentro, lançou aquella agua em uma bacia. Vindo a Princeza vestir-se, perguntou pe-

la agua de flôr de laranja ; e dizendo-lhe Tomella, que a tinha lançado fóra por cuidar que era agua commum, lhe disse muitas palavras injuriosas. Tinha a senhora de Beaujolais uma irmã, mais moça do que ella, que veio a casar depois com o Principe de Conti, a qual tinha o coração de um Anjo. Achando-se esta só com sua irmã, lhe disse : Affirmo-vos, minha querida irmã, que se eu tivesse commettido um tão grande desatino, como o que commettestes esta manhã, não poderia dormir esta noite. A senhora de Beaujolais, tendo-lhe esquecido a reprehensão que déra a Tomella, perguntou a sua irmã que grande culpa era aquella de que a reprehendia ; e então a outra lhe recordou o que tinha feito. Pois não é mais do que isso ? (lhe disse a Princeza mais velha rindo-se). Ah minha irmã ! (lhe diz a mais nova) muito me affligis com isso : e chamais vós um pequeno delicto uma grosseria que traspassou o coração da pobre Tomella ? Desde esta manhã está ella a pessoa mais triste, que póde haver, e estou certa que ainda não comeo um só bocado com vontade. As palavras dos Principes iñtroduzem a alegria, ou a mágoa na alma daquelles que os servem ; e por isso devem tomar sentido em não proferir palavras duras, ou de desprezo ; pois são estas uma espada penetrante, que fere o co-

ração daquelle contra quem se encaminha, principalmente se fôr uma pessoa que nos tenha affecto. Não vos demoreis, minha irmã, em dar alegria a esta pobre moça, reparando a vossa falta a seu respeito. Minha irmã, (respondeo a senhora de Beaujolais) confesso estar-vos obrigada pela vossa advertencia; e conheço que é justa, e vos prometto que hei de tomar mais sentido daqui em diante no que disser. Mas como hei de eu emendar o passado? não quereis sem duvida, que peça perdão a esta mulher, que é menos que a ultima das minhas aias. E porque duvidais vós de pedir-lhe perdão, se a offendestes fóra de proposito? (lhe respondeo a Princeza mais nova) Uma pessoa da nossa gradação, crêde-me, minha irmã, só se abate, e se faz desprezível quando commette algumas faltas; porém quando tem valor para as emendar, então é que se estima mais, e desempenha melhor o seu character: por mais que digais, que esta moça é muito menos que vós, essa differença não é real, senão tendo vós mais virtude do que ella. Eis-aqui o que a razão me tem dictado, querida irmã; e eis-aqui tambem o que o vosso entendimento vos dictará, se lho quizerdes dar attenção. Com effeito a senhora de Beaujolais conheceo a verdade do que sua irmã lhe dizia; e sendo costume em França, que

a pessoa mais distincta dê a camisa á Rainha; ou ás princezas, quando se ellas vestem, serviço que ordinariamente faz a primeira Dama de Honor; quando a Senhora de Beaujolais se houve de vestir de tarde, disse á primeira Dama: Permitti-me que Tomella me dê a minha camisa, pois, reprehendendo-a esta manhã, tenho agora grande pezar de o ter feito. Estava esta pobre moça escondida por detrás das outras, e não se atrevia a apparecer; porém qual não foi a sua alegria, quando ouvio fallar assim a sua ama! Depois que lhe deo a camisa, lançou-se a seus pés, e lhe beijou a mão, que a Princeza lhe deo com agrado, a qual ella molhou com suas lagrimas, e lhe disse, que estava tão humilhada, que quereria em reconhecimento de tanta bondade metter-se debaixo do chão, e que se arrependia, como de um sacrilegio, de alguma palavra que tivesse proferido contra uma tão boa ama. Eis-aqui, senhoras, o effeito que causa nos domesticos a emenda dos defeitos, pois os humilha, e lhes faz crear affecto; e por isso espero que Carlota ha de fazer o que lhe tenho dito, para emendar os seus defeitos.

CARLOTA.

Sim, minha Bonna, eu farei de boa vontade tudo isso; e ainda que eu não seja uma tão grande senhora, como essa Princeza, porque não

emendarei eu os meus defeitos, assim como ella?

ESPIRITUOSA.

Onde estão agora essas duas Princezas, minha Bonna?

BONNA.

Morrêrão ambas ainda muito moças, querida; e se não tivéssemos tão pouco tempo, contar-vos-hia ainda outras muitas cousas dignas de memoria; porém ficará para outra vez, e agora repita Molly a sua historia.

MOLLY.

Vendo-se Salomão socegado no seu Reino, cuidou seriamente em edificar um Templo ao Senhor. Para isto pediu a Hirão, Rei de Tyro, madeira de cedro, que é um páo precioso, e se servio della para edificar o Templo, que mandou cobrir em parte de ouro; havia tambem nelle um Altar de ouro, e dez candelabros; e uma grande parte dos vasos do Templo, erão de uma materia preciosa, ou admiravel pelo seu feitio. Depois que este edificio se acabou de construir, mandou Salomão pôr nelle a Arca, que encerrava as Taboas de pedra, em que Deos escrevêra a Lei. Fez depois Salomão a dedicação do Templo, sacrificando um grande número de victimas, e pedindo ao Senhor, que quizesse residir nelle, isto é, que ficasse de um modo par-

ticular naquella casa, que elle lhe edificára, ainda que reconhecia que não era digna daquella que os Ceos não podem conter. Pedio-lhe tambem que ouvisse os votos daquelles que lhe rogassem naquelle Templo; e querendo o Senhor mostrar-lhe que ouvia a sua súpplica, encheo o Templo de uma nuvem, que embaraçou por algum tempo os Sacerdotes do exercicio das suas funcções. Abençoando Salomão o povo, que se tinha junto, se retirou para o seu palacio, e essa mesma noite lhe appareceo Deos, para lhe dizer que tinha ouvido as suas súplicas, e recommendou-lhe outra vez que fosse fiel aos seus Mandamentos.

Edificou depois Salomão um palacio para si, e outro para sua esposa; e applicando-se tambem a fazer florecer o commercio nos seus Estados, o conseguiu de tal sorte, que o dinheiro era tão commum em Jerusalem como as pedras. Estabeleceo tambem uma tão boa ordem em sua casa, que deo que fallar em todo o mundo, e tanto, que a Rainha de Sabá deixou mesmo o seu Reino, para vir a Jerusalem admirar a sabedoria deste grande Rei; porém Salomão, na sua velhice, deixou o caminho da virtude, e o amor das mulheres o fez esquecer do que devia ao Senhor. Teve Salomão até mil mulheres, das quaes setecentas erão Princezas; e tendo el-

las vindo das Nações que não tinham sido destruidas na terra da promessa, ainda que Deos tivesse expressamente prohibido estes matrimonios, pedirão ao Rei que mandasse edificar altares aos falsos Deoses. Foi elle tão facil, que lhes obedeceo, e sacrificou juntamente com ellas. Desamparou então Deos a Salomão, e lhe suscitou inimigos; e chegou mesmo a mandar um Profeta a um mancebo chamado Jeroboão, diante do qual, dividindo a sua capa em doze partes, lhe disse: Toma para ti dez pedaços desta capa, e sabe que da mesma sorte ha de o Senhor dividir o Reino, para te dar dez partes delle, deixando o restante ao filho de Salomão, por causa de David seu servo. Apareceo tambem Deos a ultima vez a Salomão; porém foi só para lhe reprehender a sua ingratição, e annunciar-lhe a divisão do seu Reino: dizendo-lhe todavia que isto não havia de acontecer senão depois da sua morte, por causa de seu pai David. Sabendo Salomão que um Profeta promettera uma parte do seu Reino a Jeroboão, quiz mandar matar este mancebo; mas elle fugio para o Egypto, e não tornou senão depois da morte de Salomão, que aconteceu passado algum tempo. Salomão, com tudo, não tinha sómente escrito da natureza de todas as arvores e plantas, mas tambem de todos os animaes;

e compoz um livro de proverbios, ou sentenças.

BONNA.

Vêde, Espirituosa, o caso que se deve fazer da sciencia, quando ella não é acompanhada da virtude.

ESPIRITUOSA.

Tendes muita razão, minha Bonna : eu estou bem triste, quando me lembra que Salomão se havia de tornar tão máo, e tão ingrato para com Deos. Ha uma circumstancia na historia que a senhora Molly acaba de referir-nos, que me faz suspeitar que Salomão tenha morrido em peccado, e é que, em vez de se submetter ás determinações de Deos, que queria dividir o seu Reino entre seu filho e Jeroboão, quiz mandallo matar.

BONNA.

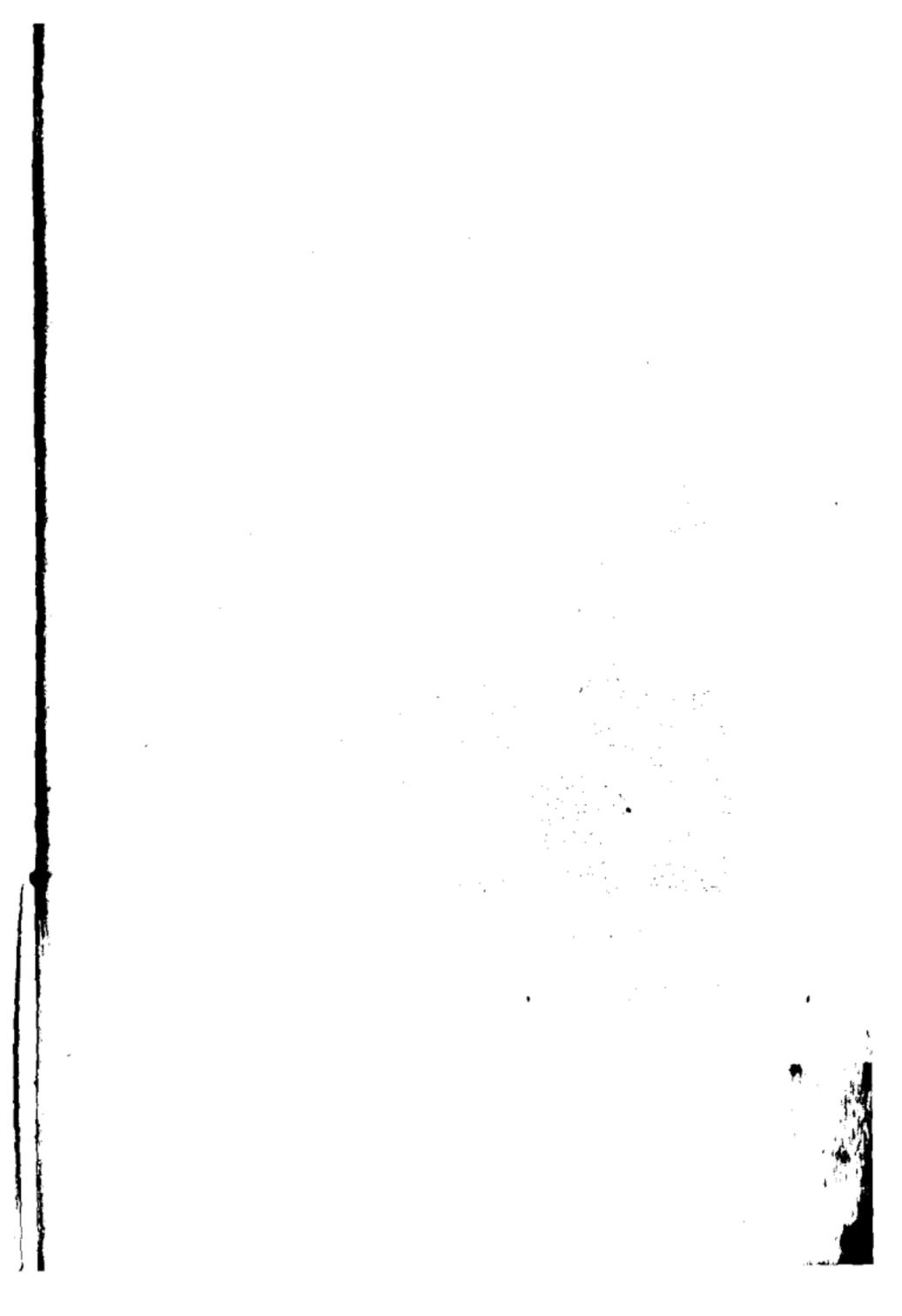
A vossa reflexão é bem feita, menina ; porém como a Escritura o não condemnou, não o devemos tambem nós condemnar. Continuai, Mary.

MARY.

Tendo Roboão, filho de Salomão, junto o povo para se coroar Rei, disserão lhe os seus vassallos : Vosso pai nos pôz grandes tributos ; e já que agora subis ao throno, alliviai-nos alguma cousa. Pedio Roboão tres dias para responder : e consultando os velhos, de quem seu pai

tomava conselho, lhe disserão estes: A súpplia do povo é justa; e se lha concederdes nesta occasião, obedecer-vos-ha sempre fielmente. Consultou depois Roboão uns mancebos, com quem se tinha criado, e estes lhe disserão: Guardai-vos de fazer a vontade ao povo, ao qual é necessario responder que em lugar de lhe diminuirdes os tributos, lhos augmentareis, porque então sereis temido, e ninguem ousará repugnar-vos. Seguiu Roboão este máo conselho, e dez das Tribus se rebellárão, e elegêrão a Jeroboão para seu Rei, ficando sómente a Roboão as Tribus de Judá, e de Benjamim. Por isso depois deste tempo houve dois Reinos, a saber, o de Israel, em que reinava Jeroboão, e o de Judá, onde reinou Roboão, e os seus descendentes. Não obstante isto, fez Jeroboão consigo este discurso: Se deixo ir o povo sacrificar a Deos em Jerusalem, tornarão a renovar a affeição natural, que teem ao sangue de David, e me darão a morte, para fazerem paz com Roboão. Para prevenir este acontecimento, mandou Jeroboão fazer dois novilhos de ouro, os quaes expoz ao público, e disse ás dez Tribus: Eis-aquí tendes os Deoses que vos tirárão do Egypto: e deste modo fez Jeroboão adorar os falsos Deoses ao seu povo. Estando um dia junto ao altar, para offerecer o incenso, lhe mandou Deos

um Profeta, que lhe disse: Ha de nascer um filho do sangue de David, que terá por nome Josias, e ha de regar este altar com o sangue dos sacrificadores: e para que não possais duvidar que eu sou mandado pelo Senhor, eu o próvo com um milagre: destrua-se este altar, e a cinza que está sobre elle se espalhe. Estendeu Jeroboão o braço, para dar sinal que prendessem aquelle Profeta; porém o braço se lhe seccou, e o altar se destruiu. Atemorizado Jeroboão com um tal successo, disse ao Profeta: Rogai ao Senhor por mim, para que me dê o movimento do meu braço. Concedendo-lhe o homem de Deos a sua súplica, tornou o braço do Rei ao seu primeiro estado; e então pediu este ao Profeta que viesse a sua casa para comer alguma cousa; ao que elle respondeo: Ainda que vós me désseis metade do vosso Reino, não faria tal, porque o Senhor me prohibio que comesse um unico bocado, até que tornasse para minha casa. Partio elle pois no mesmo instante; e dizendo-lhe um falso Profeta, que encontrou ao caminho, que Deos lhe tinha revelado a sua chegada, e lhe mandára offerecer de comer, se deixou tentar, e comeo. Foi elle por isso severamente castigado; pois tanto que tornou a continuar o caminho para sua casa, sahio-lhe ao encontro um leão que o suffocou; po-





O Profeta desobediente

rém não entendo com a jumenta do Profeta, e ficou ao pé deste corpo morto, sem lhe tocar, mostrando que não fôra a fome, mas a ordem de Deos, o que o tinha feito sabir da floresta.

BONNA.

Dizei por diante, Carlota.

CARLOTA.

Não querendo Jeroboão emendar a sua depravada vida, castigou Deos a seu filho com uma grande doença, por cujo respeito disse o Rei a sua mulher, que fosse consultar o Profeta que lhe tinha promettido o throno, sobre a doença de seu filho, porém que fosse disfarçada. Executou-o ella inutilmente, porque o Profeta, tendo-lhe Deos revelado a sua vinda, tanto que a ouvio fallar, lhe disse: entrai, mulher de Jeroboão, e sabei que quando puzerdes o pé no lumiar da vossa porta, ha de morrer o vosso filho. Será elle tambem o unico de vossa familia que ha de entrar no tumulo de seus pais, por ter Deos reconhecido nelle boa inclinação. Pelo que respeita ao resto de vossos descendentes, aquelles que morrerem na cidade, hão de ser comidos dos cães, e aquelles que morrerem no campo, serão comidos pelas aves; porque Jeroboão em vez de servir o Eterno, que lhe deo um Reino, moveo o povo a servir os Deoses estranhos. Foi esta palayra de Deos cumr

prida no futuro ; pois um novo Principe se levantou em Israel, que extinguiu a familia de Jeroboão ; porém, não sendo este novo Rei mais fiel a Deos do que o antecedente, outro Principe tratou os seus como elle tratára a familia do seu antecessor. Acontecêrão tambem outras mudanças na successão dos Reis de Israel, os quaes serão todos mãos até Acab, que foi peor que todos, e desposou Jesabel filha do Rei dos Sidonios.

Não serão os povos de Judá mais obedientes a Deos, do que os Israelitas : porque adorarão, como estes, as falsas divindades ; porém o neto de Salomão, chamado Asa, que foi Rei de Judá, seguiu fielmente os Mandamentos do Senhor, e tirou mesmo a regencia a sua mãe, por ella conservar um idolo.

ESPIRITUOSA.

Devemos confessar, minha Bonna, que os Judeos são bem estupidos, e têm uma grande inclinação á idolatria ; pois não obstante todos os milagres, que Deos obrára em favor de seus pais, attendêrão de boamente ao discurso de Jeroboão, que lhes dizia, mostrando-lhes os novilhos de ouro que tinha fabricado : Eis-aqui os Deoses que vos tirarão do Egypto ! Na verdade, esta gente me impaciente com a sua estupidéz !

SENSATA.

E Jeroboão, querida, que não obstante sec-car-se-lhe o braço, e alcançar depois o seu movimento natural, se vira ainda para os idolos ?

BONNA.

Vós não julgais, certamente, que Jeroboão se capacitava que havia alguma divindade nos seus novilhos, porém a ambição, que o consumia, não lhe deixava ouvir os dictames da sua consciencia. Quanto ao que diz Espirituosa : que os Israelitas tinhão uma grande propensão para a idolatria, não ha duvida que elles a tinhão mui grande ; mas era menos esta inclinação, do que o máo exemplo dos povos circumvizinhos, que os inclinava muitas vezes á idolatria. Vê-de vós agora, senhoras, a sabedoria, e regularidade das determinações que Deos lhes tinha dado na terra promettida ! *Exterminareis todos os povos que habitão nella.* Eu tenho visto pessoas, que ousão dizer que esta ordem foi cruel ; mas parece-me que nunca reflectirão no que aconteceo aos Israelitas, por lhe terem desobedecido. E' cousa certa, meninas, que seria mais proveitoso aos peccadores morrerem depois do commetterem a primeira culpa, do que ficarem mais tempo no Mundo para commetterem outras. Já me parece ter usado desta comparação : que se empregaria mal a misericordia, se

se dêsse perdão a um homem que se achasse matando os passageiros para os roubar. A caridade para com o público, e para com este mesmo homem, pede que lhe tirem a vida; e um Principe, que por uma compaixão mal ordenada lhe dêsse a vida, e a liberdade, ficaria encarregado de todas as mortes que elle fizesse para o futuro. Tal foi a compaixão que tiveram os Israelitas com os povos que Deos tinha condemnado justamente, por estar cheio o numero de seus peccados; porque sabia que em vez de se emendarem para o futuro, havião de continuar em suas maldades, e darião aos Israelitas occasião de peccar, influindo-os a serem idólatras, assim por seus conselhos, como por seus máos exemplos. Aprendamos por isto, minhas filhas, a respeitar as determinações do Senhor, ainda mesmo quando ellas sejam contrarias ás nossas fracas luzes, persuadidas que, sendo elle a mesma justiça, não póde ordenar nada que não seja justo.

FIM DA QUARTA E ULTIMA PARTE.

ALGUNS LIVROS MUI PROPRIOS PARA LEITURA DOS
MENINOS.

- O** Amigo dos Meninos, contando-lhes historias moraes, proprias para despertar nelles o desejo da instrucção, e o gosto da leitura: traduzido do Francez por uma Senhora; em 8.^o 1836, — 320 rs.
- Os Dous Robinsons, ou aventuras de Carlos e Fanny, dous meninos Inglezes abandonados em uma ilha deserta da America; traduzidas em vulgar: nova edição; em 8.^o 3 vol. 1832, — 960 rs. br.
- Elementos da Civilidade e da decencia que se pratica entre a gente bem criada, traducção do Francez de Mr. Prévost: nova edição, mais correcta que as precedentes; em 8.^o 1840, — 600 rs.
- Fabulista da mocidade, ou Fabulas selectas de Esopo, Lafontaine, Florian, Stassart, Lemonnier, Iriarte, Samaniego, &c.; traduzidas por Tristão da Cunha Portugal: obra ornada de 24 bellas estampas; em 8.^o grande, Paris, 1837, — 1:200 rs.
- Galeria pittoresca da Historia Portugueza, ou victorias, conquistas, façanhas, e factos memoraveis da Historia de Portugal, e do Brazil: obra ornada com 34 estampas; em 8.^o grande, Paris, 1842, — 1:320 rs.
- Historia do descobrimento da America, viagens e conquistas dos primeiros navegantes ao Novo-Mundo: escripta em Alemão por Campe, e traduzida em Portuguez, e accrescentada de notas criticas e historicas, por J. I. Roquete; com estampas; em 12.^o grande, 2 vol. Paris. 1836, — 1:320 rs.
- Historia de Simão de Nantua, ou o Mercador de sul-ras: obra de Mr. Jussieu, trasladada da lingua Franceza por Philippe Ferreira de Araujo e Cas-

tro; em 12.^o *grande*, 2 tomos em 1 vol. 1843, — 300 rs.

Historia dos Meninos célebres, desde a antiguidade até nossos tempos, compilada de MM. Masson e Fréville, posta em linguagem, e acrescentada com uma prefacção por J. I. Roquete; em 12.^o. 2 vol. 1844, — 1:200 rs.

Lições de um Pai a uma Filha sua na primeira idade (Historia Sagrada em verso), por Roque Ferreira Lobo: nova edição; em 8.^o 2 vol. 1840, — 900 rs.

Livro d'ouro dos Meninos, para servir d'introdução ao *Thesouro da Adolescencia, e da Juventude*, por J. I. Roquete; em 12.^o 1844, — 600 rs.

A Mythologia da mocidade: historia dos deoses, semi-deoses e divindades allegoricas da Fabula, seguida da descripção dos lugares célebres da antiguidade mythologica; pelo Dr. Caetano Lopes de Moura: com estampas; em 8.^o *grande*, París, 1840, — 640 rs.

Resumo da Historia de Portugal, para uso das crianças que frequentão as aulas: 3.^a edição, compilada e muito augmentada por E. A. Monteverde; em 8.^o 1845, — 200 rs. br.

Thesoure de Adultas, ou dialogo entre uma sabia Mestra e suas discipulas: composto na lingua Franzeza por Madame Le Prince de Beaumont, e traduzido na Portugueza por Joaquim Ignacio de Frias: 2.^a edição; em 8.^o 4 vol. 1818, — 1:600 rs.

Thesouro da Mocidade portugueza, ou a moral em accção: escolha de factos memoraveis e anedotas interessantes proprias para inspirar o amor á virtude, e para formar o coração e o espirito: obra extrahida dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros por J. I. Roquete; em 12.^o *grande*, París, 1839, — 600 rs.

